This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

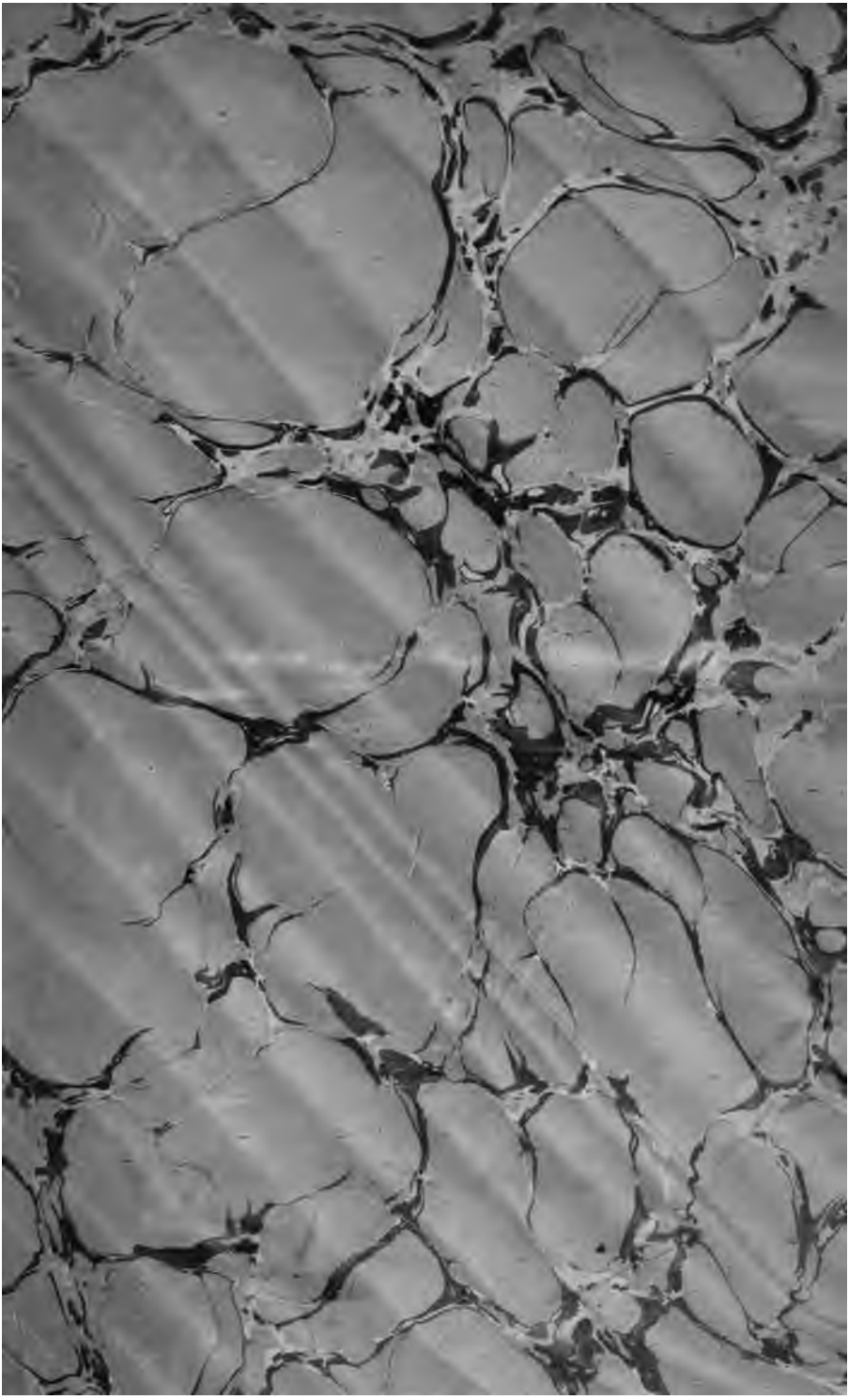
- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

A 490395



REVISTA TRIMENSAL

DE

HISTORIA E GEOGRAPHIA.

Segunda Serie.

TOMO V.

REVISTA TRIMENSAL

DE

HISTORIA E GEOGRAPHIA.

Segunda Serie.

TOMO V.

REVISTA TRIMENSAL

DE

HISTORIA E GEOGRAPHIA

OU

JORNAL DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O SENHOR D. PEDRO II.

Hoc facit ut longos durent bene gesta per annos
Et possint serà posteritate frui.

Segunda Serie.

Tomo Quinto.

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT

Rua dos Invalidos n.º 61 B.

1849

REVISTA TRIMENSAL

DE

HISTORIA E GEOGRAPHIA,

OU

JORNAL DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO.

N.° 13. — 1.° TRIMESTRE DE 1849.

NOTICIA HISTORICA

DA EXPULSÃO DOS JESUITAS DO COLLEGIO DE S. PAULO

Composta pelo sargento-mór Pedro Taques d'Almeida Paes Leme.

(Manuscripto offerecido ao Instituto pelo socio effectivo o Sr. Manoel de Araujo Porto-Alegre.)

Fundou a villa de S. Vicente na costa do sul do Brazil (depois cabeça da capitania do mesmo nome) Martim Affonso de Souza, que veio de Lisboa feito governador das terras do Brazil, com poderes para as dar e repartir em sesmarias aos que quizessem povoar as ditas terras, por provisão do Senhor rei D. João III datada em a villa do Crato a 20 de Novembro de 1530. Deixando povoada a dita villa da ilha de S. Vicente, e estabelecida uma grande fazenda com engenho d'assucares com vocação de S. Jorge, se retirou o dito Martim Affonso de Souza para o Reino em fins do anno 1534. O Senhor rei D. João III lhe deu n'este mesmo anno o foral da dita capitania de S. Vicente, com doação de cem leguas de costa para *fundar* capitanias.

Na ilha de S. Vicente entraram os Jesuitas, e n'esta villa fundaram collegio; d'elle sahiram alguns padres, que subiram a serra de

Paranapiasor, e chegando á villa de S. André da Borda do Campo passaram avante quatro leguas de campanha rasa, e pararam no campo de Piratininga, cujo reino dominava Teviriçá, cacique d'elle, o qual na fonte do sagrado baptismo e depois d'elle ficou sendo conhecido por Martim Affonso de Souza, em contemplação de se chamar assim o donatario da capitania. N'este sitio celebrou-se missa, a primeira, no dia 25 de Janeiro do anno de 1554, que por ser dedicado á conversão de S. Paulo, ficou dando este nome á terra.

No fim do anno de 1567 se transmigraram os moradores da villa de S. André para a de S. Paulo de Piratininga por determinação de Mem de Sá, terceiro governador geral do Estado, e a requerimento dos padres do collegio da villa de S. Vicente, quando a ella chegou o dito governador geral em Junho d'esse anno. Augmentou-se a povoação de Piratininga, tomando o nome da villa de S. Paulo, com a conversão dos gentios, cuja administração no espiritual tinham os padres Jesuitas, os quaes concebendo maior ambição de dominio se fizeram senhores de todo o governo temporal dos ditos gentios, como direito dos Portuguezes, nacionaes e europeos.

Alguns annos soffreram os Paulistas os damnos que recebiam da falta dos serviços dos Indios, que já não gozavam para beneficio da cultura das terras que lavravam, até que descobertas por Affonso Sardinha as primeiras minas de ouro de lavagens nas terras de Jaguamimbaba de Paraguá, de Vuturuna, e de Vira Coyaba pelos annos de 1597, e querendo os Paulistas trabalhar n'estas minas alugando Indios para o labor, como faziam até o anno de 1602, em que de S. Paulo se ausentou para o reino D. Francisco de Souza, governador geral do Estado, foram experimentando e recebendo offensas dos Jesuitas, que tinham arrogado a si o governo temporal de todo o gentio. Para se atalhar este pernicioso damno, origem de futuras consequencias, procuraram os povos estabelecer uma providencia, a qual se contém no termo do theor seguinte (*) :

(*) Archivo da camara de S. Paulo, caderno das vereações, titulo 1610, pag. 49 verso.

Lisboa e Conselho
Infante
U 20832
26394

« Aos 15 dias do mez de Agosto do anno 1611, n'esta villa de S. Paulo, na casa do conselho d'ella, a requerimento de Jorge Barros Fajardo, procurador do conselho, se ajuntaram os officiaes da camara, a saber: o vereador Antonio Raposo e seu parceiro Antonio Rodrigues, e juiz Manoel Francisco, e o dito procurador Jorge de Barros; estando junto a maior parte do povo e moradores e homens da governança da terra, e sendo todos juntos com o povo, o dito procurador requereu a elles ditos officiaes, por parte d'este povo, dizendo que com o gentio Carijó estavam moradores Indios dos nossos aqui naturaes, os quaes são da aldêa dos Reis Magos e outros; e que ordinariamente entre elles ha brigas e differenças, e que corre risco matarem-se, por serem contrarios uns dos outros; pelo que lhes requeria fizessem requerimento em nome d'este povo os apartassem cada um em sua aldêa. Segundariamente que não se largasse a posse que tem este povo pelo foral do quinhão da terra, nem deixassem metter-se nenhuma pessoa das aldêas dos nossos comarcãos, e nossos amigos e compadres; e que se não largasse o dominio aos padres, mas sómente doutrinarem-os como Sua Magestade manda: e quando elles ditos padres os não quizessem doutrinar d'esta maneira, que elles officiaes fizessem requerimento ao vigario d'esta villa para pôr cobro n'isso, o que se póde fazer facilmente. Que outrosim os Carijós que vieram antes dos padres irem ao sertão, que elles não desceram, nem os que vieram depois de virem os ditos padres, que elles ditos padres não entendam com elles, e que sómente entendessem com os que desceram; porque é tanto o dominio que elles tem no sobredito gentio, que não consentem que um branco pouse nas aldêas, o que nunca se fez; o que tudo foi dito e requerido aos ditos officiaes pelo dito procurador diante de todo o povo estando junto; o qual em altas vozes, junto em uma voz disseram que era muito bom, e que assim requeriam a elles officiaes; e porque é muita gente, disseram todos que o dito procurador assignasse por elles, porque elles assim haviam por bem, e que com isso fizessem todos os requerimentos ao Sr. governador D. Luiz de Souza, e lhe fizessem a saber para n'isso se pôr cobro, e os ditos officiaes assim o assentaram; e que a razão

de apartar os Indios dos Carijós era por haverem tido guerra ordinariamente desde *ab initio;* e agora ao tempo que os foram descer, os pozeram em cerco para os matarem e comerem, como fizeram aos nossos Indios christãos, parentes d'estes outros, nossos parciaes, compadres e crioulos, e os mataram e comeram; pelo que era necessario pôr-se capitães nas aldêas, como Sua Magestade manda, para que a elles se peçam os Indios que os moradores houverem mister, e se faça tudo por ordem; e as provisões dos taes officiaes venham a esta camara a registrar, para saber-se se são d'aquelles de quem se espera que tal cargo hajam de servir; e assim assentaram e assignaram aqui. E eu Simão Borges que o escrevi. — Manoel Francisco Pinto — Antonio Raposo — Antonio Rodrigues — Jorge de Barros Fajardo. »

Depois d'isto parece que por falta de providencias foram os moradores da villa de S. Paulo recebendo dos padres Jesuitas maiores damnos, que os obrigou a uma nova alteração e desafogo, porque no mesmo caderno de vereação acima referido se acha a fl. 2 vers. 33 o termo do theor seguinte:

Termo de ajuntamento feito pelos povos na camara da villa de S. Paulo contra os padres Jesuitas.

Em esta villa de S. Paulo, em os 10 dias do mez de Junho do anno de 1612, se ajuntaram os officiaes da camara, a saber: o vereador Geraldo Corrêa, e por não estar presente o vereador Vicente Bicudo assistiu em seu logar o vereador do anno passado Antonio Raposo, e juiz José de Camargo, e seu parceiro Pedro Nunes, e Francisco da Gama, procurador do conselho, que serviu no anno de 1610. E sendo todos juntos com a maior parte do povo junto e homens da governança da terra, e sendo todos juntos, pelo juiz José de Camargo foi dito a todo o povo que o dito ajuntamento se lhe pedia pela maior parte do povo e camara, dizendo: que eram homens pobres, e que para remediar suas necessidades lhes era necessario muitas vezes e

cada dia pedir ao Senhor governador quatro Indios, assim para fazerem seus mantimentos para comerem, como para irem ás minas tirar ouro para seu remedio, e d'elle pagarem os quintos a Sua Magestade; e que depois do Sr. governador lhes ter dado a dita licença iam ás aldêas, e não achavam Indios, nem queriam ir com elles, e quando iam não cumpriam o termo da obrigação do aluguel, e com as pagas na mão se tornavam para a aldêa, deixando aos moradores em as minas com os mantimentos perdidos e suas pessoas, sem terem quem os beneficiassem, e que isto causava não terem os Indios nas aldêas capitão nem justiça que os obrigasse a cumprir com as pagas que recebiam, do que resultava muito damno aos ditos moradores, por ficarem perdidos, perdendo os seus mantimentos, paga e tempo; e os Indios fazendo zombaria dos moradores e rindo-se, e Sua Magestade perdendo os seus reaes quintos. Que sendo as aldêas d'esta capitania sempre sujeitas aos capitães e justiças d'esta dita capitania, agora se introduzia pelo direito gentio um rumor, dizendo que não conheciam senão aos padres por seus superiores, e os ditos padres dizendo publicamente que as ditas aldêas eram suas, que eram senhores no espiritual e temporal, e que era o Papa a sua cabeça: e por ser cousa nova e desacostumada, e nunca té hoje tal dominio nem posse aos ditos padres da Companhia depois que esta capitania se fundou até hoje, havendo-a pretendido os ditos padres por muitas vias e modos, e só se lhes consentiu a administração espiritual; e por quanto as cousas se passavam na fórma acima dita, os ditos officiaes pediram a todos elles presentes que se houvesse alguma pessoa que soubesse haver-se-lhes dado posse aos ditos padres em algum tempo o dissessem, e quando não, lhes parecia justo que recordassem sua antiga posse e bom governo, pondo capitães nas aldêas, como costumavam fazer, e dando ordem para que os ditos gentios sirvam por sua paga e aluguel aos moradores, para que com elles cultivem as minas e façam seus serviços, de que resultará dízimos a Deus e quintos a El-Rei, augmento aos moradores, e a elles utilidade e proveito de vestirem-se com seu trabalho, elles e suas mulheres, e apartarem-se de suas continuas idolatrias e borracherías, de que não

póde resultar nenhum serviço a Deus, e só sim com o vicio e borracherías se levantarem contra os brancos e moradores, como n'esta capitania tem feito, e em outras partes d'este Estado. E assim mais que se lhes não consinta aldêa grande, por que não tenham forças quando alguma hora reinarem, senão de duzentos visinhos, e não mais, e distantes tres ou quatro leguas umas das outras. Assim tambem para que se não consinta que nas ditas aldêas estejam, nem se recebam escravos, nem serviços de brancos, senão que haja em todas capitães, que tenham especial cuidado, e sejam sufficientes para evitar e ordenar as cousas acima ditas; e que para isto pediam o parecer de todos os moradores d'esta villa: e logo foi dito em altas vozes por todos que era muito bom e justo, e que assim o requeriam todos aquelles ditos officiaes, e se assignaram aqui todos os ditos officiaes, com os mais que presentes se acharam, e pelos mais assignou o dito procurador Francisco da Gama; e eu Simão Gomes, escrivão da camara, que o escrevi. — José de Camargo. — Geraldo Corrêa. — Antonio de Oliveira. — Antonio Fernandes. — Pedro Nunes. — Antonio Raposo. — Belchior da Costa. — Gonçalo Madeira. — Paschoal Leite Furtado. — Duarte Machado. — Manoel Godinho. — André Gonçalves. — Affonso Ribeiro. — Manoel Francisco Pinto. — Fernão Dias. — Manoel Esteves. — Henrique da Cunha. — Francisco Saraspe, e pelos demais que faltam, e por mim, e outros muitos — Francisco da Gama. »

Com estes fomentos se foi gerando nos Paulistas uma desafeição aos Jesuitas, que em todo o tempo só cuidaram em ter o governo espiritual e temporal dos Indios do Estado do Brazil. Por esta causa foram expulsos de S. Paulo e villa de Santos. O archivo da camara d'esta cidade de S. Paulo tem muita falta de livros, e se não acham os do tempo da expulsão dos padres Jesuitas, que foi executada na manhãa de uma sexta feira do dia 13 de Julho de 1640. Esta certeza descobrimos em um livrinho manuscripto da lettra do capitão Pedro de Moraes Madureira, que por Paulista de qualificada nobreza sahiu da patria na idade de oito annos para Portugal, e se criou na villa de Vinhaes entre os seus parentes por parte de seu avô Balthazar de Moraes

de Antas, e recolhido com boa instrucção que trouxe, teve advertencia de fazer construir um livrinho, no qual escreveu alguns apontamentos, entre os quaes declarou que no dia referido de 13 de Julho de 1640 foram lançados do collegio de S. Paulo, a saber: o reitor, o padre Nicoláo Botelho, com os padres Antonio Ferreira, Antonio de Mariz, Matheus de Aguiar e Lourenço Vaz, e os leigos Domingos Alves Pucuí de alcunha, Antonio Gonçalves e Lourenço Rodrigues. Nada mais diz a memoria que deixou o capitão Pedro de Moraes, que em outra parte continúa dizendo que os padres estiveram treze annos lançados fóra dos seus collegios, até que tornaram a ser a elles restituidos.

Nós discorremos que a causa d'esta expulsão em S. Paulo principiou na cidade do Rio de Janeiro, porque D. Francisco Xarque de Andela, no livro que compôz das memorias dos padres Jesuitas Simão Mazeta e Francisco Dias Tanho, superiores das missões da provincia e cidade da Assumpção do Paraguay, impresso em Pampolonha no anno de 1687, narrando os elogios do padre Tanho, mostra nos capitulos 30 e 31 que eleito o dito padre em procurador das missões de Paraguay, passára a Roma em tempo do geral o padre Mucio Viteleci, e que beijando o pé ao beatissimo papa Urbano VIII, conseguíra ser ouvido na assembléa que presidiu o cardeal Pamphilio, e obtivera uma bulla com graves penas e censuras a favor do gentio, datada em Março de 1638. Este auctor em todo o contexto da sua obra bem inculca a grande paixão com que escreveu a favor dos Jesuitas, e nas materias que relata d'alguns factos dos Paulistas que penetraram os sertões dos rios Tibagí, Uruguay, Paraná e Paraguay, o conhecemos muito arredado da verdade e odioso aos Paulistas, aos quaes trata com o caracter de mamalucos e lobos carniceiros contra os Indios christãos da reducção dos padres da companhia de Jesus. Por isto não merece muito credito no successo que relata no capitulo 31, acontecido na cidade do Rio de Janeiro, porque historiando o movimento popular contra os Jesuitas d'aquelle collegio, só declara que elles se livraram do attentado tumultuoso pelas virtudes do governador Salvador Corrêa de Sá e Benavides, supprimindo no silencio a escriptura de transacção e amigavel com-

posição celebrada pelos padres do collegio d'aquella cidade com os officiaes da camara d'ella; porém para officio que levamos n'esta informação sobre a expulsão dos padres do collegio de S. Paulo, devemos relatar o que diz D. Francisco Xarque de Andela.

Affirma este auctor que o padre Francisco Dias Tanho voltára de Roma para Hespanha, d'onde passára para Lisboa com dezeseis companheiros, que vinham para as missões de Paraguay: que com os despachos da duqueza de Mantua embarcára em um navio em direitura a Buenos-Ayres, e não podendo montar o cabo de Santa Maria tomára a barra do Rio de Janeiro: que se recolhêra ao collegio d'esta cidade, no qual se achava o padre visitador geral o Dr. Pedro de Moura, e era reitor o padre José da Costa, aos quaes dera noticia o padre Tanho da bulla que trazia para remedio das hostilidades que se praticavam contra a liberdade dos Indios do Estado do Brazil: que houvera consulta sobre esta materia com os padres mais graves do collegio, que uniformemente votaram se publicasse a sentença apostolica, por ser a favor da liberdade dos Indios christãos tyrannamente opprimidos dos Portuguezes do Brazil, com servidão mais cruel do que a que tem os catholicos em poder dos Mouros. No livro 5.º do dito cap. 31 diz Xarque, que do pulpito em dia festivo com grande concurso dos moradores da cidade fôra lida a sentença apostolica, e que todo o povo em voz alta clamára dizendo—que não obedeciam ao que mandava o Summo Pontifice: que um tumulto popular acommettera a porta da igreja e portaria, que já se achava serrada, pretendendo deital-a abaixo com instrumentos que levava para este effeito, cujo insulto atalhára o valor do governador Salvador Corrêa de Sá e Benavides e de seu primo D. João de Avalos e Benavides, capitão de infantaria d'aquella praça, e que ao patrocinio d'estes dous cavalheiros deveram a vida o padre Tanho e o visitador geral, que para perderem tiveram conselho aberto os amotinados; porém que o dito padre Tanho, deixando na cidade o remedio a favor dos Indios da capitania do Rio de Janeiro e do Sul, embarcára com seus companheiros para Buenos-Ayres, etc.

Até aqui D. Francisco Xarque, a quem temos por fabuloso em

muita parte dos contextos, não só d'estes capitulos referidos, mas em tudo o mais que refere no liv. 3.°, principalmente nos capitulos 10 e 13, sobre a fundação da Nova Colonia do Sacramento por D. Manoel Lobo no anno de 1679.

Nós porém conhecemos a verdade do que passou na cidade do Rio de Janeiro, depois de chegar ao collegio d'ella, o padre Francisco Dias Tanho, pelo contexto da escriptura e transacção e amigavel composição celebrada com os officiaes da camara d'aquella cidade, que faz ver os verdadeiros factos d'ella acontecidos depois de publicada a bulla do santissimo papa Urbano VIII pelos padres Jesuitas d'aquelle collegio, o que tudo melhor se vê pela dita escriptura, cuja copia é a seguinte.

Escriptura de transacção e amigavel composição e renunciação que fizeram os padres da Companhia com o povo das capitanias do Rio de Janeiro.

Saibam quantos este publico instrumento de concerto, transacção, renunciação e amigavel composição virem: que no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1640, aos 22 dias do mez de Junho n'esta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, no collegio da companhia de Jesus d'ella, onde eu tabellião fui vindo, logo ahi appareceram partes havindas e concertadas, a saber: de uma o reverendo padre Dr. Pedro de Moura, visitador geral d'esta provincia, e bem assim o reverendo padre procurador do Paraguay, provincia de Tucuman dos reinos de Castella, e o reverendo padre Matheus Dias, procurador d'este collegio; e da outra o procurador juiz e vereadores da camara d'esta cidade, e bem assim João Dantas, sargento-mór que foi d'ella, o capitão Aleixo Manoel, o capitão Diogo de Avila, João dos Zouros, deputados e nomeados da dita camara, para que em nome do povo d'esta cidade assistissem ao fazer e firmar este concerto e escriptura; e logo pelos ditos reverendos padres foi dito em presença das testemunhas ao diante nomeadas e

assignadas, que elle dito reverendo padre Francisco Dias Tanho trouxera á esta cidade uma provisão do Ill.mo Sr. colleitor Alexandre Castracani, pela qual innovava uma bulla do santo papa Paulo III, de gloriosa memoria, passada para as Indias do Perú, reino de Castella, a instancias do imperador Carlos V, pela qual provisão e bulla o dito Ill.mo Sr. declarava incorrerem em excommunhão aquelles que captivavam, vendiam e traspassavam, e serviam-se dos Indios das ditas Indias; e a exemplo da dita o dito Ill.mo Sr. para estas partes e capitanias do Brazil passára a dita provisão, contendo uma e outra que n'este Brazil se não podessem os ditos moradores servirem-se dos ditos Indios, captivar, vender, traspassar, nem reter, prohibindo outrosim, assim dos do sertão, pelos quaes se tomavam as fazendas dos ditos Indios com extorsões e outros modos, por onde se lhes impedia usar da sua liberdade, porque ainda que eram infieis, os não podiam obrigar a captiveiro, nem tomar-lhes suas fazendas, como e mais largamente contém a dita provisão e bulla, a qual provisão sendo offerecida pelo dito reverendo padre Francisco Dias Tanho ao reverendo prelado administrador d'esta repartição o padre Pedro Homem Albernaz, veio a camara e mais povo d'esta cidade ao cumprimento da publicação d'ella com embargos, pedindo com effeito vista para elles, a qual se lhe mandou dar pelo dito reverendo prelado, e estando assim em vista, como com effeito estava a dita causa, por ella em si ser ardua e difficultosa de uma e outra parte, e por os tumultos populares e excessos que se podiam originar, e não ser em razão do muito prejuizo que a este povo podia causar, sendo os ditos reverendos padres partes na dita causa, e sim o dito reverendo padre Francisco Dias Tanho em respeito do Perú, como os mais religiosos d'este collegio em respeito dos Indios d'esta capitania, elles ditos reverendos padres por este publico instrumento, assim o dito reverendo padre Francisco Dias Tanho em respeito dos Indios do Perú, que estiveram n'esta cidade, de cuja liberdade tratava com o dito padre visitador geral e o reverendo padre reitor, e o reverendo padre procurador em respeito dos d'esta capitania e cidade, disseram que desistiam, como de effeito logo desistiram, da procuração e execução

e publicação das ditas bullas, desistindo tambem com effeito da causa principal e direito, que lhes parece poderiam ter cada um no que lhe toca na causa principal dos ditos embargos com que este povo, os padres do collegio, como o reverendo padre Francisco Dias Tanho, e que na dita causa não seriam partes, nem n'ella usariam de interrupção alguma directa, nem indirecta, por si, nem por interposta pessoa, assim n'esta primeira instancia, como nas mais; e que sómente correria a causa dos ditos embargos com o promotor da justiça ecclesiastica por parte dos Indios, á cuja instancia no tribunal da legacia se passou a provisão embargada, como d'ella consta, pelo dito promotor ser n'esta causa verdadeira parte, e a mesma desistencia faziam no aggravo que na dita causa os ditos reverendos padres tinham intimado e interposto ao dito reverendo prelado, como adversario á causa principal, para mais não poderem seguir, nem d'ella poderam tratar, do que, sendo necessario, farão termo de desistencia nos mesmos autos; e outrosim disseram os ditos reverendos padres d'este dito collegio, a saber: o reverendo padre visitador geral, reitor e procurador, em nome da dita communidade e collegio, que elles nunca tiveram administração alguma dos Indios que estavam em casa dos moradores, nem a queriam, ainda que lh'a dessem, e que só tinham dentro das aldêas a administração dos Indios d'ellas, e esta com procuração de Sua Magestade, a qual não podiam largar sem ordem do dito Senhor ou do Sr. governador, e que havendo esta estavam prestes para o fazer; mas se obrigavam, sem embargo da dita administração que dentro das aldêas tinham, em não consentirem Indio algum n'ellas, que estejam em casa ou serviço de algum morador, e fariam sempre muita diligencia para serem tornados ás ditas casas os que ás ditas aldêas se acolherem, e isto para quietação e bem commum d'este povo, ficando-lhes a elles ditos padres o poder de curar os ditos Indios no espiritual, e de fazer suas entradas e missões no sertão, como até agora fizeram, por ser tudo bem das almas; e assim mais se obrigavam, em razão do negocio temporal, a que assim nos juizos ecclesiasticos, como seculares, nem em tribunal algum não tratariam na materia dos ditos Indios cousa

alguma que seja em prejuizo d'esta capitania, e tratando ou procurando alguma cousa em o dito prejuizo directè ou indirectè, por si ou por outrem, aqui ou em Roma, ou em qualquer outro tribunal do reino de Portugal, ou vindo ou trazendo qualquer provisão em o dito prejuizo n'ella, não usariam d'ella, e desd'agora desistiam, como de effeito desistiram d'ella, a renunciação expressamente se fizesse menção, e de nada queriam usar, e declaravam por nullo subrepticio tudo o que em prejuizo d'este povo lhe viesse, ou procurassem na forma relatada, e que nada podesse aproveitar aos ditos Indios; e que outrosim se obrigariam, que no que toca ao aggravo ou molestia, de que se tinham queixado se havia feito por razão da ida d'esta camara, officiaes d'ella, justiças, e mais povo á portaria do dito collegio a tratar da sua defensão, em razão da publicação da dita provisão e bulla que no dito collegio se havia feito, pendendo a vista e causa dos embargos, que d'ella não tratariam, e com effeito renunciavam todo qualquer direito que n'este particular o dito collegio tivesse ou pretendesse, porquanto cada um dos reverendos padres d'elle perdoavam a si e a cada um d'elles, conforme as leis da caridade e humildade religiosa, como já tinha feito, qualquer aggravo, molestia e injuria; que no caso se considerasse elles ditos padres como superiores, a quem tocava esta accusação, a perdoavam por esta transacção, o que faziam *in totum pro bono pacis*; e que sendo caso que por qualquer do dito collegio se queira fazer alguma accusação sobre este particular sobre esta ida a elle, poderá então este povo, e elles ditos contrahentes e seus successores, officiaes da camara que forem, allegar toda a materia dos capitulos que no aggravo tinham allegado, e tudo o mais que lhes parecer bem possa fazer a bem do seu direito e justiça, em respeito dos ditos padres d'este collegio, o qual concerto, renunciação e desistencia o dito procurador, os officiaes da camara, e os deputados nomeados n'esta escriptura, abaixo assignados, em nome d'ella e d'este povo, como eleitos por elle, aceitavam na forma relatada em virtude d'ella, por elles; e outrosim foi dito que elles da mesma maneira renunciavam e desistiam dos capitulos e res-

posta que tinham dado no dito aggravo, e d'elles não tratariam directè nem indirectè, por si nem por outrem, em nome da dita camara e povo; e só d'elles tratariam quando pelos ditos reverendos padres fosse innovada alguma cousa na fórma relatada, obrigando-se uns e outros pelos bens do dito collegio e da dita camara a cumprir e guardar, e estar por todo o conteúdo n'esta dita escriptura, que uns e outros acceitaram; e eu tabellião, como pessoa publica estipulante e acceitante, a acceitei em nome d'este povo pelas partes absentes d'ella a quem tocar, em fé do que assim outorgaram, sendo testemunhas presentes Felippe de Campos e Domingos de Brito, pessoas de mim tabellião reconhecidas, que com os ditos outorgantes e acceitantes assignaram: e eu João Antonio Corrêa, tabellião do publico, o escrevi. — Francisco Dias Tanho. — Pedro de Moura. — José da Costa. — Matheus Dias. — Aleixo Manoel. — E eu João Antonio Corrêa, tabellião do publico judicial e notas n'esta cidade do Rio de Janeiro, que este instrumento em meu livro de notas tomei, e d'elle aqui me reporto, fiz trasladar, subscrevi, e assignei do meu signal publico e raso. — João Antonio Corrêa. — O qual traslado de concerto e escriptura eu Gaspar Gonçalves Meira, tabellião do publico e do judicial n'esta villa de S. Vicente, a fiz trasladar da propria, que n'esta camara fica, bem e fielmente, e a subscrevi, corri e concertei com o juiz ordinario d'esta villa João Rodrigues de Moura, aqui commigo assignado aos 25 dias do mez de Julho de 1640 annos. — Gaspar Gonçalves Meira. — Concertado commigo juiz João Rodrigues de Moura, e commigo tabellião Gaspar Gonçalves Meira. »

Antes de chegar aos moradores de S. Paulo a noticia d'esta transacção existia a dôr, que soffriam pelas injurias que experimentavam dos padres Jesuitas, os quaes estavam arrogantes depois de publicada a bulla do papa Urbano VIII, e se revolveram (em a ultima consternação) a lançar para fóra da capitania aos Jesuitas, que n'ella residiam nos dous collegios que tinham, um em S. Paulo, e na villa de Santos outro.

No dia pois de 13 de Julho de 1640, como fica referido, foram os

Jesuitas lançados das suas fazendas e collegios, e expulsos da capitania. Esta expulsão deu motivo para que os camaristas de S. Paulo enviassem uma representação contra os Jesuitas ao Senhor rei D. João IV. Não se acha no archivo da camara o livro do registo d'esta representação. Nós a descobrimos por casualidade entre os papeis que deixou Manoel da Costa Duarte, natural da cidade de Lisboa, que teve em S. Paulo honrosos empregos da republica e do serviço de Sua Magestade, posto que truncada, por lhe faltar o seguimento da oração no fim da segunda lauda d'uma folha de papel, e passa em diverso sentido, como se vê do contexto da mesma representação: e bastariam os Jesuitas, depois de restituidos a S. Paulo, para sacarem do archivo da camara o livro onde ella estivesse registada. O theor da copia é o seguinte:

«Catholico, benigno e invictissimo Rei e Senhor.—Os reverendos padres da companhia de Jesus, que residem n'esta provincia do Brazil, em paga e satisfação de os moradores e habitadores lhes haverem dado o melhor, em que situaram collegios e casas feitas com dispendios de suas fazendas; e depois de se verem ricos, prosperos e poderosos, impetraram subrepticiamente um breve de Sua Santidade, com que trataram e pretenderam tirar, privar e esbulhar aos ditos moradores da posse immemorial e antiquissima em que estão desde a fundação d'este Estado até o presente, sem a qual se não poderão, nem podem sustentar e conservar, e com ella resulta ao dito Estado grandes augmentos e á real fazenda de Vossa Magestade. E estando em suas colonias e aldêas, como os ditos reverendos querem e pretendem, elles por seus doutrinantes, se seguem tantos irreparaveis males quantos hão padecido e experimentado tanto á sua custa os pobres moradores d'este dito Estado, e V. M. perdido a maior parte da christandade, que n'elle estava dilatada. São leaes vassallos, e que tanto zelaram o bem do seu rei, quanto com mais vantagem fôra hoje se a multidão d'elles, que as mãos ferozes do dito gentio por causa dos ditos reverendos padres hão acabado, viveram vendo a V. M. n'esse felice throno, em que Deus conserve a V. M. por larguis-

simos annos; porque sem duvida não tivera a Parca n'elles feito o seu effeito, e V. M. como seu pai e senhor natural lhes tivera acudido as calamidades e miserias, que de muitos annos á esta parte padeceram, e cessariam as ignominias, calumnias e affrontas, que os reverendos padres lhes impuzeram, e os levantamentos do dito gentio, mortes, insultos, latrocinios, roubos, traições e outros males que hão feito, de que ha tantos exemplos n'este dito Estado. Seja o primeiro o que nos nossos tempos fizeram nas miseraveis praças de Pernambuco, que o inimigo e rebelde Hollandez de doze annos a esta parte tem occupadas; pois chegou a tanto seu desaforo, que de todas as aldêas, que n'aquelle contorno havia, não ficou Indio e gentio que com o inimigo se não mettesse, e com elles o padre Manoel de Moraes, seu doutrinante, que os induziu e persuadiu a commetterem tal insulto, fazendo-se o mór herege e apostata que tem hoje a igreja de Deus, sendo com isso causa e origem de se matar muita multidão de homens, mulheres, moças, moços e meninos, comendo-os, e forçando donzellas e mulheres casadas e principaes, exemplo de virtude e castidade, e as que por guardarem-na e observarem por traças escaparam das suas mãos, não escaparam da fome, de que morreram e pereceram nas incognitas matas, causando tantas destruições e males, que são mais, catholico Rei e Senhor, para se sentirem chorando, que para se representarem a V. M., e que obrigam a dita lastima, que até os mesmos inimigos (se n'elles se póde dizer que ha) a tiveram, e se desculparam da ruim guerra com que estes barbaros tratavam aos pobres christãos, tanto assim que muitos que escaparam das suas mãos se valeram do amparo do proprio inimigo Hollandez. Sirva tambem, Senhor, de exemplo o que na capitania de Porto Seguro, e povoação chamada Santa Cruz, fizeram os ditos Indios e gentio, aonde mataram a maior parte dos moradores que na dita capitania havia, e a que escapou lhe foi necessario despovoal-a, e largar fazendas e engenhos, e ir buscar logar onde vivessem sem o perigo e risco de suas vidas, por não tornarem a ver e experimentar em si o espectaculo de suas filhas, irmãas, parentas e visinhas, moças donzellas, e que as mais d'ellas quizeram antes met-

tendo-se pelos matos a entregar-se á fereza dos animaes, do que largarem a virgindade em que se conservavam. Sirva tambem de maior exemplo o que ha quatro annos fizeram os ditos Indios e gentio doutrinado pelos ditos reverendos padres, na cidade da Bahia, quando á ella foi o rebelde Hollandez; porque levando em suas náos quantidade do dito gentio, e sahindo em terra por todo o reconcavo d'aquella cidade, comeu e pôz a fogo e sangue toda a gente que pôde alcançar, sem perdoar aos homens e mulheres de toda idade, arrazando e queimando casas e fazendas com tão notaveis estragos, que fazendo-se queixa ao conde de Nassau da guerra, se desculpou em dizer que era o barbaro gentio doutrinado pelos ditos reverendos padres, e tendo lastima de tal destruição mandou enforcar alguns.

« Do levantamento que fizeram n'esta villa de S. Paulo, por ordem de um Indio, a quem obedeciam e tinham por santo, que depois de matarem toda a gente que poderam, se foram á igreja da aldêa dos Pinheiros, onde o dito Indio se criou, e quebrando a cabeça da imagem de Nossa Senhora se pôz a si o nome da Mãi de Deus; e tal como este vem a ser todos os doutrinados pelos reverendos padres da Companhia: e assim, invicto Rei e Senhor, que este é o fructo que os vassallos de V. M. tiram dos Indios e gentio estarem em suas colonias e aldêas doutrinados pelos ditos reverendos padres.

« Do damno e perda que d'aqui se segue á real corôa de V. M. é metterem os ditos Indios e gentio, como metteram por muitas vezes, n'este Estado inimigos piratas estrangeiros, contra as leis do reino e bullas de Sua Santidade, recolhendo e favorecendo hereges, como fizeram ao Palmelar, que levaram ao collegio do Rio de Janeiro, o qual debaixo de concertos veio carregar páo brazil, que os ditos Indios lhe tinham feito por ordem e mandado dos ditos padres; e a Guilherme Macello, que em uma náo, debaixo de contractos prohibidos, foi carregar a Cabo-Frio, e por não poder levar todo veio a buscar o mais, do que tendo noticia as justiças de V. M. a foram queimar, e por o dito Guilherme a não achar tomou um navio carregado d'assucares, que era de Pantaleão Duarte, do dito Rio de Janeiro..... »

Até aqui chega o fim da segunda lauda da folha do papel d'esta representação, e na terceira lauda continúa em diverso sentido a oração seguinte:

« E vinham perecer e acabar ás suas mãos, como tambem melhor o gentio o fará, tornando os ditos padres a estas capitanias, porque na occasião em que publicaram e trataram de publicar o dito breve, a fama que entre o dito gentio era de que eram livres, isentos, sem sujeição de servidão por estipendio, d'aqui com o favor dos ditos padres se iam já fulminando levantamentos, incendios, mortes e outros insultos, e em parte executando-os, o que tudo se atalhou tanto que os ditos padres foram expulsos, e ficaram domesticos e quietos. E assim, Rei e Senhor, se os ditos padres tornarem a estas capitanias, e em particular á esta villa de S. Paulo, onde está o maior numero de gentio, de toda a verdade affirmamos a V. M. que estas capitanias se acabaráõ com a christandade, que n'ellas está dilatada; porque mais leve causa teve o dito gentio para se levantar em outras partes do que lhe fica sendo esta, que para a fazerem maior os ditos reverendos padres aos Indios que encontram, lá secretamente os chamam e abraçam, dizendo-lhes: meus filhos, andamos por amor de vós desterrados e fóra de nossas casas, pois esses máos homens e hereges vos querem fazer captivos, o que não ha de ser assim, meus filhos: e com estas palavras amorosas, que para um barbaro, que não tem muito uso de razão, menos ha mister para fazerem mil excessos; pelo que V. M. não permitta que os ditos reverendos padres voltem a perder seu Estado, que depende d'estas capitanias, por serem mui ferteis e abundantes de todos os mantimentos; e além d'elles damos por veridico a V. M. de que n'estas ditas capitanias e sertão d'ellas há muitos haveres e riquezas, primeiramente os metaes de ferro, cobre, salitre e calaim, e noticia de muita prata e minas de ouro, que se tiram em pó, esmeraldas e outras riquezas, que com facilidade descobriráõ os moradores por servirem a V. M., por serem vistos e practicos no dito sertão; mas é necessario que V. M. se sirva mandar homens practicos, que saibam fazer os ca-

saios e fundição dos ditos metaes, como tambem fidalgos de sangue christão e desinteressado, e verdadeiros no serviço de V. M., que nos governem e assistam, sem os mover odio, nem paixão e amizade, como a que tem mui particular o governador Salvador Corrêa com os reverendos padres, e inimizade com os moradores d'estas capitanias em razão de patrocinar e zelar tanto esta causa dos reverendos padres, que por todos os meios lhe tem promettido e empenhado palavra de os metter n'estas ditas capitanias, e com mais isenção o procura de novo fazer com os cargos de que V. M. lhe fez mercê, que vem a ser todos os que trouxe o governador D. Francisco de Souza, que Deus tem, como a esta camara nos avisou, se bem ainda não vimos as provisões e ordens reaes de V. M., de quem esperamos, para melhor se conseguir seu real serviço, lhe mande novo successor no tocante á administração das minas e descobrimento d'ellas; porque quanto mais V. M. fomentar esta materia, e der calor á ella com pessoa que anime aos moradores, e os premeie e honre em nome de V. M., tanto melhor terá o bom successo, que estamos antevendo, de que V. M. ha de achar n'este Estado outro Perú.

« Além de que, se póde em toda esta repartição do Sul fazer náos de alto bordo e galeões, pela abundancia de madeiras e outras commodidades, com mui pouco dispendio da real fazenda de V. M., vindo d'esse reino enxarcias, breu e velame; se bem n'estas capitanias se faz hoje muito bom, porque as madeiras se fazem e descem com os Indios e gentio : o ferro, como fica dito, é d'abundancia, havendo fundidores d'elle e melhor do que nenhum, como se tem visto e experimentado. Os portos, onde as ditas náos e galeões se façam, abundam de mantimentos e madeiras incorruptiveis; bahias capazes para poderem sahir com todas as marés; mas para isto é necessario encarregar V. M. da feitoria a pessoas de qualidade e experiencia antiga n'este Estado; bem e como devem o farão duas, que nomeamos a V. M. : é uma Domingos da Fonseca Pinto, provedor que até aqui foi da fazenda de V. M. n'estas capitanias, homem pratico e bem entendido, e grande servidor de V. M., inteiro e verdadeiro; e outra Amador Bueno, natural d'estas partes, homem

rico e poderoso, bem entendido, capaz e merecedor de todos os cargos em que V. M. o occupar, porque nos de que foi encarregado deu sempre verdadeira conta e satisfação.

« Lembramos a V. M., que de novo foi servido fazer mercê da propriedade do cargo de provedor da fazenda d'estas capitanias a Sebastião Fernandes Corrêa, com oitenta mil réis d'ordenado, sendo que té agora o exercitaram os provedores seus antecessores com ordenado de seis mil e quatrocentos cada um anno, que a informação que se deu a V. M. foi sinistra e falsa, porque o dito Sebastião Fernandes Corrêa não tem serviços alguns, nem os fez a V. M., e n'esta villa vive ha muitos annos com uma tenda, em que vende e de que se sustenta, e este cargo o deve V. M. prover em pessoa de qualidade e serviços, como os tem Domingos da Fonseca Pinto, a quem o dito Sebastião Fernandes Corrêa succedeu..... »

Até aqui o fim da folha de papel d'esta representação, por cuja falta ignoramos o mais que ella poderia conter; a sua data e os officiaes camaristas de S. Paulo que a deram se ha de achar no desembargo do paço de Lisboa, se é que os Jesuitas não abafaram este processo. Sabemos que esta representação foi entregue ao Senhor rei D. João IV pelos enviados procuradores já referidos, os Paulistas Luiz da Costa Cabral e Balthasar de Borba Gato. Que ella fosse posta em consulta, nos persuade a informação que na materia deu o conde de Castello Novo e marquez de Montalvão, vice-rei que foi do Estado do Brazil; porque tambem entre os papeis do mesmo Manoel da Costa Duarte, já nomeado, descobrimos a copia da resposta do dito marquez de Montalvão, da qual o theor é o seguinte:

Resposta do marquez de Montalvão sobre a queixa dos Paulistas sobre os padres Jesuitas lançados para fóra da capitania.

« Vi e considerei, como V. M. manda, a consulta inclusa do desembargo do paço, e pareceu-me representar a V. M. que esta consulta se funda principalmente em duas petições de partes entre si

contrarias: uma do provincial e mais padres da companhia de Jesus do Estado do Brazil, de que os moradores das capitanias da repartição do Sul do mesmo Estado não tiveram vista para responderem e se defenderem do que os ditos padres d'elles dizem; outra dos moradores e camara das villas de S. Paulo, S. Vicente, Santos e cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro da mesma repartição, em que se dizem cousas graves e de muita consideração contra os mesmos padres, de que elles tambem não houveram vista para se defenderem e responderem ao que contra elles se diz.

« Funda-se mais a consulta em informações, certidões, papeis e documentos offerecidos por cada uma das partes contrarias, agenciadas e negociadas por cada qual d'ellas, e como sejam partes interessadas, e cada uma trata do seu commodo, utilidade e credito, póde-se considerar n'ellas suspeita, que é mui ordinaria em similhantes competencias.

« Funda-se finalmente nas informações dos ditos Diogo Alarcão Themudo, desembargador dos aggravos, e doutor João de Souza de Cardines, dos quaes o primeiro nunca foi nem esteve no Brazil, e na informação que dá se regeu principalmente pelas informações dos procuradores d'aquellas capitanias, como da dita informação se vê claramente; o segundo, que é o doutor João de Souza de Cardines, ainda que esteve annos no Brazil, ha muito que de lá veio, e n'este meio tempo podiam as cousas ter mudança consideravel, nem estava n'aquellas partes ao tempo da publicação das bullas sobre a liberdade dos Indios, e mais inquietações e expulsão dos padres da Companhia de suas igrejas; e a que dá o doutor Thomé Pinheiro da Veiga, desembargador do paço e procurador da corôa de V. M., não tem outros fundamentos que os referidos.

«Não se faz menção na dita consulta de informação alguma que se tomasse do governador do Rio de Janeiro, visinho d'aquellas capitanias, e que de mais perto sabe dos ditos motins e expulsão dos padres da Companhia, e como pessoa publica e desinteressada podia informar ao certo o que se passou, e o que convém ao bem commum, serviço de Deus e de V. M. na materia de que se trata.

« Nem tambem se falla em informação alguma que se tomasse do administrador do Rio de Janeiro, que como pessoa ecclesiastica e prelado de toda aquella repartição póde e deve informar ao certo tudo o que n'estas materias se passou ; e como n'ella se trata de cousas que tocam ao fôro da consciencia, como é da liberdade ou captiveiro dos Indios christãos, de que elle é prelado, das entradas que os moradores de S. Paulo, de S. Vicente e Santos fazem ao sertão a buscar o gentio, em que se representam tantos inconvenientes muito consideraveis no commodo com que se fazem as ditas entradas e da administração, é cousa espiritual dos mesmos, que estando até agora encarregada pelos Senhores reis passados aos padres da Companhia, se trata de novo de se entregar a clerigos ou seculares, em quem póde haver inconvenientes, assim em razão de se não acharem n'aquelle Estado em numero bastante para aquelle ministerio, como em não haverem de achar tantos de vida exemplar e approvados, que se possa d'elles fiar aquelle cuidado que convém, se lhe houver de deputar renda de que se possam sustentar tantos clerigos, fazendo o officio que os padres da Companhia fazem de graça, sem terem, como na verdade não tem, renda alguma para sua sustentação na administração das ditas aldêas, e vivem sómente de uma ordinaria, que lhes dá o Rio de Janeiro, e não se hão de os ditos clerigos seculares ordenados e vindos de fóra acceitar, e hão de tirar sua sustentação do trabalho dos pobres Indios, que de ordinario são pagos com quatro varas de panno de algodão, que não basta para elles e suas familias.

« Tambem se não falla em informação alguma que se tomasse do governador de todo aquelle Estado, nem do bispo da Bahia, que é como metropolitano de todo elle, sendo que uma e outra pareciam mui necessarias para se tomar o assento que convém em materia de tanta importancia. E fallando da administração no espiritual das ditas aldêas, tem muito que considerar saber-se notoriamente que os ditos padres da Companhia ha muitos annos que tratam de as largar pelo muito trabalho que tem da dita administração, e desgostos que tem com os moradores sobre a repartição dos Indios para trabalharem em suas fazendas, e vexações que os ditos moradores lhes fazem contra toda

a justiça; e é cousa constante que querendo os padres largal-as aos governadores d'aquelle Estado Gaspar de Souza e D. Francisco de Souza e a mim, nunca elles nem eu consentimos; nem tambem os prelados, por acharem n'esta parte grandes inconvenientes, de que dei conta a V. M. assim d'este particular, como da expulsão dos padres, de que se acharão as cartas que escrevi na secretaria do Estado, de que tenho as copias em Lisboa. Demais de que tambem, que tendo muitos religiosos de varias religiões administração e cura espiritual de algumas aldêas em Pernambuco e outras capitanias, todos as largaram por verem o trabalho e vexações que por causa d'ellas padeciam; e tambem é sabido que entregando-se algumas vezes a clerigos seculares a cura espiritual de algumas aldêas, ellas se acabaram de todo, e sómente persistiram as que tem a seu cargo os padres da Companhia, que pelo zelo que tem do bem espiritual dos proximos, tão conhecido, cortam por similhantes incommodidades, e é muito para ver a doutrina com que tem aos Indios das aldêas que hoje tem, porque em cada uma d'ellas beneficiam os ditos Indios as missas em canto de orgão, e assistem aos mais officios divinos; e todas as vezes que são necessarios os Indios para o serviço de V. M., os mandam com grande pontualidade.

« Pelas quaes razões parece, Senhor, que sendo esta materia de tanta consideração, em que vai tanto de credito e de reputação de cada uma das ditas partes, risco de consciencia sobre a liberdade ou captiveiro dos Indios, serviço ou desserviço de Deus e de V. M.; na cura espiritual das aldêas, além da perda ou proveito temporal da fazenda de V. M. e quietação dos moradores das ditas capitanias, que tambem se considera, devia tomar informação mais vagarosa, assim do governador do Rio de Janeiro no tempo dos motins e publicação das bullas do papa Urbano VIII, e do que de presente o governa, como tambem do administrador ecclesiastico das ditas capitanias, e outrosim do governador geral de todo o Estado e do bispo da Bahia, mandando-se as ditas petições, de que devem haver vista as partes, com as mais informações e documentos, á custa de cada uma das partes, aos sobreditos, e esperando-se resposta

sua para se poder tomar assento em materia tão grave, sem que haja falta e perigos de desacertar no que convém.

« Entretanto poderia ordenar-se que as aldêas estejam no estado em que hoje estão, de modo que as que são de V. M., e não são de presente administradas pelos padres da Companhia, se deixem assim estar até se tomar assumpto; e que os padres da Companhia da villa de S. Paulo, que são sómente sete ou oito religiosos, com sua igreja, moveis e mais bens ecclesiasticos de que viviam, sejam logo restituidos e se exercitem pacificamente nos ministerios espirituaes da Companhia, que d'antes se exercitavam, pois consta que os padres de S. Vicente e Santos estão já restituidos pelos moradores das ditas capitanias, e não ha outros que estejam expulsos. E n'esta restituição não póde haver duvida pelos ditos padres não poderem ser privados de sua igreja, casa e bens ecclesiasticos, pelos moradores da dita villa, sem graves escrupulos de consciencia e censuras da igreja, e com os ditos padres não administrarem entretanto as aldêas de V. M., que d'antes administravam, cessarão as occasiões de inquietações: isto é o que me parece; V. M. mandará o que fôr servido. »

Consideramos que este parecer do marquez de Montalvão D. Jorge Mascarenhas produziu mandar S. M. restituir os Jesuitas ao seu collegio por alvará do mesmo Senhor de 3 de Outubro de 1643, que é do teor seguinte:

Alvará para serem os Jesuitas restituidos ao seu collegio da villa de S. Paulo.

« Eu El-Rei faço saber aos que este alvará virem, que havendo respeito ao que por suas petições juntas, assignadas por Jacintho Fagundes Bezerra, meu escrivão da camara, me enviaram a dizer por seus procuradores da villa de S. Paulo, Santos, S. Vicente e Rio de Janeiro, e outras do Estado do Brazil, e o provincial dos padres da Companhia do dito Estado, e visto as causas que allegam,

e as informações que mandei tomar n'esta cidade de Lisboa, e as que de novo tenho mandado fazer no dito Estado do Brazil, ouvindo a estas partes sobre suas petições, de que haverão vista, e entretanto que com as informações referidas se toma a resolução que pede materia tão grave: hei por bem e me praz que as aldêas de que se trata estejam, como hoje se acham, sem alteração alguma, e os padres da Companhia da villa de S. Paulo, com sua igreja, moveis e mais bens ecclesiasticos, de que vivem, se restituam logo ao estado antigo, e exercitem os ministerios espirituaes, como faziam; pelo que mando ao governador geral do Estado do Brazil, e ao do Rio de Janeiro e mais justiças, officiaes e pessoas, a quem o conhecimento d'isto pertencer, que cumpram e façam cumprir este alvará, como se n'elle contém, o qual valerá, posto que seu effeito haja de durar mais de um anno, sem embargos da ordenação do livro 2.° titulo 40 em contrario. — Manoel do Couto fez em Lisboa aos 3 de Outubro de 1643, e vai por seis vias.—Jacintho Fagundes Bezerra o fiz escrever. — REI. — »

Com esta mesma data ordenou o Senhor rei D. João IV a Luiz Barbalho Bezerra, governador do Rio de Janeiro, informasse sobre as petições dos camaristas e moradores da villa de S. Paulo, Santos, S. Vicente e Rio de Janeiro contra os padres Jesuitas, e tambem sobre as petições que estes fizeram de queixa contra os Paulistas. O theor da ordem regia é o seguinte:

Carta do Senhor rei D. João IV para Luiz Barbalho Bezerra, governador do Rio de Janeiro.

«Governador amigo. Eu El-Rei vos envio muito saudar. Havendo visto as petições, de que com esta vão as copias, em nome dos moradores das villas de S. Paulo, Santos, S. Vicente, e do procurador da camara do Rio de Janeiro, e outras mais do Estado do Brazil, sobre as duvidas que tem com os padres da companhia de Jesus da

provincia do dito Estado, e que tambem me foi apresentado pelos ditos padres em suas petições, de que outrosim vão copias: hei por bem e vos encarrego que vos informeis mui exactamente do relatado em as ditas petições, dando d'ellas vista ás partes para o poder desfazer com mais certeza, as quaes ouvireis, e o que achardes me escrevereis com o vosso parecer, e com toda a brevidade possivel tomareis, e tornará esta com as ditas petições, sendo tudo entregue a Jacintho Fagundes Bezerra, meu escrivão da camara. Escripta em Lisboa a 3 de Outubro de 1643.— REI. — Para Luiz Barbalho Bezerra, governador do Rio de Janeiro. — Thomé Pinheiro da Veiga. — João Pinheiro. »

Não foram porém os Jesuitas restituidos aos seus collegios n'este anno de 1643, nem nos subsequentes até o de 1653. É certo que a causa dos queixosos Paulistas e dos mais moradores das villas de S. Vicente, Santos e da cidade do Rio de Janeiro, se tratou na côrte pelos procuradores, já indicados, Luiz da Costa Cabral e Balthazar de Borba Gato, que ambos tinham passado ao reino depois da gloriosa e feliz acclamação do Senhor rei D. João IV, a dar obediencia por parte dos moradores de S. Paulo; e a este reverente e humilde rendimento agradeceu a paterna bondade do mesmo Senhor por carta firmada do seu real punho dirigida aos officiaes da camara de S. Paulo, com data de 22 de Setembro de 1643.

Correu o tempo, e com elle appareceu o alvará do perdão, que concedeu o clementissimo monarcha aos culpados na expulsão dos Jesuitas do collegio de S. Paulo, cujo theor é o seguinte:

Alvará de perdão geral aos moradores de S. Paulo que expulsaram aos Jesuitas dos seus collegios.

« Eu El-Rei faço saber aos que este meu alvará virem, que tendo respeito ao que me representou o governador geral de todo o Estado do Brazil, governador e officiaes da camara do Rio de Janeiro e das villas

de S. Paulo, S. Vicente, Conceição e Parnahyba, ácêrca da expulsão dos religiosos da companhia de Jesus: Hei por bem de conceder aos moradores de S. Paulo perdão geral de todas e quaesquer culpas que tiverem commettido, ainda que tenham partes, reservando-lhe direito para demandar em o civel e damnos; com declaração que o perdão que lhes concedo não ha de ter effeito senão depois de restituidos os padres da Companhia, porque com esta tenção lhes mando perdoar, e não de outra maneira: e este se cumprirá tão inteiramente como n'elle se contém, sem duvida nem contradicção alguma; e valerá como certo, sem embargo da ordenação do livro 2.° tit. em contrario. Paschoal de Azevedo o fez em Lisboa aos 7 de Outubro de 1647. — REI.»

Reconhecida a paternal clemencia do soberano, e o seu real agrado de serem restituidos os Jesuitas aos seus collegios, de que tinham sido lançados, como fica indicado, se constituiram protectores dos mesmos Jesuitas os dous Paulistas ricos e poderosos, geralmente respeitados, Fernão Dias Paes e João Pires, que ambos faziam uma grande roda de parentes da primeira nobreza de S. Paulo a capacitar á plebe para se esquecer das offensas recebidas do ardor jesuitico. N'estas disposições se foi consumindo o tempo até que chegou o da restituição dos ditos padres no anno de 1653. Celebrou-se na camara capital da villa de S. Vicente um assento de amigavel composição para este effeito com os padres que tinham vindo do Rio de Janeiro, avisados de que estavam os povos com firme resolução de os verem restituidos aos seus mesmos collegios, de que haviam sido lançados.

Copia do assento de transacção e amigavel composição entre os padres Jesuitas e os moradores das villas da capitania de S. Vicente.

«Escriptura de transacção e amigavel composição celebrada na villa de S. Vicente na camara d'ella aos 14 de Maio de 1653. — Estando

juntos os officiaes da camara d'ella, o juiz ordinario Paschoal Leite de Medeiros, e os vereadores Gonçalo Ribeiro Tinoco, Domingos de Meira e João Homem da Costa, e o procurador Thomé de Torres de Faria, e tambem das pessoas da governança da terra o capitão Lourenço Cardozo de Negreiros, o padre Domingos Gomes de Albernaz, então visitador do Sul, e o capitão Francisco Rodrigues da Guerra, ambos procuradores bastantes dos moradores e camara de S. Paulo; para effeito de serem os padres restituidos aos seus collegios se accordou da maneira seguinte:

« Primeiramente disse o reverendo padre provincial, e mais religiosos acima nomeados, que elles promettiam, e de effeito desistiam, por via de transacção e amigavel composição de hoje para todo o sempre, de todas as queixas, acções e appellações, especialmente da sentença appellada, que sobre o interdicto alcançaram, e promettiam que nunca em nenhum tempo proseguiriam, nem innovariam cousa alguma sobre a dita sentença, antes disse o dito reverendo padre provincial que desde logo dava plenaria absolvição, pelos poderes que para isso tinha, a todas e quaesquer pessoas que por qualquer via ou modo houvessem incorrido em algumas censuras ou censura de qualquer qualidade ou condição que fosse ou haja sido; outrosim disse o dito reverendo padre provincial e mais religiosos que desistiam de todo o direito que tinham ou podiam ter sobre as perdas e damnos, ou injuria, que por qualquer via se lhes houvesse seguido na chamada expulsão, para em nenhum tempo as allegar ou pedir, para que tudo fique em perpetuo silencio, e conservação da paz e concordia, que pretendem ter; com declaração que se algum morador da dita villa, ou qualquer outra pessoa que tiver alguma cousa sua, assim movel, como de raiz, que pertença a elles ditos padres ou a seu collegio, que contra esses occupadores e suas causas poderão em particular requerer seu direito e justiça, como lhes parecer, e que ficará o mesmo direito para poderem requerer contra seus procuradores, para lhes darem conta de suas fazendas, e lhes pagarem e restituirem tudo o que como taes lhes forem obrigados; outrosim que não recolheriam, nem ampararíam em suas

casas ou fazendas os Indios ou Indias dos moradores, serviços dos moradores, nem os consentiriam em suas fazendas e mosteiros, antes os entregaráõ aos seus donos com boas practicas para que os sirvam; outrosim disseram mais o dito reverendo padre provincial e os mais religiosos que desistiam, e não seriam nunca partes na execução do breve, que dizem ter de Sua Santidade, sobre a liberdade do gentio, como tambem no substancial d'elle. Outrosim disseram os procuradores da dita villa de S. Paulo e camara acima nomeados, que elles em nome de seus constituintes promettiam de dar aos ditos padres ajuda que cada um podesse voluntariamente, conforme sua devoção, para reformação do dito seu collegio antigo; e em caso que o queiram mudar para outro sitio, lhe promettem a mesma ajuda, sem que d'esta promessa e offerecimento nasça obrigação alguma: outrosim prometteu e se obrigou o dito padre provincial e mais religiosos a mandar vir em tempo breve e conveniente todos estes concertos e condições acima declaradas, assignadas e confirmadas por Sua Magestade, que Deus guarde, e pelo reverendo padre geral, que assiste em Roma, para que assim fiquem os successores do dito padre provincial e mais prelados que agora são, e ao diante forem, obrigados a guardar todas estas condições acima declaradas, assignadas e confirmadas por S. M., que Deus guarde, e pelo muito reverendo padre geral que assiste em Roma, não innovando cousa alguma, como d'elles se deve confiar: e por assim todos serem contentes, disseram que acceitavam uns e outros os ditos concertos e promessas e conveniencias, e para mais segurança e cumprimento de tudo o acima e atraz escripto disseram que obrigavam todos suas pessoas, bens-moveis e de raiz, havidos e por haver, a nunca irem contra estes concertos, e por theor d'esta disseram que haviam por revogados todos e quaesquer autos de concertos e composições e propostas, que antes d'esta hajam feito, e só esta querem que se cumpra, tenha força e vigor; e disseram mais o dito padre provincial e mais religiosos que se n'estes concertos e amigavel composição faltasse algum ponto de direito, clausula ou solemnidade alguma por declarar, que as haviam aqui todas propostas, expressas e declaradas, de que mandaram

fazer esta escriptura n'este livro dos registos d'esta camara, e que d'ella désse os traslados que cumprissem, onde todos assignaram com as testemunhas Domingos Freire Jardim, Gaspar Gonçalves Meira, João Nogueira e Henrique Mattozo, todos moradores n'esta villa, e pessoas de mim escrivão da camara conhecidas: e eu Antonio Madeira Salvadores, escrivão da camara, que o escrevi n'este livro de registo. — O padre Francisco Gonçalves, provincial. — O padre Domingos Gomes Albernaz. — Francisco Rodrigues da Guerra. — O padre Francisco Paes, reitor do collegio de S. Paulo. — O padre Gonçalo de Albuquerque, reitor do collegio de S. Miguel. — O padre Francisco Madeira. — Gonçalo Ribeiro Tinoco. — Paschoal Leite. — Domingos de Meira. — João Homem da Costa. — O capitão Pedro Gonçalves Meira. — O capitão-mór Bento Ferrão Castello Branco. — Lourenço Cardoso de Negreiros. — Manoel Lopes de Moura. — Gaspar Gonçalves Meira. — Henrique Mattozo. — Domingos Freire Jardim. — João Nogueira. »

Restituidos por este modo os ditos padres ao seu collegio de S. Paulo, foram ajudados e favorecidos dos seus nobres moradores: o Senhor rei D. João IV se deu por mui satisfeito d'esta acceitação, e o fez saber assim por sua carta dirigida aos officiaes da camara de S. Paulo pelo theor seguinte:

Carta do Senhor rei D. João IV sobre a boa acceitação que os moradores de S. Paulo mostravam aos Jesuitas.

« Juizes, vereadores e mais officiaes da camara da villa de S. Paulo. Eu El-Rei vos envio muito saudar. Pela provisão que com esta vos mando remetter entendereis como fui servido de approvar os procedimentos que João Velho de Azevedo, ouvidor da capitania do Rio de Janeiro, teve na correição com que foi á essa villa e á capitania de S. Vicente, e resoluções que tomou, por tudo ser conforme á justiça e bom governo, e muito do serviço de Deus e

meu, e de annullar os que em contrario teve depois José Urtiz de Camargo, enviado pelo conde de Castello-Melhor, sendo governador d'esse Estado: pelo que vos encommendo, encarrego muito, e mando que em tudo cumprais e guardeis, e façais dar á sua devida execução a dita provisão, tão inteira e pontualmente como de vós confio, estando certos que fico com particular lembrança do serviço que me fizestes na acceitação dos religiosos da Companhia, e bom termo com que vos houvestes com o ouvidor e pessoas que o acompanharam, para folgar de vos fazer, e a essa camara, o favor e mercê que houver logar. Escripta em Lisboa a 11 de Dezembro de 1654. — REI. »

Porém os Jesuitas com o decurso dos annos pelos seus procedimentos constituiram-se objecto de desaffeição dos moradores de S. Paulo, de sorte que no anno de 1670, pedindo Alexandre de Sousa Ferreira, governador geral do Estado, um soccorro de cabos e officiaes experientes na guerra contra os gentios, por se ver o reconcavo da Bahia hostilisado, e sahindo eleito por cabo d'este soccorro o Paulista Estevão Ribeiro Baião, este nas proposições que enviou ao dito governador geral disse—que os padres da Companhia não teriam jurisdicção n'este gentio, por serem os ditos padres a causa de todos os motins, como a experiencia tinha mostrado: e os officiaes da camara do anno de 1676 deram conta ao Serenissimo Senhor D. Pedro sobre o estado das aldêas.

Carta da conta que deram os officiaes da camara de S. Paulo, em 18 de Julho de 1676, sobre o estado em que se achavam as aldêas do padroado.

Senhor. Recebemos uma carta assignada pela real mão de Vossa Alteza, na qual é servido mandar-nos que demos informações do estado de quatro aldêas que Vossa Alteza tem n'esta villa, que Indios tem, quem os administra e por que ordem; o que tudo humildemente assim informamos a Vossa Alteza. Em primeiro logar, Senhor, são

quatro aldêas; a de Maruirí, governada e administrada por Manoel Rodrigues Arzão; a de Nossa Senhora dos Pinheiros, por Paschoal Rodrigues da Costa; a de S. Miguel, por Antonio Ribeiro Baião; a da Conceição, por Pedro Taques de Almeida. Estes as administram por provisão do governador, com tanto zelo quanto se póde esperar de tão bons vassallos, como Vossa Alteza n'elles tem, pelo que os julgamos por merecedores de honra e mercê que Vossa Alteza fôr servido fazer-lhes, tanto assim que com os padres da Companhia d'esta villa tem tido notaveis combates sobre muitos Indios, que os ditos padres tem em suas fazendas retidos e casados, com suas familias; porque os ditos padres não querem que o gentio d'este Brazil (total remedio dos vassallos de Vossa Alteza) sejam obrigados, nem tão pouco sejam de Vossa Alteza, senão que absolutamente sirvam a elles padres, o que é muito em prejuizo d'esta capitania. Na administração dos sacramentos não se lhes póde dar capellão, por quanto não ha com que se pague, supposto que uma d'estas aldêas, por ser curada, sempre tem capellão, e as outras se remedeiam com estarem perto da villa, não faltando em seus capitães o cuidado do bem espiritual, e não, Senhor, pelo cuidado dos padres da Companhia, porque o seu desvelo é sómente ver se podem usurpar á real corôa de Vossa Alteza estes poucos Indios que ha, sendo que elles tem o melhor de setecentos seus domesticos, e mal podem acudir tres sacerdotes que ha n'este collegio (nunca tem mais) ao de fóra, pois em quatro fazendas que tem mal se acham para suas necessidades um em cada aldêa, e sendo caso seja Vossa Alteza servido mandar sacerdote ou sacerdotes a estas suas aldêas, nos parece que seja Vossa Alteza servido tambem mandar-lhes nomear sua propina effectiva, para sua justa e congrua sustentação; e na villa de Santos ha uma praça sem fructo, em que come oitenta mil réis o sargento-mór d'esta capitania, cousa tão baldada que nada faz, nem o posto serve de nada. Esta camara tem o cuidado de visitar os Indios em suas proprias aldêas duas vezes cada anno; e maior inquietação havia de ter com administrador assistente, do qué tem sem elles, porque estes barbaros não admittem, nem querem mais companhia do que as feras, nem dão por

seguro o seu mulherio entre os brancos. S. Paulo em camara 18 de Julho de 1676. »

Depois em 24 de Julho de 1687 intentaram os moradores de S. Paulo expulsar aos Jesuitas pela desconfiança que contra elles tinham concebido. Os Jesuitas porém souberam atalhar o effeito da nova resolução, protestando innocencia contra as culpas que lhes cumulavam. Serenou-se a tempestade pelo termo que assignaram do theor seguinte:

« Aos 24 do mez de Junho de 1687 annos, n'esta villa de S. Paulo, no collegio da companhia de Jesus d'ella, onde vieram os procuradores pelo povo eleitos, em companhia dos tabelliães aqui assignados, para de tudo darem fé, vindo tambem o procurador do conselho o capitão-mór Braz Rodrigues de Arzão, pelos ditos procuradores foi dito ao reverendo padre reitor Francisco de Moraes e os mais religiosos conventuaes do dito collegio, em como aquelle povo vinha deliberado a botal-os fóra, por suspeitarem que por sua via d'elles religiosos havia vindo esta ordem, que na cidade do Rio de Janeiro se executa, da alforria que se dá a todo o gentio do Brazil, e como é em prejuizo do bem commum; pelo dito reverendo reitor e mais religiosos abaixo declarados foi dito que não sabiam de cousa alguma sobre a presente materia, e quanto em si podiam promettiam de em nenhum tempo fallar, nem tratar da liberdade do gentio, e sendo caso que façam o contrario, ficam expostos ao que o povo quizer, sem mais poderem allegar de sua justiça, e de como assim o disseram e outorgaram mandaram fazer este termo, em que todos assignaram. E eu Antonio Pereira Valladares, tabellião, que o escrevi. — Francisco Pereira Valladares. — João da Fonseca. — O padre reitor Francisco de Moraes.—O padre Theodosio de Moraes.—José Gomes.—Luiz de Souza. — Francisco Pinheiro. — Manoel Pereira Sardinha. — Gaspar Vieira de Vasconcellos. — Braz Domingues Arzão. — Do que de tudo eu João da Fonseca, tabellião do publico, judicial e notas, dou minha fé de ser tudo verdade. — João da Fonseca. »

Não foram só os Paulistas os que receberam ingratidões dos Jesuitas, porque o gentio d'esta cidade em qualquer parte constituia um mesmo systema. Na cidade da Assumpção da provincia do Paraguay deram bem a conhecer seu orgulho, que produziu a sua expulsão (executada por gravissimas culpas) pelo bispo capitão general da dita provincia no anno de 1648: entendemos que era D. Bernardino de Cardenas (por este tempo dominavam os Jesuitas d'esta provincia do Paraguay mais de cem mil Indios). Estavam estes criados com a doutrina dos ditos Jesuitas, que lhes tinham introduzido pelos seus catechismos algumas proposições mal soantes. Clamaram contra os ditos Jesuitas no anno de 1648 os alcaides ordinarios da cidade, Diogo de Yegros, Mechior Casco de Mendonça, João Valheiro de Villa Santi, e os regedores do dito anno, e informaram ao bispo governador de varias culpas em que estavam incursos os Jesuitas d'aquella provincia. Não eram menos que affirmarem que os ditos Jesuitas por traidores ao rei mereceram a morte, por schismaticos anglicanos ser desterrados d'aquella provincia, por hereges prégadores ser queimados, por usurpadores do ouro e quintos reaes serem destituidos de todos os seus bens: affirmando mais que sendo os Jesuitas admittidos n'aquella provincia pelos reis catholicos para n'ella servirem em serviços proprios ao seu instituto, elles só haviam cuidado de enriquecer, alliando-se com todos os Indios para sua propria utilidade; e outras mais queixas, que encaminhadas todas ao bispo governador, elle procedendo na materia com as diligencias necessarias, que se deve suppor de um zeloso bispo, passou a suspendel-os de confessar e prégar, depois de declaral-os excommungados, e aos que com elles communicassem. Cresceram os attentados dos Jesuitas, e com taes factos houveram varias juntas com os do cabido d'aquella cathedral, e n'ellas se ponderaram os graves damnos que causavam n'esta provincia os Jesuitas, e vieram ultimamente a decretar que fossem expulsos d'ella, privados do seu collegio, casas e fazendas, com todos os bens que tinham. Assim se executou por bando publico do dito bispo, como capitão general, e com effeito foram lançados os Jesuitas do collegio do

Paraguay pelos annos de 1648; e embarcados em canoas rodaram pelo rio Paraguay abaixo, e com distancia de cem leguas pararam na cidade de S. João de Corrientes (que já pertence á provincia e diocese de Buenos-Ayres), em casa do mestre de campo Manoel Cabral, Portuguez, que n'aquellas conquistas tinha servido aos reis catholicos. Este Portuguez sustentou aos Jesuitas por espaço de um anno.

Remetteram-se para a real audiencia de Chuquisaca os processos formalisados em Paraguay, com informações de que os Jesuitas não só eram hereges, como prégadores de heresias, e que as ensinavam no catechismo aos catechumenos e neophytos; que davam a Deus nome indigno de sua infinita bondade e perfeição; que na explicação do mysterio da Santissima Trindade se valiam de vocabulos que significavam tres deoses; que negavam a geração eterna do Filho de Deus, e a obrigação de pagar dizimos. Além d'estes horrorosos crimes faziam com elles concurso as culpas de terem minas de ouro, defraudando os quintos reaes, e que á força de commercio enriqueciam com ouro aos inimigos da corôa de Hespanha; que prohibiam que os Indios pagassem tributos ao seu rei, sendo que elles Jesuitas o cobravam dos ditos Indios. Estas e outras maldades continham os processos.

Adiantou-se o padre Simão d'Ogeda, reitor do collegio de Cordova, para apparecer em Chuquisaca, onde soube merecer n'aquella real audiencia ficarem os Jesuitas triumphando contra o bispo governador, clero e justiças da cidade do Paraguay, mandando-se que o bispo comparecesse em Chuquisaca pelo fôro secular, como general que devia dar residencia, para cujo effeito se despachou ao mestre de campo D. Sebastião de Leão e Zarate por governador da provincia do Paraguay, eleito pela real audiencia de Chuquisaca, com instrucção de restituir aos Jesuitas o seu collegio e fazendas do Paraguay; e a instancias do mesmo padre reitor se lhe concedeu faculdade para nomear juiz conservador, que nomeando por parte da Companhia ao Dr. D. Gabriel de Pesalta, deão da santa igreja cathedral da Assumpção, se lhe approvou pela real audiencia, o que

tudo confirmou o governo superior do Perú, e pelo vice-rei o marquez de Mancera.

Foi tão grande o processo n'esta causa da expulsão dos Jesuitas e seus horrorosos attentados, que chegou o volume d'elle a dez mil folhas. Os Jesuitas tinham em Madrid o procurador geral das provincias das Indias, Julião de Perdraza, que conseguiu que o processo se remettesse ao supremo conselho das Indias. Com esta remessa passou a Madrid o padre Francisco Dias Tanho, que já do Paraguay no anno de 1688 tinha ido a Roma, e este é o mesmo Jesuita que chegou á cidade do Rio de Janeiro, e produziu alli a inquietação, que se serenou com a escriptura de transacção e amigavel composição de 22 de Julho de 1640, que fica referida. Este agente soube manejar de tal sorte a sua dependencia, que os procuradores do reverendissimo bispo do Paraguay ficaram abandonados, e a causa em perpetuo silencio por ordem regia, tapando-se os olhos aos offendidos, o Ex.mo bispo do Paraguay e o Ex.mo bispo de Buenos Ayres D. Fr. Christovão da Mancha e Velasco, com eleger o padre geral de Roma por visitador seu commissario na provincia do Paraguay o padre André de Rada, natural de Villa Nova dos Infantes, que então se achava na cidade de Lima. Com este santelmo ficaram os Jesuitas do Paraguay livres da borrasca, em que se consideraram submergidos pelas culpas que contra elles fez processar o reverendissimo bispo do Paraguay.

Correram os annos, e tendo fenecido o seculo de 1600, quando foi governador D. Antonio de Antequera na provincia do Paraguay, teve este general novas ou as mesmas antigas causas de culpas contra os Jesuitas, de sorte que tomou a resolução de os lançar fóra da provincia; executada esta segunda expulsão, armaram-se os Jesuitas com o seu schismatico costume, e conseguiram que Antequera tivesse successor. Elle porém, constante na fidelidade do real serviço do seu monarcha, tomou a resolução de ir em pessoa á real presença, para entregar os documentos que faziam indispensavel o castigo dos Jesuitas do Paraguay, e justificada a expulsão que d'elles fizeram do dito Paraguay. Temeu as diabolicas suggestões dos Jesuitas, para fu-

gir de embarcar em Buenos-Ayres, e passou a transitar até Lima. Armou-se com um confidente, zeloso do serviço do seu rei, para que no caso que a morte atalhasse chegar Antequera á real presença, se encarregasse dos documentos o confidente. Não succedeu assim; porque chegando ambos a Lima encontraram o poder jesuitico, e presos pelo vice-rei, ambos perderam a vida por sentença d'aquella relação, formando-se-lhes o processo por culpas arguidas de terem sido expulsos os Jesuitas por Antequera e seu confidente. Esta noticia nos communicou pessoa de muita verdade, que transitando pela provincia do Paraguay desde o anno de 1755, se recolheu agora n'este de 1768 á esta cidade de S. Paulo, sua patria; e este é Manoel de Abreu Fialho, a quem conhecemos já do tempo das escolas e dos primeiros rudimentos de grammatica latina, desde o anno de 1726.

S. Paulo 9 de Setembro de 1768.

Notarão os leitores em alguns dos documentos comprobatorios que acompanham esta Memoria, não sómente erros grammaticaes bem notaveis, mas muitas vezes sentido obscuro ou totalmente falta d'elle, e até orações incompletas; advertimos porém que julgámos dever trasladar com a maior fidelidade, á excepção da orthographia, o MS. original depositado no archivo do Instituto.

(Nota do redactor.)

DESCRIPÇÃO

DO TERRITORIO DE PASTOS BONS, NOS SERTÕES DO MARANHÃO;

PROPRIEDADES DOS SEUS TERRENOS, SUAS PRODUCÇÕES, CARACTER DOS SEUS HABITANTES COLONOS, E ESTADO ACTUAL DOS SEUS ESTABELECIMENTOS:

Pelo major Francisco de Paula Ribeiro.

(Manuscripto offerecido ao Instituto pelo socio honorario o Sr. Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond.)

1. A capitania do Maranhão, depositada entre as do Piauhy e Pará, occupa de sul ao norte, desde as margens nordéste do rio Manoel Alves Grande até á beiramar, todo o espaço que n'esta distancia austral se descreve por entre os rios Parnahyba, Tocantins e Tury, os quaes, regulando-lhes tambem a posição occidental, formam as primeiras e principaes divisas da separação d'aquellas confinantes.

2. Considera-se ella dividida em duas quasi partes, cujas distancias podem pela sua respectiva carta observar-se, e que muito bem poderiam formar duas comarcas, uma do sul, do norte a outra, cujas partes desconcordando sómente na propriedade do seu clima, qualidade de terrenos e producções, é por isso mesmo que melhor entre si deveriam dar-se as mãos, e sustentar combinadas a sua florecencia commercial e agronomica.

1.° Porque estendendo-se do norte a primeira porção repartida em districtos ou freguezias centraes até abranger a da nova villa de Caxias, na latitude meridional de pouco mais de cinco gráos, e contendo as maiores e mais fecundas matas de toda a capitania, tem

sua população, que não chega a trinta mil almas livres, vantajosas lavouras de algodão e arroz, em que occupa mais de duzentos mil escravos que possue, cujos resultados, fazendo até hoje por um nunca interrompido trafico commercial o principal motivo da sua opulencia, torna tambem seu dependente o progresso d'aquella outra segunda parte, porque para lá lhe fornece os utensilios precisos ao seu maneio domestico particular e ao de toda a sua labutação em geral.

2.° Porque occupando a referida segunda porção, com o nome de Pastos Bons ou de altos sertões da capitania, todo o espaço que do ultimo territorio de Caxias se descreve até ás cabeceiras do rio Parnahyba, Balsas e Manoel Alves Grande, na altura de doze ou treze gráos sul, sómente no entanto povoado por quatro ou cinco mil almas livres, que empregam menos de mil escravos, e contendo, com parte tambem de boas matas ainda devolutas, dilatadas campinas proprias quanto é possivel para uma immensa criação de gados, não só actualmente presta, mas póde para o futuro muito mais prestar com os mesmos gados, o principal artigo que na primeira parte faz subsistir toda a população, vigorar pelas forças d'esta a cultura dos generos de que lhes resulta o commercio, e por consequencia firmar-se o giro de que depende o adiantamento d'entre ambas ou o de toda a capitania em geral.

3. Analysando-se especificadamente em toda a extensão dos *Annaes* de Berredo as particularidades da maior parte d'aquella porção primeira proxima á beiramar, desde então bem conhecida, nos propomos sómente a dizer alguma cousa sobre a segunda porção conteúda n'aquelles altos sertões, como objecto que elle não chegou a conhecer, e do qual nós temos soffriveis noticias adquiridas por um conhecimento de quasi vinte annos, tempo este em que por diversas vezes fomos empregados em commissões do real serviço n'aquelles logares.

4. Chama-se districto ou freguezia de Pastos Bons todo aquelle terreno que desde a fazenda e riacho Serra, na extremidade sul dos limites de Caxias, cortada da beira do rio Parnahyba na povoação das Queimadas, á barra do riacho do Corrente no rio Itapicurú, se estende por entre o mesmo rio Parnahyba e o Tocantins até ás

margens do rio Manoel Alves Grande, como já fica relatado, limitando-se por entre as cabeceiras dos ditos Parnahyba e Manoel Alves Grande com a serra chamada do Piauhy, e com a capitania d'este nome por uma parte das margens d'aquelle rio, assim como se limita com a capitania de Goyaz pelas margens d'este e por uma parte tambem das do Tury até defronte da foz do rio Araguaia.

5. Observando-se que entre a bocca do referido Parnahyba e a do rio Tury, no mar de Maranhão, sahem ao longo da costa os principaes rios que acompanham quasi toda a latitude d'esta capitania, e que vem a ser além d'aquelles o celebre Itapicurú e o Mearim, ambos com sufficiente largura e fundo mais ou menos navegavel até suas cabeceiras; se observa tambem o como n'aquelles altos sertões se ajuntam a estes rios os de Balsas, Balsinhas, Alpercatas, Neves, Macapá, Cannella e Grajaú, regando a parte superior da mesma capitania n'este dito districto de Pastos Bons, o mais precioso espaço que ella contém, e no qual geralmente nascem todos os mesmos rios: proporção primeira pela qual se vê ser elle a sua parte mais nervosa, e que, por infinitas circumstancias das suas propriedades vantajosas, póde bem ministrar para a respectiva capital, ou para toda a beira-mar, as prodigiosas forças que ella lhe desconhece, porque o tem até hoje esquecido e quasi como de si apartado.

6. Montes immensos interrompem desde aquelle mesmo riacho e fazenda Serra uma grande parte das suas planicies até á ribeira de Neves, ou ainda d'esta para o sul até ás margens do rio Macapá, sendo as ditas planicies os intervallos que uns dos outros montes separam, e compostas de viçosas varzeas regadas por infinitos córregos, que se despenham das abas dos mesmos montes. Todo o resto comprehendido desde o dito Macapá até aos designados limites por entre as cabeceiras d'aquelles tres rios são dilatados campos descobertos quanto em qualquer parte a vista póde alcançar; porém o que do mesmo resto se encosta para oéste ás margens do Tocantins consta de campos misturados com excellentes matos, especialmente aquelles que se dilatam para o norte sobre as vertentes dos rios Mearim, Grajaú e Pinaré, ou sobre outros que ainda nos são desconhecidos,

como por exemplo o rio de Santa Anna e mais alguns que correm para o mar do Pará, uma vez que do seu desembocque no mar de Maranhão não nos consta.

7. A natureza de uns e de outros terrenos, excessivamente prodiga na sua vegetação, é que talvez adquiriu para todo este districto o nome de Pastos Bons! Os seus campos nutridores, o seu ar commodo, preciosas aguas, grande fertilidade seguida ao mais pequeno cultivo e a sua nunca interrompida verdura, são circumstancias que fazem com que este paiz seja o mais abundante e delicioso: por isso mesmo é que elle chama dos sertões das outras capitanias confinantes os negociantes de gados, que d'alli transportam para manutenção e povoação dos seus infecundos campos a criação das vaccas e novilhas; o que é muito mal permittido consentir-se, porque não está elle ainda nas circumstancias de ceder para fóra da sua capitania similhante artigo.

8. Berredo, em aquelles ditos seus *Annaes historicos do Maranhão*, obra que merece toda a attenção, desconheceu ainda inteiramente, como dissemos, este territorio, e tambem todos aquelles que lhe ficam para o norte até Itapicurú-Mirim, dando-lhes a todos elles o nome de Piauhy. N'esse tempo, que foi em 1718, vivia alli amontoado o peso enorme do gentilismo emigrado da nossa beiramar, e isto pela mesma fórma que hoje vive tambem amontoado nos desaproveitados restos d'esta capitania, tão extensos quanto ella se estende para oéste a limitar-se pelo Tocantins e Tury com os sertões do Pará.

9. Domingos Affonso Sertão e outros seus companheiros que do Rio de S. Francisco, nos sertões da Bahia, vieram atravessando e povoando todo o Piauhy, por elles verdadeiramente então descoberto, foram os primeiros que, passando áquem do Parnahyba, estabeleceram as primeiras povoações de Pastos Bons, sacudindo para o sudoéste e para oéste o referido gentilismo. Seus progressos de população foram bastantemente rapidos: lançaram-se as primeiras fazendas de gado nas cabeceiras do rio Piauhy, e como em um momento appareceu a capitania d'este nome, a sua capital, as suas villas e até os estabelecimentos de Pastos Bons, áquem do dito rio Parnahyba.

chegando logo a sessenta leguas de extensão, montaram no anno de 1810 ás margens do Tocantins mais de cento e vinte distantes das primeiras povoações do districto, no riacho e fazenda Serra.

10. Porém comtudo não lhe é ainda proporcionada a sua população n'esta parte habitada, tanto porque repartidos os seus campos em fazendas de gado com tres e tres leguas entre si, e não admittindo cada uma d'ellas mais do que as poucas pessoas necessarias ao seu fabrico, é muito diminuto o numero que por este lado importa no seu total de habitantes, como porque, desprezada a cultura dos matos por falta de commoda extracção e exportação commercial dos generos que póde lavrar, não tendo occupação lucrativa, além do particular sustento da vida (interesse que nem sempre satisfaz a ambição dos homens), em que empregar-se aquelles a quem faltam proporções para criar os gados, e que sempre na razão d'estes fazem a maior parte como de cem para um, se eximem de ir habital-o, ou deixam até de o fazer, os seus proprios nacionaes, promovendo-se por isso a differença que ha para menos d'aquella que razoavelmente deveria haver para mais no referido total, segundo a extensão já marcada por não devoluta.

11. Os seus habitantes quasi em geral, bem entendido aquelles nascidos no districto, supposto que sejam em grande parte rusticos e brutaes, como adiante diremos, não tem comtudo de si mesmo, por influencia de uma natural indole má, maiores defeitos que escandalisem a humanidade, passados que sejam alguns momentaneos accessos de furor, a que tão sómente os conduz, ha poucos annos, a desesperação da sua presente desgraça, que levaremos notada a n.º 81, porque emfim são de uma condição docil, hospitaleiros, agasalhadores, e tratam aos passageiros, de que sempre tem concurrencia, com agrado proprio sim da sua rusticidade grosseira, porém sincero e de boa fé, até facilitar tudo o que possuem áquelles que sabem carinhosamente enganal-os, e isto ao ponto de não se acautelarem dos prejuizos que muitas vezes se lhe tem seguido da sua credulidade. Finalmente, entre os povos sertanejos que conhecemos, é este o menos deshumano. Por maiores que sejam os despotismos que se lhes

faça soffrer, não conhece como recursos contra elle as intrigas nem as representações populares, e temos observado que se alguma vez apparecem d'essas producções, não é porque elle entre n'ellas, é sim porque succede alli, em proporção, o mesmo que acontece n'esta capital, ou em qualquer parte aonde haja meia duzia de intrigantes rabulas com algum dinheiro que, lá para seus sinistros fins particulares, façam figurar o miseravel publico como testa de ferro sobre objectos de que elle não se lembra, e que nem ao menos conhece, porque são na maior parte fantasticos.

12. O logar capital d'este districto, ou aquelle em que se acha a pia baptismal dos seus habitantes com a invocação de S. Bento de Pastos Bons, está situado na latitude de pouco mais de sete gráos sul; além d'este tem sobre a margem do Parnahyba o de Nossa Senhora da Conceição da Passagem da Manga, e na confluencia do mesmo rio com o das Balsas tem o de S. Felix, estabelecido pelos Indios Acroás, desde a sua pacificação. De todos o menos consideravel é o primeiro, ainda apezar de que seu privilegio parochial faça consideral-o sobre os outros. Dista do logar da Manga algumas vinte leguas ao sudoéste, e do de S. Felix das Balsas, que lhe fica a elle no mesmo rumo, dista mais de quarenta; dos extremos do riacho e fazenda Serra demora mais de trinta para o sul, e das margens do Tocantins, que lhe ficam a oéste no logar de S. Pedro de Alcantara, mais de cem: bem entendido, que regulamos por agora estas distancias pelo mesmo que as avaliam os seus moradores, segundo as tortuosidades das suas mal dirigidas estradas, unicas latitudes que conhecem e pelas quaes se governam.

13. É fundada uma parte d'este mesmo local sobre a ponta nordéste da serra de Itapicurú, e a outra parte nas quebradas ou valles formados pela declinação da mesma ponta. Fica a menos de quatorze leguas a léste do rio d'aquelle nome, e mais de quatro a oéste do Parnahyba. Das mesmas quebradas da serra lhes nascem varios olhos de agua que, juntando-se alli mesmo, formam o permanente e copioso riacho chamado Pedras de fogo, nome que lhes dão as muitas d'esta natureza de que é forrado todo o seu leito até se perder n'aquelle

Parnahyba por entre as fazendas Suçuapara e Alvações. Sendo campos cobertos todo o terreno que na dita alta ponta rodeia o logar, tem comtudo muitos e bons matos nas referidas quebradas e vertentes, quantos bastam para o cultivo da sua subsistencia.

14. Não chega a ter trinta fogos, e todos os seus edificios são ridiculas palhoças, á excepção da igreja sua matriz e do quartel militar do destacamento que o guarnece, porque estes são construidos de pedra e cal e cobertos de telha. Terá de circumferencia para mais de seiscentas braças, o que parece incompativel com tal numero de habitantes; mas dá causa á esta grande desproporção o irregular modo com que se arruma, distando talvez entre si algumas das palhoças mais de trezentas braças. Tem perto de setenta annos de estabelecido, e é baptismal desde 1760. Junta-se alli pelas principaes festas do anno a maior parte dos moradores de todo o territorio, com a qual concurrencia fica n'essas occasiões parecendo a Feira da luz. N'elle fazia a sua residencia judicial a vara administrativa territorial, quando n'esta terra tão remota das autoridades primarias da capitania, influiam as leis ou se ouvia fallar da verdadeira justiça: depois da suppressão d'esta mesma vara, totalmente elle decahiu, porque emfim não lhe faltava menos do que aquella dependencia que o ennobrecia.

15. Mil e quinhentas braças distantes a oéste lhe corre parallelo o riacho do Balseiro, o qual nasce duas leguas mais ao sul da fazenda chamada Jacú, e vai por larga distancia ao norte juntar-se com o riacho do Corrente. É povoado desde suas nascentes por espaço de seis ou sete leguas, com muitas e pequenas plantações misticas umas ás outras, e d'estas é que aquelles mais visinhos moradores colhem alguma farinha de páo, cannas de assucar, cebolas, alhos e mais hortaliças, de que o terreno é tão proprio que póde plantar até para exportar em quantidade, especialmente os repolhos em salga, as cebolas e os alhos, muito mais viçosos e reproducentes do que os melhores de Portugal, sendo d'esta particular natureza, além d'aquella geral abundante de todos os generos do paiz, todas as vertentes do alto Itapicurú, não só pelo auxilio da bem regulada temperança do

seu clima, como pela qualidade dos mesmos terrenos, pretos e estrumados pelos seus proprios matos: assim mesmo os trigos, as cevadas, e todos os mais grãos e fructos da Europa vegetariam aqui se os plantassem, muito abundantes e em pró da capitania, porque certamente ella não tem outro bocado mais analogo, nem assim tão interessante.

16. Não é alli demasiadamente frio o inverno, que de ordinario principia, como na Europa, em Outubro, e acaba em Abril, nem o verão caloroso; ás chuvas que até este mez produzem e criam os pastos se seguem de Maio em diante os grandes orvalhos ou neblinas que, ensopando de noite a terra, os conservam até Agosto; d'este mez até Setembro os fogos queimam e limpam os campos de todo o hervanço inutil, para que as proximas aguas tornem mais viçosamente a reverdecel-os, no entanto que as criações, tendo buscado o refrigerio dos valles por entre as serras aonde sempre ha matos e beiras de riachos em todo o tempo frescos e verdes, se conservam e nutrem. É pois o motivo porque os rigores da sêcca não fazem sentir alli seus effeitos tanto como n'aquelles terrenos de campina, que não tem assim de mistura os matos com os campos por entre os montes, a coberto do qual são mais susceptiveis de preservar das seccuras do sol as aguas correntes, ordinaria producção das fraldas dos mesmos montes como propria natureza sua.

17. Conservam-se por isso permanentes quasi todas as d'este sertão, e são saborosas e doces na maior parte, logo que se desavisinhem das do Itapicurú, geralmente grossas e salobras. Tem propriedade as do rio Parnahyba, ao menos em Pastos Bons as suas vertentes, para petrificar a madeira, qualquer que seja sua natureza, porosa ou solidissima. Uma e outra nós a observámos em qualquer d'estas partes, e assim mesmo, no anno de 1800, vimos cahida e inteiramente petrificada, sobre a margem léste do dito rio, entre as fazendas Almas e Santa Cruz, uma arvore inteira d'estas que chamam Jatobá ou Jutahy do campo, volvida tão dura pedra de fogo como as proprias pederneiras, o que com effeito nos causou espanto, visto a opinião de que nenhum corpo póde petrificar-se ao ar livre,

uma vez que n'este elemento é que mais facilmente são susceptiveis da podridão e consumo os mesmos vegetaes; ou se é, como dizem, ser antes necessario, para ter valor a acção petrificante, que o corpo seja de uma natureza tal que possa estar escondido debaixo da terra sem corromper-se, abrigado do ar, das exhalações corrosivas ou de dissolventes destruidores, e que finalmente se convencionasse com um enfartamento de particulas petreas tal que, sem destruil-o, se lhe insinuasse em seus póros com rapidez, á medida que as vegetaes se lhes fossem evaporando. Seja porém como fôr, o certo é que ella existiu assim como todas as mais que notámos por aquellas partes sobre a terra, até ainda não totalmente petrificadas, como por exemplo parte páo e parte pedra, parecendo-nos com segunda admiração que aquella virtude não tinha a um mesmo tempo igual poder sobre a totalidade dos corpos, mas antes como que esperava por espaços ir-se apossando do campo que o desalento da primeira existencia ia largando á usurpação da segunda, e isto contra o sentir de muitos, que estudando a natureza tem publicado a este respeito os seus escriptos. Não entrando pois na indagação dos motivos de similhante raridade, pois que nos faltam para isso os conhecimentos precisos, nos contentámos apenas com recolher alguns pedaços sómente proporcionados aos poucos meios que então nos assistiam para os poder conduzir; mas não conformes ao desejo que tivemos de mostrar aos curiosos esta metamorphose em um estado verdadeiramente admiravel.

18. É este territorio muito sujeito ás trovoadas durante o tempo das chuvas, e de ordinario se observam por toda a parte os seus effeitos no estrago de muitas e grossas arvores, que tambem não resistem aos formidaveis pés de vento ou redomoinhos que alli apparecem de Maio até Julho, especialmente proximo ao rio Tocantins, sendo mais para temer aquellas trovoadas sêccas que succedem após os mesmos ventos. Em qualquer das estações do anno se ouvem ao longe grandes estrondos como de grossa artilharia, principalmente para oéste proximo ás grandes serras que se divisam sobre as vertentes do mesmo Tocantins, ou buscando as cabeceiras do rio Tury,

o que combina com a idéa que se faz de haver alguns mineraes para aquellas partes.

19. Sem embargo porém de similhante desconfiança, não ha, pelo que respeita a ouro, prata ou pedras preciosas, alguma certeza physica de os haver, ao menos segundo as noticias dadas por pessoas experimentadas n'essas especulações, especialmente João Ayres e José Pinto da Fonseca, ambos capitães dos terços de Minas de Goyaz, e por Francisco José Pinto de Magalhães, capitão de ordenanças da mesma capitania e morador alguns annos nas margens do Tocantins, os quaes, descendo por aquelles sertões procurando mineraes, ora encostados a oéste, ora apartando-se a léste, nada encontraram que satisfizesse a sua curiosidade. Não foram comtudo feitos ainda similhantes exames nos baixos terrenos de Pastos Bons quanto escrupulosamente é preciso para nos desenganar d'essas vantagens.

20. Ha por algumas partes do mesmo districto certos logares, nos quaes abundantemente se descobrem particulas salitrosas sobre a terra, cujas os gados procuram para lambel-as, sem que por dias inteiros lhes lembrem outros pastos: nas margens de alguns riachos, e em particular no monte chamado Morro do chapéo, entre os rios Balsas e Parnahyba, junto á fazenda de Gualter Ribeiro, é aonde mais frequentemente se observam; e assim mesmo na ribeira da Parnahyba, no espaço que vai da fazenda Pinguela para a do Castello, se acha pedra-hume e tambem outras particulas, das quaes á maneira de caparrosa se servem os habitantes para fazer tinta de escrever. Não affirmamos que estas o sejam, ou salitre as primeiras, deixando á experiencia chimica essa decisão, que talvez se declare a favor de algum dos differentes saes que, além do sal commum, a natureza nos offerece por toda a parte.

21. Relativo á especie animal, deve entender-se que todo o territorio é abundantissimo de differentes caças, principaes recursos licitos dos seus habitantes pobres; porque se elles não fossem, muito menos fôra a população do districto, uma vez que as carnes verdes ou sêccas lhes não são facilitadas por miudo como nos açougues e mer-

cados publicos; providencia esta que em nenhum dos seus locaes se encontra estabelecida, e cuja falta muito sensivel devêra ser quanto antes remediada, na intelligencia de que é mais facil ao miseravel comprar nos talhos publicos um arratel de carne por um vintem (preço pelo qual até agora lá corria), do que uma rez em pé nas fazendas dos particulares por quatro ou cinco mil réis.

22. É proprio tambem de muitos animaes nocivos á criação dos gados, e ainda á conservação dos mesmos homens, pois por isso que na maior parte é montanhoso, encontram n'elle aquelles sufficientes guaridas para que se conservem e multipliquem. Formam as serras talhadas em penedias profundos valles e obscuras furnas, proporcionada habitação das onças e dos tigres, cujas feras sahem d'alli para devorar nos campos as criações, principalmente na travessa que ha desde a fazenda Vereda Grande até á da Serra Vermelha. Nas lapas ou gretas das mesmas penedias se criam immensos morcegos grandes que, chupando de noite o sangue aos gados, os enfraquecem até espirar. Acha-se tambem grande numero de serpentes venenosas, cuja mordedura tira, sem remedio, a vida em poucas horas, e em quasi todos os rios que o atravessam se encontram tão formidaveis algumas, que de um só golpe devoram inteiro um boi: chamam-se estas *sucurujús*, e os gentios, quando as apanham, fazem d'ellas o seu manjar mais selecto.

23. Nada porém occupou tanto a nossa attenção, quanto á referida especie animal, como certa qualidade de lagarta que, qual outro bicho da seda, se cria, sustenta e produz sómente em umas arvores do campo chamadas *mangabeiras bravas*. Estas arvores tem, quando muito, até doze pés de altura, e são bastantemente copadas; a sua folha é miuda como a da oliveira, verde mais claro, menos grossa, porém mais aspera e sêcca; o tronco é liso e delgado, com cinco ou seis pollegadas de diametro; serve o succo travoso das suas folhas, e escumoso como sabão, para curar as chagas mais inveteradas, a sarna e todas as molestias de pelle.

24. Prendem aquellas lagartas dos ramos d'este arvoredo o casulo ou sacco em que costumam procrear; tem este um pequeno

palmo no comprimento, ás vezes menos, e na maior largura quatro pollegadas, a qual é na parte superior com que se prende ao ramo, acabando para baixo em ponta aguda, que deixa aberta para servir-se: são dous os animaes producentes em cada um sacco, naturalmente ambos os sexos; dilata-se o seu corpo uma pollegada, com grossura de oito linhas, a côr é loura, a pelle felpuda junto á parte superior das costas, pequena a cabeça e lisa, todo o mesmo corpo é composto de pequenos anneis, movediços por intervallos molles, e tem cinco pés de cada um lado muito curtos, porém grossos.

25. Continha um dos saccos que abrimos em Setembro de 1815 as duas lagartas, já mortas e sêccas, e quarenta pequenos casulos, que tinham dentro em si os ovos ou filhos; pesava cada um casulo pequeno, expulso o fructo, dezoito grãos, e o grande sacco, depois de totalmente limpo, uma oitava d'essa especie de seda de que todo elle é formado, cuja côr é branca amarellada ou côr de perola, sua qualidade finissima, a consistencia forte e a fibra dilatada quanto em um só fio formalisa o sacco. Guardámos alguns d'elles para que em logar competente se fizessem experiencias do seu prestimo; porém como nunca se nos proporcionou tal occasião, o descuido e o tempo fizeram consumil-os. No entanto ainda, apezar da nossa prevenção a seu favor, não a seguramos legitima ou susceptivel de fabrico. Acha-se esta producção não só em Pastos Bons, mas tambem no districto da villa de Caxias, sómente n'aquelles campos de que são proprias as mangabeiras bravas, entre as fazendas Bonito e Limoeiro, com treze ou quatorze leguas de intervallo entre uma e outra.

26. Observámos que o mais proprio tempo da sua florescencia é do mez de Setembro até Novembro, em que, animados estes novos insectos, sahem dos ninhos e se dispersam pelos ramos das arvores, talvez a fazer outros para sua reproducção, no entanto que as chuvas destroem os que deixaram, como com effeito succede. Singularmente parece que os progenitores devem forçosamente finar-se antes d'aquelle ultimo mez, segundo o que lhe notámos; mas não será porque lhes falte o pasto das folhas, mais ou menos verdes todo o anno, porém sim por outra qualquer circumstancia que lhe seja privativa e natural.

27. Sem que tivessemos logar de observar as differentes épochas da sua existencia, conhecemos comtudo que ellas devem ser mui differentes das do verdadeiro bicho da seda; porque consta d'este que antes dos quinze dias depois da factura do seu casulo ou sacco amarello em que se esconde, fura-o e sahe a metamorphosear-se na borboleta que, voando, vai n'outros ramos depositar seus ovos por uma fórma tal, que o respeitam as inclemencias do tempo e deixam animar seus fructos; estes nascem, mudam de côr duas vezes, e por tres despem a pelle, tem lethargos e deixam de comer para formar o folle de que ficam cobertos, e talvez em novo lethargo até ao tempo em que, reanimados, buscam os meios proprios para a sua singularissima mudança, phenomeno um dos mais raros da natureza.

28. Encontram-se em Pastos Bons, entre a especie vegetal, muito poucas aquellas plantas que deixem de ter propriedades uteis ou medicinaes, segundo as experiencias que algumas vezes o acaso ou a necessidade dos seus habitantes tem promovido. Criam-se por todo o districto excellentes madeiras finas, como sejam a aroeira, quasi incorruptivel, a candeia, o gonçalo-alves, muito bem pintado de sua natureza, os violetes do mato e do campo, entre si differentes, o angico, o moreira, o páo-marfim, o páo-roxo, e outras não só muito capazes de fabrico, porém até proprias para ornato.

29. Dá muito oleo de cupaúba ou cupahiba, gomma de angico, de grande prestimo para preparações peitoraes e expectorantes, a jutaicica, alcaçús, almecega; até dizem alguns habitantes que tambem produz cannella em certas vertentes do rio Parnahyba, depoimento este do qual não chegámos a averiguar a verdade por falta de tempo. É abundante de muitas fructas silvestres substanciaes, outro recurso da sua pobreza, das quaes as mais delicadas são as mangabas e as guabiróbas, dignas as primeiras até da mesa de um principe; tem tambem outras muitas de cultivo, sendo entre estas a laranja, tão abundante e doce que perde, pela abundancia, o preço.

30. Constando, como já temos dito, uma boa parte da dilatada freguezia de Pastos Bons de excellentes fazendas de gados, sem que por agora contenha ao menos nas margens dos seus quatro principaes

rios navegaveis, Parnahyba, Itapicurú, Mearim e Grajaú, outra alguma fórma de estabelecimentos consideraveis por não poder exportar outros generos, e conhecendo-se que os mesmos rios oriundos do seu seio podem fazer o principal motivo da sua riqueza, promovendo-lhes immediatas relações com a metropole, independentes do trabalhoso trajecto por terra, que actualmente tanto lh'as difficulta, fica provado por isso, e pelo que temos a dizer de suas vantagens, ser este dito territorio a mais importante porção da capitania do Maranhão, e o quanto é para lastimar o retardamento havido no seu desenvolvimento.

31. Divide-se a referida freguezia em oito particulares districtos ou ribeiras, como seus habitantes lhes chamam, ainda na maior parte mal povoadas, e cujos nomes são os seguintes: Alto-Itapicurú, Parnahyba, Balsas, Além de Balsas, Neves, Lapa, Farinha e Grajaú, não entrando n'este numero o districto de S. Pedro de Alcantara, recem-pertencente á capitania do Maranhão, havendo antes pertencido a Goyaz. As suas distancias occidentaes e austraes se demonstram pela respectiva carta da capitania.

32. A ribeira do Alto-Itapicurú comprehende todo o terreno que se acha desde a barra do riacho do Corrente até ás cabeceiras dos rios Itapicurú e Alpercatas, tomando no seu ambito circumferencial o espaço cujas vertentes correm de oéste e de léste para estes rios, e que tambem abrangem em seu numero o mesmo Corrente, Balseiro e riacho de S. Domingos. Ao centro os seus campos de criar os gados e suas excellentes matas proprias de lavrar, encostadas ao rio Itapicurú, tem proporções attendiveis. Cortada por este memoravel rio, póde por isso mesmo adquirir tantas vantagens de quantas se póde fazer idéa pela seguinte descripção do mesmo rio e das suas mais altas vertentes.

33. Nasce o Itapicurú muito pequeno ribeiro junto ás fraldas da serra tambem chamada de Itapicurú, e tem mais de duzentas leguas de correnteza, segundo a multidão de suas voltas. Já temos viajado d'elle toda aquella parte que póde ser navegavel desde a sua foz, no mar de Maranhão, até á fazenda do Alegre, situada no seio

d'esta sua ribeira: da dita fazenda para o sudoéste, rumo de que elle traz suas nascentes, pouco mais terá de trinta leguas e é innavegavel. Corre para o nordéste pouco importante até juntar-se com o rio Alpercatas, que em si o recebe e lhe cede o nome n'aquelle ponto em que esteve já situada a povoação do arraial do Principe Regente; com as aguas d'este rio, com as do riacho do Corrente, que encontra ao entrar no territorio da villa de Caxias, e para baixo d'esta, já todo voltado ao noroéste, com as aguas dos riachos Ouro, Limpeza, Gamelleira, Riachão, Codó, Prata, Pirapemas, Peritoró e outros, se faz de muito sufficiente navegação.

34. Desce desde a sua origem por entre campos geraes até ao rio Alpercatas; d'este para baixo, á parte de léste, lhes ficam alguns matos orlados de excellentes campos por fóra, e pela parte de oéste até desaguar no mar, dezoito leguas ao sudoéste do porto do Maranhão, corta varias pontas d'aquella grande mata geral que se estende desde a capitania do Pará.

35. São turvas e lodosas as suas aguas, tão quentes no verão durante a noite que amanhecem fumegando; utilisam então muito os seus banhos, porque são medicinaes; mas logo que succedam as grandes invernadas e que, parando estas, principiem suas barreiras a descobrir-se, tornam-se não só muito perniciosas aquellas para beber e banhar, porém até muito perigoso o seu clima para respirar. Adverte-se porém que esta peior alternativa sómente tem logar da Cachoeira grande para baixo, sem que d'alli para cima até ás suas cabeceiras se encontre tamanho mal, o que affirmamos com a experiencia de havermos alli assistido muitas vezes e por dilatado tempo.

36. Os unicos logares publicos á sua borda são o da freguezia do Rosario, antigo, pobre, pouco importante de edificios, e sem commercio algum consideravel; o de Itapicurú-Mirim, logar de negocio aonde se faz a grande feira dos gados do sertão, e que já hoje é villa; e a opulenta Caxias, a mais commerciavel de toda a capitania, e tambem a mais carecida dos generos de lavoura proprios para a sua subsistencia, porque é aqui preterida esta pela do algodão, assim como succede em todo o Itapicurú povoado, fazendo este terrivel

systema talvez uma parte do motivo das fomes que se experimentam na capital relativo ás farinhas de páo, geral pão do Brazil, pela muita quantidade d'ella que d'aqui extrahem aquelles lavradores para o sustento das suas escravaturas, em logar da muita que lá podiam lavrar para esse fim, e para fertilizar tambem a referida capital. Além d'aquelles locaes, tem tambem pouco acima do Rosario o dos Indios de S. Miguel, e defronte de Caxias o dos Indios de Trezedellas; d'estes dous ultimos os habitantes não são hoje uma centesima parte dos que já em outro tempo foram; porque tyrannisados pelos directores que então tiveram, e chamados á força para serviço dos dizimeiros e outros particulares, ou ainda mesmo para o dos hospitaes, fortalezas, canôas e arsenaes, sem lhes pagar conforme lhes conviesse, como a outros quaesquer jornaleiros, se extraviaram fugindo das suas aldêas, não só estes, mas os de todas as outras da capitania, que soffriam iguaes vexames.

37. Do logar de Itapicurú-Mirim para o norte chega sua menor largura a trezentos passos, d'aqui para cima até ao rio Alpercatas terá de setenta a cem, porém já d'este apartado até á fazenda do Alegre não excede de vinte e cinco a trinta. Esta ultima distancia é custosa de navegar por ser assim estreita, pois que as immensas arvores que das ribanceiras continuadamente lhes derrubam as invernadas, fórmam outros tantos obstaculos custosos de vencer por sua multidão e grossura: espaços houve de dez braças em que nos foi preciso, para o navegar, desembaraçal-o de outros tantos grandes troncos ou palmeiras que o atravessavam, quando no anno de 1802 nos transportámos por elle d'aquella fazenda Alegre para a do Bom Successo, pequena distancia de dez leguas, na qual por este motivo despendemos cinco dias de viagem, descendo ajudados da corrente. Todo o resto d'este rio é de bom fundo, excepto nos logares das suas cachoeiras.

38. Chamam-se cachoeiras aquelles resaltos ou giros que a força da correnteza dos rios forma logo que de improviso se despenha de maior altura, ou acha opposição em algumas pedras e elevações que se sobresahem do plano do seu leito e lhe tiram a igualdade: d'esta

segunda natureza são todas as dos rios d'esta capitania. Antes do Itapicurú se unir ao rio Alpercatas tem a pequena cachoeirinha de Santa Anna, a qual não é mais do que um pequeno raso de poucas e miudas pedras; depois de juntos (tratamos de cima para baixo) tem a chamada cachoeira das Tres Irmãas, formada por outros tantos penedos, que sobresahindo á superficie das aguas se perfilam pela largura de todo o rio, deixando-lhe comtudo entre si canaes sufficientes; segue-se a do Sanharó, poucas braças abaixo de S. Zacharias; e d'esta em diante, no espaço de dezesete leguas até Caxias, se encontram vinte e duas cachoeiras, das quaes é a mais perigosa, segundo o nosso parecer, a do Canal torto.

39. Dizem alguns que estes pequenos obstaculos são o motivo de não o navegarem canôas grandes para o sudoéste d'aquella villa; porém quanto ao que julgamos, sua unica causa é sómente a falta de uma verdadeira precisão, porque se a população e cultura d'esta grande e melhor parte do rio algum dia se facilitar, o interesse dos que então existirem fará remover os taes pretendidos obstaculos, com a mesma facilidade com que já se removeram aquelles que em outro tempo o receio tambem phantasiava na idéa que se fazia da sua navegação de Caxias, hoje tão frequentada, sem que mais lembrem a Cachoeira grande e a do Angical, a dos Gatos, Barriguda e outras, para que d'ellas ao menos deva tratar-se.

40. Uma legua acima da foz do rio está a grande cachoeira chamada da Freguezia, a qual se monta para cima com meia maré de cheio, e se desce para baixo no collo da preamar: é com effeito a mais consideravel e arriscada de todo elle, e muitas embarcações nunca dispensam os practicos de similhante passagem, os quaes sempre alli se acham promptos por sua ganancia. Na margem oéste do dito rio, sobre a mesma cachoeira, se divisam ainda os fragmentos de um pequeno forte, que foi construido antes que os Hollandezes possuissem a capitania, e que ainda ha poucos annos acabou de arruinar-se por descuidos bem reparaveis, pois teria sido grande prudencia o haver-se conservado (cousa que pouco custava) como chave dos sertões da capitania por este lado, porque no caso de futuras precisões,

o auxilio da referida cachoeira não permittiria passar por alli contra vontade de qualquer pequena guarnição o mais ligeiro barco de pescadores. Grande infelicidade tem sido a d'esta capitania a esse respeito de suas fortificações e estado de defesa, maiormente n'estes ultimos tempos! Parece até que de proposito se tem deixado ir tudo pele agua abaixo! Nada porém se faz tão recommendavel relativo ao mesmo forte como a nova actual creação de um seu governador, muito tempo depois de que elle se destruiu e inteiramente evaporou; e o mais é que está em iguaes circumstancias o de S. Sebastião d'Alcantara, e tambem outros d'esta capitania, etc. Deve advertir-se que todas as cachoeiras de que tratámos, á excepção d'esta da Freguezia, são apenas trabalhosas no tempo de vèrão, quando por se diminuirem as aguas tambem em partes o rio se diminue de fundo, e porisso fica bem entendido que é facil de navegar todo elle, logo que as do inverno lh'o tornam a restituir.

41. Este rio seria de sua natureza todo limpo na principal porção que hoje se navega, se não fôra a indifferença com que pelo meio d'elle se deixam conservar immensos d'aquelles páos, que as invernadas despedem das suas ribanceiras, muitas vezes derrubados tambem pelos proprios lavradores sesmeiros em suas testadas do rio, e a cujos páos a corrente faz encalhar e arrear no fundo uma ponta, levantando-lhe a outra como espera das pobres embarcações, servindo tantas vezes de prejuizo quantas são aquellas que n'elles tem naufragado, com percas consideraveis, não só para os interesses publicos commerciaes, mas ainda para os do proprio monarcha pelos direitos que perde nos generos que naufragam. Cada um dos sesmeiros de suas margens deveria fazer esta limpeza nas testadas que lhes coubessem, e á custa das camaras respectivas deveria ella ser feita n'aquellas partes a que pertencessem os logares publicos das mesmas margens.

42. Da freguezia do Rosario até á villa de Caxias é povoado por um e por outro lado de ricos lavradores, os quaes á sua borda se estabelecem mais ou menos commodamente, conforme lhes permitte a situação das suas sesmarias; mas de S. Zacharias para cima ainda

deserto, está sem embargo d'isso confusamente repartido em datas tão numerosas, que ha tres e quatro titulos de uma só porção conferida a differentes sesmeiros: quando para o futuro aconteça demarcal-as, o progresso das suas demandas não dará pouco que fazer aos tribunaes da justiça.

43. Já em outro tempo foram povoados seus campos em Pastos Bons, os melhores para a criação dos gados, e alli com mais de sessenta estabelecimentos d'este genero formavam esta ribeira uma das mais populosas do districto; porém os Indios Sacamekrans, de que tratámos na memoria respectiva, e outros que com estes se confinam, tornaram a vertel-os em desertas solidões, destruindo a maior parte dos ditos estabelecimentos, e indo gradualmente tanto em augmento essa devastação, que já hoje na dita ribeira muito poucos conhecemos, e esses mesmos quasi exhauridos; circumstancia esta pela qual póde fazer-se idéa do quanto ella estará devoluta, e de quão pouco é o numero de seus habitantes.

44. D. Francisco de Mello Manoel da Camara, governador e capitão general que foi d'esta capitania, instado d'estes motivos e havendo em vistas as cartas regias de 12 de Maio de 1798, tentou judiciosamente pelas suas ordens de 17 de Novembro de 1806, 19 de Março e 29 de Novembro de 1807, 11 e 24 de Março de 1808, restabelecer em parte as perdidas vantagens d'esta ribeira, promovendo a navegação de todo o rio Itapicurú com a fundação do arraial do Principe Regente, que mandou estabelecer no ultimo ponto navegavel de maiores barcas, que é na confluencia do Alpercatas: o que com effeito ia a conseguir-se com passos agigantados, porque não só algumas d'aquellas referidas fazendas de gado principiavam a recuperar-se, e a subir tambem da villa de Caxias algumas feitorias de lavoura, que alojaram a meia deserta distancia dos dous locaes, praticando entre elles novas estradas e communicações; como porque frequentada a total navegação do mesmo rio, que logo succedeu, chegou até a haver commercio d'esta capital para aquelle referido arraial. Ficaram porém pela ausencia d'aquelle excellente general sendo como se não fossem tão proveitosas diligencias. Prevaleceram em razão da intri-

ga, que é geralmente sabida por toda a capitania e talvez até na côrte, opiniões que fizeram destruil-o só porque era aquella uma creatura sua, e por consequencia estagnou-se de novo a navegação, tornaram a recuar as fazendas de gado e as feitorias; a lavoura do centro, que promettia esperanças pela commodidade da mesma navegação, ficou desvanecida; ganhou calor o gentio, e tornou esta ribeira a jazer na mesma apathia em que estava. Eis-aqui pois o como el-rei nosso Senhor é mal servido nas provincias mais distantes de suas vistas, e o como é tambem que o miseravel publico padece sacrificado aos caprichos e á rivalidade de certos homens, que por infelicidade representam no estado das cousas.

45. A ribeira da Parnahyba principia tambem na povoação das Queimadas, situada sobre o rio d'este nome, e sóbe encostada a elle para o sudoéste até á confluencia do rio Balsas, limitando-se para oéste com a origem geral que fazem as vertentes que regam a ribeira do Itapicurú, por isso mesmo que estas duas ribeiras se dilatam parallelas todo o espaço que entre si correm equidistantes estes dous rios. Tem poucos matos proprios de boa cultura, e seus campos são dilatados, porém de má qualidade, porisso que os gados que criam não gozam o melhor preço. Sua população é a mais antiga do districto, e porisso a mais numerosa, supposto inclua grande pobreza, que vive unicamente das caças ou das pescas do mesmo rio. Produz muitos cavallos, pois que mais ou menos todas as suas fazendas tratam d'esta criação, se bem que são raros aquelles que offerecem boa montada; e porque quasi no geral tem pequeno corpo e nenhum fogo.

46. Comprehende em si o logar capital de Pastos Bons, e o da Passagem da Manga, segundo depois d'aquelle, apezar de mais bem povoado, chegando a ter de noventa a cem fogos, com uma soffrivel capella. São geralmente pobres os seus moradores, sem embargo de ser notavel a frequencia de passageiros para todas as minas do Brazil, para o Piauhy, Bahia, Pernambuco, S. Paulo, e para todo o mais continente de léste e sul, cujos viandantes na ida ou vinda pagam as quantias que alli se lhes estabelecem

pelo contracto real das passagens do mesmo rio, e das quaes é esta a mais principal.

47. Não tem, assim como todo o districto em geral, especie alguma de seria administração civil policiada ou militar, nem alli presentemente ha mais do que um Francisco Germano de Moraes, natural do mesmo districto, homem pardo disfarçado, o qual está encarregado de olhar para esta ribeira e pela do Itapicurú. Este mesmo sujeito, quando commandámos algumas vezes todo o territorio em geral por ordem dos ex-governadores e capitães generaes d'esta capitania, foi algumas vezes por nós occupado em algumas commissões d'esta natureza, para que tinha sufficiente actividade, e de que deu boa conta; mas era isto no circuito de poucas legoas em torno do seu domicilio: hoje porém, longe de vistas superiores, e encarregado de governar em chefe estas exorbitadissimas distancias, que comprehendem o circumferencial de mais de cento e cincoenta leguas, que não póde correger sem abandonar a sua casa, consta haver-se descuidado d'aquelle objecto, e conduzido de um modo tal que não satisfaz os moradores, havendo d'isso sobejas provas na secretaria d'este governo da capitania. Similhante falta pois de uma administração bem regular (*) não póde deixar de fazer-se sensivel aos dous locaes e ás mesmas duas ribeiras, e tambem que este ultimo logar da Manga e seus arrabaldes sejam a principal porta por onde entram para estes sertões todos os vadios e criminosos, que pelos seus delictos vem fugindo das capitanias visinhas, e que em todos aquelles mesmos sertões perpetram os roubos, assassinios e mais attentados que lhes inspira seu máo natural, ou aquelles que lhes pagam suas pensões os estabelecidos moços peior intencionados, quando são poderosos, ou tendo-os a si como aggregados e valentões. Di-

(*) Succede o mesmo com a administração geral das ribeiras do sul; as de Grajaú e Balsas tocam a um Francisco Alves dos Santos, e as de Lapa, Farinha e S. Pedro d'Alcantara, a Elias Ferreira Barros: qualquer d'estes velhos tem oitenta annos de idade. Seus filhos, genros, netos, bisnetos, compadres e amigos são os que dispõem d'estes commandos, os que escrevem e dirigem, &c.

zem que a desgraçada revolução de Pernambuco deitou para aqui bastante d'esta gente.

48. Desde a confluencia do rio Balsas dá sufficiente navegação a esta ribeira o rio Parnahyba, o qual quando nasce nos ultimos sertões de Pastos Bons é já corrente abundante. Além do rio Balsas, que lhe desagua de oéste, lhe desaguam tambem de léste os rios Uruçuhí, Goroguêa, Piauhy, Calindé, Potí e Longá. Seus terrenos de léste, que pertencem á capitania do Piauhy, são taes e quaes os de oéste sem lavoura e máos criadores de gados; apezar d'isso estão geralmente povoados um e outro até ao mar; tem estes tanta abundancia de caças, como o rio tem de peixes; suas aguas são saborozissimas e saudaveis, em quanto elle demorando-se pelo mais alto territorio de Pastos Bons não recebe aquellas do Goroguêa, que lhe entram pouco ao sul da Passagem da Manga; porque d'aqui para o norte torna-se com estas e com as do rio Potí, que recebe perto de Caxias, de uma qualidade tal que o fazem epidemico até á sua barra. Até hoje a principal navegação de Pastos Bons se faz por elle em balsas ou jangadas de burití, exportando seus moradores para a villa de S. João da Parnahyba os insignificantes generos que podem transportar, ou em que podem traficar.

49. Não ha em todo o dilatado curso que descreve, e que excede a trezentas leguas, cachoeiras tão inaccessiveis que possam impedir aquella navegação, á excepção das chamadas Vargem da Cruz e Boa Esperança: ainda essas mesmas as navegámos no verão de 1802, sem perigo algum. Consta-nos por proxima tradição dos mesmos habitantes que já em certo tempo chegára á foz do rio Balsas, mais de cento e cincoenta leguas entranhada pela terra dentro, uma canôa de coberta, pertencente a João Paulo Diniz, que n'aquellas alturas possuia varias fazendas de gado. Sua largura já em Pastos Bons excede a mais de trezentos passos, no Potí excede a quatrocentos, e d'alli para o norte tem logares com mais de seiscentos. Quando no verão se lhes descobrem muitas e espaçosas corôas de arêa, plantam n'estas os habitantes das margens fructas e tabaco de fumo em quantidade até para exportar.

50. Em o anno de 1770 abriu aquelle João Paulo Diniz novo caminho para a extracção dos seus gados de Pastos Bons, levantando officinas nas margens do mesmo Parnahyba, aonde os reduzia a carnes sêccas, que carregava para a Bahia, Rio de Janeiro e Pará; cessou porém este commercio, e assim aquelle que a seu exemplo poderia firmar-se do mesmo genero para esta capital do Maranhão pelas escalas do Potí e Caxias.

51. Como as terras que pertencem á ribeira do Parnahyba estão totalmente povoadas, abrangendo ella com a sua confinante Itapicurú um consideravel terreno, contendo dous logares publicos, podem ellas reunidas dividir-se em dous julgados ordinarios, cujas varas residam n'estes locaes, podendo succeder que ainda assim mesmo não ficassem bem administradas em razão das suas grandes distancias.

52. A ribeira de Neves, com mais de trinta leguas de noroéste a suéste, e com menos de dezoito de nordéste a sudoéste, confinando pelo lado sul com as da Parnahyba e Itapicurú, póde facilmente trazer á esta capital, pelos rios de uma e outra, as carnes sêccas dos seus gados, que são abundantes e famosos, principalmente pela communicação que com o Parnahyba tem o rio Neves, mediante o seu confluente Balsas, e depois que elle dito Neves atravessa toda esta ribeira, havendo nascido pouco ao suéste da ultima ponta da serra de Itapicurú, cujas vertentes o formam e tornam de sufficiente largura e fundo pelo inverno.

53. A população d'esta ribeira nada lhe deixa de voluto. Os seus estabelecimentos contém melhores cavallos do que os da Parnahyba, porém em muito menor quantidade, e as suas lavouras apenas bastam para o sustento dos habitantes, os quaes por agora tambem não chegam a grande numero. Suas aguas são muito poucas no verão.

54. A ribeira da outra banda de Balsas contém todo o espaço que se acha entre este rio e o do Parnahyba, consideravelmente dilatado até ás cabeceiras de um e outro, no entanto que só tem povoada uma pequena parte proxima ao encontro dos dous confluen-

tes, ponto em o qual se acha tambem o seu local principal S. Felix de Balsas, que tem boa capella e mais de sessenta fogos, não só dos Indios Acroás, porém tambem de particulares que n'elle vivem; e além d'isso juntam-se alli pelas principaes festas do anno todos os moradores d'esta ribeira e da de Neves, motivo porque reunidos podem formar um julgado ordinario, cuja vara resida no mesmo local. A população d'esta ribeira é tão pouco numerosa como a de Neves; póde porém vir a ser totalmente povoada, e será n'esse caso uma das mais populosas do territorio, não só pela commoda navegação dos dous rios, como porque os seus gados, proporções de terreno e lavoura, são até mais vantajosos do que os da mesma Neves. É de alguma fórma perseguida pelos gentios da nação Chavante, que descendo dos sertões de Goyaz, atravessam o rio Manoel Alves Grande e as cabeceiras do Balsas, não se descuidando de tambem visitar a ribeira de Neves, cuja extrema suéste é situada á borda do mesmo Balsas. Tem por varias vezes levado captivas algumas familias, e ainda agora no dia 23 de Fevereiro d'este anno de 1819 mataram na fazenda Olho d'Agua trinta e uma pessoas, devendo-se a maior parte d'estas desgraças á decrepita estupidez dos seus commandos actuaes.

55. A ribeira que verdadeiramente se chama de Balsas é aquella que principia a oéste d'este rio, e que vai ao noroéste correndo parallela com a de Neves, sua confinante pelo sudoéste, tocando aquellas suas extremidades noroéste as primeiras vertentes do Mearim e Grajaú. É completamente povoada, os seus gados são abundantes e dos melhores do districto. Tem alguma criação cavallar, talvez melhor que a de Neves; assim mesmo é a sua propriedade para lavouras, e são os seus habitantes em maior numero. Em outro tempo foi grandemente hostilisada pelos gentios Caraôus ou Macamekrans, que chegaram a fazer n'ella devastações horrorosas; hoje porém, depois de paz a que foram obrigados em 1809, apenas soffre alguns assaltos da nação Chavante. É cortada de noroéste a sudoéste pelo insignificante rio Macapá, inteiramente innavegavel, o qual vai fazer barra no rio Balsas: este ultimo é quem dá o nome

áquellas ribeiras, porque lhe presta a sua navegação e principaes vertentes que lhe saciam a sêde.

56. Nasce o rio Balsas e corre mais a oéste do que o Parnahyba seu parallelo, porém d'aquella mesma serra que já fórma todos os confluentes que notámos pertencerem ao dito Parnahyba, e da qual nasce tambem o rio Manoel Alves Grande. Sua largura é muito maior do que a do rio Itapicurú para cima de Caxias, e tão consideravel o seu fundo que na maior sêcca lhe não chegam as compridas varas das balsas ou jangadas que o navegam, e as quaes a este rio deram o nome por umas que os gentios n'elle apresaram dos seus primeiros habitantes: assim mesmo é de trabalhosa ou quasi difficil navegação n'aquelle tempo e em similhantes embarcações, por ser o seu leito tão montuoso que o torna geralmente encachoeirado.

57. Emprehendemos navegal-o em Setembro de 1815, descendo por elle nas taes balsas, mas em tres dias de viagem apenas montámos doze leguas desde a fazenda Agua Branca até á da Varginha: estivemos embaraçados por grandes cachoeiras, das quaes passámos mais de quarenta, quasi naufragados em muitas d'ellas; encontrámos outras tantas ilhas, das quaes pela mesma razão montuosa o rio é abundante, e n'estas um igual perigo pela violencia das correntes nos apertados caminhos, que ellas deixam entre si e a terra firme, entrincheirados de muitos páos, que de qualquer das margens se debruçam ao lume d'agua. Finalmente não foi possivel prolongar-se mais a navegação, porém advertiram-nos os habitantes de que o inverno era o seu proprio tempo, e que então se fazia muito suave e breve, por estarem as ilhas e cachoeiras sufficientemente profundadas debaixo d'agua.

58. A ribeira da Lapa é a maior de Pastos Bons, comprehendendo-se desde a foz do rio Sereno no Manoel Alves Grande até ás cabeceiras d'este ultimo e ás do rio Balsas, de cujas primeiras vertentes participa até confinar-se com o lado sudoéste da ribeira de Balsas; e supposto que ella se ache ainda em muito pequena parte povoada, são comtudo famosas e abundantissimas as suas cria-

ções de gado, e seus cavallos os melhores do districto, ou ainda de toda a capitania. Esta ribeira extrema com a capitania de Goyaz pelos rios Tocantins e Manoel Alves Grande, seus montes quasi que não interrompem os dilatadissimos campos que a formam, e suas aguas são as mais abundantes e selectas de todo o Maranhão. É exposta a continuas correrias dos gentios Chavantes e Xerentes. A natureza arenosa dos seus terrenos e de poucos matos é impropria de maiores lavouras. Quando para o futuro chegar a povoar-se, deverá formar per si só dous julgados ordinarios: no entanto o pouco numero de seus actuaes habitantes, reunido aos da ribeira de Balsas, não exige mais do que um para que se considere menos mal administrado. As principaes correntes que em grande parte a cortam são o riachão do Coelho e aquelle rio Sereno, ambos pouco importantes, fazendo aquelle barra no rio Balsas.

59. A ribeira da Farinha é a mais pequena de todas, quanto ao que entretanto se lhe nota povoado, sendo tambem a mais moderna, pois que ha poucos annos se conquistou dos gentios Macamekrans, os quaes abandonando-a em 1809, se encostaram ás margens do Tocantins, ou ainda alguns as atravessaram para oéste. Limita-se para o nordéste com a ribeira de Grajaú, para léste com a de Balsas, para o suéste com a da Lapa, para oéste com o districto de S. Pedro de Alcantara, para o noroéste com a capitania de Goyaz, e para o norte com os incultos e vastos terrenos que n'este rumo se dilatam, possuidos por immensas povoações Timbiras, que habitam aquelles desaproveitados centros do Maranhão por entre as cabeceiras dos rios Pinaré, Tury e outros que desaguam para a capitania do Pará; podendo ser por todo este gentilismo, e ainda pelo que vive além do Tocantins, grandemente hostilisada. Os seus campos, gados, proporções de lavoura e suas aguas são iguaes ás da Lapa, porém os seus habitantes são menos do que os de qualquer das outras ribeiras. É regada pelas vertentes do rio Farinha, que a corta pelo meio de suéste a noroéste.

60. O rio Farinha nasce ao noroéste da serra chamada Covoadas, de cuja ponta suéste nasce tambem aquelle riachão do Coelho,

chamado assim pelas fazendas de gado que á beira d'elle tem situadas Manoel Coelho, um dos seus primeiros descobridores e povoadores; e partindo da dita serra como do seu ponto central d'entre ambos estes dous correntes, vai o riachão do Coelho regando a Lapa até que entra no Balsas ao sul da foz do rio Macapá; e o rio Farinha vai para o noroéste formando esta ribeira de seu nome até perder-se no Tocantins, dezeseis ou dezoito leguas ao norte da povoação de S. Pedro d'Alcantara. É innavegavel por não ter fundo. Os terrenos da sua bocca podem conter minas de ouro, cuja especulação tem impedido os gentios seus habitadores.

61. A ribeira do Grajaú, pelas muitas vantagens que lhe assistem, podendo até communicar-se directamente com a sua capital S. Luiz pelas abundantes correntes dos seus rios Mearim e Grajaú, é porisso tão famosa como desgraçada; pois que seus habitantes nos fraquissimos passos que tem dado, quantos em suas debeis forças cabem para utilisal-as, tem sómente encontrado, em logar dos soccorros que para tão justos fins deveram sustental-os, infelizes successos que totalmente os hão destruido. Todos os terrenos que se acham regados pelas altas vertentes d'estes dous rios pertencem á esta ribeira, no entanto que sómente abrange povoadas poucas leguas de sul ao norte, e de léste a oéste. Pela descripção das antecedentes se conhece o como entre ellas se deposita, e que fica por isso coberto o seu lado sul de que possa ser offendido, ao mesmo tempo que por todos os outros fica cercada de muitas povoações Timbiras, que a hostilisam, especialmente os Piocobgés, sendo estes aquelles que mais cruelmente a tem perseguido, não só obstando o augmento de sua população, mas diminuindo-lhe aquella que já está promovida, circumstancia esta que, se fosse melhorada, podia ella estender-se para os referidos tres lados com incalculaveis lucros da sua capitania; porque não só os seus vantajosos campos produzem famosos gados, que podiam bastecel-a de carnes de fabrico, mas ainda mesmo com a cultura engrossando-lhe o commercio, pelos resultados das interessantes lavouras de que são proprios os seus dilatadissimos matos, tão preciosos como os do rio Itapicurú, e assim mesmo tão susceptiveis

de utilisarem-se pela completa navegação dos sobreditos Mearim e Grajaú.

62. Nasce o rio Mearim das ultimas pontas da serra de Itapicurú, e engrossando a sua corrente com a do pouco importante rio Cannella, que outros appellidam Rio da Corda, e que lhe entra de léste, vai para o norte encontrar com o seu confluente Grajaú, poucas leguas acima do logar da Victoria, capital da freguezia do Mearim, junto da sua foz. Tem algumas corôas de arêa e cachoeiras, que lhe fazem trabalhosa a navegação na estação sêcca; mas pelo inverno merece ser navegado, e utilisaráõ muito com isso todos os sertões de léste e os das suas cabeceiras.

63. N'este systema se propôz o padre Felippe Neri de Faria a navegal-o, descendo da fazenda chamada Pratinha, situada nas mesmas cabeceiras, e nos affirmou que em tempo proprio poderiam embarcações de boa carga utilisal-o. Este acerrimo explorador fez ainda duas ou tres vezes esta viagem; mas como n'ellas gastasse a maior parte dos bens que possuia, não achando mais quem quizesse acompanhal-o logo que não teve que gastar, nem quem a elle lhe désse os soccorros que pediu para continual-as, falleceu sem poder ultimar a sua frequencia. Ha genios que instados sómente do seu espirito patriotico, sem outro algum interesse que os mova (o que é bem raro), emprehendem descobertas, que se ellas se ultimassem dariam grande lustre aos Estados; mas succede infelizmente que quasi sempre abandonados pela indifferença superior, não podem só por si mesmos chegar á meta sublime e physica a que suas idéas se propoem, e porisso tão generosos esforços ficam ordinariamente sendo como se não fossem.

64. O rio Guajaú, como na capital o denominam, ou Grajaú, como seus moradores lhe chamam, nasce tambem em Pastos Bons, dezeseis ou dezoito leguas mais a oéste do que o Mearim, e corre por entre as serras do Negro, da Cinta e da Desordem, as quaes com os copiosos regatos brotados das suas fraldas lhes engrossam as primeiras correntes, e fazem já bem navegavel até ao Mearim, aonde perde o nome apezar de ser o ramo

mais principal d'este tronco. Foi a primeira vez navegado por Antonio Francisco dos Reis, o qual com outros de sua familia, moradores n'aquellas cabeceiras, desceu por elle a 11 de Março de 1811 em pequenos barcos, que lá mesmo para esse fim fabricou. Viajou um dia por entre campos, e onze por dentro de grandes matas até ás fazendas Lages e S. Benedicto, situadas na extrema sul dos seus povoados na beiramar. Esteve comtudo em perigo de perder-se acossado pelos gentios Piocobgés, os quaes para colhel-o ás mãos o cercaram varias vezes com tapagens de mato feitas ao lume d'agua, valendo-lhes finalmente para escapar de uma chuva de flechas haverem forrado bem as toldas das canôas com grossos e seccos couros de boi, invulneraveis áquelles tiros. Achou-lhe no espaço incognito mil e oitenta e nove voltas ou estirões, até aquellas fazendas. O governo da capitania lhe concedeu alguma tropa para a sua retirada; mas em todas as outras viagens, que ao depois teve emprehendido por este rio, não foi jámais soccorrido.

65. Convidados os outros habitantes seus compatriotas pelos lucros que elle e seus companheiros deveram ter percebido d'esta descoberta e navegação, levando da capital muito sal e generos em troco das carnes que aqui trouxeram, resolveram continual-a, e para que mais commodamente podessem em qualquer tempo fazel-o, fundaram n'aquella ribeira a povoação denominada porto da Chapada sobre a margem léste do rio, fabricando pequenas embarcações na fórma que poderam, e tambem casas para vivenda, com armazens para deposito do sal e genero, e lançando por este modo os principaes alicerces de um estabelecimento, que se tivesse sido animado e sustido como devêra, faria certamente para o futuro muita utilidade á capitania. Mais de quarenta pessoas foram as que ao primeiro passo se propozeram ser os povoadores d'aquelle novo local, ao qual já vinham muitos habitantes das ribeiras visinhas prover-se commodamente dos utensilios, que d'antes tão trabalhosos lhes eram de conduzir por terra desde a villa de Caxias, distante duzentas leguas; commercio aquelle que certamente se teria augmentado, mas como por falta de solidos principios não pôde succeder assim, viu-se las-

timosamente cortada em flôr aquella planta, da qual já tamanhas esperanças haviam nascido.

66. Ciosos aquelles Timbiras Piocobgés dos progressos da nova povoação, que os assombrava, e talvez para o futuro impederia fazer as suas correrias no interior da ribeira, resolveram a todo o custo livrar-se d'ella; o que com effeito fizeram queimando vivas trinta e oito pessoas, que colheram desapercebidas dentro das suas mesmas habitações, a que barbaramente pozeram fogo, e ás mesmas embarcações abicadas na praia, levando o sal ou generos que poderam carregar, e deitando o resto ao rio ou ao mesmo fogo. D'esta carnagem, que foi succedida em 1814, apenas escaparam vivas uma menina, que os barbaros levaram captiva, e cinco ou seis pessoas, que por felicidade sua andavam fóra da povoação na occasião do desastre.

67. Já poucos tempos antes haviam os referidos Timbiras Piocobgés assassinado Manoel José da Assumpção, valente cabo que com quarenta paisanos intentou defender das suas incursões esta ribeira, sem que da mesma tropa escapasse mais do que apenas um só homem, que mal ferido pôde chegar a povoados para contar o como succedêra tão lamentavel desgraça; sendo por estes e outros referidos acontecimentos que afugentados a maior parte dos habitantes do Grajaú, são tão poucos os que ainda alli existem, que apenas bastam para defender muito mal os ameaçados estabelecimentos que n'ella restam.

68. Passados alguns annos, quiz novamente a mesma ribeira restabelecer no porto da Chapada, ou sobre suas ruinas, outro logar publico a que chamou S. Paulo do Norte, e ainda para alli se lhe prestou um destacamento de tropa de linha, que já o desamparou; porisso e porque o terror da primeira desgraça ainda está muito presente aos olhos dos habitantes, elle não tem florecido. Assim mesmo foi tambem mandada com quarenta soldados estabelecer por Francisco José Pinto de Magalhães, a meio deserto do rio, a povoação chamada Leopoldina. Conseguiu elle postar-se alli, e entrar em trato amigavel com os Piocobgés; porém em anno e

meio mais nada tem alcançado do que o quebramento da trégoa com os Indios, que sem motivo mataram um soldado: elle mesmo Pinto desappareceu d'alli com dezoito homens, deixando o resto exposto a todo o perigo depois de padecer, como actualmente está padecendo, as maiores miserias de sustento e nudez, totalmente abandonado da lembrança da sua capital. Nem um só povoador se lembrou ainda procurar a povoação Leopoldina, e portanto existe ella sómente na idéa.

69. Resta-nos pois, quanto aos particulares districtos de Pastos Bons, tratar sómente do districto de S. Pedro d'Alcantara, que já hoje lhe pertence, supposto que por deserto não entra ainda em concurrencia com aquelles. Não tem alguma população em suas circumvisinhanças, além de tres aldêas de gentios Macamekrans, os quaes embora estejam de paz desde 1809, não são comtudo seguros, pois vivem sobre si, ao seu modo barbaro, e sem especie alguma de civilisação. A capacidade que o districto tem para lavouras é pouco sufficiente, ainda não tem criações de gado vaccum, e para a dos cavallos são seus campos os peiores possiveis; tem boas aguas, e por toda parte o rodeiam nações gentias.

70. O seu, a bem dizer, phantastico local de S. Pedro d'Alcantara foi fundado em 1810 por Francisco José Pinto de Magalhães, que offereceu este seu serviço a Goyaz, aonde elle dito Pinto pertencia. Este homem, morador em Porto Real do Pontal antes d'esta fundação, occupava-se em pequeno commercio por aquelle Tocantins para o Pará, e como em uma d'estas passagens encontrasse familiaridade nos gentios provinda d'aquella paz, soube aproveitar-se ao ponto de elles lhe consentirem levantar pacificamente essas poucas palhoças que formam a povoação. Seus habitantes povoadores, quando alli chegámos, era o mesmo Pinto com seus domesticos, e menos de vinte pessoas pobres, que viviam quasi como os mesmos selvagens, subsistindo até das miseraveis batatas que estés plantavam, ou das raizes silvestres que colhiam, succedendo-nos a nós algumas vezes o mesmo; porque não havendo alli terras proprias para cultivar, nem ainda cultivadores, supposto que as houvesse, é necessario fazer conduzir

da distancia de trinta leguas desertas qualquer pedaço de carne, e alguma muito pouca farinha de páo para sustentar por alguns dias a vida. Hoje ainda vive alli menos gente, porque apenas consiste em quatro soldados e um cabo de esquadra, que para lá destacaram ha perto de quatro annos; tropa esta que alli consideramos inutil, porque se é para conter em respeito os gentios não estando esses de paz, n'esse caso não bastariam nem quatrocentos homens bem disciplinados; e se os gentios estão de paz, são escusados alli os mesmos oito, e muito mais escusados quando nos consta que a necessidade os obriga a não viverem no seu quartel, porém sim dispersos pelas ribeiras visinhas, aonde se demoram e fazem continuadas desordens. Poucos mezes ha que mataram porisso mesmo na ribeira da Farinha um soldado, outro vive extraviado na ribeira de Balsas ha dezoito mezes, outro estava aqui demorado na capital ha pouco tempo, e portanto não restavam acolá mais do que cinco, que valiam tanto como os oito, e tambem como nenhum.

71. Teria este logar abrangido as vantagens que lhes faltam, se com melhor eleição tivesse sido fundado mais duas leguas ao sul na barra do rio Manoel Alves Grande, porque alli não só ha melhores terrenos para lavrar, como excellentes madeiras para casas de vivenda, artigo que tambem falta em S. Pedro d'Alcantara. Levaria então a navegação do sal e generos pelo mesmo rio ao interior da ribeira da Lapa, e conservaria ao mesmo tempo mais solida não só a communicação d'esta capitania com a de Goyaz, mas até uma mais consoladora escala aos navegantes do Tocantins, na conformidade do que Sua Magestade manda na carta regia de 5 de Setembro de 1811, e para a execução da qual se não ha dado ainda até hoje um só passo, assim como succede com a de 11 de Agosto de 1813, a respeito do Grajaú. Está visto porém que para promover-se a execução d'estes pontos não são precisos nem bastam oito soldados deixados em abandono e entregues á miseria; lucra mais n'esse caso a bondade superior animando a isso os habitantes visinhos melhor morigerados de bens e de costumes; porque em tão remotas distancias das mesmas vistas superiores, só estes tem proporções para desempenhal-os em

parte, com tanto que sejam seriamente ajudados, e que com elles se cumpra o que el-rei manda, que é o que infelizmente não succede n'esta capitania presentemente.

72. Depois d'esta breve analyse dos particulares departamentos acima apontados, devemos ainda repetir, quanto ao que pertence aos seus terrenos por ora desertos de população e cultura domestica, que estes contém a maior parte e a mais excellente d'esta capitania, especialmente aquelles que depositados entre as altas vertentes do Itapicurú, Mearim, Grajaú, Pinaré e Tury, absorvem as melhores matas da mesma capitania, e talvez algumas espalhadas porções de campos consideraveis melhor empastados do que aquelles que ficam analysados; porisso quando para o futuro se desenvolver esta verdadeira mina encoberta, o seu ouro mostrará que a presente opulencia do Maranhão não é ainda devida aos seus maiores thesouros.

73. O clima de Pastos Bons, não só amigo do seu habitador, tanto que em toda a capitania não encontrámos homens tão velhos, sendo muito trivial alli entre elles a idade de cem annos, mas tambem de toda a natureza em geral, presta tão grandes auxilios á sua fecundidade e conservação, que não lembra sentisse ao menos uma vez só os effeitos da esterilidade; e é sobretudo tão favoravel á propagação dos gados, que se não fossem as devastações do gentilismo, o methodo máo da sua administração presente judicial, a subtracção que os vendilhões de fóra fazem dos seus gados de criar, e finalmente o máo estylo dos fazendeiros criadores, que com a mira de reputar bem os seus bois nas feiras, matam ou vendem as vaccas novas para a sustentação diaria do districto, applicação que ordinariamente lhes consome por anno grande numero d'ellas; não haveriam ainda n'este territorio tantos campos devolutos, porque em tal caso as multiplicações das vaccas, que assim contamos exhauridas, duplicariam por tal fórma o seu numero, que o levariam ao incalculavel, tanto em favor do publico, quanto este sempre interessa na abundancia dos generos da primeira necessidade.

74. É geralmente sabido que em outro tempo, e não muito dis-

tante do presente, a capitania do Maranhão tinha a vantagem de attrahir a si pelos seus copiosos gados de Pastos Bons os dinheiros da Bahia e Pernambuco, sem que por essa exportação dos seus bois, que eram os gados que então sómente se negociavam para fóra d'ella, faltasse aos seus habitantes em geral uma nunca interrompida profusão d'elles, tão vantajosa que reduzia nas feiras ou mercados publicos o mais refeito boi ao preço de dous mil réis, e nos talhos da capitania o arratel da sua carne a vintem, como ainda nós a comprámos em 1795; e mais isso era quando apenas tinha aquelle districto menos de oitenta leguas povoadas, e por consequencia menos razão de abundante do que hoje, que com o dobro na parte circumferencialmente occupada, deveria apresentar-nos em duplicados campos povoados duplicadas criações de gados.

75. Mas infelizmente não acontece assim, e ao presente toda essa mesma extensão povoada, que já não exporta para outras capitanias os seus bois, porque acha n'esta sua um preço a elles como nunca até agora exorbitante, tendo-os levado por vezes a dez ou a doze mil réis nas feiras, e nos talhos publicos a sessenta réis por arratel, como actualmente se acha; não póde ainda assim mesmo sustentar os seus habitantes por mais de seis ou oito mezes do anno, mendigando para o resto as boiadas que póde adquirir do Piauhy; porque se assim não fosse, já a necessidade e miseria, que temos observado na capital, teria feito morrer alguma gente de fome. Fica pois conhecido por esta tão attendivel differença o quanto em prejuizo da manutenção publica tem aquelles referidos extravios diminuido a criação dos gados d'esta capitania.

76. Bem se vê, pelo que respeita áquelles açougues das vaccas novas, deverem ser muito raras aquellas que ao abrir-se depois de mortas, não fazem ver em seus ventres os filhos ou filhas tambem mortos, que estavam para vir á luz, perdendo-se não só estes fructos, porém todos os mais que em cada um anno poderiam produzir, não só ellas em quanto vivas, mas ainda mesmo aquellas perdidas crias, que principiariam tambem a procrear aos tres annos de nascidas, segundo as épochas da sua natureza vitalicia: prejuizo este,

que bem considerado em total, dá uma physica idéa de qual deve ser a sua importancia a final.

77. Por outro lado nunca poderá ser menos notavel aquelle outro prejuizo, que se segue de consentir-se que os commissarios volantes, mascates ou commerciantes de corso, vindos das outras capitanias, se entranhem pelo interior d'esta a trocar pelas mesmas vaccas novas ou por novilhas cobertas, como elles lhes chamam, os seus retalhos de panno, quinquilharias e frascos de aguardente, subtrahindo d'estes logares, e por similhante modo, os mesmos gados, com o que arruinam predios inteiros, deteriorando-os de criações, e pondo seus proprietarios, moços sem reflexão que os herdaram populosos de seus pais, a pedir uma esmola, como ha pouco tempo succedeu a José Pinto de Mattos com a fazenda do Carnaubal, a Manoel Martins da Cunha com as dos Fortes e Suçuapára, e a outros dos quaes apenas se vêem hoje n'estes seus evaporados estabelecimentos os restos de velhos curraes queimados, e os campos sem o rasto de uma só vacca.

78. Assim mesmo não são menos attendiveis os estragos provindos das correrias do gentilismo, pois que com elles fazem soffrer ás desgraçadas fazendas hostilisadas segundos males, que não são menores em comparação dos primeiros, encontrando-se diariamente pelos nossos campos situados em suas fronteiras consideraveis matanças que elles fazem nos mesmos gados, além d'aquelles annualmente exhauridos com os ajuntamentos de gente paisana para se lhes fazerem infructiferas *entradas* ou *bandeiras*, como seus habitantes lhes chamam; sendo ainda mais os referidos gentios não pouco perniciosos á criação cavallar, da qual só para prejudicar-nos matam e destroem lotes ou manadas inteiras, fazendo com que por falta dos cavallos não possam algumas vezes bem fabricar-se os mesmos estabelecimentos.

79. Porém nenhum outro motivo poderia mais funestamente apparecer contribuidor para a devastação do mesmo districto, como fosse o methodo irrisorio da sua actual administração judicial. Quando ha poucos annos se tentou fazer villa de Caxias, que fôra até então

julgado de S. José de Aldêas Altas, e de dar-se um juiz de fóra á nova villa, tratou-se tambem de fazer capacitar o ministerio das utilidades que deveriam seguir-se annexando a este já dilatado termo os dilatadissimos julgados ordinarios de Pastos Bons e S. Bernardo da Parnahyba, assaz distantes da mesma villa, figurando-os (esses quaesquer que foram os interessados requerentes do logar) pequeninos districtos adjuntos, tão proximos e misticos que a um golpe de vista d'esta jurisdicção da villa poderiam ficar inteiramente bem corregidos: grande falsidade! E não se lhes arripiaram os cabellos a estes homens, quando tanto sem reflexão e tão temerariamente se atreveram a enganar o soberano sobre um objecto que á face do mundo inteiro não poderia, ou tarde ou cedo, deixar de vir a descobrir-se, e a patentear o seu ambicioso descaramento! Finalmente tudo se conseguiu, mas foi porque talvez não entreviesse ahi o parecer do governador e capitão general respectivo, auctoridade primaria esta, que por dever estar ao facto de todas as particularidades da capitania do seu governo, não poderia deixar, se fosse ouvida, de informar a verdade sobre um ponto de tanta importancia, e do qual dependia o destino de tantos povos.

80. Reunido pois em uma só administração o que até alli já com tres administrações fôra trabalhoso manejar por dilatado, a nenhum dos referidos territorios foi tão sensivel esta reunião como ao de Pastos Bons, segundo a distancia exorbitante de mais de duzentas leguas, que ha do seu limite sul áquelle novo erecto tribunal, o que assaz se deixa ver da carta da capitania; e é d'aqui que tambem tem vindo áquelles desgraçados estabelecimentos um não pequeno motivo de deterioração, porque esses dos seus proprietarios, que tem a tratar no dito tribunal inexcusaveis dependencias judiciaes, são muitas vezes obrigados a viajar mais de cem leguas para seguil-as em Caxias, demorando-se alli com dispendiosos gastos o extenso tempo preciso para ultimar-se uma causa, ficando todo esse tempo as suas casas e fazendas abandonadas ao furor dos gentios ou á pilhagem dos malfeitores; aliás devem sustentar tão longe um máo procurador, que lhes não zela ou que lhes vende as demandas; ou quando não,

sujeitarem-se a perdel-as, deixando-as correr á revelia. N'este ultimo systema perdem muitas vezes as propriedades sobre que versam seus litigios: nos primeiros faltando-lhes o dinheiro necessario para tão horrorosas despezas, que montam a contos de réis, vendem as suas criações para suppril-as, e como em qualquer dos casos vão sempre mal os mesmos estabelecimentos, é indispensavel que tenham grande diminuição.

81. Por outra parte, como para este mal que resulta de uma falta tal, como é o da proxima administração judicial no districto, tambem concorre o caracter adusto dos seus habitantes, deveremos agora analysal-o melhor do que o fizemos a n.° 11, e assim mesmo notar tambem aquelles males que pela mesma falta de justiça se seguem de vagarem por alli impunemente á sua discrição os vadios e criminosos refugiados das outras capitanias confinantes. Os senhores das fazendas ou os criadores dos gados exigem poucos assalariados, e ainda muito menos escravos, por ora que supprem quasi em geral com os seus proprios filhos aquelles, no entanto que não podem cultivar, unico cuidado do seu maneio campestre; o que a fazer-se methodicamente, seria assaz louvavel pela face que apresenta uma educação agil e robusta, que ao mesmo tempo incluisse as outras partes nobres de uma educação politica e moral: porém não succede entre estes assim, e antes pelo contrario não só as primeiras lettras lhes são desconhecidas, pois que em tanta extensão povoada não se viu até hoje uma escola publica ou particular, mas até as mesmas artes mecanicas não são por estes exercitadas, como que lhes fossem desnecessarias. Um ourives, um carpinteiro, um alfaiate ou um sapateiro, apenas lhes servem, quando dos outros districtos da capitania vão áquelle offerecer-se para ganhar sua vida n'esse pouco que acham para fazer de seus officios. Muitos, ainda mesmo dos mais ricos, não deixam de viver quasi nús em camisa e ceroulas de algodão grosso, e de comer ou dormir no chão sobre a pelle sêcca de um boi, sendo claro, pelo que d'estes principios se deduz, que mais ao estado brutal em que nascem e se criam, do que a um systema escolhido, devem elles tão pessima philosophia, e tambem o quanto como resultado

infallivel esses mesmos principios fazem com que não possa encontrar-se entre os propriamente nascidos alli muitos homens, cujo modo de pensar os constitua n'essa qualidade por outra alguma circumstancia, que não seja simplesmente a do seu instincto natural.

82. E poderia então ser possivel que nos centros de tão dilatada distancia um povo avultado e revestido de um caracter similhante devesse, entregue a si mesmo, ser considerado feliz, sem que no furor das suas paixões particulares, abandonado de toda a boa administração policiada, elle se despedaçasse entre si pela anarchia que lhe deve suggerir sua propria ignorancia? Certamente que não devêra isso esperar-se!

83. A mais pequena das suas intestinas differenças, á qual uma providencia prompta, se a houvesse alli, poderia logo occorrer, e prevenir funestas consequencias, é ordinariamente um signal para os maiores delictos. Succede muitas vezes, e isto além de outras differentes causas, que por indigencia ou malicia retarda um devedor o pagamento devido ao seu credor; volta este a toda parte os olhos, e apenas considera na villa de Caxias, tão distante, o poder da lei que deve decidir sobre a contenda: se elege este recurso, não tem meios que lhe facilitem sem grande sacrificio tão longa e dilatada viagem, ou quando os tenha vê-se obrigado a deixar por longo tempo os interesses da sua casa; e se não o elege, abandona ou perpetúa a divida, da qual pende muitas vezes o remedio da sua mesma familia. Que faz então? Entra n'elle em acção a sua rusticidade, allucina-se, arma-se, e conduz-se no meio de satellites a fazer-se com violencia justiça a si mesmo; encontra opposição tanto bem escoltada como elle, decide a força, e eis-ahi mais de um assassinio, que muitas vezes nem ao menos consta em Caxias para o seu conhecimento, quanto mais para a sua punição; ou quando consta é só para a devastação dos bens dos delinquentes, e por consequencia das propriedades do districto.

84. Um consideravel numero dos homens que vivem alli mais á ligeira, sem modo de algum estabelecimento, consta d'aquelles vadios e malfeitores, que, como temos dito, fogem das outras capita-

nias, e especialmente de Pernambuco, e vem entranhar-se n'estes sertões como em um seguro asylo seu, aonde falta quem por obrigação de seu cargo se intrometta com a averiguação dos motivos d'aquella emigração, ou com os resultados da sua conducta actual. Estes fazem alli grandes males, por isso que alguns habitantes mais prudentes fogem de acolhel-os nas suas fazendas; mas em contrabalanço acham outros mal intencionados que os acoutam, e d'elles se servem como de seus valentões para os acompanhar nas diligencias de que temos tratado, ou para sustentar quaesquer outros insultos, que uns a outros succede reciprocamente fazer-se. A sua mais frequente occupação é andar errantes, vestidos de pelles cortidas, montados em cavallos ordinariamente furtados, seu trem, um sacco á garupa com pouca roupa, um bacamarte ou espingarda, e algumas cargas de polvora. Assim andam de fazenda em fazenda offerecendo-se a quem tem que lhes dar a fazer proprio do seu officio, que é matar gente por dinheiro, não escapando nunca qualquer pessoa que é recommendada ao seu cuidado. Dão-lhes por esta boa obra de caridade duzentos mil réis, cem, e ás vezes trinta ou vinte, conforme a reputação mais ou menos acreditada d'este executor, ou a representação do sentenciado e posses do sentenciador. E como a coberto de taes insultos e desassocegos ninguem alli se considera seguro, concorre esta circumstancia quanto é possivel para que julgando-se n'aquella terra mal seguros os moradores prudentes, resolvem-se a emigrar, e vão com suas fazendas estabelecer-se em outras, que sejam melhor governadas.

85. Está pois conhecido, pelo que fica relatado, que em quanto aos primeiros motivos, que fazem uma parte de devastação dos gados de Pastos Bons, o mais leve aceno de uma firme determinação superior, que ordene contrarios procedimentos, póde facilmente obstal-os; porém em quanto a estes segundos, que provém da falta da administração e policia, elles serão tanto mais infalliveis e duraveis senão fôr:

1.° Que S. M. melhor informado das desgraçadas circumstancias d'este territorio, mande desannexal-o do termo da villa de Caxias, e

dividil-o em tantos particulares julgados ordinarios, quantos pela sua grande extensão espalhada da sua população, e pela posição das suas differentes ribeiras, se mostra ser necessario; conservando-se assim, em quanto para o futuro o augmento da referida sua população mais rendosa não puder soffrer o peso das varas brancas, no entretanto que as ordinarias tendo por lei a mesma jurisdicção julgadora, como actualmente tem, podem muito bem corregel-o debaixo dos auspicios que lhe apresenta uma Relação na capitania. Em qualquer dos districtos apontados póde sustentar-se, sem dependencia de emolumentos mais ou menos avultados, um juiz ordinario, que tem alli seus estabelecimentos de que subsista; porém nunca jámais tão cedo poderá sustentar uma vara branca, que unicamente deve viver dos emolumentos de seu cargo, os quaes o mesmo districto lhe não rende em termos habeis de manutenção sufficiente; e quando por esta causa quizesse antes estabelecer-se uma vara branca sómente para todo o territorio, supprimidas as ordinarias, nada com esta deliberação se adiantaria, porque nada se diminuiam os incommodos que uns districtos teriam em recorrer á aquelle aonde ella residisse.

2.° Que o commandante militar, que S. M. foi servido despachar proximamente para o mesmo territorio, seja munido de ordens positivas, que obstem no possivel os despendidos desmanchos, entretanto que não ha aquellas providencias judiciaes; e que seja mantido pela competente força de tropa, cincoenta homens pelo menos (já lá destacaram sessenta desde 1806 até 1810, e foi quando o districto esteve melhor defendido dos gentios e mais livre de criminosos), para que possa pôr em execução, como deve, todas as referidas ordens, e guarnecer os pontos mais precisos, como para pôr a coberto de risco a sua propria vida, afim de que lhe não succeda em similhantes diligencias o mesmo que em taes casos succedeu a Manoel Antonio, a João da Costa, e a outros commandantes, que havendo de pôr em execução as ordens dos seus governadores e capitães generaes, e não tendo força que os defendesse e sustentasse, foram feitos em pedaços pelos criminosos malfeitores, cujos assassinios, roubos e insultos quizeram obstar.

86. É este pois o estado actual dos sertões da capitania do Maranhão, que involvem em si, como fica demonstrado, e como pela competente carta topographica se vê, a maior parte d'ella, e cuja conservação lhes é tão necessaria: o que tudo nos decidimos a affirmar como pessoaes observadores de muitos annos, justificando-nos não só os immensos factos constantemente sabidos á aquelles respeitos, porém ainda a mesma voz publica em geral de todos os mesmos sertões.

87. No meio porém de uma situação tão critica, qual é aquella de deterioração dos gados, resolução alguma poderia mais promptamente operar para o futuro em favor dos povos de toda a capitania, como fosse a paternal lembrança com que S. M. resolve mandar crear, por conta de sua real fazenda, em alguns dos campos devolutos das differentes ribeiras de que fallámos, aquelles que mais proprios parecerem, o maior numero de fazendas de gado que pelo tempo adiante fôr possivel ir estabelecendo: passo este que tambem para os interesses da referida real fazenda póde vir a ser de attenção, e isto pela mesma ordem e debaixo do mesmo plano e principios com que se acham estabelecidas aquellas, que na capitania do Piauhy pertencem ao mesmo augusto Senhor, e das quaes a dita capitania tira actualmente a parte mais principal das suas finanças, não resultadas de outras alfandegas mais do que dos rendimentos das ditas fazendas, e dos dizimos das dos particulares, que geralmente não constam de outros generos além dos gados.

88. Em primeiro logar porque animados os criadores fazendeiros pelo poderoso exemplo que os amplia, duplicaráõ seus esforços no adiantamento das criações, cujos lucros, de mistura com os das novas fazendas de el-rei nosso senhor, farão mudar a seu tempo a face dos negocios d'esta natureza, tão mal parados aqui: e em segundo, porque tambem seguiráõ denodadamente ávante no progresso de sua população atrazada, e até no de proveitosa cultura em logares proprios, sem receiar o furor dos gentios, como hoje receiam vendo-se sós, e isto ao mesmo tempo que augmentados gradualmente, deveráõ ir entrando para os cofres reaes não só os interesses das re-

feridas fazendas, porém até os que devem provir dos dizimos dos novos gados particulares e das novas lavouras.

89. Sabe-se, pelo que respeita á criação das fazendas novas do sertão, ser costume dos mais veteranos criadores o seguinte:

1.° Organisar os curraes e casas de vivenda nas terras designadas, para os gados, vaqueiro e fabricas: vaqueiro é aquelle homem encarregado da criação dos bezerros, e de amansal-os ao menos por tempo de tres mezes no curral, para que quando criados novilhos não fiquem touros bravos, sem deixar conduzir-se, nem conduzir o gado aos curraes; porque se ficam crús, como os vaqueiros lhes chamam, e querem depois obrigal-os, investem á gente, matam os cavallos, e deitam a perder fazendas inteiras ensinando os gados mansos a embravecer-se e a esconder-se com elles pelo mais intrincado dos matos e escabroso das serras, d'onde não podem seus donos tiral-os em estado proveitoso. É tambem encarregado de os curar das grandes chagas que em pequenos geralmente adquirem por intervenção da mosca ou insecto a que chamam *varejeira*, e que infallivelmente os mata quando se lhes não applica um prompto e escrupuloso curativo. O vaqueiro queima os campos em tempo proprio, e não todos de uma vez, para que no entanto que estas queimadas, como alli se chamam, produzem novos pastos tenros e viçosos, tenham em partes os gados capins seccos de que sustentar-se. Elle é o que procura extinguir as onças ou tigres que apparecem nas fazendas, matar os morcegos e cobras venenosas, que vivem nas tócas ou buracos das pedras e das arvores. É o que ajunta e aquiéta os gados nas malhadas: malhadas são certos logares escolhidos, em os quaes se costumam os gados a pernoitar, não faltando alli ao pôr-se o sol uma só vez, embora tenha pastado n'esse dia a uma legua distante. É finalmente aquelle que para cumprir bem com seu officio vaqueiral, deixa poucas noites de dormir nos campos, ou que ao menos as madrugadas não o achem em casa, especialmente de inverno, sem attender ás maiores chuvas e trovoadas, porque n'esta estação costuma nascer a maior parte dos bezerros, e para que elle possa nas malhadas observar os gados antes de espalhar-

se ao romper-se o dia, como costumam, marcar as vaccas que estão proximas a ser mãis, e trazel-as sempre quasi como á vista para que parindo não escondam os filhos de fórma que fiquem bravos ou morram das varejeiras. Por todas estas pesadas circumstancias é que os donos das fazendas tomam os vaqueiros a partido de lucrarem a quarta parte das criações, que no fim de cinco annos apresentam perfeitos gados de açougue, prazo antes do qual não se faz a partilha, e nem póde o vaqueiro contar ou dispôr uma só rez como sua, salvo se a bondade do fazendeiro quer adiantar-lh'a para supprir alguma urgente precisão, sendo tambem este partido o unico que póde mover os mesmos vaqueiros a levar tão má vida, pois sabem e experimentam que tanto mais lucram a final, quanto melhor tem criado. Fabricas são os moços dos vaqueiros; dous, tres ou quatro, segundo o peso das fazendas de que se trata; são quem os ajuda no amanho dos gados ou trato dos cavallos, e que finalmente lhes obedecem em tudo. Vivem a pagamentos pecuniarios por mezes ou por anno, conforme se ajustam quando não são escravos das fazendas, ou os filhos dos mesmos fazendeiros, que vão assim educando-se como já dissemos, até saberem ser vaqueiros, e lucrarem para seus pais o quarto das criações.

2.° Estabelecer subsistencias para estes operarios: a practica em similhantes casos é destinar uma vacca, a que chamam matalotagem, para seu sustento de cada um mez, na despeza das quaes em algumas fazendas menos fartas entra o vaqueiro com o quarto que lhe toca descontado a final, e á esta condição chamam *pagar a morta*. Os mesmos fabricas das fazendas cuidam tambem nas roças, de que tiram os legumes e o pão da terra, e entretanto que ellas não o produzem, fornece-lhes o fazendeiro.

3.° Metter os gados nas fazendas ou formar os cascos. Depois de dispostos os serviços acima apontados, e que devem principiar-se em Maio, introduzem-se as novilhas gravitadas ou cobertas, como lá se lhes chama, e tambem alguns novilhos mansos para pais das malhadas. A mais pequena fazenda nunca principia com menos de duzentas ou trezentas cabeças, e vai annualmente mettendo mais

porções, conforme póde aquietal-as. Uma fazenda perfeitamente ultimada nunca deve amansar menos de mil bezerros (porém actualmente na capitania do Maranhão é tal a desgraça a este respeito, que não ha um só estabelecimento n'esse pé), algumas amansam dous mil, conforme a largueza e qualidade dos campos, e tambem o zelo dos criadores: occupam então dous vaqueiros e ás vezes tres, por entre os quaes se reparte o quarto, e assim mesmo occupam-se mais fabricas em porporção. Nos primeiros tempos, emquanto este casco não se habitua aos pastos, é tambem preciso maior numero de gente para contel-o que não fuja, ou se espalhe de fórma que mais não torne a achar-se.

90. Um dos principaes artigos para o arranjo das boas fazendas é o numero dos cavallos que ella tem para o seu amanho: quanto mais numerosos elles são, tanto melhor trabalhadas ellas são, e tanto mais mansos seus gados. Qualquer pequena fazendóla, a que chamam *chiqueiro*, deve pelo menos ter de vinte e cinco a trinta cavallos; porém qualquer fazenda nunca é bem manejada com menos de cincoenta a sessenta.

91. Sendo pois assim pela fórma dita tão suave o methodo de criar nos sertões os estabelecimentos de gado, tão mediana a despeza dos seus primeiros ensaios, e tão diminuto o numero de operarios que precisa empregar, é forçosamente de crer que no meio de circumstancias tanto modificadas, poderá facilmente desempenhar-se a regia determinação de el-rei nosso senhor, e que serão certamente infalliveis as vantagens que lhes temos ponderado: por quanto depois de preparadas as terras, talvez devam as fazendas do Piauhy ceder-lhe os cascos e os fabricas tirados da immensa escravatura que alli ha vadia e sem fazer cousa alguma, e quanto aos vaqueiros pagam-lhes depois as mesmas crias que elles criarem. Eis-aqui todas quantas fazendas se houverem de fundar, estabelecidas sem despender um vintem, porque todos os artigos que as formam são da propria casa; terras, cascos, fabricas e pagamento de vaqueiros: e ainda muito mais porque os mesmos cavallos, que devem manejal-as, devem ser por agora fornecidos das mesmas fazendas do Piauhy, e

immediatamente depois pelos dizimos que Pastos Bons produz d'este genero pertencentes á real fazenda.

92. Sendo capazes cada uma das ribeiras que mais terras tem devolutas, Lapa, Farinha, Além de Balsas, Grajaú e Itapicurú, de admittir mais de vinte d'estas fazendas, fica conhecido que o districto de Pastos Bons é capaz de mais de cem; e tambem que se as trinta e tantas, que dizem ter o Piauhy com máos gados, porque seus campos são máos, rendem annualmente de quinze a dezeseis contos de réis, com muito maior razão poderáõ as de Pastos Bons, com excellentes gados produzidos nos vantajosos campos que havemos analysado, render cincoenta, sem adulterar a regra de proporção; e que ainda mais serão estes lucros acompanhados pelos que resultarem dos dizimos de outras tantas fazendas dos particulares, que se estabelecerem á sombra e a exemplo d'aquellas de el-rei; fazendo que em geral umas e outras promovam para sustento da capitania aquella abundante profusão de gados, de que é facil fazer-se idéa.

93. Temos mais a notar, relativo ao methodo de criar as referidas fazendas, que todas as que o Piauhy tem a fundar nos sertões de Maranhão são apenas uma sombra da grande quantidade d'ellas, que pelo tempo adiante póde o mesmo districto de Pastos Bons fornecer-se a si mesmo, com os proprios dizimos dos seus gados, porque rendendo estes dizimos em cada um triennio mais de tres mil vaccas novas, podem estas fundar dez fazendas de tres em tres annos, com trezentas cabeças cada uma, não havendo certamente razão alguma desinteressada em que se funde qualquer contrario voto; porque d'este systema visivelmente se seguem tres vantagens: 1.ª fundar as sobreditas fazendas com gados de melhor qualidade do que as do Piauhy; 2.ª porque sendo nascidos e criados nos mesmos pastos não hão de estranhal-os, e d'elles fugir tanto, ou perder-se como aquelles; 3.ª não deteriorar os estabelecimentos do mesmo Piauhy, tirando-lhes tantos gados quantos forem precisos para estabelecer, em termos que utilisem, todas as novas colonias d'esta natureza, que se pretendam formar.

94. Fica bem entendido que nunca jámais deveráõ procurar-se para estes regios estabelecimentos terras que não sejam as mais seguras dos assaltos do gentilismo; mas quando por acaso succedesse ser algum d'elles ameaçado das suas correrias, o que não póde precaver-se por serem largos os campos, sem muralhas, e abertos por toda parte, n'essa occurrencia se forneceriam mensalmente os soldados precisos para sua guarda, tirados do destacamento que infallivelmente deve haver no districto, os quaes se empregariam n'isto mais util e honradamente, guardando as propriedades do seu soberano e legitimo senhor, do que em cavar com a enxada e em descaroçar algodões nas casas de certos particulares, em concurrencia com os proprios negros escravos, como presentemente alli succede.

Maranhão 29 de Março de 1819.—*Francisco de Paula Ribeiro*, major graduado.

VIAGEM Á GRUTA DAS ONÇAS

Por Alexandre Rodrigues Ferreira.

(Manuscripto offerecido ao Instituto pelo socio honorario o Sr. Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond.)

De algumas grutas fazem menção os naturalistas, as quaes verdadeiramente são dignas de se notarem, umas pela sua fórma, outras pela materia. E até de algumas se lembram os historiadores, ou seja pela veneração que lhes merecem estes sanctuarios de virtudes, aonde habitam os solitarios do christianismo, ou pelo terror que incutem estes asylos naturaes, aonde se refugiam monstros de crimes e de maleficios, ou finalmente pela estranheza das feras a que ellas servem de covís.

De umas e outras se nos tem dado, na historia das viagens, circumstanciadas relações: e das que realmente existem, e quanto á sua fórma são dignas de se admirarem, nenhumas cedem a essas, que ao enthusiasmo dos poetas é que devem a sua existencia chimerica. Magnificas perspectivas, aonde se vê desempenhado tudo quanto ha de maravilhoso e de sublime na architectura civil e theatral; intrincados labyrinthos, para cuja construcção se não fez preciso o engenho de algum Dedalo; caprichosas decorações, que não inventaram os architectos de Corintho; repartições regulares, que nenhum outro compasso geometrisou senão o da natureza; ultimamente, tudo é grande, quanto é obra das suas mãos; e se ella d'isso capricha, quanto á forma de todas as suas obras, não capricha menos pelo que respeita á materia.

Excellentes marmores, preciosos porphydos e jaspes, são os que formam a ossada de algumas grutas. Outras são decoradas de exqui-

sitas dendrites, que representam ruinas, mappas, paisagens, com toda aquella delicadeza que é propria do gosto pittoresco. Das abobadas de outras muitas se deixam ver dependuradas curiosas stalactites, ou simplices ou variadas de côres verde, azul, encarnada, amarella e violacea, distribuidas com tanta proporção e elegancia, que disputam ás obras de pincel a verdade e a belleza da imitação.

Infelizmente para mim, e para os meus leitores, a Gruta das Onças nenhum outro titulo tem, por onde se faça recommendavel, senão o de sua grandeza. Não era esse o conceito que me ella havia merecido, depois que li a informação que deram os seus descobridores, a qual achei inserida nas Memorias da camara de Villa Bella.

Casualmente a descobriram em Setembro de 1788, e tendo-lhes ella feito em seus espiritos a impressão que excitou a curiosidade de a examinarem, ainda que nenhum d'elles possuia as qualidades necessarias para bem observar o interessante espectaculo da natureza; observaram-na, como lhes foi possivel, e da informação que deram deduziu o annalista encarregado a memoria que se segue.

1788.

« Nas sêccas d'este presente anno, mandando o padre Fernando « Vieira da Silva uma bandeira ao sertão dos Parecis em demanda « do rio Cabral, em busca de ouro (por ter noticia dos antigos ser- « tanistas, que n'elle o havia), na sobredita viagem, marchando « os bandeirantes rio Guaporé acima, em distancia de quinze leguas, « pouco mais ou menos, do arraial das Lavrinhas, acharam uma « notavel gruta, com as circumstancias seguintes.

« Em o logar chamado *Furnas*, cujo logar está já na sahida do « mato para os campos, uma grande lapa, á similhança de casa « ou igreja, junto á qual está uma praia de arêa. O seu prospecto « é á maneira de um frontispicio, no qual se acham varias lettras « feitas, e no meio uma cruz entranhada na pedra; obra manuense, « com uma aberta por onde se entra, cuja tem de alto seis palmos, « e quarenta e nove de comprido. No fim d'esta se sahe em uma

« grande sala, que tem de alto 25 palmos, 50 de largo e 119 de
« comprido. Cousa na verdade rara e admiravel, pela fórma com
« que a natureza a ornou. O tecto é como forrado ou caiado de
« branco, no meio do qual tem uma estampa muito circular, ou
« como feita a compasso, e tudo o mais á maneira de arco e imi-
« tação de uma varanda. Passada esta grande sala, tem outra em-
« bocadura, no fim da qual se acha outra sala mais pequena, á
« imitação de capella-mór, forrada por cima de branco, e pelos
« lados de encarnado (tudo obra puramente da natureza).

« O seu plano é de uma arêa muito branca, por cima da qual
« corre alguma agua clarissima, que sahe do centro d'esta sala; da
« parte esquerda e pela direita ainda segue uma pequena aberta
« baixa, a qual não poderam examinar totalmente os sobreditos ban-
« deirantes, pois se apagavam as luzes por falta de ar.

« Este exquisito descobrimento attestam e certificam o alferes de
« auxiliares José Joaquim Leite de Campos, commandante da mes-
« ma bandeira, e mais pessoas dignas de fé que o acompanhavam,
« que tudo examinaram individualmente, dizendo parecia uma
« obra artificial. »

Confesso que tanto mais se me accendeu o desejo de a visitar, quanto mais simples me pareceu o estylo da sua descripção. Estylo que a ninguem encanta com os seus ornatos, de nenhuma fórma engenhoso ou affectado; porém, ao que se me representou, todo elle filho da singeleza, e por conseguinte da verdade. Preoccupado d'estas idéas, sahi de Villa Bella, em viagem para a do Cuyabá, aos 28 de Junho do corrente; e tendo-me demorado alguns dias no arraial das Lavrinhas, aonde havia chegado pelas duas horas da tarde de 4 de Julho, como d'alli não distava muito a referida gruta, de novo se me excitou o calor de a examinar, e consequentemente dispuz a minha marcha, como agora se verá.

Pelo 1/4 para a uma hora da tarde de 14, partimos eu e ambos os desenhadores, com outro estudioso da natureza, Manoel Joaquim Leite Penteado, que é um amigo meu a quem devo n'esta capitania uma não pequena parte de minhas collecções naturaes.

Chegámos ao estabelecimento do sobredito padre Fernando Vieira, o qual está situado na latitude austral de 15° e 16', em distancia de legua e meia acima da ponte do Guaporé. Vimos que constava de dous engenhos de assucar e de aguardente de canna; boas lavras de ouro em outro tempo; casas de vivenda, pomar e hortas; tudo sobre terras argillaceas e ferruginosas, que favorecem muito a vegetação das cannas. E sendo alli informados que a uma legua de distancia se nos offerecia a atravessar outra volta do mesmo rio Guaporé, aproveitámos o resto da tarde, de maneira que pelas seis horas nos arranchámos na margem da outra parte do rio. Dormimos debaixo de um tejupá que alli achámos feito, e a fallar a verdade não pouco receiosos das onças, que na noite antecedente haviam teimosamente perseguido a um pedestre e um preto, que eu para aquelle sitio mandára adiantar.

Amanheceu o dia 15, sem novidade que participar. Porém quando me eu dispunha a viajar a cavallo, como até alli tinha feito, alliviando as tarefas de naturalista com as commodidades de cavalleiro, um ligeiro golpe de vista, que lancei pela picada do mato por onde haviamos de marchar, foi quanto bastou para me persuadir firmemente, que se não queria arriscar-me a ficar dependurado dos muitos e intrincados cipós, de que constava o mato, ou ferido de agudos e pungentissimos espinhos, me devia pôr a pé, e verdadeiramente marchar em ar de philosopho. Tambem no mesmo dia me resolvi a desembaraçar-me de algumas bestas de carga, que transportavam os viveres, tanto porque não havia no mato com que pensal-as devidamente em se consumindo as munições que levavam, como porque ellas o não rompiam sem difficuldade e perigo de se estreparem, como succedeu a uma. Acompanharam-nos de então por diante um soldado, dous pedestres e quatro pretos; resumindo-nos todos nós a um corpo de não mais que onze pessoas.

Foi assim que tambem o nosso viatico se reduziu ao summamente necessario; quero dizer a uma pouca de farinha, quanta se póde accommodar em dous pequenos alforges, para se transportarem ás costas de dous pretos. O mato subministrava a caça, se a procura-

vamos; e uma unica chocolateira, que casualmente havia lembrado o levar-se, ficou servindo de marmita, em que se cozinhava para quatro.

Ultimamente eu não devo abusar da attenção de meus leitores, pondo-me a referir-lhes miudamente alguns enfados e embaraços, que nos causavam já o vermo-nos algumas vezes extraviados da verdadeira picada que deveriamos seguir, já o termos de atravessar profundos atoleiros, e já o trazermos sempre nas mãos as nossas facas de mato, para incessantemente irmos cortando os cipós e os ramos das arvores que nos embargavam os passos. Direi de uma vez que andadas boas onze leguas de viagem, ao rumo geral de N. E., incluidos os circuitos que fizemos, pelas duas horas e 1/4 da tarde de 18 chegámos á suspirada gruta.

Das arvores que servem para a carpintaria do paiz, e eu vi que haviam pelo caminho, foram o angico, a aroeira, o jabutá, o páo-mulato, o páo do oleo, a paróba, etc. Não vi mais palmeiras que as do uassay, uricory e carandá. O mato é abundante de feras e de caça de ambas as classes, dos quadrupedes e das aves. Dos primeiros vi eu que o habitavam não poucas pacas, cutias e outros ratos, bastantes porcos do mato, antas, veados pardos, macacos de prego, iraras, onças, etc. A mesma abundancia ha de aves, de differentes generos e especies, a jacútinga e jacucáca, algumas aráras, papagaios, maracanãas e periquitos, bastantes joós, inambús, maguarís, mutuns, macucos, socós, jurutís, etc. O terreno, em algumas partes que tem sido por differentes vezes socavado, não tem deixado de mostrar suas poagens de ouro; porém não é ouro que faça conta minerar.

Está situada a Gruta das Onças nas abas de um morro, tendo a sua bocca voltada para O. S. O. Por ella sahe um ribeirão de agua fria, clara e crystallina, a qual corre sobre um leito de arêa branca, fina e movel. Viu-se toda a superficie do leito alastrada de folhas sêccas que cahem das arvores; e aquelle ribeirão as arrasta e comsigo as conduz ainda depois de subterrar-se, para vir a resurgir ao lado esquerdo da segunda camara interior da gruta, e sahir pela sua bocca

fóra. A materia de que é formada a gruta é de um coz vermelho, glarcoso e friavel, cujas particulas na sua maior parte ainda tem bem fraca adhesão entre si.

Pela medição que fizemos, mostrou ter o vão da gruta de comprimento total 205 palmos, repartida aquella extensão em tres camaras interiores, para cada uma das quaes dá entrada seu arco, que divide umas das outras. O grande arco superior, que fórma a fachada do frontispicio, tem de altura 45 palmos, medidos desde a superficie do terreno superior até ao fundo do ribeiro. De largura mostrou 105, que outros tantos se contaram de uma á outra extremidade do arco. É na parede do frontispicio que se deixam ver uns como caracteres orientaes, porém que pelo gosto e theor de sua formação bem mostram sem contradicção alguma ser obra dos gentios, que alli se tem agasalhado. Tambem nós no mesmo frontispicio inscrevemos tão sómente o anno, em que o vimos e o examinámos.

Primeira camara. A altura do arco inferior, que dá entrada para ella, é de palmos 22 1/2

Largura. 5 1/2

O comprimento da camara, desde o arco da entrada até outro arco interior, que serve de porta para a segunda, é de. . . 34 1/2

A abobada vai sempre declive para dentro, e os palmos que conta de sua maior altura são 11

A maior largura da camara é de 25

N. B. que aos 19 de Julho, quando observámos esta gruta, nem pela primeira, nem pela segunda camara, andavamos a pé enxuto, porque o ribeirão, que acima disse que sahia pela sua bocca, inundava uma e outra, mostrando diversas alturas, que achámos pelo artelho do pé, a meia perna, e a maior de todas subia pouco acima do joelho.

Segunda camara. O arco da entrada tem 6 palmos de altura sobre a grossura de. 12

De largura de bocca. 25

N. B. Pouco adiante d'elle se atravessa um ilhote triangular, de arêa abatida do tecto, do comprimento de. 28 1/2

Largura. 16 1/2
Profundidade solida 4
Tem a segunda camara de altura. 24
Largura. 48
De comprimento até ao arco da entrada para a terceira camara 57

N. B. 1.° Que d'esta segunda camara é que informam os seus descobridores — que é cousa na verdade rara e admiravel, pela fórma com que a natureza a ornou. Ora os ornatos que vimos, foram alguns entulhos de terra abatida do tecto, da qual se formaram uns dous pequenos ilhotes, que examinados os logares que occupam, bem se está vendo que correspondem aos das excavações que deixaram no tecto.

2.° Que da mesma natureza é a pretendida estampa circular, tambem por elles descoberta no tecto d'esta sala; não sendo outra cousa mais que uma excavação, como claraboia fechada, que no tecto deixou a terra que se abateu, e passou a formar debaixo d'ella um dos dous ilhotes que lhe corresponde.

3.° Que ao lado esquerdo da mesma camara é que resurge o ribeirão, que até alli corre subterrado por um bom espaço de caminho; e d'alli continúa o seu curso mais ou menos caudaloso, conforme correm as estações de verão ou de inverno.

4.° Que a similhança de capella-mór, tambem alli observada, foi verdadeiramente uma visão devota, porque tal similhança não ha. Bemaventuradas gentes, para as quaes cada tóca se lhes transforma em uma ermida, cada risco é uma cruz, cada penha um altar, e cada pedra uma imagem!

Terceira camara. Vai-se o entulho d'esta camara levantando á maneira de uma ingreme escarpa, que sóbe quasi a ganhar a superficie do terreno superior, tendo de comprimento. 102
de largura, aonde é maior. 61 1/2
de altura. 21

O arco que lhe serve de entrada, e a reparte das outras, conta de
altura. 21
de largura 39

N. B. que as observações que fizemos na segunda e terceira camara todas foram feitas á luz de dous volumosos archotes, que mandámos accender: porque de outro modo se não via cousa alguma, do que se não escandalisaram pouco os morcegos seus habitadores, segundo entendemos da infernal chiada com que nos agradeceram o obsequio da illuminação da gruta; havendo entre elles morcego do tamanho seguramente de um pombo. Pelos entulhos da gruta que ficavam superiores á inundação do ribeiro, e principalmente por todo o solo da terceira camara, vimos algumas tócas de pacas, e mais que tudo, amiudados rastos de onças. Pelo que a denomináms *Gruta das Onças.*

Tal foi a nossa viagem, e taes as observações que fizemos. Vejam-se agora os louros que d'alli cortei para a minha testa. Depois de ter marchado a pé, como disse, boas onze leguas de mato aspero e trabalhoso, forçando a minha constituição a supportar aquellas fadigas, com que ella já hoje não se atreve: depois de na referida gruta me haver demorado a examinal-a em jejum, desde as seis até as dez horas da manhãa de 19; o que então não pude fazer de outro modo, senão mettido na agua até aos joelhos: e depois de se me molhar todo o corpo e roupa que trazia, por occasião de uma subita trovoada com friagem, que n'essa mesma noite nos sobreveio, não tendo eu ceado outra cousa mais que um pouco de palmito crú, pulverisado de sal muido: era forçoso que a tantas causas juntas se seguisse algum de seus effeitos. Seguiu-se-me o de uma constipação das da primeira ordem. Eu não a pude logo tratar como convinha, porque nem mantimentos já então haviam, quanto mais medicamentos! Consequentemente com a continuação da viagem foi a molestia ganhando dobradas forças, passando eu a experimentar os effeitos de uma perniciosa, que ainda me restituiu semivivo ao arraial das Lavrinhas, aonde cheguei pelas quatro horas da tarde de 21.

Do que desde então passei, até ao dia 27, pouco sei dizer por experiencia propria. Recebeu-me e tomou conta de mim o capitão guarda-mór Manoel Velloso Rebello de Vasconcellos, que foi o que n'aquelle arraial nos hospedou e agasalhou a todos com a franqueza

que é propria do seu espirito. Empregou em meu soccorro tudo quanto possuia de conhecimentos medicos, e nenhum remedio omittiu dos que lhe pareceram uteis.

Precederam os diaphoreticos, passou-se aos emeticos e purgantes, deram-se-me os diluentes, adoçantes e refrigerantes, nem esqueceram a quina e os absorventes; e ainda assim (informou-me elle ao depois) que nenhum crescimento tive de menos de 20 horas, que o do setimo dia excedêra o termo de 24, que de 19 em 19 pulsações se me extinguia absolutamente o pulso, que todas as minhas extremidades estavam convulsas; pelo que se havia resolvido o desenhador José Joaquim Freire a participar a S. Ex. o perigoso estado em que me achava.

Devo a S. Ex. a extraordinaria honra, caridade e agasalho, com que sem perda de tempo não sómente me enviou de sua propria botica os mais vigorosos medicamentos, mas tambem encarregou de sua administração ao cirurgião da sua camara o licenciado José Ferreira, de cuja direcção, experiencia e dexteridade muito me aproveitei para me conduzir ao estado de melhora, em que me elle deixou. Por este modo não foi Deus servido terminar d'aquella vez os trabalhos da minha peregrinação.

Cuyabá 5 de Outubro de 1790. — *Alexandre Rodrigues Ferreira.*

DIARIO ROTEIRO

DO ARRAIAL DO PESQUEIRO D'ARAGUARI ATÉ AO RIO OUYAPOKO

Pelo capitão Manoel Joaquim de Abreu.

(Copiado do manuscripto offerecido ao Instituto pelo Secretario perpetuo Manoel Ferreira Lagos.)

Ill.mo e Ex.mo Sr. — Hontem 27 do corrente cheguei ao arraial d'este Pesqueiro, finalisando a regressão da diligencia que V. Ex.ª me fez a honra incumbir; e suppondo estar executada conforme V. Ex.ª o ordenou, ponho em praxe o despedir o alferes Pedro Cordeiro Coelho, com os dous botes, para que a demora da factura do mappa não faça maior despeza, cujo mappa não tardará, e juntamente a sua descripção, que remetterei pela villa de Chaves á presença de V. Ex.ª

Participo mais a V. Ex.ª o methodo por que se executou a diligencia, que para esse fim consultei com o piloto José Lopes dos Santos, e assentámos em que na digressão se fizessem as observações, e na regressão as entradas dos rios, porque como na presente estação ha muitos dias em que a claridade do sol e mais astros se faz fallivel, causa porque assim se executou e correspondeu.

Para que a referida diligencia não padecesse desarranjos ou outras quaesquer circumstancias, que impraticassem o seu bom exito, se me fez preciso fazer um pequeno plano para por elle se saber dirigir o referido alferes, tanto na conservação, como em outro successo que podesse acontecer, de cujo plano remetto a V. Ex.ª a copia, assim como tambem a do roteiro, em o qual faço a V. Ex.ª sciente de toda a derrota e especificação dos rios que ha desde o do Mayacaré até ao do Ouyapoko (*) e seus estabelecimentos.

(*) Os nomes proprios de rios e logares vão taes quaes se acham no manuscripto. *(Nota do redactor.)*

O sargento Manoel Felippe o levei sempre em minha companhia, por ver que me era necessario para a navegação da costa até ao rio Calçoene, pois como bom practico até ao dito rio me isentaria a morosidade da viagem, como assim succedeu, e fique V. Ex.ª certo que ninguem o viu.

Para despedir o dito alferes me foi preciso dar-lhe o mantimento, que accusa a relação inclusa.

Deus guarde a V. Ex.ª Araguarí 28 de Abril de 1794. — Ill.mo e Ex.mo Sr. D. Francisco de Sousa Coutinho. — De V. Ex.ª o mais humilde subdito e reverente criado — *Manoel Joaquim de Abreu.*

DIARIO.

Terça feira 25 de Março de 1794. — N'este mesmo dia sahi em diligencia no bote *Nossa Senhora da Conceição*, artilhado e esquipado, e juntamente o bote artilheiro *Nossa Senhora da Nazareth*, e duas canôas de montaria: com vento norte, tempo claro, e fazendo varios bordos, fui dar fundo no fim da maré, defronte do igarapé de Gegituba.

Quarta feira 26. — Pelas oito horas do dia larguei no bordo do mar, com vento norte e tempo claro, e fazendo varios bordos fui dar fundo ás cinco horas da tarde, já com enchente, no igarapé de Araquiçaba, por causa da muita maresía da costa.

Quinta 27. — Na maré da manhãa larguei com vento nordéste e o tempo chuvoso com trovoada, o que me prohibiram a navegação, e por causa do referido máo tempo dei fundo defronte do igarapé de Piratuba.

Sexta 28. — Continuando o mesmo tempo de mar e vento, me fez a força da enchente garrar a embarcação, no fim da qual, apezar da inconstancia do tempo, velejei até a baixamar, e dei fundo, observando pela manhãa que nada tinha augmentado do logar d'onde tinha sahido, mas antes sim me atrazei; e por causa do mesmo tempo não me foi possivel navegar na seguinte maré.

Sabbado 29. — Na maré da noite larguei pelo tempo estar melhor

e o vento pelo nordéste, e fazendo alguns bordos fui entrar no rio Sucorijú, no qual esperei a maré do dia.

Domingo 30. — Sahi pelo meiodia com vento norte; porém como se principiaram a levantar trovoadas e maresía, não pude vencer o chegar ao encontro das aguas, e tanto por esta causa, como da grande corrente da enchente, me vi obrigado a arribar ao mesmo rio, onde esperei a quebra das aguas por serem mui grandes, pois até aqui chegavam os effeitos das grandes pororócas.

Quinta feira 3 de Abril. — Pelas duas horas da tarde larguei com vento favoravel e tempo bom, indo dar fundo, pelas seis da tarde, na ponta da ilha do Turirí, da parte debaixo.

Sexta 4. — Pelas cinco horas da manhãa larguei, e fui esperar a enchente entre Maracá e costa do Cabo do Norte, com a qual fui ao encontro d'agua, aonde esperei a seguinte vasante na ponta do sul da ilha Maracá, e com esta larguei a pôr-me em distancia de passar de noite a foz do Carapaporiz.

Sabbado 5. — Larguei com a vasante da noite costeando esta ilha, sem vento e tempo neblinoso, e ás seis horas da manhãa entrei no Igarapé grande d'esta ilha.

Domingo 6. — Com a mesma vasante da madrugada larguei e as mais embarcações; porém como o tempo se pôz tormentoso, tornámos a arribar para o mesmo igarapé, a esperar a madrugada do dia seguinte para poder atravessar sem ser visto para Calçoene.

Segunda 7. — Sahimos na referida madrugada com vento norte, e como não pude vencer esta travessia dei fundo, já com enchente, na costa entre Mayacaré e Calçoene; e com o principio da vasante da tarde entrei no dito Calçoene, onde dei fundo com as mais embarcações, mandando logo uma montaria explorar a bocca do referido rio, e lá ficar de noite para sorprender qualquer canôa que sahisse, trazendo-a logo a meu bordo; porém não houve novidade.

Terça 8. — Com tempo bom e vento norte sahi pelas duas horas da tarde, bordejando pelo pequeno canal que faz este rio, e depois de varios bordos fui dar fundo no rio Quanimim, sendo-me preciso

primeiramente mandar indagar o canal do referido pelas montarias, o que deu seu trabalho por causa do grande esparcel que tem na sua foz, por onde sahe o canal, que é estreito; e depois servindo estas de guia entrámos pelo canal e demos fundo pouco distante da bocca do rio, usando n'este caso da antecedente prevenção, de que não houve novidade.

Quarta 9.—N'este dia se esperaram as horas competentes para a observação do sol, que se não pôde fazer por causa do tempo estar ennublado; e querendo-se fazer de noite, tambem não correspondeu com certeza pela grande densidade da atmosphera, e esperámos o seguinte dia.

Quinta 10.—Ao meiodia se observou a altura meridiana do sol, cuja observação se fez com exacção, como o piloto mostrará na descripção do mappa; e como a maré me deitava á noite, não sahi por causa de estranhar a costa, e juntamente não se poder configurar.

Sexta 11.—Logo com a reponta da vasante da manhãa sahimos no bordo do mar com vento favoravel, bom tempo, e no resto da maré fui dar fundo ao sul do rio Ananim, pelo vento abonançar, porque querendo esquipar a remos para entrar n'este rio, o não consegui por causa dos grandes banzeiros, que impediu este trabalho; e mandando com a enchente uma montaria explorar a sua entrada, e a observar bem toda a sua foz, assim se fez, observando tambem duas pequenas casas, uma na margem do sul e outra do norte, do que me deram parte; e sem perda de tempo despedi a mesma montaria, guarnecida de um official inferior e tres soldados, a postar-se na margem da foz do referido, da parte do norte, afim de sorprender qualquer canôa que entrasse ou sahisse do dito rio, para que estas não dessem novidades; porém não succedeu assim, porque não houve novidade.

Sabbado 12.—Com o principio da vasante da manhãa largámos e fomos entrar n'este rio com vento fresco e mar cavado, chegando a dar fundo pelas onze horas do dia dentro da sua foz; e mandando logo examinar as ditas casas, não se achou n'ellas ninguem, cujas eram pequenas cabanas de pescadores, o que se conheceu pelos vestigios: ao meiodia se observou a altura do pólo d'este logar, e com a vasante

da noite sahimos para fóra com alguma ventanía e toda ponteira, e dei fundo na costa, para na maré da manhãa navegar.

Domingo 13. — Pela manhãa larguei d'este logar, augmentando para o norte em varios bordos, e no fim da maré fui dar fundo ao pé do rio Casipurú, e sem demora o mandei explorar, como tambem observar a sua entrada; e não havendo mais novidade do que a de ter na sua foz um telheiro arruinado, que julgo ser em que estes costeiros esperam maré, e observando a altura do pólo d'este rio, com a enchente fui dar fundo na sua foz; e como o canal é muito estreito, que se não póde bordejar, e os ventos fortes, não pude sahir na seguinte maré de vasante, o que fiz no dia

Segunda 14. — Na maré da manhãa sahindo d'este rio com vento norte, navegando pela costa em varios bordos, augmentando para o norte fazendo estes proporcionaes á duração da maré, dei fundo com a enchente na mesma costa, não havendo até aqui mais rio algum, e só sim alguns igarapés, que de meia maré de vasante por diante ficam seccos; e como precisava tomar o conhecimento da terra, me demorei para navegar na maré do dia seguinte.

Terça 15.—Pelas sete horas da manhãa larguei com o principio da vasante e vento nordéste, e em varios bordos se foi examinando toda a costa, não havendo n'ella rio algum, e dando fundo na mesma costa no principio da enchente, onde se observou a altura do pólo.

Quarta 16.—Com a maré da manhãa e tempo fresco, vento nordéste, fazendo varios bordos segundo a duração da maré, reconhecemos todos os objectos d'esta costa, que depois de uma grande enseada sahe uma grande ponta ao mar, a qual fórma a foz do rio Ouyapoko da parte do sul, com um esparcel bastantemente extenso, descobrindo-se ainda antes d'este logar um monte, que está na costa, visinho á foz do rio da parte do norte. N'este logar se observou a altura do pólo, e com a mesma enchente voltámos para o sul, por se não poder supportar as grandes correntes e maresías n'este esparcel, supponho que pela conjunção da lua: como o vento era bom e a corrente forte, cheguei ao rio Casipurú já com vasante pelas nove horas da noite, e fundiei na sua foz, ainda que com bastante custo, providenciando tudo como o caso pedia.

Quinta 17.—N'este dia fez o piloto as observações que lhe foram necessarias.

Sexta 18.—Pela manhãa subimos pelo rio acima, observando suas margens e direcção, porém em distancia de mais de meia maré principiámos a encontrar obstaculos, que nos impediam a navegação, os quaes são páos nascidos do fundo do rio, cujos páos são de mangue, assim como tambem as suas margens, tendo entremeiadas algumas xeriubas, de sorte que á vista do deduzido fomos obrigados a voltar antes da vasante; e me persuado ser inhabitavel por ambas as margens serem alagadas, e o seu terreno lodo até á foz, onde cheguei antes da baixamar e dei fundo.

Sabbado 19.—Sahimos da foz d'este rio, amarando-nos um pouco para com a mesma enchente entrar no rio Anani, com vento nordéste fresco e o tempo fumado, onde demos fundo esperando a enchente do dia seguinte para entrar a observar este rio.

Domingo 20.—Com principio da enchente entrei pelo dito rio, e deitando uma montaria adiante por espia, em pouca distancia me sorprendeu uma pequena canôa com tres Indios, que trazendo-a a meu bordo lhes fallei, que custou bem a responderem por causa do susto em que se achavam, porém animando-os, me deram logo noticia do que havia; e continuando para cima até uma divisão que faz o rio, dividindo-se em dous, subi pelo da parte do norte, segundo a informação: a este mesmo tempo tornou a montaria com outra similhante canôa, com dous homens e dous rapazes, aos quaes tambem fiz contentes, afim de lhes desterrar a grande preoccupação do medo; e continuando até o logar da povoação, achei tudo derrotado e sem gente que fizesse vulto, conforme haviam annunciado as canôas: aqui não ha sacerdote algum nem igreja, porém dizem-me que a houve, assim como tambem padre, mas que havia dous annos que o tinham mandado recolher para Cayena, ficando desde então tudo ao desamparo, por cuja razão se acha tudo em ruina, e os Indios dispersos pelas suas differentes rocinhas, pois até o mesmo commandante ahi não estava, que é o tal Valentim, dizendo os Indios que tinha ido para a sua roça havia já dias, e que aquelle

rio não tinha mais ninguem; pois alguns brancos moradores que allí havia, tinham sido chamados para Cayena, e como não havia quem désse mais noticias, voltei com a vasante para fóra, vindo dar fundo na baixamar fóra da sua foz. Este rio é estreito, sendo a sua maior largura de cento e cincoenta braças; as suas margens são alagadas, tendo alguns tesos de terra compassados, que mostram serem cobertos das aguas grandes, porém o em que é o logar da povoação é mais alto, causa porque ahi a fundaram, servindo estes referidos tesos de pequenas roças, que os Indios lhes fazem, os quaes vão a mais e melhor para cima da povoação, como dizem. Da foz d'este rio com o principio da enchente larguei, e fui entrar no do Quananí, pouco distante d'este, onde fiquei até pela manhãa do dia seguinte.

Segunda 21.—Pela manhãa com a enchente fui indagar este rio com o piloto em uma montaria; elle é mui estreito, e em pouca distancia se entrou a dividir em pequenos braços, que dão todo o conhecimento de acabarem em igapó, segundo mostram tambem as aguas que d'elle sahem; ficando certo que este não é o rio em que estava a povoação, como nos informavam, porque este igarapé (que assim se lhe deve chamar) é que lhe chamam Quanani, e no rio antecedente chamado Ananí é onde sempre foi, e onde sempre esteve o tal Valentim commandante.

Este referido igarapé é alagado em suas margens, que são de mangue e xeriuba.

Com esta vasante do dia sahi para o largo, e com a enchente fiz viagem para Calçoene, aonde entrei pelas nove horas da noite, avistando ainda de largo um fogo, que depois de entrar vi ser na ponta d'arêa; e mandando-o indagar não acharam gente, e só sim uma pequena canôa em secco, panellas, comer feito, duas redes, e mais vestigios d'alli estar gente, que tinha fugido para o mato e de manhãa.

Terça 22.—Se viu no dito logar tres Indios, tres Indias e crianças, e vendo estes que eu mandava á terra, largaram tudo e correram para o mato; e seguindo a direcção do rio a ver se haveria já por ahi alguma situação, deixei de emboscada no mato uma pequena escolta,

afim de quando regressasse terem já apanhado algumas d'aquellas pessoas, para saber o fim a que alli se achavam; e voltando com a vasante por não achar vestigios de gente, e só sim dous logares em que alguns esteios novos nos annunciavam terem sido de casas ou telheiros, cheguei á foz do rio, onde se achava a dita escolta com dous Indios que tinham apanhado, os quaes confessados disseram que tinham fugido para o mato com medo, e que assistiam em Ananí, e tinham alli vindo pescar, e juntamente ver se achavam ovos de tracajá; e indagando-se mais novidades nada sabiam dizer: deixando-os, sahi com o resto d'esta mesma maré para fóra, e com a enchente segui viagem para o rio Mayacaré, em o qual dei fundo pelas onze horas da noite, porém na sua foz, esperando que amanhecesse o dia seguinte.

Quarta 23. — Pela manhãa ás oito horas, principio da enchente, suspendi d'este logar, indo dar fundo defronte da situação, tendo eu já a este tempo embarcado em uma montaria com o piloto, dous anspeçadas e um soldado, todos estes bem versados na lingua geral dos Indios d'este Estado; e chegando ao porto da situação, saltámos em terra sem que ninguem nos impedisse, porque além do crescido mato que n'aquelle logar se acha, a gente alli existente se achava nos ranchos ou casas interiores da referida situação, aonde sem mais demora nos dirigimos, e avistando-nos elles alguma cousa ficaram assustados, mas não deixaram de nos vir receber com toda a urbanidade e politica, offerecendo-nos logo casa e assentos, que acceitei no copiar da mesma casa, para melhor indagar o que pretendia; e pondo em praxe a conversação, dei principio a indagar que logar ou situação era aquella alli, ao que responderam o seguinte; e segundo as mais respostas se póde mui bem colligir quaes seriam as perguntas, por não fazer fastidiosa a narração.

Disseram os referidos que aquelle logar era povoação, e pretendiam fazer alli uma fortaleza; porém que o commandante M. Jacques tinha mandado buscar de Cayena, juntamente aos soldados, artilharia e munições de guerra, para mais bem se fortificarem a respeito dos mesmos Francezes, pois não querem estar pelo parlamento,

mas sim pela acclamação do seu principe, mostrando grande paixão pela morte do rei; e que já de Cayena haviam proposto ao parlamento que se deixassem já de tantos incommodos de guerra, e que acclamassem já ao principe, que logo tudo cessava, pois era só a quem tributavam vassallagem, e que depois d'esta proposta nunca mais tornaram alli navios: isto mesmo lhes ouvi por varias vezes e differentes fórmas porque lhes fiz perguntar.

Que elles sabiam aquillo por ouvirem conversar ao seu commandante, e aos mais quando alli se achavam.

Que se achavam á espera de dous barcos grandes para d'aqui conduzirem os gados, que se achavam na povoação de Vananí, os quaes eram do seu governador, assim como tambem algum peixe que houvesse feito.

Que alguns d'estes individuos se achavam a partir para o Ouyapoko, a levar farinhas e peixe, cuja farinha se achava no porto em cima da ribanceira, coberta de palha de inajá; e que não tinham já partido por causa do máo tempo que tinha feito, esperando que o vento mudasse.

Consta a situação aqui fundada de oito casas, a saber: duas grandes já entijucadas, sendo uma d'ellas a do commandante, que tem tres quartos, e outra que serve de armazem; duas servindo, uma de farinha e outra de peixe; tres que servem de ranchos de Indios, dous dos trabalhos braçaes, porém estes cinco são telheiros, não muito grandes, servindo um d'estes de cozinha, onde tem um forno de cozer pão, e mais uma pequena casa entijucada com portas, que dizem servir de calabouço.

Indagando-se o logar em que elles queriam erigir a fortificação, se não achou mais que tão sómente duas portas de grade de páo bem fortes, como cancellas de barreira, com nove palmos de largura e o mesmo de altura, e duas balisas de alinhar, porém sem principio algum de fortificação; um páo de bandeira, o qual era um tucumazeiro com sua bola em cima.

Toda a gente que aqui se acha consta de quinze Indios, quatro Indias, duas d'estas já velhas, dous pretos, uma preta, uma

mulata e seis crianças; e quasi todos nos fizeram seus offerecimentos de farinhas e gallinhas, porém nada se acceitou, dizendo-se-lhes que de nada se necessitava.

Retirámo-nos para bordo, porém elles por cumprimento vieram ao nosso bota-fóra, e a bordo se despediram de mim com toda a attenção.

No porto da referida se achavam sómente quatro igarités, a saber: tres pequenas e uma maior.

Na seguinte vasante larguei, sahindo d'este rio a reboque das canôas de montaria, até que pude velejar com vento nornordéste, tempo claro, e ás oito horas e meia da noite cheguei ao Igarapé grande da ilha Maracá.

Quinta 24. — Pela manhãa larguei costeando a remos esta ilha pelo vento ser muito bonança, chegando no fim da maré defronte do rio Carapaporiz; e como não pude chegar ao encontro das aguas, esperei pela seguinte enchente, que fui esperar o dia seguinte na cabeça da ilha, para poder seguir viagem.

Sexta 25. — Larguei pelo meiodia d'este logar, bordejando para montar o Cabo do Norte, e no fim da maré dei fundo pelas seis horas da tarde na seguinte ponta de léste do cabo; e pelas nove horas e meia com a enchente larguei, e fui dar fundo, a remos e velas, na ilha Tururí.

Sabbado 26. — Pelas onze horas com a enchente larguei para o rio Sucurijú, onde dei fundo no fim da maré com alguns mares e trovoadas; e no resto da vasante larguei, amarando-me um pouco com vento pelo norte, e navegando toda a noite com o refrêsco do vento fui dar fundo hoje.

Domingo 27. — Pelas dez horas da manhãa n'este arraial do Pesqueiro de Araguarí. — *Manoel Joaquim de Abreu*, capitão.

MEMORIA

A RESPEITO

DOS RIOS BAURES, BRANCO, DA CONCEIÇÃO, DE S. JOAQUIM, ITONAMAS E MAXUPO;

E DAS TRES MISSÕES DA MAGDALENA, DA CONCEIÇÃO E DE S. JOAQUIM:

Pelo Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida.

(MS. offertado ao Instituto pelo socio effectivo José Silvestre Rebello.)

Quando tive a honra de offerecer a esta illustre e sabia Sociedade (*) o mappa e o diario da viagem que fiz desde Villa Bella, capital de Mato Grosso, até a cidade de S. Paulo, fiz uma breve descripção do rio Guaporé, cuja maior parte serve de linha limitrophe aos reaes dominios portuguezes e hespanhóes: esta a razão porque na presente occasião, em que apresento a configuração do dito rio Guaporé desde Villa Bella até a sua confluencia no Mamoré, nada mais direi d'elle, só sim quanto me lembrar a respeito dos rios Itonamas, Maxupo, Baures, Branco, da Conceição, e de S. Joaquim, todos estes pertencentes aos Hespanhóes, e que confundem as suas aguas com as do Guaporé; como tambem direi algumas cousas relativas aos costumes e governo das tres missões de Santa Maria Magdalena, da Conceição, e de S. Joaquim, fundadas a primeira na margem do Itonamas, e as outras nas dos rios a quem deram ou de quem tomaram o nome. Para proceder com ordem farei primeiramente menção dos rios, e depois das povoações.

O rio Baures, que conflue no Guaporé pela margem austral e

(*) A Academia Real das Sciencias de Lisboa.

na distancia de quatro leguas e tres quartos para cima do forte do Principe da Beira, é navegavel em botes de mediana grandeza pela distancia de cem leguas, pouco mais ou menos: cheguei sómente até este termo porque os matos, por entre os quaes desde então corre o rio formando varias boccas ou canaes estreitos, me obstaram a continuação da viagem: tentei avançar-me mais cortando algum mato miudo por esperar que se acabasse este máo transito, e depois continuasse o canal desembaraçado; mas á proporção que me ia adiantando, encontrava novas veredas mais acertadas e com menor fundo: com difficuldade naveguei mais uma legua, até que se fez impraticavel a navegação por causa dos muitos troncos das arvores, que tendo as suas raizes dentro do mesmo rio, o atravessavam de parte a parte com differentes direcções.

Com magoa minha me vi obrigado a retroceder, desistindo do intento, que me tinha proposto, de chegar a examinar, quanto me fosse possivel, as suas vertentes: não me ficou tambem o remedio de ir a pé, porque os campos cheios de moutas e pequenos bosques eram totalmente pantanosos.

Antigamente havia nas margens d'este rio, em logares mais altos, algumas povoações, que presentemente não existem, porque umas foram mudadas para outros logares, e a de S. Miguel, a mais proxima aos nossos estabelecimentos, foi saqueada e inteiramente destruida pelos nossos Portuguezes no anno de 1762, tempo em que governava a capitania de Mato Grosso D. Antonio Rolim de Moura, o qual com cem homens derrotou a mil e duzentos commandados por D. Alonso Verdugo, e defendidos com trincheiras e peças de artilharia. Os Indios d'esta missão destruida, assim como o gado vaccum e cavallar, foram mudados para uma aldêa chamada Leomil, que nos pertence. Nas missões desertas ainda existem por entre os matos larangeiras, limoeiros, bananeiras, cacoaes e guayabaes, cujos fructos nos serviram de refresco. O rio tem pouco peixe, os matos poucas aves, e os campos muitos corvos.

A alguma distancia das margens vi varios fogos do gentio: estes, segundo penso, não vivem na abundancia, porque no anno de

1782 vi na povoação de Leomil a uns poucos de casaes d'estes Indios, que vivem nas terras adjacentes ao rio Baures, os quaes, segundo me disse o ajudante d'ordens que então commandava a sobredita fortaleza, espontaneamente se tinham passado em 1781 para os nossos estabelecimentos, obrigados da fome que nas suas terras padeciam, por ser aquelle terreno falto de caça, e o rio de peixe, bases fundamentaes do sustento dos Indios selvagens. Porém passado algum tempo occultamente se retiram, preferindo a fome ao pão ganhado com o suor do seu rosto, para não dizer, antepondo a liberdade verdadeira, que tinham no seu paiz, á fingida que entre os nossos tem.

No mesmo Baures despeja as suas aguas o pequeno rio de S. Joaquim, que tambem corre por um terreno pantanoso, assim como o rio da Conceição, que cahe no Branco, e este no sobredito Baures. Este rio Branco é estreito, mas tem bastante agua, e é rapido na sua carreira. Penso que este é o rio que os Hespanhóes atravessam quando por terra vem de Santa Cruz de la Sierra para as missões acima mencionadas, e para as que estão fundadas nas margens e visinhanças do Mamoré.

O rio Itonamas, cuja foz está tres leguas e um quarto abaixo da do Baures, e na mesma margem, é mais largo que este, e mais abundante de peixes e caças até o ponto em que principiam os campos, depois de cinco dias de viagem ordinaria da fortaleza.

As aguas do rio Maxupo banham uma vasta campanha, em que ha grande abundancia de gado vaccum bravio e sem dono, principalmente na parte que fica entre este rio e o Mamoré, que é de grande extensão em largura, e muito mais em comprimento. Este gado costuma vir ás margens do Maxupo, ou para beber agua, pela falta que d'ella ha pela campanha no tempo secco, por ser o terreno mais alto e não ter regatos e ribeiros; ou attrahido pelas suas ribanceiras deliciosas, nas quaes se devisam concavidades e signaes dos logares onde costumam vir lamber a terra. N'estes logares é que os passageiros costumam esperar estes quadrupedes para sem fadiga e a seu salvo os matarem.

Este rio é estreito, tem pouca agua, e pequena correnteza no tempo das sêccas, ou em razão de ter o seu leito pouco declive, ou por serem as suas aguas representadas pelas do Itonamas, em que cahe, ou por estas duas causas juntas. A terra que o gado deixa cahir despegada das ribanceiras pela continua excavação é tanta, que faz as aguas barrentas e incapazes de poderem respirar n'ellas os animaes que vivem n'este elemento. Era uma scena vistosa, e ao mesmo tempo digna de compaixão, o ver a infinidade de peixes de todas as especies e grandezas que pela referida causa estavam mortos ou moribundos: estes, querendo dilatar o tempo da sua existencia, tinham a bocca fóra da superficie da agua, procurando respirar um ar mais puro, e n'esta diligencia se deixavam pegar á mão, como se estivessem atordoados com as plantas venenosas como o *timbó*, de que os pescadores se servem para commodamente fazerem grandes pescarias, chegando por effeito da pouca reflexão e maior barbaridade a matar os peixes ainda pequenos. As aves aquaticas de todas as qualidades, que ha por aquelles contornos, se ajuntam por toda esta extensão para se cevarem nos peixes, e ao mesmo tempo entretêem a vista dos passageiros com a diversidade das côres das suas pennas e configuração do seu corpo.

Depois de haver pelos campos muito gado, e pelo rio muito peixe, não é para admirar que haja n'aquelles abundancia de onças, e n'este de jacarés. Não cahe fóra de proposito (segundo me parece) o contar n'este logar o que me aconteceu com uns poucos d'estes amphibios. Cheguei perto do meiodia a um logar chamado Barranquinho : em quanto se fazia a caldeirada, e eu tomava a altura meridiana do sol, uns camaradas foram ao campo para matar alguma rez. Divididos em dous corpos seguiram differentes veredas, e inflammados com o ardor proprio dos caçadores, tiveram grande demora; o que muito estimei, porque passei a maior força da calma deitado na minha rêde entre o mato, pela maior parte de umas arvores chamadas *umery*, que exhalam suavissimo cheiro, e cuja casca resinosa em certos tempos suppre nas festividades a falta de beijoim e de outros aromas da India. Chegaram finalmente os caçadores fóra de tempo de seguirmos a viagem,

e muito bem suados com o peso dos quartos de vacca que trouxeram, os quaes feitos em mantas e salgados, foram estendidos por cima da coberta do bote. Estas cobertas são feitas de camadas de certas folhas, postas entre duas grades de cipó, e o todo assenta sobre arcos de varas. Alli pousámos todos em terra, e de manhãa não se viu no bote a mais pequena posta de carne, tendo sido tirada pelos jacarés, que ainda se viam rodeando a canôa. Admirados todos de um roubo nunca pensado, e a elles ainda não succedido, e lastimados principalmente pela perda do sal, que é um dos artigos de tanta importancia, que ha occasiões em que custa cada um alqueire da medida do paiz oito e dez moedas de ouro, conspiraram contra os complices, que pagaram com a vida a fartadella que tinham tomado, como se aquelles campos nos pertencessem, e tambem o gado, e não estivessemos nós tão culpados como elles.

Este rio tem á sua entrada um sangradouro, pelo qual entram as canôas e pequenas embarcações no tempo das aguas até meia legua distante da missão de S. Pedro, situada presentemente uma legua distante da margem do Mamoré. Não cheguei a reconhecel-o por me ver obrigado a retroceder, não só porque iamos principiando a adoecer com o putrido cheiro dos peixes mortos e ar corrupto que respiravamos, como pela falta de agua pura para os nossos usos ordinarios. Por estes campos vem em tempo conveniente os Indios das missões circumvisinhas fazer provimento de cêra, que tiram das colmêas sylvestres, a que os sertanistas chamam abelheiras.

Cada uma das missões acima mencionadas é habitada por Indios de uma particular nação. Elles não tem a vantagem dos nossos, que vivendo em logares consideravelmente apartados, todos se entendem fallando na lingua chamada geral. A fórma do seu governo é a mesma para todos, e tendentes, por um geral abuso, a fazer a felicidade de poucos individuos Hespanhóes, á custa da infelicidade de centenares de Indios. Portanto, o que disser de uma se póde applicar ás outras.

Um parocho e o seu coadjutor, quasi sempre dous inimigos irreconciliaveis, eram os unicos homens brancos que n'ellas assistiam.

Este mesmo parocho é o que tem todo o poder no temporal; as suas ordens são leis inviolaveis; manda castigar asperrimamente com açoutes, com escuras prisões, ou metter em troncos a estes chamados homens livres, que mais por ignorancia, que por vontade, tiveram a desgraça de transgredir os seus caprichos e vontades. Perto da noite determina o serviço que se deve fazer no dia seguinte, e dá as suas ordens aos principaes ou caciques dos Indios, os quaes em contemplação da sua distincta qualidade recebem o santo immediatamente da bocca do padre, e depois o distribuem pelos seus officiaes, e estes em altas vozes o publicam pelas ruas da povoação, para que todos saibam o que devem fazer no dia seguinte, e não possam allegar ignorancia.

Segundo o que fica determinado na tarde antecedente, e acabado que seja o terço e a missa, que se diz ao romper da aurora, e a que todos assistem com pena de certo numero de açoutes, cada individuo vai para o seu destino, uns para a cultura das terras, outros para o córte da canna, para d'ella se fazer assucar ou aguas ardentes; estes vão apanhar o café e o cacáo, de que fazem optimo chocolate; aquelles vão tecer pannos de algodão de differentes grossuras e tecidos, fazer redes, ponches, cobertas de cama, toalhas, guardanapos, e outros varios tecidos, ou do algodão branco, ou d'este combinado com o de uma côr parda por natureza, ou sómente d'este; outros vão fiar, fazer sabão, velas tanto de cêra como de sebo, e finalmente obras de marcenaria com varios embutidos delicados, em que mostram a sua habilidade por lhes faltarem ferros proprios, e servirem-se de facas velhas e pregos. Tambem fazem harpas, manicordios e imagens, e os da missão de S. Pedro tambem tem fundido peças de artilharia, segundo consta.

As Indias fiam o algodão com a maior presteza e delicadeza que jámais vi fiar-se. Depois de batido, o fazem em armeos de um palmo de comprimento e de uma pollegada de grossura, e torcendo o fuso na côxa ao mesmo tempo que vão desfiando o dito armeo, fica o fio delicadissimo, igual, e raras vezes tem necessidade de adelgaçar alguma parte que sahiu mais grossa. Ellas recebem todos os sabbados

uma dada porção de algodão em rama, que infallivelmente o dão fiado no sabbado seguinte, sem que lhe falte a mais pequena parte do peso que devem dar, attendida a quebra proporcionada á parte que recebem; e para que no meio do novello não introduzam qualquer outro corpo, que com o seu peso suppra o do fio que falta, e tambem para que este não venha delgado na sua superficie, e pelo interior mais grosso, usam de ajuntar a cada novello uma pequena tira de papel com o nome da India que o fiou, para ser castigada no caso de ter feito algum engano, como tambem o é se não faz entrega do peso determinado; e depois de recebido o castigo, que consiste em alguns açoutes dados na presença do padre, lhe vem beijar a mão por esta paternal correcção, dizendo: « Dios te lo pague, yaita. »

As obrigações dos padres curas são administrar-lhes o pasto espiritual, fazel-os racionavelmente trabalhar, arrecadar os effeitos e as obras que fizerem, e remettel-os a um commissario, que reside em um dos logares fundados nas margens do Mamoré, o qual bem como os curas recebem um bom ordenado da fazenda real em contemplação d'estes dous empregos. O dito commissario dispõe d'estes effeitos e do producto já bem dizimado, remette para o commum dos Indios facas, machados, tesouras, espelhos, agulhas, contas de vidro e outras bagatelas de pouco valor, de sorte que o Indio, que teve todo o trabalho, é o que vê d'elle o menor fructo: esta é uma peste formidavel, de que tambem os nossos se não livram. Porém a maior e melhor parte dos ditos effeitos são vendidos nas mesmas missões aos Hespanhóes, que os vem comprar com prata lavrada que trazem, em que já tem o avanço do feitio, e da qual os curas se apropriam á custa do suor dos Indios.

Estes curas são uns pequenos regulos, e o seu tratamento corresponde a este titulo. Tem ao seu serviço um grande numero de Indios e Indias. Todos os sabbados entram de semana novos mordomos, copeiros, dispenseiros, jardineiros, cozinheiros e outros muitos officiaes. Todos os dias se mata uma vitella para o padre e sua familia. Certo signal, que se dá em um sino, indica a necessidade que o cura tem de gallinhas, frangos ou ovos; e a este reclamo cada cabeça

de casal está obrigado a trazer o tributo que se lhe pede, ou seja uma gallinha, um frango ou um ovo, e d'esta fórma em um quarto de hora enche um quintal das referidas aves e cestos de ovos, entre os quaes poucos se acham alterados porque os recebedores estão com dous grandes vasos de agua junto a si, para poderem distinguir os ovos sãos dos corruptos, conforme vão ao fundo ou sobrenadam, e n'este caso vai o individuo que o trouxe buscar outro em logar d'este.

Os habeis cozinheiros, munidos de vitella, de gallinhas, frangos, ovos, leite, queijo, nata, manteiga, arroz, assucar, etc., mostram a sua habilidade nos differentes guisados, que apresentam em pratos de barro, da India e de prata, para satisfazerem a gula de um só sujeito; que ao mesmo tempo regala os seus ouvidos com as serenatas dos musicos da povoação, os quaes em uma sala immediata, ou na mesma casa de jantar, fazem soffrivel concerto. O copeiro similhantemente desempenha o seu cargo na delicadeza e variedade de doces que apresenta, entre os quaes achei delicadissimo o de tutanos de vacca. Mas o pobre Indio, que tanto trabalha, passa a vida miseravelmente, como o posso julgar depois de ter visto a muitos ter de seccar ao sol minhocas para lhes servirem de alimento, cuja vista, e certeza que tinha do fim para que estavam a seccar, bastou para me causar em todo o corpo uma horripilação: apenas se matam duas ou tres vaccas na semana, cuja carne é distribuida por cada cabeça de casal, e lhes cabe tão pouca porção, que apenas chegará para uma comida.

A base fundamental do sustento d'estes Indios é a bebida chamada *chixa*, que fazem de um milho denominado *pururuca*, que é macio, tenro e muito mais oleoso que a outra especie de milho, e a fazem da maneira seguinte. Depois de o terem pouco torrado, o pisam grosseiramente em uma pequena canôa com uma semizona de pedra, que a movem facilmente por cima do milho pela sua parte espherica. As Indias, em quanto estão fiando o algodão, vão remoendo na bocca esta massa e ajuntando-a em uma cuia, e depois a deitam em um pote de barro com agua. Esta mistura, depois de ter fer-

mentado, embebeda mais ou menos, conforme o gráo de fermentação que teve. Uma cuia de prata cheia d'esta immunda bebida, em que sobrenada uma boa porção de oleo do mesmo milho, é o sorvete com que o padre se refresca da calma da tarde. Tão grande é o poder que sobre nós tem o costume, a educação, ou o exemplo!

Quando cheguei á povoação de Santa Maria Magdalena, foi logo despedido um Indio para dar parte da minha chegada ao padre cura, que tinha ido visitar a um seu sobrinho, que como elle estava feito regulo da missão de Nossa Senhora da Conceição. Não obstante a sua ausencia, e ver-me só entre Indios, estes trataram-me muito bem, sem que em cousa alguma me fosse penosa a ausencia do parocho. Os magnates dos Indios vieram dar-me as boas vindas, e persuadidos de que estariam pouco decentes com o seu vestido commodo e simples, apresentaram-se vestidos de gala com o fato velho que tinham herdado dos Hespanhóes no tempo dos Jesuitas, como elles m'o disseram, e este mesmo não completo, porque uns traziam meias, mas não sapatos; outros casacas, sem vestias, e finalmente fizeram outras muitas differentes combinações, e só havia uniformidade na falta que todos tinham de camisas. Aproveitei-me da ausencia do padre para ver a povoação á minha vontade, e entrar pelas casas dos Indios. Por obsequio me acompanharam os principaes de entre elles, e os mais officiaes de justiça condecorados com as suas respectivas insignias, que consistiam em varas mais ou menos grossas, lisas ou lavradas, pintadas ou não pintadas. Tive tambem a honra de ser acompanhado pelo mestre da doutrina, bem conhecido pela vara que traz arvorada, em que termina uma cruz: foram tambem da comitiva os carrascos dos Indios, que nunca largam o instrumento da flagellação.

O muro que cerca a povoação tem quatro faces, e em cada face sua porta, que se fecha a certa hora da noite. É muito bem arruada: o templo é magnifico, tem cento e trinta pés de comprimento, e trinta e cinco de largura, e é ornado de bellos quadros feitos em Chu-

quisaca; o orgão é grande e bom: porém a prata do uso é pouca, porque depois do referido destroço da missão de S. Miguel pelos nossos Portuguezes, toda a prata das missões circumvisinhas foi posta como em deposito em uma das missões do Mamoré, e das mais distantes, por não estar sujeita ás incursões dos nossos; e n'ella, segundo consta, ha uma casa atacada de caixões cheios da dita prata.

As casas dos Indios não tem quartos, são espaçosas salas, em que estão atadas umas poucas de redes pequenas e pobres, em que dormem, que para paizes tão quentes, como aquelles, são a melhor cama. A um lado estão muitos potes de chixa, cuja bebida me era cordialmente offerecida pelos donos das casas, assim como bananas, alguns ovos e raizes que tinham. Para mostrar-me agradecido a esta sua boa vontade, distribui por elles alguns centenares de agulhas grossas, de que ia munido para os presentear, por saber já d'antes que as estimavam muito para fazerem anzoes para o peixe pequeno, e para cozerem as suas *tipoias*, que são como umas tunicas sem mangas, feitas de algodão. São as tipoias o vestido geral dos Indios de ambos os sexos. Esta minha liberalidade extraordinaria e (segundo elles entendiam) muito generosa produziu o ver-me cercado d'elles de tal fórma, que me affogariam se o simples urro dos algozes os não affastasse. Tal é o medo e respeito que lhes tem, e provavelmente tambem o odio, por esta natural propensão que todos temos de amar a quem nos faz bem, e de aborrecer a quem nos castiga, ainda quando seja com justiça. As casas dos principaes se distinguem sómente das outras pelo tronco que tem á porta, em que mandam metter os Indios que os não obedecem ou fazem pequenos crimes.

Não obstante serem estes Indios catholicos romanos, a superstição herdada dos seus maiores subsiste entre elles na parte que toca ao enterro dos seus mortos. Esta foi a unica ceremonia em que a pude descobrir, sem embargo de ter ouvido do mesmo parocho que elles ainda conservavam muitos abusos e os praticavam ás escondidas,

e que lhe não tinha sido possivel tirar o ridiculo costume de cobrirem as sepulturas dos seus finados com pedaços de telhas, e de pôrem em cima d'ellas vasos com agua e alimentos, não esquecendo a chixa. Esta obstinação dos Indios na execução d'este rito procederá talvez de não poderem deixar de o fazerem publicamente, visto praticarem outras ceremonias occultamente, como fica dito. Este mesmo costume se observou entre os demais colonos d'aquelle vasto continente nos principios do seu descobrimento, e a sua generalidade nos deve admirar por estender-se ás mesmas ilhas do mar Pacifico, descobertas ha perto de trinta annos, visto não se poder certificar, sem temeridade, que tiveram com os da America alguma communicação.

Na vespera do dia da chegada do padre cura á povoação uns seus enviados me fizeram da sua parte uma obsequiosa visita, e trouxeram ordem para que na tarde seguinte o fossem esperar ao porto, que pouco dista da missão: vendo eu grandes disposições de festas, fui de passeio até ao referido porto, tanto por curiosidade, como por attenção ao padre. Apenas eu chegava quando elle tambem se apeava na outra margem do rio, acompanhado de grande numero de Indios a cavallo, um dos quaes trazia um pequeno fogareiro de prata com brazas, e o outro um vaso cheio de cigarros. Atravessou o rio em uma canôa, cuja barraca ou tolda era composta de varios arcos de ramos verdes e flôres, e ao som de uma orchestra de flautas, rabecas, trompas e clarinetas, que o esperavam na mesma canôa.

Acabados os primeiros cumprimentos, que reciprocamente nos fizemos, nos apresentaram duas cadeiras, similhantes ás que n'esta cidade de Lisboa são carregadas por dous homens, á excepção de serem as varas d'aquellas assaz grossas e compridas. A instancias do religioso (era da ordem de S. Domingos ou mercenario), que civilmente me obrigou, dizendo-me que pretendia mostrar o quanto estimava a minha companhia, visto não ter podido fazer ao tempo da minha chegada, por estar então ausente, e não obstante persuadir-me do contrario, entrei em uma das cadeiras, e elle em

outra, e fomos conduzidos á povoação, carregados cada um de nós por oito Indios, que sustentavam as cadeiras nos braços, passando por baixo de varios arcos de folhas e flôres, que a certas distancias estavam ornando a estrada, e entre vivas e clamores d'aquelle povo, sendo precedidos dos officiaes, da musica, de varias dansas, e de duas formosas donzellas, de quatorze para dezeseis annos, cujas cabeças vinham ornadas com grinaldas. Estas repetidas vezes se voltavam, faziam sua especie de mesura, tiravam uma mão cheia de flôres, que traziam em umas açafates, e beijando-as nos atiravam com ellas.

Esta especie de pantomima, em que eu, sem o esperar, fiz o meu papel de barão, ao mesmo tempo que me suscitou idéas de compaixão a respeito d'aquella boa gente, a qual, não obstante representar esta scena por ordem expressa que tinha recebido, sempre mostravam nos seus semblantes signaes de sincera e verdadeira alegria pela chegada do seu pastor, que apenas esteve ausente seis ou sete dias, não deixou comtudo de me pôr de bom humor, porque repetidos vivas, musica, dansas, flôres atiradas por donzellas, repiques de sinos, e por fim um *Te-Deum* cantado na igreja em acção de graças pela chegada de um individuo que nada tinha feito por onde tivesse merecido fazer uma entrada triumphal, deve afugentar a mais negra melancolia.

Não terminaram as festas n'essa tarde: no dia seguinte houve geral dispensa do trabalho, continuaram os repiques dos sinos e as dansas proprias d'aquelles indigenas, que em differentes côros ou turmas dansavam em uma espaçosa praça fronteira á casa ou palacio da nossa residencia, ornados com plumas de differentes e alegres côres, e trazendo á roda das pernas alguns guisos e unhas de veados e cervos enfiadas em um cordão, cujo som, combinado com o das suas gaitas, fazia boa consonancia. A belleza das dansas consistia na variedade de posturas, voltas e mudanças que faziam os bailadores ao som dos seus instrumentos, sem jámais perderem o compasso e a symetria. Tambem se viam dispersos pela praça e sem ordem alguns bufões, os quaes electrisados com o vapor da chixa forte, que lhes

tinha subido á cabeça, attrahiam a nossa attenção, não só pelas chocarrices que diziam e diversas cabriolas que faziam, como tambem pela mistura burlesca das antigas modas hespanholas e indianas, de que formavam as suas farças.

Em cinco ou seis dias que estive com Fr. André Boca Parada, continuei a receber novos signaes da sua attenção e civilidade: devo fazer esta confissão em testemunho do meu reconhecimento; e tão meu affeiçoado ficou, que em quanto pôde ser nos correspondemos por meio de cartas. Elle era tido geralmente por bom theologo; e por uma propensão, que todos tem de fallar em materia de sua profissão, me propôz varias questões theologicas; mas ingenuamente confesso que lh'as não soube resolver.

Todas as outras missões, pelo menos as da provincia de Moxos, se governam pelo mesmo estylo; pelo que só me resta fallar da rigorosa penitencia que pelo tempo da quaresma vi que faziam os povoadores da missão de Nossa Senhora da Conceição, e tambem da procissão de Ramos em S. Joaquim, pois no tempo da quaresma estive sómente n'estas duas missões.

Nas segundas, quartas e sextas feiras de tarde, ao toque dos sinos se ajuntam nos templos os Indios e Indias que estão na povoação; depois de acabadas varias orações, dão os musicos principio ao *Miserere*, e o povo a disciplinar-se tão sem piedade, que vi a muitos bem sangrados. Acabada esta flagellação, davam logo repetidas provas de que a sua penitencia não tinha sido sincera, pois na verdade os vicios d'estes Indios são excessivos.

A festa da entrada do Senhor em Jerusalem celebra-se em S. Joaquim no domingo de tarde. Ella consiste em uma procissão, em que vai a imagem do Senhor montada em um jumento, fazendo varias estações, como se costuma praticar na *Via Sacra*, defronte de varias cruzes: os Indios vão formando as alas e cantando devotamente o terço, alternativamente com as mulheres, que acompanham em chusma no fim d'ella, e precedidas do parocho. Recolhida a procissão, segue-se a flagellação, em que estas creaturas se sangram

bastantemente pelas suas proprias mãos, para se livrarem talvez das dos algozes, que á sahida do povo de dentro do templo costumam estar á porta da igreja.

Acabo esta memoria dizendo que o comportamento d'estes homens dentro do templo é exemplar: que tem grande subordinação a todos os seus superiores: a paciencia que tem nas suas molestias e trabalhos penosos, a não proceder do sangue frio proprio d'aquelles indigenas, é mais para ser admirado do que imitado: com facilidade aprendem as artes que se lhes manda ensinar: a maior parte tem penetração, mas não tanta quanto baste para conhecerem que entre elles e os escravos não ha differença real, como se pode inferir de tudo quanto fica dito. — O Dr. *Francisco José de La-Cerda e Almeida.*

BIOGRAPHIA

Dos Brazileiros distinctos por lettras, armas, virtudes, etc.

THOMAZ ANTONIO GONZAGA.

Thomaz Antonio Gonzaga, mais conhecido pelo nome de Dirceu, viu a luz, segundo suas proprias declarações, em **1747**.

João Bernardes Gonzaga, seu pai, depois de seguir cargos de magistratura na Bahia e Pernambuco, foi despachado desembargador do Porto. Ignoramos as épochas em que successivamente serviu n'essas tres cidades; se as conhecessemos, buscariamos onde se achava em **1747** a certidão de baptismo de seu mencionado filho Thomaz, a qual só nos dará o verdadeiro desengano ácêrca de sua terra natal; sendo para nós insufficiente a tal respeito o que consta da Universidade de Coimbra.

O primeiro facto biographico incontroverso do poeta Gonzaga, de que temos conhecimento, é o haver-se elle matriculado em Coimbra, como estudante da faculdade de leis, no dia **1.°** de Outubro de **1763**, aos dezeseis annos de idade. Em **1768** parece que concluiu com as formaturas seus estudos universitarios.

Tambem nos não cabe duvida que não foi Minas a primeira provincia do Brazil onde viveu; pois se lembra, diz:

> . . . . . **da Bahia**
> **Onde passei a flôr da minha idade;**

e nem se esquece das palmeiras e dos dous bairros em que era

> **« Partida a grã cidade. »**

Mas é tão vaga para nós a expressão de « flôr da idade, » que não sabemos se essa estada deve ter tido logar em companhia de seus pais antes de ir a Coimbra, ou se em algum primeiro posto da carreira da magistratura depois de formar-se.

Despachado ouvidor de Villa Rica, ignoramos em que anno foi Gonzaga na capital de Minas encontrar primeiro os estimulos amorosos que o crearam poeta erotico, e depois a origem dos flagellos de que foi victima. Com effeito, se por um lado lhe appareceu a sua Marilia (D. Maria Joaquina Dorothea de Seixas), que o inspirou a ponto de o tornar immortal; e se ao mesmo tempo encontrou no fiel Glauceste (Claudio) um amigo como raras vezes ha na terra; depois as suas virtudes tanto o recommendaram, que chegou-se a crer que os Mineiros o proclamariam chefe d'uma conspiração que premeditaram, o que lhe promoveu a prisão e degredo em Africa, onde falleceu, como veremos.

Parece que o nosso poeta viveu ao principio em Villa Rica, alheio a affeições amorosas; o que elle celebra quando já apaixonado por Marilia, e vendo-se mui outro:

Acaso são estes
Os sitios formosos
Aonde passava
Os *annos* gostosos?

A que o captivou era uma bella Mineira, cujas feições e predicados elle eternisou em seus versos; nem quiz que a posterioridade pozesse em questão a patria d'aquella que era para elle a fonte de toda a poesia:

« Tu, formosa Marilia, já fizeste
Com teus olhos ditosas as campinas
Do turvo Ribeirão em que nasceste. »

É verdade que Dirceu confessa que já antes de conhecer Marilia

Seus versos alegre
Alli repetia:

mas esses versos seriam provavelmente aquelles que depois engeitou para não deverem fazer parte da sua lyrica, segundo nos manifesta:

N'uma noite socegado
Velhos papeis revolvia,
E por ver de que tratavam
Um por um a todos lia.

Eram cópias emendadas
De quantos versos melhores
Eu compuz na tenra idade
A meus diversos amores.

Aqui leio justas queixas
Contra a ventura formadas.
Leio excessos mal acceitos,
Doces promessas quebradas.

Vendo sem-razões tamanhas
Eu exclamo transportado:
Que finezas tão mal feitas!
Que tempo tão mal passado!

Junto pois n'um grande monte
Os soltos papeis, e logo,
Porque reliquias não fiquem,
Os intento pôr no fogo.

Então vejo que o deus cégo
Com semblante carregado
Assim me falla, e crimina
O meu intento acertado:

Queres queimar esses versos?
Dizs, Pastor atrevido,
Essas Lyras não te foram
Inspiradas por Cupido?

Achas que de taes amores
Não deve existir memoria?
Sepultando esses triumphos,
Não roubas a minha gloria?

Disse amor; e mal se cala,
Nos seus hombros a mão pondo,
Com um semblante sereno
Assim á queixa respondo:

Depois, amor, de me dares
A minha Marilia bella,
Devo guardar umas Lyras,
Que não são em honra d'ella?

O que importa, amor, que importa,
Que a estes papeis destrua;
Se é tua esta mão, que os rasga,
Se a chamma, que os queima, é tua?

Apenas amor me escuta
Manda que os lance nas brazas;
E ergue a chamma c'o vento,
Que formou batendo as azas.

E aqui nos occorre uma idéa, que se bem pertença mais á critica litteraria do que á biographia, não deixaremos para outra occasião. É mui possivel que a maior parte das lyras que se publicaram com o titulo de 3.ª *Parte* de suas poesias, e que são estranhas ao romance amoroso de *Marilia e Dirceu*, e os bons criticos tem regeitado em varias edições (*) como espurias, — é possivel, dizemos, que entre ellas haja varias legitimamente compostas por Gonzaga, mas do numero das que elle diz ter engeitado. De todas as lyras d'essa chamada 3.ª *Parte* a unica que não é estranha ao romance é a seguinte, que nos dá o desfecho d'elle pela despedida do poeta, que diz á sua Marilia que vai (como succedeu) morrer no desterro sem a tornar a ver.

(*) A edição original de Bulhões publicada aos cadernos continha só a 1.ª e 2.ª parte.—A' 2.ª se accrescentou pela primeira vez em 1800 uma parte 3.ª, que se reimprimiu na edição nunesiana de 1802. — As edições da imprensa régia de 1812 e da lacerdina de 1811 e 1819, dirigidas por criticos conspicuos, não contém a tal 3.ª parte, o que julgamos que seguiu Serva na Bahia em 1813. Posteriormente como o publico entrou a ter por menos completas essas edições, a que presidia um razoavel escrupulo, começaram os editores a publicar sempre a 3.ª parte, que se encontra nas edições de Rolland de 1820, 1827 e 1840; na de 1824; nas de 1825 e 1823 de Nunes; na de 1827 da régia; bem como na de 1835 da Bahia, na de 1845 do Rio de Janeiro. — Nenhuma obra em portuguez, a não ser o Camões, tem tido mais edições n'este seculo. Foi traduzida em francez pelo Sr. Monglave, e em italiano com todo o esmero pelo Sr. Ruscalla.

Leu-se-me em fim a sentença
Pela desgraça firmada;
Adeus, Marilia adorada,
Vil desterro vou soffrer.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Que vá para longes terras,
Intimarem-me eu ouvi;
E a pena que então senti,
Justos céos! não sei dizer.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Mil penas estou sentindo
Dentro n'alma, e por negaça
Me está dizendo a desgraça,
Que nunca mais t'hei de ver.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Por deixar os patrios lares,
Não me fere o sentimento;
Porém suspiro, e lamento
Por tão cedo te perder.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Não são as horas que perco
Quem motiva a minha dôr;
Mas sim ver que o meu amor
Este fim havia de ter.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

A mão do fado invejoso
Vai quebrando em mil pedaços
Os doces, suaves laços,
Com que amor nos quiz prender.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Da desgraça a lei fatal
Póde de ti separar-me:
Mas nunca d'alma tirar-me
A gloria de te querer.
Ausente de ti, Marilia,
Hei de amar-te até morrer.

Aos felizes amores de Dirceu é consagrada a primeira parte da obra lyrica; são trinta e sete odes anacreonticas em que o poeta, feliz com a sua estrella, rende graças ao deus do amor por lhe haver concedido o bem de mais valia,

« De tudo quanto se cria
Ou nos mares ou na terra. »

É uma nova historia de uma paixão amorosa que seguia seu caminho natural, com todas as competentes declarações, requebros, esperanças, mas quasi sem ciumes. — Ha por ahi reminiscencias do cantor de Teos (*) e mais poetas de sua escola.

Outro tanto não succede na segunda parte, que por um successo extraordinario vai dar originalidade ás composições do poeta.

Gonzaga, despachado desembargador para a Bahia, cuidava dos preparativos da partida, no numero dos quaes entrava talvez a prévia união á sua cara Marilia, quando uma occurrencia extraordinaria veio interromper sua felicidade. O capitão general de Minas, visconde de Barbacena, foi informado que se tratava na provincia de

(*) Compare-se da 1.ª parte a lyra 8.ª com a de Anacreonte que começa:

Σὺ μὲν λέγεις τὰ Θήβης, etc.

e igualmente as seguintes:
a 11.ª com a

Θέλω λέγειν Ἀτρείδας, etc.

a 36 com a

Γράφε μοι, etc.

e com a

Αγε, ζωγράφων ἄριστε, etc.

seu mando de uma conspiração, e que Gonzaga era a pessoa indigitada para chefe do novo estado independente. Foi então Gonzaga preso e posto em segredo, quando Claudio, Alvarenga Peixoto, e outros.

D'aqui por diante até partir para o degredo todas as penas, todas as queixas do amante infeliz acham-se consignadas nos seus versos da 2.ª parte. A leitura attenta d'esta póde familiarisar-nos mais com os sentimentos do poeta na prisão, do que o faria talvez uma autobiographia escripta depois. E por tal fórma temos esta convicção que ora mesmo não ousamos dar um passo sem primeiro correr de novo os olhos pelas 38 lyras da 2.ª parte.

. . . . . .

Assim o acabamos de executar, e tal é a commoção de que nos sentimos ainda possuidos, que nos treme a mão ao escrever estas linhas. Estamos profundamente convencidos de que Gonzaga foi martyr da prognosticada sedição, e que até era a ella inteiramente alheio. Assim o protestou bem solemnemente ao juizes, e com todo o vigor d'alma o protesta nos seus versos a si mesmo, á sua Marilia, e ao mundo! — Ouçamol-o:

« A insolente calumnia depravada
Ergueu-se contra mim, vibrou da lingua
A venenosa espada. »

Outra vez na lyra seguinte:

Não has de ter horror, minha Marilia,
De tocar pulso, que soffreu os ferros?
Infames impostores m'os lançaram,
E não puniveis erros.

Esta mão, esta mão, que ré parece,
Ah! não foi uma vez, não foi só uma,
Que, em defesa dos bens, que são do Estado,
Moveu a sabia pluma.

É certo, minha amada, sim é certo
Que eu aspirava a ser de um sceptro o dono;
Mas este grande imperio, que eu firmava,
Tinha em teu peito o throno.

As forças, que se oppunham, não batiam
Da grossa peça e do mosquete os tiros:
Só eram minhas armas os soluços,
Os rogos, e os suspiros.

De cuidados, desvelos, e finezas
Formava, ó minha bella, os meus guerreiros:
Não tinha no meu campo estranhas tropas:
Que amor não quer parceiros.

Mas póde ainda vir um claro dia,
Em que estas vis algemas, estes laços
Se mudem em prisões de allivio cheias,
Nos teus mimosos braços.

Vaidoso então direi: *Eu sou monarcha;*
Dou leis, que é mais, n'um coração divino;
Solio que ergueu o gosto, e não a força,
É que é de apreço dino.

Reparemos ainda nos seguintes versos:

Embora contra mim raivoso esgrima
Da vil calumnia a cortadora espada;
Uma alma, qual eu tenho,
Não se receia a nada.
Eu heide, sim, punir-lhe a insolencia,
Pisar-lhe o negro collo, abrir-lhe o peito
Co'as armas invenciveis da *innocencia.*

e n'estes outros:

Tu Marilia, se ouvires
Que ante o teu rosto afflicto
O meu nome *se ultraja*
C'o supposto delicto
Dize severa assim em meu abono:
Não toma as armas contra um *sceptro justo*
Alma digna de um throno.

Dá porém terminante prova de sua não complicidade a lyra da

mesma 2.ª parte, lyra mais fertil d'argumentos de defensa que de imagens eroticas. (*)

Eu vejo aquella deosa,
Astréa pelos sabios nomeada;
Traz nos olhos a venda,
Balança n'uma mão, na outra espada:
O vel-a não me causa um leve abalo,
Mas antes atrevido
Eu a vou procurar, e assim lhe fallo:

Qual é o povo, dize,
Que comigo concorre no attentado?
O americano povo!
O povo mais fiel e mais honrado!
Tira as praças das mãos do injusto dono,
Elle mesmo as submette
De novo á sujeição do luso throno.

Eu vejo nas historias
Rendido Pernambuco aos Hollandezes;
Eu vejo saqueada
Esta illustre cidade, dos Francezes;
Lá se derrama o sangue brazileiro;
Aqui não basta, suppre
Das roubadas familias o dinheiro...

Em quanto assim fallava,
Mostrava a deosa não me ouvir com gosto;
Punha-me a vista tesa,
Enrugava o severo e acceso rosto:
Não suspendo comtudo no que digo,
Sem o menor receio,
Faço que a não entendo, e assim prosigo.

(*) Não se deve taxar Gonzaga de falta de patriotismo por ser alheio á tal projectada revolução, quando sua paixão o fazia alheio a tudo. Isto pelo que respeita á verdade historica e á honra do poeta, que não diria o que diz, e do modo porque o diz, se a verdade fosse outra. Para nós perderia muito de valor o romance verdadeiro de *Marilia e Dirceu* se nos convencessem que Dirceu tramava revoluções quando assegurava á triste Marilia que era ella o objecto unico de seu cogitar.

E quanto mais poesia não ha na perseguição injusta?....

Acabou-se, tyranna,
A honra, o zêlo d'este luso povo?
Não é aquelle mesmo,
Que estas acções obrou: é outro novo?
E póde haver direito, que te mova
A suppor-nos culpados,
Quando em nosso favor conspira a prova?

Ha em Minas um homem,
Ou por seu nascimento, ou seu thesoiro,
Que aos outros mover possa
Á força de respeito, á força d'oiro?
Os bens de quantos julgas rebellados
Podem manter na guerra,
Por um anno se quer, a cem soldados?

Ama a gente assisada
A honra, a vida, o cabedal tão pouco,
Que ponha uma acção d'estas
Nas mãos d'um pobre, sem respeito e louco?
E quando a commissão lhe confiasse,
Não tinha pobre somma,
Que por paga, ou esmola, lhe mandasse?

Nos limites de Minas,
A quem se convidasse não havia;
Ir-se-hiam buscar socios
Na Colonia tambem, ou na Bahia?
Está voltada a côrte brazileira
Na terra dos Suissos,
Onde as potencias vão erguer bandeira?

O mesmo auctor do insulto
Mais a riso, do que a terror me movè;
Deu-lhe n'esta loucura,
Podia-se fazer Neptuno ou Jove.
A prudencia é tratal-o por demente;
Ou prendel-o, ou entregal-o,
Para d'elle zombar a moça gente.

Aqui, aqui a deosa,
Um extenso suspiro aos ares sólta;
Repete outro suspiro,
E sem palavra dar as costas volta:
Tu te irritas! lhe digo, quem te offende,
Ainda nada ouviste
Do que respeita a mim, socega, attende:

E tinha que offertar-me
Um pequeno, abatido, e novo Estado,
Com as armas de fóra,
Co' as suas proprias armas consternado!
Achas tambem que sou tão pouco experto
Que um bem tão contingente
Me obrigasse a perder um bem já certo?

Não sou aquelle mesmo,
Que a extincção do debito pedia!
Já viste levantado
Quem á sombra da paz alegre ria?
Um direito arriscado eu busco e feio,
E quero que se evite
Toda a razão do insulto e todo o meio?

Não sabes quanto apresso
Os vagarosos dias da partida?
Que a fortuna risonha
A mais formosos campos me convida?
Não me unira, se houvesse, aos vís traidores:
D'aqui nem oiro quero;
Quero levar sómente os meus amores.

Eu, ó cega, não tenho
Um grosso cabedal dos pais herdado;
Não recebi no emprego,
Nem tenho as instrucções d'um bom soldado.
Far-me-hiam os rebeldes primeiro
No imperio, que se erguia
Á custa do seu sangue e seu dinheiro?

Aqui, aqui de todo
A deosa se perturba, e mais se altera;
Morde o seu proprio beiço;
O sitio deixa, nada mais espera.
Ah! vai-te, então lhe digo, vai-te embora:
Melhor, minha Marilia,
Eu gastasse comtigo mais est'hora.

Note-se que attribue a infames impostores as algemas que lhe lançaram; que julgava ultraje o ser taxado de complice na sedição; que tinha por impossivel e condemnava de inepcia o entregar seus destinos ao *Tiradentes*.

« . . . . . pobre, sem respeito e louco, »

que segundo o mesmo Gonzaga não era digno de outro castigo mais que o ser declarado em alienação.

O caracter do amante de Marilia manifesta-se em muitas de suas composições quando preso. É admiravel a nobre audacia com que se resigna até a soffrer uma injusta morte, e a convicção que tinha de que essa morte era uma nova palma de martyrio que jámais murcharia:

Na *innocencia* me fundo,
Mas não morreram outros
Que davam honra ao mundo!
O tormento, minha alma, não recuses;
A quem sabio cumpriu as leis sagradas
Servem de solio as cruzes.

. . . . se os justos céos, para fins occultos,
Em tão tyranno mal me não soccorrem;
Verás então que os sabios,
Bem como vivem, morrem.

Eu tenho um coração maior que o mundo.
Tu, formosa Marilia, bem o sabes:
Um coração, e basta,
Onde tu mesma cabes.

A par d'este pensamento sublime, vejamos na seguinte estrophe lugubre como n'essa hora estava talvez sua alma, de continuo pairando entre as esperanças de gozar Marilia e a morte:

Dirceu te deixa, oh bella,
De padecer cansado;
Frio suor já banha
Seu rosto descorado;
O sangue já não gyra pela vêa,
Seus pulsos já não batem,
E a clara luz dos olhos se bacêa;
A lagrima sentida já lhe corre;
Já pára a convulsão, suspira e morre.

Alguma vez lhe assalta uma idéa tremenda, e que mais que a morte o deixa atormentar. Lembra-se que seu velho pai sabe da sua sorte, que soffre com ella perante a sociedade, além de soffrer pelos padecimentos de seu filho.

Parece que vejo a honra
Marilia toda enlutada,
A face d'um pai rugosa
N'um mar de pranto banhada.
. . . . . .

Por outro lado enternece o leitor, que conhece a biographia do poeta, ver o modo como este, ás vezes abraçado com a esperança, imagina um futuro mais tranquillo, em que a sua Marilia possa vir a contar a seus filhinhos as aventuras e prisões de seu pobre pai o triste Dirceu. Não respira menos confiança aquella estrophe que termina outra lyra:

Qual eu sou, verá o mundo;
Mais me dará do que eu tinha,
Tornarei a ver-te minha:
Que feliz consolação!
Não ha de tudo mudar-se,
Só a minha sorte não?

Sua resignação ás vezes é tão grande que tem por alguns sido julgada menos sincera: não tanto quando christãmente diz

« E beijo a santa mão que assim me guia; »

porém sim quando roga á sua Marilia não pragueje ao seu accusador Barbacena, porque diz

Não é o julgador, é o processo
E a lei que nos condemna.

A nós parece-nos haver demasiado rigor em tal modo de julgar, lembrando-nos de que o maior numero das lyras da 2.ª parte foram ainda compostas em Villa-Rica, quando Gonzaga, pelas perguntas vagas que lhe fazia o magistrado Torres, não podia ter uma idéa de toda a culpa que se lhe impunha, nem das autoridades que tomavam parte em sua accusação. — Talvez só quando com seus trinta e tantos co-réos, em uma jornada de mais de um mez, passou á cadêa do Rio, e ahi compareceu perante a alçada, é que soube todo o teor da accusação.

Depois da mencionada transferencia sua primeira composição é talvez a lyra (34) com mais visos de epistola, accusando o recebimento da carta em que Marilia lhe aconselha *siga o seu destino*, na certeza de que ella lhe será firme na ausencia.

A constancia de Dirceu é mais notavel, não como amante, pois não faltam exemplos d'amantes extremosos; sim como poeta que se votára a legar á posteridade um padrão de seu nome e da belleza da sua Marilia, do mesmo modo que Tasso e Petrarca haviam grangeado fama, afamando para sempre Clorinda e Laura:

Mas se aos vindouros
Teu nome passa
É só por graça
Do deus de amor,
Que tanto inflamma
A mente, o peito
Do teu pastor
. . . . . .

Em vão terias
Essas estrellas,
E as tranças bellas,
Que o céo te deu;
Se em doce verso
Não as cantasse
O bom Dirceu.

Gonzaga tinha uma alma nobre, que pensava mais na gloria immortal que nas vaidades do mundo.

« É melhor. . . . . ser lembrado
Por quantos hão de vir sabios humanos,
Que ter urcos, ter coches e thesouros,
Que morrem com os annos. »

E para essa gloria postera estava persuadido de que

« Só podem conservar um nome illustre
Os versos ou a historia. »

Com esta idéa fixa Gonzaga não se occupa senão da sua Marilia. — Até na prisão se tinha imposto o dever de escrever cada dia em honra d'ella algum canto.

Chegam as horas, Marilia,
Em que o sol já se tem posto;
Vem-me á memoria que n'ellas
Vi á janella teu rosto;
Reclino na mão a face,
E entro de novo a chorar.

Diz-me Cupido: *Já basta,*
Já basta, Dirceu, de pranto;
Em obsequio de Marilia
Vai tecer teu doce canto.
Pendem as fontes dos olhos,
Mas eu sempre vou cantar.

Vem o forçado accender-me
A velha, suja candeia;
Fica, Marilia, a masmorra
Inda mais triste e mais feia.
Nem mais canto, nem mais posso
Uma só palavra dar.

Diz-me Cupido: *São horas*
De escrever-se o que está feito;
Do azeite e da fumaça
Uma nova tinta ageito;
Tomo o páo, que penna finge,
Vou as lyras copiar.

Em quanto livre e feliz só Marilia lhe vinha ao pensamento; penando só a lembrança de Marilia lhe podia suavisar seus males.

A alçada creada no Rio condemnou Gonzaga a degredo perpetuo para as Pedras d'Angoche; pena commutada depois em dez annos de degredo para Moçambique.

Em fins de Setembro de 1793 deixou este poeta o solo brazileiro para ir cumprir seu destino, que segundo elle mesmo dizia, na ultima lyra que compôz, era o de ir *morrer em vil desterro.*

Em Moçambique quiz dedicar-se á advocacia. Mas de continuo lhe vinham á mente as injustiças dos homens... fez-se hypocondria-

co. — Lembravam-lhe suas antigas esperanças de amor e de gloria.... — frustradas.

Algum tempo depois sentia que a cabeça se lhe abrazava.... Deixou de trazer chapéo. Mas o calor que soffria não era physico. Foi acommettido de uma febre violenta, de que esteve á morte. Os soccorros da medicina restituiram-lhe a saude do corpo; mas o espirito ia de mal a peior. Quando não tinha accessos de furor ou de ternura, obedecia em tudo á mulher (*) que o tratára na doença.

E louco terminou seus dias em 1809 quem fôra capaz de compôr e de legar ao mundo a preciosa lyrica intitulada *Marilia de Dirceu*.

(*) O conselheiro Rezende Costa (no T. I, pag. 308 d'esta serie) affirma que elle chegou a casar-se com esta D. Juliana. Do contrario nos informaram pessoas que o conheceram em Moçambique. — Nada podemos averiguar do tal poema ahi mencionado feito a náo de viagem, e talvez melhor será que não appareça....

REVISTA TRIMENSAL

DE

HISTORIA E GEOGRAPHIA,

OU

JORNAL DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO.

N.° 14. — 2.° TRIMESTRE DE 1849.

BREVE NOTICIA

SOBRE A COLONIA DE SUISSOS FUNDADA EM NOVA FRIBURGO:

Por Thomé Maria da Fonseca e Silva,

Membro effectivo do Instituto.

Com o intuito de se promover e dilatar a população do Brazil, que não póde rapidamente progredir sem o auxilio e accrescentamento de habitantes affeitos aos diversos trabalhos, com que a agricultura e industria costumam remunerar os Estados que os agasalham; e solicitando o cantão de Friburgo, em beneficio de seus subditos, a faculdade de estabelecer em alguma parte do Brazil uma colonia de Suissos, onde vivendo reunidos desfructassem, debaixo da protecção do seu governo, muitos dos commodos que se lhes difficultam no seu paiz natal; foram por isso, por decreto de 16 de Maio de 1818, acceitas as condições propostas pelo agente do dito cantão S. N. Gachet, permittindo-se o estabelecimento da colonia composta de cem familias.

A formação da colonia foi commettida na Europa a J. B. Bremont, nomeado consul geral *ad hoc* junto á Confederação Helvetica, sendo composta de familias suissas agricolas, havendo entre ellas um

[illegible]

[illegible] Rhomo [illegible] Rio de Janeiro nos [illegible]

[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
[illegible]	[illegible]	[illegible]	10	[illegible]	[illegible]
[illegible]	[illegible]	[illegible]	21	416	437
[illegible]	[illegible]	[illegible]	12	216	[illegible]
[illegible]	[illegible]	[illegible]	15	218	233
[illegible]	[illegible]	[illegible]	72	[illegible]	430
[illegible]	30 [illegible]	[illegible]		4	4
[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	334	356
[illegible]	[illegible]	[illegible]	8	112	120
		Total	150	1853	2003

A despeza de [illegible] de 1853 [illegible] mil reis de [illegible] annos, sendo [illegible] na razão de cem patacas por cada um colono, a excepção dos

(*) Cerca de 3000 individuos se deram á matricula. — Vide officio de Bremont de 12 de Março de 1819.

(**) Pela mudança do porto de embarque, que era o de Marselha, detiveram-se mais de dous mezes nos pantanos dos Paizes Baixos, onde soffreram privações de toda a especie, e onde falleceram muitos e adquiriram molestias com as quaes vieram a fallecer no mar, e ainda mesmo depois de chegados. Da Suissa até o embarque falleceram 43, no mar 311, no hospital de Macacú 31, e em Nova Friburgo nos primeiros nove mezes 146.

menores de tres annos, na fórma do contracto de 5 de Maio de 1818, foi paga dous terços da sua importancia em Paris ao cambio par de 529 centimos por piastra, e o resto no Rio de Janeiro ao de 915 réis por peso hespanhol.

A bagagem e os effeitos da colonia foram transportados a bordo do sexto navio com grave detrimento da mesma.

Chegados os colonos á bahia d'esta cidade, foram transferidos em barcos para Tamby, tres leguas acima da embocadura do rio Macacú; d'onde, depois de quinze dias de descanso, seguiram a sua jornada até o logar do seu destino.

Diversos arranjamentos e preparativos apparatosos e bem desnecessarios tiveram logar mui anticipadamente para a sua recepção, jornada e domicilio: consistiram elles na construcção de cem casas provisorias, casa de municipalidade, capella para servir de matriz, casa para residencia do inspector, e depositos para viveres e utensilios, moinhos, fornos de cozer telha e tijolo, casa para enfermaria e botica, casa para registos na serra dos Orgãos, quartel de policia, pontes, ruas, vallas, estradas, e ultimamente a medição e demarcação das terras. (*)

As terras que deviam ser repartidas pelos colonos, e que formavam a antiga fazenda denominada *Morro Queimado*, compunham-se de quatro sesmarias com duas leguas de testada e tres de fundo: foram incorporadas aos proprios nacionaes pelo decreto do 1.º de Junho de 1818. As sesmarias importaram em 2:600$ réis; os fructos pendentes e colhidos, e utensilios agrarios, e o gado de criação existente em 4:854$ réis; e finalmente os escravos de lavoura pertencentes ao costeio da mesma fazenda em 4:400$ réis.

Procedeu-se á agrimensura respectiva na fórma determinada no aviso de 3 de Janeiro de 1820, medindo-se e demarcando-se o terreno de uma legua de testada e tres de fundo em 120 parallelogrammos, contendo cada um a superficie de 300 braças de frente e 750 de comprimento. (**)

(*) Toda esta despeza (não comprehendida a que se fez extraordinariamente e sem applicação essencial) foi computada em 50:000$ réis.

(**) O mappa annexo do districto da Nova Friburgo.

Depois de uma longa e afflictiva inacção, em que permaneceram os colonos, lhes foram distribuidas, á sorte, cem datas de terras, assim divididas e demarcadas, em plena propriedade, para serem rateadas, e n'ellas estabelecerem a agricultura e as suas habitações, reservando-se 20 parallelogrammos para serem trocados por aquellas que se reconhecesse estereis e incapazes de cultura.

Metade da legua restante, que comprehende a villa de Nova Friburgo, destinou-se para seu logradouro e horta das casas provisorias; e a outra metade adjacente ficou no dominio da corôa, onde ainda hoje se conservam os escravos acima referidos, constituindo uma fazenda separada, com o nome de S. João do Ribeirão.

Conforme as condições de 11 de Maio de 1818, os colonos perceberam no primeiro anno de domicilio o subsidio de 160 rs. diarios, e no seguinte á razão de 80 rs., segundo o numero variavel que existia durante os ditos dous annos, cujo maximo foi de 1587 individuos, importando em consequencia esta despeza em rs. 133:000$000

Tambem receberam depois algum gado e as sementes que se haviam garantido nas mesmas condições, computando-se ambos os objectos em rs. 20:000$000.

Além das concessões acima referidas, os funccionarios que acompanharam a colonia, e faziam parte integrante da mesma, foram gratificados, por espaço de cinco annos, na fórma seguinte, a saber:

Cura, Jacob Yoy, decreto de 3 de Janeiro de 1820 (*). . . .	600$000
Coadjutor, Aeby (**), idem	100$000
Medico, João Bazet, idem	900$000
Pharmaceutico, Leopoldo Bakle, aviso de 26 de Nov.º de 1820.	120$000
Professor de ensino mutuo, B. Bardy, decr. de 2 de Set.º de 1820.	120$000
Veterinario, Th. Hyppolito, idem.	100$000

A colonia é situada nas margens do rio de S. Antonio das Bengalas, a 24 leguas de distancia do Rio de Janeiro, para o lado de NNE, no termo que foi do municipio de S. Pedro de Cantagallo.

(*) Falleceu em Macacú, e foi substituido por um clerigo do paiz.

(**) Além da congrua vitalicia de 300$ rs. annuaes.

O logar em que se fundou a villa, por alvará de 3 de Janeiro de 1820 (*), com a denominação de Nova Friburgo, era designado pelo nome de Morro Queimado.

No mesmo districto foi erecta a freguezia por decreto da mesma data com o orago de S. João Baptista, por ser o nome do rei. Tem por limites desde as Aguas Compridas (Serra dos Orgãos) até o Rio Grande, comprehendendo o territorio que vai da sobredita villa até o rio Paquequer do lado do oéste, e da parte de léste até o alto da serra, cujas vertentes deitam para o rio de S. João de Macahé.

O terreno geralmente é montanhoso e pedregoso; é regado dos rios S. João das Bengalas e Conego, que nascem das vertentes das serras dos Orgãos, dos Canudos e do Queimado, e confluem no Rio Grande, que vai desaguar no Parahyba. Produz milho, feijão, trigo, centeio, batatas em abundancia, os fructos dos tropicos, assim como pastos nutrientes para criação de gado de toda a especie.

O clima é salubre, a sua temperatura no maior calor de estio não passa de 70 a 74 gr. do thermometro de Fahrenheit (17 a 19° de Réaumur); e na estação do inverno, nos mezes de Junho a Agosto, chega muitas vezes ao gráo de gelo, isto é, a 32° de Fahrent. ou zéro de Réaumur.

Grande numero de pessoas d'esta cidade que soffrem varias enfermidades, particularmente as affectados de doença do peito, procuram residir na Nova Friburgo, principalmente no verão, onde em geral experimentam melhoras, e muitos alli tem restaurado a sua saude perdida.

Os meios consignados para occorrer ás despezas da colonia foram:

1.° O producto do emprestimo gratuito de 35:200$000 rs., contrahido pelo decreto de 6 de Maio de 1818, para ser amortisado no periodo de oito annos.

(*) A inauguração da villa teve logar em 17 de Abril de 1820 pelo ouvidor da comarca Joaquim José de Queiroz. A villa, sendo desmembrada da de Cantagallo, tem por termo o districto da freguezia.

2.° Os fundos provenientes de metade da imposição de 9$000 rs. sobre cada escravo importado no Brazil, que entravam no banco creado pelo art. 4.° do alvará de 25 de Abril de 1818.

3.° O valor dos diversos dons gratuitos agenciados a prol da colonia nas provincias de S. Paulo, Minas Geraes e Rio de Janeiro.

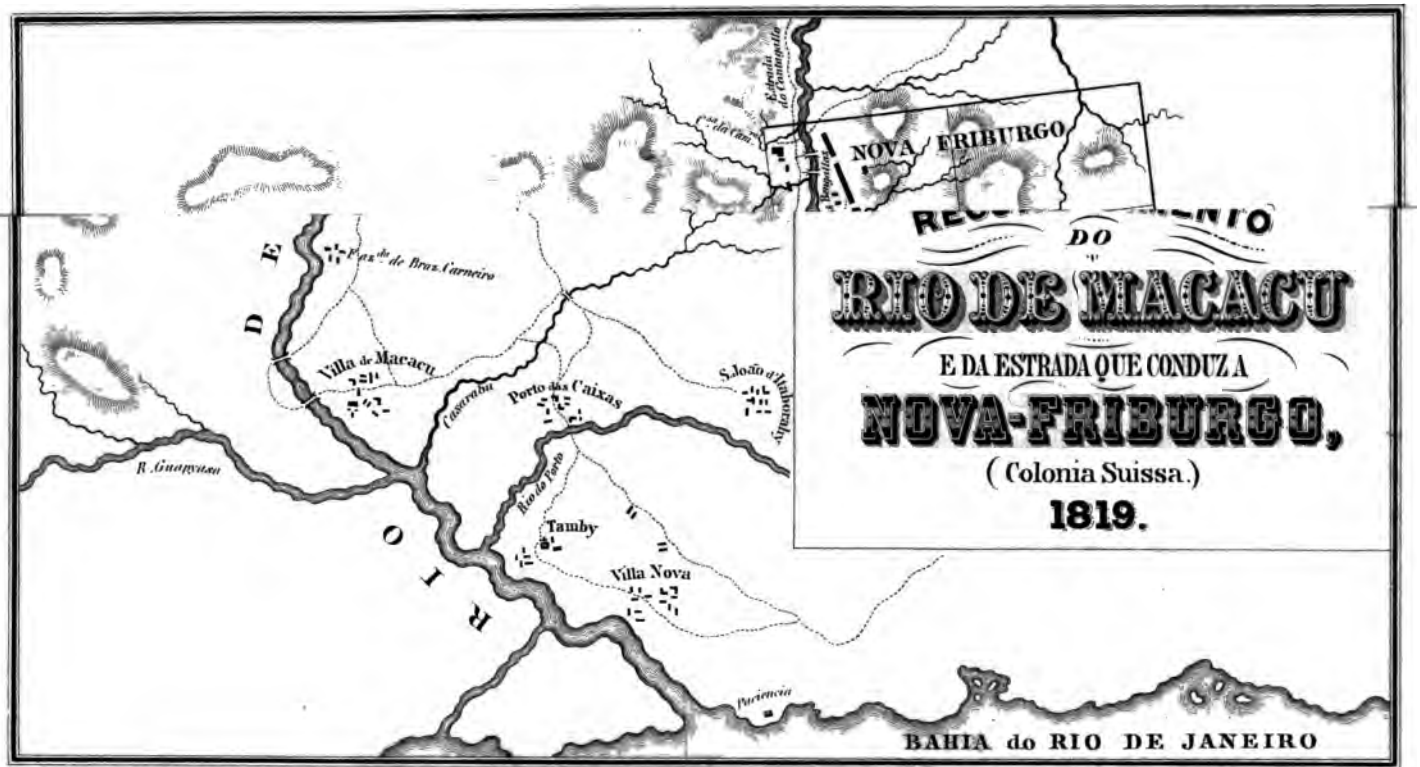
4.° Os supprimentos do thesouro nacional.

A colonia era dirigida por um inspector nomeado pela carta regia de 6 de Maio de 1818; distrahida com objectos alheios da sua natureza e instituição, perdidas as esperanças de os remover no meio de uma multidão de inuteis empregados, que só serviram de gravar o thesouro nacional, foi por fim dissolvida! (*)

Assim se levou a effeito um estabelecimento de tanta magnitude, digno sem duvida de melhor direcção.

A colonia dos Suissos fundada em a Nova Friburgo, apezar dos obstaculos que affluiram na sua formação e direcção, originados da indiscrição e vaidade, é por assim dizer uma das que hoje existem em estado florescente, devido á indole da sua povoação, de que esta provincia tira não pequena vantagem, como era de esperar. Oxalá que outras colonias melhor organisadas e dirigidas se emprehendam, não só em beneficio da agricultura, d'onde se deriva a mór parte da nossa riqueza, como tambem para o incremento da população, que visivelmente se resente; pois que com menos de metade d'esta despeza poderiam ser realisadas muitas colonias para terem logar depois os melhoramentos materiaes do paiz, em vez d'aquellas emprezas a que nações superabundantes de população e industriosas recorrem para emprego de braços importunos á permanencia de seus respectivos governos.

(*) Hoje faz parte integrante da população da villa, não sujeita aos regulamentos com que foi estabelecida e dirigida.



Lith: Ludwig & Briggs, Rio de Jan.ro

DISSERTAÇÃO

HISTORICA, ETHNOGRAPHICA E POLITICA

SOBRE

Quaes eram as tribus aborigenes que habitavam a provincia da Bahia, ao tempo em que o Brazil foi conquistado; que extensão de terreno occupavam; quaes emigraram e para onde; e, em fim, quaes existem ainda e em que estado?

Qual a parte da mesma provincia que era já a esse tempo desprovida de matas; quaes são os campos nativos, e qual o terreno coberto de florestas virgens; onde estas tem sido destruidas, e onde se conservam; quaes as madeiras preciosas de que abundavam, e que qualidades de animaes as povoavam?

Pelo coronel Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva,

Membro correspondente do Instituto.

INTRODUCÇÃO.

Em ordem a que se possa traçar uma carta geral do estado primitivo do paiz, resolveu o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, sob proposta de um dos seus membros, o Sr. Dr. Francisco Freire Allemão, que se pedissem com empenho aos Ex.^{mos} presidentes das provincias informações ácêrca dos diversos quesitos que se lêem no prospecto d'esta Memoria.

É inquestionavel por certo a importancia de similhante proposta para o fim pretendido; mas tambem é fóra de duvida a difficuldade, senão impossibilidade, em que ver-se-hão taes presidentes, ou a maior parte d'elles, de satisfazerem ás informações exigidas, querendo apenas recorrer aos archivos publicos respectivos.

A lentidão e frieza com que em quasi todas as mesmas provincias se ha procedido no preparar e reunir as bases indispensaveis á coordenação da estatistica geral do imperio, objecto de tanta necessidade ao andamento e regularidade dos negocios do Estado, bem como a falta ou extravio de bastantes documentos archeologicos, que ora debalde se buscam nas estações publicas, onde deveriam existir, garantem aquella impossibilidade, e será por isso talvez que outros iguaes pedidos do Instituto Historico nenhum resultado proficiente tem obtido de algumas d'essas autoridades provinciaes, aliás illustradas e dotadas de interesse pelo progresso d'aquella associação, que, altamente protegida pela magnanimidade de S. M. o Imperador, occupa já um logar bem distincto entre as corporações scientificas das partes mais cultas da Europa e da America.

Devo porém declarar que, deliberado desde tempos a pôr termo de uma vez aos meus humildes trabalhos litterarios, concernentes á historia e geographia do paiz, pelos mesmos principios porque outros de superior capacidade esquivam-se a tarefas d'esse porte — que por agora só produzem dissabores, despezas e fadigas ao que n'ellas se involve entre nós, — nem pela idéa me passava o emprehender este pequeno escripto, quando, entre differentes considerações assás poderosas, que me dictaram como imperioso dever o auxiliar de algum modo as informações do governo d'esta provincia sobre a predicta proposta, occorreu-me tambem o pensamento do famoso epico portuguez:

> . . . . Não deixe emfim de ter disposto
> Ninguem a grandes obras sempre o peito,
> Que por esta ou por outra qualquer via
> Não perderá seu preço e sua valia.

Fiz pois o que me foi possivel, escrevendo á pressa isto que hoje publíco, e que apenas no prélo soffreu essas pequenas correcções que em taes occasiões são toleradas, por não me ser permittido actualmente emendal-o por outra fórma. Talvez que conviesse empregar maior extensão, quanto á parte ethnographica relativa aos autochthones de quem tratei, e mesmo tornar mais variada e menos arida a leitura

da presente Memoria com esclarecimentos topographicos; mas ainda que, releve-se-me a jactancia, julgo-me um pouco habilitado n'essa materia, entendi porém que devia não ultrapassar os limites prescriptos a uma memoria.

Alheio á politica, sem pretenções, e ainda, mercê de Deus, sem experimentar até aqui o supplicio das ante-salas e dos favores populares, para o que em verdade reconheço-me dotado do maior desaso, dou-me por pago sobejamente de meus acanhados escriptos com o indulgente acolhimento com que tem sido honrados pelo publico, e com a idéa de *fazer resuscitar as noticias da patria da indigna escuridade em que jaziam*, na phrase do insigne Paulistano Alexandre de Gusmão. [1]

A questão geral da primeira origem dos habitantes de um continente, diz o sabio barão de Humboldt [2], está além dos limites prescriptos á historia, e talvez mesmo não seja uma questão philosophica. Desde longos annos tem sido objecto assás debatido o saber-se quaes foram os povos do antigo continente que effectuaram a passagem dos primeiros povoadores da America, attenta a rusticidade dos aborigenes que n'ella existiam ao tempo de sua conquista e occupação dos Europeos, e a falta de monumentos e hieroglyphicos, que similhante questão podessem acertadamente determinar. Procederam d'ahi differentes conjecturas entre os escriptores que trataram d'essa materia; de envolta com taes conjecturas surgiram algumas sobremaneira bizarras e fabulosas, e não ha quasi nação desde o pólo do norte até o do sul [3] á qual algum antiquario, entregue á mania das conjecturas, não tenha attribuido a honra de haver povoado a America.

[1] Na falla á Academia Real da Historia portugueza.

[2] *Essai politique sur le Royaume de la Nouvelle Espagne*, liv. II, cap. VI.

[3] Cresset, *Histoire de la Marine*, liv. III.

Tem-se supposto por seu turno que os Judeos, os Cananeos, os Phenicios, os Carthaginezes, os Gregos e os Scythas tinham em tempos remotos formado estabelecimentos n'este hemispherio occidental, e que posteriormente os Chinas, os Suecos, os Noruegianos, os Gallos e os Hespanhóes enviaram colonias para o mesmo hemispherio, em differentes circumstancias e diversas épochas: as pretenções respectivas d'estes povos tem achado zelosos partidarios, e posto que as mais plausiveis razões de apoio ás suas hypotheses não passassem de relações accidentaes de alguns costumes, ou uma similhança equivoca de algumas palavras, tem-se comtudo empregado de parte a parte muita erudição, e ainda maior calor a defender, sem util resultado, as hypotheses contrarias.

Até os apostolos da funesta propaganda do philosophismo do seculo passado prevaleceram-se d'esse estado de duvidas e incertezas para contestar o proceder o genero humano de um só tronco, e a universalidade do diluvio. [1] «Como é, motejavam elles, que os filhos de Noé povoaram a America tão recentemente descoberta, e que se achava povoada com sua civilisação, costumes, seu despotismo e sua liberdade? Os descendentes de Sem ou de Cham por certo que lá não foram, pois que ainda não tinha sido inventada a bussola [2], de mais que ninguem havia que tivesse a menor suspeita da existencia do Novo Continente.» Todavia porém nada ha tão certo como esse conhecimento entre os antigos povos.

Foi sempre tradição constante entre os Hebreos, Egypcios, Arabes, Gregos e Romanos, que além da Europa e Africa, para as partes do Oceano atlantico occidental, havia um grande continente; e a existencia da famigerada Atlantida [3] que, segundo Platão, era maior

[1] Roselly de Lorgues — *Jesus Christo perante o Seculo* — trad. pelo Dr. Caetano Lopes de Moura, cap. III, § II.

[2] Entre a variedade de opiniões a respeito d'esta importante descoberta, é mais dominante a que a data de 1302, attribuindo-a a Flavio Gioja. É digno porém de ler-se o que escreveram ácêrca de similhante especie Azuni, *Dissert. sur l'origine de la Boussole*, e M. de la Roquette em suas notas á traducção da *History of America by Robertson*, tom. I, nota IX.

[3] Veja-se a nota A.

que a Europa e a Asia reunidas, ou de tres mil estadios [1], sobre dous mil de largura, de figura oblonga, abundante em tudo, e que se submergíra em uma só noite por cataclysmos que soffrêra, é até sustentada por escriptores do cunho de Mentelle, Voltaire e Raynal. —A famosa Atlantida, diz este celebre abbade [2], cujo nome não subsiste mais, depois de muitos milhares de annos, senão em uma tradição obscura, transmittida a Platão pelos padres egypcios, a Atlantida foi em verdade uma vasta terra, situada entre a Africa e a America. Mil circumstancias fazem presumir que a Inglaterra fez outr'ora parte da Gallia, a Sicilia foi evidentemente separada da Italia, e as ilhas de Cabo-Verde, Açores, Madeira e Canarias, devem ter feito parte dos continentes visinhos, ou de outros continentes abysmados. As recentes observações dos navegantes inglezes não permittem quasi duvidar que todas as ilhas do mar do Sul tenham mais ou menos formado uma só massa. Á Nova Zelandia, a mais consideravel d'estas ilhas, é cheia de montanhas, onde se vêem impressos vestigios de volcões extinctos. Seus habitantes não são nem imberbes, nem tem a côr de cobre, como os da America, e apezar de uma distancia de seiscentas e oitenta leguas, fallam a mesma lingua que os da ilha de Otahiti, descoberta por M. de Bougainville.

Monumentos incontestaveis attestam estas grandes mudanças, e por toda a parte o physico attento observa vestigios d'ellas. A multidão de todas as especies de conchas, os coraes, os bancos de ostras, os peixes do mar, inteiros ou mutilados, accumulados com ordem

[1] Nos mappas antigos haviam tres escalas para esta medida: o estadio grego era o mais usado, e equivalia a 1/8 da milha romana, 125 passos geometricos, ou 625 pés, segundo Bonne e Desmarets. Dacier pretende que vinte estadios correspondiam a uma legua de 25 ao gráo. O segundo era igual a 1/10 da milha romana, conforme M. d'Anville: e o terceiro, que parece ser o mais antigo, se reduzia a 2/3 d'este estadio, conforme M. Mentelle. Veja-se Caz. Giraldes, *Trat. de Geogr. Univ.*

[2] *Histoire philosophique et politique des établissements et du commerce des Européens dans les deux Indes*, liv. X.

[illegible] do universo, nos logares mais afastados do mesmo [illegible] e na superficie das montanhas; a instabilidade [illegible] perpetuamente batido, devorado e destruido pelo [illegible] experimenta as vicissitudes, de uma parte perde [illegible] immensas terras, e descobre por outra aos nossos [illegible] paizes, longas planicies de arêa defronte de cidades que [illegible] foram portos famosos; a situação horisontal e parallela das [illegible] de terra e producções marinhas reunidas alternativamente [illegible] maneira, compostas das mesmas materias, regularmente [illegible] pela acção constante e successiva da mesma causa; a [illegible]pondencia entre as costas separadas por algum braço de mar, [illegible] vêem-se de um lado angulos salientes, oppostos aos angulos reintrantes de outro lado; á direita leitos da mesma arêa ou das mesmas petrificações, collocadas ao nivel de similhantes leitos, que se estendem para a esquerda; a direcção das montanhas e dos rios para o mar, como á sua origem commum; a formação de collinas e valles onde este vasto fluido tem, por assim dizer, deixado a impressão eterna das suas ondulações; tudo nos diz que o oceano tem ultrapassado os seus limites naturaes, ou antes que elle jámais tem tido barreiras insuperaveis, e que dispondo do globo da terra á medida da sua inconstancia, tambem por seu turno a tem tirado ou restituido aos seus habitantes.

Aristoteles affirma que os Carthaginezes tinham achado no mar, fóra das columnas de Hercules, uma ilha abundante de todas as cousas, onde ficaram alguns d'elles como em um logar de grandes regalos e delicias, e que o senado ordenára, com pena de morte, que ninguem mais navegasse para aquellas partes [1], a fim de que não se despovoasse Carthago. Diodoro Siculo, tratando das ilhas occidentaes do oceano, descobertas pelos Phenicios quando a ellas foram arrojados por grande tormenta, descreve uma que parece por seus caracteristicos ser o continente americano [2], e era á existencia

[1] *Mem. Hist. e Polit. da Bahia*, tom. I, pag. 6.

[2] *Est Lybiam versus ad oceanum sita plurium dierum navigatione insula permagna, agro fertili tum campis amœnis, tum montibus dis-*

d'essas novas terras em outro continente que alludia S. Clemente Alexandrino, quando agitava a questão de haver outro mundo além do oceano, conforme as suas proprias palavras que nos transmittiu S. Jeronimo [1], não faltando até quem presumisse ser em algum logar do Mexico, Perú ou Brazil [2] a famosa região de Ophir, d'onde Salomão fazia extrahir essa quantidade de ouro, prata, aromas, madeiras preciosas e animaes desconhecidos, com que carregava as suas frotas [3] sahidas do porto de Asiongaber. Pelo menos é digno de reparo que o proprio Christovão Colombo, zeloso como era de suas descobertas, situou a mesma região na ilha Hispaniola.

Poderia pois qualquer dos povos até aqui designados fornecer os primeiros habitantes da America; mas não sendo mais problematica, porém sim fundada em provas incontestaveis, a possibilidade de uma communicação entre o antigo e o novo continente, a opinião actualmente dominante attribue aos Asiaticos a origem primitiva de todas as nações americanas, desde o cabo de Horn até as extremidades meridionaes do Labrador [4]. Algumas familias de Tartaros errantes, levados apenas do genio vagabundo que ainda hoje os caracterisa, passaram talvez ás ilhas do archipelago descoberto pelos capitães Behring e Tschirikou, entre o promontorio de Alaska na America e a costa de Kamtschatka [5] na Asia, e chegaram ao continente americano, facilitando-lhes essa passagem a proximidade de taes ilhas entre si, transportando-se de uma á outra, até tocarem na terra firme. São ellas conhecidas pela denominação generica de

tincta; fluminibus rigatur, qui sunt navium capaces: priscis temporibus quoniam a reliquo urbe divulsa, videtur incognita. Lib. v, cap. xix.

[1] *Secundum sæculum mundi hujus utrum nam et aliud sæculum sit, quod non pertineat ad mundum istum, sed ad mundos alios, de quibus et Clemens in epistola sua scribit: oceanus et mundi qui trans ipsum sunt? An mundus unus iste sit.* Tom. IV de suas obras, cap. 2, *Epist. ad Ephesios.*

[2] Nota B.

[3] Nota C.

[4] Cresset, *Histoire de la Marine.*

[5] Nota D.

[illegible] entre os 52° e 56° de lat. boreal, e os 158° de long. O de Paris, formando dous grupos, e descrevendo um arco de [illegible], que ligava quasi unidos os continentes: nesse primeiro grupo, descobrindo Sachalian, de cinco ilhas, cujas capitaes são Bonaing e a ilha de Ciéro, e o segundo de infinidade de outras ilhas, entre as quaes as principaes Urmatli, a maior de todas e mais [illegible], e Araku, pertencendo todas á Russia, que d'ellas tira [illegible] quantidade de pelles de lontra e outras especies de pelleria.[1]

Acem da possibilidade de similhante communicação com a America, apresentam ainda as melhores observações a facilidade de outra [illegible] pelo noroéste da Europa. — O transito entre as terras arcticas de Lakhoski e as da Siberia[2], sendo semeado de ilhas formadas de destroços e fragmentos de ossos de elephantes, de rhinocerontes e de cetaceos; a passagem de alcatéas, de ursos e raposas que atravessam o cabo Tchalaginskoi, e a ausencia do fluxo e refluxo no norte da Siberia, delatam a grande extensão do continente americano debaixo do pólo, e sua reunião com a Groenlandia. É sabido que os Noruegianos, descobrindo a Groenlandia no seculo IX, estabeleceram alli algumas colonias, e que a parte de noroéste d'esse paiz é apenas separada da America por um estreito assás apertado, sendo provavel que em sua extremidade se unam ambos os continentes.[3]

Estas considerações não deixam por certo de justificar tambem a opinião de provirem do noroéste da Europa os primeiros povoadores

[1] Grandpré, *Dict. de geogr. marit.*

[2] Rosselly de Lorgues.

[3] Robertson, *History of America*, tom. II. O distincto Secretario da Sociedade dos Antiquarios do Norte, o Sr. Carlos Christiano Rafa, escriptor da excellente obra *Antiquitates Americanæ*, assegura, na sua *Memoria sobre o descobrimento da America no seculo X*, traduzida pelo Sr. M. F. Lagos, que a Groenlandia foi outr'ora habitada por uma população europea assás consideravel, formando assim uma diocese separada, e que o descobrimento da America é uma consequencia natural da descoberta da Islandia no meio do seculo IX.

da America, principalmente quando se attenta que os Esquimáos [1] ou Skrellings não só fallam a lingua groenlandeza [2], e apresentam alguma similhança com os Europeos, mas até que os antigos Scandinavos descobriram e visitaram durante o 10.° e 11.° seculo uma grande parte das costas orientaes da America Septentrional [3], attribuindo-se á sua residencia e estabelecimento nos estados de Massachussets e Rhode-Island os vestigios alli descobertos. Todavia porém, sem poder contestar-se formarem evidentemente os Esquimáos uma especie de homens particulares, e distinctos de todas as mais nações do continente americano na lingua, usos e costumes [4], a similhança na constituição physica e nas qualidades moraes, que apresentam os demais povos aborigenes da America, não obstante as differenças produzidas pela influencia do clima e desigualdade de seus progressos na civilisação, e essa quasi conformidade de caracteristicos que n'elles se acha com as tribus barbaras dispersas pelo nordéste da Asia, sem apresentarem alguma analogia com as nações da Europa, reforçam a crença de deverem sua origem aos Asiasticos.

É tambem digno de notar-se que, não obstante serem igualmente incultas e destituidas de industria as nações indigenas encontradas em toda a extensão da America conquistada pelos Europeos que se seguiram a Colombo, o que verifica procederem de povos do antigo continente pouco avançados em civilisação, existiam comtudo anteriormente a essa conquista muitos centros de uma civilisação primitiva, cujas mutuas relações se ignoram [5]. Os monumentos de Cuzco tiveram por modelo os grandes edificios de Teahuanaco, na America Meridional; o Mexico havia recebido essa civilisação de um paiz situado ao norte; as vastas planicies do Alto Canadá, e os desertos limitados pelo Orenoco, bem como o Cassiquiari, ainda attestam [6]

[1] Nota E.
[2] C. C. Rafn, *Memoria* cit.
[3] Robertson.
[4] Nota F.
[5] Nota F.
[6] M. de la Roquette, notas a Robertson.

haverem sido habitados de povos muito diversos em industria dos que povoavam o paiz ao tempo da referida conquista, e infunde por certo não pequeno pasmo a descripção [1] das ruinas da antiga cidade de Tulha e de Culhuacan na Confederação Mexicana, maravilhando ao mesmo tempo ser unicamente o Brazil a parte da America onde nenhum monumento d'essa antiga civilisação se tem até hoje descoberto, apezar das diligencias para isso empregadas, como ultimamente aconteceu com a excursão archeologica commettida ao Sr. conego Benigno José de Carvalho.

Passando agora aos indigenas d'esta provincia, a opinião mais generalisada, depois do que escreveu o padre Simão de Vasconcellos [2], reduz a duas nações os aborigenes de todo o Brazil; uma subdividida em tribus mais trataveis, a principal das quaes comprehende todos os bandos que ordinariamente corriam a costa e fallavam o mesmo idioma, de que o venerando José de Anchieta compoz uma arte universal [3], como sejam os Tobayáras, Tupis, Tupinambás, Tupinaes, Tupiminós, Amoipirás, Araboiarás, Rariguarás, Potiguares, Tamoyos, Carijós, e quaesquer outras tribus que tambem fallavam aquelle idioma. Todos estes formavam uma só nação especifica, posto que accidentalmente diversos em logares e ranchos, constituindo outra especie os Goayanás, que habitavam para as partes do sul, fronteiros aos Carijós seus contrarios, e que usavam de differente lingua, bem como os que povoavam o interior, especialmente no rio Amazonas.

A outra nação generica é a dos Tapuias, subdividida, conforme a affirmativa de muitos, em perto de cem linguas, quaes os Aymorés, Potentús, Guaitacás, Guaramonís, Guaregorés, Jeçarussús, Ama-

[1] *Incidents of travel in central America Chiapas and Yucatan, by John L. Stephens; illustrated by numerous engravings, in two volums* New-York 1841. —Humboldt, *Vue des Cordillères et monuments des peuples indigènes de l'Amérique*, etc.

[2] *Noticias curiosas e necessarias sobre o Brazil.*

[3] *Arte da grammatica da lingua mais usada na costa do Brazil.* Coimbra, 1595.

nipaqués, Payeiás e outros muitos, cuja raiz primitiva ou procede da denominação do logar que habitavam, ou do principal que os dirigia, costume antigo dos primeiros povoadores do mundo. [1]

Occupavam os Tapuias, nome generico pelo qual ainda são designados no Pará os Indios de qualquer tribu, uma grande parte do littoral do Brazil, comprehendido o que vai desde a foz do Rio de S. Francisco, originariamente Opara, que sahe no oceano em 10° 28' 50" lat., 27° 15' 32" long. O de Lisboa, até o rio Cricaré, hoje S. Matheus, cuja confluencia é em 18° 37' lat. e 40° 5' de long., espaço este que ao principio constituia o territorio da provincia da Bahia [2], sendo conhecidos pela denominação de *Maracás* [3] os que occupavam o terreno da capital e seu reconcavo; e é tradição historica que attrahidos os Tupinaes da fertilidade d'esse terreno, desceram do interior e obrigaram os mesmos Tapuias, após porfiadas guerras, a emigrarem para o centro, onde continuaram a soffrer incessante perseguição dos Tupinambás, que occupavam as adjacencias do Rio de S. Francisco, dos Tupinaes, que com elles confinavam, e dos Amoipirás, descendentes dos Tupinambás, que possuiam um espaço maior de sessenta leguas na margem oriental d'aquelle rio.

Ha quem diga haverem originalmente emigrado os Tupinaes d'essas regiões temperadas do sul junto ao tropico, e que se communicavam com os autochthones que se estendiam até o Chili [4]; sem ga-

[1] « Como de Roma, ou de Romulo, tomaram o nome os Romanos, de Luso os Lusitanos, de Agar os Agarenos, de Israel os Israelitas, assim tambem entre estes Indios, de um principal chamado Potiguar tomaram nome os Potiguáres, de Tupì, que dizem ser d'onde procede a gente de todo o Brazil, umas nações tomaram os nomes de Tupinambás, outras de Tupinaquins, outras de Tupinaes e outras de Tupiminós. » Vasc., *Not. curiosas* cit.

[2] Sabe-se geralmente que esse territorio começa agora pelo norte do rio Real em 11° 28' 4" lat. e 28° 12' 23" long. O. de Lisboa, segundo as mais exactas observações do barão de Roussin, e finda pelo sul no rio Mucury, que desagua em 18° 6' lat. 40° 50' long. O do meridiano do observatorio de Paris, oito leguas ao norte do Rio de S. Matheus.

[3] Nota G.

[4] Ferdinand Denis. — *Le Brésil.*

rantir porém similhante opinião, direi tão sómente que ignorando-se por quanto tempo elles se conservaram senhores do terreno conquistado aos Tapuias, sabe-se comtudo que tambem foram d'esse terreno desalojados pelos Tupinambás, e obrigados a asylarem-se no interior, achando-se já em 1580 reduzidos a um pequeno numero, resultado dos destroços que soffriam em suas luctas com os Tupinambás e Tapuias

O illustrado Ayres do Casal [1] refere serem os Quinnimúras os primeiros povoadores memoraveis do contorno da enseada de Todos os Santos; mas além da singularidade de tal proposição, cujas bazes não pude descortinar, nota-se dar essa preferencia o jesuita Vasconcellos aos Tobayáras, exprimindo-se d'este modo: « Tobyáras são os Indios principaes do Brazil, e pretendem elles ser os primeiros povoadores e senhores da terra. O nome que tomaram o mostra, porque *ára* quer dizer senhores, *tobá* rosto, e vem a dizer que são senhores da terra que elles tem pela fronteira do maritimo, em comparação do sertão, e na verdade que elles senhorearam sempre grande parte da costa do mar. Outros dizem que aquelle *tobá* allude á terra do Brazil, porque estes Tobayáras senhorearam principalmente esta parte, por isso dizem se chamam Tobayáras, a saber *senhores da terra da Bahia;* e na verdade como taes foram sempre reverenciados entre os mais Indios por primeiros de grão senhorio, e por valentes e fieis. »

Deixando todavia de entrar em maiores detalhes sobre esta especie, por ser isto algum tanto anomalo do fim da presente Memoria, devo apenas referir que ao tempo da chegada dos primeiros Europeos que acompanharam o donatario Francisco Pereira Coutinho, e annos depois ao primeiro governador Thomé de Souza, eram da poderosa nação dos Tupinambás [2] os que occupavam a maior parte do littoral d'esta provincia, e se estendiam até o Rio de Janeiro, bem como que pertenciam á tribu dos Tupiniquins ou Tupinaquis os

[1] *Corographia Brazilica*, tom. 2.º, pag. 100, edicção de 1833.
[2] Nota H.

que se achavam na praia do Porto-Seguro, quando alli desembarcou Pedro Alvares Cabral, épocha da descoberta do Brazil.

Estendiam-se os Tupiniquins n'esta provincia por toda a costa que vai desde a bahia de Camamú em 13° 53' 5" lat. 39° 48' 47" long. até Caravellas, e destituidos da ferocidade dos outros aborigenes, que até aqui tenho mencionado, possuiam suas principaes aldêas no territorio de Porto-Seguro. Foram esses indigenas os primeiros em todo o continente brazilico que assistiram aos actos da religião catholica, praticados pelos religiosos da ordem de Santo Antonio da menor observancia, que sob a direcção de Fr. Henrique de Coimbra, depois bispo de Ceuta, iam fundar a mesma religião no Oriente, enviados pelo rei D. Manoel n'essa expedição a cargo de Pedro Alvares Cabral, a estabelecer uma feitoria em Calecut [1], e pertenciam a similhante tribu os tres Indios que João Lopes Bixorda apresentou em 1515 áquelle monarcha [2], acompanhando-o n'essa occasião em qualidade de interprete um dos degradados que Pedro Alvares Cabral deixára em Porto-Seguro, quando d'ahi proseguíra em sua derrota para a India.

Procediam os Tupiniquins, bem como os Tupinaes, que lhes ficavam pelo centro de Porto-Seguro, de um só tronco, e posto que nos começos d'essa capitania assás incommodassem por alguns annos aos seus novos hospedes europeos, comtudo, pactuando pazes com Pedro de Campos Tourinho, primeiro donatario da mesma capitania, a troco de alguns donativos que d'elle receberam, e submettidos

[1] *Mem. Histor. e Polit. da Bahia*, tom. I. Veja-se a nota I.

[2] No anno de 1513, estando el-rei D. Manoel em Santos o Velho, tendo despacho em uma casa de madeira que alli estava na ponta do cáes, posta sob ella agua, George Lopes Bixorda, que n'aquelle tempo tinha o trato do páo-brazil, que trazem d'esta Terra de Santa Cruz, veio fallar a el-rei, e com elle tres homens d'esta provincia assás bem dispostos, que entao vieram em uma náo que de lá viera, os quaes vinham vestidos de pennas, com os beiços, narizes e orelhas cheios de grossos pendentes. Cada um d'elles trazia seu arco e flechas. Vinha com elles um homem portuguez, que sabia a lingua, por quem lhes el-rei fez perguntar algumas cousas.—Dam. de Goes, *Chron.*, part. I, cap. LVI.

á obediencia na dos Ilhéos pelo governador Mem de Sá, quando por alli passou em sua primeira viagem a desalojar os Francezes que occupavam o Rio de Janeiro [1], tornaram-se alliados fieis e dedicados dos colonos, auxiliando-os no serviço rural dos estabelecimentos agricolas, e na continua guerra contra os Tapuias, Tupinambás e Aymorés. Perseguidos porém incessantemente pelos ultimos selvagens, colligados com os Tupinambás, e flagellados tambem do máo tratamento que recebiam da maior parte dos colonos portuguezes, abandonaram o littoral sobremaneira reduzidos a um pequeno numero, permanecendo unicamente no logar de sua primaria habitação os christianisados pelos Jesuitas, que haviam fundado um collegio em Porto-Seguro, e, conforme o testemunho de Gabriel Soares de Souza [2], já estavam limitados a duas pequenas aldêas junto ao engenho de Henrique Luiz, ao tempo que elle escreveu, achando-se agora absolutamente extinctos. Fallavam os Tupiniquins o idioma Tupinambá, e seus costumes e vida eram identicos em tudo, differindo unicamente em serem mais verdadeiros e menos ferinos.

Foram os Aymorés o flagello dos moradores da capitania dos Ilhéos, e, segundo a antiga tradição que nos transmittiu o referido Gabriel Soares, procediam de alguns casaes de Tapuias, que fugindo em eras remotissimas á perseguição de seus contrarios, refugiaram-se nos logares mais fragosos do centro da mesma capitania: alli cresceram excessivamente em numero, e perdendo, com o volver dos muitos annos que n'aquelles logares se conservaram, a lingua primitiva, formaram uma nova e desconhecida de todos os mais indigenas, por isso que nunca haviam tido a menor communicação com outra tribu diversa, passando sempre pelos mais ferozes e calentados de todos os selvagens conhecidos, qualidades que ainda hoje mesmo não perderam inteiramente os seus descendentes, que subsistem no estado primitivo.

Começaram os Aymorés a tornarem-se o terror dos primeiros co-

[1] Nota J.
[2] Nota K.

lonos portuguezes no districto de Caravellas, d'onde pelo diante estenderam-se até Camamú, e mesmo á ilha de Tinharé, em suas incursões, em cujas occasiões sómente appareciam nas proximidades do littoral, servindo-lhes porém de embaraço ao progresso de suas atrocidades qualquer rio que não lhes offerecesse váo, de cuja circumstancia procedeu éscrever-se que ignoravam a natação [1]. Por diversas vezes tornou-se a antiga capitania dos Ilhéos theatro de sua barbaria, e obstaram por muitos annos ao incremento da colonia, devastando inteiramente alguns engenhos que alli se haviam construido, e matando no espaço de vinte e cinco annos para cima de trezentos Portuguezes e tres mil escravos. Essa desolação, que promettia estender-se, derramou o desacoroçoamento entre aquelles colonos, e chegou ao ponto de obrigar o donatario da mesma capitania, Jeronimo Alarcão de Figueiredo, a supplicar licença regia para vendel-a a Lucas Geraldes pela quantia de 1:933$000 rs., valor pelo qual D. Leonor de Campos havia vendido outra igual ao duque de Aveiro, effectuando-se esse contracto em virtude da permissão concedida por alvará do 1.° de Março de 1560. Tal era o apreço em que n'aquelle tempo se tinha uma extensão de cincoenta leguas de costa e de matas preciosissimas!

O destroço porém que soffreram os Aymorés com a perseguição que em pessoa lhes fez o governador Mem de Sá, sahido para isso da capital em Novembro de 1565, como já referi, e o crescimento da população da colonia com os novos habitantes, que progressivamente chegaram de Portugal, fizeram com que esses barbaros, batidos todos os dias, se submettessem em 1602, dando-se-lhes duas povoações para sua habitação nos Ilhéos, das quaes tornaram a reconcentrar-se, occupando as immediações da serra que d'elles tomou o nome, e se estende desde a comarca dos Ilhéos até o rio Macacú, que a separa da Serra dos Orgãos, sem que todavia de tempos a tempos deixassem de occasionar gravissimos damnos em differentes pontos d'aquelle districto.

[1] Nota L.

E esta a unica nação antiga de aborigenes que ainda se conserva poderosa e pela maior parte selvagem, conhecida agora geralmente pela denominação de Botocudos [1], que lhes deram os Portuguezes em virtude do cylindro de madeira ou batoque que trazem por enfeite [2] nas orelhas e no queixo inferior. Ha mais de duzentos annos que occupam as adjacencias do Rio Pardo, e se estendem até as vertentes do Belmonte ou Jequitinhonha, Mucury, e territorio da provincia do Espirito Santo, vagueando pelo interior das matas que bordam o Rio Doce, e, a exemplo das demais raças aborigenes, distinguem-se entre si por diversas denominações: são estas Engerecmung, Inas, Arary, Naknanuks, que significa habitantes da serra (nome que se dão os que occupam as serranias que ficam entre os rios Jequitinhonha e Mucury), Crecmnu e Pejaurunu, adoptada por alguns que habitam as adjacencias do Rio Doce e do mesmo Jequitinhonha. A ferocidade de seus maiores, os Aymorés, e juizos que fornece a carta regia de 3 de Maio de 1808, tem servido de engrossar a opinião generalisada da crueldade dos Botocudos, e de dar corpo a publicações calumniosas contra elles, não escrupulisando até o severo historiador Southey em avançar — que os Botocudos, logo que colhem ás mãos um prisioneiro, ainda vivo sorvem-lhe o sangue, para depois começarem o abominavel festim, em que deve ser devorada a carne da victima [3]. Comtudo porém convém dizer-se por esta occasião, que além de ser ainda assás problematica a anthropophagia dos actuaes Aymorés ou Botocudos [4], uma vez tratados com benignidade e franqueza, tornam-se verdadeiros amigos e bons para tudo, por serem dotados de bastante intelligencia, generosos e de caracter firme, no que excedem aos Indios de outras muitas tribus. Não são todavia estas as unicas qualidades que tornam notavel similhante tribu.

[1] Nota M.

[2] Nota N.

[3] *History of Brazil*, III, pag. 807 e 808.

[4] Aug. de Saint-Hilaire, *Voyage au Brésil*, tom. I, pag. 439, e tom. II, pags. 30, 63 e 156.

Os Botocudos, diz Saint-Hilaire, parecem por sua physionomia mais particularmente da raça mongolica, e o canto dos Chinezes não é em realidade senão o dos Botocudos extremamente modificado. Não seria possivel que elles viessem do plató da Asia, em quanto outras povoações deveram a sua origem a algum dos ramos menos nobres da raça caucasica, como a phenicia, ramo que ter-se-ia alterado na America pela influencia do clima e pela mistura com Indios da raça mais decididamente mongolica?

Ha opiniões de terem vindo da Asia os progenitores dos Aymorés pelo estreito de Behring, quando o mar ainda não tinha aberto a paragem descoberta pelo celebre navegante d'esse nome [1], e que multiplicando-se progressivamente obrigaram, depois de muitos combates, os outros Indios a evacuarem o terreno que occupavam, resistindo-lhes apenas os Tupís. Além do que fica dito, nota-se que a linguagem assás aspirada dos Botocudos tem extraordinaria similhança com a chineza, e, attenta a differença de caracteres dos antigos Indios, observada pelo jesuita Vasconcellos, seriam os Tapuias Mongols, e os Indios de lingua tupí teriam alguma cousa de um dos ramos da caucasica. Jorge de Horn pensa que em éras afastadas fôra a America povoada pelos Huns e Tartaros cathayenses, e que pelo diante foram os Carthaginezes e os Phenicios lançados sobre a costa occidental do Novo Continente; e não sómente minha opinião, continúa Saint-Hilaire, é de conformidade com a d'esse sabio, mas até ella concorda com os factos e a tradição historica. Com effeito os descendentes dos Mongols, chegados á America em uma épocha extremamente remota, deviam ser menos civilisados que os Phenicios, e logo que estes ultimos desembarcaram, deviam, para se estabelecerem, repellir os primeiros para o interior. Ora, mostra-nos a mesma tradição historica que os Tapuias, os mais antigos habitantes do Brazil, foram expulsos do littoral pelos Tupís, e de outro lado que eram estes no estado selvagem mais civilisados que os Botocudos, representantes actuaes dos Tapuias, pois que sabemos que ao tempo da descoberta os Indios da costa do Rio de Janeiro, que pertenciam

[1] Nota O.

á raça tupí, cultivavam a terra, faziam fortificações, e conheciam a arte de navegar em canôas [1].

Já deixei dito que na épocha do estabelecimento d'esta provincia eram os Tupinambás que se achavam de posse do littoral e reconcavo da capital. Viviam estes Indios além do Rio de S. Francisco, e scientificados da fertilidade d'esse terreno, conquistaram-o aos Tupinaes, descendo para isso em grande numero, e causando a maior destruição aos seus contrarios; e refere Gabriel Soares de Souza [2], que divididos depois em dous bandos, por differenças que entre si tiveram, sustentaram por muitos annos guerra encarniçada. Sem me fazer cargo porém de tratar na presente Memoria da historia, usos e costumes dos primitivos aborigenes, noticiarei apenas de passagem que, apezar dos esforços e intervenção de Diogo Alvares Corrêa, o Caramurú, bastante deram que fazer os Tupinambás aos colonos que chegaram com o donatario Francisco Pereira Coitinho, e aos que se lhes seguiram, sendo até preciso que Mem de Sá [3] lhes destruisse para cima de trezentas aldêas, que possuiam no reconcavo e visinhanças do littoral.

O restante dos que emigraram, fugindo a essa guerra de destruição, foram reduzidos ao christianismo pelos Jesuitas, e os que poderam escapar a tamanho furor, continuando pelo tempo adiante a soffrerem successivas perseguições em outras provincias, foram-se estendendo até o Pará [4], onde apenas existem hoje alguns pequenos grupos dos seus descendentes em differentes villas, e outros ainda selvagens com diversas denominações.

Exemplos d'esta ordem, os que apresentam o Haity, Martinica e Guadelupe, onde nem ao menos existem restos das raças aborigenes que povoaram essas ilhas ao tempo da chegada dos primeiros Europeos a ellas; o que se passa no extenso territorio que formava as

[1] Nota P.

[2] Nota Q.

[3] Mem. de Sá, terceiro governador da Bahia, tomou posse em 1558 e conservou o governo até 1572, tempo em que falleceu na capital.

[4] Nota R.

antigas colonias da America do Sul, e o que igualmente se nota nos Estados da União Nort'americana, apezar da diversidade de conducta com que, desde o começo de sua emancipação, procede o governo d'este paiz [1] ácêrca dos respectivos indigenas, confirmando o pensamento do insigne naturalista Augusto de Saint-Hilaire [2] — que se póde predizer sem receio a proxima destruição dos fracos restos dos Indios do Brazil —, desafiam ao mesmo tempo a sensibilidade do homem de coração bem formado.

Na informação que o celebre padre Antonio Vieira deu ao antigo governo em 31 de Julho de 1678, referiu que sendo o Maranhão conquistado em 1615, e achando os Portuguezes mais de quinhentas povoações de indigenas, desde a cidade de S. Luiz até Gurupá no rio Amazonas, todas ellas assaz povoadas; já em 1652, épocha da sua chegada áquella cidade, tudo estava despovoado, consumido e reduzido a um pequeno numero de aldeotas, das quaes todas não pôde o governador André Vidal de Negreiros ajuntar oitocentos Indios. Outro tanto ou peior ainda acontece n'esta provincia, onde já se acham desertas muitas das reducções que outr'ora floreceram sob a direcção dos Jesuitas, e que rapidamente se extinguiram com o exterminio d'esses infatigaveis apostolos do evangelho, a quem de tempos para cá passa como por moda cobrir apenas de baldões, e remetter ao silencio os beneficios que fizeram ao paiz [3], notando-se tão sómente existir ainda maior numero de Indios nas comarcas de Caravellas, Porto-Seguro e Ilhéos, bem que por extremo desproporcional ao que continham n'aquella épocha.

[1] Não procederam porém diversamente das outras nações os Inglezes no Canadá, e nos mesmos Estados-Unidos, ao tempo que este paiz achava-se sob seu dominio. Confir. Navarrette na introducção á *Collection des voyages et découvertes des Espagnols depuis la fin du* XV *siècle.*

[2] *Voyage au Brésil*, tom. II, pag. 58. Os padres Sobreviela e Narcizo, bem como M. de Paw, ainda dizem mais quando avançam que parece ser destino das nações selvagens o extinguirem-se, approximando-se a povos civilisados. *Voyage au Perou*, tom. I, pag. 139.

[3] Nota S.

Assim desappareceu do continente da Bahia a famosa nação dos Tupinambás, tão historica nos annaes do Brazil, e á qual pertencia a celebrada Catharina Paraguassú, importando sem duvida uma especie de prodigio [1] o conservar-se ainda na igreja do mosteiro dos benedictinos da Graça a campa sepulcral que occulta os despojos da vida d'esta indigena, cuja viagem á França com Diogo Alvares Corrêa tem ultimamente servido de objecto á polemicas litterarias.

Reduzem-se pois as tribus indigenas que ainda existem n'esta provincia, não contemplando n'esse numero algumas cabildas de Acroás, Chacriabás, Cherentes e Chavantes do rio Tocantins, que ás vezes erram pelos desertos ou *geraes* que separam a comarca do Rio de S. Francisco [2] da provincia de Goyaz, ás seguintes: os Botocudos, os Machacalis, que outr'ora estendiam-se desde o centro de Caravellas até Minas Novas, onde actualmente existe o maior numero d'elles. Faziam parte d'esta tribu os Macaxans, Monochós, Macunís, Bacomins, Malalís, Mangalós e os Manhas, os quaes todos infestaram por algum tempo a villa do Prado, e ora apenas em pequeno numero se encontram nas matas que vão desde essa villa até a de S. Matheus. Submetteram-se os Machacalis em 1786, apresentando-se na villa de Porto Alegre [3] em numero de 120 individuos de ambos os sexos, e ainda ao tempo das viagens do principe Maximiliano e Augusto de Saint-Hilaire possuiam duas aldêas perto da villa do

[1] E por certo que não deixa hoje de ser algum tanto prodigioso, especialmente no Brazil, a conservação de qualquer objecto archeologico. Transcrevi no 1.º vol. das *Memorias Historicas da Bahia*, pag. 57, a inscripção da lousa de Affonso Rodrigues, inhumado na igreja parochial da Victoria, e o primeiro homem que n'esta igreja casou, em 1534, com Magdalena Alvares, filha de Diogo Alvares Corrêa, primeiro povoador d'esta capitania. — Similhante transcripção desafiou a curiosidade de bastantes estrangeiros, que alli foram ler a inscripção original; mas talvez que não tarde muito a desapparecer de uma vez, por ter sido arrancada do seu logar a mesma lousa em 1836.

[2] Veja-se a *Informação ou Descripção topographica do Rio de S. Francisco*, que escrevi de ordem do governo provincial, e publicou-se em 1847, bem como a nota T.

[3] Fica na foz do rio Mucury em 18° 20' lat. e 41° 37' 30" long.

Prado. Os Patachós e os Comonochós, que tem seu principal assento nas immediações da serra dos Aymorés, e erram desde o centro da comarca dos Ilhéos até a de Porto-Seguro, e finalmente os Mongoiós.

Occupavam a principio os Mongoiós, geralmente conhecidos agora por Camacans [1], o terreno que vai desde o Rio de Contas, cuja confluencia no oceano é em 14° 18' lat. e 41° 18' long. O, até o Rio Pardo e adjacencias do Patype, que desemboca em 15° 42' lat.; e dotados de um genio assaz bellicoso, repelliram por vezes os que pretendiam submettel-os pela força, até que cedendo, no fim de muitos ataques, ao valor e perseverança com que os perseguiu o capitão João Gonçalves da Costa, sujeitaram-se em 1806 no logar onde elle fundou o arraial que denominou Conquista [2]. Eis como o principe Maximiliano refere essa sujeição:

« Não era outr'ora este cantão mais que uma solidão coberta de matos: um conquistador, isto é, um aventureiro que se intitulava capitão, chegou de Portugal com força armada [3], e fez guerra aos indigenas habitantes do territorio. Estendiam-se os Camacans, segundo se diz, até ás visinhanças do assento actual da villa da Cachoeira do Paraguassú, ou até os logares occupados pela tribu dos Cariris ou Kiriris, cujos descendentes formavam a villa da Pedra Branca. Elle apoderou-se do territorio, e fundou o arraial que é conhecido pelo nome de Conquista. Finalmente, depois de haver concluido com esses selvagens uma pacificação, e de começar a formar o seu estabelecimento, observou que o numero de seus soldados

[1] O principe Maximiliano nota que esta segunda denominação escapasse ao infatigavel auctor da *Corographia Brazilica*. *Voyage au Brésil*, cit. trad. de *Eyriès*, tom. III, pag. 172.

[2] Nota U.

[3] Equivocou-se n'isto o illustre viajante. João Gonçalves da Costa, que chegou até o posto de coronel, contando cem annos de idade em 1819, tinha apenas dezeseis quando veio de Portugal, sem a menor consideração politica, que obteve depois pelo genio emprehendedor de que era dotado, coadjuvando-o em suas emprezas seu irmão Raymundo Gonçalves da Costa. D'esta conquista faz tambem menção Southey, *Hist of Brazil*, III, pag. 692.

diminuia todos os dias, e soube que os Indios, attrahindo-os isolados ao interior do mato, debaixo de qualquer pretexto, alli os matavam. Um soldado assim alliciado, e que teve a coragem de dar a morte ao que o convidára, communicou ao commandante, em sua volta ao arraial, a perfida conducta dos Camacans; e esse commandante, depois de haver secretamente determinado á sua tropa que tivesse promptas as armas, convidando aquelles selvagens para um festim, cercou-os por todos os lados, e em quanto elles sem a menor desconfiança se entregavam ao regosijo, matou a maior parte d'elles. Os que escaparam d'essa carnagem internaram-se nas matas, obtendo o arraial com isso o repouso e tranquillidade, e cada vez mais se reconcentram aquelles selvagens com o augmento da população, vivendo reunidos em pequenas rancharias ou aldêas, em partes conhecidas das matas que seguem desde o Rio Pardo, ao longo do rio de Ilhéos, até o Rio de Contas, sem todavia chegarem absolutamente ao littoral, receiosos das hordas de Patachós que vagueam desde este rio até o centro das matas da villa dos Ilhéos. »

Se felizmente porém são hoje impraticaveis ou rarissimos similhantes actos de crueza e barbaridade, tão triviaes nos antigos conquistadores, attestando assim manifesto progresso na carreira da civilisação, parece por outro lado que todos esses excessos tem sido actualmente substituidos por uma especie de indifferença e menospreço no attrahir ao gremio social as tribus aborigenes que ainda existem no estado selvagem, e mesmo em conservar as já christianisadas, pois que ninguem desconhece a inefficacia de certas creações de recente data, bem como está ao alcance de todos que havendo uns poucos de conventos de ordens religiosas n'esta provincia, são apenas os capuchinhos italianos do hospicio da Piedade os que se entregam á catechese, cujos effeitos [1] caminham a par do pequeno numero de operarios para tão grande messe.

[1] *Donnée à tous les hommes*, diz M. de Saint-Hilaire, *la religion qui éleva le génie de Pascal et des Bossuets peut aussi être entendue des races qui sont placées le plus bas sur l'échelle de l'intelligence humaine. A sa voix des féroces Aymorés se sont réunis en bourgades, et les Hottentots,*

O modo com que se devem alliciar e ganhar os selvagens, disse uma das nossas eminentes capacidades [1], é negocio da primeira importancia. O coração estremece com a recordação do methodo pelo qual governadores do Brazil, aliás não destituidos de juizo e humanidade, mandavam fazer esses chamados descobertos: era verdadeiramente uma caçada de homens, de que se encarregavam militares ferozes, escoltados da mais baixa relé: matar e exterminar eram as instrucções.

D'este modo de colonisar já se vê que o resultado seria o diametralmente opposto ás vistas do soberano.

Para este genero de emprezas pensamos nós que é perder tempo querer buscar outros conquistadores, que não sejam ecclesiasticos seculares ou regulares, instruidos e virtuosos. « O ar doce e santo, a intrepidez e paciencia de um sacerdote bem convencido das verdades religiosas, diz M. de Loziéres [2], inspiram muito maior respeito ao selvagem, e o penetram muito mais do que o tom ameaçador e os raios de uma tropa guerreira. Similhante á gotta d'agua que penetra o rochedo, a uncção do religioso acaba por ganhar o coração do selvagem, e reconduzil-o aos verdadeiros principios da natureza, que só conhece quem tem uma religião illustrada. Um cenobita vale mais que um exercito contra anthropophagos. »

D'estas mesmas verdades não temos nós os mais irrefragaveis testemunhos nos nossos fastos gloriosos, que em nada cedem aos de nenhuma outra nação conquistadora? O caso é saber escolher esses ecclesiasticos, e sustentar illeso e puro o mesmo espirito de caridade christãa dos primeiros fundadores, porque desgraçadamente de tudo se abusa, e tudo degenera nas mãos dos homens.

Seria pois nossa opinião que este fosse o methodo de attrahir os selvagens, e que se organisasse um plano adequado a cada uma das capitanias geraes. Os mesmos Francezes, ainda no calor revolucionario,

devenus moins abrutis, ont pu goûter quelque bonheur. Veja-se Southey, *History of Brazil*, tom. I, pag. 362, e a *Viagem* de Barrow.

[1] Nota V.

[2] M Baudry des Lozieres, *Voyage à la Louisiane.*

convieram na conservação dos conventos na Luiziana, com vistas na civilisação dos selvagens. Esta coarctada servirá a desarmar da critica, que por ventura nos iria preparando, a ouvir este conselho, algum espivitado em politica, que não estiver ainda escarmentado do nada que valem, para governar homens, as abstracções philosophicas.

Continuando porém com os Camacans — é d'esta tribu que se compõe a povoação de S. Pedro d'Alcantara ou Ferradas, nas adjacencias do rio da Cachoeira, um dos que formam a bahia dos Ilhéos, cuja confluencia é em 14° 49' 25" lat. S., e 29° 52' 22" long. O. de Lisboa, povoação essa fundada pelo missionario capuchinho italiano Fr. Ludovico de Liorno, coadjuvado pelo conselheiro Balthasar da Silva Lisboa, então ouvidor da comarca de Ilhéos. Levado aquelle respeitavel missionario do mesmo espirito verdadeiramente apostolico que sempre distinguiu os religiosos da sua ordem [1], internou-se pelas matas do districto da villa de S. Jorge dos Ilhéos, em busca dos Indios d'aquella tribu que sabia errarem por alli, e encontrando-os depois de alguns dias, não só conseguiu á força de muitos trabalhos e fadigas attrahil-os ao gremio do christianismo, permanecendo entre elles, mas tambem preparou a futura pacificação dos

[1] Sob a direcção dos capuchinhos italianos do hospicio da Bahia floreceram as missões Rodella, Acará e Vargem, de Procós, Pambú, Cavallo, Taperoá e Vacarapá, de Indios Kasinos; Rio de Contas e S. Felix, de Grens. *Mem. Hist. e Polit. da Prov. da Bahia*, tom. IV, pag. 230.

Na exposição que em o dia 4 de Novembro do corrente anno (1848) fez o Sr. Bernardino José de Queiroga, no acto de entregar a presidencia da provincia de Minas Geraes ao Sr. Dr. José Ildefonso de Souza Ramos, nota-se este solemne testemunho a favor de taes missionarios.—Tambem tem merecido a especial sollicitude do governo a catechese e civilisação dos indigenas. Ultimamente me tenho convencido de que o melhor meio de chegar a este grande fim consiste em mandar missionarios capuchinhos, que se encarregam com desvelada assiduidade d'este penivel trabalho. Estes padres, que com pouco se contentam, habilitam-se com facilidade no nosso e no idioma selvagem, insinuam-se, fazem-se amar e respeitar, e conseguem, pela brandura, o que por outros meios não temos podido realisar.—*Jornal do Commercio* de 22 de Novembro de 1848.

Botocudos, que até então inimigos implacaveis dos Camacans, apresentaram-se inesperadamente n'aquella aldêa em numero de dezeseis, ás sete horas da manhãa de 20 de Maio de 1842, para conhecerem pessoalmente o referido missionario, cujo renome havia tambem chegado ás suas aldêas, situadas nas florestas adjacentes ao Rio Pardo, cousa de setenta leguas da beiramar. Acolheu-os prazenteiramente Fr. Ludovico, e convencendo-os das verdades do christianismo, persuadiu-os a voltarem a S. Pedro d'Alcantara em tempo prefixado, para acompanharem o religioso que devia residir entre elles, visto não lhe ser possivel abandonar aquella povoação para os seguir, como pretendiam. Não faltaram os Botocudos no tempo aprazado, e segunda vez alli tornaram, por isso que para se conseguir a partida de tal missionario foi preciso que o mesmo Fr. Ludovico viesse em pessoa buscal-o ao hospicio da capital, visto que nenhum resultado havia colhido das suas requisições por escripto, talvez por achar-se que exorbitava das despezas consignadas nas leis annuaes a que era mister fazer-se com os preparativos d'essa nova missão. Proviesse porém do que quer que fosse similhante delonga, o que é certo é que só aos 22 de Fevereiro de 1845 partiu esse missionario da povoação de S. Pedro d'Alcantara, entregue apenas á boa fé das promessas dos Botocudos, que desde o mez antecedente alli o aguardavam com impaciencia, e que de todos os mais das aldêas do Rio Pardo tem elle continuado a receber sinceras provas de dedicação e respeito.

Pertenciam á tribu dos Camacans os Indios conhecidos nas margens do Jequitinhonha pela denominação de Menians, cujos descendentes constituem hoje a maior parte dos habitantes de Canavieiras; e observa o principe Maximiliano, quando falla d'esses Indios [1], que as differenças que se notam entre o idioma dos verdadeiros Camacans e o dos Menians não podem induzir ao erro sobre este ponto os philosophos que se occupam do estudo das linguas, pois que convence a experiencia que a separação das tribus, familias e hordas entre os indigenas da America, tem muitas vezes influido sobre a lin-

[1] *Voyage au Brésil*, cit. tom. III, pag. 17.

guagem, de sorte que se acha diversidade de variações de dialecto entre os differentes ramos de uma nação, que aliás se assemelham completamente.

Tenho sem duvida sido prolixo em demasia sobre o primeiro ponto da proposta, e talvez que sem preencher, como cumpria, o que exige saber o Instituto Historico: passarei agora ao segundo quesito da mesma proposta.

Desde a mais alta antiguidade e em todas as épochas, diz o Sr. visconde de Abrantes [1], os homens illustrados e os povos mais cultos tem olhado para as arvores como o mais bello ornamento da natureza e como os entes na ordem geral mais necessarios á vida do homem. Plinio as reputava como o maior mimo que recebemos da natureza [2]. Zoroastro, dogmatisador do Oriente, impoz a todo o homem a obrigação de plantar uma arvore, para que não se interrompesse, dizia elle, a cadêa d'estes seres. Os Romanos chamando a religião em soccorro das arvores, entregaram a defesa dos matos a Diana, e aos Faunos e Satyros. Na China ainda hoje o povo conta o arvoredo como um quinto elemento, pois sem madeira não ha agricultura, nem artes, nem commercio, nem cidades, nem homens sociaes.

A memoria de Sully vive menos nos livros que deixou, do que nas arvores que plantou por toda a França, e n'este bello e culto paiz as leis protectoras das florestas formam um codigo separado, e guardas proprios fazem a policia e velam na defesa dos matos. Na Inglaterra lord Merville, homem d'estado, apresentou-se em 1810 como advogado das arvores, demonstrando a necessidade de sua conservação e plantio, mórmente nos paizes maritimos, que não possam prescindir de uma força naval: e Sir Walter Scott, o auctor de Waverley e Ivanhoe, escreveu eloquentes memorias sobre a plantação de novas florestas.

[1] *Ensaio sobre o fabrico do assucar*, cap. 17.

[2] *Summum homini bonum datum, arbores.*

Comtudo porém póde quasi asseverar-se que foi o governo quem poderosamente concorreu n'esta provincia para a rapida e progressiva devastação das ricas e magestosas matas seculares, que se estendiam por todo o seu littoral.

Determinou o alvará de 27 de Fevereiro de 1701 que o governador d'esta provincia, de accôrdo com os ouvidores geraes, fizesse semear e plantar mantimentos nas terras mais susceptiveis de cultura, dando preferencia á mandióca; e o governador marquez de Valença, não contente ainda com as determinações a tal respeito de seus antecessores, mandou, por bando publicado aos 16 de Fevereiro de 1781, que todos os lavradores de mandióca plantassem annualmente quinhentas covas por cada escravo de serviço, sendo tambem obrigados os lavradores de canna a igual plantação, estendendo-se tal encargo aos proprietarios d'engenhos para a sustentação de suas fabricas, e aos donos dos navios do commercio da costa da Mina e Angola para o abastecimento d'essas embarcações. Era de mais imposto a todos os comprehendidos em tal bando o fazerem certo nas respectivas camaras, dentro de seis mezes, haverem cumprido similhante dever, sob a pena de 50$000 réis pagos da cadêa, e dous mezes de prisão, sendo designada a fortaleza de Santo Antonio além do Carmo para local da detenção dos contraventores que fossem pessôas nobres.

Deixando de parte a reluctancia em que se achava uma tal disposição com os verdadeiros principios de economia politica, direi sómente que entre os males que isso produziu, augmentou a destruição das matas, pelo prejuizo que ainda agora subsiste de serem unicamente proprios para a cultura de mandióca aquelles terrenos onde houverem arvores de vinhatico e sicupira, que vem a ser o mesmo que dizer — as florestas virgens. Todavia porém não arripiaram os outros governadores de similhante determinação assaz impolitica e absurda, antes pelo contrario D. Rodrigo José de Menezes, em circulares de 12 de Outubro de 1783 e 10 de Março de 1787, bem como D. Fernando José de Portugal em 25 de Abril de 1788, impozeram novos deveres e encargos, com os quaes e com o receio da fome, que por esse tempo assolava a provincia de Pernambuco, cresceu a

cultura de mandióca a tal excesso, que comprava-se na capital por 320 réis um alqueire de farinha, preço de que desde muitos annos não havia exemplo. [1]

Achava-se então encarregado da inspecção dos reaes córtes de madeiras na comarca dos Ilhéos o desembargador ouvidor Francisco Nunes da Costa, magistrado probo, illustrado e dedicado ao bem publico, a quem se deve a introducção e progresso do plantio do café, que hoje constitue o principal ramo de commercio de exportação d'aquella comarca, e das de Porto-Seguro e Caravellas; e não podendo ser impassivel ante tamanho estrago das matas, dirigiu ao throno, em 20 de Julho de 1784, a seguinte representação:

« Senhora. A inspecção dos reaes córtes de madeiras que V. M. foi servida encarregar-me no districto d'esta capitania, e que presentemente se mandam laborar com mais extensão, acaba de confirmar-me na precisa diligencia de procurar pela regia auctoridade o remedio competente ao estrago com que as admiraveis matas da mesma capitania se vão arruinando, e mostrando já a perda mais sensivel para V. M., para o commercio, e para os moradores que se ajudavam d'esta riquissima extracção. Pela prodigiosa abundancia das madeiras, que pareciam inexhauriveis nos primeiros tempos d'esta colonia, ou talvez pelo menor calibre dos navios e menor numero d'elles, sendo o fornecimento das matas da Europa muito superabundante, se não estabeleceu methodo ou legislação competente para regular a extracção e conservação das d'este continente, e apenas a primeira cautela que se encontra a este respeito é a simples recommendação feita ao governador da Relação, que nos ultimos annos do intruso Felippe IV se lhe fez no regimento da sua creação na cidade da Bahia, sustentada depois no segundo regimento que lhe deu em 1653 o Senhor D. João IV, tendo concorrido depois alguma provisão do conselho ultramarino em que se excita a mesma recommendação; mas todas estas providencias destituidas de sancção, que pela qualidade

[1] Balthazar da Silva Lisboa: *Mem. topographica e economica da comarca dos Ilhéos.*

da pena fizesse conhecer o valor das matas, e a abominação dos incendiarios e destruidores das mesmas. A população e cultura, principalmente do assucar, não tinham fertilisado de sorte que exigisse uma exacta combinação dos interesses d'esta cultura commoda conservação das matas, e por isso se deram de sesmaria e se assignaram, mesmo por mercês regias, dominios particulares na extensão da costa, que a invenção e descobrimento fizeram de V. M., pois bem que o nexo do imperio assim o persuadisse, ainda mesmo a auctoridade e direito publico das nações confere o dominio dos logares inaccessiveis ao imperante, de fórma que pela sua natureza nenhum particular póde sustentar-se n'elle, sem assignação e adjudicação dos mesmos dominios. Hugo Grocio, no seu *Tratado da guerra e da paz* 1.° 2.° cap. 2.° § 3.° do n.° 2.° até 6.°, com seus annotadores o mostram admiravel e concisamente.

« Nasceu d'esta abundancia, por uma parte a demasiada facilidade nas sesmarias, por outra parte a introducção dos diversos proprietarios sem este titulo, e ultimamente a omissão do direito florestal, cujo uso é distinctamente conhecido em toda a Europa, na França reduzido a corpo, na Allemanha a systema, do que se lembra Bohemero no seu bom *Tratado do direito publico*, parte especial 1.ª 2.ª cap. 10 § 17. Nem deixaram os augustos predecessores de V. M. intacta esta jurisprudencia: os diversos regimentos sobre o pinhal de Leiria, e a ultima creação de um magistrado para vigiar sobre elle, as amplas providencias incorporadas no regimento do monteiro mór, e ainda a recommendação que a lei faz aos corregedores das comarcas no respectivo regimento, dão uma adequada e perfeita idéa de que a menos circumspecção a respeito do Brazil teve por base a sua original e famosa abundancia.

« Mas agora que a falta já é sensivel, e que o abuso, o ferro, o fogo, a ignorancia e a ambição tem estragado rapidamente a fertil e riquissima mata de Jequiriçá, e pouco menos todas as que decorrem para o sul até o Rio de Contas, e que este flagello continúa com tal abuso que até se tem estabelecido a maxima — que as matas são livres e de um direito publico e commum —, é necessario a reivindicação e uso dos

gentes regios, para velar e impedir tão ruinoso progresso. A auctoridade provisional que me é licita, e que me faz cargo como corregedor da comarca, estabelecida por um capitulo de correição, não podendo exceder a imposição de multa, mais ou menos severa, é freio debil para conter tantos arruinadores, como o summario mostra: precisamente se deve recorrer ao meio efficaz e positivo, que pela sancção contenha esses inimigos do Estado.

« O mesmo summario, e a propria inspecção e exame provam qual seja a incomprehensivel brevidade com que incendiadas já muitas leguas se approximam sem remedio as maiores despezas dos transportes, e até a extincção das matas, o que é bem crivel logo que fôr reflectido, que estes quasi barbaros não costumam no mesmo terreno repetir a cultura, e passam adiante com incrivel rapidez, fazendo novos rocados, por supporem n'estes mais fertilidade, e nutrindo assim a iguaria com que adubados e surribados por cultura habil os deixados terrenos, poderiam sem duvida alguma dar a vantajosa producção relativa ao consumo dos habitantes. Os estragos que tem causado os intitulados roceiros de Nazareth tem sido tão graves, que estendendo-se ha menos de seis annos pelo espaço de mais de doze leguas, se acham actualmente occupando as cabeceiras do rio Jequiriçá, onde desprezando continuas advertencias, e até as notificações judiciaes, tem reduzido a cinzas matas preciosas e tão antigas como o mundo, fazendo uma perda, qual não ha calculo que possa computar.

« Esta mata de Jequiriçá, a mais proxima da Bahia, foi um rico deposito de onde se extrahiram as melhores peças, seja para o reparo e concerto das náos de guerra, seja para construcção dos navios particulares, que se tem construido nos estaleiros d'esta cidade n'estes ultimos annos; ella é a unica mata de onde se extrahem os importantes pranchões e taboado de vinhatico, os melhores pela sua qualidade, e os mais commodos pela conveniencia da descida do rio. Todas estas riquezas desprezadas por estes homens rusticos e ambiciosos estão proximas a extinguir-se, se de todo não forem detidos estes incendiarios, e se por outras conveniencias não forem

as matas defesas, vedadas e guardadas com o mesmo ou maior cuidado com que pelo regimento do monteiro mór se mandaram acautelar até as matas dos particulares, que pela proximidade dos rios se faziam as suas madeiras convenientes para as armadas reaes. Este o unico ponto de vista o mais importante da representação, que tenho a honra de pôr na presença de V. M., e consiste em se guardarem, estenderem e demarcarem as matas virgens que ainda restam livres do ferro e fogo dos roceiros, ficando estes homens obrigados a fazerem as suas plantações nas immensas matas já aproveitadas ou nas vulgarmente chamadas capoeiras; fazendo-se das matas reaes tombo, com as mesmas clarezas, confrontações e divisões que se observam no referido regimento do monteiro mór do reino, e dando-se todas as mais providencias que V. M. fôr servida. »

Além d'esta representação pediu tambem ao governador, que no entretanto providenciasse a evitar o destroço das matas, causado especialmente pelos roceiros da povoação, ora villa de Nazareth, e expediu então o governo esta portaria:

«Por quanto não sendo bastante as providencias que S. M. tem dado para evitar os estragos que os roceiros fazem nas matas d'esta capitania, me consta que os de Nazareth e Jequiriçá do termo da villa de Jaguaripe continuam a destruir estas matas, tão preciosas pelas madeiras que em si tem, e utilissimas á mesma Senhora, na extracção d'ellas para fabrico e apresto prompto das náos e fragatas da real armada, por causa da proximidade em que ficam ao porto do mar; e attendendo a este prejuizo, e á falta que com similhantes aberturas de roçados experimentaráõ ainda os povos d'esta cidade, com as madeiras e taboados, para edificarem e concertarem as suas propriedades: ordéno ao desembargador Francisco Nunes da Costa, ouvidor da comarca dos Ilhéos, que se acha encarregado por ordem de S. M., e instrucções minhas, da inspecção dos reaes córtes de madeiras, que passe aos districtos mencionados de Nazareth e Jequiriçá, e mandando passar uma linha imaginaria nas duas matas pela latitude d'ellas ao porto do mar,

em que se facilite a extracção e conducção das madeiras, prohiba aos roceiros ou outras quaesquer pessôas o corte e abertura de roçados, com pena de serem autuados immediatamente que me constar passam dos limites prohibidos, e castigados rigorosamente a meu arbitrio. E para que me conste da notificação, que se fizer aos mencionados roceiros, e das distancias que se limitára e se prohibira, me remetterá o mesmo desembargador Francisco Nunes da Costa uma certidão authentica, deixando as proprias em sua mão para proceder ao auto e á prisão das pessôas que transgredirem esta minha ordem, para o que lhe confiro a commissão de assim o praticar, posto que seja fóra de sua comarca, pela inspecção de que se acha encarregado, remettendo-me logo os presos, para contra elles mandar proceder como inimigos da utilidade publica. Esta mesma providencia dará o dito desembargador Francisco Nunes da Costa na sua propria comarca, de que igualmente mandará certidão á esta secretaria d'estado, pela qual mando se expeçam as ordens necessarias, para ficarem scientes do determinado, ao desembargador ouvidor d'esta comarca, á camara d'aquella villa de Jaguaripe, capitão mór das ordenanças d'ella, e mais officiaes commandantes dos districtos de Nazareth e Jequiriçá, para, pela parte que lhes toca, darem inteiro cumprimento á esta minha ordem, auxiliarem e promptamente executarem as que a respeito d'este particular lhes enviar o sobredito desembargador Francisco Nunes da Costa, e mando que esta se registe nos livros da secretaria d'estado, e nos da camara de Jaguaripe, e mais partes onde convier, para que a todo o tempo conste. Bahia, 28 de Setembro de 1784.—*D. Rodrigo José de Menezes.* »

Por outras ordens, dictadas em virtude de novas representações do mencionado ouvidor, providenciou o governador ácêrca da conservação das matas, em quanto não chegassem as determinações regias que se esperavam, e, entre outras medidas, foi nomeado Manoel Tarroso mestre e guarda das matas reaes, desde Mapendipé até as de Santarem e Igrapiúna, não podendo nenhum particular extrahir d'alli madeiras sem licença do governador, e designação

do local feita pelo conservador: mas viu-se este embaraçado de proceder á medição determinada; cresceu o clamor dos lavradores rotineiros contra a prohibição das derrubadas, e fallecendo n'este intervallo o mesmo ouvidor Nunes da Costa, ficaram em perfeita nullidade todas essas ordens prohibitivas, e subiu ao maior excesso a devastação, a despeito de algumas ordens do governador D. Fernando José de Portugal, não só por achar-se scientificado de estarem já destruidas as riquissimas matas que havia desde as adjacencias do rio Jequiriçá até o de Donas e suas cabeceiras, como por conhecer que nos terrenos das matas incendiadas são precisos seculos para crescer qualquer arvore de madeira de construcção ao ponto de prestar utilidade, em virtude da calcinação do solo que o esterilisa, até para os generos agricolas. [1]

Já desde muitos annos era prohibido o córte de madeiras chamadas de lei; o regimento de 12 de Setembro de 1652 § 12 e o de 13 de Outubro de 1751 § 29 impunham essa prohibição, estabelecendo para isso algumas providencias, e começou a ser inserta essa clausula nas cartas de sesmaria, desde que por carta regia de 2 de Janeiro de 1666 foi encarregado Sebastião Lamberto de estabelecer uma fabrica de fragatas.

Em virtude das representações levadas á decisão do governo geral, determinou a carta regia de 13 de Março de 1797 se organisasse um plano relativo á conservação das matas, em uma commissão presidida pelo governador, e composta do intendente da marinha José Francisco de Perné, do ex-ouvidor da comarca das Alagôas José de Mendonça de Mattos Moreira, e do futuro ouvidor dos Ilhéos; mas a final suppôz-se remediado tudo, creando-se por carta regia de 11 de Julho de 1799 a conservatoria dos Ilhéos, que,

[1] *Sed neque sollicites tractus quibus altior æquo*
Vulcanus se se immisit: namque igne perusti
Quam sit opus, majore sinus telluris hebescunt,
Nec Cereris quidquam licet hinc sperare colonus.
Rod. do Amar. *de Reb. rust. Brasil*, cant. 2.

Veja-se tambem a nota W.

se algum beneficio produziu, não foi certamente o que se procurava obter.

D'esta sorte pois tem desapparecido da extensa cadêa do littoral d'esta provincia as primitivas florestas, que justamente enchiam de assombro e admiração [1] o observador da natureza, e de que apenas hoje se encontram alguns pequenos restos em differentes pontos destacados, subsistindo com tudo ainda intacta a continuação d'essas matas, que ficam bastantes leguas distantes das villas e povoações, onde por ora não chegou o machado devastador dos rotineiros lavradores, mas que chegará, volvidos que sejam mais alguns annos, por isso que continúa o serviço agricola a ser feito por escravos, e sabe-se que infelizmente illudem-se hoje as melhores leis.

Não se julgue porém que importa uma proposição temeraria o concorrer o serviço agricola feito por escravos para a progressiva devastação das matas: innumeras razões politicas o convencem, e limitar-me-hei a apresentar n'este logar o que á tal respeito deixou escripto um homem de sempre gratas recordações ao Brazil, o conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva [2], auctoridade de grande peso.

« A lavoura do Brazil, diz elle, feita por escravos boçaes e preguiçosos, não dá os lucros com que homens ignorantes e phantasticos se illudem. Se calcularmos o custo actual da acquisição do terreno, os capitaes empregados nos escravos que o devem cultivar, o valor dos instrumentos ruraes com que deve trabalhar cada um d'estes escravos [3], sustento e vestuario, molestias reaes e affectadas, e seu curativo, as mortes numerosas filhas do máo tratamento e da desesperação, as repetidas fugidas dos matos e quilombos, claro fica que o lucro da lavoura deve ser mui pequeno no Brazil, ainda apezar da prodigiosa fertilidade de suas terras, como mostra a experiencia.

[1] Nota X.

[2] *Representação á assembléa geral constituinte e legislativa do Brazil sobre a escravatura*, por José Bonifacio de Andrada e Silva, deputado á dita assembléa pela provincia de S. Paulo.— Paris 1825.

[3] Por exemplo: vinte escravos de trabalho necessitam de vinte enxadas, que todas se poupariam com um só arado.

« No Brazil as rendas dos predios rusticos não dependem da extensão e valor do terreno, nem dos braços que o cultivam, mas sim da mera industria e intelligencia do lavrador. Um senhor de terras é de facto pobrissimo se, pela sua ignorancia ou desmazelo, não sabe tirar proveito da fertilidade de sua terra e dos braços que n'ella emprega. Eu desejára para bem seu que os possuidores de grande escravatura conhecessem que a prohibição do trafico de carne humana os fará mais ricos; porque seus escravos actuaes virão a ter então maior valor, e serão por interesse seu mais bem tratados. Os senhores promoveráõ então os casamentos, e estes a população. Os forros augmentados, para ganharem a vida, aforaráõ pequenas porções de terras descobertas ou tapéras que hoje nada valem. Os bens ruraes serão estaveis, e a renda não se confundirá com a do trabalho e industria individual.

« Não são só estes males particulares que traz comsigo a grande escravatura no Brazil; o Estado ainda é mais prejudicado. Se os senhores de terras não tivessem uma multidão demasiada de escravos, elles mesmos aproveitariam terras já abertas e livres de matos, que hoje jazem abandonadas como maninhas. Nossas matas preciosas em madeiras de construcção civil e nautica não seriam destruidas pelo machado assassino do negro, e pelas chammas devastadoras da ignorancia. Os cumes das nossas serras, fonte perenne de humidade e fertilidade para as terras baixas, e de circulação electrica, não estariam escavados e tostados pelos ardentes estios do nosso clima. É pois evidente que se a agricultura se fizer com os braços livres dos pequenos proprietarios ou por jornaleiros, por necessidade e interesses serão aproveitadas essas terras, mormente nas visinhanças das grandes povoações, onde se acha sempre um mercado certo, prompto e proveitoso; e d'este modo se conservaráõ, como herança sagrada para a nossa posteridade, as antigas matas virgens, que pela sua vastidão e frondosidade caracterisam o nosso bello paiz. [1] »

Fallando porém da extensa cadêa de matos virgens ao longo do

[1] Nota Y.

littoral da provincia, isto é, do espaço de cento e quarenta leguas de comprimento norte sul, com largura desigual para o centro, não pretendo todavia dizer que só n'essa extensão de terreno havia madeiras preciosas e florestas virgens, pois que ainda se encontram no interior, e em diversos confluentes do Rio de S. Francisco [1], famosas matas, cobertas de basto e corpulento arvoredo da melhor madeira de construcção; contrastando esse arvoredo, que tambem se encontra em differentes serras, com o mesquinho das charnecas e capões que existem por todo o interior, onde apenas ha campos nativos, que bordam commummente as matas, improprios para qualquer genero de cultura, mas aptos para a criação do gado quando as estações são regulares, e não sobrevem as sêccas assoladoras.

Acham-se já descriptas por varios escriptores que se tem seguido a Maregrave [2] e Pison as madeiras preciosas que ornavam as matas já extinctas, e ainda ornam as existentes em todas as provincias do Brazil: nenhuma d'essas especies se acha inteiramante anniquilada n'esta provincia, mas não obstante isso cumprirei quanto me fôr dado esta parte da proposta, cingindo-me restrictamente ao que se exige saber — quaes as madeiras preciosas de que abundam as florestas.

São apreciaveis para a construcção naval o angelim (*Andira (ibacariba*, Pison), arvore de mais de cem palmos de comprimento, da qual ha outras tres especies; o páo d'arco (*Bignonia leucoxillum*, L.) tambem de tres especies, que excede de cem palmos de alto, com vinte e quatro de circumferencia; o

[1] *Informação ou Descripção topographica e politica do Rio de S. Francisco.*

[2] Margravius, *Historia rerum. nat. Brasiliæ.* Piso *de Medic. et Hist. nat. Bras.* O conselheiro B. da Silva Lisboa eleva ao numero de trezentas e dez as especies de arvores do Brazil, de utilidade na civilisação e marinha, descrevendo-as alphabeticamente no 1.º volume dos *Ann. Hist. do Rio de Janeiro;* e o tenente-general Carlos Napion menciona a força da madeira de algumas d'ellas, sua elasticidade, peso especifico, dureza e força dos pregos, com outras diversas observações physicas assaz importantes, no *Patriota* n.º 6, de Dezembro de 1814.

aderno verdadeiro, e marnacaiba; o vinhatico, originalmente *sabigenguia*, que chega a cento e cincoenta palmos de altura, e serve até na marceneria para obras assaz delicadas; a sapucaia (*Lecythis ollaria*, L.), de mais de cem palmos de comprimento, que produz a castanha conhecida com esse nome; a sicupira, de que ha diversas especies, arvore que sobe a cem palmos, com oito a doze de circumferencia no tronco; o putumojú, arvore de cento e cincoenta palmos de altura, com vinte a vinte e cinco de grossura no tronco; o cedro, que entre os Indios tinha o nome de *acajucatinga*, e assaz conhecido. Não chegam os cedros que ainda se encontram n'esta provincia á corpulencia e espantosa proceridade dos do Amazonas e Madeira; mas affirma Gabriel Soares [1] que de um que descêra com a inundação pelo rio dos Illhéos se extrahíra o taboado necessario para a construcção de uma igreja que alli se erigiu, ficando ainda parte por desnecessaria. O piquí amarello, que excede a cento e cincoenta palmos, pertence á classe *Pentandria tetraginia*, e distilla por incisão do seu tronco um licor assaz amargo e espirituoso, que suppre o cóca ou trovisco na pescaria d'esse genero nos rios. Coração de negro, arvore de sessenta palmos; comumbá vermelho, de igual altura; o jequitibá, que chega a mais de cem palmos, com vinte de circumferencia no tronco, e serve até para mastros de náos. Jetahypéba, da classe *Decandria monoginia*, com sessenta a cem palmos de alto; jetahypebassú, ainda maior que a precedente; e jetahypebamerim, que excede pouco de cincoenta palmos. Massarandúba, de duas qualidades; excede a verdadeira de cem palmos, com doze de grossura; a jatobá (*Hyminea courbaril*, Mart.) chega a mais de cem palmos em altura, com dez a doze de circumferencia; louro, de que distinguem-se dezeseis qualidades; a inhabitatan, arvore de mais de sessenta palmos, que serve para mastros de brigues e galeras; olandim, de sessenta palmos; oiticica, de mais de oitenta palmos de comprimento, e dez a doze de grossura; pindahiba, que cresce até quarenta e cinco palmos, e é preferida para mastros de pequenas embarcações; pinhão, arvore de

[1] *Not. do Brazil*, part. II, cap. LXIV.

cem palmos; pirandúba, de cincoenta palmos, e escolhida para mastros de lanchas. Orucurana, cresce até a altura de cem palmos; jetahy preto, de sessenta a cem palmos, e de tal rijeza que é impenetravel ao gusano (*Teredo navalis* ou *Dentalium*, L.) [1] Oiti, de diversas variedades, todas excedentes a sessenta palmos de altura; a mucury, arvore que chega a sessenta palmos; cutucoem, de quarenta palmos; biriba, arvore de cincoenta a cem palmos de alto, e que, além de ser tambem impenetravel ao gusano, fornece de sua casca optima estopa para o calafeto das embarcações; o burabem macho e femea, que excede na altura a sessenta palmos; gurubá, arvore maior de oitenta palmos; e finalmente a comumbá, que chega a sessenta palmos, além de outras.

Para a marcenaria são estimadas, além do vinhatico, as seguintes: jacarandá, de quatro especies; amoreira de amago preto, arvore de vinte cinco palmos, e de cujas cinzas se extrahe a soda; araribá macho e femea, que cresce até sessenta palmos; mussutahiba, tambem de sessenta palmos de comprimento; azulão, de pouco mais de trinta palmos as maiores; brazilete, arvore de sessenta palmos; canella (*Laurus americana odorata*, Marcgrave), que chega a trinta palmos; condurú, arvore de oitenta palmos de comprido; mingú preto, pardo e rôxo, que não passa de trinta palmos de altura, com a pequena grossura de um palmo; gonçalo-alves, de vinte palmos de altura, e pouco mais de dous de grossura; sebastião d'arruda, tambem de vinte palmos de comprido e dous de circumferencia; a amamonas, de cincoenta palmos de elevação e dous de grossura; e a arataia, de quarenta palmos.

Distinguem-se na ordem das oleaginosas a arvore do balsamo (*Balsamum ex Peru ancabureiba*, Pison), originariamente cabureiba, que excede da altura de cem palmos, com seis a oito de grossura no tronco; sua madeira é incorruptivel, e distilla, por incisão, nos mezes de Fevereiro e Março, um balsamo precioso para diversos usos da medicina: a copahiba (*Copaifera officinalis*, L.), que

[1] Nota Z.

chega a cento e cincoenta palmos de comprimento, com mais de vinte de grossura, e fornece nos mezes de Janeiro e Fevereiro o oleo geralmente conhecido, servindo o tronco para mastros e vergas das maiores embarcações. Ha mais tres especies de copahiba, vulgarmente denominadas de oleo preto, branco e vermelho: e notam-se entre as resinosas a arvore do breu (*Amyres ellemifera*, Juss.); a almecega ou almecegueira (*Icica amyres*, Aublet), originariamente ubirasica, de trinta palmos, cuja gomma, além de varias applicações medicinaes [1], substitue a falta do breu no calafeto das embarcações; a almecegassú, mais alta que a precedente e dos mesmos usos; o jatobá já mencionado [2], o cajueiro bravo, e a landirana, arvore de trinta palmos de comprido, com dous de grossura, fornecendo materia abundante para a tinturaria, além do páo brazil (*Cæsalpinia brasiliensis*), e differentes arbustos e hervanços; o piqui, de cuja casca se extrahe tinta preta; o louro anniuba, a jutahy, a tatagiba, cuja madeira dá finissima tinta amarella [3] e de outras côres, segundo as combinações que para isso se empregarem; a araribá da serra, que excede a quarenta palmos de altura, e fornece do extracto de seu lenho optima tinta côr de rosa; a gurubú, de cuja casca extrahe-se tinta rôxa, tinta esta que tambem se colhe do fructo da aroeira, arvore de madeira rigissima, que se eleva a mais de quarenta palmos de altura, e cresce até fóra das matas; havendo ainda

[1] Nota AA.

[2] Nota BB.

[3] Antonio José Pereira Tatagiba, morador na cidade de Cabo Frio, escreveu uma pequena Memoria, que se acha á pag. 139 do 12.º vol. do *Auxiliador da Industria Nacional*, inculcando-se auctor da descoberta d'esta tinta em 1810: todavia porém as pessôas versadas nas cousas do Brazil sabem que tal descoberta remonta a muitos annos anteriores. Os Francezes, que, desde 1612 até principios do anno de 1615, occuparam o Maranhão capitaneados por M. de la Ravardière, já a conheciam, conforme o testemunho coevo do sargento-mór Diogo de Campos Moreno, escriptor da *Jornada do Maranhão feita em 1614, por ordem de S. M., por Jeronimo de Albuquerque;* documento precioso publicado pela Academia Real das Sciencias de Lisboa.

talvez nas mesmas matas outras mais arvores, que serão aproveitadas na tinturaria, quando para tal fim forem empregados os agentes chimicos, por ora sem uso entre a gente do campo. Resta-me o ultimo quesito.

Não se poderá observar sem o maior assombro, nota um erudito escriptor [1], que ao tempo da descoberta do novo mundo não existisse entre os tropicos nenhum grande quadrupede, pois que além do rhinoceronte e do hippopotamo, faltavam os cavallos, jumentos, bois [2], camelos, dromedarios, girafos e elephantes, as sete especies principaes utilissimas ao homem, e que desde tempo immemorial estavam sujeitas á domesticidade no antigo mundo [3]. Nada é mais inconcebivel que a maneira porque a natureza tem repartido e distribuido as especies animaes sobre o globo; parece que se deveriam achar as mesmas especies debaixo das mesmas latitudes, e todavia não acontece assim, pois ha qualidades que existem apenas em pequenas regiões, e que não se encontram em outros logares. Todavia, posto que não se encontrassem mais no continente da America, ao tempo da sua descoberta, animaes cujos analogos existem ainda no antigo hemispherio, é certo que em eras remotissimas povoavam-no algumas raças, talvez antediluvianas, que tambem hoje não existem em parte alguma das conhecidas.

Pertenciam sem duvida a essas raças os volumosos animaes, de cujas enormes ossadas, ainda não ha muitos annos, viam-se restos nos termos das villas de Nossa Senhora do Livramento do Rio de Contas e Pambú, e que por um desmazelo assaz consideravel se tem

[1] O auctor da *Défense des Recherches philosophiques sur les Américains.*

[2] Nota CC.

[3] De duzentas especies differentes de quadrupedes espalhados sobre a superficie da terra, achou-se apenas um terço d'ellas na America ao tempo da sua descoberta. Buffon, *Hist. Nat.*, tom. IX, pag. 86. Comtudo porém assegura M. de Saint-Hilaire haver enviado mais de cento e vinte e nove quadrupedes para o museu de Paris. *Voyage au Brésil*, tom. II, pag. 335.

perdido. O conselheiro Balthasar da Silva Lisboa refere [1] ter visto dentro de uma lagôa d'agua salgada, nas dilatadas campinas do districto da Villa Nova da Rainha, um monstro petrificado, que parecia uma balêa; e não é sómente n'esta provincia que se tem descoberto ossadas similhantes, pois que tambem em outros pontos do Brazil, e nos Estados da União Norte-Americana, ellas se tem achado [2]. Ouçamos a este respeito o elevado juizo de um distincto naturalista dinamarquez, o Sr. Dr. Lund, em suas investigações geologicas pela provincia de Minas Geraes [3].

« A questão da coexistencia do homem com as grandes especies extinctas de mammiferos terrestres não póde ainda ser resolvida de uma maneira decisiva pelas investigações dos naturalistas do velho mundo. Em quanto que alguns poucos factos parecem ser favoraveis a uma solução affirmativa do problema, outros, e em muito maior numero, conduzem a um resultado negativo. Tendo eu tido occasião favoravel de submetter esta questão a um novo exame n'esta parte do mundo, não tenho poupado esforços para chegar a uma solução definitiva d'ella; porém, apezar do mais feliz exito dos meus trabalhos na parte zoologica, não me permittiram ainda de tirar uma conclusão satisfatoria sobre este importante assumpto.

« Os archivos em que se acham depositados os documentos relativos á historia do nosso planeta, na épocha geologica de que se trata, são as cavernas furadas em pedra calcarea, que entra como parte constituinte n'uma formação das mais extensas do interior do Brazil. Os animaes, cujos restos se encontram envolvidos nos depositos terreos d'estas cavernas, são em maior parte differentes de todos os que existem actualmente na superficie da terra, mostrando assim terem pertencido a uma creação distincta da que se apresenta hoje á nossa vista. O numero das cavernas que até agora tenho exami-

[1] *Annaes Hist. do Rio de Janeiro*, tom. I, pag. 147.

[2] Nota DD.

[3] Carta escripta da Lagôa Santa, em 12 de Janeiro de 1842, ao conego Januario da Cunha Barboza, em cuja morte perdeu o Brazil um dos distinctos luminares da sua constellação litteraria.

nado sobe a perto de duzentas, e o das especies de animaes que n'ellas tenho reconhecido, só na classe dos mammiferos, a 115, numero que muito excede ao das especies d'esta classe que actualmente existem n'estes logares, o qual se reduz a 88. O estado mutilado em que se acham geralmente os ossos das cavernas e a natureza d'estas mutilações me tem convencido de que, na maior parte dos casos, elles devem a sua introducção nas cavernas ás feras d'esses tempos, as quaes habitavam nos escondrijos interiores d'ellas, para onde carregavam as suas presas, para alli devoral-as.

« No meio d'essas numerosas testemunhas de uma ordem de cousas differentes da actual, nunca tenho encontrado nem o mais leve vestigio da existencia do homem. E comtudo, n'uma épocha em que os animaes ferozes abundavam n'este paiz, e debaixo de fórmas gigantescas [1], como explicar que o fraco ente, o homem, escapasse á sorte que havia acarretado tantas outras victimas, munidas de forças physicas muito superiores ? [2] Julgava pois — em tanto que uma questão possa ser decidida por via de factos negativos — o numero d'estes factos já sufficiente para decidir a presente questão, quando inesperadamente, depois de seis annos de baldadas pesquizas, tive a fortuna de encontrar com os primeiros restos de individuos da especie humana, debaixo de circumstancias que ao menos admittiam a possibilidade de uma solução contraria da questão.

« Achei estes restos humanos em uma caverna que continha, misturados com elles, ossos de varios animaes de especies decididamente extinctas (Platyonyx Bucklandii, Chlamydotherium Hum-

[1] Entre muitos outros basta citar um que tenho denominado *Smilodou populator*. Esta terrivel féra, que na estructura dos dentes e das unhas approxima-se ao genero *Felis*, excedia ao leão no tamanho, e igualava na robustez ao urso. As presas chegavam ao enorme comprimento de nove pollegadas.

[2] Um grande numero de animaes gigantescos habitavam, n'essa épocha, nas matas do Brazil. O *Mammouth* e o *Megatherium Cuvieri* eram do tamanho do elephante. As familias das *Preguiças* e dos *Tatús*, que actualmente abrangem só animaes de estatura pequena ou mediocre, continham n'estes tempos uma abundancia de especies de dimensões extraordinarias.

boldtii, C. majus, Dasypus sulcatus, Hydrochærus sulcidens e. a.), circumstancia que devia chamar toda a attenção para estas interessantes reliquias. Demais apresentavam elles todos os caracteres physicos dos ossos realmente fosseis. Eram em parte petrificados, e em parte penetrados de particulas ferreas, o que dava a alguns d'elles um lustro metallico, imitante ao bronze, assim como um peso extraordinario. Sobre a immensa idade d'elles não podia pois haver duvida alguma; porém, em quanto á questão de saber se os individuos de que elles derivavam tinham sido coevos com os animaes em cuja companhia se achavam, não se póde infelizmente tirar conclusão alguma decisiva, visto a caverna que os continha achar-se na margem de uma lagôa, cujas aguas annualmente, no tempo das grandes chuvas, entravam n'ella. Em consequencia d'esta circumstancia podia não só ter havido logar uma introducção successiva de restos de animaes na caverna, como tambem os introduzidos posteriormente podiam misturar-se com os já depositados. Esta possibilidade mostrou-se effectivamente realisada, pois que, no meio dos ossos pertencentes a especies decididamente extinctas, achou-se outros de especies ainda existentes. Estes ultimos mostraram pelo seu estado de conservação serem de diversa idade, differindo alguns apenas de ossos frescos, e approximando-se outros ao estado submetallico de que tenho fallado, achando-se o maior numero n'um gráo de decomposição intermedio entre estes dous extremos. Uma differença similhante, posto que menos consideravel, notou-se igualmente nos ossos humanos, provando innegavelmente uma desigualdade na idade d'elles; porém todos apresentavam sufficiente alteração na sua composição e textura para se reclamar para elles uma grande antiguidade, de sorte que se elles perderam o direito de servirem como documentos para decidir a questão principal da coexistencia do homem com as grandes especies extinctas de mammiferos terrestres, ao menos conservam ainda bastante interesse debaixo d'este ultimo ponto de vista.

«Pelas indagações dos naturalistas da Europa, consta que nenhuma das grandes especies de mammiferos terrestres, cujos ossos se acham

n'um estado verdadeiramente fossil, tem existido viva nos tempos historicos, e que por conseguinte a data de sua extincção remonta a mais de tres mil annos. Applicando este resultado ás especies extinctas do Brazil, no que concorda o estado de conservação dos ossos, que é o mesmo nos dous paizes, e attribuindo áquelles ossos humanos, que se acharem n'um estado de conservação perfeitamente analogo do que caracterisa os ossos fosseis, uma antiguidade correspondente, temos para estes uma idade de trinta seculos para cima. Como porém o processo da petrificação é um dos que tem sido menos bem estudados, principalmente em relação ao tempo exigido para a sua consummação, e constando mesmo que este tempo varía segundo as circumstancias mais ou menos favoraveis, não se póde arriscar uma estimação d'elle senão com uma approximação bastantemente vaga. Seja porém isto como fôr, sempre fica para estes ossos uma antiguidade muito consideravel, que os faz remontar não só muito além da épocha do descobrimento d'esta parte do mundo, como talvez além de todos os documentos immediatos que possuimos da existencia do homem, visto não se ter ainda achado em outra alguma parte ossos humanos em estado de petrificação.

« Fica portanto provado por estes documentos, em primeiro logar —que a povoação do Brazil deriva de tempos mui remotos, e indubitavelmente anteriores aos tempos historicos.

« A questão que se offerece naturalmente agora, é saber quem foram esses antiquissimos habitantes do Brazil, de que raça eram, qual era o seu modo de vida, a sua perfeição intellectual ?

« Felizmente as respostas a estas questões são menos difficeis e menos duvidosas. Tendo achado varios craneos mais ou menos completos, pude determinar o logar que deviam occupar os individuos a quem tinham pertencido, no systema anthropologico. Effectivamente a estreiteza da testa, a proeminencia dos ossos zygomaticos, o angulo facial, a fórma da maxilla e da orbita, tudo assigna a estes craneos o logar entre os mais caracteristicos da raça americana. É sabido que a raça que approxima-se mais da raça americana é a mongolica, e que um dos caracteres mais constantes e mais

salientes, pelos quaes se distinguem entre si, é a maior depressão da testa na primeira. N'este ponto da organisação os craneos antigos mostram-se, não sómente conformes com os da raça americana, mas alguns d'elles exhibem este carracter n'um gráo excessivo, até o desapparecimento total da testa.

« Fica pois provado em segundo logar — que os povos, que em tempos remotissimos habitaram n'esta parte do novo mundo, eram da mesma raça dos que no tempo da conquista occupavam este paiz.

« Sabe-se que as figuras humanas que se acham esculpidas nos monumentos antigos do Mexico representam em mór parte d'elles uma configuração singular da cabeça, sendo esta inteiramente destituida de testa, fugindo o craneo para traz immediatamente acima das cristas superciliares. Esta anomalia, que geralmente se attribuia ou a uma desfiguração artificial da cabeça, ou ao gosto dos artistas, admitte agora uma explicação mais natural, sendo provado pelos presentes documentos authenticos que realmente existiu n'este continente uma raça exhibindo esta anormal conformação.

« Os esqueletos mostraram terem pertencido a individuos de ambos os sexos, e eram de tamanho ordinario: todavia dous de homens offereceram dimensões acima do vulgar.

« Depois d'estas breves noções sobre a natureza physica dos antigos autocthones do Brazil, passarei a expôr succintamente as conclusões, que d'esta descoberta se póde tirar relativamente ao estado intellectual, e ao provavel gráo de civilisação em que se achavam esses povos.

« Sendo, como é, sufficientemente provado que o desenvolvimento da intelligencia está em relação directa com o desenvolvimento do cerebro, fica sempre a inspecção do craneo um dos meios mais seguros, sendo feita com a necessaria discrição, para avaliar o gráo que deve occupar o individuo examinado, e conseguintemente a raça a que elle pertence na escala progressiva dos entes intellectuaes. Applicado este criterio aos craneos em questão, ha de sahir a sentença muito em desfavor das faculdades intellectuaes dos individuos

de quem derivam: nem podemos esperar grandes progressos da industria e nas artes de povos cuja organisação cerebral offerece um substracto tão mesquinho para a séde da intelligencia.

«Esta conclusão vem a ser corroborada pelo achado de um instrumento de imperfeitissima construcção junto aos esqueletos. Consiste este instrumento simplesmente n'uma pedra hemispherica de amphibolo, de dez pollegadas de circumferencia, lisa na face plana, a qual evidentemente serviu para machucar sementes ou outras substancias duras.

« Não sendo o meu fim agora tirar todas as illações que se podem deduzir dos factos exarados n'esta breve communicação, o que deixarei a mãos mais habeis, limitar-me-hei sómente a accrescentar que, além dos mencionados ossos humanos, tenho achado mais alguns em duas outras cavernas, os quaes igualmente offereceram os caracteres physicos dos ossos fosseis, sendo privados de quasi toda a parte gelatinosa, e em consequencia muito friaveis e alvos na fractura. Infelizmente acharam-se isolados e sem acompanhamento de ossos de outros animaes, de sorte que a parte principal da questão ficou ainda n'estes casos indecisa, sendo todavia corroborada a conclusão relativamente á prolongada existencia do genero humano n'esta parte do mundo. »

Agora porém encontram-se tão sómente nas matas existentes as mesmas especies de animaes que povoavam em outros tempos as florestas virgens já destruidas, e posto que sejam quasi geralmente conhecidos em todas as provincias do Brazil esses animaes, mencionarei comtudo os principaes, sem fazer-me cargo de sua zoographia.

Occupa o primeiro logar a anta, designada pelos naturalistas *Tapir americanus*, sem duvida da denominação *Tapiira* que tem entre os Indios, e por muito tempo foi considerada como variedade do hippopotamo, e de qualidade indomavel [1]. É o maior quadrupede da

[1] Le tapir étant lucifugue, il ne se laisse ni apprivoiser ni rendre domestique, et bien moins encore soumettre au travail. *Recherches* cit., tom. III, pag. 289.

parte meridional do novo continente [1], e suppunha-se ser particular da America, em quanto não foi tambem encontrado na ilha Sumatra, e na provincia de Sutchouen, na China. O venerando jesuita José de Anchieta faz d'este animal exactissima descripção quando diz: [2]

Est aliud animal satis frequens esui aptum, ab Indis Tapiira, *ab Hispanis vero* Anta *dicitur, ea credo quæ Latinis* Alce *nominatur: mulæ similis bestia, cruribus aliquanto brevior, pedes habet trifidos, superius labrum prominentissimum, colore est inter camelum et cervum, medio in nigrun declinante: erigit se jubarum loco per cervicem torus ab armis ad caput, in quo erectior aliquantulo totam frontem armat, et viam sibi per nemorum condensa discretis hinc inde lignis aperit: brevissima est cauda, nullis munita jubis: sibilum ingentem vice vocis emittit: die dormit et quiescit, nocte huc illuc discurrens diversos arborum fructus pascit, et cum hi defuerint, cortices: cum a canibus lacessitur, morsibus resistit et calcibus, aut in flumina prosilit, diuque latitat sub aqua, quam ob rem juxta fluvios frequentius versatur; ad quorum oras solet etiam terram effodere et argilam mandere. Hujus ex tergore faciunt Indi cetras, duratas solummodo ad solem, sagittis omnino impervias.*

Seguem-se a onça (*Felis onça*, L.), de que se contam quatro especies — onça pintada ou verdadeira, tigre, cangussú, e sussuarana (*Felis concolor*, L.). Differentes especies de quadrumanos, como guaribas (*Myscetes ursinus*, Umb.), macacos e saguins (*Callitrix sciurea*, Cuv.): o gato do mato, tambem de quatro especies, quaes o maracaiá (*Felis pardalis*, L.), mourisco verme-

[1] Nota EE.

[2] Veja-se a sua bellissima carta escripta em latim, e datada de S. Vicente aos 31 de Maio de 1560, que vem no 1.º vol. da *Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas*, publicada de ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e annotada pelo Sr. Diogo de Toledo Lara Ordones.

lho (*Felis eyra*, Az.), mourisco preto, e mourisco pintado. O guará, que se compara ao lobo da Europa (*Canis campestris*, Neuw.); a a raposa do mato e do campo (*Canis Azaræ*, Spix.); o cachorro do mato, o papamel (*Felis mellivora*, Ill.); o coatí mondé (*Nasua solitaria*, Neuw.) e o coatí de bando. Seis especies de veados, das quaes pertencem sómente ás matas os mateiros (*Cervus rufus*, Ill. ex Spix), e o catingueiro (*Cervus simplicicornis*, Ill.); o porco do mato (*Sus taiassu*, Cuv.), dividido em tres especies — caititús, queixada branca, e tiririca. O mocó (*Cavia rupestris*, Neuw.); cotia (*Dasyproctas aguti*, Ill.); o ouriço cacheiro (*Histrix prehensilis*, L.); quatro especies de tatús, — canastra (*Dasypus gigas*, Cuv.), tatú verdadeiro (*Dasypus novemcinctus*, L.) tatú péba (*Dasypus gilvipes*, Ill.), e tatú bola (*Dasypus tricinctus*; Spix.). O tamandoá bandeira e merim (*Myrmecophega jubata et tretadactyba*, L.): duas especies de pácas (*Coelogenys brunea et rufa*, Cuv.). A capivára ou capiuára (*Cavia capibara*, L.); o guaxinim (*Procyon carnivorus*, Ill.); o gambá (*Viverna marsupialis*) de duas especies: o saroé ou mucúra (*Didelphis opossum*, L.), e a preguiça (*Bradypus tridactylus*, L.), que habita ordinariamente nas arvores que bordam as margens dos rios.

Povoavam tambem as antigas matas, e ainda hoje se encontram nas existentes, o jáboti ou kagado (*Testudo tabulata*, L.); diversidade de sapos, entre os quaes distingue-se por seu tamanho o sapo marinheiro (*Caprimulgus grandis*, Neuw.); lagartos de varias especies, em cujo numero nota-se o jacuruarú ou teiú (*Lacerta teguixim*, L.); a aranha caranguejeira ou nhanduassú (*Aranea avicularis*, L.); carrapatos, diversidade de formigas, entre as quaes é o flagello das plantações a denominada formiga de mandióca, conhecida entre os indigenas por *usaubau;* a guajuguajú, a guibuguiburá, isan, ubiraipú, tasiburá, e tapiahi, maior que todas, e como ellas assaz incommoda por sua mordedura; e posto que seja fóra de duvida não conter o Brazil a quantidade excessiva de reptís venenosos que geralmente se suppõe, todavia ha logares nas mesmas matas em que abundam as jararácas (*Vipera atrox*, L.) de cinco

especies, todas do genero Trigonocephalus; a cobra verde (*Caphias bilineatus*, Neuw.), a ibobóca (*Elaps Marcgravii*, Neuw.), a coral (*Elaps corallinus*, Neuw.), e a surucucú (*Lachesis mutus*, Daudin, ou *Crotalus mutus*, L.), mais temida que as precedentes pela violencia do seu veneno, e inimiga capital do fogo, onde muitas vezes parece querer extinguil-o, varrendo-o com o corpo.

Não se limita porém ás especies designadas o ramo da erpetologia d'esta provincia quanto aos orphidacios, pois que existem fóra das matas virgens outras mais especies, que por isso deixam de ser aqui mencionadas; e não obstante serem actualmente conhecidos diversos antidotos, asaz proveitosos na mordedura das cobras [1], faria com tudo valioso serviço o governo da provincia, mandando classificar e generalisar a noticia de um arbusto que abunda na comarca do Rio de S. Francisco, e em grande parte da do Rio de Contas, arbusto este conhecido alli pela denominação vulgar de S. João, e cuja raiz é o mais poderoso e efficaz preservativo de similhante flagello.

Quando em 1825 proseguia em minha viagem por terra á provincia do Pará pela de Goyaz, encontrei-me na povoação Formosa, termo da villa de Santa Rita do Rio Preto, com um individuo de nome Francisco, quasi Indio, unico que então possuia o segredo da virtude de tal raiz, e confesso que encheu-me de assombro o que então lhe vi praticar com algumas cobras cascaveis (*Crotalus horridus*, L.), que segurava quando mais enfurecidas, e enroscava impunemente pelo corpo, passando por isso por grande *curador de cobras;* mas nem a cascavel, nem outro algum reptil venenoso incutem agora o menor receio aos habitantes d'aquellas paragens, depois que divulgou o segredo de tal raiz uma mulher, que desde tempos acompanhava aquelle individuo, por occasião de desavir-se com elle.

Criam-se igualmente nas lagôas existentes nas matas, jacarés (*Lacerta alligator*, L.), giboias, (*Boa constrictor*, L.), e até

[1] Nota FF.

enormes sucuriús [1], (*Boa scytole*, L.), que mais commummente vivem nos rios. Os naturalistas que tem descripto esta serpente, diz o principe Maximiliano [2], tem commettido erros, confundindo-a com outras. Daudin denominou-a *Boa anacondo*: ella acha-se espalhada por toda a America Meridional, e chega a dimensões extraordinarias em todas as especies d'este genero n'esta parte do mundo. Todas as dimensões, que tem relação á morada das cobras n'agua, applicam-se á esta serpente, porque as outras especies de seu genero não vivem senão em terra. A sucuriú ou sucuriúba, pelo contrario, vive constantemente dentro d'agua, e é por conseguinte um amphibio em toda a accepção da palavra. — Prevalecendo pois tal principio, devem reputar-se como especies de sucuriú a boyuna, de disforme tamanho, a araboya, e a tareiboya, de que tratam Gabriel Soares [3], Pison [4], e Laet. [5]

Finalmente habitam tambem as matas differentes aves, como o mutúm (*Cras alector*) de duas especies — assú e pinima; o jacú (*Penelope*); a jacupemba (*Penelope marail*, L.); a jacutinga (*Penelope leucoptéra*, L.); papagaios de diversas especies, entre as quaes nota-se o papagaio verdadeiro (*Psittacus amasonius*); o tucano (*Ramphastos tucanus* ou *discoloris*, L.); o arassarí (*Ramphastos arassari*, L.); a sabiá da mata (*Turdus rufiventris*), aracuan (*Phasianus garrulus*, Humb.), araras rôxas e azues (*Psit-*

[1] Buffon, notando serem os quadrupedes da America assaz pequenos, quando os insectos e os reptis são tamanhos, attribue esse effeito á posição do paiz, onde tudo concorre a carregar o ar de vapores frios e humidos; á grande quantidade de aguas correntes que, entregues á sua propria impetuosidade, cobrem suas margens, lagôas e pantanos lodosos; e finalmente ás exhalações necessariamente insalubres de uma terra inculta e bruta, cheia de hervas espessas, coberta de abrolhos e matas, que jamais abriu o seu seio aos raios vivificos do sol. Caz. Giral. Veja-se a not. GG.

[2] *Voyage au Brésil*, tom. II, cap. XI.

[3] *Noticia do Brazil*, parte II, cap. 112.

[4] Guil. Pisonis *de Indiæ utriusque re naturali et medica libri quatuor*, etc., ediç. de 1658, pag. 282.

[5] *Historia naturalis Bras. G. Pisonis.*

tacus macao et *araruna*, L.), patos (*Anas moschata*, L.), e outros. [1]

Havendo pois terminado a informação exigida no ultimo quesito, findarei a presente Memoria com algumas palavras sobre a pretendida degeneração das especies de animaes transportados do antigo para o novo continente.

O abbade Raynal [2], depois de notar que a domesticidade dos animaes fôra, como todas as outras artes uteis, uma invenção da sociedade que talvez exigiu mais talento, mais tempo e mais acasos, e que em nenhuma região da America se achasse entre os indigenas, que a povoavam na épocha da sua descoberta, animal domesticado, continúa, que das especies levadas da Europa, apenas deixára de degenerar o porco [3], cuja perfeição consiste unicamente no engordar, perdendo porém os bois, cavallos e ovelhas, conduzidas pelos Inglezes para as colonias septentrionaes da America, muito da sua força e tamanho que tinham no paiz de que eram oriundas, não obstante serem essas especies escolhidas com prevenção. É sem duvida o clima e a natureza do ar e do solo que se oppoem ao successo da sua transplantação: estes animaes foram, como os homens, sujeitos a molestias epidemicas, e se o contagio não os destruiu, como á especie humana na mesma raiz da geração, muitas especies pelo menos tive-

[1] Entre as differentes obras conhecidas sobre a ornithologia do paiz, é certamente digna do maior apreço uma impressa em Lisboa em 1800, sob o titulo *Aviario Brazilico, ou Galeria ornithologica das aves do Brazil*, por Fr. José Mariano da Conceição Velloso, Brazileiro que tanto honrou e illustrou a patria com seus importantes e variados trabalhos litterarios, protegido pelo governo animador d'aquelle tempo, a cujas expensas foram publicados todos estes trabalhos. A tal publicação pois remetto o leitor estudioso que desejar conhecer as outras especies de aves, cuja designação se omitte na presente Memoria, por não transcender dos limites que lhe são prescriptos.

[2] *Hist. polit. et philosoph.* cit., liv. XVIII, cap. XVIII.

[3] M. Calm nem ao menos fez esta excepção, enunciando que na quarta geração não ha quasi comparação alguma entre as producções do gado vaccum, cavallar e suino, e seus primeiros pais, quanto ao seu tamanho e força! *Hist. nat. et polit. de la Pensilvania*, pag. 86 e 87.

ram bastante difficuldade em reproduzirem-se. Em cada geração ellas se abastardaram, e á similhança das plantas da America transportadas para a Europa, o gado da Europa tem continuadamente degenerado na America. É a lei dos climas, que quer que cada povo, cada especie vivente ou vegetante, cresça e more no seu paiz natal. O amor da patria parece imposto pela natureza a todos os seres, assim como o da sua conservação.

Não se limitou porém aos quadrupedes sómente [1] essa idéa de degeneração, que adquiriu maior vulto depois de sanccionada pelo grande Buffon, sobresaindo M. de Paw em fazer dos Americanos o quadro mais degradante e phantastico. Na opinião d'este escriptor « a natureza, tirando tudo a um hemispherio para dal-o a outro, não collocou na America senão meninos, que ainda não ha sido possivel tornar homens. Uma insensibilidade estupida constitue o fundo do caracter de todos os Americanos [3]; sua preguiça impede-lhes o ser attentos á instrucção, e nenhuma paixão tem bastante poder para abater-lhes a alma, ou eleval-os acima d'ella mesma. Superiores aos animaes por terem o uso das mãos e da lingua, elles são realmente inferiores ao menor dos Europeos, e de balde no espaço de tres seculos se tem ensaiado sobre elles toda a especie de cultura, pois que ainda nenhum ha podido chegar a adquirir um nome nas sciencias, artes e officios. Garcilasso de la Vega, aventurando-se a

[1] O profundo Humboldt, julgando superfluo refutar as asserções arriscadas de Buffon sobre a pretendida degeneração dos animaes domesticos, introduzidos em o novo continente, accrescenta que essas idéas propagaram-se facilmente porque, lisongeando a vaidade dos Europeos, ligavam-se tambem a hypotheses brilhantes sobre o antigo estado do seu planeta. *Essai polit. sur la Nouvelle Espagne*, tom. III, pag. 224.

[2] *Recherches philosophiques sur les Américains*, tom. II, pag. 141.

[3] Bem differentes porém d'esta generalidade escreveram outros a respeito dos indigenas do Brazil.

Le Brésilien est un animal qui n'a pas encore atteint le complément de son espèce; c'est un oiseau qui n'a ses plumes que trop tard; une chenille enfermée dans sa séve, qui ne sera papillon que dans quelques siècles. Il aura peut-être un jour des Newtons et des Lockes.—Bibliothèque de l'Homme Public, tom. XIV, pag. 95.

escrever a historia de seu paiz, produziu uma obra tão indigesta e miseravel, que em vão tentaram redigil-a e pôl-a em ordem MM. de Baudouin, Ricaul e outros, não contendo uma só phrase da original a *Historia dos Incas* que appareceu em Paris em 1744, e se attribue ao mesmo Garcilasso; de sorte que se ha chegado ao ponto de affirmar ousadamente que os crioulos da quarta e quinta geração tem menos genio e capacidade para as sciencias do que os verdadeiros Europeos. » Cumpre observar que tudo isto se escrevia e publicava em 1771!

Prescindindo pois de gastar tempo em confutar paradoxos de tamanho calibre, devo porém accrescentar que o antiquario e exacto investigador Gabriel Soares não se esqueceu de referir a espantosa multiplicação das ovelhas e cabras que recebeu a Bahia, e tratando das eguas assegura que as nascidas e criadas na provincia são tão formosas como as formosas e melhores da Hespanha, das quaes nascem famosos cavallos[1]. Se um certo numero d'estes quadrupedes, e de alguns outros transportados do antigo para o novo continente, nota M. de la Roquette, não tem adquirido o mesmo desenvolvimento, não procede essa especie de decrescimento de serem o clima e solo da America menos favoraveis á força e á perfeição do genero animal, nem de que a natureza seja ahi menos fecunda e menos vigorosa; mas sim, unicamente, do pouco cuidado que na mesma America se tem tido dos animaes para ella conduzidos, os quaes tem sido abandonados a si proprios a maior parte do tempo. Teria acontecido outro tanto na Europa em circumstancias similhantes, e poder-se-hiam citar muitas regiões d'esta parte do mundo, onde os quadrupedes são tão pequenos como as especies similhantes na America, e pelo mesmo motivo que os tem feito decrescer n'este ultimo continente, pois é reconhecido que a maneira de criar e pensar os animaes, e o cuidado que d'elles se toma, concorrem muito para o melhoramento das raças.

[1] *Noticia do Brazil.* Veja-se a Nota GG.

NOTAS.

A

O erudito Antonio Ribeiro dos Santos, escriptor da famosa memoria — *Do conhecimento que era possivel ter da existencia da America pela tradição dos antigos e por motivos philosophicos* —, accrescenta n'uma das suas notas : « Strabão, que não costuma facilmente acreditar as noticias das antigas navegações, comtudo sobre a existencia d'este continente diz no liv. III da sua *Geographia* que já póde ser que não fosse fabuloso. »

É tambem digno de ver-se sobre a existencia da Atlantida o conde Carli, *Cartas Americanas*, tom. II, cartas 36, 37 e 38; e não será desagradavel addicionar aqui uma observação physica que não é vulgar, e póde servir de tornar mais verosimil a antiquissima existencia d'aquelle grande continente, e persuadir que é parte restante d'elle o novo mundo. Olhando nós desde a bocca do Rio Grande do Brazil, até a ponta do cabo do Tangrin, na costa africana de Malagueta, por uma linha que faça um angulo com o Equador de 30 a 35 gráos, vêem-se n'ella pela grande extensão do mar Atlantico claros vestigios de haver quasi desapparecido, ou por inundações, ou por outras causas similhantes, um grande continente, porque n'esta mesma linha se descobre uma continuação de ilhotas, picos e baixos, demonstradores da antiga existencia de uma vastissima região, o que bem mostra M. Buache nos mappas que publicou, e depois reimprimiu o já citado Carli nas suas cartas estampadas em Cremona em 1785.

Ainda se póde ajuntar a esta auctoridade a de Bory de Saint Vincent, nos seus *Ensaios sobre as ilhas Fortunatas*, onde fallando da subversão de um grande continente no mar Atlantico, não sómente traz o argumento da tradição da mais remota antiguidade, mas tambem

o que se deduz do estado physico das ilhas Canarias, e das outras Atlanticas, que parecem ser restos do antigo continente, submergido pelos effeitos reunidos da violencia do oceano e das irrupções volcanicas, sendo provas d'isto a pouca profundidade que ha n'aquelles mares, e as muitas ilhas e ilhotas que n'elles se observam.

B

O mencionado A. Ribeiro dos Santos refere ser para o Brazil, e particularmente para a Parahyba do Norte, que se inclinavam alguns dos muitos escriptores que aponta na citada memoria. Ha quem applique para aqui, diz elle, o logar de Isaias, no cap. 18, vs. 1, em que falla da terra além da Ethiopia, depois da qual ha uma terra de gente terrivel, pisada dos pés (*antipodas*), a quem os grandes rios roubaram muito terreno, a qual enviava de uma parte para outra os seus vasos ou embarcações, e canôas de uma só peça de madeira cavada, ou feitas das cascas e cortiças das arvores: assim o entenderam José da Costa, tão versado nas escripturas sagradas e na historia natural das Ilhas occidentaes, os doutissimos Fr. Luiz de Leão, Thomaz Rosio, Arias, Montano, Martim del Rio, e singularmente o nosso Vieira em sua engenhosa e caprichosa *Historia do Futuro*.

C

« Outros disseram que estes primeiros povoadores foram d'aquellas gentes de Hebreos, os quaes o sabio Salomão costumava enviar em suas náos do mar Vermelho á região chamada de Ophir, em busca de ouro, páos preciosos, simios e cousas similhantes; e tem para si que esta região de Ophir é a da America, especialmente o Perú, Mexico e Brazil. E esta opinião parece a alguns muito provavel, e como tal a defende com forçosos argumentos o padre João de Pineda de nossa companhia, *De rebus Salomonis*, liv. 4, cap. 16

fol. 214, retratando o parecer contrario, que tinha segundo em seus commentarios sobre Job. Não com menos efficacia a defende o padre Fr. Gregorio Garcia, da sagrada religião de S. Domingos, no liv. 4.° de *Indorum occidentalium origine*, e allega por si os auctores seguintes: Vatablo sobre o 3.° Livro dos Reis, cap. 9 (e foi o primeiro defensor d'esta opinião), Postello, Goropio, Arias, Montano, Genebrardo, Marino Lixiano, Antonio Possevino, Rodrigo Yepes, Bosio, Manoel de Sá, e outros referidos pelo padre Pineda no logar já citado.

E na verdade os fundamentos que trazem por si estes auctores fazem a cousa muito verosimil, porque ninguem póde negar que o grande sabio Salomão em sua alta sabedoria teve conhecimento da disposição de todas as terras do mundo, como elle o diz no cap. 7.° da Sabedoria: *Ipse dedit mihi horum, quæ sunt, scientiam veram, ut sciam dispositionem orbis terrarum, et virtutes elementorum.* Pois se tinha conhecimento do mundo, e sabia conseguintemente os thesouros das riquezas da America, especialmente da Maldivia, Perú, Chile, e as da terra do Brazil, e tinha tão grande desejo de ajuntal-as para a obra do templo de Deus, que trazia entre mãos; porque não mandaria em busca d'ellas ás partes sobreditas, mórmente tendo só para este effeito fabricado grossa armada nos portos do mar Vermelho, com gente do mar destra, instruida por elle, como por mestre de todas as artes? E correndo esta de tres em tres annos o mundo em busca d'estas drogas, porque não poderia n'este tempo penetrar tambem estas ultimas terras do Occidente?

Nem para isto o acobardariam carrancas dos antigos philosophos, de que não eram navegaveis estes mares, nem habitaveis estas terras; porque teve sciencia infusa da arte da cosmographia e hydrographia, como de todas as mais sciencias. Nem a viagem era das mais difficultosas, por isso que partindo, como costumavam suas armadas, do mar Vermelho, vinham correndo aquella parte da India oriental, costeando Malaca e Sumatra, e d'aqui direitas á ilha de S. Lourenço, d'esta ao Cabo da Boa Esperança, e d'ahi caminho direito ao Brazil, e d'este finalmente, correndo a costa, buscando as ilhas de Cuba,

S. Domingos, Hispaniola, e d'ellas os reinos de Perú e Chile. Na mesma fórma pinta a viagem d'estas náos Genebrardo. — *Opportuit,* (diz elle) *solventes ex mari Rubro, et aliqua Indiæ orientalis parte perlustrata, attactis Malaqua, Sumatra, recta deinde contendere ad insulam Sancti Laurentii ex qua ad Caput Bonæ Spei, inde ad Brasiliam: atque legentes illam Brasiliæ oram, tangere Cubam et insulam Sancti Dominici Hispanam, ex qua tandem pateret accessus ad Mexicanas oras.* E muito menos ha de distancia do Cabo da Boa Esperança á costa do Brazil, e d'ahi á da Nova Hespanha, que á de Hespanha antiga, Africa e Phenicia, onde commummente dizem os auctores chegavam as náos de Salomão, como se deixa ver do computo dos gráos. » Vasconcellos, *Noticias curiosas e necessarias sobre o Brazil.*

D

Grande peninsula ao N E da Tartaria chineza, sobre a costa do S E da Siberia, que é a do N E da Asia. Da ponta meridional d'esta peninsula parte uma cadêa de ilhas chamadas Kurilas: ella se inclina quasi ao S S O, e vai n'esta direcção reunir-se ao N do Japão, de quem é separada pelo estreito de Sangaar. O Kamtschatka é banhado ao O pelo mar de Ochotsk ou mar de Lama, a E pelo grande Oceano septentrional, no qual se acham as ilhas Aleucianas, e ao N une-se ao paiz dos Koriakes. Parece natural collocar o isthmo que junta esta peninsula ao continente onde elle mais estreita, como na altura da ilha Karagui, pelos 59° 25' lat. N, segundo M. de la Perouse: com tudo porém dicta a exactidão geographica que o golfo de Penzina ao O, e o de Otutora a E, prolongando-se de ambas as partes de uma lingua de terra mais ao N, poderáõ justificar a opinião d'aquelles que dão ao Kamtschatka uma extensão mais boreal que a determinada. Chama-se mar de Kamtschatka todo o espaço comprehendido entre as Kurilas e a ilha Seghalien, e fica no meio da costa oriental da peninsula o porto de Kamtschatka, onde os

Russos se estabeleceram nos principios do seculo passado. O de Petropaulovsk ou Awatcha, que está mais ao meiodia sobre a mesma costa, é o mais frequentado, e contam-se mil e quatrocentas leguas de Kamtschatka a Moskou.

Veja-se Grandpré, *Dict. de Geogr. marit.*

E

Segundo o famoso geographo Balbi, os Esquimáos formam uma nação pouco numerosa, mas espalhada em toda a extremidade boreal do novo mundo, e dividida em cinco ramos principaes, a saber: os Karalis, chamados commummente Groenlandezes, porque occupam as solidões da Groenlandia; os Esquimáos propriamente ditos, sobre a costa do N E do Labrador, que são os mais meridionaes e os menos incultos; os Esquimáos do occidente, que vagam junto ás embocaduras do Mac Kenzie e dos Copper Mine, nos arredores do cabo Dobb, nos de Repulse Bay, na peninsula de Melville, nas costas das ilhas do Inverno, Iglooliki, Southompton, e outras que formam o archipelago de Bassin-Parny. Ao ramo groenlandez pertence a povoação de Esquimáos descobertos nos Arctic-Highlands pelo capitão Ross.

Acha-se hoje inteiramente reconhecido que os Esquimáos da America em nada differem dos Groenlandezes, e que elles todos constituem um só povo e uma só raça de homens, cujo idioma, instincto, costumes e figura são perfeitamente similhantes. La Peyrere tinha escripto no seu tempo, sem a menor prova, que a lingua que se falla na Groenlandia não era entendida pelos selvagens que habitam ao occidente do estreito de Davis; Anderson repetiu a mesma opinião, de sorte que todos os sabios de Dinamarca e da Suecia estavam n'essa preoccupação; mas em 1764 um missionario dinamarquez, que aprendêra a fundo o groenlandez, instado por M. Hugn Palliser, governador da Terra Nova, emprehendeu a viagem á America Septentrional, penetrou até o Labrador, e depois de muitas excur-

sões encontrou, em o dia 4 de Setembro do mesmo anno, um grupo de duzentos Esquimáos, aos quaes fallou em groenlandez, e foi por elles perfeitamente entendido e correspondido na mesma lingua, que é o idioma nacional do seu paiz. Disseram-lhe que ignoravam serem conhecidos por Esquimáos, pois que o nome generico da sua nação era *Innuit* ou *Karalit*, denominação esta que, segundo o bispo Egede [1], é a mesma que se dão os Groenlandezes, e que significa *homens*, sendo corrupção a de Skralings ou Skrelingers, que se encontra nas antigas relações ácêrca d'estes povos.

M. de Paw, sectario da idéa de ter sido a Groenlandia povoada primitivamente não por Dinamarquezes, nem por Islandezes ou Noruegianos, mas sim pelos Americanos, que já alli existiam desde antes do anno 700 da era christãa, e de fazer esse paiz parte do continente da America e não da Europa ou da Asia, sustenta [2] ser destituida de difficuldades a passagem d'esses Americanos para aquelle paiz — ou effectuando-a pela terra firme, costeando a ponta da bahia de Bassins, entre os 79° e 80' lat., quando ainda não tinham as aguas rompido e aberto a ponta d'esse golfo, — ou atravessando em suas canôas de pelles alcatroadas o estreito de Davis, que tem trinta leguas de largo defronte da ilha Disco, e que além d'esta altura nem chega a ter duas milhas de mar de uma á outra parte. Viagens muito maiores e mais arriscadas fazem annualmente os habitantes de Labrador, os Samoyedas, e outros povos pescadores.

I'

Outro tanto porém não acontecerá a respeito da parte da America Septentrional que se prolonga ao sul da bahia de Chesapeak, e contém em si as duas Carolinas, a Georgia e a Florida. Conforme o Sr. Rafn na *Memoria* citada os Esquimáos que habitavam, ha mais de oitocentos annos, na visinhança de Vinlandia, affirma-

[1] *Hist. naturelle de Groenland.*

[2] *Recherches philosoph. sur les Américains*, tom. I, part. III, sect. I.

vam que no paiz fronteiro vivia outro povo, que trajava vestes todas brancas, paiz esse que se julga ser o *Hvitramannaland* (terra dos homens brancos), tambem chamada *Irland it Mikla* (Grande Irlanda), que deve ser aquella parte da America. Entre os Indios shwanezes, que emigraram da Florida ha quasi um seculo, e acham se actualmente residindo no estado do Ohio, corre a tradição que a mesma Florida era em outro tempo habitada por um povo branco, que fazia uso de instrumentos de ferro; e a julgarmos d'esta tradição segundo os antigos documentos, devia ser uma colonia christãa de Irlandezes que alli se estabeleceu em principios do anno 1000 da nossa era.

G

M. Ferdinand Denys considera esta tribu como a nação sagrada dos primitivos aborigenes, pela denominação generica que a distingue. Convém saber-se que *maracá* é o nome dado ainda hoje ao fructo da coloquintida, enfeitado com pennas de côres variegadas, contendo sufficiente porção de grãos ou de pequenos seixos para chocalhar, de que usam os payés nos seus curativos e outros actos supersticiosos, como observei por algumas vezes em diversos logares da provincia do Pará. N'essas occasiões é empregado o maracá como emblema symbolico da divindade, e os payés não só tremem com a voz nos seus cantos, e ficam estaticos por intervallos, mas até fazem contorsões musculares pasmosas.

É a esse mesmo instrumento que na America do Norte se dá o nome de *chichikue*, e posto que os illustrados Martius e Spix não lhe attribuam valor symbolico entre os Indios que o possuiam, talvez por não terem assistido a nenhum d'aquelles actos, a que poucos estranhos á classe indiana são admittidos, comtudo são dignos de serem consultados, sobre as qualidades mysteriosas e sagradas do maracá entre os Tapuias e Tupis, Hans Stade, Lery, Pison, Claudio d'Abbeville, Roulox Baro, Koster, o principe Maximiliano, e Saint-Hilaire em sua segunda viagem.

Eis como o antiquario Gabriel Soares se exprime, fallando dos Maracás, Tapuias, Amoipirás e Ubirajarás.

« Até agora tratámos de todas as castas de gentio que vivia ao largo do mar da costa do Brazil, e de algumas nações que vivem pelo sertão de quem tivemos noticia, e deixámos de fallar dos Tapuias, que é o mais antigo gentio que vive n'esta costa, do qual ella foi em todo senhoreada da bocca do Rio da Prata até o rio Amazonas, como se vê do que está hoje povoado e senhoreado d'elles, porque da banda do Rio da Prata senhoream ao longo da costa mais de cento e cincoenta leguas, e da parte do rio Amazonas senhoream para contra o sul mais de duzentas leguas, e pelo sertão vem povoando por uma corda de terra por cima de todas as nações do gentio, nomeadas desde o Rio da Prata até o Amazonas, e toda a mais costa senhorearam nos tempos atraz, d'onde por espaço de tempo foram lançados de seus contrarios, por se elles dividirem e inimizarem uns com os outros, por onde se não favoreceram, e os contrarios tiveram forças para pouco a pouco os irem lançando da ribeira do mar, de que elles eram possuidores.

« Como os Tapuias são tantos, e estão tão divididos em bandos, costumes e linguagem, para se poder dizer d'elles muito era necessario de proposito e de vagar tomar grandes informações de suas divisões, vida e costumes; mas pois ao presente não é possivel, trataremos de dizer dos que visinham com a Bahia, sobre quem se fundaram todas estas informações de suas divisões, vida e costumes, que n'este caderno estão relatadas, começando logo que os mais chegados Tapuias aos povoadores da Bahia são uns que se chamam de alcunha os *Maracás*, os quaes são homens robustos e bem acondicionados, trazem o cabello crescido até as orelhas e copado, e as mulheres os cabellos compridos e atados atraz, o qual gentio falla sempre de papo, tremendo com a falla, e não se entende com outro nenhum gentio, que não Tapuia. Quando estes Tapuias cantam, não pronunciam nada por ser tudo garganteado, mas a seu modo, e são entoados, e prezam-se de grandes musicos, a quem o outro gentio folga muito de ouvir cantar. São estes Tapuias grandes flecheiros

assim para a caça, como para seus contrarios, e são muito ligeiros e grandes corredores, e grandes homens de pelejarem em corpo e a descoberto, mas pouco amigos de abalroar cêrcas; e quando dão em seus contrarios, se se elles recolhem em alguma cêrca, não se detem muito em cercar, antes se recolhem logo para suas casas, as quaes tem em aldêas ordenadas, como costumam os Tupinambás.

«Estes Tapuias não comem carne humana, e se tomam na guerra alguns contrarios, não os matam, mas servem-se d'elles como se de seus escravos, e por taes os vendem agora aos Portuguezes, que com elles tratam e communicam. São estes Tapuias muito folgazões, e não trabalham nas roças como os Tupinambás, nem plantam mandióca, e nem comem senão legumes que as mulheres lhe plantam e grangeam em terra sem mato grande, a que poem fogo para fazerem suas sementeiras; os homens occupam-se em caçar, a que são muito afeiçoados. Costuma este gentio não matar a ninguem dentro de suas casas, e se seus contrarios, fugindo-lhe da briga, se recolhem a ellas, não os hão de matar dentro, nem fazer-lhes nenhum aggravo, por mais irados que estejam, e esperam que saiam para fóra, ou se lhe passe a ira, e acceitam-nos por escravos, ao que são mais afeiçoados que a matal-os, como lhe fazem a elles.

« São os Tapuias contrarios [1] de todas as nações de todo o gentio por terem guerra com ellas, ao tempo que viviam junto do mar, d'onde por força de armas foram lançados; os quaes são homens de grandes forças, andam nús como o mais gentio, e não consentem em si mais cabellos que os da cabeça, e trazem os beiços furados e pedras n'elles como os Tupinambás. Estes Tapuias são conquistados pela banda do rio de Sergipe dos Tupinambás, que vivem por aquellas partes, e por outra parte os vem salteor os Tupinaes, que vivem da banda do poente, e vigiam-se ordinariamente uns dos outros, e está povoado d'este gentio por esta banda cincoenta ou sessenta leguas de terra, entre as quaes ha umas serras, onde ha muito

[1] É d'aqui que lhes foi imposta a denominação de Tapuias, que significa inimigo, pelas numerosas tribus que os cercavam, ignorando-se hoje qual fosse o nome primitivo por que eram conhecidos.

salitre e pedras verdes, de que elles fazem as que trazem mettidas nos beiços por bizarria.

«Tem os Amoipirás a mesma linguagem dos Tupinambás, e a differença que tem é em alguns nomes proprios, que no mais entendem-se muito bem, e tem os mesmos costumes e gentilidades, mas são mais atraiçoados, e de nenhuma fé nem verdade.

«Na terra onde este gentio vive ha muita falta de ferramentas, por não terem commercio com os Portuguezes, e apertados da necessidade cortam as arvores com umas ferramentas de pedra, que para isso fazem, com que ainda e com muito trabalho roçam o mato, para fazerem suas roças, do que tambem se aproveitava antigamente todo o outro gentio, antes que communicasse com gente branca.

«E para plantarem na terra sua mandióca e legumes cavam n'ella com uns páos tostados agudos, que lhes servem de enxadas. Os Amoipirás trazem o cabello da cabeça copado e aparado ao longo das orelhas, e as mulheres trazem os cabellos compridos como os Tupinambás; pesca este gentio com uns espinhos tortos que lhe servem de anzóes, com que matam muito peixe e á flecha, para o que são mui destros, e para matarem muita caça.

«Trazem os Amoipirás os beiços furados e pedras n'elles como os Tupinambás, pintam-se de genipapo e enfeitam-se com elle. Usam na guerra tambores, que fazem de um páo que cavam por dentro com fogo, tanto até que fica delgado, os quaes toam muito bem; na mesma usam de trombetas, que fazem de uns buzios grandes furados, ou de cana da perna das alimarias que matam, a qual lavram e engastam em um só páo. Em tudo o mais seguem os costumes dos Tupinambás, assim na guerra como na paz, dos quaes fica dito largamente no seu titulo. Estes Amoipirás tem por visinhos no sertão detraz de si outro gentio, a que chamam *Ubirajarás*, com quem tem guerra ordinariamente, e se matam e comem uns aos outros com muita crueldade, sem perdoarem as vidas quando se captivam.

«Pelo sertão da Bahia além do Rio de S. Francisco, partindo com os Amoipirás da outra banda do sertão, vive uma certa nação de gente barbara, a que chamam *Ubirajarás*, que quer dizer senhores

nos bons, os quaes se não entendem na linguagem com outra nação alguma do gentio: tem continua guerra com os Amoipirás, e captivam-se, matam-se e comem-se uns aos outros sem nenhuma piedade.

« Estes Ubirajarás não viram nunca gente branca, nem tem noticia d'ella, e é gente muito barbara, da estatura e côr do outro gentio, e trazem os cabellos muito compridos, assim os machos como as femeas, e não consentem em seu corpo nenhuns cabellos que em lhes nascendo os não arranquem.

« Fazem estes Ubirajarás suas lavouras, como fica dito dos Amoipirás, e pescam no rio com os mesmos espinhos, e com outras armadilhas que fazem, em que lhe cahem facilmente.

« A peleja dos Ubirajarás é a mais notavel do mundo, porque a fazem com uns páos tostados muito agudos, do comprimento de tres palmos pouco mais ou menos cada um, e são agudos de ambas as pontas, com os quaes atiram a seus contrarios como com punhaes, que são tão certeiros com elles que não erram tiro, com o que tem grande chegada, e d'esta maneira matam tambem a caça que, se lhe espera o tiro, não lhe escapa. Com estas armas se defendem de seus contrarios, tão valorosamente como seus visinhos com arcos e flechas, e quando vão á guerra leva cada um seu feixe d'estes páos, com que peleja, e com estas armas são mui temidos dos Amoipirás, com os quaes tem sempre guerra por uma banda, e pela outra com umas mulheres, que dizem ter uma só têta, que pelejam com arcos e flechas, e se governam e regem sem maridos, como se diz das Amazonas, dos quaes não podemos saber mais informações, nem da vida e costumes d'estas mulheres, de que muito desejariamos dizer, se o podessemos alcançar. » *Noticia do Brazil.*

II

Tupin-Imbas ou Tamoyos, lê-se no *Ensaio Economico sobre o commercio de Portugal e suas colonias*, excellente escripto do douto bispo D. José Joaquim de Azeredo Coutinho. João Lery,

Francez e companheiro de Nicoláo Durand de Villegaignon no Rio de Janeiro, onde se demorou por mais de onze mezes, tambem menciona os Tupinambás como visinhos d'aquelle continente [1], e sabe-se que ao tempo da descoberta do Brazil occupavam os Tamoyos toda a costa que vai desde o cabo de S. Thomé até Angra dos Reis, os quaes, mantendo continua guerra com todas as mais tribus indigenas, apenas eram amigos dos Tupinambás, de quem se diziam parentes, e cujos usos e costumes conservavam, differindo até muito pouco no idioma. Estas considerações justificam de algum modo a opinião de formarem á principio ambas essas tribus uma só nação, dividindo-se pelo tempo adiante, como aconteceu a respeito das mais nações dos aborigenes primitivos.

I

« Notavel e admiravel foi a attenção com que os indigenas assistiram ao acto de religião, pondo-se de joelhos, e imitando por acções similhantes o que viam fazer aos seus hospedes. Quando terminou a missa, deram signaes de alegria e complacencia, cantando, dansando, batendo palmas, tocando cornetas, e atirando ao ar as suas settas, levantando as mãos aos Céos, como em acção de graças por serem visitados por tão pacifica e pia gente estrangeira. — Silva Lisboa, *Hist. dos principaes successos do Brazil*, parte 1, cap. VII.

O Sr. Antonio Gonçalves Teixeira, que acaba de enriquecer a litteratura nacional com o seu poema *A Independencia do Brazil*, obra de bastante erudição, engenho e patriotismo, não omittiu esse facto nas seguintes e bellissimas estancias CLXVII e CLXVIII do cant. II.

[1] *Alium vero, o bone, fratres tuos matavi et boucanavi: tot denique viros, fœminas, puerulosque, ex vobis Toupinambaultis, bello a me captos devoravi, ut numerum assequi non possim.* Lery, *Historia navigationis in Brasiliam*, cap. 14.

Com as armas reaes foi levantado
Aqui da redempção o signal santo:
Da missa o sacrificio celebrado
Alli se viu com acatamento tanto!
O selvagem da terra então prostrado
Assistiu..... ah! que vel-o era um encanto!
Adorando de um Deus desconhecido
Um mysterio por elle não sabido.

Oh Deus de paz, de amor, oh Deos eterno!
Santo nome que ouvindo exulta o mundo,
E de susto estremece o negro inferno,
Medonho em seus tormentos e iracundo!
Teu poder e teu nome sempiterno
Quem não ha de adorar venerabundo,
Que o selvagem em tão ampla liberdade
Sentiu a tua immensa magestade!

Conf. Barros, Dec. 1.ª, liv. V, cap. II, e a *Naveg. de Pedro Alvares Cabral*, cap. II.

Já fica dito, escreve Gabriel Soares, como o gentio Tupiniquim senhoreou e possuiu a terra da costa do Brazil ao longo do mar, do rio de Camamú até o rio de Cricaré [1], o qual tem agora despovoado toda esta comarca, fugindo dos Tupinambás seus contrarios, que os apertaram por uma banda, e aos Aimorés, que os offendiam por todas: pelo que se affastaram do mar, e fugindo ao máo tratamento que lhes alguns homens brancos faziam, por serem pouco tementes a Deus; e pelo que não vivem agora junto ao mais que os christãos de que só faremos menção. Com estes gentios tiveram os primeiros povoadores das capitanias dos Ilhéos e Porto-Seguro, e da do Espirito Santo, nos primeiros annos, grandes guerras e trabalhos, de quem receberam grandes damnos; mas pouco tempo adiante vieram a fazer pazes, que se cumpriram bem e guardaram de parte a parte, e desde então foram os Tupiniquins muito fieis e verdadeiros aos Portuguezes.

Este gentio e os Tupinaes descendem todos de um tronco, e não

[1] Hoje Rio de S. Matheus.

se tem por contrarios verdadeiros, ainda que muitas vezes tivessem differenças e guerras, os quaes Tupinaes lhe ficavam nas cabeceiras pela banda do sertão, com quem a maior parte dos Tupiniquins agora estão misturados, e este gentio é da mesma côr baça e estatura que o outro gentio de que fallámos, o qual tem a linguagem, vida, costumes e gentilidades dos Tupinambás, ainda que são seus contrarios, em cujo titulo se declarará mui particularmente tudo o que se pôde alcançar.

«Ainda que são contrarios os Tupiniquins dos Tupinambás, não ha entre elles na lingua e costumes mais differença da que tem os moradores de Lisboa dos da Beira, mas este gentio é mais domestico e verdadeiro que todo o outro da costa d'este Estado, é gente de grande trabalho e serviço, e sempre nas guerras ajudaram aos Portuguezes contra os Aymorés, Tapuias e Tamoyos, como ainda hoje fazem esses poucos que se deixaram ficar junto do mar e das nossas povoações, com quem visinham muito bem, os quaes são grandes pescadores de linha, caçadores e marinheiros; são valentes homens, caçam, pescam, cantam e bailam como os Tupinambás, e nas cousas da guerra são mui industriosos e homens para muito, de quem se faz muita conta a seu modo entre o gentio. — *Noticia do Brazil*, cap. XXXIX.

J

Refere o conselheiro Balthasar da Silva Lisboa, em sua *Memoria topographica e economica da comarca dos Ilhéos*, publicada no tom. 9.º das Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, que essa submissão tivera logar depois de uma crua guerra; mas não só repugna isto á idéa de haver na villa dos Ilhéos tocado de passagem Mem de Sá, quando ia muito adiante cumprir ordens regias que não admittiam delonga; mas até concorda a geral e sempre constante tradição de haverem bastado para essa pacificação as maneiras doces e caracter benefico d'aquelle governador. Creio até que o illustre escriptor confundiu os Tupiniquins com os Aymorés, a quem

o mesmo governador castigou n'aquella villa, quando em fins de Novembro de 1565 seguiu da capital da provincia em sua segunda viagem ao Rio de Janeiro, como mencionei no 1.° vol., pag. 76, das *Mem. Hist. e Polit. da Bahia.*

K

O Sr. Francisco Adolfo de Varnhagen, infatigavel archeologo e distincto litterato brazileiro, mostra exuberantemente em suas *Reflexões criticas* publicadas no 5.° vol. da *Collec. de Not. para a historia e geographia das nações ultramarinas,* ser Gabriel Soares de Souza, de quem igualmente trata o abbade Barboza [1], o auctor da interessante *Noticia do Brazil,* cujo manuscripto é algumas vezes ci-tado por Ayres do Cazal e pelo Dr. Martius como obra de Francisco da Cunha. Dezesete annos residiu Gabriel Soares no Brazil, possuindo até n'esta provincia um engenho de fabricar assucar, segundo elle mesmo o declara no corpo d'essa obra, dedicada ao conselheiro de estado D. Christovão de Moura, em Madrid, no 1.° de Março de 1589. É de lastimar porém que um escripto tão precioso, pela vastidão de noticias que revela d'aquellas eras afastadas, seja impregnado de erros em infinitos nomes proprios, que por isso não pouco embaraçam actualmente, defeito esse proveniente sem duvida dos copistas diversos que teve antes de ser impresso pela primeira vez em 1825, e de circular sob differentes titulos.

L

Assim o affirma Gabriel Soares, cap. XXXII da *Noticia do Brazil,* a quem seguiu Southey [2]; mas o illustre viajante principe Maximiliano contesta similhante assertiva, assegurando — que de todas as tribus indigenas do Brazil nenhuma certamente ha que não possua

[1] *Biblioth. Lusit.*, tom. II, pag. 321.
[2] *History of Brazil*, tom. I, pag. 282.

o talento da natação, sendo preciso, para que os Aymorés apresentassem similhante excepção, que elles vivessem em um deserto arido e absolutamente desprovido d'agua, e que essa opinião de Southey, copiada de outros escriptores, provém de não terem os mesmos Aymorés canôas como as outras tribus, e servir de abrigo aos seus ataques qualquer rio de rapida corrente [1]. Pelo menos é certo que a pequena navegação dos Botocudos data de sua communicação com os soldados da divisão de S. Miguel, no Jequitinhonha, de que era commandante Julião Fernandes Leão.

O rio Jequitinhonha, que sahe no oceano em 15° 50' lat., tendo apenas na sua foz dez a doze pés d'agua nas grandes marés, nasce na serra Pedra-redonda, cêrca de oito leguas a oésudoéste da cidade do Serro, e começa a ser navegavel para canôas na povoação de Tocoyós, distante da embocadura noventa e seis leguas, depois de ter recebido o ribeirão de S. Gonçalo. De Tocoyós até S. Miguel contam-se perto de trinta e quatro leguas; adiante da sua origem inclina-se para o nordéste, e recebe pela margem direita o ribeirão Mocaúba e o Itucambira, o rio Vaccaria, o ribeirão Salinas; e adiante pela margem opposta o rio Arassuahy, que póde ser navegavel por espaço de quarenta leguas. Com este ultimo confluente engrossa o Jequitinhonha, e dão-lhe a denominação de Rio Grande, denominação que perde no Salto Grande, d'onde por diante ainda hoje é vulgarmente conhecido por Belmonte, nome de uma pequena villa que fica no angulo septentrional da sua foz.

Os rochedos que existem entre Tocoyós e a povoação de S. Miguel difficultam a navegação das canôas, sem todavia obrigarem a descarregal-as; mas de S. Miguel para baixo é indispensavel essa operação em tres logares; isto é, na cachoeira do Inferno, vinte e oito leguas adiante de S. Miguel; no Salto Grande, onde as aguas despenham-se de uma altura que se estima ser de vinte braças, formada por dous grandes morros da cordilheira dos Aymorés, por onde rompeu o rio, cujo fracasso ouve-se á distancia de quatro leguas; e finalmente na Cachoeirinha, de-

[1] *Voyage au Brésil, traduit par Eyriès*, tom. II, chap. XII.

zoito leguas distante do oceano. N'esta catadupa e na primeira é bastante descarregar as canôas para fazel-as passar; mas na do Salto Grande arrastam-se por terra, e, não obstante esses embaraços, gastam-se apenas oito dias na descida de S. Miguel até a villa de Belmonte, e dezoito a vinte na subida.

Oito leguas acima de sua foz communica-se o Jequitinhonha com o Patipe, pelo canal impropriamente denominado Rio da Salsa, que recebeu alguns melhoramentos na administração do conde, depois marquez de Palma. O primeiro explorador do Jequitinhonha por parte da Bahia foi o capitão-mór de Porto-Seguro João da Silva Santos em 1804, de ordem do governador D. Fernando José de Portugal, e chegou, depois de dous mezes de viagem trabalhosa, oitenta leguas acima da villa de Belmonte, onde encontrou outros colonos enviados de Minas Geraes [1], cuja assembléa legislativa no orçamento de 1844 consignou 20:000$000 réis para abrir a barra e melhorar a navegação d'este rio, summamente interessante por todos os titulos.

M

Com referencia ao manuscripto *Descripção geographica da America Portugueza* (de Gabriel Soares) lê-se na *Corographia Brazilica* [2], que os Abatirás causaram graves destroços á villa de Porto-Seguro. Esta horda porém nem é mencionada por nenhum dos antigos escriptores, nem é conhecida desde muitos annos, e com ajustado criterio conclue Ayres do Casal pertencer á tribu dos Aymorés, ou ser por tal denominação que os Tupiniquins os designavam em geral.

O bispo Azeredo Coutinho não se esqueceu de mencionar [3]

[1] *Mem. Hist. e Polit. da Bahia*, toms. I e II: Milliet de Saint-Adolphe, *Dicc. Geogr. do Brazil.*

[2] Tom. II, pag. 74.

[3] *Ensaio Econom.* cit., pag. 90. Veja-se igualmente sobre a materia d'esta nota a *Corographia Paraense*, ou *Descripção phys. hist. e polit.*

que os Aymorés são hoje conhecidos por Gamellas, e com effeito por essa denominação distinguem-se no Pará os que vagueam pelas cabeceiras dos rios Capim e Gurupí, bem como pelo territorio de Pastos Bons, provincia do Piauhy, com alguns dos quaes já domesticados pratiquei na villa Carolina e povoação de S. Pedro de Alcantara, no rio Tocantins. D'esta sorte pois o appellido de Coroados, pelo qual diz o Sr. coronel José Joaquim Machado de Oliveira serem actualmente designados os mesmos Aymorés, segundo vê-se na sua Memoria publicada no 6.° tom. da *Revista trimensal*, talvez não passe de um d'esses inventos muito triviaes no escriptor francez Beauchamp, alli citado.

Pelo menos é sabido que por tal denominação de Coroados apenas se conhecem agora os Cauanés, tribu em outro tempo poderosa, cujos descendentes occupam, entre differentes logares da provincia de Mato Grosso, a altura das serras e os campos da Vaccaria visinhos das fontes do Igatimi e do Iparé; e os Ouetacazes e Coropós, que se encorporaram n'uma só tribu, da qual ainda se encontram algumas familias desde a margem septentrional do rio Parahyba até a margem austral do Xipoto. Eis como Gabriel Soares [1] descreve os Aymorés:

«Segundo fica dito, esta costa era povoada de Tupiniquins, os quaes a despovoaram com medo d'estes brutos, e se foram viver ao sertão; dos quaes Tupiniquins não ha já n'esta capitania senão duas aldêas, que estão juntas dos engenhos de Henrique Luiz, que tem já muito pouca gente. Descendem estes Aymorés de outros gentios, que chamam os Tapuias, dos quaes no tempo atraz se ausentaram certos casaes, e se foram para umas terras mui asperas fugindo a um desbarate, em que os pozeram seus contrarios, onde residiram muitos annos sem verem outra gente; e os que d'estes descenderam, vieram a perder a linguagem, e fizeram outra nova, que se não entende de nenhuma outra nação do gentio de todo este Estado do Brazil, e são

da provincia do Grão-Pará, bem como o *Patriota*, segunda subscripção, n. 5, pag. 40.

[1] *Noticia do Brazil*, part. I, cap. XXXII.

estes Aymorés tão selvagens, que dos outros barbaros são ouvidos por mais que barbaros, e alguns se tomaram já vivos em Porto-Seguro e nos Ilhéos, que se deixaram morrer de bravos sem quererem comer.

« Começou este gentio a cahir ao mar no rio dás Caravelas junto do Porto-Seguro, e corre estes matos e praias até o rio de Camamú, e d'ahi veio a dar assaltos perto de Tinharé, e não descem á praia senão quando vem dar assaltos: este gentio tem a côr do outro, mas são de maiores corpos, e mais robustos e forçosos, não tem barbas, nem mais cabellos no corpo que os da cabeça, porque os arrancam todos; pelejam com arcos e flechas muito grandes, e são tamanhos flecheiros que não erram nunca tiro; são mui ligeiros á maravilha, e grandes corredores. Não vivem estes barbaros em aldêas, nem ha quem lh'as visse nem saiba, nem désse com ellas pelos matos até hoje; andam sempre de uma parte para a outra pelos campos e matos, e dormem no chão sobre folhas; se lhes chove, arrimam-se ao pé de uma arvore, onde engenham umas folhas por cima, quanto os cobre, assentando-se em coiras. Não costumam estes alarves fazer roças, nem plantar nenhuns mantimentos; mantem-se das fructas silvestres e da caça que matam, a qual comem crua ou mal assada, quando tem fogo; machos e femeas todos andam tosquiados, e tosquiam-se com umas cannas, que cortam muito: a sua falla é rouca da voz, a qual arrancam da garganta com muita força, e não se poderá escrever como vasconço.

« Vivem estes barbaros de saltear toda a sorte de gentio que encontram, e nunca se viram juntos mais que vinte até cincoenta flecheiros; não pelejam com ninguem de rosto a rosto, toda a sua briga é á traição; dão assaltos pelas roças e caminhos, por onde andam esperando o outro gentio e toda a sorte de creatura em ciladas detraz das arvores cada um por si, d'onde não erram tiro, e todas as suas flechas empregam, e se lhe fazem rosto logo fogem cada um para sua parte; mas como vem a gente desmandada, fazem parada, buscam onde fiquem escondidos até que passem os que os seguem, e dão-lhes nas costas suas flechadas. Estes barbaros não sabem nadar, e qualquer

rio que se não passa a váo basta para defensão d'elles; mas para o passarem vão buscar o váo muitas leguas pelo rio acima. Comem estes selvagens carne humana por mantimento, o que não tem o outro gentio senão por vingança de suas brigas e antiguidade de seus odios.

« A capitania de Porto-Seguro e a dos Ilhéos estão destruidas e quasi despovoadas com o temor d'estes barbaros, cujos engenhos não lavram assucar por lhe terem morto todos os escravos e gente d'elles e das mais fazendas, e os que escaparam das suas mãos lhes tomaram tamanho medo, que em se dizendo Aymorés, despejam as fazendas, e cada um trabalha por se pôr em salvo, o que tambem fazem os homens brancos, dos quaes tem morto estes alarves de vinte e cinco annos á esta parte, que esta praga persegue estas duas capitanias, mais de trezentos homens portuguezes e de tres mil escravos.

« Costumavam-se ordinariamente cartear os moradores da Bahia com os dos Ilhéos, e atravessavam os homens este caminho ao longo da praia como lhes convinha, sem haver perigo nenhum, o que estes Aymorés vieram a sentir, e determinaram-se de vir vigiar estas praias, e esperar a gente que por ellas passava; e são estes salteadores tamanhos corredores, que não lhes escapava ninguem por pés, salvo os que se lhes mettiam no mar, onde se elles não atrevem entrar: mas andam-nos esperando que saiam á terra até á noite que se recolhem, pelo que este caminho está vedado, e não atravessa ninguem por elle senão com muito risco da sua pessôa; e se se não busca algum remedio para destruir estes alarves, destruiráõ as fazendas da Bahia, para onde vão caminhando de seu vagar, e como elles são tão exquisitos e agrestes, e inimigos de todo o genero humano, não foi possivel saber mais de sua vida e costumes, e o que está dito deve bastar por agora. »

N

Gnimató chamam elles a essa arruella que introduzem nas orelhas, e *guimuá* á que lhes orna o queixo inferior: o principe Maximi-

liano mediu uma d'essas placas cylindricas, que tinha quatro pollegadas [1] e quatro linhas de diametro, sobre uma espessura de dezoito linhas, feita de madeira da barriguda (*Bombax ventricosa*). Não é porém sómente proprio dos Botocudos e outras tribus ainda selvagens do Brazil similhante uso, pois que os celebres viajantes Cook, Azara, La Perouse e outros, o encontraram em differentes selvagens das ilhas do mar das Indias e do grande oceano, a cujo respeito observa judiciosamente M. de Paw [2], que o exame de usos e costumes tão parecidos, em climas tão differentes, e entre nações que não se conhecem, prova que o homem é como predestinado a commetter as mesmas faltas em qualquer região do globo que elle habite, e que ha erros e absurdos que, apezar da mais notavel similhança, não tem sido copiados. Ninguem na Europa, e mesmo entre nós, deixará de taxar de ridiculo o costume da maior parte dos nossos Indios selvagens, de recolherem-se os maridos ás suas redes logo após o nascimento dos filhos, recebendo por dias aquelle tratamento e cuidados que só deviam ter as mãis dos nascidos; e comtudo praticava-se igual costume na França, onde ainda em Bearn é conhecido, e se diz *faire la couvade;* e Strabão refere existir similhante etiqueta na Hespanha, ao tempo em que escreveu, no liv. 3, pag. 174: *Mulieres, cum pepererunt, suo loco viros decumbere jubent, eisque ministrant.*

Os antigos Italianos, conforme se collige de Homero, foram anthropophagos, bem como os Lestrigões e os Liparitanos: os Phenicios, os Carthaginezes, e os mesmos Romanos nos seus maiores apertos, immolavam victimas humanas; a vasta e civilisada capital da França acaba de apresentar, no calor de sua revolução, scenas eminentemente horrorosas, de que é talvez difficil achar parallelos historicos e exemplos d'esta ordem, ao passo que patenteam de sobra não serem privativos dos selvagens da America os costumes barbaros e ferozes, pois que tambem já constituiram, e ainda constituem, a partilha de

[1] *Voyage au Brésil*, tom. II, cap. XII, pag. 213.

[2] *Recherches philosophiques sur les Américains*, tom. III, cap. II.

povos do antigo mundo, justificam igualmente o pensamento philosophico com que o famoso Durão escrevêra [1]:

Foram qual hoje o rude Americano
O valente Romano, o sabio Argivo:
Nem foi de Salmoneo mais torpe engano
Do que outro rei fizera em Creta altivo.
Nós que zombamos d'este povo insano,
Se bem cavarmos no solar nativo,
Dos antigos heroes dentro ás imagens,
Não acharemos mais que outros selvagens.

O

A parte do nordéste da Asia era apenas conhecida pela denominação de Tartaria quando Pedro o Grande subiu ao throno da Russia, e havendo-se alli apenas tentado penetrar, para obrigar os seus habitantes a um tributo, achou o czar ser importante conhecer-se melhor essa parte da terra, e examinar se a Siberia e a America não formavam mais que um só continente. Dominado d'estas idéas, encarregou a Vitus Behring ou Bering, habil maritimo dinamarquez, de verificar se a região do Kamtschatka era ou não contigua á America. A morte d'aquelle monarcha interrompeu por um pouco esses preparativos; mas elles progrediram por ordem de Catharina, que lhe succedeu no governo, e no 1.° de Janeiro de 1726 começou Behring a sua viagem [2], e chegou de volta a S. Petersburgo no 1.° de Março de 1736, depois de haver tocado até os 67° 13' de lat., tendo passado pelo estreito que separa os dous mundos sem o saber, encontrando apenas indicios das terras da America, ou das que ficam a léste da Siberia. No dia 4 de Junho de 1741 principiou sua segunda viagem, para achar o novo continente de que obtivera indicios, partindo do porto de Kamtschatka, e verificou com effeito essa descoberta pelos 58° 28' lat. no dia 18 de Julho seguinte. Proseguiu

[1] *Caramurú*, cant. II, est. XLVII.
[2] *Collection des Voyages*, tom. X, pag. 240.

d'ahi o intrepido viajante percorrendo outras paragens; mas acossado o seu navio de temporaes, naufragou em uma ilha, que fica cêrca de 50 leguas afastada do Kamtschatka, entre os 55° 56' de lat., e alli falleceu opprimido de annos e trabalhos, concluindo tal descobrimento em 1788 o famoso capitão inglez Cook.

P

O problema da primeira população da America não é mais da competencia da historia, como as questões sobre a origem das plantas e dos animaes, e sobre a distribuição dos germens organicos, não são da alçada da historia natural. A historia, remontando ás épochas mais remotas, mostra-nos quasi todas as partes do globo occupadas por homens que se crêem aborigenes, porque ignoram a sua filiação. No meio de uma multidão de povos que se tem succedido e misturado uns com outros, é impossivel reconhecer com exactidão a primeira base da população, esta camada primitiva, além da qual começa o dominio das tradições cosmogonicas.

As nações da America, á excepção d'aquellas que se avisinham ao circulo polar, formam uma raça caracterisada pela conformação do craneo, pela côr da pelle, pela extrema raridade da barba, e pelos cabellos chatos e lisos. A raça americana tem relações muito sensiveis com a dos povos mongols, que encerra os descendentes de Hung-nujá, conhecidos debaixo da denominação de Huns, Kalkas, Kalmubs e Burattes. Tem até provado as recentes observações que não sómente os habitantes de Unalaska, mas tambem muitas povoações da America Meridional, indicam, por caracteres osteologicos da cabeça, uma passagem da raça americana á raça mongolica. Quando se houver estudado melhor os homens pardos da Africa, e esse enxame de povos que habitam o interior e o nordéste da Asia, designados vagamente por viajantes systematicos pelo nome de Tartaros e Tschoudes, parecerão menos isoladas as raças caucasiana, mongolica, americana, malaya e negra, e reconhecer-se-ha n'esta grande familia do genero humano um unico typo organico, modificado por

circumstancias que talvez ser-nos-hão sempre desconhecidas. As pesquizas feitas com um extremo cuidado, e por um methodo que não se seguia em outros tempos no estudo das etymologias, tem provado que ha um pequeno numero de palavras communs ás linguas dos dous continentes.

Em oitenta e tres linguas americanas, examinadas pelos Srs. Barton e Vater, tem-se reconhecido perto de setenta, cujas raizes parecem ser as mesmas, e é facil de se convencer que esta analogia não é accidental, por isso que ella não repousa simplesmente sobre a harmonia imitativa, ou sobre esta igualdade de conformação nos orgãos, que torna quasi identicos os primeiros sons articulados pelos meninos. Sobre cento e setenta palavras que tem relação entre si, ha tres quintos que trazem á memoria a mantchu, a tunquse, a mongolica e a samoyedea, e dous quintos que lembram da mesma fórma as linguas celtica, tschuda, a basqua, a copta, e a congo. Estas palavras tem sido achadas comparando-se a totalidade das linguas do antigo mundo, porque ainda não conhecemos nenhum idioma da America, que mais que os outros pareça ligar se a um dos grandes grupos numerosos das linguas asiaticas, africanas, ou europeas.

O que tem avançado alguns sabios, levados de theorias abstractas, sobre a pretendida pobreza de todas as linguas americanas, e extrema imperfeição do seu systema numerico, é tão arriscado como as asserções sobre a fraqueza e estupidez da especie humana em o novo continente, sobre o encurtamento da natureza viva, e sobre a degeneração dos animaes transportados de um a outro hemispherio. Se as linguas não provam senão fracamente a antiga communicação entre os dous mundos, esta communicação manifesta-se de uma maneira indubitavel nas cosmogonias, nos monumentos, nos hieroglyphicos, e nas instituições dos povos da America e da Asia. —Humboldt, *Vue des Cordillères et monuments des peuples indigènes de l'Amérique.* — Introducção.

Q

« Os Tupinambás são homens de meia estatura, de côr muito baça, bem feitos e bem dispostos, mui alegres do rosto, e bem assombrados: todos tem bons dentes alves e miudos, sem lhe nunca apodrecerem; tem as pernas bem feitas, os pés pequenos, trazem o cabello da cabeça sempre aparado, e em todas as partes do corpo os não consentem, e os arrancam como lhes nascem: são muito bellicosos, e em sua maneira esforçados e para muito, ainda que atraiçoados: são muito amigos de novidades, e demasiadamente lisongeiros, e grandes caçadores. pescadores e amigos de lavouras.

« Como se este gentio viu senhor da terra da Bahia, dividiu-se em bandos por certas differenças que tiveram uns com outros, e assentaram suas aldêas apartadas, com o que se inimisaram os que se aposentaram entre o Rio de S. Francisco e o rio Real até a Bahia, e faziam-se cada dia cruel guerra, e comiam-se uns aos outros, e dos que captivavam, a que davam vida, ficavam escravos dos vencedores.

« E os moradores da Bahia, da banda da cidade, se declararam por inimigos dos outros Tupinambás, moradores da outra banda da Bahia no limite de Paraguassú e de Sergipe, e faziam-se cruel guerra uns aos outros por mar, onde se davam batalhas navaes em canôas, com as quaes faziam ciladas uns aos outros por entre as ilhas, e havia grande mortandade de parte a parte, e se comiam e faziam escravos uns aos outros, no que continuaram até o tempo dos Portuguezes.

« Entre os Tupinambás moradores da banda da cidade armaram desavenças uns com os outros, sobre uma moça que um tomou a seu pai, á força, sem lh'a querer tornar, com a qual desavença se apartou toda a parentela do pai da moça, que eram Indios principaes, com a gente das suas aldêas, e passaram-se á ilha de Itaparica, que está no meio da Bahia, com os quaes se lançou outra muita gente, e encorporaram-se com os visinhos do rio Paraguassú, e fize-

ram guerra aos da cidade, a cujo limite chamavam Caramarí, e salteavam-se uns aos outros cada dia, e ainda hoje em dia ha memoria de uma ilheta, que se chama do Medo, por se esconderem detraz d'ella, onde faziam ciladas uns aos outros com canôas, em que se matavam cada dia muitos d'elles.

« D'estes Tupinambás, que se passaram á ilha de Itaparica, se povoou o rio de Jaguaripe, Tinharé, e a costa dos Ilhéos, e tamanho odio se creou entre esta gente, sendo toda uma por sua avoenga, que ainda hoje em dia, entre esses poucos que ha, se querem tamanho mal, que se tomam uns aos outros, se o podem fazer, em tanto que se encontram alguma sepultura antiga dos contrarios, lhe desenterram a caveira e lh'a quebram, com o que tomam novo nome, e de novo se tornam a inimizar; e em tempo que os Portuguezes tinham já povoado este rio de Jaguaripe, houve na sua povoação grandes ajuntamentos das aldêas dos Indios alli visinhos, para quebrarem caveiras, e com grande festa para os quebradores da cabeça tomarem novos nomes, as quaes caveiras foram desenterrar a umas aldêas despovoadas, para vingança da morte dos pais ou parentes dos quebradores d'ellas, para o que os enfeitavam com pennas de passaros ao seu modo, em as quaes festas houve grandes bebedices, o que ordenaram os Portuguezes alli povoadores para se escandalisarem os parentes dos defuntos, e se quererem de novo mal, porque temiam que se viessem a confederar uns com os outros para lhes virem fazer guerra, o que foi bastante para o não fazerem, e se assegurarem com isto os Portuguezes que viviam n'este rio.

« Tupinaes é uma gente do Brazil similhante no parecer, vida e costumes aos Tupinambás, e na linguagem não tem mais differença uns dos outros do que tem os moradores de Lisboa dos de Entre Douro e Minho; mas a dos Tupinambás é mais polida, e pelo nome tão similhante d'estas duas castas de gentio parece bem claro que antigamente foi esta gente toda uma, como dizem os Indios antigos d'esta nação. Tem-se por tão contrarios uns dos outros que se comem aos bocados, e não cançam de se matarem em guerras que continuamente tem, e não tão sómente são inimigos os Tupinaes dos

Tupinambás, mas são de todas as outras nações do gentio do Brazil, e entre todas ellas lhe chamam *taburas*, que quer dizer contrarios. Os Tupinaes no antigo viveram ao longo do mar, como fica dito no titulo dos Tupinambás, que os lançaram d'elle para o sertão, onde agora vivem, e terão occupado uma corda de terra de mais de duzentas leguas: partem com os Tapuias, com quem tem tambem contínua guerra.

« São os Tupinaes mais atraiçoados que os Tupinambás e mais amigos de comer carne humana, em tanto que se lhes não acha nunca escravo dos contrarios que captivam, porque todos matam e comem, sem perdoarem a ninguem; e quando as femeas emprenham dos contrarios, em parindo lhe comem logo a criança, a que tambem chamam *cunhamembira*, e a mesma mãi ajuda a comer o filho.

« Convém arrumar aqui os Aymorés, porque descendem dos Tupinambás, e por estarem na fronteira dos Tupinaes além do Rio de S. Francisco, e passamos pelos Tapuias, que ficam em meio para uma das bandas, e por estarem muito espalhados por toda a terra, de quem temos muito que dizer ao diante, no cabo d'esta historia, da vida e costumes do gentio. Quando os Tupinaes viviam ao longo do mar, residiam os Tupinambás no sertão, onde certas aldêas d'elles foram fazendo guerra aos Tapuias, que tinham por visinhos, a quem foram perseguindo por espaço de annos tão rijamente, que entraram tanto pela terra dentro, que foram visinhar com o Rio de S. Francisco, e n'este tempo outros Tupinambás fizeram despejar aos Tupinaes de junto do mar da Bahia, como já fica dito, os quaes se metteram tanto pela terra dentro afastando-se dos Tupinambás, que tomaram os caminhos áquelles que iam seguindo os Tapuias, pelo que não poderam tornar para o mar por terem diante os Tupinaes, que, como se sentiram desapressados, e souberam dest'outros Tupinambás, que seguiram os Tapuias, deram-lhe nas costas e apertaram com elles rijamente, que fizeram da sua parte os Tapuias, fazendo-lhes crua guerra, ao que os Tupinambás não podiam resistir, e vendo-se tão apertados de seus contrarios, assentaram de se passarem da outra banda do Rio de S. Francisco, onde se con-

tentaram da terra, e assentaram alli sua vivenda chamando-se Amoipirás, por o seu principal se chamar Amoipirá, onde esta gente multiplica de maneira que tem senhoreado ao longo d'este Rio de S. Francisco, a que o gentio chama *Opara*, mais de cem leguas, onde agora ficam-lhe em frontaria d'esta outra parte do rio, de um lado os Tapuias e de outro os Tupinaes, que se fazem cruel guerra uns aos outros, passando com embarcações ao seu modo á outra banda, dando grandes assaltos nos contrarios os Amoipirás aos Tapuias, que atravessam o rio em almadias, que fazem da casca de arvores grandes, cujo feitio fica atraz declarado. » *Gabriel Soares.*

R

Ainda hoje se conhece no rio Madeira o furo dos Tupinambarânas, defronte da ilha Maracá, furo este que sendo um braço do mesmo Madeira, forma com elle, e com o Amazonas onde sahe, uma ilha de cincoenta leguas de extensão e vinte de largura. Essa ilha foi por annos habitada pelos Tupinambás, que fugiam á impolitica e barbara perseguição que soffriam nas provincias que ficam entre a da Bahia, inclusivè, e a do Pará.

O coração estremece de horror ao rememorar os actos de cannibalismo empregados contra os indigenas, especialmente nos primeiros annos da conquista do paiz, e parece que por todas as partes do continente americano dominavam os sentimentos barbaros dos conquistadores do Mexico e do Perú. No combate de Caxamalca a vanguarda do pequeno exercito dos Pizarros era formada por uma fileira de cães alanos, que acommetteram com tanta furia os Indios, e causaram-lhes tamanho destroço, que a côrte de Hespanha, diz um erudito escriptor, maravilhada de tantas façanhas, ordenou que se lhes pagasse um soldo regular como aos soldados, soldo este que era entregue aos encarregados de tratal-os; e consta dos assentos d'aquelle tempo que um d'esses cães, chamado *Berecillo*, ganhava dous reales por mez, em recompensa dos serviços que havia prestado dilace-

rando muitos indigenas, cuja carne até consentia-se servisse-lhes de pasto!

Duvidou-se mesmo no Mexico se os Indios eram homens ou especies de orango-otango; recusavam-lhes os sacramentos da Igreja, e foi preciso que o pontifice Paulo III, em resposta a uma carta do primeiro bispo de Tlascala, que em 1536 implorava a favor d'esses infelizes aborigenes, e á consulta que lhe fizera o provincial do Mexico Fr. Domingos de Betames, enviando para isso a Roma a Fr. Domingos de Minaja, declarasse, em bulla de 9 de Junho do mesmo anno, que começa *Veritas ipsa quæ nec fallit, nec fallere potest*, que os Indios eram verdadeiros homens e capazes dos sacramentos. D'esta fórma pois a descoberta do novo mundo, acontecimento que tirou a astronomia, a geographia e a physica de uma noite profunda, foi acompanhada de circumstancias extremamente horrorosas, bizarras e ridiculas, por uma fatalidade inherente a todas as açções do homem. Conf. a *Corographia Paraense*, M. de la Roquete, not. a Robertson, tom. 4, e M. de Paw cit.

S

Falla bem alto em abono dos Jesuitas o profundo Humboldt [1], e não é hoje estranho aos homens lidos que n'essa terrivel perseguição, que elles soffreram em Portugal e no Brazil durante a administração do celebre marquez de Pombal, teve não pequena influencia o contagio philosophico, que propagou-se por quasi toda a Europa no meiado do seculo 18, de que tambem fôra iscado o mesmo Pombal. O principe Maximiliano de Neuwied não se esqueceu de notar [2], que a maior parte dos estabelecimentos scientificos e beneficos da America Meridional são devidos aos Jesuitas, e não póde deixar de maravilhar-se o viajante illustrado que percorrer as nossas provincias, ao ver ou em montões de ruinas, ou extremamente arruina-

[1] *Essai polit. sur la Nouvelle-Espagne*, liv. III, cap. VII, pag. 262 e 267.
[2] *Voyage au Brésil, traduit par Eyriès*, tom. II, cap. XIII.

dos, os magestosos edificios que elles deixaram, á excepção de um ou outro n'algumas capitaes, como esta. Finalmente, importando um valioso testemunho dos beneficios que fizeram ao paiz o que a tal respeito escreveu ha poucos annos um judicioso protestante, relevar-se-me-ha copial-o n'este logar.

« The jesuits were the only men who ever made systematic and zealous exertions for their improvement. They entered this field when their prosperity was at its meridian, and they found it sufficiently ample for their most enlarged ambition. Notwithstanding the extravagance of their fables, and the more than doubtful policy which they generally found it convenient to employ, yet they practised many real virtues; and when we compare their character with that of the other rival orders, and behold them repeatedly mobbed and persecuted on account of their opposition to vice and cruelty, we cannot withhold from them a degree of respect.

« For about two hundred years from the first establishment of their order in Brazil, they labored zealously and with varied success in every part of the country, from the thickets of the upper Amazon to the plains of Piratininga. They were repeatedly expelled from some of the cities and provinces, but they as often recovered favor and returned. Finally, the great effort made for their overthrow succeded. No person had a more powerful agency in that movement than the marquis of Pombal, the prime minister of Portugal, and nowhere were the decrees against the jesuits executed with more rigor and even cruelty than in Brazil, under his instructions [1]. »

T

Os Acroás, que reduzidos pelos Jesuitas fundaram em 1751 a povoação denominada de S. José do Duro, na parte septentrional da

[1] *Sketches of residence and travels in Brazil, embracing historical and geographical notices of the Empire and its several provinces. By the Rev. Daniel P. Kidder, A. M. Philadelphia*, 1845.

provincia de Goyaz, estendiam-se a principio por toda a comarca actual do Rio de S. Francisco, e chegavam até a lagôa de Paranaguá, em cuja margem occidental está assentada a villa do mesmo nome, pertencente ao territorio da provincia do Piauhy. Esses Indios, reunidos aos Macoazes e Rodelleiros, infestaram por bastante tempo os estabelecimentos das fazendas creadas em toda essa extensão do interior, geralmente conhecido n'aquelle tempo por sertão de Rodellas, e foi ás suas incursões que deveu-se a fundação dos arraiaes, hoje villas, de Paranaguá, Santa Rita do Rio Preto, Campo Largo e Villa da Barra, fundação essa determinada ao governador D. João de Lencastro por carta regia de 2 de Dezembro de 1698, depois de serem batidos os mesmos Indios na guerra que se lhes declarou, em virtude de outra carta regia de 17 de Dezembro de 1699, por haver representado aquelle governador ser impossivel reduzil-os á obediencia por outras maneiras pacificas, como era ordenado na primeira carta regia, expedida por effeito das queixas que levaram ao soberano os prejudicados em taes incursões. Os pequenos restos de similhantes tribus ainda hoje existem no territorio de Goyaz [1], na missão do Arieobé, e pertencem a esses mesmos Indios os que ás vezes vagueam por aquelle interior, conhecidos por Pimenteiras.

Sendo circumscripta a presente Memoria ás tribus aborigenes que habitavam a provincia ao tempo em que o Brazil foi conquistado deixei por isso de enumerar differentes hordas, procedentes todas das tribus primitivas que designei, hordas essas que sob diversas denominações occuparam depois alguns pontos centraes da mesma provincia, quaes, entre outros, os Kasinos, Kariris, Kariacazes, Manqurús, Caimbés, Mataracas, Portacazes, Ciocó, e os Orizes Procazes. Occupavam estes ultimos as serranias do Nhumarama e Cassucá, e depois de hostilisarem por bastantes annos, apoderando-se até das boiadas que desciam pela estrada real de Piauhy para a

[1] *Informação ou Descripção topographica do Rio de S. Francisco*, pag. 40; Cunha Mattos, *Itinerario do Rio de Janeiro ao Pará*, tom. II; e *Mem. Hist. e Polit. da Bahia*, tom. I, pag. 148.

Bahia, Minas Geraes e Pernambuco, e zombarem de todas as forças contra elles enviadas, submetteram-se ao gremio do christianismo em 1715 pela solicitude evangelica do vigario de Itapicurú, o padre Euzebio Dias Lassos Lima, que em tres dias baptizou 3700 d'esses Indios. Similhante pacificação, que foi devidamente apreciada, deu origem a uma publicação em 4.°, feita em Lisboa no anno de 1716 por José Freire de Monteiro Mascarenhas, sob o titulo *Os Orizes conquistados* [1], e a importancia litteraria que gozava esse escriptor, o primeiro que introduziu em Portugal o uso dos jornaes ou folhas periodicas, tornou mais recommendavel a pacificação dos mesmos Orizes, que não passavam de uma tribu originaria dos antigos Tapuias.

U

Un canton appelé Conquiste, parce qu'en effet il a été conquis, les armes à la main, sur les indigènes, diz M. de Saint-Hilaire [2]. Todavia porém M. Milliet de Saint-Adolphe, no seu *Diccionario Geographico do Brazil*, data essa fundação de 1803, e attribue-lhe o nome de *Conquista* a ter o capitão José Gonçalves da Costa alli morto vinte e quatro jaguares!! Por lei da assembléa provincial de 19 de Maio de 1840 foi esse logar elevado á categoria de villa, com o titulo de *Imperial Villa da*

[1] Reimprimiu-se ultimamente este opusculo no tom. I da segunda serie da *Revista trimensal*, e eis como tratam de Monterroyo os auctores do *Dictionnaire Universel historique, critique et bibliographique*. — Né à Lisbonne en 1670, d'une famille noble, voyagea dans presque toute l'Europe. Il servit ensuite en qualité de capitaine de cavalerie depuis 1704 jusqu'en 1710. Il quitta le métier de la guerre pour se livrer à l'étude, fut deux fois président de l'académie des anonymes, puis secrétaire et maître d'orthographe dans celle des appliqués. Ce fut lui qui introduisit le premier en Portugal l'usage des gazettes. Ce savant avait du goût pour tous les genres de littérature, il avait puisé dans ses différens voyages toutes les connaissances qui peuvent intéresser l'humanité. Il mourut en 1730.

[2] *Voyage au Brésil*, tom. I, pag. 452.

Victoria, e assim vão-se perdendo entre nós certas denominações antigas, que por sua propriedade parece deviam conservar-se, ao menos para perpetuar os factos historicos.

V

O conselheiro João Severiano Maciel da Costa, depois marquez de Queluz, a cuja memoria e profundo saber consagrarei sempre eterno respeito e gratidão. É sobremaneira digna de apreço, ácêrca da especie de que se trata, a sua *Memoria sobre a necessidade de abolir-se a introducção dos escravos africanos no Brazil;* e como sobre identico objecto escreveu tambem o conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva, achei que não será desagradavel aos homens que presam a prosperidade do paiz publicar n'este logar esse escripto, de que ora poucos tem conhecimento, por ser dictado pelo saber e verdadeiro patriotismo.

Apontamentos para a civilisação dos Indios bravos do imperio do Brazil.

Vou tratar do modo de catechizar e aldear os Indios bravos do Brazil, materia esta de summa importancia, mas ao mesmo tempo de grandes difficuldades na sua execução. Nascem estas: 1.° da natureza e estado em que se acham estes Indios; 2.° do modo com que successivamente Portuguezes e Brazileiros os temos tratado e continuamos a tratar, ainda quando desejamos domestical-os e fazel-os felizes. As primeiras provém: 1.° de serem os Indios povos vagabundos, e dados a continuas guerras e roubos; 2.° de não terem freio algum religioso e civil, que cohiba e dirija suas paixões, d'onde nasce ser-lhes insupportavel sujeitarem-se a leis e costumes regulares; 3.° entregues naturalmente á preguiça, fogem dos trabalhos aturados e diarios de cavar, plantar e mondar as sementeiras, que pelo nimio viço da terra se cobrem logo de mato e de hervas ruins; 4.° porque temem, largando sua vida conhecida

e habitual de caçadores, soffrer fomes, faltando-lhes o alimento á sua gula desregrada; 5.° para com as nações nossas inimigas recresce novo embaraço, e vem a ser o temor que tem, que depois de aldeados vinguemos a nosso sabor as atrocidades contra nós commettidas; ou porque não tendo ainda provado o devido castigo de seus attentados, desprezam-nos, confiados na sua presumida valentia, e achando ser-lhes mais util roubar-nos, que servir-nos; 6.° porque os mais valentes e poderosos d'entre elles temem perder a occasião de cobrar entre seus naturaes o nome de guerreiros, que muito prezam, esperando ficar seguros das nossas armas no meio de suas matas e escondrijos; 7.° finalmente porque conhecem que se entrarem no seio da igreja, serão forçados a deixar suas continuas bebedices e polygamia em que vivem, e os divorcios voluntarios, e d'aqui vem que as raparigas casadas são as que melhor e mais facilmente abraçam a nossa santa religião, porque assim seguram os maridos e se livram de rivaes.

Por causa nossa recrescem iguaes difficuldades, e vem a ser os medos continuos e arreigados, em que os tem posto os captiveiros antigos; o desprezo com que geralmente os tratamos, o roubo continuo das suas melhores terras, os serviços a que os sujeitamos, pagando-lhes pequenos ou nenhuns jornaes, alimentando-os mal, enganando-os nos contractos de compra e venda que com elles fazemos, e tirando-os annos e annos de suas familias e roças para os serviços do Estado e dos particulares; e por fim enxertando-lhes todos os nossos vicios e molestias, sem lhes communicarmos nossas virtudes e talentos.

Se quizermos pois vencer estas difficuldades, devemos mudar absolutamente de maneiras e comportamento, conhecendo primeiro o que são e devem ser naturalmente os Indios bravos, para depois acharmos os meios de os converter no que nos cumpre que sejam.

Não nos devemos admirar das difficuldades, que se oppoem á sua conversão religiosa, se reflectirmos que os Gregos e os Romanos, nações tão instruidas e civilisadas, levaram seculos antes

de entrarem de todo no seio do christianismo. Reflictamos igualmente que os negros da costa d'Africa, apezar do commercio e trato diario que com elles tem os Europeos, estão quasi no mesmo estado de barbaridade que os nossos Indios do Brazil.

Com effeito o homem no estado selvatico, e mórmente o Indio bravo do Brazil, deve ser preguiçoso, porque sendo vagabundo, na sua mão está arranchar-se successivamente em terrenos abundantes de caça ou de pesca, aïnda mesmo de fructos silvestres e espontaneos; porque vivendo todo o dia exposto ao tempo, não precisa de casas nem de vestidos commodos, nem dos melindres do nosso luxo; porque finalmente não tem idéa de propriedade, nem desejos de distincções e vaidades sociaes, que são as molas poderosas que poem em actividade o homem civilisado. De mais uma razão sem exercicio, e pela maior parte já corrompida por costumes e usos brutaes, além de apathico, o devem tambem fazer estupido. Tudo o que não interessa immediatamente á sua conservação physica, e aos seus poucos prazeres grosseiros, escapa á sua attenção, ou lhe é indifferente: falto de razão apurada, falto de precaução, é como o animal silvestre seu companheiro; tudo o que vê póde talvez attrahir-lhe a attenção, do que não vê nada lhe importa. Para ser feliz o homem civilisado precisa calcular, e uma arithmetica, por mais grosseira e manca que seja, lhe é indispensavel; mas o Indio bravo, sem bens e sem dinheiro, nada tem que calcular, e toda as idéas abstractas da quantidade e numero, sem as quaes a razão do homem pouco differe do instincto dos brutos, lhes são desconhecidas.

Mas o homem, por mais apathico que seja, tem comtudo que satisfazer suas necessidades physicas e indispensaveis, e tem que repellir a força pela força: então elle se agita fortemente, e a guerra vem a ser uma necessidade e um prazer que o arrastra; e d'aqui nascem odios inveterados, desejos de vingança, e atrocidades sem freio. Então o Indio da America parece um homem novo: então a fraqueza e cobardia, que alguns escriptores europeos fazem ingenita aos Indios, desapparecem, e uma coragem e

valentia, de que ha poucos exemplos na Europa, tomam o seu logar. Bastará ler, para nos convencermos d'isto, a descripção que fez Lery de uma batalha dos Indios do Brazil, a que assistiu. Póde tambem servir de resposta cabal aos preoccupados o modo porque o celebre Martim Affonso Tebireçá, cacique da aldêa de Piratininga, hoje cidade de S. Paulo, se houve na expugnação da fortaleza de Villegaignon do Rio de Janeiro, quando d'alli expulsámos os Francezes. O padre Vasconcellos chama a Tebireçá — o grande Martim Affonso, homem *revera* de valor. — Tambem cumpre que se lembre das façanhas do famoso Indio Camarão, na guerra contra os Hollandezes em Pernambuco.

São pois as paixões, que não podem ser satisfeitas cabalmente sem a reunião de novos braços e vontades, as que obrigaram os selvagens a reunir-se em taes quaes aldêas; mas como estas pequenas povoações sem magistrados, e ás vezes até sem um chefe ou cacique poderoso, não os obrigaram a formar de toda a sua energia um centro commum, bem como os raios dispersos da luz se reunem no fóco dos espelhos concavos, a intelligencia e actividade individual nunca ganhavam extensão e intensidade, para que fossem obrigados a crear governos regulares, que só podem reprimir as injurias reciprocas dos socios, e prevenir os futuros males.

D'aqui porém não se deve concluir que seja impossivel converter estes barbaros em homens civilisados: mudadas as circumstancias, mudam-se os costumes. E com effeito, se dermos uma vista d'olhos pelas differentes raças de Indios que povoavam o vasto continente do Brazil quando os Portuguezes começaram a frequental-o, veremos que algumas d'ellas, deixadas a si mesmas e sem a communicação e exemplos de nações civilisadas, já tinham feito alguns progressos sociaes, quando outras se achavam ainda na maior barbaridade. Á primeira classe pertenciam os Tupinanquins e Potiguares de Pernambuco, Itamaracá e Parahyba, que eram grandes lavradores, os Carijós da Lagôa dos Patos, que já tinham casas bem cobertas e defendidas do frio, e não comiam carne humana, e alguns outros.

Reflictamos igualmente no que fizeram os Jesuitas nas suas missões do Paraguay e do Brazil, e mais teriam feito se o seu systema não fôra de os separar da communicação dos brancos, e de os governar por uma theocracia absurda e interessada. Em 1732 em as trinta missões dos Guaranís, junto ás margens do Paraná e Uruguay, viviam já 141,182 almas, e desde 1747 até 1766 foram baptizadas n'estas povoações 91,520 pessôas.

A facilidade de os domesticar era tão conhecida pelos missionarios, que o padre Nobrega, segundo refere o Vieira, dizia por experiencia—que com musica e harmonia de vozes se atrevia a trazer a si todos os gentios da America. Os Jesuitas conheceram que com presentes, promessas e razões claras, sãas e expendidas por homens practicos na sua lingua, podiam fazer dos Indios barbaros o que d'elles quizessem. Com o evangelho em uma mão, e com presentes, paciencia e bom modo na outra, tudo d'elles conseguiam. Com effeito o homem primitivo nem é máo naturalmente; é um mero automato, cujas molas podem ser postas em acção pelo exemplo, educação e beneficios. Se Catão nascêra entre os satrapas da Persia, morreria ignorado entre a multidão de vis escravos. Newton, se nascêra entre os Guaranís, seria mais um bipede que pisára sobre a superficie da terra; mas um Guaraní criado por Newton, talvez que occupasse o seu logar. Quem ler o dialogo que traz Lery na sua *Viagem ao Brazil*, entre um Francez e um velho Carijó, conhecerá que não falta aos Indios bravos o lume da razão. D'aqui fica claro que sem novas providencias, e estabelecimentos fundados em justiça e sãa politica, nunca poderemos conseguir a catechisação d'esses selvagens. É preciso pois imitar e aperfeiçoar os methodos de que usaram os Jesuitas. Elles, por meio de brandura e beneficios, aldearam infinidade de Indios bravos, e, o que mais é, até os governadores de Goyaz, imitando-os, fizeram nossos amigos os Acroás, os Javaés, os indomitos Caiapós, e os crueis Chavantes. E como o conseguiram? Dando liberdade aos prisioneiros, vestindo-os, animando-os, e persuadindo-lhes a que viessem viver debaixo das santas leis do evangelho. Apezar de sua barbaridade, reconhe-

ceram elles os obsequios feitos, e não foram insensiveis ás attenções com que os tratavam os grandes caciques dos brancos, como elles chamavam aquelles generaes. Os mesmos Botocudos e Purís, contra quem se declarou ultimamente guerra crua, se vão domesticando. Na provincia da Bahia, pelo bom modo com que lhes soube ganhar a vontade um general, vivem os Botocudos em boa paz comnosco, ao mesmo tempo que na capitania do Espirito Santo fazem-nos dura guerra, apezar das expedições e postos militares. Tenho pois mostrado pela razão e pela experiencia, que apezar de serem os Indios bravos uma raça de homens inconsiderada, preguiçosa, e em grande parte desagradecida e deshumana para comnosco, que reputam seus inimigos, são comtudo capazes de civilisação logo que se adoptam meios proprios, e que ha constancia e zelo verdadeiro na sua execução.

Nas actuaes circumstancias do Brazil e da politica européa, a civilisação dos Indios bravos é objecto de summo interesse e importancia para nós. Com as novas aldêas, que se forem formando, a agricultura dos generos comestiveis e a criação dos gados devem augmentar, e pelo menos equilibrar nas provincias a cultura e fabrico do assucar.

Os meios porém de que se devem lançar logo mão, para a prompta e successiva civilisação dos Indios, e que a experiencia e a razão me tem ensinado, eu os vou propôr aos representantes da nação; e são os seguintes:

1.° Justiça, não esbulhando mais os Indios, pela força, das terras que ainda lhes restam, e de que são legitimos senhores, pois Deus lh'as deu, mas antes comprando-lh'as, como praticam os Estados-Unidos da America.

2.° Brandura, constancia e soffrimento da nossa parte, que nos cumpre como a usurpadores e christãos.

Imitemos o missionario Aspilcueta, que ia buscar os Indios d'esta provincia dos matos, esperava-os quando vinham da caça para lhes dar as boas vindas, representava-lhes todos os incommodos que soffria por elles; e attentos, começava a prégar-lhes então nossa

santa fé, imitando as manhanas e tregeitos de seus paiés ou feiticeiros.

3.° Abrir commercio com os barbaros, ainda que seja com perda da nossa parte, recebendo em troca os generos de seus matos e pequena industria, e levando-lhes quinquilharia de ferro e latão, espelhos, missangas, facas, machados, tesouras, pregos, anzóes, tabaco, vinhos doces e brandos, assucar, carapuças e barretes vermelhos, galões falsos, fitas, lenços de côres subidas ou listados, cães de caça, etc.

4.° Procurar com dadivas e admoestações fazer pazes com os Indios inimigos, debaixo das condições seguintes, quaes as que o governador Mem de Sá estabeleceu em 1558. 1.° Que não comam carne humana, nem mutilem os inimigos mortos. 2.° Que não façam guerra aos outros Indios, sem consentimento do governo brazileiro. 3.° Que se estabeleça um commercio reciproco entre elles e nós, para que comecem tambem a conhecer o *meu* e o *teu*, abrogando-se o uso indistincto dos bens e productos da sua pequena industria.

5.° Favorecer por todos os meios possiveis os matrimonios entre Indios, brancos e mulatos, que então se deveráõ estabelecer nas aldêas, havendo cuidado porém de evitar que pelo seu trato e máos costumes não arruinem os mesmos Indios; prohibindo-se que não possam por ora comprar suas terras de lavoura sem consentimento do parocho e maioral da aldêa, e determinando-se que nos postos civis e militares da aldêa haja pelo menos igualdade entre ambas as raças.

6.° Será muito conveniente que por meios indirectos se procure introduzir para caciques das nações ainda não aldeadas alguns Brazileiros de bom juizo e comportamento, que saibam corresponder aos fins politicos d'esta escolha e nomeação.

7.° Criar para a catechisação dos Indios um collegio de missionarios, cuja organisação religiosa seja pouco mais ou menos como a dos padres da congregação de S. Felippe Nery, os quaes, além da probidade e zelo pelo christianismo, devem instruir-se pelo menos na lingua geral ou Guaraní, e, se possivel fôr, tambem nas par-

ticulares das raças numerosas, e nos usos e costumes dos mesmos Indios bravos; pois foi ignorancia crassa, para não dizer brutalidade, querer domesticar e civilisar Indios á força de armas, e com soldados e officiaes pela maior parte sem juizo, prudencia e moralidade.

8.° Para attrahir missionarios virtuosos, instruidos e prudentes, será preciso assignar-lhes rendas proprias, e os privilegios necessarios; d'elles sahiráõ os parochos para as novas aldêas, terão não só toda a jurisdicção ecclesiastica, mas a de policia civil, que exerceráõ de accordo com as justiças locaes.

9.° Os missionarios que se destinam para futuros parochos, antes que vão presidir as novas aldêas, deveráõ morar por algum tempo com outro missionario, já practico no governo e direcção dos Indios.

10.° Para que estes missionarios sejam respeitados pelos Indios, e possam cohibir promptamente os tumultos e desordens, que estes fizerem depois de aldeados, estabelecer-se-hão nas distancias necessarias e adequadas pequenos presidios militares, cujos commandantes obraráõ de accordo com os mesmos missionarios, e lhes darão todo o favor e auxilio requerido.

11.° Estes presidios serão formados de 20 até 60 homens de guarnição, com duas ou tres peças de pequeno calibre, e, se exigem as circumstancias locaes, poderáõ tambem estes destacamentos ter alguns soldados de cavallo.

12.° As bandeiras, que devem sahir a buscar Indios bravos dos matos e campos para serem aldeados, serão de homens escolhidos, que levem na sua companhia como linguas Indios mansos, e um missionario para os persuadir e catechizar com presentes, promessas e bom modo. D'estas primeiras aldêas deveráõ sahir progressivamente Indios mansos, que com alguns sertanistas e um missionario, se necessario fôr, vão continuamente ao mato buscar novos colonos, ou para augmentar as aldêas já estabelecidas, ou para formar com outros já mansos novas, pois o exemplo e trato de seus na-

turaes já aldeados os convencerão a procurar e desejar a nova segurança e abundancia em que estes vivem.

13.° Estes bandeiristas, que forem fazer pazes com Indios e trazel-os para as novas aldêas, não se devem confiar cegamente nas promessas e signaes de amizade que lhes mostrarem os Indios bravos, mórmente se tiverem sido nossos inimigos, porque muitas vezes, por falta de cautela, tem sido victima a nossa gente das falsas apparencias dos gentios; e bom será, segundo as circumstancias, que nem comam do que elles lhes apresentarem, porque já tem succedido serem comidas envenenadas.

14.° Como cumpre excitar-lhes a curiosidade, e dar-lhes altas idéas do nosso poder, sabedoria e riqueza, será conveniente que o missionario leve uma machina electrica com os apparelhos precisos, para na sua presença fazer as experiencias mais curiosas e bellas da electricidade, e igualmente phosphoros e gaz inflammavel para o mesmo fim.

15.° Na aldeação dos Indios, não forçarão os missionarios a que os velhos e adultos deixem logo os seus erros e máos costumes, porque é trabalho baldado querer de repente mudar abusos inveterados de homens velhos e ignorantes, ou obrigal-os a trabalhos seguidos e penosos; por isso se esmerarão principalmente em ganhar a mocidade com bom modo e tratamento, instruindo-a na moral de Jesus Christo, na lingua portugueza, em ler, escrever e contar, vestindo-os e sustentando-os, quando seus pais forem negligentes ou mesquinhos. Quanto aos adultos porém, antes dos dogmas e mysterios da religião convirá que primeiro se lhes ensinem, com a maior clareza possivel, os primeiros principios da moral christãa; v. g. o amor do proximo, a compaixão pelos males alheios, e a caridade e beneficencia reciproca; que se lhes expliquem bem as vantagens que vão tirar do seu novo modo de vida, e o interesse e amizade que tem para com elles o governo brazileiro, partindo-se do principio incontestavel, que se deve permittir o que se não póde evitar. É de crer então que, quando os velhos se não queiram alistar debaixo das

bandeiras do evangelho, de certo verão com gosto entrar no seio da igreja a seus filhos e netos. Tambem é uma verdade de facto, que um dos melhores meios para attrahir os Indios bravos ao seio da igreja, é procurar ganhar-lhes amizade e confiança, cuidando primeiro nos seus bens temporaes e physicos, para depois os ir attrahindo á nossa santa fé com o andar do tempo.

16.° Antes porém de se trazerem os Indios dos matos para se aldearem, deve-se de antemão ter feito todas as plantações e roças necessarias para sustento pelo menos de seis primeiros mezes; igualmente deve-se ter levantado os ranchos precisos, para que as familias tenham onde logo se possam recolher.

17.° Haverá igualmente cuidado em não trazer os Indios do mato pelo meio das nossas povoações, para se evitarem os roubos e desordens que costuma commetter uma multidão de homens, mulheres e crianças pela mór parte inconsiderada e sem freio; e devem as justiças das terras e lavradores visinhos concorrer com todos os mantimentos necessarios dos logares mais adequados da estrada, por onde devem transitar, para que não soffram incommodos e fomes, antes façam grande conceito da fartura em que vivemos, e a que elles podem chegar.

18.° Quando entrarem os Indios nas suas novas aldêas, devem ser recebidos com todo o apparato e festas, para que formem logo grande idéa do nosso poder, riqueza e amizade.

19.° Procuraráõ os missionarios substituir aos seus folguedos e vinhos funcções apparatosas de igreja, com musicas de boas vozes e jogos gymnasticos, em que principalmente os rapazes ou cathecumenos se entretenham e criem emulação. Por este meio tambem se conseguirá que os pais folguem de ver seus filhos adiantados, e premiados por suas boas acções e comportamento, e com estas funcções e jogos se divertiráõ e instruiráõ ao mesmo tempo, sem constrangimento da nossa parte.

20.° Nas grandes aldêas centraes, além do ensino de ler, escrever e contar, e catechismo, se levantaráõ escolas practicas de artes e officios, em que irão aprender os Indios d'alli e das outras aldêas

pequenas, e até os brancos e mestiços das povoações visinhas, que depois serão distribuidos pelos logares em que houver falta de officiaes, concedendo-lhes a isenção de servir na tropa paga.

21.° No estabelecimento das novas aldêas haverá o cuidado: 1.° de não fazer passar Indios de mato virgem para campinas, e vice versa, ou de morros para planicies humidas, porque a subita mudança de habitação e clima augmenta a sua mortalidade; 2.° que se escolha logar sadio, fertil e longe das grandes villas, para que lhes não inoculemos logo todos os nossos vicios e molestias; 3.° que os missionarios tenham todo o desvelo em os ir acostumando pouco a pouco a sustento mais sadio e nutritivo que o seu, procurando ao mesmo tempo introduzir maior aceio e luxo de vestido e ornato de suas casas; 4.° que as novas aldêas das raças menos preguiçosas e mais capazes dos trabalhos da lavoura não se estabeleçam em paiz de muita caça ou peixe, para que os novos colonos não se entreguem sómente nas mãos da natureza, antes pelo contrario sejam forçados a ganhar, e assegurar o seu sustento á custa dos seus trabalhos rusticos.

22.° Se possivel fôr, convém que as novas aldêas sejam numerosas, ainda que menos chegadas umas ás outras, para maior segurança das mesmas, e para augmento dos braços empregados na agricultura e industria.

23.° Os missionarios velaráõ em que se não introduza o uso da cachaça nas novas aldêas, prohibindo tavernas, e devendo elles sómente distribuir aguardente, quando preciso fôr, aos enfermos, ou aos que se empregam em trabalhos duros e penosos. Procuraráõ igualmente aperfeiçoar, segundo os processos chimicos, os vinhos do paiz, não lhes consentindo porém nas suas festas e folguedos suas costumadas bebedices.

24.° Como os Indios, pela sua natural indolencia e inconstancia, não são muito proprios para os trabalhos aturados da agricultura, haverá para com elles n'esta parte alguma paciencia e contemplação; e será mais util a principio ir empregando em tropeiros, pescadores, pedestres, piões, e guardas de gado, aos que forem mais frouxos e

deleixados, como igualmente em abrir vallas, derrubar matos, transportar madeiras dos montes aos rios e estradas, e abrir picadas pelo sertão, para o que são muito proprios, ou tambem ensinando-se-lhes aquelles officios para os quaes tiverem mais habilidade e geito.

25.° Concorrerá muito para acostumar os Indios á lavoura que o missionario por todos os modos possiveis introduza o uso do arado e dos outros instrumentos rusticos europeos, que d'este modo lhes fiquem mais suaves os trabalhos da agricultura, e se não julguem aviltados e igualados aos negros, puxando pela enxada. E talvez com o exemplo dos Indios os brancos das povoações visinhas, ou que se forem estabelecer nas aldêas, os imitem e percam falsos pundonores.

26.° Informar-se-ha o missionario dos meios com que deve contar para a subsistencia da sua aldêa, ou seja em producto da caça e pesca, ou em lavoura, para assim poder prevenir qualquer fome futura. Para isto é muito conveniente que nos annos ferteis faça uma reserva de farinha, milho e feijão, que se conservará em celleiro para o anno de escacez.

27.° Igualmente convirá que as roças e lavouras, que se houverem de fazer annualmente para que não falte o sustento dos mesmos Indios, sejam em grandeza quasi dobrada da que exige o seu sustento annual, para que haja sempre um excesso que se guarde nos celleiros apontados.

28.° Tambem será conveniente formar-se em cada aldêa uma caixa pia de economia, onde cada familia entre com a pequena parte dos jornaes ou ganhos que tiver, e este dinheiro será posto a render ou no banco da provincia, ou nas mãos de particulares honrados e abonados, debaixo de toda segurança. Para esta caixa pia entrará tambem o dizimo da producção das terras, depois de passados seis annos livres, e o dizimo será o unico tributo que paguem durante os doze annos que se seguirem.

29.° Aos Indios bravos mais activos que se vierem aldear se darão as ferramentas necessarias para a lavoura, como enxadas,

machados, fouces &c., e aos mansos, que tiverem disposições para artes e officios, os instrumentos precisos, cuidando que não levem descaminho, antes se conservem em bom estado.

30.° Nas aldêas procurará o missionario não só fazer plantar os generos comestiveis de primeira necessidade, mas igualmente os que podem servir ao commercio, como o algodão, tabaco, mamona e mendubí para azeite, café, linho e canhamo para pannos e cordoaria, segundo o clima e natureza do terreno.

31.° Igualmente animará a criação do gado vaccum, cavallar, porcos, carneiros e cabras, que além de lhes ministrar um alimento mais abundante e nutritivo, podem com o andar do tempo ser vendidos para fóra. Para o que lhes dará o exemplo, criando-os elle mesmo, e aproveitando todo o producto do dito gado: será tambem conveniente que dê a principio do leite das suas vaccas ás crianças, para que as mãis conheçam as utilidades da sua multiplicação e conservação, até para a criação de seus filhos, e aos adultos fará presente de alguns queijos e manteiga, a que os irá acostumando. Explicar-lhes-ha com razões sãas e claras os proveitos que devem tirar do seu gado, não só para o melhor e mais certo sustento, mas tambem para o commercio, como disse. D'este modo diminuirá a dieta vegetal e pouco propria á gente de trabalho, e com o mesmo fim, em vez de farinha de páo e de milho, que são pouco digeriveis e sadias, se introduzirá o uso de pão de milho, ou de mistura com farinha de arròz, de batatas e carás, ou trigo e centeio; pelo menos o uso do fubá ou farinha de milho não fermentada para pollenta ou angú, ou para coscuz, pão de que usam geralmente os Arabes e negros da costa d'Africa, e que é muito nutritivo e sadio.

32.° Aos que mostrarem desejos sinceros de criar alguns d'estes gados, lhes ministrará o missionario as cabeças necessarias, comtanto que primeiro façam curraes e potreiros com ranchos seus, para se abrigarem de noite das feras e das injurias do tempo. Ensinar-lhes-ha a tosar a lãa das ovelhas, a mugir o leite, e a tirar partido de toda a sua criação.

33.° Além d'estes meios, procurará por todos os outros possiveis

excitar-lhes desejos fortes de novos gozos e commodidade da vida social, tratando por esta razão com mais consideração e respeito aquelles Indios que procurarem vestir-se melhor e ter suas casas mais commodas e aceiadas; e d'entre estes se escolherão os maioraes e camaristas da aldêa. Aos que forem deleixados e mal aceiados, o parocho com o maioral da aldêa castigará policialmente, ou lhes imporá certa coima pecuniaria, que entrará para a caixa pia de economia da aldêa.

34.° Como succede muitas vezes que as Indias dão leite a seus filhos por seis e sete annos, cuja lactação prolongada, além de fazer frouxas e pouco sadias as crianças, tem tambem o inconveniente de diminuir a procreação por todo o tempo da lactação, o missionario vigiará que as crianças não mamem por mais de dous annos, quando muito.

35.° Como as bexigas são o maior flagello dos Indios bravos, os missionarios deverão ser instruidos na vaccinação, inoculando todos os Indios que se forem aldeando, e cuidarão em vedar toda a introducção de bexigas naturaes nas aldêas; e no caso que estas se manifestem, se deverá separar os bexiguentos para uma casa de enfermaria arredada da aldêa, em sitio proprio e sadio, onde os doentes sejam tratados por pessôas já vaccinadas. O mesmo cuidado haverá em evitar todas as molestias contagiosas, mórmente as de pelle, como sarnas, mal de S. Lazaro, &c.

36.° Procurarão os missionarios estabelecer relações entre differentes aldêas dos Indios e povoações de brancos, não só para se soccorrerem mutuamente em caso de desordens e levantamentos, mas igualmente para a saca de generos comestiveis e outros, de umas povoações para outras, assim para commercio, como em caso de carestia ou escacez de viveres. Este objecto deve ser muito recommendado aos governos provinciaes, que o devem promover até com sacrificio do thesouro publico.

37.° Será util, para promover as compras e vendas entre os Indios e os brancos, que haja nas aldêas dias certos e determinados de mercados ou feiras, as quaes serão vigiadas pelo maioral e parocho,

para se evitar que os Indios ainda boçaes não sejam enganados pelos brancos nas suas compras e vendas: não convém outrosim que nas aldêas novas haja communicação desregrada entre a nossa gente e os Indios, d'onde nascem mil abusos e immoralidades. Se os nossos, apezar da policia, enganarem aos Indios, e lhes prejudicarem com lezão enorme, o parocho e maioral, depois de tomarem conhecimento summario e verbal do caso, suspenderão similhantes contractos, e darão parte ás justiças das terras d'onde forem os enganadores, para que pelos meios legaes procedam no que fôr de justiça.

38.° Quando estes Indios contratarem com a nossa gente, para lhes darem tantos dias de trabalho por certo jornal ou vestuario, para ser valido este ajuste deve ser com approvação do parocho e maioral da aldêa, e se passará por escripto o contracto, para que possam obrigar as partes a seu pleno cumprimento; e será bom outrosim que similhantes contractos sejam por limitado tempo, fazendo-se-lhes conhecer os males a que ficam expostas na sua longa ausencia suas mulheres e filhos, e quanto lhes será melhor plantarem e colherem elles mesmos para si, do que para os outros.

39.° Nas aldêas, em cuja visinhança houver animaes ferozes ou formigas damninhas, se estabelecerá um premio pecuniario para qualquer que matar um d'esses animaes ferozes, ou tirar um formigueiro.

40.° Como em todas as sociedades não possa haver felicidade e progressos sem que a industria seja animada e recompensada, e os crimes castigados e prevenidos, os missionarios e justiças visinhas vigiarão e se darão as mãos para que os crimes e desordens dos Indios não fiquem impunes; e logo que o maioral e missionario da aldêa precisar para prender o culpado de ajuda e soccorro, recorrerá aos commandantes dos presidios, ou ás justiças visinhas, tendo-lhes formado culpa summaria.

41.° Quando as necessidades publicas exigirem o emprego de braços indianos, estes serão entregues a quem tiver direito da requisição, procedendo-se por turnos, segundo as listas exactas que deve haver na aldêa, regulando-se com justiça o tempo dos seus

serviços e seus jornaes, para lhes serem indefectivelmente pagos.

42.° O missionario ou parocho de qualquer aldêa nova deverá fazer uma lista nominal, por familias e idades, de todos os Indios alli estabelecidos, notando n'ella o seu caracter e a sua industria e aptidão, e esta lista irá augmentando á proporção que fôr crescendo a aldêa em novos colonos. N'estas listas se declarará as quantidades e qualidades das terras cultivadas por cada familia, como igualmente se notaráõ todas as obras de industria fabril de cada uma das mesmas familias. No fim de cada anno remetterá uma tabella exacta ao tribunal provincial encarregado, como diremos, do governo de todas as missões e aldêas de Indios da provincia.

43.° Debalde se mandaráõ executar estas e outras disposições, se não houver um corpo de tribunal superior, que vigie sobre a administração assim ecclesiastica como civil de todas as aldêas de cada provincia: portanto em cada uma d'ellas, em que houver Indios bravos que catechizar e civilisar, haverá um tribunal conservador dos Indios, composto do presidente do governo provincial, do bispo, do magistrado civil de maior alçada da capital, de um secretario, e dos officiaes papelistas necessarios, que serão pagos pela caixa geral dos productos das vendas das terras vagas, e de outros reditos extraordinarios que n'ella deverem entrar.

44.° Este tribunal terá a seu cargo: 1.° Receber as contas e participações do estado de cada uma das aldêas, que serão remettidas e assignadas pelo parocho e maioral da aldêa, com as listas nominaes de que falla o § 42. 2.° Ouvirá e responderá ás representações dos mesmos missionarios e maioraes, e das justiças territoriaes em negocios concernentes aos Indios e aldêas. 3.° Despachará todos os requerimentos das partes queixosas que a elle recorrerem. 4.° Protegerá os Indios contra as vexações das justiças territoriaes e capitães móres. 5.° Dará todas as providencias necessarias e novas, que requerer o augmento da civilisação dos mesmos Indios. 6.° Procurará com o andar do tempo, e nas aldêas já civilisadas, introduzir brancos e mulatos morigerados para misturar as raças, ligar os interesses reciprocos dos Indios com a nossa gente, e fazer d'elles todos um

só corpo da nação, mais forte, instruida e emprehendedora, e d'estas aldêas assim amalgamadas irá convertendo algumas em villas, como ordena a lei já citada de 1755. 7.° Para que os Indios bravos que se vem aldear, por qualquer motivo insignificante ou capricho, não abalem outra vez para o mato e achem escondrijos, procurará por todos os meios possiveis que este plano de civilisação seja geral e simultaneo por toda a provincia, quando menos, ordenando entradas continuas de bandeiras que explorem os matos e campos, pacifiquem as nações nossas inimigas, e continuamente tragam Indios bravos para nossas povoações. 8.° Para extirpar a apathia habitual dos Indios, e influir-lhes novos brios, mandará fazer companhias civicas, fardamento accommodado ao clima e costumes dos mesmos Indios, que nos dias santos façam os seus exercicios no pateo da aldêa, e se vão assim acostumando á subordinação militar, e sirvam para a policia das mesmas aldêas e districtos. 9.° Cuidará quanto antes que os rapazes Indios, que tiverem mostrado mais talentos e instrucção nas escolas menores das aldêas, venham frequentar as aulas de latim e outras do gymnasio de sciencias uteis, que deve haver em cada capital das provincias, os quaes serão sustentados como pensionarios do Estado. 10.° Dos que tiverem feito mais progressos nas aulas, e tiverem mostrado melhor comportamento, escolherá os maioraes e chefes militares, não só para as aldêas dos Indios, mas tambem com o andar do tempo para as povoações brazileiras, tendo-se muito em vista favorecer em iguaes circumstancias os de origem indiana, para se acabarem de uma vez preoccupações antisociaes e injustas. 11.° Igualmente fará ordenar d'entre os alumnos os que tiverem mais vocação para o estado ecclesiastico, que entrarão no collegio ou congregação dos missionarios, e em outros beneficios da Igreja. 12.° Finalmente todos os annos remetterá uma conta circumstanciada do estado ecclesiastico e economico de todas as aldêas da provincia, e requererá, se preciso fôr, novas modificações ou ampliações ao regimento geral para a catechisação dos Indios, que deve quanto antes formar o poder legislativo.

Tenho apontado todos os meios que me parecem mais convenientes

e adaptados para a civilisação e prosperidade futura dos miseraveis Indios, para que tanto devemos concorrer, até por utilidade nossa como cidadãos e como christãos. Permitta o Céo que estes meus toscos e rapidos apontamentos possam ser aproveitados, corrigidos e emendados pela sabedoria da assembléa geral constituinte e legislativa, como ardentemente desejo. Rio de Janeiro 1.º de Junho de 1823. — *José Bonifacio de Andrada e Silva.*

W

Mostra a experiencia que a mata intacta do ferro e do fogo conserva-se em toda a sua espontanea reproducção das arvores proprias do seu local, e que na madureza dos fructos a natureza se occupa em perpetuar a sua geração [1], em quanto outros sobem ao seu maximo crescimento. Não se encontraram nas matas de Mapendipé, comarca dos Ilhéos, durante a inspecção do desembargador Francisco Nunes da Costa, arvores de cujos troncos se tirassem certas peças necessarias para a construcção da fragata *Carlota;* e volvidos apenas doze annos, extrahiram-se d'alli mesmo outras peças ainda de maior dimensão para a náo de 74 *Principe do Brazil.* É igualmente confirmado pela experiencia, que reduzido o tronco de qualquer arvore derrubada a uma superficie plana, e coberta esta com o estravo de boi e sumo de tanchagem, póde ser aproveitada nos futuros tempos, conservados os renovos que forem necessarios á sustentação da mesma arvore. Os pomareiros francezes empregam com proveito o que chamam unguento de S. Fiacre, com o qual cobrem as feridas feitas nos troncos e ramos, até que as tenha coberto a producção da casca, e é d'este unguento que falla o illustrado Mozinho de Albuquerque, [2] quando diz :

[1] *Memoria topographica e economica da comarca dos Ilhéos.*

[2] *Georgicas Portuguezas*, canto XI, pag. 77.

No outono sábia mão de inuteis braços
Despojará as arvores, e attenta
Na doce primavera os curtos garfos
Nas fendas metterá dos novos troncos,
Ou nos abertos cascos as borbulhas,
E com o proprio unguento humedecidas
As chagas cobrirá das plantas suas.

A abundancia e a força de vegetação na America Meridional, nota o principio Maximiliano[1], é uma consequencia da grande humidade espalhada por toda a parte n'estas florestas. A America tem a esse respeito uma immensa vantagem sobre as outras regiões equatoriaes, e já fez esta observação o barão de Humboldt[2] dizendo: « A pouca largura d'este continente, retalhado de mil maneiras, o seu prolongamento para os pólos glaciaes; o oceano cuja superficie é varrida pelos ventos regulares; o achatamento da costa oriental, as correntes d'agua frigidissima, que existem desde o estreito de Magalhães até o Perú; as numerosas cadêas de montanhas cheias de mananciaes, e cujos cumes cobertos de neve elevam-se muito acima da região das nuvens; a abundancia de immensos rios, que, depois de multiplicados regiros, vão sempre procurar as costas mais longinquas; os desertos não arenosos, e por conseguinte menos susceptiveis de impregnarem-se de calor; as florestas impenetraveis que cobrem as planicies do Equador cheias de rios, e que nas partes do paiz as mais afastadas do oceano e das montanhas dão nascimento a enormes massas d'agua que ellas tem aspirado, ou que se formam pelo acto da vegetação; todas estas causas produzem nas partes baixas da America um clima, que contrasta singularmente pela sua frescura e humidade com o da Africa. É a ellas unicas que se deve attribuir esta vegetação tão forte, tão abundante e rica em fructos, e essa folhagem tão espessa, que formam os caracteres particulares do novo continente. »

[1] *Voyage au Brésil*, cit. pag., tom. I.
[2] *Tableaux de la Nature, trad. d'Eyriès*, tom. I, pag. 22.

X

Não obstante o gigantesco volume das principaes arvores que ornavam as antigas florestas, conhece-se pelas que ainda existem a exactidão das observações feitas por Pison, Marcgrave, Oviedo e outros, ácêrca da pequena profundidade das raizes das mesmas arvores, fugindo, como por instincto, á frieza da terra que se conhece, apenas penetradas cinco ou seis pollegadas, e estendendo-se pela superficie do solo, a cujo respeito escreveu o padre Labat [1]: *La plupart des arbres de l'Amérique ont peu de racines en terre, et ils ne sont soutenus que par des grandes griffes, dont les extremités semblent plutôt ramper sur la terre, que y pénétrer suffisement pour y prendre nourriture; en effet, elles n'y entrent pas de la profondeur d'un pied.* Essas raizes cercam todo o tronco das arvores até a altura de oito palmos acima da superficie da terra, d'onde descem, diminuindo até a sua extremidade, de sorte que formam entre si e o tronco quasi tantos angulos rectos quantas são as raizes que o cercam, e d'aqui vem que qualquer tormenta ou vento forte, impellindo sobre as grandes ramadas, as lança facilmente por terra, arrastando n'essa queda outras arvores talvez mais preciosas do que ellas. Um dos maiores perigos da minha vida, diz o bispo Azeredo Coutinho [2], foi atravessando eu pelo sertão de Bacachá do Rio de Janeiro para os campos de Oeutacazes, na occasião de uma grande tormenta: muitas vezes me vi quasi sepultado debaixo de grandes madeiras, que, cahindo, atravessavam o estreito do caminho por onde eu passava; os mesmos ramos das arvores, quebrando-se com o choque uns dos outros, são muitas vezes mais perigosos, por isso que se precipitam mais depressa e sem o maior estrondo: é um perigo a que estão sujeitos os que pas-

[1] *Voyagè aux iles de l'Amérique*, tom. II, cap. XII, pag. 231.
[2] *Ensaio economico* cit., pag. 102.

[illegible] por aniquilamento [illegible] em [illegible]. [illegible] [illegible] que [illegible] aquelle [illegible] em [illegible] [illegible].

V

« Em [illegible] [illegible] a [illegible] da cultura das [illegible], e a [illegible] das [illegible] [illegible] pelos melhores phi-losophos. O humanitario de Caris pôz [illegible] das [illegible] de gloria d'este principe, a haver [illegible] plantado [illegible] a Asia menor. Na Estado-Unidos, apenas um lavrador se vê pai de uma filha, planta uma pequena floresta, a qual crescendo com a criança, vem a ser o seu dote de casamento. Sully planou em quasi todas as provincias de França grande numero de arvores, das quaes existem ainda algumas, que a veneração publica honra com o nome d'este grande homem; ellas fazem lembrar hoje o que á vista de uma plantação dizia Addison: *por aqui passou um homem*. No Brazil (quem o creria!) são entregues ao machado e ás chammas!! É tempo pois ainda que os Brazileiros saiam dos seus descuidos, e attendam á sorte futura de seus filhos. É de sua propria utilidade não só conservar e pensar suas matas virgens, mas cuidar em plantar novas florestas, que venham resarcir as que a ignorancia destruiu. É tambem de summo interesse á saude publica que no Brazil se plantem arvores á borda das estradas, e nas cidades e villas nas ruas largas e praças, á imitação dos *boulevards* de França, ou dos *esquires* de Inglaterra. As folhas das arvores absorvem o gaz acido carbonico, que compõe grande parte do ar que respiramos, mas que por si só não é respiravel, e sua abundancia asphixia e mata o homem. As plantas, ao contrario, dão o oxygenio, que é esta parte do ar mais propria á respiração e á saude. Além d'isto todo o paiz póde enriquecer-se com aquillo mesmo que faz o seu ornamento. Se plantarem, diz o sabio J. B. Say, arvoredo em todo o logar que elle póde nascer, sem prejudicar os outros productos, o paiz ficará, além de mais formoso, mais salubre, cuja multiplicação provocará

abundantes chuvas, e o producto de suas madeiras n'um paiz vasto póde subir a valores consideraveis. É pois d'esta arte, e com este duplicado interesse, que se tornaráõ menos sensiveis os ardentes estios do nosso clima. —*José Bonifacio de Andrada e Silva.*

Z

Ha sessenta annos, escrevia M. de Paw em 1771 [1], que uma esquadra franceza chegada á França das ilhas da America trouxe para a Europa, onde não eram conhecidos, os primeiros gusanos, cuja reproducção foi tão rapida que actualmente infestam todos os portos europeos; e leem-se em uma Memoria publicada por M. Deslandes, commissario da marinha, os nomes dos navios que compunham essa esquadra, e dos officiaes que os commandavam. Esses insectos, que tem feito tremer a Zelandia, e que parece serem originarios da America, tiveram como em permuta ou retribuição os morcegos e os ratos, que, segundo se diz, não existiam em o novo continente, e onde seu crescimento foi tal, que a não terem encontrado nas cobras os maiores inimigos, commetteriam em algumas ilhas os mesmos destroços que occasionaram os coelhos nas ilhas Baleares, na de Porto Santo, e na Hespanha. Pelo menos assegura M. Zarate [2], que os primeiros ratos chegados ao Perú em 1524 foram transportados a bordo de um dos navios que compunham a expedição enviada pelo bispo de Plaisance á descoberta das terras austraes, e que aportára á cidade de los Reis, tendo passado o estreito de Magalhães. Os Indios davam-lhes o nome de *ococha*, que significa cousa que veio do mar.

AA

Não cabendo nos limites prescriptos á esta Memoria tratar das plantas medicinaes, nem, ainda que o coubesse, sendo eu com-

[1] *Recherches Philosophiques*, tom. I, pag. 9.

[2] *Conq. do Perú*, pag. 155.

petente para isso; comtudo, posto que a esse respeito bastantemente tem escripto os abalisados Fr. José Mariano da Conceição Velloso [1], Martius, Spix, Humboldt, Saint-Hilaire e outros, faço votos para que prevaleça o pensamento do mesmo Saint-Hilaire, quando diz [2]: «*S'il existait au Brésil un plus grand nombre d'hommes instruits, le gouvernement de ce pays ferait une chose extrêmement utile, en nommant dans chaque province une commission, qui serait chargée de soumettre à un examen attentif toutes les plantes dont les colons font usage pour soulager leurs maux. Par ce moyen on pourrait arriver à avoir pour les végétaux une matière médicale brésilienne, qui éclairerait sur des remèdes insignifians ou dangereux, et qui en même temps ferait connaître aux nations et aux étrangers un grand nombre de végétaux salutaires.*» Lembrei na *Corographia Paraense* a vantagem que resultaria de ser encarregado de igual commissão na provincia do Pará o Sr. Dr. Antonio Corrêa de Lacerda, illustrado naturalista, residente agora na capital de Maranhão, sobre cuja capacidade tambem fallou na camara electiva o sabio e venerando metropolitano actual do Brazil, em sessão de 27 de Maio de 1826, indicando a necessidade de similhante medida; mas tudo isso não passou de um trabalho perdido.

[1] Comprehende 1640 vegetaes, classificados conforme o systema de Linneo, a *Flora Fluminense*, escripta por este abalisado religioso Mineiro, e acham-se apenas gravadas as estampas de sua interessantissima obra, não chegando a concluir-se a impressão do primeiro volume de texto, começada na typographia nacional da côrte. Essas estampas, abertas e impressas em Paris, com grave dispendio do antigo governo, tem por titulo: *Floræ Fluminensis Icones fundamentales ad vivum expressæ jussu Illustrissimi ac Præstantissimi Domini Aloysii Vasconcellos et Sousa, a sacratioribus conciliis S. Magestatis, totius ditionis Brasiliæ mari terraque Prætoris generalis, ac Pro-Regis IV Fluminensis, etc., curante Fr. Josepho Mariano a Conceptione Velloso. Præsbitero regulari strictioris observantiæ Sancti Francisci Fluvii Januarii.* Paris, 1790, 11 vol. in fol.

[2] *Voyage au Brésil*, tom. II, pag. 93.

BB

« João Manso, muito conhecido no Rio de Janeiro pelas suas lettras e estudo de chimica, fez alli a porcelana, o verniz, e o charão tão perfeito como o melhor da India: o Exmo Luiz de Vasconcellos me fez ver n'esta cidade de Lisboa uma banca de charão, que se dizia feita pelo dito Manso, na qual vinha retratada em ouro de diversas côres a cidade do Rio de Janeiro, e marcadas algumas ilhas d'aquella barra para dentro, obra que fez admirar aos melhores conhecedores da arte: o principal ingrediente da composição do verniz é a gomma da arvore *Jatobá*, dissolvida em aguardente muito forte. — Bispo Azeredo Coutinho, *Ensaio Economico* cit.

CC

Não será desarrazoado noticiar por esta occasião, que os primeiros casaes de gado vaccum e cavallar chegados á capital da Bahia, e que serviram de base ao estabelecimento das fazendas de tal criação, que ora existem n'esta e em outras provincias, vieram no anno de 1550 das ilhas de Cabo Verde [1]. Custava então cada uma vacca 100$, preço este que foi gradualmente diminuindo, á medida do crescimento da producção, e é ao governo previdente d'aquelle tempo que se deve similhante introducção. Dominado D. João III d'esse espirito que tanto o distinguiu pela colonisação do Brazil, determinou aquella remessa, encarregando ao governador Thomé de Souza que distribuisse os referidos casaes pelos moradores que achasse mais capazes de promoverem a reproducção de taes especies, descontando-se-lhes no que vencessem por soldos e ordenados o valor respectivo. Convém saber que ainda n'essa épocha não havia aqui

[1] Gabriel Soares, *Noticia do Brazil;* Pero de Magalhães, *Tratado da Terra do Brazil;* e Varnhagem, *Corogr. Cabo-verdiana*, tom. II, pag. 356.

mercadores, por não offerecer-lhes o paiz proporções para o commercio, e que aquelles soldos e ordenados eram pagos pelo custo de Lisboa em generos, que vinham todos os annos na armada. Foi tambem do archipelago de Cabo Verde que chegaram os primeiros casaes de ovelhas e cabras, bem como alguns jumentos, a planta da taióba, e as sementes de arroz e dos coqueiros asiaticos (*Cocos nucifera*, L.), palmeiras estas que fructificam em muito menos tempo do que na India, seu paiz originario, onde commummente são para isso precisos vinte annos. A primeira planta de gengibre veio da ilha de S. Thomé, e meia arroba d'elle, que se repartiu por varias pessôas, produziu d'ahi a quatro annos mais de quatro mil arrobas de qualidade superior ao da India, e de maior vantagem, mas foi prohibida por ordens regias essa cultura [1]. Nota-se porém que não medrou a principio na comarca de Porto-Seguro a criação do gado vaccum, por causa de certa herva que lhe occasionava enfermidade mortal, ao passo que a producção dos jumentos foi tamanha que até se tornaram bravios.

DD

M. de la Roquette refere em uma de suas notas já citadas haverem-se achado junto ás margens do Ohio ossadas que a principio foram reputadas substancias mineraes, por não se conhecerem animaes

[1] Tinha por fim esta prohibição o evitar a quebra d'esse ramo de commercio da India; mas annullou-se depois similhante ordem, facultando-se aos moradores do Brazil, em provisão do conselho ultramarino de 24 de Abril de 1642, semearem gergelim e anil nas terras que não fossem proprias para a plantação de cannas, sendo porém obrigados a plantar mandióca em outra igual porção de terreno, podendo navegar aquelles generos para Portugal, pagos os respectivos direitos. Por outra provisão do mesmo conselho ultramarino de 10 de Abril de 1671 foi isento de meios direitos, por espaço de cinco annos, o gengibre de producção do Brazil que se transportasse para aquelle reino. Veja-se o *Indice chronolog. remiss. da legislação portugueza*, pelo desembargador João Pedro Ribeiro, parte III.

de tamanha estatura, em quanto o Dr. Hunter não examinou attentamente muitos pedaços dos dentes queixaes e maxillares, enviados de Ohio para Londres, pelos quaes verificou-se pertencerem, não a elephantes, que parecem confinados na zona torrida, mas a algum animal carnivoro de grande volume.

Existem ainda na villa de Nossa Senhora do Livramento do Rio de Contas d'esta provincia descendentes de pessôas relacionadas com um antigo morador em Villa Velha, chamado Anecleto Pereira, que affirmam, por tradição de seus maiores, haver aquelle Anecleto visto sahir do centro da Lagôa Grande, proxima á essa povoação, onde costumava pescar, um gigantesco animal, que seguiu na direcção da Vereda, deixando aberto largo caminho pelo mato por onde passava. Cada uma de suas pegadas, parecidas com as do gado vaccum, occupava o espaço de palmo e meio quadrado, e convém saber que isto se diz acontecido durante uma sêcca rigorosa de dous annos successivos, que até esgotou o rio Bromado, e fez abrir a cacimba que ainda se conserva na predita villa.

O receio de similhante animal apenas permittiu que lhe fossem no encalço o mesmo Anecleto e outros por espaço de duas leguas, e presume-se ser d'elle a ossada que volvidos muitos annos achou Carlos Fagundes no fundo de um tanque natural ou caldeirão de suas terras, entre os logares conhecidos por Arraial e Noruega. D'essa ossada porém extrahiu tão sómente aquelle Fagundes um osso da cartilagem dorsal, e um dente alvissimo e perfeito, que, apezar de ser da ordem dos minimos, pesava quatro libras, e foi remettido ao governador conde da Ponte. Além d'esta ossada, achou-se outra já destruida na profundidade de outro caldeirão, na fazenda Santa Rosa, do termo da villa de Montes Altos.

EE

Enganou-se o illustre historiador Robertson, quando escreveu ser a anta o maior animal de toda a America, pois que é sabido

que o bufalo, quadrupede que sómente se encontra na America Septentrional, tem o tamanho de um boi ordinario, tamanho a que não chega a anta, sendo ainda maior o cervo do Canadá.

FF

As serpentes por excellencia venenosas, ou de presas isoladas (dentes incisivos isolados, diz Cuvier), tem uma estructura mui particular nos orgãos da manducação. Os ossos maxillares ou queixaes superiores são pequenos, sustentados em um longo pediculo analogo á *apoplyse pterigoida*, pequena elevação natural resaltada no corpo dos ossos com a configuração de azas externas do *sphenoide* (osso do craneo em forma de cunha), e muito movediços; ahi se fixa o dente agudo, atravessado por um pequeno canal, que dá sahida ao licor filtrado por uma glandula consideravel situada por baixo do olho. Este licor é que injectado e derramado na incisão pelas presas promove a devastação do corpo dos animaes, produzindo effeitos mais ou menos funestos, conforme a especie do reptil que deu a dentada. Occultam-se esses dentes n'uma prega da gengiva, quando a serpente não se quer servir d'elles, e tem por detraz de cada presa, como em reserva, muitos germens de novas presas destinadas a substituir a existente, no caso de que se quebre á dôr a dentada.

Os naturalistas denominam a estes dentes venenosos *presas moveis*, mas, propriamente fallando, elles não são mais do que o mesmo osso maxillar que se move, pois que o queixo das serpentes venenosas não tem outros dentes afóra estes, e tanto que na parte superior da bocca d'esta especie de serpentes malfazejas não se descobre senão duas ordens de dentes molares. Veja-se o *Auxiliador da Industria Nacional*, vol. II, pag. 53.

GG

« Inveniuntur in Mediterraneo (diz o venerando Anchieta [1]) angues admirabilis magnitudinis, quos *Çucuryúba* Indi vocant, et hi quidem fere semper in fluviis vivunt, ubi animalia terrestria frequenter tranantia capiunt ad escam: sed et aliquando etiam exeunt ad terram, adoriunturque ea in semitis, qua solent huc illuc discurrere. Horum quanta sit corporis moles, haud facile est creditu; cervum solidum deglutiunt, et alia etiam maiora animalia. Probata res est omnium consensu; aliqui ex fratribus nostris viderunt cum stupore, adeo ut unus ex eis cum anguem aliquando fluvio natantem videret, malum navis existimaverit. Hi, ut aiunt, carent dentibus [2], solumque animalia spiris involvunt, caudaque per podicem adacta necant, vi oris commacerant, et integra deglutiunt. De his mira referam, sed nescio an credibilia, ea tamen, quæ omnes tum Indi, tum Lusitani, qui multos ætatis suæ annos in hoc orbe transegerunt, uno ore affirmant.

Deglutiunt hi, ut dixi, animalia quædam grandia, quæ *Tapiúra* Indi vocant (de quibus paulo post); quæ cum non possit stomachus digerere, jacent humi velut exanimes, non valentes se movere, donec venter simul cum cibo computruerit: tum aves, quæ laniatu vivunt, uterum dilaniant, et totum cum pabulo absumunt; deinde informis et semivoratus anguis incipit reformari, succrescunt carnes, superextenditur cutis, et in pristinam formam restituitur. »

Acêrca porém das giboias refere Gabriel Soares [3] ter visto a pelle

[1] *Epistola quamplurimarum rerum naturalium, quæ S. Vincentii, nunc S. Pauli, provinciam incolunt, sistens descriptionem*, § VIII.

[2] *Non carent dentibus: contra autem armatæ sunt numerosis, acutissimis, similibus, retroflexisque, duplici ordine in maxilla superiori, simplici tantum in inferiori dispositis, quibus valide prædam apprehendunt.* Ordones *in Annot.*

[3] *Noticia do Brazil*, parte II, cap. CLX.

de uma, que tinha quatro palmos de largo, e haverem morto outra os vaqueiros da fazenda ou curral de Garcia d'Avila, que pesava mais de oito arrobas, e tinha noventa e tres palmos de comprimento.

Este extraordinario tamanho, que não poderá ser contestado por quem houver percorrido com vistas observadoras as provincias centraes do Brazil, associa á lembrança os conceituosos versos do famoso litterato José Agostinho de Macedo [1]:

Das campinas da America desvia
A Musa o canto seu. Disforme cobra,
Que, atravessando rapidas torrentes,
A frente tem n'um lado, e n'outro a cauda,
Si se enrosca em si mesma, e aguarda as presas,
Dos orbes espiraes acima eleva
A medonha cabeça, e espalha em torno
A luz ferrenha dos terriveis olhos.
Desgraça ao gado misero que pasce!
O sanhudo dragão lhe enlaça o corpo,
E exhala o touro os ultimos arrancos.
Não sequaz d'optimismo o mal conheço,
Que hediondos reptis na terra espalham;
São flagellos da colera divina.
São da bondade tutelar a prova,
Pois dos terriveis toxicos se tiram
Armas, que á fria morte a fouce embotam.

HH

Jefferson [2] affirma existirem na America bois, cavallos, e porcos tão grandes, e muitas vezes maiores que na Europa; e o abbade Pernety [3] ainda foi mais amplo quando escreveu: *J'ai vu au Brésil et sur le rivage du Rio de la Plata des taureaux aussi gros et*

1 *Meditação*, cant. III.
2 *Notes on the State of Virginia*, *London*, 1797.
3 *Dissertation sur l'Amérique*, pag. 157.

aussi forts que les plus gros de France. Sans doute qu'ils sont ordinairement plus grands, puisque dans le commerce prodigieux que l'on y fait de leurs cuirs pour les porter en Europe, ceux que l'on appelle cuirs verts *ou non préparés doivent avoir dix pieds de la tête à la queue pour être marchands. Les chèvres et les brebis y sont aussi de la plus grande taille. La race espagnole des chiens de chasse y est admirable, et y a si peu dégénéré pour le corps, l'instinct et le génie, que les chiens d'arrêt du gouverneur de l'île Sainte Catherine étaient hauts comme les plus grands chiens qu'en France on appelle danois, et gros comme des limiers. Il nous en donna deux de l'âge de trois ou quatre mois, qui arrêtaient déjà naturellement, et que M. de Bougainville conduisit en France.* »

BIOGRAPHIA

Dos Brazileiros distinctos por lettras, armas, virtudes, etc.

SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA.

§ 1.º

Nasceu Sebastião da Rocha Pitta na cidade da Bahia, aos 3 dias de Maio de 1660.

Se dermos credito ao conego Januario da Cunha Barboza, foi elle filho do desembargador João da Rocha Pitta, natural tambem da Bahia, e chanceller da sua Relação.

Se porém considerarmos mais valioso o testemunho do abbade Diogo Barboza Machado [1], foram seus progenitores João Velho Gondim e D. Brites da Rocha Pitta, filha do chanceller João da Rocha Pitta.

Sebastião da Rocha Pitta encetou seus estudos no collegio dos Jesuitas da Bahia; tomou o gráo de mestre em artes, e habilitou-se para cursar as aulas da Universidade de Coimbra e seguir os estudos superiores. Como eram seus pais abastados de riquezas, foi na idade de dezeseis annos mandado para Portugal, e em Coimbra formou-se bacharel em canones.

Regressou ainda joven para sua patria, e para companhia de seus parentes; occupou o posto de coronel do regimento privilegiado de infantaria das ordenanças, casou-se com D. Brites de Almeida, e recolheu-se a uma fazenda que possuia nas margens do rio Paraguassú, e proximidades da cidade da Cachoeira.

Ahi foi seu viver de muitos annos tranquillo, sereno e socegado; prazeres domesticos lhe embalaram a existencia; intimas felici-

[1] *Bibliotheca Lusitana*, tomo 3.º

dades de esposo e de pai, no seio de bens da fortuna e de esperançoso porvir, vivificaram-lhe o espirito e suavisaram-lhe a alma; não lhe perturbou os dias nenhum d'estes graves acontecimentos que são como espinhos da vida; não os entristeceu nenhuma d'estas dôres e afflicções, que soffrem mais ou menos, com maior ou menor intervallo, quasi todos os entes humanos. A sua vida não apresenta emfim circumstancia notavel. Foi regular, amena e placida, como o lago tranquillo, cujas aguas se não movem ao sopro da viração.

E entretanto em torno d'elle quantos acontecimentos graves tiveram logar, e que nem lhe mereceram a attenção!

D. Pedro II prendêra a seu irmão D. Affonso VI; governára o reino na qualidade de regente até 1683, e como rei até 1706; tiveram logar todas essas longas e sanguinolentas guerras por causa da successão da corôa hespanhola, guerras que devoraram grandes quantidades de dinheiro e soldados a Portugal, á Hespanha, á Allemanha, á França, á Inglaterra e á Hollanda.

No Brazil terminaram-se por fim as continuadas luctas entre Hollandezes e Portuguezes, expellidos aquelles por estes do rico territorio que tanto ambicionavam, e parte do qual por largo tempo haviam occupado; luctas estas, que demoraram o engrandecimento do paiz, perturbaram a regularidade do seu commercio e a liberdade da sua navegação, tão necessarias a uma nascente colonia.

Descobriram-se os terrenos interiores do Brazil; o Piauhy foi explorado e conhecido; os sertões da capitania de S. Vicente, que formam actualmente a provincia de Minas Geraes, foram visitados e examinados pelos intrepidos sertanejos de S. Paulo e Taubaté; Fernando Dias Paes e Garcia Rodrigues Paes [1] dobraram os desertos, e

[1] Fernando Dias Paes foi o primeiro sertanejo que descobriu, pelos annos de 1664, minas de ouro e pedras preciosas no interior da actual provincia de Minas. Seu irmão, Garcia Rodrigues Paes, em 1683 obteve patente de capitão-mór das entradas e descobrimentos das minas de esmeraldas. Outros sertanejos, Paulistas e Taubatenos, obtiveram grande nomeada com as suas explorações, e receberam tambem d'el-rei D. Pedro II premios honorificos do foro da casa real, concessões de habitos das ordens militares, e outras graças.

além do Serro do Frio, depararam com abundantes minas de ouro, de esmeraldas e de outras pedras preciosas. Para tão longinquas terras foi attrahida a attenção e a avidez de copia extraordinaria de Portuguezes e de estranhos.

Succederam emfim os tristes desastres de Carlos Duclerc, a empresa aventurosa de Duguay-Trouin, e as perdas extraordinarias que soffreu a praça e cidade do Rio de Janeiro pela inercia e inhabilidade do seu governador Francisco de Castro e Moraes, durante os annos de 1710 e 1711.

Tantos e tão variados acontecimentos, que mais ou menos importavam a seu paiz, não tiveram forças para arrancarem do seu ocio ditoso a Sebastião da Rocha Pitta, dedicado exclusivamente á solidão da vida intima.

Alli, no meio dos trabalhos agricolas e da paz da familia, lia, no seu repouso, todas as obras litterarias e scientificas da épocha; descansava o pensamento escrevendo canticos, sonetos, hymnes e eglogas: sua primeira reputação litteraria foi de poeta, se bem que de poeta mediano; cansou-se brevemente do trabalho do verso e da difficuldade da metrificação, e abandonou a rima e a poesia; escreveu na lingua castelhana, por ser mais geral e conhecida, um romance imitativo do *Palmeirim de Inglaterra*, que o Portuguez Francisco de Moraes compozera no seculo anterior, e que tão extraordinario e unanime enthusiasmo causára em toda a Europa, sendo traduzido em todas as linguas; a imitação porém de Sebastião da Rocha Pitta não obteve a nomeada, que conseguíra o romance original de Francisco de Moraes.

Nos trabalhos materiaes da lavoura, e n'estes folgares do espirito, se passou mais da metade da carreira mundana de Sebastião da Rocha Pitta; se pela mesma fórma a completasse, de certo que seu nome teria morrido com elle.

Deliberou-se porém a escrever uma historia do Brazil. E foi um glorioso pensamento que teve, e uma boa fortuna para o seu paiz.

Existiam impressas algumas chronicas parciaes da historia do Bra-

zil; as de Balthasar Telles [1] e do padre Simão de Vasconcellos [2], e a historia da guerra entre Hollandezes e Portuguezes por Francisco de Brito Freire [3]; estas e outras obras porém, que algumas noções historicas e estatisticas apresentavam ácêrca do Brazil, não bastavam como materiaes para a composição de uma verdadeira historia.

Era preciso recorrer aos manuscriptos e aos documentos, revolver as bibliothecas publicas, as secretarias de estado, os depositos e archivos reaes, conventuaes e particulares; examinar itinerarios, viagens, derrotas, chronicas religiosas, descripções militares; era immensa a tarefa, de difficillima execução, de trabalhos muito longos e penosos: a vida de um homem parecia á primeira vista curta para emprehendel-a e leval-a ao cabo!

O Brazil no entretanto carecia de uma historia, que fosse como o complexo ou fusão de todos os escriptos impressos e não impressos ácêrca do seu descobrimento, da sua colonisação das suas nações de indigenas, das suas importantes explorações, e dos grandes acontecimentos por que teve de passar desde seus primeiros dias, alvo da cobiça de tantos povos, que invejavam as innumeras riquezas de seu solo feliz, e a magestade de sua posição geographica; e maior gloria lhe caberia se fosse essa historia escripta por um seu filho, do que por qualquer outro estranho, que lhe fosse muito embora affeiçoado.

Sebastião da Rocha Pitta calculou todas as difficuldades de sua empreza; assentou de vencel-as. Para conseguil-o, deixou seu descanso e seu repouso, e despediu-se das margens alegres e pittorescas

[1] *Chronica da Companhia de Jesus na provincia de Portugal*, 1645.

[2] *Chronica da Companhia de Jesus na provincia do Brazil*, 1663. *Vida do veneravel padre José de Anchieta, apostolo do Brazil*, 1672. *Noticias curiosas e necessarias das cousas do Brazil*, 1668. *Vida do veneravel padre João d'Almeida*, 1658 e 1662. São estas as obras do celebre litterato jesuita Simão de Vasconcellos.

[3] Francisco de Brito Freire, nascido em Coruche em 1623, foi capitão da armada do Brazil, e governador e capitão general de Pernambuco e Maranhão. Publicou em 1670 a *Historia da guerra brazilica*, obra de muito criterio e importancia: falleceu em Lisboa em 1692.

do bello Paraguassú. Gastou bastantes annos no exame de todos os documentos e manuscriptos que existiam nos archivos dos conventos de S. Francisco, do Carmo e de S. Bento, que eram as tres ordens que no Brazil se fundaram, e nas livrarias dos collegios dos Jesuitas da Bahia, do Rio de Janeiro e de S. Vicente; passou-se depois para Lisboa, e lá se entregou de todo o coração, applicando toda a actividade do seu espirito, e despendendo não pequenas sommas pecuniarias á indagação conscienciosa de todos os papeis que lhe podessem ministrar elementos para escrever a sua historia.

Não contente com as noticias que pôde obter dos documentos escriptos na sua lingua vernacula e na castelhana, que perfeitamente sabia, deu-se ao estudo das linguas franceza, hollandeza e italiana, para o fim de ler e conhecer os escriptos n'esses idiomas, dos quaes podesse colher elementos proveitosos á sua empreza.

Pouco menos da metade da sua vida foi empregada na grande e importante missão com que se inspirou, e que felizmente conseguiu finalisar no anno de 1728.

Em 1730 foi publicada a *Historia da America Portugueza desde o seu descobrimento até o anno de* 1724, por Sebastião da Rocha Pitta.

A obra foi muito applaudida; todos os sabios contemporaneos a leram e elogiaram; a Academia Real da Historia Portugueza a fez examinar por uma commissão de seus membros, e approvou o parecer, tecendo-lhe grandes encomios, e mandando diploma ao seu auctor de academico supranumerario. O bispo de Lacedemonia, na qualidade de censor dos inquisidores, escreveu a seu respeito uma memoria, que faz honra a ambos, ao critico e ao historiador.

El-Rei D. João V nomeou-o fidalgo da sua real casa.

Sebastião da Rocha Pitta retirou-se então para a Bahia, e para o seu doirado repouso; reviu sua casa, seus bens e seus amigos; alli quiz passar os ultimos dias de sua vida, tão tranquillamente como passára os primeiros dias d'ella.

Continuou n'aquelles mesmos folgares da mocidade, ora occupando-se com a administração dos trabalhos ruraes, ora chamando em seu

auxilio a deliciosa Musa, que tantos encantos lhe dera, e tantas venturas lhe causára, ora no gremio da familia, reunindo em torno de si tantos filhos queridos, extensa prole de seus pacificos amores, mirando-se n'elles como sua imagem, procurando por seus animos diffundir as amaveis e candidas virtudes que adornam o coração, e as reminiscencias gratas e aprasiveis, que encantam e enthusiasmam continuamente.

N'essa tranquillidade do corpo e do espirito o veio encontrar a morte no anno de 1738; baixou á sepultura tão pacifico, quieto e sereno, como vivêra.

§ 2.º

Ha uma escola de historiadores, que considera ser sua missão o narrar os acontecimentos, o pintar os costumes, e o descrever as physionomias, sem que ousem aventurar a menor observação, a analyse a mais ligeira, o mais leve juizo; a historia, no seu sentir, é a acta fiel e verdadeira dos tempos, é a chronica dos factos succedidos; é a descripção dos diversos dramas e das peripecias differentes que tem apparecido; é o desenho dos caracteres, e o desenvolvimento da marcha das acções humanas, guardando o historiador a mais absoluta neutralidade, e a imparcialidade a mais escrupulosa. Herodoto é o chefe d'esta escola, que conta nas suas fileiras os Benedictinos francezes D. Bouquet, D. Mabillon e Froissard, os Italianos São Marco e Villani, o Portuguez Fernão Lopes, e o Allemão Raumer, e tem por seu mais aperfeiçoado discipulo o barão de Barante.

Ha uma segunda escola, que pesquiza e relata os grandes acontecimentos do mundo, apresentando-os como effeitos de um fatalismo, cuja marcha é inevitavel; para ella o dogma da moral é separado da acção humana; esta acção não é livre, e portanto não tem imputação; o homem, a intelligencia, a moral, a religião e a consciencia, não tem dominio, nem influencia e nem vontade nos

acontecimentos, que são vinculos de uma cadêa inabalavel, que se ligam e se succedem pela força do destino; as cousas tem um curso regular, seguem-no precipitadamente; os homens são apenas instrumentos d'elle; sua missão está de antemão marcada, e tem de ser necessariamente cumprida.

Para esta segunda escola tendem duas differentes veredas; a vereda religiosa, philosophica e symbolica; e a vereda sceptica, material e athéa.

A primeira vereda procura a razão espiritual dos factos e seus resultados moraes, abstraindo-os da scena do mundo, e da sua descripção e pintura; o principio religioso esvoaça por cima das sociedades humanas, e se manifesta por todas as suas phases; Deus creou o homem; o homem povoou a terra; o homem creou a sociedade; a sociedade creou leis; tudo vem de Deus, e Deus marcou de antemão o destino inexoravel do homem e da sociedade, das nações e da humanidade; marcham todos para igual fim, tornando-se a vida das nações, das sociedades e dos homens, como um symbolo ou representação moral do pensamento de Deus, perante o qual o homem e os seus feitos desapparecem como a voz no deserto, ou a gotta d'agua no Oceano.

A segunda vereda formula o systema da perfectibilidade material; o homem e as nações não se dirigem para outro fim senão para a obtenção de maior somma de bens e de grandeza; os factos tem marcha necessaria e logica; as acções não tem imputação moral, porque o fim, as circumstancias e a posição do homem e das nações os arrastam, dominam e influenciam; o homem e as nações foram creados para obedecerem ao fatalismo que os acompanha, e que na sua marcha immutavel transforma idéas, principios, religiões e sentimentos.

Esta segunda escola tem duas divisões adversas, antipodas: a primeira de Vico, de Herder, de Bossuet, de Hegel e de Ballanche, ao menos não desbota os sentimentos do coração, nem mareia a poesia da alma humana, que é emanação sagrada da Divindade; a segunda divisão ou vereda, nascida das theorias da revolução fran-

ceza de 1789, inteiramente franceza [1], estraga a vida, desmoralisa a consciencia, e perturba o espirito; pelo seu systema e pelos seus principios os Tiberios, os Felippes, os Neros e os Borgias foram tyrannos, não por suas vontades ou indoles, mas pela força das cousas; os Robespierres, os Jefferies, os Fouquiers e os Tristões não tiveram vontade, nem liberdade; foram antes os instrumentos do terrivel fatalismo.

Se a primeira escola, geralmente chamada *descriptiva*, pecca, porque apenas pinta os acontecimentos, e os não moralisa, a segunda escola, em qualquer das suas veredas, não menos defeituosa é: as nações, como os individuos, tem sua historia; o homem, como a especie, tem a imputabilidade de suas acções; como narrar crimes, sem os considerar e julgar? Como recontar horrores, sem lhes applicar a sancção penal? Como fria e insensivelmente descrever as acções boas e más, deixando de analysal-as e pesal-as? Como dar-lhes apreço, se não tem imputação, se são filhas da necessidade, não da vontade; se procedem pela força das circumstancias, e não por effeito da liberdade?

A verdadeira e unica escola historica não é nem a descriptiva nem a fatalista. A verdadeira e unica escola historica é a de Tacito e de Thucydides; é a de Gibbon e a de Niebuhr; é a de Machiavelli e de Muller; é a de Plutarco e a de Thierry; é a de Polybio e de Lingard.

A verdadeira e unica escola historica exige qualidades moraes e qualidades intellectuaes em gráo eminente. O amor da verdade, e só da verdade, deve caracterisar o historiador; para conseguil-a, torna-se necessario um zelo de exactidão, um escrupulo de paciencia á toda a prova; os tumulos, os monumentos, os epitaphios, tudo lhe serve; decifrará com o mesmo cuidado os velhos e estragados archivos, os torturados documentos, e os livros limpos e aceiados; procurará a verdade no meio do pó dos manuscriptos, e á custa de vigilias e dobrados trabalhos; e conseguida a verdade, necessita de

[1] Esta escola foi creada por Mignet, desenvolvida por Thiers e Armand Carrel.

todo o sangue frio de seu juizo para distribuir justiça e analysar com imparcialidade.

Após estas qualidades moraes de verdade e justiça, quantas qualidades intellectuaes são necessarias! Que intelligencia universal em todos os ramos dos conhecimentos humanos! Que talentos extensos de comprehensão, de imaginação e de raciocinio! Que variada instrucção em objectos tão diversos, em tão complicadas questões!

O historiador necessita ser philosopho, estadista, poeta, jurisprudente, financeiro, theologo, militar; o historiador necessita emfim possuir uma universalidade de instrucção, superior talvez á que Cicero exigia para o seu *orador*.

Examinada e conhecida a verdade dos acontecimentos, ouvida a voz dos seculos passados, a voz propria e verdadeira, cumpre ao historiador ainda narrar e descrever, e de par com a narração e a descripção julgar e moralisar. A historia é uma missão nobre e elevada, que aperfeiçôa a intelligencia, purifica o espirito, esclarece a consciencia, e adorna o coração. A descripção e a moralisação, a pintura e o juizo, a narração e o raciocinio, são elementos indispensaveis para traçar-se o grande quadro dos acontecimentos humanos, indagar-lhes as causas, descobrir-lhes os resultados, ligar a vida do individuo á vida da sociedade, reunir o homem á especie, e formar assim essa grande lição, para que foi instituida a historia.

A historia é diversa da chronica ou das memorias: estas são simplices narrações; aquella tem interesse superior, porque além de narrar instrue e moralisa; os seculos tem entre si pontos de similhança; acceitam uns dos outros certas idéas e paixões, que se vão transformando; mas as civilisações duram com as condições, que lhes são proprias; os usos e costumes diversificam; e cumpre ao historiador estudal-os, differencial-os, pintal-os com suas côres especiaes, e encaral-os sob pontos de vista das normas immutaveis da justiça universal, e tambem das idéas predominantes na quadra em que se passaram: dando á cada épocha que passa seu verdadeiro logar, sua propria physionomia, e sua significação logica.

Reunir a laboriosa e a mais profunda instrucção aos mais subidos

talentos, conhecer perfeitamente os factos, desenterrando a verdade do cháos dos tempos, e julgal-os com criterio e imparcialidade, são as qualidades que constituem o historiador. Verdade e comprehensão, justiça e intelligencia, sabedoria e imaginação, tudo lhe é mister para dar vida á sua historia, alma á sua narração, interesse á sua obra, parecida physionomia ás épochas que descreve, e proprias vestes aos acontecimentos que narra.

O estylo é do escriptor, não do historiador; o estylo é proprio do caracter e do individuo; tenha o historiador as qualidades e estudos que necessita, e escreva! Escreva pela maneira mais facil e mais propria de exprimir seus pensamentos, suas idéas, seus sentimentos. Quão diverso é o estylo de Tacito do de Plutarco! Quanto é differente o de Sallustio do de Gibbon! Como opposto é o de Machiavelli ao de Niebuhr! Cicero tinha razão de dizer que a historia agrada de qualquer maneira que se escreva, comtanto que interesse.

O estylo é o segredo da intelligencia, o mysterio do escriptor; seu trabalho é estudar as regras da lingua, sua feitura, suas necessidades; esta é a practica material: obtida ella, siga sua inspiração!

Tito Livio, Guilherme Robertson e João de Barros foram grandes escriptores e máos historiadores: grandes escriptores, porque seus estylos interessam, encantam e arrastam; máos historiadores, porque acceitaram sem criterio grande numero de factos, e os incluiram nas suas historias, factos extravagantes uns, inverosimeis outros, e que não passavam de tradições populares revestidas da poesia do povo, que é toda patriotica, mas que não deixa de ser poesia, isto é, filha querida e dourada da imaginação. Os historiadores precisam de mais estudos e de mais discernimento.

O estylo, é verdade, tem suas normas intellectuaes, como tem regras materiaes; essas normas porém não reduzem suas formulas a uma só formula, se bem que perfeita; seria similhante idéa equivalente a que não houvesse na existencia humana mais que um só typo do que é bello; entretanto o bello, bem como o sublime, abraçam todas as formulas, todas as creações do pensamento; alargam o circulo do templo da arte, e conhecem-se pelas suas phases ou appa-

rições, e não pela maneira por que essas phases ou apparições se manifestam.

O estylo pois é do escriptor; o historiador não póde e não deve cingir-se a um unico estylo; o historiador, manifestando ou materialisando suas idéas, fórma o seu estylo conforme seu caracter, sua indole e sua imaginação: essas mesmas idéas lhe vão proporcionalmente creando, vigorando, fortalecendo, e aperfeiçoando o estylo.

§ 3.°

Sebastião da Rocha Pitta possuia todas as qualidades de historiador? Satisfez a todos os requisitos exigidos e especificados no paragrapho anterior? Sua *Historia da America Portugueza* contém os elementos de uma boa historia?

Examinemol-o.

Existiam no seu tempo monumentos historicos de duas especies, relações, itinerarios, viagens, derrotas, noticias e chronicas ácêrca do descobrimento do Brazil, de suas primeiras explorações, de sua primordial colonisação e de suas invasões, escriptos em diversas linguas, e impressos em varios paizes; e cartas de missionarios, viagens, descripções e derrotas que não haviam sido publicadas, e que se guardavam nos archivos publicos e conventuaes de Portugal e dos paizes estranhos.

Cumpria procurar todos estes documentos, quer impressos, quer manuscriptos, escrupulosamente folheal-os e examinal-os. Grande trabalho que era, mas a que não faltou Sebastião da Rocha Pitta, dedicando-se a elle com a mais minuciosa curiosidade e paciencia.

Nos documentos impressos a lingua portugueza contava as *Chronicas* dos jesuitas Balthasar Telles e Simão de Vasconcellos, a *Historia da Guerra Brazilica entre os Portuguezes e Hollandezes* pelo general Francisco de Brito Freire, o *Compendio narrativo do Peregrino da America* pelo padre Nuno Marques Pereira [1], o *Oriente*

[1] O padre Nuno Marques Pereira, grande theologo, nasceu em Cayrú (Bahia) em 1652. Entre diversas obras que escreveu, o *Peregrino da Ame-*

Conquistado pelo jesuita Francisco de Souza [1], e as *Memorias historicas* do padre Prudencio do Amaral [2]: a lingua franceza possuia as viagens dos missionarios Claudio d'Abbeville e Ivres d'Evreux, e as noticias do Borgonhez Lery, se bem que escriptas primariamente em latim, já porém trasladadas para o francez: a castelhana numerava as obras de Lopes de Gomara, de D. Thomaz Tamaio de Vargas, e de Pedro Martyr: a italiana continha as cartas das duas viagens que fez ao Brazil o Florentino Americo Vespucio: a hollandeza mostrava a historia que da India e da America escrevêra João de Laet, as relações do naturalista Guilherme Pison, e as descripções de Hans-Stade.

Nos documentos manuscriptos existiam em Portugal diversas memorias de Manoel de Moraes [3], de Diogo Gomes Carneiro [4], do

rica, publicado em 1718, é de grande merito e importancia para as cousas do Brazil.

[1] O jesuita Francisco de Souza, nascido em Itaparica (Bahia) em 1628, e fallecido em Goa em 1713, foi tambem theologo e excellente chronista: o seu *Oriente Conquistado em tres partes*, publicado em 1710, contém noticias interessantes sobre o Brazil.

[2] O padre Prudencio do Amaral nasceu no Rio de Janeiro em 1665, e falleceu em 1715: publicou em 1710 *Elogios dos Bispos e Arcebispos da Bahia*, e em 1711 o *Catalogo dos Bispos* que tivera o Brazil até 1676, com muitas noticias historicas.

[3] Manoel de Moraes nasceu em S. Paulo em 1604; entrou para a companhia de Jesus em 1619; em 1629 foi sacerdote; expellido da companhia por irregularidades de comportamento, passou-se para Lisboa, e depois para Amsterdão, aonde fez-se calvinista. Em Lisboa foi, por esta mudança de religião, apresentado em estatua no auto de fé de 6 de Abril de 1642; voltando em 1645 para Portugal foi preso, em 1647 sahiu no auto de fé com insignias de fogo, abjurou, e voltou ao catholicismo: escreveu *Memorias historicas sobre Portugal e Brazil*, e uma *Chronica da America*, que se perdeu, e da qual João de Laet tirou muitos importantes dados para sua historia, como elle mesmo confessa, tributando immensos elogios aos talentos de Manoel de Moraes.

[4] Diogo Gomes Carneiro nasceu no Rio de Janeiro em 1628, e falleceu em Lisboa em 1676; sendo secretario do marquez de Aguiar, foi eleito chronista geral do Brazil, com a pensão de 300$000 annuaes: foi litterato

padre Antonio de Sá [1], e de Jacob de Andrada Velosino [2]; cartas importantes dos jesuitas José de Anchieta, Manoel da Nobrega e Aspicuelta Navarro, o Roteiro de Pero Lopes de Souza, as descripções de João Empoli e de Pero Vaz Caminha, e a interessantissima obra de Gabriel Soares, com o titulo de *Roteiro do Brazil*, que por algum tempo passou por composição de Francisco da Cunha, e como tal erradamente a consideraram Manoel Ayres do Cazal e Fernando Diniz [3]. Em Hespanha haviam as derrotas de Francisco de Orellana, Yanes Pinzon, João Dias Solis, e tantos outros bravos navegantes e conquistadores. França e Hollanda, retalhando então os mares com seus navios, em continua rivalidade com Portugal e Hespanha, receberam tambem innumeraveis noticias e investigações importantes dos seus navegadores.

Se pelo lado de indagação minuciosa, de ardente desejo de tudo saber, e de esforços escrupulosos para o fim de conseguir a verdade, não temos senão elogios a tributar a Sebastião da Rocha Pitta, que, com a sua *Historia*, nos prova se não haver poupado a trabalho algum para esclarecer-se; se pelo lado tambem de imparcial e justiceiro,

instruido, e escreveu varias memorias estatisticas e historicas sobre o Brazil.

[1] Sobre o padre Antonio de Sá, nascido no Rio de Janeiro em 1627, e fallecido em 1678, e que foi um dos maiores prégadores da lingua portugueza, já bastante dissemos no 1.º volume do *Plutarco Brazileiro*, tratando dos padres Souza Caldas e S. Carlos: o padre Antonio de Sá, além dos admiraveis sermões que no Brazil, em Portugal, na Italia, e especialmente em Roma havia prégado, merecendo elogios geraes, foi grande philosopho, theologo, e auctor de varias memorias historicas sobre o Brazil; foi muitos annos em Roma secretario do geral dos jesuitas.

[2] Jacob de Andrada Velosino nasceu em 1659 em Pernambuco; retirou-se com os Hollandezes, e viveu em Amsterdão; foi grande medico e naturalista; escrevêra, além de obras medicas, interessantes memorias sobre o Brazil: falleceu em 1712.

[3] Gabriel Soares foi nomeado capitão mór de duas náos para o descobrimento das minas das esmeraldas; andou no Brazil dezesete annos, e escreveu em 1587 a sua obra, que a Academia Real de Sciencias de Lisboa publicou em 1825.

como deve ser um bom historiador, iguaes encomios lhe são devidos; sentimos comtudo ter de enunciar que, ou pelas idéas religiosas da épocha, que não admittiam exame nos milagres recontados ou factos que os missionarios relatavam para o fim de catechizar as nações selvagens, ou talvez mesmo pela crença supersticiosa, ou excessivo amor patriotico de Sebastião da Rocha Pitta, sua obra não está isenta do grave defeito de dar como verdadeiros alguns factos, que qualquer minucioso exame, ou investigador raciocinio, teria declarado falsos, e mesmo inverosimeis.

Este grave defeito infelizmente se não acha só em Sebastião da Rocha Pitta: Tito Livio e Guilherme Robertson não apresentam, o primeiro sobre as eras mal conhecidas de Roma, e o segundo a respeito da vida de Carlos V, noticias inexactas e narrações inverosimeis? João de Barros, descrevendo o valor portuguez nas terras da Asia, se não deixa tantas vezes illudir por noções improvisadas?

Sebastião da Rocha Pitta, como aquelles escriptores, é arrastado pela imaginação: acceita as legendas religiosas dos missionarios, e as legendas poeticas do povo, como acontecimentos reaes; ou não ousou rebatel-as, ou acreditou-as; peccou por qualquer dos modos.

Como se afadiga tanto para provar que S. Thomé viajou pelo Brazil? Como tenta achar no paiz signaes demonstrativos do seu baculo e dos seus pés? Como appella para a tradição dos gentios? Como chama em seu apoio os testemunhos de Joaquim Brulio, Gregorio Garcia, Fernando Pizarro, do bispo de Chiappa e do jesuita Ribadaneira?

E relativamente ás aventuras de Diogo Alvares, o Caramurú, tão douradas pela poesia popular, como as acceita em toda a sua plenitude? Como acredita na fabulosa viagem á França, e a faz verificar-se no reinado de Henrique de Valois, segundo de nome, e de Catharina de Medicis, quando tal reinado começou sómente em 1547, e d'esta épocha em diante está evidentemente provado que não sahiu Diogo Alvares da Bahia, havendo em 1531 casado duas filhas suas com Affonso Rodrigues e Paulo Dias Adorno, companheiros de Martim Affonso de Souza?

Como estes factos, outros descreve Sebastião da Rocha Pitta, que não minuciamos para não tornar comprida esta analyse. São graves faltas para um historiador ou a ausencia de coragem para repellir a influencia e dominio das lendas religiosas ou patrioticas, e revolvendo o intimo dos acontecimentos, rebatel-as com a luz do raciocinio e o archote da verdade; ou a ausencia de preciso discernimento para separar o verdadeiro do falso, e entre as pedras, que as memorias apresentam, escolher unicamente as preciosas e de valor.

Possuiu tambem Sebastião da Rocha Pitta as qualidades intellectuaes, de que tanto necessita um historiador?

A sua *Historia* demonstra os variados conhecimentos que adquiriu, e a profunda instrucção que bebeu nos diversos ramos das sciencias.

Descreve o Brazil já encarando-o sob o ponto de vista geographico, commercial e estatistico, já examinando a natureza dos seus terrenos e das suas producções, e antevendo o futuro grandioso que o aguarda, já emfim historiando os acontecimentos politicos e militares por que passou, as negociações diplomaticas que se encetaram a seu respeito, o desenvolvimento da sua riqueza, e da influencia que sobre a metropole começava já então a exercer a colonia nascente.

É innegavel pois que lhe não faltavam as qualidades intellectuaes de historiador; que, além de se achar ao nivel de tudo quanto a respeito do Brazil se podia saber na quadra em que viveu, quadra realmente historica, em que foram seus contemporaneos Antonio Caetano de Souza [1], Diogo Barboza Machado [2], D. Francisco Xavier conde da Ericeyra, o padre Antonio Vieira e Antonio de Souza de Macedo, adquiríra tambem sobeja instrucção em todos os ramos dos conhecimentos humanos, cuja theoria e practica convinham entrar na historia do paiz de que se incumbíra: era dotado ainda de imaginação brilhante, e de variada phantasia, para reunir o agradavel ao necessario, o bello ao util.

[1] Auctor da *Historia Genealogica da Casa Real de Portugal*, em 20 volumes in-folio. Obra de grande importancia historica, e de subido merito.

[2] Auctor da grande *Bibliotheca Lusitana*, um dos mais bellos e grandiosos monumentos da litteratura portugueza.

Si Sebastião da Rocha Pitta soubesse ou podesse escapar do defeito que já lhe imputamos, de, sem o menor discernimento, acceitar e dar como verdadeiros alguns factos, que só existiam nas tradições populares e nas invenções dos missionarios, seria de certo um dos maiores historiadores da lingua portugueza. Que talentos que não eram os seus! Que subido amor de seu paiz lhe não palpitava no peito! Que grandes qualidades não eram as suas!

Convém ainda dizer que si Sebastião da Rocha Pitta historiou perfeitamente os acontecimentos do Brazil, já nas suas primarias explorações, já nas suas guerras, motivadas pelas invasões ambiciosas dos Francezes e Hollandezes; se sua obra contém innumeras noções biographicas de varios e importantes Brazileiros, que adquiriram nome pelo seu valor e talentos; se já sobre sua historia natural, sobre sua agricultura, industria, geographia, estatistica e commercio, já sobre sua historia politica, apresenta os mais completos esclarecimentos da épocha; um defeito ainda lhe notamos, que foi descrever apenas ligeiramente as nações indigenas, e abandonal-as logo depois como se não só nos não conviesse saber o que ellas foram antes dos descobrimentos dos Portuguezes, como tambem o que lhes aconteceu com esses descobrimentos, e após o dominio que elles motivaram. Parece que o historiador se persuadiu que taes nações não mereciam attenção e nem analyse, e que de sua existencia não resultou a menor influencia para a colonisação, posse e industria do paiz.

As observações que enunciamos bastam para conhecimento das qualidades do historiador: examinemos agora o seu estylo.

Em geral o estylo da épocha peccava por a innovação dos trocadilhos; o desejo de castigar e harmonisar as palavras e as phrases dava-lhes uma toada, menos agradavel de certo do que a simplicidade poetisada de Fernão Lopes, a eloquencia limpida de Fr. Luiz de Souza, as engenhosas descripções de João de Barros, a energia de Affonso de Albuquerque, e a modestia de Heitor Pinto e de Amador Arraes.

E não foi sómente Sebastião da Rocha Pitta que incorreu no pec-

cado. Antonio Caetano de Souza, os condes da Ericeyra, o padre Antonio de Sá, e o proprio Antonio Vieira, o commetteram. Mais ou menos os homens recebem a influencia das idéas que dominam a época em que vivem. Entretanto, claro, facil, elegante e bello, é de certo o estylo da *Historia da America Portugueza*: tem descripções admiraveis e eloquentes pinturas. O estylo de Sebastião da Rocha Pitta o colloca sem duvida na primeira linha dos escriptores portuguezes.

Para comprovarmos estas asserções, daremos uns excerptos, que as demonstrem.

« N'ella surgindo as náos, pagou o general aquella ribeira a segurança que achára depois de tão evidentes perigos, com lhe chamar *Porto-Seguro*, e á terra *Santa Cruz*, pelo estandarte da nossa fé que n'ella arvorou com os mais exemplares jubilos, e ao som de todos os instrumentos e artilharia da armada; fazendo com a mesma militar ostentação e piedade celebrar o santo sacrificio da missa sobre uma ara, que levantou entre aquelle inculto arvoredo, que lhe serviu de docel e de templo. »

« A formosa variedade das suas fórmas na desconcertada proporção dos montes, na conforme desunião das praias, compoem uma tão igual harmonia de objectos, que não sabem os olhos aonde melhor possam empregar a vista.... já em altas continuadas serranias, já em successivos dilatados valles; as maiores porções d'elle fez felicissimas, algumas inuteis; umas de arvoredos nuas expoz ás luzes do sol, outras cobertas de espessas matas occultou aos seus raios: formou dilatadissimos campos, uns partidos brandamente por arroios pequenos, outros utilmente tyrannisados por caudalosos rios, etc. »

« Vastissima região, felicissimo terreno, em cuja superficie tudo são fructos, em cujo centro tudo são thesouros, em cujas montanhas e costas tudo são aromas, tributando os seus campos o mais util alimento, as suas minas o mais fino ouro, os seus troncos o mais suave balsamo, e os seus mares o ambar o mais selecto; admiravel paiz, a todas as luzes rico, aonde prodigamente profusa a natureza se desentranha nas ferteis producções, que apura a arte. »

« Em nenhuma outra região se mostra o céo mais sereno, e nem a aurora madruga mais bella; o sol em nenhum outro hemispherio tem os raios tão dourados, nem os reflexos noçturnos tão brilhantes; as estrellas são as mais benignas, e se mostram sempre alegres; os horizontes, ou nasça o sol, ou se sepulte, estão sempre claros; as aguas, ou se tomem nas fontes pelos campos, ou dentro das povoações nos aqueductos, são as mais puras, etc. »

Se d'estas descripções da natureza, que realmente extasiam e encantam, passarmos ás descripções dos acontecimentos, não é menos nobre e menos brilhante o estylo. O que póde haver de mais perfeito do que a noticia que nos dá Sebastião da Rocha Pitta da guerra dos Palmares, com que por tanto tempo se incommodaram os Portuguezes? Indaga-lhes todas as causas, narra-lhes todos os successos, e descobre-lhes todos os resultados de modo a nada deixar a desejar.

« Estão os Palmares no continente das villas do Porto Calvo e Alagoas, em quasi igual distancia de ambas, porém mais proximos á primeira. O nome tiveram depois que os negros os possuiram pelas muitas palmeiras que lhes plantaram. Comprehendia mais de uma legua em circuito a sua povoação, cuja muralha era uma estacada de duas ordens de páos altos, lavrados em quatro faces, dos mais rijos, incorruptiveis e grossos que ha n'aquelles grandes matos, abundantissimos de portentosos troncos. Tinha a circumvallação tres portas da mesma fortissima madeira com suas plataformas em cima, todas em iguaes distancias, e cada uma guardada por um dos seus capitães de maior supposição, e mais de duzentos soldados no tempo da paz, porém n'esta guerra guarnecidas todas do maior poder das suas forças. Por varias partes d'aquella circumferencia havia baluartes da propria fabrica e fortaleza. O paço do seu zombî era toscamente sumptuoso na fórma e na extensão; as casas dos particulares ao seu modo magnificas, e recolhiam mais de vinte mil almas de ambos os sexos, as dez mil de homens capazes de tomar armas. As que jogavam eram de todos os generos, assim de fogo, como espadas, alfanges, flechas, dardos e outras arrojadiças. Havia dentro na sua povoação

uma eminencia elevadissima, que lhes servia de atalaya, e depois lhes foi voluntario precipicio; d'ella resistavam com longa vista por dilatados horizontes muita parte das villas e logares de Pernambuco; tinham uma lagôa, que lhes dava copioso peixe, muitos ribeiros e póços a que chamam cacimbas, de que tiravam regaladas aguas. Fóra tinham grandes culturas de pomares e lavouras, e para as guardar fizeram outras pequenas povoações, chamadas *Mocambos*, em que assistiam os seus mais fieis e veteranos soldados. »

Sebastião da Rocha Pitta terminou a sua *Historia* com o anno de 1724; e não tendo tomado parte nos acontecimentos contemporaneos, livre estava o seu animo, isento o seu espirito da menor seducção ou influencia; escreveu-os portanto com muita imparcialidade. Talvez mesmo que mais importante e verdadeira seja, e mais interesse tenha ella na narração dos acontecimentos contemporaneos, do que n'aquelles que a tradição recontava, e que mais ou menos, como succede nos primeiros tempos de todas as nações, estavam envoltos de mysterioso e poetico véo, não ousando o historiador rasgal-o, ou mesmo o historiador acreditando-o.

A *Historia da America Portugueza* de Sebastião da Rocha Pitta, não só para aquella épocha, ainda pobre de obras historicas, senão tambem para a nossa, que possue maior abundancia de materiaes ácêrca do Brazil, é obra muito preciosa e muito necessaria para todos os Brazileiros que quizerem saber a historia do seu paiz.

J. M. Pereira da Silva.

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO.

Extracto das actas das sessões do 2.º trimestre de 1849.

203.ª SESSÃO EM 19 DE ABRIL DE 1849.

PRESIDENCIA DO ILL.^mo SR. MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

Ás 5 horas e meia da tarde abre-se a sessão, e depois de approvada a acta da anterior, o 2.º Secretario apresenta o expediente.

Officio do Sr. Francisco Xavier Bomtempo, acompanhando a offerta de um exemplar da collecção de doze valsas, de sua composição, que acaba de dar á luz n'esta côrte. — O Instituto acolhe esta dadiva com especial agrado, e ordena que seja competentemente archivada.

« Ouro Preto, 5 de Dezembro de 1848. — Illmo Sr. Secretario perpetuo do Instituto. — Incumbindo-me a lei provincial de Minas Geraes n.º 430 a direcção da bibliotheca publica d'esta cidade, e desejando eu que este estabelecimento se augmente com as publicações e periodicos do Brazil, e offereça ao menos por esse meio alguma vantagem e interesse, lembrei-me de dirigir-me a V. S.ª para rogar-lhe o obsequio de remetter á dita bibliotheca cada um dos numeros, que se forem publicando, do precioso jornal *Revista trimensal do Instituto Historico e Geographico*, de que V. S.ª é redactor.

« Confiado na generosidade e patriotismo de V. S.ª, e no desejo que nutre de ser util ao paiz (porque é para esse fim que escreve), espero merecer este importante obsequio, do qual resultará muito beneficio ao publico d'esta cidade; coadjuvado assim com o seu valioso contingente, este estabelecimento, ainda que nascente, poderá, eu espero, vir a ser para o futuro de grande utilidade, e V. S.ª,

além da gratidão publica, achará sempre em mim eterno agradecimento.

« Sou com toda a consideração, etc. — *Domingos Soares Ferreira Penna*, official maior da secretaria da assembléa. »

« Illmo Sr. — A difficuldade que sinto de escrever, e a falta de amanuense idoneo no logar em que resido, são as causas do meu silencio por dous annos, não obstante a minha resolução de fazer, quanto antes, a remessa dos productos mineraes, e achar-me na posse do honroso officio de V. S.ª com a data de 4 de Maio de 1846, em resposta á minha correspondencia de 25 e 26 de Março do mesmo anno.

« Parecerá extraordinario, mas é certo, que residindo eu no centro das Minas, não tenha podido obter, dentro de tão largo tempo, varias amostras de mineraes das comarcas de Ouro Preto, Sabará, Serro e Gequitinhonha; e que apezar de instancias, apenas em Dezembro se me assegure a communicação dos mineraes pedidos, cuja acquisição, julgo, será agradavel ao Instituto.

« São elles: o topazio e a euclase do capão do Lana; fragmentos das veias auriferas da serra do Ouro Preto; o zircon, os jaspes e as cornalinas da Diamantina; o chrysoberilo, a chrysolita, o berilo, a turmalina, a amethista e agua-marinha de Minas Novas; a cal carbonatada coralloide, a cal fluatada da comarca do Sabará.

« Comtudo a collecção que tenho feito comprehende amostras das veias auriferas de quasi todas as lavras notaveis da provincia; de muitas minas de ferro; de chumbo carbonatado; de cobre carbonatado azul; de varias rochas e de alguns mineraes curiosos; e principalmente amostras de quartzo hyalino limpido, não só em calháos rolados, mas ainda crystallisado debaixo de muitas fórmas em pequenos e muito pequenos crystaes. Tenho em fim o armamento completo dos Indios Botocudos, suas machadinhas de jade e de basalto, seus indispensaveis pendentes do pescoço, e saccos com tecido emmalhado; e ainda uma choupa de lança, feita de quartzo agatha pyromaco, talvez insignia de algum antigo cacique.

« Queira pois V. S.ª levar tudo isto ao conhecimento do nosso

Instituto, para meu descargo, ratificando perante elle a minha firme resolução de cooperar, quanto estiver ao meu alcance, para o accrescentamento do museu, assim como para a collecção de factos historicos e geographicos, que mereçam ser levados á sua consideração.

« Deus guarde a V. S.ª Villa de Santa Barbara, 17 de Agosto de 1848. — Ill.mo Sr. Manoel Ferreira Lagos, 1.º Secretario perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. — *Manoel José Pires da Silva Pontes.* »

Ill.mo Sr. — Tendo eu emprehendido, por obsequio ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro, um ensaio da *Descripção estatistica, historica e politica da provincia de Minas-Geraes*, o qual sirva de emenda additiva á Memoria do fallecido conselheiro Pizarro sobre a mesma provincia; como se me offerecem duvidas sobre a orthographia e significação de alguns vocabulos corruptos da lingua geral brazileiro nas denominações dos logares; e eu não tenho podido obter o *Thesouro da Lingua Guarani*, para esclarecer-me, em quanto não se publica o diccionario da lingua geral, impresso debaixo dos auspicios do mesmo Instituto: vou rogar a V. S.ª o obsequio de instruir-me sobre a razão orthographica e significação das palavras notadas na tabella junta. Dignando-se V. S.ª annuir ao meu pedido, muito me obrigará.

« Deus guarde a V. S.ª Villa de Santa Barbara, 18 de Agosto de 1848. — Ill.mo Sr. Manoel Ferreira Lagos, 1.º Secretario perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. — *Manoel José Pires da Silva Pontes.* »

Escreve da Bahia o socio correspondente Sr. coronel Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva, promettendo enviar brevemente uma Memoria sobre a interessante proposta do Sr. Dr. Freire Allemão apresentada ao Instituto em sessão de 14 de Outubro do anno de 1847, na parte que fôr relativa áquella provincia.

O socio honorario Sr. conselheiro Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond remette de Lisboa o manuscripto *Viagem á gruta das onças na provincia de Mato-Grosso*, por Alexandre Rodrigues Ferreira.

« Dou apreço a esta viagem, expressa-se o Sr. Drummond, não só pelo interesse que ella inspira quando noticia esses prodigios da natureza, que tanto abundam no Brazil, mas porque o seu auctor (nome caro ao Brazileiros), Alexandre Robrigues Ferreira, modestamente conta n'ella de passagem um dos muitos soffrimentos que durante a sua peregrinação pelo interior do Pará e Mato-Grosso teve em sua saude. »

Resolve o Instituto que o Sr. Secretario perpetuo agradeça as offertas acima mencionadas: que se remetta uma collecção completa de todas as suas publicações para a bibliotheca do Ouro Preto: que a *Viagem á gruta das onças* seja enviada á commissão de redacção: e que os Srs. Dr. Freire Allemão e Gonçalves Dias emittam o seu juizo ácêrca das questões feitas pelo Sr. Silva Pontes.

O Ill.mo Sr. Presidente participa ao Instituto que o seu thesoureiro Sr. Thomé Maria da Fonseca, achando-se mortalmente enfermo, lhe remettêra todos os papeis da thesouraria existentes em seu poder, e juntamente a conta da receita e despeza da sociedade desde Julho de 1847 a Dezembro de 1848; importando a receita em 5:655$147 réis, e a despeza em 5:715$240 réis, havendo uma maior despeza de 60$093 réis, que foi supprida por este. Depois de alguma discussão, vota o Instituto, attendendo ao estado do Sr. Thomé Maria, que a escolha de um novo thesoureiro seja adiada para outra sessão.

Leitura de proposta para admissão de um membro correspondente na classe historica. — Á respectiva commissão.

Passa depois o Instituto a tratar do methodo que deve seguir na discussão do assumpto approvado na sessão anterior, a saber: «qual a influencia que sobre a civilisação do paiz tem exercido os differentes membros do Instituto fallecidos, que por sua illustração foram considerados pelo publico. — Suscita-se longo debate, sendo a final acolhida a proposta do Sr. Dr. Freire — que fossem desenvolvidas por escripto as biographias respectivas, ás quaes se apresentariam as idéas e reflexões sobre os topicos não bem esclarecidos debaixo do ponto de vista da questão.

204.ª SESSÃO EM 26 DE ABRIL DE 1849.

PRESIDENCIA DO ILL.mo SR. MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

Aberta a sessão, e approvada a acta da anterior, passa-se á leitura do expediente.

Officio do socio correspondente o Sr. Dr. João Candido de Deus e Silva, acompanhando os numeros 28 e 33 do *Provincialista*, nos quaes se acha o catalogo de seus trabalhos impressos e manuscriptos, afim de serem conservados no archivo do Instituto. — Como pede.

Do socio honorario o Ex.mo Sr. duque de Palmela, agradecendo ao Instituto a remessa das *Revistas trimensaes*, que tem recebido com muita satisfação, e offertando-lhe a *Biographia da duqueza de Palmela*, ultimamente impressa.

« Ill.mo Sr. — Tenho a honra de offerecer ao Instituto Historico o incluso exemplar do *Fac-simile das assignaturas dos Senhores reis, rainhas e infantas que tem governado Portugal*, obra que acaba de ser publicada n'esta côrte.

« Principia ella pela assignatura do Senhor rei D. Diniz; porque o editor não achou na torre do Tombo em documento algum as assignaturas dos Senhores reis D. Affonso I, D. Sancho I, D. Affonso II, D. Sancho II e D. Affonso III, segundo a declaração que faz na *Advertencia* que precede a sua obra. E de não ter achado aquellas assignaturas conclue com admiração que é obvio o motivo, dando assim a entender que aquelles principes não sabiam escrever.

« O editor commetteu n'isso um erro, que é preciso relevar em honra da verdade. Antes do meiado do 14.º seculo os soberanos não assignavam manualmente, mas sim por monogrammos, e não era isso por não saberem ler, mas sim porque era esse o costume, e de ordinario o faziam com o punho da espada, onde o monogrammo estava gravado, dizendo que defenderiam com a ponta o que firmavam com o punho.

« O primeiro rei de França que assignou manualmente foi Carlos V, que reinou os dezeseis annos que decorrem de 1364 a 1380, épocha em que reinaram em Portugal D. Pedro I e D. Fernando, neto e bisneto de D. Diniz. Ora D. Diniz subiu ao throno em 1279; sendo pois elle o primeiro rei portuguez que assignou manualmente, segue-se que este uso principiou em Portugal oitenta e cinco annos antes de principiar em França, ou que os progressos da civilisação em Portugal são a este respeito anteriores aos da França.

« Os auctores francezes, que trataram d'este assumpto, são concordes em dizer que os predecessores de Carlos V não assignavam manualmente, porque não era esse o uso d'aquelle tempo.

« Documentos historicos provam que D. Affonso I e seus successores eram principes esclarecidos; como pois attribuir a elles o que os auctores francezes não admittem a respeito dos principes predecessores de Carlos V? Isto basta para demonstrar o erro em que o editor cahiu impensadamente quando para explicar o facto serviu-se d'uma hypothese desviada da razão e do que nos ensina a historia.

« Tenho outrosim a honra de remetter incluso um opusculo do marechal marquez, hoje duque de Saldanha, intitulado *Concordancia das sciencias naturaes, e principalmente da geologia, com o Genesis*, que é extrahido de um trabalho do mesmo marechal sobre a philosophia de Schelling.

« Prevaleço-me d'esta occasião para renovar a V. S.ª os protestos da minha distincta consideração.

« Deus guarde a V. S.ª Lisboa, 12 de Janeiro de 1849. — Ill.mo Sr. Manoel Ferreira Lagos. — *Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond.* »

O Instituto acolhe as offertas referidas com particular agrado, e vota os devidos agradecimentos.

O Sr. Gonçalves Dias faz leitura do parecer, de que fôra incumbido, ácêrca do *Resumo da Historia do Brazil*, publicado em Pernambuco pelo Sr. Salvador Henrique de Albuquerque. — Sobre a mesa para ser discutido em tempo opportuno.

É remettida á respectiva commissão uma proposta para admissão de um membro correspondente na classe historica.

São discutidas e approvadas varias outras propostas sobre diversos objectos, decidindo tambem o Instituto que as suas sessões tornem a ser de 15 em 15 dias, como determinam os estatutos.

205.ª SESSÃO EM 10 DE MAIO DE 1849.

PRESIDENCIA DO ILL.mo SR. MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

Ás 6 horas da tarde começa a sessão com a leitura da acta da antecedente, que é approvada.

Expediente. — Officio escripto da cidade de Campinas (provincia de S. Paulo) pelo Sr. Dr. Ricardo de Gumbleton Daunt, agradecendo ao Instituto a recepção do diploma de socio correspondente, promettendo enviar-lhe algumas obras para a sua bibliotheca, e igualmente um trabalho seu sobre a palavra *Brazil.*

Do socio correspondente o Sr. coronel Antonio Ladisláo Monteiro Baena, remettendo dous exemplares da Biographia de seu filho o conego João Sanches Monteiro Baena.

Traducção.—«Sr. Presidente.— Considero um dever, na qualidade de membro correspondente do Instituto Historico, offertar-lhe um exemplar da minha *Viagem á provincia de Goyaz*, e ouso esperar que vos dignareis apresental-o de minha parte. Procurei pintar com exactidão os paizes que percorri. Possam os Brazileiros ver em minhas publicações um testemunho da gratidão que tenho sempre conservado pela hospitalidade com que me honraram.

« Tenho a honra de ser, Sr. Presidente, vosso muito humilde e obediente servo — *Augusto de St. Hilaire.* »

Recebe o Instituto, por offerta do Estado de New-York, um exem-

plar da magnifica obra sobre historia natural d'aquelle paiz, a qual o governo respectivo faz publicar actualmente.

O Sr. capitão-tenente Elisiario Antonio dos Santos offerece ao Instituto um exemplar da *Memoria sobre o porto de Pernambuco e seus melhoramentos, apresentada ao ministerio da marinha pela commissão para esse fim nomeada, e composta do capitão de mar e guerra Rodrigo Theotonio de Freitas, capitão-tenente Elisiario Antonio dos Santos, e o engenheiro José Manoel Alves Ferreira.* Rio de Janeiro, 1849.

Acolhendo com o merecido apreço as offertas supraditas, resolve o Instituto que se agradeça aos seus auctores, e que se remetta uma collecção completa de todas as suas publicações para a bibliotheca nacional de New-York.

O Ill.mo Sr. Presidente noticía achar-se presente á sessão o Sr. Isaac J. Strain, que acaba de effectuar uma longa viagem pelo interior da America Meridional, e em nome do Instituto e da sciencia felicita ao illustre viajor naturalista pelo seu regresso, manifestando-lhe ao mesmo tempo quão grato é o seu comparecimento no seio de uma associação, que se compraz de o contar no numero dos mais prestantes membros. O Sr. Strain, depois de agradecer á sociedade as provas de confraternidade e consideração que lhe outorga, participa ter já assaz adiantado um trabalho, que a seu tempo apresentará, no qual pretende mostrar as diversas relações existentes entre o Brazil e os Estados-Unidos; e tambem faz donativo ao museu do Instituto de varias amostras de mercurio, cobre, prata, &c. colhidas na California.

Passa o Instituto a occupar-se da discussão de algumas propostas tendentes ao seu progresso, as quaes ficam adiadas, e levanta a sessão ás 7 horas da noite.

206.ª SESSÃO EM 24 DE MAIO DE 1849.

PRESIDENCIA DO ILL.^mo SR. MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

A's 6 horas da tarde abre-se a sessão, lê-se e approva-se a acta da anterior.

Expediente. — O Sr. José Joaquim da Gama e Silva escreve do Pará agradecendo o titulo de socio correspondente do Instituto, e dirigindo juntamente o seguinte officio:

« Desejando eu desde Setembro de 1847, em que fui acceito como socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, poder-lhe offertar alguma producção propria, e não o podendo ainda fazer, pela razão capital de serem meus conhecimentos mui limitados para apresentar trabalho digno de tão illustre corporação, quero ao menos concorrer para o augmento da sua bibliotheca, e por isso envio a V. S.ª, para o offertar em meu nome ao Instituto, um volume manuscripto, contendo: copias das cartas e outras producções em prosa e em verso de Alexandre de Gusmão, secretario particular do rei D. João V; uma carta de D. Luiz da Cunha ao secretario d'estado Diogo de Mendonça Côrte Real; uma dita de José de Seabra da Silva ao secretario dos negocios ultramarinos Martinho de Mello e Castro; tres copias das cartas escriptas pelo marquez de Pombal ao ministro dos negocios estrangeiros de Inglaterra, pedindo-lhe satisfação pela offensa feita pelos Inglezes de queimar defronte dos portos portuguezes navios que alli deviam ter toda a segurança; copia da resposta dada pela junta dos vogaes da Universidade de Coimbra á petição de recurso interposta pelo Dr. Manoel Pedroso de Lima; copia da representação que fez no conselho dos decanos da Universidade de Coimbra o Dr. José Monteiro da Rocha; copia de uma carta do mesmo Monteiro da Rocha ao Rv.^mo principal Castro; idem de uma carta do Sr. bispo conde, sendo vigario capitular do bispado de Coimbra, ao Exmo bispo de Lamego, apresentando as razões em que se fundára para dispensar nos impedimentos

publicos do matrimonio; idem de uma dita de Antonio de Torres e Cunha ao Ex.mo cardeal Mendonça, patriarcha de Lisboa; e copia de uma carta escripta em latim, no anno de 1795, pelo bispo de Coimbra, a um bispo francez expatriado, que se achava em Hespanha.

« Deus guarde a V. S.ª Pará, 3 de Maio de 1849. — Ill.mo Sr. Manoel Ferreira Lagos, 1.º Secretario perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. — *José Joaquim da Gama e Silva.* »

Vota o Intituto cordiaes agradecimentos por esta offerta.

O Sr. 1.º Secretario apresenta o 3.º e 4.º volume das *Memorias historicas da provincia de Pernambuco*, pelo Sr. José Bernardo Fernandes Gama, que assignára por ordem do Instituto.

O mesmo Senhor propõe que o Instituto nomeie uma commissão para exhibir o seu parecer sobre o que se encontra respectivo ao Brazil na obra ultimamente publicada em París com o titulo de *Voyages dans les deux Océans, Atlantique et Pacifique*, 1844 à 1847, por Eugenio Delessert.

São incumbidos d'este trabalho os Srs. Drs. Macedo e Gonçalves Dias.

Depois da discussão de objectos relativos á boa marcha da sociedade, o Ill.mo Sr. Presidente levanta a sessão ás 7 horas e meia.

207.ª SESSÃO EM 21 DE JUNHO DE 1849.

Presidencia do Ex.mo Sr. Conselheiro Candido José de Araujo Vianna.

A's 6 horas da tarde o Ex.mo Sr. Presidente abre a sessão, e depois de approvada a acta da anterior, o Sr. 1.º Secretario, dando conta do expediente, participa haver recebido os seguintes officios:

Do socio correspondente o Sr. Isaac G. Strain, communicando que tendo de retirar-se em breve para os Estados-Unidos, bem a seu pezar lhe não restava tempo para despedir-se pessoalmente do Instituto, a quem de novo offerecia os seus serviços, com a certeza de

enviar, logo que estivesse concluida, a sua Memoria ou confrontação do Brazil com aquelles Estados. — Ficou o Instituto inteirado.

Do Sr. Dr. Antonio Manoel Fernandes Junior, acompanhando a offerta de um exemplar da 1.ª parte do seu *Indice chronologico, explicativo e remissivo da Legislação brazileira desde* 1822 *até* 1848.

Do Sr. Jeronimo Maximo Nogueira Penido, datado da cidade da Itabira de Mato Dentro, remettendo os seguintes manuscriptos: 1.° *Analyse dos empiricos Antonio Pedro de Souza e Manoel Quintão da Silva sobre a irmãa Germana, e resposta de Salvador Peregrino Arão:* 2.° *Memoria mineralogica do terreno mineiro da comarca de Sabará*, pelo Dr. Manoel de Sá Bittancourt e Camara: 3.° *Relação dos estragos na noite de* 9 *de Outubro de* 1803 *na ilha do Funchal.*

Da Academia Real das Sciencias de Munich, enviando a continuação de suas actas e memorias.

Determina o Instituto que segundo o estylo o Sr. 1.° Secretario tribute agradecimentos pelas offertas acima citadas, e que os manuscriptos sejam endereçados á commissão de redacção.

O Ex.mo Sr. Presidente apresenta os codices abaixo mencionados, remettidos de França pelo nosso consocio o Sr. Dr. Caetano Lopes de Moura, e que S. M. o Imperador se dignára franquear-lhe, bem como diversos mappas geographicos antigos sobre o Brazil, a fim de serem copiados para o archivo do Instituto, a saber: *Guerra civil, ou sedições de Pernambuco: exemplo memoravel aos vindouros.* — *Memoria sobre a parte da Guyana chamada Franceza*, pelo brigadeiro Manoel Marques. — *Informação do Estado do Brazil e suas necessidades.* — *Representação que fizeram os povos de Portugal juntos em côrtes contra a companhia do Brazil:* 1655. — *Copia de alguns capitulos de uma carta de Gaspar de Abreu de Freitas, ministro de Portugal, escripta em Londres a* 17 *de Novembro de* 1670, *e dirigida ao secretario d'estado, ácêrca das drogas das conquistas, especialmente do*

Brazil, que motivou a consulta da junta do commercio geral de 20 de Fevereiro de 1671. — Papel sobre a discordia que houve entre o almotacel mór Antonio Luiz da Camara Coutinho, governador da Bahia, e o arcebispo D. João Francisco de Oliveira: e varios outros manuscriptos sobre diversos objectos.

O Instituto mostra-se em extremo penhorado por este novo testemunho de consideração dado pelo seu augusto Protector, e ordena que se façam copiar os manuscriptos e mappas para serem depositados em seu archivo, e opportunamente impressos.

O Sr. 1.º Secretario perpetuo communica ao Instituto que constando-lhe haver fallecido o socio thesoureiro Thomé Maria da Fonseca, em conformidade dos estatutos nomeára uma deputação para assistir ao seu funeral, e que na ausencia do Sr. Orador recitára um discurso apropriado na occasião de baixar o cadaver á sepultura. — O Instituto, ouvindo com summo pezar esta communicação, passou a nomear ao socio Sr. João José de Souza Silva Rio para exercer o logar de thesoureiro até proceder-se á eleição definitiva na proxima assembléa geral ordenada pela sua lei organica.

Não havendo mais nada a tratar-se, levanta-se a sessão.

ADVERTENCIA.

A Biographia de Thomaz Antonio Gonzaga, impressa no numero antecedente, é devida á penna do socio Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen, cujo nome por esquecimento se omittiu.

REVISTA TRIMENSAL

DE

HISTORIA E GEOGRAPHIA,

OU

JORNAL DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO.

N.° 15. — 3.° TRIMESTRE DE 1849.

ROTEIRO COROGRAPHICO

Da viagem que o Ill.mo e Ex.mo Sr. Martinho de Souza e Albuquerque, governador e capitão general do Estado do Brazil, determinou fazer ao rio das Amazonas, em a parte que fica comprehendida na capitania do Grão-Pará: tudo em destino de ocularmente observar e soccorrer a praça, fortalezas e povoações que lhes são confrontantes.

(Manuscripto original offerecido ao Instituto pelo 1.° Secretario perpetuo Manoel Ferreira Lagos.)

No dia 18 de Setembro de 1784 mandou S. Ex.ª apparelhar, guarnecer e municiar seis canôas, quatro pequenas igarités e um bote, fazendo distribuir ao referido respeito as ordens seguintes:

1.° Que a canôa *Nossa Senhora d'Ajuda* seria para o transporte da sua pessôa, e como tal navegaria na vanguarda, acompanhada de duas das ditas igarités, para haverem de participar na comitiva as suas ordens.

2.° Que a canôa *Nossa Senhora da Boa Viagem* se lhe seguiria, transportando o seu ajudante de ordens Manoel Thomaz Serra

e o tenente Cordulo Cazimiro, para as diligencias que a occasião exigisse.

3.° Que a canôa *Santa Martha* serviria de cozinha, assim como tambem a canôa *S. Amaro* serviria de armazem de deposito, tanto para a despensa do dito Sr., como para os mantimentos das esquipações das mais canôas; razão porque navegariam no centro de toda a linha.

4.° Que a canôa *Nossa Senhora da Redempção* transportaria o padre capellão José da Silva e Cunha e o cirurgião José de Seixas de Brito, navegando immediata ás duas canôas ditas.

5.° Que a canôa *Nossa Senhora da Piedade* transportaria o Dr. intendente geral Mathias José Ribeiro e o sargento mór engenheiro e commandante d'artilharia João Vasco de Braun, os que cobririam a retaguarda, acompanhados da terceira igarité.

6.° Que a quarta igarité e o bote navegariam nos uteis e precisos logares, transportando aquella os caçadores, e este os pescadores; assim como tambem navegariam avulsas e supernumerarias as duas canôas que transportavam para o Rio Negro o Dr. naturalista e seus riscadores.

7.° Que os officiaes inferiores, que se achavam nomeados para cabos das canôas, sempre que o tempo e a viagem o permittisse se achariam na canôa general, logo que n'ella se acabasse de tocar a recolher, para então receberem o santo e as ordens que o dito Sr. fosse servido determinar.

8.° Que logo que na comitiva apparecesse embarcação demais, seria obrigado o cabo da canôa por onde mais perto passasse de averiguar o seu destino, e a quantidade e qualidade de pessôas que trouxesse, para por passagem de palavra, ou por algumas das igarités das ordens, fazer esta participação ao cabo da canôa general; e caso de ser só avistada a dita embarcação, se fizesse com esta explicação o mesmo aviso, para S. Ex.ª resolver o que achasse mais justo.

9.° Que sempre que se désse fundo ou portasse de noite, ficasse uma pessôa vigilante em cada canôa para participar ao seu respectivo

cabo as novidades que acontecessem, e este ao da canôa general, se o caso o pedisse ou merecesse.

10.° Que nenhuma das sobre referidas canôas poderia (sem urgente necessidade) portar ou dar fundo sem a canôa general o ter feito e segurado com o toque da chamada; assim como tambem largar ou levantar ferro, pondo-se em viagem, sem a mesma canôa o ter indicado com o toque da generala, segurando a direcção com a marcha dragona.

11.° Que igualmente não deveria nenhuma canôa adiantar-se á canôa general, á excepção da travessa de alguma bahia ou força do tempo; porque então procuraria cada uma o porto do destino ou do seu abrigo, como melhor e mais depressa podesse.

12.° Que quando alguma das canôas se achasse em conflicto, fosse em viagem, portado, ataque de gentio, ou qualquer outro incidente, faria logo signal com um tiro de espingarda, e á proporção da necessidade que tivesse de soccorro amiudaria os seus tiros, ficando todas as mais canôas na indispensavel obrigação de fazerem com a maior brevidade o esforço possivel para lhes acudir.

13.° Que cada um dos cabos nas suas respectivas canôas seriam obrigados, ao largar de qualquer porto, de contar a sua esquipação, dando parte da falta ou novidade que encontrassem em qualquer dos individuos d'ella ao Dr. intendente geral, para este lhes dar a providencia que julgasse precisa.

14.° Que quando as canôas estivessem portadas em qualquer sitio ou povoação, de nenhuma fórma consentiriam os cabos d'ellas que os Indios das suas esquipações pernoitassem fóra do seu bordo, fazendo-os recolher a elle logo que o tambor da canôa general fizesse esse toque: ficando tambem os ditos cabos responsaveis pelos Indios que deixassem de assistir com reverencia ao santo sacrificio da missa, que nos dias de preceito, em terra ou na canôa general, devia o capellão dizer, para o que se havia de fazer signal pelo tambor da mesma canôa.

15.° Que o commandante d'artilharia, além das armas, polvora e chumbo com que mandou fornecer as canôas da comitiva, faria

mais em a villa de Almeirim prover cada uma das canôas grandes com doze cartuxos de polvora e bala, e cada uma das pequenas igarités com seis, tudo competente aos seus adarmes.

16.º Que as igarités que fossem fazer lenha no mato, ou qualquer outra que tivesse algum ataque dos gentios, que vadeiam pelas margens que na viagem se deviam costear, lhes não fariam fogo sem ser em natural defensa, e nunca sendo os primeiros que rompessem; muito menos se o tempo e as circumstancias lhes permittissem fazer primeiro a participação d'esta novidade á canôa general.

Pará, 18 de Setembro de 1784. — Com a rubrica de S. Ex.ª.

Na noite de 19 de Setembro do referido anno, pelas oito horas e meia, sahiu S. Ex.ª do seu palacio, e se dirigiu á ponte da alfandega, acompanhado de toda a nobreza da cidade [1]: embarcando ahi pelas nove horas, se pôz em viagem, atravessando pelas nove e tres quartos a bocca do rio Guajará [2], e pelas onze a bocca do rio Uacará [3].

No dia 20 nos aclarou o crepusculo matutino no porto do en-

[1] Fica a cidade em a latitude austral de 1º e 28'.

[2] Rio Guajará, a que o vulgo com equivocação chama Guamá, porque na distancia de uma maré pelo rumo de E. 4.ª de S. E. é que entra no rio Guajará o Guamá, tendo este as suas terras baixas e proprias para a lavoura da canna, o que deu causa de se estabelecerem varios engenhos de assucar e aguardente: tambem tem bastantes sitios além da povoação da villa de Ourém, que fica na margem septentrional quarenta e tres leguas distante da cidade, e na mesma margem quatro leguas superior se acha a do Porto Grande. No logar em que no rio Guajará principia o Guamá pelo rumo de S. O. 4.ª do S. fica a bocca do rio Capim, sendo o encontro d'estes dous rios a cabeceira e fim do dito Guajará. O rio Capim tem tambem alguns engenhos e sitios, e a povoação de S. Bento distante da cidade setenta leguas. *N. B.* Padecem os moradores d'este rio o espantoso phenomeno da *pororóca*, que é uma elevação das aguas nas conjuncções da lua, o que principia com o fluxo da maré dez leguas acima da sua bocca, proseguindo com a maior voracidade até a distancia de trinta leguas por elle [illegible]ma.

[3] O rio Uacará é tambem bastante proprio para a lavoura da canna; razão porque tem bastantes engenhos e sitios.

genho de Carambaba, que fica distante da cidade dez leguas em a margem septentrional do rio Mojú [1] : na ermida d'este engenho mandou S. Ex.ª dizer missa, e acabada ella chegaram ao dito engenho o juiz de fóra e algumas pessôas da cidade a cumprimentar de despedida o dito Sr. Logo depois de almoçar se proseguiu a viagem rio acima, portando para jantar na margem austral: acabado elle se despediram as referidas pessôas da cidade, ficando no engenho de João Pedro Pantoja, que dista da mesma treze leguas: pelas cinco horas e tres quartos portámos na bocca do Igarapé-merim [2] a esperar que chegasse o Dr. naturalista e seus riscadôres, que da cidade tinham sahido na comitiva, e até então não haviam apparecido, para juntos (como S. Ex.ª queria) passarmos o dito Igarapé; e como até a meia noite não chegaram, estivemos toda ella fundeados na referida bocca defronte do sitio de José Antonio de Oliveira, que dista da cidade dezenove leguas.

No dia 21 pelas cinco horas da manhãa appareceram as duas canôas do dito Dr., e então proseguimos a viagem, passando em meia hora o referido Igarapé, portando ás oito em a freguezia de Santa Anna [3], que dista da cidade vinte leguas, onde S. Ex.ª, depois de

[1] Rio Mojú é o mais extenso rio que ha visinho da cidade; tem a sua direção do sul para o norte. As suas terras são em parte alguma cousa elevadas e bastante fructiferas, tem varios engenhos e sitios até a distancia de oitenta leguas, d'onde se principia a desconhecer; razão porque se ignora até onde chegam as suas cabeceiras. Dizem que são habitadas de algumas nações de gentios; porém como este rio não tem sido de todo penetrado, póde muito bem ser que só seja alguma das do rio Tocantins, pela visinhança em que se acha. Tambem alguns practicos seguram haver nas ditas cabeceiras muito cravo.

[2] Igarapé-merim, que no idioma portuguez quer dizer *caminho pequeno de canôa*, é um riacho tão apertado que apenas passa por elle uma mediana embarcação. É o furo por onde se communicam as aguas do Mojú com as do Guanapú a unica passagem que ha para as canôas que vem do sertão, a não se quererem arriscar sahindo a barra do rio Tocantins, que abunda em recifes de pedra.

[3] Freguezia de Santa Anna do Igarapé-merim foi erecta parochia em o anno de 1755 pelo Ex.mo bispo D. Fr. Miguel de Bulhões, sendo até esse

ouvir as missas do seu capellão e do vigario, passou uma exacta revista ao dito templo e suas officinas, informando-se individualmente do estabelecimento d'aquella freguezia; e do sargento mór engenheiro, da mais segura e commoda fórma de a reedificar. Continuando depois a viagem, fomos jantar ao rio Guanapú [1] em o sitio chamado do Catimbáo; sahindo d'elle pelo meiodia proseguimos a viagem até as sete horas da noite, e chegámos á espera da bahia do Marapatá, que fica trinta leguas da cidade: ahi passámos a noite a esperar pelo Dr. naturalista, que chegou á meia noite, tendo pouco antes vindo portar n'aquelle logar a canôa de negocio da villa de Oeyras, entregando as cartas e guias que trazia da sua carga ao dito Sr. e ao Dr. intendente geral.

No dia 22, pela uma hora da madrugada „ atravessámos as duas bahias successivas do Marapatá (latitude austral 2°) e Limoeiro [2], em que gastámos tres horas, indo portar ao amanhecer no engenho do Limoeiro, onde S. Ex.ª desembarcou para ouvir a missa que mandou dizer pelo seu capellão; chegando a este sitio o referido Dr. naturalista, pelas sete horas e meia, assim como tambem algumas pessôas de Villa Viçosa do Cametá a cumprimentar S. Ex.ª Pelo meiodia, depois de se jantar na canôa general nos pozemos em viagem pelo canal a que o dito engenho dá o nome de Limoeiro, atravessando a bocca do canal chamado do Pajé pelas quatro horas, e entrando então pelo

tempo capella de um particular chamado Paulo de Sages Barros. Pelo mappa da população consta ser de 964 pessôas.

[1] Rio Guanapú é um rio que vai do Igarapé-merim á bahia do Marapatá; n'elle desembocam varios outros rios e furos, que ainda que não sejam dos mais celebrados d'este Estado, sempre contém em si alguns sitios e engenhos de aguardente.

[2] As duas bahias do Marapatá e Limoeiro fazem a barra do rio Tocantins, e contém a distancia de cinco leguas. Este rio é um dos mais celebres e abundantes da America, como se poderá ver no roteiro da viagem que a elle se fez em o principio d'este anno: ainda se ignora onde chegam as suas cabeceiras, por passarem muito além da cordilheira das Minas Geraes, até onde é vadeado e conhecido, como mais auctorisadamente se poderá ver em *Berredo* e *Vida do padre Vieira.*

Curussá ou Japí chegámos pelas oito á bocca d'elle, onde fazem espera os que devem atravessar a bahia chamada de Pedro Furtado ou de Maruarú, havendo nos ditos canaes vencido a distancia de nove leguas. N'esta noite se não ajuntou comnosco o Dr. naturalista.

No dia 23, pelas quatro horas da madrugada, nos pozemos em viagem, costeando as ilhas chamadas de Cupijó, e d'ellas passando ás de Araticú, chegámos pela uma hora da tarde a portar na villa de Oeyras [1], que fica seis leguas afastada da espera, d'onde pela madrugada partimos: logo S. Ex.ª desembarcou e se dirigiu á freguezia, que tem o orago de Nossa Senhora da Assumpção, ordenando ao sargento mór engenheiro tomasse os apontamentos precisos para da cidade se indicar a reedificação do dito templo, e ao Dr. intendente geral que mandasse providenciar á falta de azeite que havia, e que o vigario protestava ser causa de não existir no sacrario o sagrado viatico; passando tambem com o mesmo ministro uma exacta revista aos livros do commercio da villa. Pelas duas horas chegou o Dr. naturalista, contando que em aquella manhãa na sobredita bahia de Maruarú tinha cahido da borda da canôa o seu criado, e que apezar de todas as possiveis diligencias se não tinha podido salvar. Nas horas competentes S. Ex.ª convidou a jantar na sua canôa o vigario, director e o capitão Agostinho José Penorio, senhor de um engenho visinho, d'onde tinha vindo cumprimentar a S. Ex.ª: depois de jantar se dirigiu a observar a villa, entrando em algumas casas particulares e na da camara, onde passou revista aos livros e armazem do negocio do commum; indo mais á casa do mestre de campo que ahi reside (Indio que foi condecorado com este posto no anno de 1767), e se achava doente de um pleuriz maligno, man-

[1] Villa de Oeyras, na latitude austral de 1° e 55'. Esta villa esteve muito tempo situada quatro leguas mais ao norte, debaixo do nome de aldêa dos Bócas, por serem os seus moradores e primeiros fundadores da nação Combóca; razão porque tambem a bahia que se segue á dita villa se chama bahia dos Bócas: depois teve o de aldêa de Araticú, por se chamar assim o rio em que está situada, passando para o que presentemente tem no anno de 1758. Pelo mappa da população consta ser esta villa de 1,801 pessôas.

dando logo que o visitou chamar o cirurgião que levava na comitiva, ordenando-lhe fizesse e applicasse todo o possivel remedio, para o que lhe franqueou todos os que se conduziam na sua botica; o que se executou com tanta franqueza, que até se lhe deixaram medicamentos para se usarem no decurso da molestia: passando depois á casa do director para lhe fazer as suas insinuações sobre o fervor da agricultura, mandou tambem chamar o vigario, a quem recommendou todo o cuidado na molestia do dito mestre de campo, tanto para o melhoramento da sua saude, como para bem da sua alma (caso de ir a maior perigo a sua doença), e restabelecendo-se, lhe recommendava que da sua parte lhe dissesse que elle tinha alli vindo na tenção de muito severamente o reprehender, pelas informações que tinha de sua intrigante e revoltosa conducta, em que esperava tivesse emenda, para não ser obrigado a exemplarmente o castigar: depois fez tambem ao vigario e director circumspectas recommendaçeõs para a continuacão da sua boa harmonia e vigilancia, que unanimemente elles deviam ter na educação e religião dos moradores, de quem cordialmente se despediu, recolhendo-se á sua canôa para cear e dormir.

No dia 24 pela uma hora da madrugada proseguimos o nosso destino pelo rio Araticú fóra, na bocca do qual esperámos maré até as cinco horas, em que a nós chegaram as canôas do Dr. naturalista; e dirigindo-nos então por entre as ilhas da bahia dos Bócas, fomos portar ao meiodia no segundo furo chamado de Mutuaeá, onde jantámos e passámos a tarde por causa dos grandes ventos contrarios, que n'ella reinaram até as sete horas e meia da noite, em que nos deram logar a continuar a nossa derrota por entre as ditas ilhas, deixando á direita a bocca do canal Jupatituba.

No dia 25 pelas oito horas da manhãa chegámos á villa de Melgaço [1], que fica treze leguas distante de Oeyras, encontrando-nos

[1] Villa de Melgaço, na latitude austral de 1° e 50', que até o anno de 1758 se chamou aldêa de Aricurú, está situada em uma das ilhas que formam a entrada do grande canal de Pajepurú: esta povoação foi sempre de par-

antes uma legua o director e seu filho, e pouco depois o vigario e o capitão Pedro Ferreira, que todos acompanharam o dito Sr. até o desembarque, onde o senado da camara o esperava debaixo de um arco triumphal; e fazendo-lhe o juiz ordinario uma oração, o conduziram por baixo de uma arcada guarnecida de varios medalhões, que com diversos emblemas a condecoravam, até a porta da freguezia, que tem o orago de S. Miguel, onde depois de se dizer missa fez S. Ex.ª uma exacta revista ao estado da igreja e suas officinas: passando á casa da camara a examinar os livros e disposições d'ella, fez tambem lavrar a patente de ajudante dos Indios da dita villa a um que teve a informação de haver mais de tres annos bem servido o dito emprego, igualmente deferindo e despachando todos os requerimentos que lhe foram apresentados; e ponderando não haver na dita villa açougue algum para o preciso e diario sustento, depois de ser tão numeroso o seu povo, mandou pôr em lanços como contracto real o dito açougue, que ficou rematado em hasta publica pelo preço de 10 rs. cada libra de vacca, com obrigação de se apromptar toda a que a povoação precisasse. Acabada esta tão necessaria e providente diligencia, passou a revistar e inspeccionar os livros do commercio commum, fazendo depois servir o jantar, para que convidou na casa da residencia o vigario, director e pessôas que ahi se achavam, á excepção do Dr. naturalista e seus riscadores, que chegaram pelas quatro horas da tarde: depois d'ellas, passou o dito Sr. á escola aonde se ensinam os menores, ordenando se lhes fizessem algumas perguntas do catechismo, as quaes depois de ouvir responder pelos discipulos e discipulas, lhes fez repartir differentes premios, segurando ao mestre e director a sua approvação e satisfação: acabada esta diligencia, fez o passeio da terra, vendo e examinando as officinas e casas d'ella, e passou depois á freguezia a rezar a ladainha de Nossa Senhora com toda a gente (que fez cha-

ticular expectação, pelas duas poderosas nações dos Mayanazes e Nheengaibas, que a fundaram, como melhor se poderá ver no livro 3.º da *Vida do padre Vieira*. Hoje pelo mappa da população consta ser de 1,897 pessôas.

mar; : acabada ella recolheu-se ao seu quartel general, e convidou a cear as mesmas pessôas que com elle tinham jantado.

No dia 26, pelas seis horas da manhãa, se dirigiu S. Ex.ª á igreja, onde se disseram as duas missas do vigario e capellão, que o dito Sr. ouviu e a sua comitiva: acabadas ellas, se recolheu fazendo servir o almoço, e pelas oito horas se embarcou e largou do dito porto com vento fresco, e á uma larga pelo rio Aricurú acima em demanda da villa de Portel [1], que fica quatro leguas distante da de Melgaço: pelas onze horas da manhãa portámos no porto d'aquella villa, onde o esperava debaixo de um arco triumphal o senado da camara, e depois do procurador lhe felicitar a sua boa vinda, o conduziram debaixo de pallio até a freguezia, que tem o orago de Nossa Senhora da Luz, onde se achava o vigario para dizer a sua missa, que o dito Sr. ouviu e a sua comitiva; dirigindo-se depois á casa da camara, e d'ahi a ver a povoação e casa da residencia, onde fez chamar o director, o vigario e a um Indio que tem a patente de sargento mór do mato, e com ella influe varias intrigas em que a villa tem abundado, fazendo a todos tres uma instructiva practica ao fim da sua boa harmonia e conservação, e segurando ao dito sargento mór o desagrado e severo transporte com que o trataria, se mais lhe constasse desordem alguma que elle fomentasse; e recolhendo-se á sua canôa, convidou a jantar n'ella o vigario e director: depois o dito Sr. ordenou e providenciou o estabelecimento de uma olaria, visto lhe segurarem a grande necessidade que aquelle povo padecia de louça; e despedindo-se cordialmente do vigario, a quem não consentiu que o acompanhasse, proseguimos a nossa viagem de-

[1] Villa de Portel, na latitude austral de 2°, que até o anno de 1758 se chamou aldêa de Aricará, está situada em a terra firme, cabeceira do canal Aricurú, visinha aos grandes rios Uanapú e Pacajaz: tem este trabalhosa navegação, por se encontrarem n'elle varias cachoeiras e recifes de pedra; mas dizem abundar em páo cravo, e que nas suas fontes habita bastante gentio. Foram fundadores d'esta aldêa as nações Pacajás e Taconhapes, a que depois se uniram os Uanapús e os Tucujús, bem contemplados no livro 3.° da *Vida do padre Vieira*, e nos *Annaes* de Berredo, art. 581 ibid. Pelo mappa da população consta ser hoje de 2,539 pessôas.

mandando a bocca do furo Ayangú, na entrada do qual nos carregou uma tão forte trovoada que perdemos a vista e conserva das canôas do Dr. naturalista; e passando depois ao repartimento chamado do Curuarí, onde ceámos e algumas horas esperámos pelo dito Dr., que por não apparecer continuámos viagem, despedindo-se tambem ahi o director da dita villa, que tinha vindo acompanhar S. Ex.ª

No dia 27, ao aclarar do crepusculo matutino, nos achámos na bocca do canal chamado Tajepurú-tapéra, pelo qual navegámos toda a manhãa até o meiodia, que portámos para jantar na bocca do Tajepurú-assú, tendo até ahi vencido doze leguas de distancia da villa de Portel: pela uma hora e meia da tarde proseguimos a nossa viagem pelo dito canal, e então principiámos a navegar pelas aguas do rio das Amazonas [1], por ser este o primeiro furo da parte meridional

[1] Rio das Amazonas, do Grão-Pará, Orellana, e Maranhão, que por todos estes titulos é no mundo conhecido, com a etymologia que se poderá ver nos auctores abaixo citados. * Corre este rio serpentinadamente por baixo da linha equinocial, tendo a sua fonte ou cabeceira ao sul d'ella, na lagôa Lauricocha, junto á cidade de Guanuco do reino do Perú: não se apartando nunca a sua direcção mais de 5° de latitude austral, termina a sua barra ou foz pela margem septentrional o cabo do Norte, que fica n'este polo em latitude de 2° e 10', e longitude 327° e 20', e pela margem austral o que adiante se dirá. Mil e oitocentas leguas dizem os auctores e cosmographos de melhor nota ter de comprimento, sendo d'ellas 492 1/2 pertencentes aos dominios de Portugal, desde a dita foz até a fortaleza de S. Francisco Xavier de Tabatinga, em que se acha de guarnição um official subalterno e 24 soldados destacados da capital. Mais de duzentas nações gentias se lhe tem até ao presente descoberto, sendo algumas anthropophagas, e n'estas as de maior braveza e incommodo a este Estado a dos Muras, que vivem de corso e a pessôa alguma dão quartel, e a dos Mundrucús, que permittindo-o ás mulheres e ás crianças, aos homens lhes não deixam logo de cortar as cabeças, com que decoram os trophéos das suas

* Galvão. *Descobrimento do Mundo.*— Pitta. *Historia da America Portugueza.* — Laeth. *Descriptio utriusque Americæ.* — Conde de Pagan. *Description de la grande rivière des Amazones.*—Ovalle. *Relacion del Reyno de Chile.*—Rodrigues. *Maranon y Amazonas.* — Medrano. *Descripcion del Mundo y sus partes:* tomo II, liv. IV.—Padre Samuel Fritz. *Mappa* impresso no anno de 1701. — *Vida do Padre Vieira.* — *Annaes Historicos* de Berredo. — Guadalaxara. *Hist. Pontif.*, parte 5.ª

por onde ellas correm para a sua grande foz : pelas oito horas e meia da noite portámos em uma ilha do mesmo canal, onde se serviu a

casas e heroicidades ; sendo tal a infelicidade dos dominios portuguezes, que já hoje tem tão entranhados estes deshumanos que chegam a atacar os visinhos da villa do Gurupá, que só dista da cidade noventa leguas. As divisas que todas estas incultas nações tem pensado, para se differençarem e horrorisarem, são tantas como o seu grande numero ; porque uns rasgam as orelhas, outros furam os beiços, outros o nariz, outros se queimam e cicatrizam com varios causticos e espinhos, fazendo extravagantes e lamentaveis debuxos, outros comprimem as cabeças na tenra idade, para depois terem o particular gosto de lhes ficarem chatas, etc. ; acompanhando todas estas barbaridades em occasião das suas batalhas ou festejos com os adornos mais horriveis que a humanidade e o aceio poderia consentir, porque além de muitos outros, chegam algumas d'estas nações a se untarem com sangue e coração humano, que para aquellas occasiões guardam com todo o cuidado e desvelo ; concorrendo até a natureza para a singularidade das suas raras figuras, como o auctorisa o padre Vieira na descripção que faz d'este grande rio, dizendo a fl. 90 do livro 1.° que n'elle demoram os Matuzás de pés virados, os Curinquans gigantes, e os Goajazis pigmeos, tendo nós hoje mais a noticia dos Cauanás e Uginas, que consta não terem mais de cinco palmos de alto e existirem junto ás cabeceiras do rio Yuruá, que desagua na margem austral do Amazonas em latitude meridional de 2° e 3' e longitude de 313° e 28' ; sendo mais de admirar a nação que no mesmo rio demora debaixo do nome de Coatá-tapieya, que quer dizer nação de certos monos chamados *coatás ;* affirma-se terem caudas todos os d'esta nação, por procederem de Indias que se fecundaram com os ditos monos : a qualidade d'estes animaes poderá o curioso ver na *Historia Natural* de Mr. de Buffon, tom. 3.° fl. 22 da 4.ª ediç., para a qual eu remetto toda a questão, podendo aqui só dizer, para auctorisar esta constante e vulgar noticia, que n'esta cidade se acha uma formal e authentica attestação do padre Fr. José de Santa Thereza, religioso carmelita e vigario do logar de Nogueira, em que testifica, em *verb. sacerd.*, ter vindo alli em 15 de Outubro de 1768 um dos referidos Indios, a quem elle fizera despir debaixo do pretexto de tirar do rio umas tartarugas, e então lhe víra (sem padecer duvida) uma cauda da grossura de um dedo pollegar, e do comprimento de meio palmo, asseverando o dito Indio que todos os mais da sua nação assim tinham. São tantas as mais raridades que se encontram n'este rio e seus feudatarios, que seria preciso para as narrar interromper o breve roteiro d'esta viagem ; pelo que poderão os curiosos recorrer aos auctores citados,

cêa, e acabada ella continuámos viagem até a meia noite, em que portámos em a margem septentrional, para dar descanso aos Indios.

No dia 28, pelas cinco horas e meia da madrugada, nos pozemos em viagem pelo mesmo canal acima até o meiodia, em que atravessámos a bocca do canal chamado Jaburú: pelas duas horas da tarde portámos, para jantar, na margem oriental; acabado elle nos carregou uma trovoada de fórma que embaraçou a continuação da viagem até as quatro horas e meia da tarde, em que a podémos proseguir até a ilha chamada das Pacas, onde nos repetiu outra trovoada pelas nove horas da noite, que nos obrigou a com todo o trabalho procurar a terra que fica no rumo de S. E., fronteira á dita ilha, e distante da bocca do Tajepurú-assú dezeseis leguas.

No dia 29, pelas cinco horas e meia da manhãa, largámos do dito sitio, e proseguindo a nossa viagem, chegámos pelas oito horas e meia á primeira bocca da bahia do Vieira [1], que fica duas leguas dis-

onde admirarão tantas vezes a prodigalidade da natureza, quantas nos transportaram os novos objectos que todos os dias se nos apresentavam nas margens d'este portentoso rio. Tem a barra em que elle no Oceano desembocca 77 1/2 leguas, fazendo o termo da sua foz pela parte do norte o cabo do mesmo nome (como já fica dito): n'esta margem desaguam alguns ponderaveis rios, porém como entram no grande tronco do Amazonas, ainda que junto á sua foz, nada direi a seu respeito, só sim que pela parte austral não é este o rio que termina a barra referida na ponta chamada da Tigióca, pois pela dita margem correm independentes os rios Guajará, Uacará e Mojú, descriptos na primeira noite e dia d'esta viagem, e tambem o rio Tocantins com a pequena porção de aguas, que o sobredito rio das Amazonas lhe lança junto á sua barra pela bahia de Maruarú, onde se ajuntam com as que vem pelo canal de Tajepurú os rios Pacajaz e Uanapú, vindo com esta pouca dependencia a formar todos a bocca a que vulgarmente chamam do Amazonas.

[1] Bahia do Vieira é uma bahia que tem tres leguas de largo, que forma a impetuosidade e peso das aguas do rio das Amazonas, que pelas duas boccas acima ditas a soccorrem com tal violencia, formando no seu fundo (que é de arêa) tão differentes e inconstantes correntezas, que tem n'ellas succedido infinitas desgraças; sendo a de um famigerado homem chamado N. Vieira a causa do nome por que vulgarmente é conhecida.

tante da ilha das Pacas : pelas nove e trinta e cinco minutos tinhamos atravessado a dita bocca, portando em o principio do furo que ha entre as duas bocainas que formam a dita bahia : pelas dez horas se disse missa na canôa general, e acabada ella proseguimos o dito furo até o meiodia e tres quartos, que chegámos ao fim, onde portámos para jantar e buscar abrigo do vento contrario que nos embaraçava: pelas duas horas e quarenta minutos tentámos atravessar a outra bocca da dita bahia, o que acabámos de conseguir pelas quatro horas, e por debaixo de uma trovoada, que fez chegar todas as canôas separadas e fóra da sua determinada ordem : logo que se reuniram, na bocca de um igarapé chamado do Salvador, e onde se completam as tres leguas que tem a bahia de largo, continuámos viagem pelo dito igarapé, chegando ao sitio chamado o Cruzeiro pelas sete horas, portando pelas nove em uma ilha conhecida pelo nome das Guaribas, onde ceámos e dormimos, tendo ahi vencido as tres leguas que dista esta ilha da bocca do sobre referido igarapé.

No dia 30, pela uma hora da madrugada, continuámos a nossa viagem em demanda da bahia do Vieirinha [1], que principiámos a atravessar pelas duas horas e vinte minutos, acabando de o conseguir pelas tres; e proseguindo sempre viagem, fomos portar em a espera da bahia de Macapá pelas onze horas da manhãa, onde vencemos as sete leguas e meia que ha de distancia da ilha das Guaribas. Na referida espera jantámos, ceámos e dormimos, acommettendo-nos no decurso d'este tempo quatro trovoadas.

No primeiro do mez de Outubro, pelas quatro horas da madrugada, nos pozemos em viagem, quando a maré tinha tres quartos de enchente, e depois de termos costeado alguma distancia pelo rio das Amazonas abaixo, principiámos a travessia d'esta bahia, que tem cinco leguas de largo, dirigindo-nos á praça e villa de S. José do

[1] Bahia do Vieirinha é uma pequena bahia, que apenas tem tres quartos de legua, formada das aguas que por dous igarapés lhe vem das cabeceiras da bahia do Vieira, além de outra correnteza com que immediatamente é soccorrida do rio das Amazonas; razão porque ella é tambem bastante perigosa.

Macapá [1], onde portámos pelas oito horas, tendo vindo a bordo da canôa general, pelas sete, o capitão commandante da praça. Logo que S. Ex.ª chegou debaixo do alcance da artilharia, foi salvado com vinte e uma peças. Na praia onde desembarcou o esperava a nobreza da villa, que o acompanhou até a entrada d'ella, aonde se achava postada a tropa da guarnição; e pouco mais adiante havia um arco triumphal, debaixo do qual o esperava o senado da camara com um pallio, á sombra do qual conduziram o dito Sr., logo que o juiz vereador lhe felicitou a sua vinda em nome do povo com uma erudita oração. Interior ao dito arco se achava tambem postado em batalha o corpo de infantaria auxiliar, e quando o dito Sr. passou pela frente d'este o de tropa paga o salvou com tres descargas de mosquetaria. N'este ceremonial foi S. Ex.ª conduzido á freguezia, que tem o orago de S. José, á porta da qual o esperava o vigario com capa de asperges para lhe dar agua benta, e depois passando ao altar-mór com diacono e sub-diacono se abriu o sacrario, cantando-se no côro as orações do

[1] Macapá até o anno de 1758 foi sómente povoada por familias, que para alli vieram das ilhas dos Açores e Canarias por ordem do Sr. rei D. João V, e em 4 de Fevereiro do dito anno se creou villa por ordem do Sr. rei D. José I, e no anno de 1764 por ordem do mesmo Senhor se fez n'ella uma fortaleza de pedra e cal, que importou em perto de dous milhões de cruzados, e consta de um quadrado fortificado pela maneira de Mr. de Vauban, defendido por oitenta e quatro peças de artilharia (sendo a terça parte de bronze), duzentos soldados de tropa paga e um terço de infantaria e cavallaria auxiliar, com que se guarnece a villa e praça que hoje existe. As suas campanhas são de planicies altas e escalvadas, com a interposição de varias pequenas matas, correndo d'esta fórma pelas faldas de toda a cordilheira que divide a Guyana. Pelo mappa da população consta ser de 1,749 pessôas.

N. B. Não é esta a antiga fortaleza de S. Antonio de Macapá, que nós edificâmos nas ruinas da de Camaú, de que os Inglezes se apossaram até o anno de 1688, e que tornámos a recobrar dos Francezes no anno de 1697, porque aquella, além de ser no cabo do Norte, fica na latitude de 2° e 10' ao mesmo polo, e mais de 50 leguas distante d'este sitio: temos para auctorisar a sua mudança uma carta regia do Senhor D. Pedro II, que se acha registada nos *Annaes* de Berredo a fl. 628, e todas as mais differenças que se podem ver nos artigos seguintes do mesmo livro.

Tantum ergo e do *Te Deum:* fechando-se então o sacrario, passou para o altar-mór a dizer missa o capellão do dito Sr., que com toda a sua comitiva a ouviu. Dirigindo-se depois a revistar a casa da camara e hospital, examinando n'este o estado da botica e precisas officinas, passou a visitar cada um dos enfermos, indagando-lhes a satisfação do seu tratamento: acabada esta diligencia, visitou os dous engenhos, que ha na villa, de descascar o arrôz, que alli se lavra, e se recolheu ao seu quartel general, onde convidou a jantar o vigario e seu coadjutor, o commandante da praça e o provedor da fazenda real. De tarde se dirigiu á fortaleza, a que passou uma individual revista, ordenando ao sargento mór engenheiro notasse e especificasse o estado e carencia da fortificação e artilharia, para se haverem de regular as necessarias providencias, dando logo a de passar ao telheiro onde se faziam os concertos dos reparos da dita artilharia, para ahi na sua presença o referido sargento mór explicar as preceitosas dimensões com que se deviam cortar d'alli em diante as madeiras para os ditos concertos. Acabadas estas diligencias, e tambem a luz do dia, deu na praça d'armas as ordens e o santo, que foi Santa Maria Belem, e se recolheu ao seu quartel general, fazendo servir com chá a todas as pessôas que o acompanharam.

No dia 2 do dito mez, pelas sete horas da manhãa, passou S. Ex.ª á freguezia a ouvir a missa do seu capellão, e depois d'ella se recolheu ao quartel general, fazendo servir o almoço; e acabado elle principiou com o Dr. intendente geral a despachar mais de cento e cincoenta requerimentos que lhe fizeram em aquella manhãa os moradores da villa, convidando depois a jantar as mesmas pessôas do dia antecedente. De tarde despachou outras mais petições que se lhe offereceram, em quanto o dito ministro fez rematar o contracto do açougue, vencendo as insuperaveis difficuldades que os marchantes tinham de fazer cortar a carne de vacca a 10 rs. a libra; fazendo-se na escriptura declarar a abundancia com que haveria este tão preciso e indispensavel mantimento, de que o povo se queixava tinha havido grandes faltas, rematando-se igualmente o contracto da aguardente: depois passou o referido Sr. a ver e observar a terra,

visitando algumas pessôas d'ella, e d'ahi passou a uma olaria que pertence á fazenda real, ordenando como se devia conservar e fabricar. Tambem determinou que do dia seguinte em diante se houvesse de dizer missa nos dias de preceito na capella da fortaleza, para que a guarnição e aquelle bairro visinho não ficasse sem missa como lhe constava havia muito tempo succedia; pelo que convocou o coadjutor da freguezia (que por não ter ordenado algum se queria retirar da villa) para que houvesse de satisfazer esta obrigação, segurando-lhe que logo que se recolhesse á cidade lhe enviaria a precisa provisão para lhe satisfazerem por aquelle trabalho uma meia congrua para a sua conservação: recolhendo-se depois ao quartel general, deu n'elle as ordens e o santo, que foi Santo Antonio d'Elvas, e no seu devido tempo fez servir a cêa.

No dia 3, pelas cinco horas da madrugada, sahiu S. Ex.ª a cavallo com a sua comitiva, acompanhado do capitão commandante, do provedor da fazenda real e de alguns practicos, a observar a campanha dos suburbios d'aquella villa, informando-se com toda a individuação das lavouras e seus progressos, e da communicação que aquellas largas campinas tinham e podiam ter com as de Cayena: recolhendo-se depois ao quartel general, fez servir o almoço, e acabado elle se dirigiu á freguezia a ouvir missa, finda a qual fez chamar á sua sala os lavradores da terra, a quem fallou sobre o adiantamento que desejava elles promovessem na agricultura das suas fazendas, para o que estaria sempre prompto aos ajudar, e ao Dr. intendente geral ordenou fizesse assento da resposta que cada um d'elles désse sobre os effeitos que as suas respectivas terras melhor produziam; ao que geralmente responderam ser o arrôz e o algodão os que melhor pagavam os seus trabalhos, e sobre que elles fundamentavam os seus interesses, á excepção de algumas outras pequenas lavouras a que se empregavam nas horas vagas, como v. g. o anil, que alguns tinham promovido não só a quantidade que lhes era precisa para o gasto das suas casas, mas ainda a fabricarem algumas diminutas porções para vender: então o dito Sr. lhes segurou a sua satisfação, e o quanto approvava a sua curiosidade, sobre o que lhes

rogava toda a constancia, esperando que elles d'aquelle tempo em diante, não diminuindo aquelles fundamentaes effeitos do arrôz e algodão, promovessem tambem o do anil, para que já tinham a favor a magnanima equidade de S. Magestade na graça dos seus direitos. Depois passou com o dito ministro a despachar outro grande numero de petições, e fez na sua competente hora servir o jantar, para o qual convidou as pessôas do costume: de tarde continuou a deferir aos requerimentos que ainda os moradores lhe fizeram, passando depois a visitar de despedida algumas pessôas, e se recolheu ao seu quartel general, d'onde deu as ordens e o santo, que foi S. José Setubal, e no seu devido tempo se serviu a cêa.

No dia 4, pelas quatro horas e meia da madrugada, sahiu S. Ex.ª do seu quartel acompanhado da nobreza e corpo militar, dirigindo-se ao embarque, onde lhes fez uma cordial despedida, e navegando com uma pequena aragem á pôpa pela margem septentrional do rio das Amazonas, portou na mesma pelas sete horas, onde se achava erigido um novo engenho pertencente ao cirurgião mór da praça do Macapá, a quem o dito Sr. approvou muito o activo trafico que em aquelle sitio divisou, tanto na agricultura das terras, como na construcção do engenho; e depois de tambem cumprimentar a mulher e filhas do dito cirurgião, tornou a embarcar pelas oito horas e meia, e proseguindo a viagem, atravessou pelas dez horas e tres quartos a bocca do rio Matapí, que fica quatro leguas distante de Macapá. Pelas onze e meia entrámos na bocca do rio Anavirápucú, que fica uma legua superior ao Matapí, portando na margem austral d'elle, duas leguas acima da sua bocca, quando era uma hora da tarde: ahi jantámos e nos demorámos (por ficarem as canôas em sêcco) até as quatro horas e meia da tarde, que se continuou a viagem em demanda de Villa-Vistosa da Madre de Deus [1], que fica superior ao

[1] Villa Vistosa da Madre de Deus está situada na margem septentrional do rio Anavirápucú, sete leguas acima da sua bocca; foi povoada no anno de 1758 por gente vinda do reino e das ilhas dos Açores e Canarias: acha-se hoje com poucas pessôas pelas muitas que se tem ausentado e morrido. As suas terras são dobradas e escaladas com interposição de algumas fron-

logar onde jantámos cinco leguas : pelas dez horas da noite chegámos ao porto da dita villa, servindo-se então a cêa na canôa general.

No dia 5 ao amanhecer se almoçou na canôa de S. Ex.ª, desembarcando d'ella e a sua comitiva pelas cinco horas e tres quartos. Na ponte ou caes da villa o esperavam o vigario, o commandante e o senado, acompanhando-o até á igreja, que tem o orago de Nossa Senhora da Madre de Deus, onde ouviu a missa do seu capellão; e acabada ella se dirigiu a revistar e observar os suburbios, a villa e os seus respectivos armazens, recolhendo-se depois á sua canôa a despachar os requerimentos que os moradores lhe fizeram : pelas dez horas se serviu o jantar, convidando-se para elle o vigario, o commandante e um alferes d'auxiliares, a quem o referido Sr. depois de jantar passou a nomeação de commandante, por não estar satisfeito da actividade e cuidado do que o era, nem do estado em que achava a villa; e fazendo ao nomeado e ao vigario as suas providentes recommendações, largámos do dito porto, rio abaixo, quando eram onze horas e tres quartos, portando pelas sete na margem oriental, onde ceámos, proseguindo depois toda a noite viagem.

No dia 6, pela uma hora e meia, sahimos pela foz do rio Anavirápucú, que fica sete leguas distante da dita villa, e então continuámos viagem pela margem septentrional do rio das Amazonas até a bocca do rio Mutuacá, em que entrámos pelas seis horas e meia da manhãa, tendo vencido quatro leguas, que tanto dista da dita foz do rio Anavirápucú, portando pelas nove horas em a villa de Mazagão [1], que fica pelo rio acima tres leguas. No desembarque es-

dosas matas, da mesma fórma que as de Macapá, a que são contiguas. Do rio ainda se ignora as cabeceiras, tendo só sido vadeado até ás primeiras cachoeiras, que ficam oito dias de viagem por elle acima. Padece o phenomeno da pororóca como o rio Capim, descripto na primeira noite d'este roteiro, e as suas aguas são summamente nocivas pelas muitas raizes de arvores venenosas que tem por uma e outra margem. Pelo mappa da população consta ser de 363 pessôas.

[1] Villa de Mazagão era um logar habitado por Indios, que depois de se terem estabelecido em varias situações, se mudou para a em que presente-

perava o senado ao Sr. general, e depois de lhe fazer uma oração, o dirigiu debaixo de pallio por entre as alas que proximo ao arco triumphal onde S. Ex.ª foi recebido tinha feito a tropa paga e auxiliar que alli se acha, e solemnisando este acto com tres descargas de mosquetaria, continuou o dito Sr. a sua direcção até a freguezia, que tem o orago de Nossa Senhora d'Assumpção, onde o vigario com capa de asperges entoou o *Te-Deum*, que o côro proseguiu; e acabado elle passou S. Ex.ª revista ao templo e suas officinas, encaminhando-se depois para a casa da sua aposentaria, onde ouviu todas as pessôas principaes sobre os seus estabelecimentos, e recolhendo-se á sua canôa a jantar, convidou para elle o vigario e o commandante: pelas cinco horas sahiu S. Ex.ª a ver a villa e a revistar a casa da camara, açougues e armazens reaes, observando individualmente cada uma das casas particulares, em que deu repetidos e honrosos louvores aos donos das que achou bem conservadas, e muito particulares aos de duas que achou em trafico e com muitas producções encelleiradas, fazendo sobre estes presentes exemplos successivas fallas aos mais moradores, segurando-lhes ser aquella a verdadeira fidalguia que tanto zelavam, e sobre que esperava elles d'alli em diante ficassem na intelligencia de que a lavoura era a baze fundamental dos Estados, e a que por todas as leis fazia os homens que a cultivavam dignos de estimação; que elles poderiam bem contar da sua benevolencia, logo que lhes dessem aquellas provas, com que não só adiantariam a colonia que S. Magestade lhes tinha confiado, mas tambem promoveriam os seus particulares interesses.

mente está na margem septentrional do rio Mutuacá, duas leguas e meia superior á sua barra.

No anno de 1770 se condecorou villa por ordem do Senhor rei D. José I, e pela mesma se mandaram erigir n'ella 240 moradas de casas para commodo dos moradores da praça de Mazagão na costa d'Africa, que para este Estado tinham vindo no fim do anno de 1769, depois de se largar a dita praça ao imperador de Marrocos. Os suburbios da dita villa são de terras altas e proprias para a lavoura do arroz e algodão, em que alguns dos ditos habitantes tem florecido.

Pelo mappa da população consta ser de 720 pessôas.

Acabadas estas e outras circumspectas e affaveis diligencias, se recolheu á sua canôa, onde convidou a cear o commandante.

No dia 7, pelas seis horas da manhãa, sahiu S. Ex.ª á terra a ouvir missa, e recolhendo-se depois á sua canôa fez servir o almoço, e acabado elle se dirigiu pelas nove horas á sua aposentadoria para despachar os muitos requerimentos que lhe fizeram os moradores, concedendo aos Indios que pediam a soldada áquelles que se applicavam a agricultura, e que o dito Sr. com individuação sabía pela relação que com toda a exacção tinha tirado o Dr. intendente geral; e por lhe constar a pouca união que havia em aquella villa, e a murmuração que tinham causado as fallas que lhes havia feito no dia antecedente, lh'as tornou a intimar explicando-lhes a nobreza que adquire toda a pessôa que se fazia util á republica, e a que perdia e de que se desherdava todo aquelle que só se entregava ao ocio e ao orgulho, além do castigo que desafiava e elle lhe promettia; e fazendo uma attenta despedida se recolheu á sua canôa pelas onze horas, em que fez servir o jantar, para que convidou o vigario e o commandante; e quando era meia hora depois de meiodia largámos do dito porto a favor da maré (que então principiava a vasar) até a bocca do rio Mutuacá, que são tres leguas que tinhamos vencido até as tres horas e meia, e na dita foz ou bocca nos demorámos toda a tarde por causa de algumas trovoadas que carregaram até se pôr o sol; depois se ceou e se continuou viagem costeando a dita margem septentrional do rio das Amazonas; atravessando pelas sete horas a bocca do rio Preto, e pela meia noite a do rio Cajarí [1], que dista da foz do Mutuacá seis leguas.

No dia 8, pela uma hora da madrugada, se portou para descansarem os Indios até as cinco horas, que tornámos a largar pela dita costa

[1] Na margem septentrional d'este rio, legua e meia acima da sua barra, está situado o logar de Santa Anna do Cajarí: este logar foi a primeira vez fundado defronte da bocca do rio Matapí, contemplado no dia 4 do corrente mez em uma ilha de terra firme, que fica 3/4 de legua pelo rumo de S. E.; depois se mudou para o rio Maracápucú, de que adiante se tratará, e d'ahi para o que fica dito. Consta pelo mappa da população ser de 166 pessôas.

acima com bonança á pôpa; pelas sete horas se almoçou em viagem na canôa de S. Ex.ª, e pela uma hora portámos em a margem occidental do Amazonas, onde se jantou; sahindo depois pelas tres horas a continuar a viagem com vento N. E. brando, pelas quatro para as cinco horas tivemos duas trovoadas, e pelas cinco e meia atravessámos a bocca do rio Maracápucú, que fica distante do rio Mutuacá nove leguas; adiante da referida bocca uma legua passámos a noite na dita margem, onde portámos pelas nove horas, tempo em que chegaram os pescadores com muito mais peixe do que costumavam, pois o bote que tinha este destino, além de bastantes qualidades de peixes, trouxe mais vinte e cinco tartarugas, tendo-se separado da comitiva para ir fazer esta pescaria muito depois do sol posto.

No dia 9, pelas quatro horas da madrugada, sahimos do dito logar com uma pequena aragem de vento N. O., que dentro em pouco tempo se fez N. E. fresco, durando assim até as nove horas e meia, que ficou mais bonança; ao meiodia portámos em uma ilha, onde os Indios colheram algum cacáo do silvestre que havia pelas margens; ahi jantámos, e pela hora e meia continuámos a nossa viagem a favor do vento de algumas trovoadas, que nos carregaram em toda a tarde; pelas cinco horas atravessámos a bocca do rio Jarí, que fica distante do de Maracápucú doze leguas e meia; n'este rio se acha situado o logar de Fragozo [1], onde S. Ex.ª não entrou por lhe constar a insignificancia da povoação, e ter já individual noção do seu estado; pelas seis horas portámos na margem occidental do Amazonas, onde ceámos, chegando pelas oito horas uma montaria, a qual o dito Sr. tinha mandado ficar na ilha onde jantámos, para descobrir um Indio, que da canôa que servia de armazem

[1] Este logar foi situado na margem occidental do rio Jarí debaixo do mesmo nome, e nove leguas acima da sua barra, mudando-se depois para o pé d'ella na margem oriental, onde em o anno de 1758 tomou o nome de Fragozo. *N. B.* Dizem os practicos do paiz que as cabeceiras d'este rio são visinhas do lago Uanani, fonte do rio Oyapock.

Pelo mappa da população consta ser este logar de 204 pessôas.

tinha sahido á terra, entranhando-se n'ella de fórma que até a hora da partida não havia apparecido, o que só se pôde conseguir pelas quatro horas da tarde, depois de muitos tiros de espingarda e toques de bozina, que a esquipação da dita montaria fez.

No dia 10, pelas tres horas e meia da madrugada, continuámos a viagem a favor de uma aragem de N. E. até as sete, que portámos na margem occidental, para se dizer missa e almoçar, proseguindo depois a viagem até o meiodia, que portámos na mesma margem defronte do rio Xingú, e proximo á bocca do rio Toeré, que fica distante de Jarí oito leguas; n'este rio se acham situadas as villas de Espozende e Arrayollos [1]. Pelas duas horas continuámos viagem a favor de alguma pequena arajem, avistando-se ás quatro horas uma canôa que vinha na nossa esteira, e mandando logo o Sr. general reconhecela por uma montaria; pelas seis horas procurámos porto na margem septentrional, e pelo não acharmos, ficámos de largo dados fundo, onde tivemos a soffrer as borrascas de duas trovoadas, que nos carregaram essa noite; em toda ella não appareceu com a resposta a sobredita montaria.

No dia 11, pelas quatro horas da madrugada, levantámos ferro e proseguimos viagem com bonança até as seis horas, que á uma larga e com vento fresco continuámos a nossa derrota, principiando n'ella a avistar as serras chamadas do Parú [2], quando eram sete horas;

[1] Arrayollos fica situada na margem oriental do rio Toeré, cinco leguas acima da sua barra; teve o nome do seu rio até o anno de 1758, em que foi creada e denominada villa de Arrayollos. Pelo mappa da população consta ser de 268 pessôas.

Espozende fica situada na margem do rio Cunhamucá ramo do rio Aramucú, nome d'aquelle rio até o dito anno de 1758, em que tambem se creou e chamou a villa de Espozende.

Pelo mappa da população consta ser de 305 pessôas.

[2] Serras do Parú são uns elevados montes, que duas ou tres leguas pela terra dentro principiam a formar de O. para L. a grande cordilheira que raia a Guyana até as vizinhanças do celebrado rio Orinôco.

Das faldas d'estes montes se recolhem todos os annos muitas arrobas de salsa parrilha e cacáo.

pela uma portámos na margem occidental, onde jantámos; sahindo d'este logar pelas duas horas a aproveitar o mesmo vento, que ainda continuava, seguimos viagem chegando a nós pelas duas e meia a montaria que no dia antecedente tinha sido mandada reconhecer a canôa que havia apparecido, dizendo ser de uns pescadores da villa de Espozende, que por temerem a caça que se lhes dava, se tinham posto em fuga, o que fez toda aquella demora para os poderem apanhar, sendo depois causa de não chegarem mais cedo o abrigo que foram obrigados de procurar ás trovoadas que reinaram em aquella noite. Pelas tres horas da tarde chegou a bordo da canôa de S. Ex.ª o vigario e o commandante da fortaleza e villa de Almeirim [1], e pelas cinco horas chegámos ao porto d'ella, que dista da primeira bocca do rio Toeré dezeseis leguas. O Sr. general logo que desembarcou se dirigiu á freguezia, que tem o orago de Nossa Senhora da Conceição, tendo-lhe os principaes posto no caminho toda a gente em ala; S. Ex.ª lhes fez repetidos afagos, e chegando á igreja toda esta chusma entoou a oração da Salve Rainha: acabada ella ordenou ao sargento mór engenheiro insinuasse a fórma de reparar a grande ruina que tinha este templo, e passou a ver a terra, fazendo visita a dous principaes da nação Carapeuára, que estavam doentes, mandando-lhes logo pelo cirurgião apromptar os remedios conducentes á sua melhora; depois passou a revistar a fortaleza, que consta de um quadrado de angulos reintrantes, com o seu muro fabricado de pedra e barro, e da mesma fórma mostravam terem sido fabricados os quarteis interiores; porém tanto estes como o dito recinto se achavam de todo arruinados: acabada esta diligencia, ouviu o parecer, do sargento mór engenheiro sobre a utilidade d'aquella fortificação, e se recolheu á sua canôa, onde fez servir a

[1] Villa de Almeirim, que até o anno de 1758, em que foi creada villa, se chamou aldêa do Parú, edificando-se n'ella uma fortaleza, depois de se invadirem das margens do Amazonas, no anno de 1623, algumas nações européas; unindo-se mais a esta villa uma povoação de Indios que havia no rio Uacarapí, que fica duas leguas distante pela margem septentrional acima. Pelo mappa da população consta ser de 330 pessôas.

cêa, para a qual tinha convidado o vigario e o commandante : ahi lhe vieram os moradores fazer varios requerimentos, e um principal da nação Apâma apresentar-lhe dous filhos que tinha; o que S. Ex.ª lhe agradeceu com muitas caricias, dizendo-lhe que um d'elles queria levar na sua companhia para na cidade o ter em palacio, e lhe mandar ensinar a ler e escrever : depois mandou alli vir os livros da povoação e da camara, ordenando ao Dr. intendente geral os houvesse de examinar, e fazendo então a sua despedida, deixou ao commandante as mais especificadas recommendações sobre a agricultura do arroz e algodão, e colheita da salsaparrilha, que devia mandar fazer no anno seguinte ás sobreditas serras do Parú, que elle queria se penetrassem quanto fosse possivel, não só com este objecto de negocio do commum, mas ainda com o fim de algum descimento das nações gentias que habitam nas ditas serras, como segurava um gentio que havia pouco tempo se tinha d'ellas descido, e a quem o dito Sr. tratou com a benevolencia do costume; ordenando mais ao intendente geral fizesse registar estas providentes determinações, para não haver alguma differente interpretação nos seguintes annos.

No dia 12 pelas tres horas da madrugada nos pozemos em viagem costeando a mesma margem septentrional do rio das Amazonas, passando ás dez horas por um sitio a que chamam Mucaquéra, onde estão os vestigios de uma fortaleza das que até o anno de 1623 fizeram as nações europeas que n'este rio se introduziram : pela uma hora portámos na dita margem septentrional para jantar, e pelas duas tornámos a seguir viagem, portando ás oito na sobre referida margem, onde ceámos e dormimos.

No dia 13 largámos pelas tres horas da madrugada, passando toda ella por entre baixos, que nos deram muito cuidado e trabalho, de que só com o dia claro nos podémos desembaraçar : pela hora e meia portámos na margem austral de uma ilha, onde jantámos, e largando d'ella pelas duas horas e um quarto continuámos a nossa viagem a uma larga com o mesmo vento N. E. de todos os dias antecedentes, e pelas oito horas portámos em a bocca do rio chamado

Urubucoára, que fica distante da villa de Almeirim trinta leguas: pelas nove horas chegou o director do logar do Outeiro a cumprimentar S. Ex.ª na sua canôa, onde o convidou a cear, ordenando-lhe depois que se recolhesse ao dito logar, a que elle contava de chegar até as oito horas da manhãa.

No dia 14 pelas quatro horas e meia da madrugada nos pozemos em viagem pelo rio Urubucoára acima, chegando pelas sete horas ao porto do logar do Outeiro [1], que fica para dentro da barra do dito rio cinco leguas: no referido porto esperavam a S. Ex.ª o vigario, o director, um principal dos Indios e um ajudante dos mesmos, que o acompanharam até a freguezia, que tem o orago de Nossa Senhora da Graça: ahi ouviu o dito Sr. a missa do seu capellão, e acabada ella se dirigiu a ver as casas da povoação, dando repetidos louvores a todos os donos das que achou bem conservadas e em aceio; e depois de rever os livros respectivos, fez as suas despedidas, deixando as mais especificadas recommendações ao director sobre a applicação com que desejava se promovesse a agricultura da povoação, e ao principal recommendou com toda a individuação cuidasse logo em penetrar uma serra visinha, na diligencia de algum descimento, visto lhe dizerem que já d'ella se tinham descido em tempo do seu governo alguns gentios, e ultimamente tres pretos, que falla-

[1] Logar do Outeiro, na latitude austral de 1° e 42', que até o anno de 1758 teve o nome de Urubucoára por estar situado na margem septentrional d'este rio, onde fica no cume de um outeiro, que se acha elevado no meio de largas campinas e muitos lagos, que fazem que do dito logar se desfructe o melhor golpe de vista que todos da comitiva se lembravam. Do porto para cima ha uma aspera subida, no meio da qual sahe um grande torno de excellente agua, que junto ao caminho se precipita até o rio, que abunda em tantos jacarés, que jámais se olhava para elle, em quanto o vadeámos, que se não vissem tres ou quatro fóra d'agua, e tão domesticados, ou ferozes, que chegavam a ter a ousadia de vir até mui perto das canôas para as reconhecer; sendo para elles tão insignificantes os tiros de zagalotes com que d'ellas a alguns se atirou, que por similhantes bagatellas não mudavam as suas direcções. No *Diccionario das Artes e Sciencias da Academia de França*, verbo *Crocodile*, poderá o curioso ver a qualidade d'estes monstros.

Pelo mappa da população consta ser esta povoação de 285 pessôas.

vam uma lingua estrangeira da Europa, pelo que se suppunha serem desertados dos dominios de França ou de Hollanda: pelas dez horas largámos do dito porto, quando era quasi preamar, chegando á bocca do referido rio Urubucoára pelas duas horas da tarde; ahi jantámos, e depois sahimos ao rio das Amazonas quando eram tres horas da tarde, e proseguindo viagem a uma larga e com vento duro chegámos á margem occidental de uma ilha, que fica duas leguas e meia de Urubucoára, onde portámos e passámos a noite, por não haver n'esta costa e nosso caminho outra espera abrigada, em que pernoitassemos sem perigo.

No dia 15 largámos da dita ilha pelas tres horas da madrugada, com uma pequena bonança á pôpa, que com o crepusculo e crescença do dia veio refrescando; pelas onze horas passámos na costa occidental a ponta chamada do Páo Grande, e pela uma hora e um quarto portámos para jantar em um igarapé que se chama Uricuripúca; pelas duas horas proseguimos por elle viagem, portando pelas nove em o repartimento que une o dito igarapé com o rio Gurupatúba, onde passámos a noite.

No dia 16 pelas quatro horas e meia da madrugada continuámos viagem, chegando pelas seis horas ao porto da villa de Monte Alegre[1], que fica dezoito leguas da ilha onde pernoitámos em 14 do corrente mez: uma hora antes de chegar ao dito porto, veio cumprimentar S. Ex.ª o vigario, o director e o principal, e no desem-

[1] Villa de Monte Alegre, na latitude austral de 2°, que até o anno de 1758 foi aldêa de Gurupatúba, está situada no cume e focinho de uma serra, que cahe para a parte do rio das Amazonas, d'onde não só descobre as suas differentes direcções até uma grande distancia, mas tambem d'esta parece se alegram e satisfazem os viajantes com o bello e risonho prospecto que ella lhes offerece: fica na margem septentrional do rio de Gurupatúba e distante d'ella 500 braças, que se vencem por uma doce subida, que no meio tem tres ou quatro olhos de excellente agua, com que se saciam os passageiros e fornece a povoação: a maior parte das mulheres d'ella se interessam no negocio de pintar cuias, que são reputadas pelas melhores que se fazem em todo o Estado. Pelo mappa da população consta ser de 686 pessôas.

barque se achavam esperando o dito Sr. os officiaes e homens da povoação, que o acompanharam até a freguezia, que tem o orago de S. Francisco de Assís, onde S. Ex.ª ouviu a missa do seu capellão, a qual a sua comitiva e toda a gente da povoação tambem ouviu: acabada ella se dirigiu a ver e a observar as casas da villa, onde encontrou varias pessôas de uma idade muito avançada, podendo-se comprehender de uma d'ellas noticias individuaes do governo do Sr. de Pancas, que foi em o anno de 1707; pelo que se lhe veio a combinar muito mais de cem annos, havendo na povoação ainda quatro ou cinco pessôas bem conservadas e de mais avançada idade[1]: e depois do dito Sr. a todos visitar e animar com as suas benevolas approvações, se recolheu ás casas da residencia, onde com o Dr. intendente geral despachou os requerimentos que alli lhe fizeram, observando e indagando igualmente os livros do commercio do commum, a que deu as providentes disposições, fazendo depois servir o jantar, para que convidou o vigario. Pelas cinco horas sahiu S. Ex.ª segunda vez a observar a villa, determinando ao sargento-mór engenheiro delineasse um pellourinho (pelo antigo se achar cahido), explicando aos artifices que alli havia a fórma com que o deviam executar, assim como tambem a reedificação da dita casa da residencia, para o que deixou todas as ordens precisas: depois passou a ver os suburbios da villa, e d'ahi a visitar os doentes junto com o seu cirurgião, por quem fez applicar da sua botica os remedios que se julgaram necessarios: de noite passeou pela villa a ver a innocente illuminação que os moradores tinham feito, dando repetidos agradecimentos aos que encontrou, e recolhendo-se ao seu quartel general, fez n'elle servir a cêa, para que tambem se achava con-

[1] Se Graunt, Kersseboom e outros algebraicos, que mais trabalharam em Inglaterra e em Hollanda sobre o calculo da vida humana, tivessem noticia dos Indios d'esta parte do mundo, onde em uma povoação de seiscentas pessôas se achavam tantas de mais de cem annos, creio não notariam nos seus mappas em a casa d'esta idade uma cifra, como se vê citado nas *Instituições Politicas* de Mr. le Baron de Bielfeld, tom. 2.º, fl. 574 e § 54 ibid.

vidado o vigario. Na tarde d'este dia cumprimentaram a S. Ex.ª muitas das mulheres da povoação, trazendo-lhe varios mimos de frutas, gallinhas e cuias, a que o dito Sr. retribuiu com muitas quinquilarias de maior valor. Tambem n'esta tarde veio aviso da cidade de ter chegado a ella, no dia 6 do corrente mez, uma corveta com escravos de Guiné.

No dia 17 pelas oito horas da manhãa se dirigiu S. Ex.ª a ouvir missa do seu capellão, e acabada ella se recolheu á sua residencia, onde continuaram as Indias os seus presentes e o dito Sr. a sua gratificação. Ao director fez expedir as precisas ordens para se edificar uma olaria, fazendo-lhe todas as recommendações para o adiantamento da agricultura e da povoação; e a um sargento mór dos Indios, que já em tempo do seu predecessor havia feito alguns descimentos, deixou todas as disposições e insinuações para haver de os continuar; para o que ficou providenciado tudo o que houvesse de precisar. No seu competente tempo fez servir o jantar, e acabado elle se embarcou, largando do sobre referido porto, rio abaixo, pelas tres horas e tres quartos, entrando na bocca do rio Paraná-merim pelas cinco, chegando á espera do rio das Amazonas (onde fazem tres leguas e meia de distancia) pelas sete horas e meia, em que démos fundo para passar a noite: pelas oito horas chegou á canôa de S. Ex.ª, em uma muito pequena igarité, uma mulher acompanhada de seu marido doente e achacado, e tres pequenas filhas, sendo uma de peito e as mais com uma regular differença, dizendo ao dito Sr. que achando-se ella nas rocinhas que tinha da outra banda do rio Amazonas (que aqui faz pouco mais de duas leguas de largo), ouvíra em aquella tarde muitos tiros na villa de Monte Alegre; e por lhe parecer que seriam a despedida ou chegada de S. Ex.ª, viera com toda a sua familia beijar-lhe a mão, e offerecer-lhe da sua lavra uma pouca de farinha, do que cheia de pejo pedia perdão: S. Ex.ª, acompanhado de muitos afagos aos pequenos innocentes, acceitou este sincero presente, a que contribuiu com varias quinquilarias que julgou lhes serem mais uteis, fazendo-lhe igualmente dar algum mantimento do que trazia; e pela referida mulher lhe rogar se com-

padecesse d'ella, concedendo-lhe alguem para a ajudar na sua lavoura, visto seu marido estar impossibilitado de o poder fazer, por lh'o embaraçarem os seus achaques, o dito Sr. fez lavrar uma portaria para o director de Monte Alegre os soccorrer da mesma povoação com um rapaz e uma rapariga, na fórma das ordens de Sua Magestade.

No dia 18 pelas duas horas da madrugada proseguimos viagem, sahindo ao rio das Amazonas pela costa chamada das Cuijeiras; pelo meiodia a findámos portando para jantar; acabado elle, continuámos a nossa derrota, principiando pela uma hora a vadear a costa seguida chamada do Pariri, passando pelas quatro e meia por defronte das praias de Uruará. N'esta costa e tarde succedeu que sahindo (como costumavam) em uma igarité das ordens o sargento mór engenheiro, o Dr. intendente geral e o mordomo de S. Ex.ª á caça dos patos, que em aquella margem abundavam, viram que apezar de todas as diligencias que se faziam para ir buscar com a igarité os que cahiam na agua, primeiro lhes chegavam as boccas dos jacarés, que do fundo vinham logo que presentiam a quéda; e vendo ultimamente que na praia estava um d'estes monstros, que parecia morto, e os Indios seguravam estar gorando os ovos, depois de lhe chegar mui perto com a igarité, lhe atirou o dito ministro e o sargento mór, com o que se soltou a duvida, porque acordando do lethargo com o aspecto e furor mais medonho, passou a acommetter a dita embarcação, onde por acaso ainda o referido mordomo se achava com a sua espingarda carregada, que disparando-lh'a sobre a cabeça, fez com que mudasse de direcção, indo á praia, onde devorou tudo o que n'ella encontrou; e voltando depois para o rio, quiz a fortuna, não sei se do monstro, se dos que estavam na igarité, que chegassem as canôas da comitiva, que o obrigaram a mergulhar. Continuando depois a viagem, portámos na mesma costa pelas nove horas para se servir a cêa, e acabada ella quando eram dez horas largámos, continuando viagem toda a noite.

No dia 19 amanhecemos na bocca do furo chamado Tapará-assú, por onde proseguimos a nossa derrota até as nove horas, que sa-

hímos outra vez ao rio das Amazonas, no logar que fica fronteiro aos montes de Santarem, e seguindo a costa sobrereferida, portámos n'ella para jantar quando era meiodia, seguindo logo pela uma hora a viagem até as oito, que portámos em uma ilha que fica defronte da dita costa, onde ceámos e dormimos.

No dia 20 pelas quatro horas da madrugada nos pozemos em viagem, chegando pelas seis horas e meia á bocca do rio Surubiú, que dista da bocca do Paraná-merim, d'onde sahimos no dia 18, trinta e tres leguas, portando pelo meiodia no dito rio, onde se serviu o jantar; e pela uma hora continuámos viagem até as cinco e meia, que portámos em a villa de Alemquer [1], que fica sete leguas e meia pelo rio Surubiú dentro, onde S. Ex.ª desembarcou, e depois de se dirigir a fazer oração na freguezia, que tem o orago de S. Antonio, visitou algumas casas dos particulares, louvando os donos das que achou em boa ordem, e tambem as da residencia, passando depois á abegoaria, onde observou a nutrição do gado; sobre o que deixou ao director as mais especificadas recommendações, assim como tambem as da lavoura para o preciso sustento da povoação, além das pescarias que esperava elle promovesse, para utilidade da mesma villa: e ao vigario perguntou o estado em que os seus freguezes se achavam nos essenciaes pontos da religião, que debaixo de toda a auctoridade lhe recommendava como espiritual bem d'aquelle povo que se lhe tinha confiado. Recolhendo-se depois á sua canôa, fez servir a cêa, e acabada ella se pôz em viagem, quando eram oito horas e meia, dirigindo-se pelo ramo superior do dito rio Surubiú ao rio das Amazonas.

No dia 21 pelas tres horas da madrugada chegámos ao fim do dito

[1] Villa de Alemquer foi creada villa em o anno de 1758, tendo até esse tempo o nome do logar de Surubiú; está situada na margem septentrional d'elle, em um terreno de campinas as mais proprias para a criação do gado vacum e cavallar, que alli observâmos muito nutrido: é tambem muito abundante de peixe, pelo que se salga e desecca em esta villa bastante.

Pelo mappa da população consta ser de 449 pessôas.

ramo do Surubiú, onde tivemos uma forte trovoada, tendo ahi vencido as seis leguas que esta bocca dista de Alemquer; pelas seis horas proseguimos a nossa viagem da margem septentrional, pelas nove passámos por defronte de um sitio chamado Arapixúna, e pelo meiodia portámos para jantar; largando logo depois d'elle, pelas duas horas passámos por defronte do sitio do Paricatiba, e pelas cinco por defronte da bocca do rio Uarapirí, entrando meia hora depois pelo rio Pauxís; por elle navegámos até as dez horas, que démos fundo para cear e dormir no meio do rio, pelas margens abundarem em legiões de mosquitos, assim como tambem abundam em cacoáes mansos que tem plantado em ambas as margens os moradores de Santarem.

No dia 22 pelas quatro horas da madrugada nos pozemos em viagem pelo dito rio acima, portando pelo meiodia para jantar em a margem septentrional, defronte do sitio de Wenceslão José de Moraes; seguindo outra vez viagem pelas duas horas, portámos pelas nove em a mesma margem para cear e dormir.

No dia 23 pelas quatro horas da madrugada nos pozemos em viagem, vindo ás cinco horas e meia cumprimentar S. Ex.ª o commandante da villa e fortaleza de Obidos [1], e pelas oito chegámos ao porto da dita villa, que fica trinta e duas leguas distante da bocca superior do rio Surubiú, d'onde largámos no dia 21: logo S. Ex.ª desembarcou, tendo o gosto de vêr na praia tres Peixes-Bois, que se

[1] Villa de Obidos, na latitude austral de 1° e 44', sendo até o anno de 1758 povoação de Pauxís, a que se aggregou o logar de Arcozêllo, que estava situado no rio Curuá-panema. Fica esta villa situada na margem septentrional do rio das Amazonas, em cima de uma barreira quasi perpendicular, que tem mais de 150 braças de alto, defendida por uma fortaleza das que em este rio se edificaram no 16° seculo, quando se invadiram as nações européas. Em este sitio faz o referido rio uma garganta tão apertada que apenas terá novecentas braças de largo, ignorando-se totalmente o fundo, por embaraçar a sonda o rapido da correnteza; o que tambem faz que se não conheça o fluxo e refluxo da maré mais que por uma pequena intumescencia que tem a superficie ou linha d'agua.

Pelo mappa da população consta ser de 647 pessôas.

tinham pescado n'aquella manhãa. Como a descripção d'este peixe nos interromperia muito o abreviado d'este roteiro, recorram os curiosos á *Historia Natural* de de Buffon, tom. 27 fl. 256, verb. *Morse*, onde acharão todas as raridades que n'este e outros exames lhe admirámos. Subindo acima á villa, foi n'ella recebido pelo senado da camara, debaixo de um arco triumphal, recitando-lhe o juiz ordinario uma oração de boas vindas; acabada ella o acompanharam á freguezia, que tem o orago de Santa Anna, onde ouviu a missa do seu capellão; e sendo-lhe representado a grande ruina que havia a dita igreja, e a precisão e desejo que tinha a irmandade da dita Santa de edificar outra em o logar que fosse mais proprio, ouviu o sargento-mór engenheiro sobre a escolha do terreno, encarregando-o igualmente da delineação de um risco para ella, assim como tambem de dar a fórma com que se devia reedificar a fortaleza, que consta de um quadrado com angulos reintrantes, e dous meios baluartes; ouvindo-o outrosim sobre a utilidade e precisão d'ella em aquella mais apertada passagem d'este rio: d'ahi passou a ver as casas dos moradores, e depois a da residencia, onde revistou os livros da povoação junto com o Dr. intendente geral, com assistencia do qual despachou os requerimentos que lhe fizeram os moradores; e chamando depois o commandante, lhe perguntou que barra de rio era a que se divisava na distancia de uma legua por aquella costa acima; e por este lhe dizer que era o chamado das Trombetas [1], onde se dizia haviam varias nações de gentios mansos, e muito páo-cravo e oleo de cupaiba, S. Ex.ª lhe ordenou que

[1] Será este o celebrado rio d'onde se diz que sahiram ao encontro do capitão Francisco de Orellana, em o anno de 1543, aquellas decantadas mulheres chamadas Amazonas? Questão em que não entro por não ser do meu tempo; só sim grassar entre os Indios esta tradição, que os curiosos poderão ver auctorisada na illustração apologetica de Feijó, tom. 1.º e 2.º do seu *Theatro Critico*, discurso 16.º; e no *Diario* de Condamine, fl. 56.

D'este rio se não conhece mais que a entrada, ainda que os Indios e alguns practicos do paiz seguram ter communicação com os dominios de Hollanda, tendo o seu nascimento na cordilheira da Guyana.

em o proprio tempo preparasse uma canôa e mandasse penetral-o até onde fosse possivel, dando-lhe parte logo que se recolhessem do exito do negocio e dos obstaculos que tivessem encontrado : e recolhendo-se depois a jantar na sua canôa, convidou o vigario e seu coadjutor, e o commandante. Acabado o dito jantar, fez a todas as referidas pessôas as suas costumadas e providentes recommendações, largando rio abaixo pelas duas horas da tarde, e proseguiu viagem toda a noite.

No dia 24 ao aclarar do crepusculo matutino nos achámos defronte do sitio de Arapixuna, e continuando a navegação a favor da correnteza do rio e opposição de algum vento, chegámos as oito horas da manhãa ao porto da villa de Santarem [1], que dista da de Obidos dezoito leguas: pouco antes veio á canôa de S. Ex.ª o commandante e algumas pessôas fazer-lhe os seus devidos cumprimentos : no porto da sobredita villa o esperava toda a nobreza e o senado da camara, com um pallio, debaixo do qual foi conduzido o dito Sr. (pela frente das duas companhias de infantaria auxiliar que ahi se achavam, pertencentes ao terço de Villa Viçosa do Cametá) até a porta da freguezia, que tem o orago de Nossa Senhora da Conceição, onde o vigario, depois de rezar o *Te-Deum* com capa de asperges, disse a sua missa: acabada ella passou S. Ex.ª uma indi-

[1] Villa de Santarem, na latitude austral de 2° e 25', até o anno de 1758 intitulada aldêa de Tapajós, fica situada na margem oriental do rio Tapajós junto á sua bocca, em uma pequena collina, que no seu cume defende a melhor e mais regular fortaleza das que n'este Estado se fizeram logo depois da invasão das nações européas. O seu porto é summamente aprasivel e as aguas muito crystallinas. Nasce este rio junto á cordilheira das Minas Geraes, unem-se-lhe varios preciosos rios, sendo o mais notavel o Arinos, onde foram descobertas no anno de 1746 as minas de Santa Izabel. A força do negocio d'esta villa é o de irem os Indios buscar drogas ao sertão, e as Indias fazerem n'ella chapéos de palha com varios matizes, e umas condeças do mesmo chamadas *pacarás*. Os gentios da nação Mondrucú infectam os suburbios d'esta villa de tal fórma, que tem succedido que mesmo do mato visinho tem frechado algumas pessôas que andavam na praia junto á villa.

Pelo mappa da população consta ser de 1,112 pessôas.

vidual revista ao templo e suas officinas, consultando o sargento-mór engenheiro sobre o estado da sua reedificação e conservação: sahindo depois a vêr a terra, examinou o bairro em que vivem os Indios, visitando as suas respectivas casas, onde encontrou uma India velha chamada Suzana, mãi do capitão-mór Paulo Rodrigues, que tem noventa annos, e ella com maior idade que a de cento e vinte abraçou e cumprimentou o dito Sr. com todo o desembaraço e alegria! contando então o vigario da villa que sem ajuda de oculos dava os seus pontos e pintava cuias para vender, indo da mesma fórma só todos os dias lavar-se ao rio (como S. Ex.ª de tarde na praia a encontrou). Acabada a revista das ditas casas, tornou segunda vez á igreja a ouvir a missa do seu capellão (que então tinha chegado), recolhendo-se depois á casa da residencia, onde ouviu os requerimentos que os moradores lhe fizeram: mandando depois chamar á sua presença os directores das villas visinhas, que estavam avisados de estar em aquella n'esta occasião, e eram o da villa de Alter do Chão[1], o de Villa Franca [2], o da villa do Boim [3], o da villa de Pinhel[4], e o do logar de Aveiro[5], junto com o Dr. intendente geral lhes fez todas as providentes especificações respeito á conservação e augmento das suas respectivas villas, tratamento dos Indios, propagação e desvelo da agricultura, e acolhimento das nações gentias

[1] Villa de Alter do Chão, que até o anno de 1758 se chamou aldêa de Borari, está situada na margem oriental do rio Tapajós, e superior a Santarem oito leguas. Pelo mappa da população consta ser de 531 pessôas.

[2] Villa Franca, que até o dito anno se chamou Comarú, está situada na margem occidental fronteira a Alter do Chão, pouco acima do rio Uarapium. Pelo mappa da população consta ser de 1,100 pessôas.

[3] Villa Boim, que até o dito anno se chamou aldêa de S. Ignacio, fica na mesma margem de Villa Franca, e superior dez leguas. Consta ser de 613 pessôas.

[4] Villa de Pinhel, que se chamou aldêa de S. José, fica na mesma margem, e superior a Boim quatro leguas. Consta ser de 344 pessôas.

[5] Logar de Aveiro fica defronte e é a ultima povoação do rio Tapajós; foi creada de novo no anno de 1782. Consta ser de 273 pessôas.

que se podessem descer. Acabada esta diligencia e de examinar os livros da povoação, chegou da cidade o aviso de ter portado n'ella, no dia 11 do corrente, a fragata de Sua Magestade *Coração de Jesus*, e a guia com os saccos que o commandante da mesma cidade remettia, junto com a participação de tambem no dia seguinte ter a ella chegado a corveta *Nossa Senhora das Necessidades*, ambas vindas da cidade de Lisboa: então o dito Sr. se recolheu a ler as ordens e cartas que da côrte se lhe dirigiam, fazendo pelas duas horas da tarde servir o jantar, para que convidou o commandante, o vigario e o de Villa Franca, que ahi se achava. Pelas quatro horas passou a revistar o bairro onde assistem os brancos, indo depois á fortaleza que defende a villa, e consta de um quadrado fortificado pela maneira de Mr. de Vauban; e logo que fez uma particular revista ao seu recinto e casernas, ouviu o sargento-mór engenheiro sobre a entidade d'esta fortaleza, e modo com que se havia conservar e reparar a face de um baluarte que estava cahido, sobre o que lhe ordenou houvesse de insinuar ao commandante a melhor fórma de fazer aquella reedificação, fazendo tambem um exacto exame na polvora que se achava no respectivo paiol, e que o dito commandante dizia estar damnificada: d'ahi se dirigiu a examinar a olaria e armazens da mesma villa, passando depois a ver as praias d'ella, e na casa do administrador do pesqueiro real a observar um peixe-boi vivo que alli se conservava, além de dous mortos que n'essa noite trouxeram os pescadores da villa; e recolhendo-se ao seu quartel general, fez ás oito horas distribuir as ordens e o santo, que foi S. José Belem, e depois servir a cêa, para que convidou as pessôas do jantar. Toda esta noite se passou com bastante incommodo pela morosa trovoada que tivemos a soffrer, e que os moradores seguraram ser uma das maiores de que se lembravam.

No dia 25 pelas seis horas da manhãa passou S. Ex.ª á freguezia a ouvir as missas do vigario e do seu capellão, e acabadas ellas se recolheu ao seu quartel general, onde fez servir o almoço, passando depois com o Dr. intendente geral a despachar mais de duzentas petições que os moradores lhe tinham feito, tanto em aquelle

dia, como no antecedente: acabado o referido despacho, respondeu para a cidade fazendo regressar o proprio que d'ella tinha vindo, e expedir outro para a villa de Barcellos com o sacco que a sobredita fragata tinha conduzido da secretaria do Estado para o governador e capitão general João Pereira Caldas. Depois d'esta diligencia, e de acarinhar e largamente retribuir alguns presentes que as Indias da povoação lhe trouxeram, fez ao commandante as suas providentes recommendações; e chegando então o vigario e director da villa de Alemquer a cumprimental-o, fez servir o jantar, para que estavam convidadas as pessôas do antecedente dia: pela uma hora da tarde mandou ajuntar os principaes das respectivas nações das villas circumvisinhas, que tambem na dita villa de Santarem se achavam, e fazendo-lhes todas as recommendações e affaveis expressões respeito aos seus vassallos, lhes rogou quizessem elles igualmente interessar-se em todos os descimentos que lhes fossem possiveis, abonando aos cathecumenos, para que elles se resolvessem, o agasalho e bom tratamento que elle lhes segurava; e despedindo-se de todas as mais pessôas da povoação, se recolheu á sua canôa, que fez largar do dito porto pela uma hora e meia, entrando pelas tres e meia no rio chamado Ituquí, que acabou de vadear pelas oito e meia da noite, em que sahiu outra vez ao das Amazonas, continuando toda a noite a navegação.

No dia 26 pelas quatro horas da madrugada atravessámos a bocca do rio chamado do Curuá [1], que fica nove leguas distante de Santarem, e ao aclarar do crepusculo matutino nos achámos defronte das barreiras de Cussari [2]: das roças que ha em este sitio

[1] Rio Curuá, que tem a sua direcção no rumo do sul, é habitado de muitas nações gentias; razão porque para a sua barra se refugiaram no anno de 1780 mais de duzentas pessôas, que da nação Mondrucú tinha acossado os que o Ex.mo governador e capitão general do Estado mandou buscar para a cidade no anno de 1781. Dizem haver no dito rio muito páo-cravo e oleo de cupaiba.

[2] N'estas barreiras costumam os Indios tingir as suas camisas, pelos muitos veios que tem de arêas de varias e consistentes côres, aonde fazem tambem a tinta de uma certa casca de páo chamado *cumati*, com que a

vieram varias pessôas presentear e cumprimentar S. Ex.ª: pelas sete horas fomos obrigados de portar em a margem austral do Amazonas, em quanto passava uma grande trovoada, sendo este sitio distante da bocca do rio Curúa tres leguas: pelas oito e um quarto largámos ainda com alguma chuva, mas já livre da força da borrasca: pelas onze horas e meia portámos em uma ilha que fica junto a foz do rio Cussari, onde jantámos: pelas tres e meia proseguimos viagem, não podendo ser antes por causa do grande vento contrario: principiando então a vadear a costa chamada de Uruará, continuámos toda a noite viagem.

No dia 27 portámos pelas duas horas e meia da madrugada, por causa do vento contrario, na bocca do rio Uruará, que fica distante do logar d'onde sahimos no dia antecedente, pelas oito horas da manhãa, quinze leguas: pelas cinco horas e meia largámos da dita bocca, principiando a vadear a costa chamada do Mauari-jura-apára, portando pelas onze horas e meia na margem austral d'ella, onde jantámos; pela meia hora depois do meiodia proseguimos viagem, entrando ás cinco por um furo chamado Guajará, de que sahimos ás sete outra vez na mesma costa, em que viajámos toda a noite.

No dia 28 nos aclarou o crepusculo matutino junto á bocca de um furo ou igarapé chamado Aki-Aki, que fica distante da bocca do rio Uruará quinze leguas, e está fronteira á villa de Almeirim: ahi se ouviu missa a bordo da canôa general, e pelas duas horas (por não ter chegado antes da uma a canôa da cozinha) proseguimos a nossa viagem pelo dito igarapé dentro, livrando-nos por este caminho de uma celebre e brava costa chamada Ucuricáya, que faz em todo este decurso a margem do Amazonas: pelas seis horas atravessámos uma bocca do rio Guajará que vem sahir na margem occidental do dito Aki-Aki, passando pela meia noite a bocca do rio Jaráocú, que tambem desembocca n'esta margem.

gente de Monte Alégre pintam e apparelham as suas cuias; sendo por esta razão que ellas são mais persistentes que todas as outras do Estado: a mesma gente tem feito n'este sitio uma quasi povoação pelo estabelecimento de roçados e lavouras que alli tem promovido.

No dia 29 amanhecemos na bocca que sahe da margem occidental do rio Xingú [1], e fazendo a travessia, que terá novecentas até mil braças, portámos pelas sete horas na villa de Porto de Mós [2], que dista da bocca do Aki-Aki, em que entrámos na manhãa antecedente, dez leguas. Ahi veio a cumprimentar S. Ex.ª na sua canôa o commandante da fortaleza e villa de S. Antonio do Gurupá: logo depois desembarcou o dito Sr. no respectivo porto da sobredita villa, onde o esperavam o vigário, director e algumas mais pessôas, que o acompanharam até a freguezia, que tem o orago de S. Braz, aonde fez oração, revistando depois o templo e suas officinas; passando d'ahi a ver e observar as casas da povoação, em que achou bastantes pessôas de uma idade muito avançada, entrando n'ellas o principal da villa, que legalmente mostrava já o ser em o anno de 1707, quando o Sr. de Pancas veio governar este Estado, dando do seu governo e entrada particulares noções, assim como de todos os mais que lhes tinham succedido, divisando-se na sua agilidade e prompta retentiva que ainda as poderia dar de muitos mais que ao tempo presente succedessem. Depois passou á casa da residencia, onde mandou ir os directores das villas de Veiros [3], do Pombal [4]

[1] Rio Xingú tem a sua direcção do sul para o norte, e as suas cabeceiras visinhas do Cuyabá, desaguando n'elle varios notaveis rios, sendo de maior objecto o Guiriri; tem muitas cachoeiras, muitas nações gentias, de que se tem feito bastantes descimentos; muito cravo e puxirí, e a mais excellente e crystallina agua que nós bebemos em toda a viagem.

[2] Villa de Porto de Mós, que até o anno de 1758 se chamou aldêa de Maturú, está situada na margem oriental do rio Xingú, onze leguas e meia acima da sua barra, que tem uma de largo.

Pelo mappa da população consta ser de 585 pessôas.

[3] Villa de Veiros, que até o anno de 1758 se chamou aldêa de Itacurussú, fica na margem oriental do rio Xingú, dez leguas acima de Porto de Mós. Pelo mappa da população consta ser de 857 pessôas.

[4] Villa de Pombal, que até o anno de 1758 se chamou aldêa de Paravirí, fica na margem oriental do rio Xingú, e uma legua superior a Veiros.

Pelo mappa da população consta ser de 927 pessôas.

e o de Souzel [1] (que alli tinham tido aviso de se achar n'esta occasião da passagem de S. Ex.ª); e indagando d'elles todas as precisas informações das suas respectivas directorias, lhes fez uma instructiva falla sobre o adiantamento das povoações e agricultura, com que lhes faria conhecer a sua satisfação, assim como do contrario a sua severidade: acabada esta diligencia e a de uma cordial despedida, se recolheu á sua canôa a despachar alguns requerimentos que os moradores lhe fizeram, largando do dito porto pelas nove horas da manhã, proseguindo-se a viagem da margem oriental do sobre referido rio Xingú: pelo melodia passámos por defronte do sitio chamado da Boa Vista, que fica tres leguas distante de Porto de Mós; e pelas duas e tres quartos portámos para jantar em um sitio chamado Pauáputira: pelas quatro e tres quartos continuâmos a nossa viagem, chegando pelas seis horas ao porto do logar de Villarinho do Monte [2], que fica quatro leguas distante do sitio da Boa Vista; logo S. Ex.ª desembarcou no porto do referido logar, onde o esperavam o vigario, o director e os principaes, que o acompanharam até a freguezia, que tem o orago de Santa Cruz, e depois de n'ella fazer oração, examinou o templo e suas officinas, passando ás casas dos moradores, a que animou com os seus merecidos carinhos; e recolhendo-se á sua canôa, teve a soffrer n'ella e no dito porto uma grande trovoada, que até as dez horas da noite embaraçou a viagem, que então se continuou, passando pela meia noite por defronte do logar de Carrazedo [3], onde não portámos por causa do vento e hora; ordenando

[1] Villa de Souzel, que até o anno de 1758 se chamou aldêa de Ariovará, fica na margem occidental, seis leguas superior e distante de Pombal.

Pelo mappa da população consta ser de 661 pessôas.

[2] Logar de Villarinho do Monte, que até o anno de 1758 se chamou aldêa de Caviana, fica em uma collina da margem oriental do sobredito rio Xingú, quatro leguas e meia acima da sua barra.

Pelo mappa da população consta ser de 184 pessôas.

[3] Logar de Carrazedo, que até o anno de 1758 se chamou aldêa de Arapajó, está situada na foz do dito rio Xingú e margem austral do Amazonas.

Pelo mappa da população consta ser de 128 pessôas.

o dito Sr. a um dos cabos das igarités das ordens fosse avisar os principaes do referido logar para lhe virem fallar na villa do Gurupá, para onde continuava a sua viagem, já então pela margem austral do rio das Amazonas.

No dia 30 pelas tres horas da madrugada carregou outra trovoada, que nos obrigou a debaixo de todo o perigo buscar porto na dita margem do Amazonas, proseguindo viagem logo que o tempo serenou: pelas dez horas portámos na villa de S. Antonio do Gurupá [1], que fica dezeseis leguas e meia de Villarinho do Monte, no porto da qual esperava o senado com um pallio, debaixo do qual conduziram o dito Sr., depois de se lhe haver recitado uma oração de boas vindas; e passando então pela frente da tropa auxiliar (que alli se achava, pertencente ao terço de Cametá, e que felicitou a S. Ex.ª com tres descargas), entrou na freguezia, que tem o orago de S. Antonio, onde fez oração e a sua comitiva, depois da qual revistou o templo e as suas officinas, passando á fortaleza, que consta de um recinto irregular fabricado de pedra e cal, e ainda em principio, ouvindo sobre a sua continuação o sargento-mór engenheiro, com quem revistou igualmente os armazens; e dirigindo-se d'ahi a algumas casas dos moradores, e á em que se acha depositado o negocio do commum, se recolheu á casa da residencia, onde com o intendente geral despachou cento e vinte petições que os moradores lhe haviam feito: pela uma hora da tarde passou a

[1] Villa de S. Antonio do Gurupá. No anno de 1623, depois de um grande debate, que tiveram os Portuguezes para invadir a guarnição de varias nações européas das trincheiras com que se tinham intruso no sitio de Mariocay, se levantou n'elle a fortaleza, de que hoje ainda ha vestigios, dentro do recinto da que existe, tudo debaixo do nome de S. Antonio do Gurupá: fica esta villa, que é de moradores brancos, situada em uma barreira, que poderá ter trinta braças de alto, na margem austral do rio das Amazonas, que n'este sitio é cheio de ilhas, que abundam em cacáo silvestre.

Pelo mappa da população consta ser de 393 pessôas.

embarcar na sua canôa, onde fez servir o jantar, para que convidou o vigario e o commandante; e pelo vento e maré ser contraria, se esperou até as cinco horas e tres quartos, que largámos rio das Amazonas abaixo com o designio de viajar toda a noite: pelas nove horas se atravessou o igarapé chamado das Aningas, e pela meia noite o rio chamado Picuruí.

No dia 31 de Outubro pelas tres horas da madrugada portámos na dita margem, por haver muito vento contrario, e pelas seis horas, que estava mais brando, proseguimos outra vez viagem, portando pelas nove, para ouvir missa, na bocca do igarapé chamado das Arêas, da qual largámos pelas nove e tres quartos: pela meia hora depois do meiodia largámos o rio das Amazonas, e entrámos na bocca superior do canal do Pajépurú, que dista treze leguas da villa do Gurupá, portando na margem occidental d'elle para se jantar: pelas tres horas e meia largámos da dita margem rio abaixo, na tenção de viajarmos toda a noite, atravessando pelas oito horas a bocca do Limão, e meia hora depois a bocca do Muritti-apina: pelas onze horas e um quarto encontrámos a canôa de um regatão chamado Alexandre Rodrigues, que vinha da cidade, e ia para a villa do Gurupá.

No dia 1.º de Novembro pelas seis horas da manhãa atravessámos a bocca do furo chamado Jaburú, e meia hora depois o encontro de alguns canaes, a que chamam o repartimento; entrando pelas oito horas em o chamado Pajépurú-merim, e pelas nove e meia em o rio Pará-aú, portando na margem septentrional d'elle pelas onze, onde se disse missa e jantou; e proseguindo pela uma hora a viagem, passámos meia depois por defronte de um sitio chamado do Prudente, atravessando logo adiante a bocca do furo que se communica com o rio dos Macacos, e pelas tres horas e um quarto a bocca d'este mesmo rio, que fica na margem septentrional do Pará-aú, que vadeámos, ficando-nos pouco mais abaixo a bocca de outro furo que se dirige á villa de Melgaço: pelas cinco horas, vendo S. Ex.ª que o contrario da maré lhe não permittia o poder chegar com dia ao

sitio de Santa Anna dos Breves, se metteu em uma das igarités das ordens com um criado, acompanhando-o em outra o Dr. intendente geral e o sargento-mór engenheiro, e fazendo ambas força de remo, atravessaram pelas seis horas o segundo furo que vai d'este rio Pará-aú á villa de Melgaço, portando pelas sete horas em o dito sitio ou logar de S. Anna dos Breves [1]. Logo S. Ex.ª desembarcou, e fazendo a sua costumada revista, ouviu o sargento-mór engenheiro sobre as verdadeiras dimensões que devia ter uma igreja, que no anno de 1782 se tinha alli mandado principiar, e que ainda não passava dos primeiros fundamentos, que mostravam estar fóra de todas as suas proporções; e depois de observar as casas dos moradores e fazer todas as precisas indagações sobre a fertilidade d'aquellas terras, chegaram as canôas grandes da comitiva, havendo-se n'este logar vencido dezoito leguas, que dista da bocca superior do Pajépurú, onde se tinha entrado no dia antecedente depois do meiodia: pelas nove horas S. Ex.ª se recolheu á sua canôa general a despachar varios requerimentos que lhe fizeram aquelles moradores, mandando depois servir a cêa, e pelas dez horas largar, a favor da maré, Pará-aú abaixo.

No dia 2 pelas quatro horas da madrugada portámos no fim do dito rio, onde pelas sete se disse missa e almoçou, largando ás sete e meia pelo rio Jupatitúba, ainda com algum resto de enchente: pelas oito e meia deixámos o dito rio Jupatitúba, e tomámos por um furo chamado de Mutuacá: pelas onze horas entrámos no rio Jupatipucú, jantando em viagem; pelo meiodia sahimos a costa occidental da Ilha Grande chamada de Joannes ou Marajó, que vadeámos por entre as pequenas ilhas que d'esta parte a circulam, portando pelas tres horas e meia em uma ilha que fica defronte do furo chamado do Piriá, onde esperámos maré e que os Indios descansassem e fizessem o seu comer: pelas oito horas da noite largámos d'este sitio,

[1] Logar de S. Anna dos Breves, que fica na margem oriental do rio Pará-aú, até o anno de 1782 se chamou Sitio dos Breves, por terem este appellido os edificadores d'elle. Pelo mappa da população consta ser de 99 pessôas.

indo entrar pelas onze no furo de Samanajó, encontrando n'elle pela meia noite uma canôa de Mazagão, que d'esta villa se dirigia á cidade, e trazia oito dias de viagem.

No dia 3 pelas quatro horas da madrugada sahimos do dito furo de Samanajó, portando meia hora depois na costa chamada de Maruarú: pelas seis e meia largámos, vadeando a dita costa, portando pelas oito em o engenho de assucar que tem o nome da mesma costa, e pertence ao mestre de campo Pedro Furtado de Mendonça, e fica doze leguas distante do logar de Santa Anna dos Breves. Logo S. Ex.ª desembarcou, vendo com toda a miudeza o engenho e olaria que alli ha, louvando muito o trafico, e recommendando que não esmorecessem nem se esquecessem de promover tambem a agricultura para que a terra era propria: pelas oito horas e tres quartos tornou a embarcar, proseguindo o costeamento da dita margem, que largámos pelas dez horas e meia, em que principiámos a atravessar a bahia de Maruarú, contemplada em este roteiro no dia 22 do mez passado, portando pela uma hora e um quarto em uma ilha que fica junto á terra da parte do sul, onde se jantou; e sahindo d'ella pelas tres horas e meia, se continuou a viagem até as onze, que portámos na bocca do canal do Japí, contemplado no primeiro dia do mez passado; ahi se serviu a cêa na canôa general, e pela meia noite nos pozemos em viagem pelo dito canal dentro.

No dia 4 pelas sete horas da manhãa findámos o sobredito canal do Japí, entrando no do Limoeiro, onde desembocca o do Pajé, que faz com o seu encontro a divisão a que vulgar e genericamente chamam repartimento. Pelas nove horas portámos no engenho do Limoeiro, onde se vencem treze leguas que fica distante de Maruarú: S. Ex.ª, depois de fazer servir o almoço na sua canôa general, para que convidou o senhor do engenho e seu filho, sahiu á terra a fazer oração na ermida, onde mandou entoar pelo seu capellão a ladainha de Nossa Senhora; e louvando depois muito a decencia da ermida, ordem e trafico do engenho, se recolheu á sua canôa general, fazendo n'ella a horas competentes servir o jantar, para que convidou os mesmos do almoço. N'este porto se achavam duas ca-

nôas de negocio, que se dirigiam á cidade; uma vinda de Barcellos, capital do Rio Negro, e outra da villa de Santarem; ambas, havia alguns dias, esperando propria monção para atravessarem a bahia do referido nome do Limoeiro, que nós pelas tres horas da tarde, pelo vento ter alguma cousa serenado, principiámos a atravessar, acabando de o conseguir pelas seis horas e meia, que tomámos terra na ilha Uraray, que termina a bahia, e onde se esperou a união das tres canôas grandes, que só se atreveram a tentar a sobredita travessia; passando então, pelas oito horas, o furo que vara á outra parte a ilha, e aonde se faz espera para atravessar a outra bahia chamada do Marapatá, ahi nos demorámos toda a noite, tanto por causa do máo tempo, como pela reunião das tres canôas *Redempção*, *Santa Martha* e *Santo Amaro*, que não proseguiram comnosco a travessia da sobredita bahia do Limoeiro.

No dia 5 pelas cinco horas e meia aclarou o crepusculo matutino: vendo S. Ex.ª que as ditas canôas não tinham chegado, e que o tempo serenava, ordenou tentassem as que alli se achavam a passagem da referida bahia do Marapatá, cuja travessia se acabou pelas oito horas e meia, principiando então a costear a margem oriental; atravessámos pelas nove horas a sahida do rio Pindoval, chegando pelas dez horas á espera e principio do rio Guanapú, descripto no dia 21 do mez passado, tendo n'este logar vencido as cinco leguas que tem as duas bahias de largo. N'este sitio encontrámos duas canôas de Villa Viçosa do Cametá, que vinham da cidade; uma que trazia quatro dias de viagem, e dava a noticia de ter chegado da cidade do Porto á do Pará uma galera invocada *Nossa Senhora da Conceição*, em o dia 29 do mez passado; e a outra disse trazer tres dias de viagem, e ter entrado na cidade em 3 do presente mez o navio *Flôr da Murta*, vindo de Lisboa. Na dita bocca do Guanapú se serviu o jantar em a canôa general, chegando depois d'elle, quando eram duas horas, as tres canôas que tinham ficado na bahia do Limoeiro; razão porque continuámos a nossa viagem pelas duas e meia a favor da maré, chegando pelas dez horas ao sitio chamado do Catimbáo, onde ceámos e dormimos.

No dia 6 pela uma hora da madrugada proseguimos viagem, chegando á bocca do Igarapé-merim, descripto no dia 21 do mez passado; por elle entrámos pelas cinco horas e meia, encontrando no meio d'elle adiante de nós uma grande canôa encalhada, que vinha da ilha do Marajó carregada de gado vacum e cavallar; pelo dito igarapé não dar logar a passarem duas canôas juntas, ordenou S. Ex.ª que todas as da comitiva dessem a terça parte das suas esquipações, para á força de braços levarem a dita canôa até alguma enseada, que deixasse livre a passagem das suas respectivas embarcações, manobra que se não pôde conseguir antes das sete horas e meia; sahindo pelas oito ao rio Mojú, citado no dia 20 do mez passado, e onde fazem onze leguas de distancia da bocca do rio Guanapú ou espera da bahia de Marapatá; pelo sobredito rio Mojú abaixo se continuou logo a viagem com algum vento contrario, e até as nove horas e meia tambem a maré, que a essa hora principiou a vasar; pela hora e meia da tarde passámos por defronte da freguezia do Espirito Santo chamada do rio Mojú [1], portando na margem opposta para jantar; acabado elle e de comer os Indios, largámos do dito sitio pelas quatro horas e meia, carregando-nos pelas cinco uma tão forte trovoada, que nos obrigou a portar na margem austral até as sete horas e meia, que d'elle largámos, continuando toda a noite viagem.

No dia 7 nos aclarou o crepusculo matutino junto ao engenho da Ribeira, onde S. Ex.ª desembarcou, fazendo pelo seu capellão dizer missa na ermida do dito engenho; acabada ella, passou a examinar e ver as officinas, cumprimentando depois a viuva, senhora do referido engenho; recolhendo-se á sua canôa, fez servir o almoço, e pelas nove horas, quando a maré na preamar estava estôfa, largámos do dito porto, atravessando pela uma hora a bocca do rio Uacará,

[1] Freguezia do Espirito Santo do rio Mojú, capella que foi da fazenda de Guajará-assú, pertencente a um particular chamado Manoel Thomaz Dourão, foi erecta parochia, em o anno de 1754, pelo bispo D. Fr. Miguel de Bulhões.

No mappa da população consta ter 1,893 pessôas.

e pelas duas e meia portámos na ilha chamada de Itanquam, defronte do engenho dos Santos Reis, que fica distante da bocca do Igarapemerim dezesete leguas, e afastado da cidade duas; ahi se jantou na canôa general, largando pelas quatro horas da tarde em demanda da cidade: e vendo S. Ex.ª o pouco que as canôas grandes se adiantavam, determinou embarcar-se em uma das igarités das ordens, junto com o seu ajudante, e que o mesmo fizesse em outra o Dr. intendente geral e o sargento-mór engenheiro; vogando ambas á toda a diligencia, portaram ás sete horas da noite em o arsenal real das madeiras, que fica meio quarto de legua fóra da cidade, d'onde logo o dito Sr. e sua comitiva por terra se dirigiram, entrando sem ser apercebidos no palacio da sua residencia pelas sete horas e meia, a que S. Ex.ª mandou tocar a retreta, com o que annunciou na guarnição a sua chegada para dar as ordens e se recolher na noite de 7 de Novembro de 1784. — O sargento-mór engenheiro *João Vasco Manoel de Braun.*

MEMORIA

QUE TEM POR OBJECTO REVINDICAR PARA A NAÇÃO BRAZILEIRA A GLORIA DA INVENÇÃO DAS MACHINAS AEROSTATICAS [1]:

Pelo conego Francisco Freire de Carvalho,
Membro correspondente do Instituto.

Famæ nec incuriosus, nec venditator....
CORN. TACIT., *Hist.*, liv. I, cap. 49.

A invenção das machinas aerostaticas remontaria a uma antiguidade muito distante do tempo a que anda vulgarmente attribuida, se fosse certo, como pareceu a alguns eruditos, que por meio de uma d'estas machinas, filha de seu proprio engenho, foi que o celebre Dédalo pôde escapar-se da ilha de Creta, para se pôr a salvo das iras do famigerado rei Minos. Em allusão a este facto, ou seja elle historico, ou muito embora fabuloso, não se esqueceu Horacio de mencionar a viagem aérea como um dos mais destemidos arrojos que caracterisam o humano atrevimento:

Expertus vacuum Dedalus aera
Pennis non homini datis [2].

Deixando porém largo campo aos curiosos esquadrinhadores de antiguidades tão remotas, para que apurem, se é possivel, o que ha

[1] Com quanto possua o Instituto em seu archivo um manuscripto original d'esta curiosa Memoria, que o seu auctor achando-se n'este Imperio em 1833 offerecêra ao conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva, então tutor do nosso actual Soberano e Protector, entendemos todavia dever servir-nos para a sua publicação do trabalho, muito mais desenvolvido, que o Sr. conego Freire de Carvalho leu na sessão litteraria da Academia Real das Sciencias de Lisboa de 20 de Maio de 1840, e foi impresso n'aquella côrte em 1843.
(Nota do Redactor.)

[2] Lib. 1, ode 3.

de verdade, ou de ficção, n'esta empreza de Dédalo, passemos já a ponderar algumas razões, fundadas em documentos, as quaes serviráõ para mostrar com sombra ao menos de grande probabilidade que, com quanto a invenção das machinas aerostaticas não seja tão antiga como Dédalo, tambem não será tão moderna como pretendem os physicos francezes, que attribuindo aos seus Montgolfiers este grande descobrimento, o não deixam por isso remontar além do anno de 1783. Mas se Montgolfier não foi o inventor das machinas aerostaticas em França no anno de 1783, a quem pertencerá a gloria d'este invento famoso? e em que tempo foi elle pela primeira vez ensaiado?

Aventuramo-nos a dizer (esperando todavia que nos levem isto em conta de uma simples, porém grande probabilidade), que o inventor das machinas aerostaticas foi o Portuguez-Brazileiro P. *Bartholomeu Lourenço de Gusmão*, irmão do bem conhecido Alexandre de Gusmão, que tão distincto se mostrou como politico no governo d'el-rei D. João V, e ambos elles naturaes da villa de Santos na provincia de S. Paulo em o Imperio do Brazil: e accrescentamos que o sobredito invento foi concebido, ou pelo menos executado pela primeira vez no mundo, em a cidade de Lisboa no anno de 1709, e por consequencia setenta e quatro annos antes do tempo marcado pelos physicos francezes, quando o attribuem aos seus Montgolfiers. Passaremos a dar a razão do nosso dito.

Haviam decorrido alguns annos, depois que tinhamos ouvido a differentes pessôas curiosas das antiguidades portuguezas—que ao P. *Bartholomeu Lourenço de Gusmão* é que de direito pertencia a gloria do invento aerostatico, a qual a elle e á nação portugueza andava usurpada pelos physicos de França—quando no anno de 1814, achando-nos em Lisboa, tomámos a nosso cuidado dar alguma luz a esta tradição, averiguando se existiriam documentos do tempo do celebre *Gusmão*, que podessem aclaral-a e confirmal-a. Por felicidade encontrámos documentos impressos e manuscriptos, e juntas com elles novas tradições relativas ao objecto d'esta nossa averiguação, o que tudo não sendo ainda só per si bastante para satisfactoriamente

decidir-nos, foi todavia sufficiente para dar ao nosso juizo algum rumo de direcção.

Entre os documentos encontrámos impressos os quatro seguintes:

1.º DOCUMENTO IMPRESSO.

« Petição do P. Bartholomeu sobre o instrumento que inventou para andar pelo ar, e suas utilidades. »

« Diz o licenciado Bartholomeu Lourenço que elle tem desco-
« berto um instrumento para andar pelo ar da mesma sorte que
« pela terra e pelo mar, com muito mais brevidade; fazendo-se
« muitas vezes duzentas e mais leguas de caminho por dia, nos
« quaes instrumentos se poderáõ levar os avisos de mais impor-
« tancia aos exercitos e terras mais remotas, quasi no mesmo tempo
« em que se resolvem: no que interessa a Vossa Magestade muito
« mais que todos os outros principes, pela maior distancia dos seus
« dominios; evitando-se d'esta sorte os desgovernos das conquistas,
« que provém em grande parte de chegar tarde a noticia d'elles.
« Além do que, poderá Vossa Magestade mandar vir todo o preciso
« d'ellas muito mais brevemente e mais seguro: poderáõ os homens
« de negocio passar lettras e cabedaes a todas as praças sitiadas:
« poderáõ ser soccorridas tanto de gente, como de viveres e muni-
« ções a todo o tempo; e tirarem-se d'ellas as pessôas que quizerem,
« sem que o inimigo o possa impedir. Descobrir-se-hão as regiões
« mais visinhas aos polos do mundo, sendo da nação portugueza a
« gloria d'este descobrimento. Além das infinitas conveniencias, que
« mostrará o tempo. E porque d'este invento se podem seguir muitas
« desordens, commettendo-se com o seu uso muitos crimes, e faci-
« litando-se muitos na confiança de se poderem passar a outro reino,
« o que se evita estando reduzido o dito uso a uma só pessôa, a
« quem se mandem a todo o tempo as ordens convenientes a res-
« peito do dito transporte, e prohibindo-se a todas as mais *so-*

« *bre*[2] graves penas; e é bem se remunere ao Supp.e invento de
« tanta importancia,

« Pede a V. M. seja servido con-
« ceder ao Supp.e o privilegio
« de que, pondo por obra o dito
« invento, nenhuma pessôa, de
« qualquer qualidade que fôr, pos-
« sa usar d'elle em nenhum tempo
« n'este reino ou suas conquistas,
« sem licença do Supp.e ou seus
« herdeiros, sob pena de per-
« dimento de todos os bens, e as
« mais que a V. M. parecerem,
« E R. M.ce

Consultou-se no desembargo do paço a El-Rei com todos os votos, e que o premio que pedia era mui limitado, e que se devia ampliar.

Sahiu despachado com a resolução seguinte:

« Como parece á Mesa; e além das penas, accrescento a de morte
« aos transgressores: e para com mais vontade o supplicante se ap-
« plicar ao novo instrumento, obrando os effeitos que relata, lhe
« faço mercê da primeira dignidade que vagar em as minhas colle-
« giadas de Barcellos, ou Santarem, e de lente de prima de mathe-
« matica na minha Universidade de Coimbra, com seiscentos mil
« réis de renda, que crio de novo em vida do supplicante só-
« mente. Lisboa 17 de Abril de 1709. Com a rubrica de Sua
« Magestade. »

2.º DOCUMENTO IMPRESSO.

N. B. — Imprimiu-se uma estampa, que se diz ser d'esta ma-

[1] *Sobre*, assim se lê no impresso, que fielmente copiamos.

china, e que já hoje é rara, mas da qual vimos um exemplar, em cujo reverso se lê impresso o seguinte:

« Não obstante que o auctor da machina diga que dentro dos glo-
« bos vai a magnete, cuja virtude fará subir a barca; comtudo
« não é a sua elevação por força da virtude attractiva, *mas sim pela*
« *força do gaz que os mesmos globos tem dentro*, e a que o
« mesmo auctor chama *segredo*, que não quiz declarar talvez por
« boas razões que para isso tivesse. O certo é que o auctor era ho-
« mem de talentos e de grande capacidade, e que a tal machina foi
« experimentada, segundo o testemunho de alguns velhos de pro-
« bidade, que ainda vivem em a nossa côrte; apezar de haver al-
« guem que o contradiga talvez por malicia, ou por ignorancia, etc.
« Lisboa na officina de Simão Thaddeo Ferreira 1774. Com licença
« da Real Mesa censoria. »

3.º DOCUMENTO IMPRESSO.

Consta de um folheto, cujo titulo é o seguinte: « Descripção do
« novo invento aerostatico, ou machina volante; do methodo de
« produzir o gaz ou vapor, com que esta se enche, e de algumas par-
« ticularidades relativas ás experiencias que com ella se tem feito:
« com a noticia de um semelhante projecto, formado em Lisboa no
« principio d'este seculo, e peças a elle relativas. Lisboa na officina
« de Antonio Rodrigues Calhardo (parece deveria ler-se *Galhardo*),
« impressor da Real Mesa censoria: Com licença da mesma Real
« Mesa. »

N. B. Este documento sem data é sem duvida posterior aos ensaios aerostaticos dos irmãos Montgolfiers, pois em tal documento já se falla n'elles; e é por consequencia dos fins do seculo passado, e ainda do tempo da Real Mesa censoria, com cuja licença foi dado á luz. D'elle damos por extracto o seguinte:

« . . . . Desejariamos concluir esta materia, fazendo honra ao
« engenho portuguez, que já no principio d'este seculo imaginou

« uma machina para viajar pelos ares : mas ainda que é voz cons-
« tante que tal machina chegára a construir-se, e que até se diz
« que ella se elevára ou voára do torreão da Casa da India; não
« podémos achar documento algum authentico, nem fidedigno, que
« atteste este facto. Acham-se em algumas livrarias e nas mãos de
« varias pessôas copias de uma petição do theor seguinte. . .

N. B. Lê-se logo após n'este impresso a petição pelas mesmas palavras com que atraz fica transcripta (documento impresso n. 1.°) : e remata com as phrases que d'elle continuamos a copiar fielmente.

« Com estas copias se acha um desenho da mesma machina, o
« qual por uma explicação a elle annexa, mostra qual devia ser a
« sua construcção. Ella, segundo alli se explica, seria da figura de
« um barco, ou antes de uma grande concha : seria forrada de cha-
« pas de ferro, e por dentro de esteiras de tabúa, para serem attra-
« hidas umas por pedras de cevar, e outras por alambres, collocados
« na parte superior da machina : esta sendo elevada pela dita attrac-
« ção, ou forças magnetica e electrica, seria, mediante uma vela,
« impellida pelo vento, e, na falta d'este, pelo que se lhe subminis-
« trasse com folles, alli igualmente collocados para este effeito; diri-
« gindo-se o rumo por um leme posto na pôpa, com umas pás
« ou azas em ambos os lados. Não é porém necessario ter muito
« conhecimento de physica ou de mecanica para ver que por estes
« principios é absolutamente impossivel o elevar-se uma machina
« volumosa e pesada : nem parece mesmo crivel que uma pessôa,
« que aliás deu outras provas de intelligencia e de engenho, po-
« desse jámais conceber a idéa de fazer voar uma machina de simi-
« lhante construcção. Como por outra parte ha uma constante tra-
« dição, apoiada com a auctoridade de varias pessôas sensatas e de
« provecta idade, que asseveram ter sempre ouvido que a ma-
« china de que fallamos chegára a elevar-se, e a voar ao menos por
« algum pequeno espaço; devemos crer que ella fosse de outro
« modo construida; e que o desenho, que agora vemos, não repre-
« senta o artificio que então se praticou. »

4.° DOCUMENTO IMPRESSO.

N. B. Este documento consta de varias poesias, copiadas exactamente da collecção impressa intitulada *Pinto Renascido* ... etc., e compostas pelo muito festivo poeta Thomaz Pinto Brandão, o qual, como é bem sabido, foi contemporaneo do P. Bartholomeu Lourenço de Gusmão; pois nasceu no anno de 1664, e falleceu no de 1743.

Ao novo invento de andar pelos ares.

DECIMAS.

1.ª

« Esta marôma escondida,
Que abala toda a cidade;
Esta mentira verdade,
Ou esta duvida crida;
Esta exhalação nascida
No portuguez firmamento;
Este nunca visto invento
Do padre Bartholomeu,
Assim fôra santo eu,
Como elle é cousa de vento. »

2.ª

« Esta féra passarola,
Que leva, por mais que brame,
Trezentos mil réis de arame
Sómente para a gaiola;
Esta urdida paviola,
Ou este tecido enredo;
Este das mulheres medo,
E em fim dos homens espanto,
Assim fôra eu cedo santo,
Como se ha de acabar cedo. »

Ao padre Bartholomeu, lendo na Academia.

DECIMAS.

1.ª

« Meu padre Bartholomeu,
Eu, segundo o meu sentir,
Não vi outro mais subir
De quantos vi voar eu:
O conceito é como meu,
Que o não pude achar melhor;
Porém se como orador
Tanto sabeis levantar,
Não me deveis estranhar,
Que eu vos chame VOADOR.

2.ª

» Tanto no ar vos remontaes,
Que com delgadas idéas
Fazeis de alcunhas plebeas
Antonomasias reaes:
E pois vos avisinhaes
Mais ao celeste fulgor,
Será tyranno rigor,
Que eu tambem no ar não falle,
E que na terra se cale,
Que é uma aguia o VOADOR.

3.ª

» Quem mais vôe não se vê,
E se ha quem d'isto se gabe,
Até agora se não sabe
Que casta de passaro é:
Só vós da vista e da fé
Sois quem logra este primor;
E pois tão alto louvor
Não ha outro a quem se applique,
Será força que eu publique,
Que só vós sois VOADOR.

4.ª

» Por força do vosso estudo,
Por geito do vosso estado
Para tudo sois azado,
Tendo penna para tudo:
Assim de estylo não mudo
No estranho do meu louvor,
E entendo do meu amor
(Se o não tomaes por labéo)
Que até chegardes ao céo
Haveis de ser VOADOR.

DOCUMENTOS MANUSCRIPTOS.

N. B. Os dous primeiros documentos manuscriptos, de que vamos servir-nos, foram extrahidos de uma collecção, que encontrámos em mão de pessôa erudita e muito curiosa, a qual collecção tinha por titulo: *Papeis originaes d'este tempo* (referindo-se aos primeiros annos do governo d'el-rei D. João V) *que existiam no cartorio do Sr. Manoel Coelho de Lima, dignissimo official de secretaria.*

1.º DOCUMENTO MANUSCRIPTO.

« Meu Senhor..... A maior novidade, que de presente se offerece » n'esta côrte, é a que lhe constará a V. S.ª da petição inclusa (é » a que deixámos copiada como 1.º documento impresso): está » concedida a licença, pagos os direitos, passada a provisão pela » chancellaria, e se trabalha na machina. E V. S.ª me terá sempre » prompto.... Deus guarde a V. S.ª muitos annos. Lisboa 22 de » Abril de 1709.

» Menor amigo e servidor de V. S.ª »

N. B. Esta carta não tinha nome, nem da pessôa que a escreveu, nem d'aquella a quem foi escripta.

2.º DOCUMENTO MANUSCRIPTO.

N. B. Offerecemos por segundo documento manuscripto um soneto, que parece haver sido feito no tempo em que o P. Gusmão deu publicidade á invenção da sua machina, a qual por isso mesmo que era nova, extraordinaria, e até esse tempo inaudita, teve, como quasi sempre costuma acontecer, quem a pretendesse desacreditar, e d'ella escarnecer.

SONETO.

Ao padre Bartholomeu, inventor da navegação do ar.

Veio na frota um doente brazileiro,
Em traje clerical, sotaina e c'rôa,
Fez crer que pelo ar navega e vôa
N'um barco sem piloto e sem remeiro:

Vai-se ao marquez de Fontes mui ligeiro,
Declara-lhe o segredo, este o apregôa;
Sahe a consulta, pasma-se Lisboa,
E em tanto esquece a fome no Terreiro:

Bem merece este doente eterno assento
Na ethérea região; eu já lhe approvo
A diabrura do subtil invento;

Pois um milagre fez, que é mais que novo,
Em manter tantas boccas só de vento,
Fazendo um cameleão de tanto povo.

3.º DOCUMENTO MANUSCRIPTO.

N. B. Este documento importantissimo e fidedigno, mais do que os outros todos, é o alvará expedido a favor do P. Bartholomeu Lourenço em vista do seu requerimento para a navegação do ar, por elle annunciada e promettida; documento fielmente copiado na Torre do Tombo da chancellaria d'el-rei D. João V. — Officios e mercês, liv. 31, fol. 202 v.

« Eu El-Rei faço saber, que o P. Bartholomeu Lourenço me « representou por sua petição que elle tinha descoberto um instru-

« mento para se andar pelo ar, da mesma sorte que pela terra e pelo
« mar, e com muito mais brevidade, fazendo-se muitas vezes du-
« zentas e mais leguas de caminho por dia; no qual instrumento
« se poderiam levar os avisos de mais importancia aos exercitos e a
« terras mui remotas, quasi no mesmo tempo em que se resolviam,
« no que interessava eu mais que todos os outros principes pela
« maior distancia dos meus dominios, evitando-se d'esta sorte os
« desgovernos das conquistas, que procediam, em grande parte, de
« chegar mui tarde a mim a noticia d'elles; além de que poderia
« eu mandar vir todo o preciso d'ellas muito mais brevemente e
« mais seguro, e poderiam os homens de negocio passar letras e
« cabedaes com a mesma brevidade, e todas as praças sitiadas pode-
« riam ser soccorridas, tanto de gente, como de munições e viveres
« a todo o tempo, e retirarem-se d'ellas as pessôas que quizerem,
« sem que o inimigo o podesse impedir; e que se descobririam as
« regiões que ficam mais visinhas aos polos do mundo, sendo da
« nação portugueza a gloria d'este descobrimento, que tantas vezes
« tinham tentado inutilmente as estrangeiras. Saber-se-hão as ver-
« dadeiras longitudes de todo o mundo, que por estarem erradas nos
« mappas causavam muitos naufragios; além de infinitas convenien-
« cias que mostraria o tempo, e outras que por si eram notorias, que
« todas mereciam a minha real attenção: e porque d'este invento
« tão util se poderiam seguir muitas desordens, commettendo-se
« com o seu uso muitos crimes, e facilitando-se muitos mais na con-
« fiança de se poder passar logo aos outros reinos, o que se evitaria
« estando reduzido o dito uso a uma só pessôa, a quem se man-
« dassem a todo o tempo as ordens que fossem convenientes a res-
« peito do dito transporte, prohibindo-se a todas as mais *sobre* [1] gra-
« ves penas; por ser justo que se remunerasse a elle supplicante
« invento de tanta importancia, me pedia lhe fizesse mercê con-
« ceder o privilegio de que, pondo por obra o dito invento, nenhuma
« pessôa, de qualidade que fôr, podesse usar d'elle em nenhum

Seguimos á risca o manuscripto da Torre do Tombo: o mesmo na pag. seguinte, linh. 4.

« tempo n'este reino e suas conquistas, com qualquer pretexto, sem
« licença d'elle supplicante ou de seus herdeiros, sob pena e per-
« dimento de todos os seus bens, ametade para elle supplicante, e
« a outra ametade para quem os accusasse, e *sobre* as mais penas
« que a mim me parecessem, as quaes todas teriam logar tanto que
« constasse que alguem fazia o sobredito instrumento, ainda que não
« tivesse usado d'elle, para que não ficassem frustradas as ditas
« penas, ausentando-se o que as tivesse incorrido: E visto o que
« allegou, hei por bem fazer-lhe mercê ao supplicante de lhe con-
« ceder o privilegio de que, pondo por obra o invento de que trata,
« nenhuma pessôa, de qualidade que fôr, possa usar d'elle em
« nenhum tempo n'este reino e suas conquistas, com qualquer pre-
« texto, sem licença do supplicante ou de seus herdeiros, sob pena
« de perdimento de todos os seus bens, ametade para elle supplicante,
« e a outra ametade para quem os accusar: e só o supplicante poderá
« usar do dito invento, como pede na sua petição. E este alvará se cum-
« prirá inteiramente, como n'elle se contém; e valerá, posto que seu
« effeito haja de durar mais de um anno, sem embargo da Ordena-
« ção do liv. 2.°, tit. 4.°, em contrario. E pagou de novos direitos
« quinhentos e quarenta réis, que se carregaram ao thesoureiro
« d'elles a fl. 160 do liv. 1.° da sua receita; e se registou o conhe-
« cimento em fórma no liv. 1.° do registo geral a fl. 149. José da
« Maia e Faria o fez em Lisboa aos 19 de Abril de 1709. Pagou
« d'esta quatrocentos réis. Manoel de Castro Guimarães o fez escre-
« ver.—Rei.—Conferido. Patricio Nunes: e comigo Joseph Corrêa
« de Moura. »

4.° DOCUMENTO MANUSCRIPTO.

N. B. Foi extrahido este documento por copia fiel de uma obra manuscripta, em dous volumes de 4.° pequeno, na qual pela ordem dos dias do anno, a começar desde os primeiros annos do seculo decimo oitavo, se acham recopiladas varias noticias pertencentes a Por-

tugal, etc. O seu auctor foi o beneficiado Francisco Leitão Ferreira, prior da igreja do Loreto de Lisboa, e socio da Academia Real de Historia Portugueza, de cuja erudita penna sahiram as *Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra*, e outras obras mais de merecimento. Nasceu em Lisboa a 19 de Maio de 1667, e morreu em 1735; e foi conseguintemente contemporaneo do P. Bartholomeu Lourenço de Gusmão, e até seu consocio na Academia Real de Historia Portugueza. — Possuia a obra manuscripta, d'onde foi copiado este documento, o Sr. José Bonifacio de Andrada e Silva, parente do auctor do invento aerostatico.

Lê-se no citado documento o seguinte:

« 19 de Abril de 1709. — Data do alvará d'el-rei de Portugal « D. João V a favor do P. Bartholomeu Lourenço, clerigo de « ordens menores, natural do Rio de Janeiro (foi engano de Leitão « Ferreira, por quanto o individuo de que trata era natural da « villa de Santos na provincia de S. Paulo, como atraz fica dito), « em que lhe concedeu privilegio para que elle sómente e seus « herdeiros podessem usar do instrumento, que se offereceu fazer « para navegar pelo ar; promettendo uma nova navegação de grande « utilidade para o dominio portuguez. Estamos esperando o effeito « e experiencia d'este inaudito invento. »

Nota marginal do mesmo auctor.

« Fez a experiencia em 8 de Agosto d'este anno de 1709 no pateo « da Casa da India, diante de Sua Magestade e muita fidalguia e « gente, com um globo que subiu suavemente á altura da sala das « embaixadas, e do mesmo modo desceu, elevado de certo material « que ardia, e a que applica o fogo o mesmo inventor. » E continúa depois: « Esta experiencia se fez dentro da sala das audien- « cias. »

Taes são os documentos por escripto que podémos descobrir, e que

nos serviram de fundamento para formarmos um juizo, pelo menos provavel, ácêrca do invento das machinas aerostaticas, fructo da sagacidade de engenho do celebre P. Bartholomeu Lourenço de Gusmão. Passaremos agora a fazer algumas curtas reflexões sobre estes documentos, e a elles accrescentaremos depois o argumento derivado da tradição relativa ao mesmo invento; para deduzirmos a final, á vista do que ficar ponderado, a nossa opinião sobre este assumpto.

REFLEXÕES A'CERCA DOS OITO DOCUMENTOS.

Reflexão 1.ª

Dos oito documentos, que ficam copiados, os quatro ultimos, isto é os manuscriptos e o primeiro e o quarto dos impressos, apresentam-se, conforme d'elles se deixa ver, como coevos ao invento de que dão noticia: o segundo porém e o terceiro dos impressos são de uma data muito posterior, e devem por isso ser havidos na conta de memorias meramente tradicionaes, que foram postas por escripto e publicadas pela imprensa muitos annos depois do acontecimento.

Não nos cansaremos em provar a authenticidade dos documentos manuscriptos ns. 1.°, 2.° e 4.°; pois baldada empreza seria o pretender leval-a á evidencia: diremos sómente a seu respeito que, não contendo elles materia de interesse para uma supposta invenção, maiormente entre Portuguezes, por desgraça tão desapegados d'este genero de gloria; de mais, que tendo sido os dous primeiros documentos manuscriptos encontrados com o titulo *Papeis originaes do tempo do governo d'el-rei D. João V*, no cartorio de um official de secretaria d'estado tão geralmente reconhecido por curioso, como foi Manoel Coelho de Lima; parece-nos que não será abusar das regras da boa critica philosophica o havel-os por authenticos: accrescendo que a materia de que tratam, além de outros solidos fundamentos, tem um muito plausivel arrimo na tradição assim da gente

portugueza d'esta capital, como da patria de Gusmão no Imperio do Brazil, conforme adiante se mostrará.

Quanto á authenticidade do 4.° documento manuscripto, extrahido da obra do beneficiado Francisco Leitão Ferreira, dizemos: que, attenta a descripção que d'esta obra nos fez primeiramente de bocca, e passados alguns annos em uma carta, escripta de Lisboa para Coimbra em 7 de Fevereiro de 1818, o Sr. José Bonifacio de Andrada e Silva, seu possuidor [1], não tivemos difficuldade em consideral-a como authentica, quando não seja autographa: e temos por sem duvida ser ella a mesma que o auctor da *Bibliotheca Lusitana*, no seu artigo relativo ao beneficiado Leitão Ferreira, menciona em ultimo logar entre os seus manuscriptos debaixo do titulo de *Ephemeride Historical, Chronologica, Lusitana, na qual por dias e annos se referem varios successos historicos e memoraveis, acontecidos em Portugal e nas suas conquistas, com outras memorias notaveis a este glorioso dominio pertencentes:* 1. 2. Tom. 4.° MS.; da qual obra diz o citado auctor da *Bibliotheca Lusitana* que tirára as memorias, que n'aquelle artigo deixa escriptas.

Pelo que respeita porém á authenticidade do 3.° documento manuscripto, essa é incontestavel; por ter sido copiado escrupulosamente dos livros da chancellaria d'el-rei D. João V, depositados na torre do Tombo.

Reflexão 2.ª

A' vista de todos os oito documentos apresentados, e da authencidade, se quer provavel, que reveste os tres d'entre os manuscriptos, 1.° 2.° e 4.°, e da indubitavel do 3.°; talvez não parecerá teme-

1 «Vamos agora ao manuscripto do P. Leitão Ferreira que possuo: devo dizer-lhes que não tenho toda a certeza de ser autographo, mas é pelo menos de certo uma copia d'aquelle tempo pela letra; e nenhuma duvida tenho que seja a *Ephemeride Historical....* etc., de que falla Barbosa; pois é em dous tomos de quarto pequeno, mas não traz titulo algum, nem prefação; e foi lembrança minha dar-lhe o de *Diario Historico.*» (Paragrapho da carta do Sr. José Bonifacio d'Andrada e Silva, mencionada no texto.)

ridade o concluir que o P. Bartholomeu Lourenço de Gusmão foi o inventor das machinas aerostaticas: por quanto abona esta conclusão em primeiro logar a petição do mesmo P. Bartholomeu Lourenço, feita a el-rei D. João V (documento impresso n. 1.°), que constitue tambem uma parte da collecção de papeis originaes Ms., pertencentes ao cartorio do official da secretaria de estado Manoel Coelho de Lima, dos quaes ou de outros iguaes seria extrahida a copia que se fez publica pela imprensa; documento este que se encontra copiado igualmente, posto que com leves alterações, no alvará d'el-rei D. João V passado a favor do P. Bartholomeu Lourenço (documento Ms. n. 3.°).

Abona esta mesma conclusão a consulta do desembargo do Paço, e a resolução d'El-Rei a favor do inventor da machina (documento impresso n. 1.°).

São outrosim um testemunho de bastante peso para corroborarem esta conclusão os versos satyricos ou encomiasticos (documento impresso n. 4.°, e documento Ms. n. 2.°); pois não se faz crivel que os auctores d'estes versos tomassem para assumpto de suas mofas, ou encomios, objecto tão extraordinario e inaudito, se acaso elle não tivesse uma certeza e notoriedade publicas: antes é muito crivel que este dos *aerostatos* pela sua mesma extranheza e novidade fosse um d'aquelles que, segundo o costume, faria mover as linguas e as pennas dos vates da capital, tanto para o vituperio, como para o louvor.

Fallando porém mais particularmente das poesias extrahidas da obra contemporanea intitulada *Pinto Renascido*, as quaes constituem o documento n. 4.°, impresso em 1732, isto é, durante ainda a vida do seu auctor, Thomaz Pinto Brandão; dizemos com toda a franqueza, que a favor da realidade da invenção dos *aerostatos*, por nós attribuida n'esta Memoria ao P. Gusmão, não apresentam de certo uma prova decisiva as duas primeiras decimas, que tem por epigraphe — *Ao novo invento de andar pelos ares.* — Por quanto do seu mesmo contexto se infere que foram feitas anteriormente ao primeiro ensaio aerostatico do anno de 1709, e sem

duvida no tempo em que o mencionado P. Gusmão andava trabalhando na construcção da sua machina, cujo promettido effeito podia por consequencia chegar ou não a realizar-se.

Outro tanto dizemos ácêrca do argumento que o auctor de um artigo do periodico o *Panorama* n. 80, intitulado — *Aerostatos, invenção portugueza* —, pretende deduzir das palavras da primeira das quatro decimas feitas *ao P. Gusmão lendo na Academia*, isto é, das palavras

Não vi outro mais subir;

asseverando o mesmo auctor que *é este um testemunho irrecusavel, por ser de um auctor coevo, que podia ser desmentido facilmente, se este successo fosse uma mera fabula:* pois bastará ler com alguma attenção a decima inteira, onde aquellas palavras se encontram, para cabalmente se conhecer que uma tal expressão é tomada alli pelo poeta tropologica, e não propriamente; visto alludir á eloquencia remontada com que o mesmo poeta diz víra orar na Academia Real de Historia Portugueza ao P. Gusmão, da qual era socio, e não já á sua ascensão aerostatica. Além de que, para melhor se conhecer que não é d'esta passagem das poesias de Thomaz Pinto Brandão que póde concluir-se a verificação effectiva do invento por nós attribuido ao P. Gusmão, o mostra com clareza o verso immediato ao citado ha pouco, nas palavras

De quantos vi voar eu;

assim como os dous versos mais abaixo

Porém se como orador
Tanto sabeis remontar, etc.

Todavia d'onde parece deduzir-se um argumento mais concludente a favor da proposição que vamos sustentando n'esta Memoria, é dos dous primeiros versos da segunda decima das quatro sobreditas que tem por titulo — *Ao P. Bartholomeu lendo na Academia*, — as quaes foram feitas muitos annos depois do de 1709, em que elle realizou, segundo entendemos, o seu primeiro ensaio aerostatico,

feito em publico; visto dever aquella academia a sua creação ao anno de 1720: e são os dous versos os seguintes:

Fazeis de alcunhas plebêas
Antonomasias reaes;

por quanto n'elles parece dar claramente a entender o poeta que a alcunha de *Voador*, com que por antonomasia era designado o P. Gusmão, não fôra devida meramente a um capricho popular, porém que tinha o seu fundamento em um facto real, a saber, no da *invenção aerostatica.*

O 3.° documento, ou o alvará d'el-rei D. João V a favor do P. Bartholomeu Lourenço, no qual lhe concede o privilegio de sómente elle ou seus successores poderem fazer uso do invento, promettido pelo sobredito P. Bartholomeu Lourenço, de uma navegação aérea, com todas as vantagens por elle annunciadas, prova de sobejo não só a existencia da concepção das machinas aerostaticas havida por aquelle Portuguez engenhoso nos principios do seculo decimo oitavo; mas tambem a verificação, pelo menos muito provavel, d'aquelle pensamento: pois não é de presumir que um homem das relações sociaes do P. Gusmão se atrevesse a apresentar tal requerimento, como o por elle dirigido a um rei e perante toda uma côrte, sem que tivesse feito anticipadamente alguns ensaios, que assegurassem um exito feliz das suas promessas, tão explicitamente desenvolvidas perante o mesmo rei n'aquelle seu requerimento.

Entre todos os argumentos, porém, o que por ventura estabelece mais firmemente a opinião que attribue ao P. Bartholomeu Lourenço o invento das machinas aerostaticas, e a sua verificação effectiva nos principios do seculo passado em Lisboa, é o que offerece o documento manuscripto n. 4.°, contido na *Ephemeride Historical* do beneficiado Leitão Ferreira; o qual documento seria sem duvida decisivo, se, em vez de ser-nos subministrado por uma obra manuscripta, rarissima, e com alguma incerteza de autographa aquella d'onde elle foi extrahido, o fosse por essa mesma, ou por outra obra do mencionado auctor, impressa sobretudo durante a sua vida; visto

ser elle pessôa de grande respeito por sua sisudeza e litteratura, e de mais a mais coevo da noticia que dá; e, se não presente ao facto, pelo menos residente n'esta capital, onde elle aconteceu, e que por isso mesmo podia obter informações exactas ácêrca da sua verdadeira existencia da bocca de muitas pessôas, que o testemunharam.

Verdade é que parece encontrar-se uma especie de contradicção no citado documento, em quanto diz n'uma parte que *a experiencia fôra feita no pateo da Casa da India*, e n'outra parte *dentro da sala das audiencias*: mas, além de que não é inverosimil que a dita experiencia se fizesse duas vezes, e nos dous differentes logares (pois, como adiante veremos [1], em mais algum do que estes foi ella repetida), talvez o que deva inferir-se d'aqui seja que Leitão Ferreira, não tendo presenciado o facto, e ouvindo vagamente dizer a principio que a experiencia tinha sido feita no *pateo da Casa da India*, contiguo á *sala das audiencias*, mais bem informado depois, corrigiu a equivocação da primeira noticia, marcando com maior exacção o local do acontecimento que refere.

Nem se diga que mal attribuimos ao P. Gusmão o invento aerostatico nos principios do seculo passado, quando é cousa corrente entre todos os eruditos que mais de quatro seculos antes d'elle já o Inglez Rogerio Bacon, no seu tratado *De mirabili potestate Artis et Naturæ*, havia fallado de uma machina destinada para suster um homem nos ares e para fazel-o voar: por quanto não consta que Bacon explicasse em parte alguma das suas obras o mecanismo por que ella se havia de suster e pôr em movimento nos ares, nem consta igualmente que elle désse á execução esse seu pensamento; bem que o mesmo Bacon assevere que uma machina d'estas chegára a ser construida e ensaiada com feliz resultado, da qual todavia ninguem mais, senão elle, nos dá noticia.

Tambem não destróe a opinião da prioridade do invento, que ao P. Gusmão aqui se attribue, a noticia de outra machina similhante, de que o jesuita italiano P. Lana, o qual viveu no seculo decimo

[1] Vid. Reflexão 4.ª, pag. 357.

setimo, se dá por auctor, e cujo mecanismo era devido a quatro globos de cobre vazios de ar; machina esta e navegação aérea que por meio d'ella promettia, de que trata o mencionado Lana na sua collecção intitulada *Prodromo all'arte maestra*, impressa em volume de folio, e publicada em Brescia no anno de 1670, reimpressa na mesma cidade no anno de 1684 debaixo do titulo de *Magisterium Naturæ et Artis*, 3 vol. in fol.; e na sua dissertação que tem por titulo *Navis volans*, a qual foi dada á luz avulsa das outras obras no anno de 1784; pois tambem não consta que Lana realisasse esse seu projecto, aliás por muitos sabios refutado e havido por impraticavel: e quando muito, o que d'aqui poderia concluir-se é que tanto Bacon, como Lana, bem assim como Galieno ou Galiano que pelo meio do seculo passado imprimiu um livro intitulado *L'Art de naviguer dans les airs, amusement physique et géometrique*... etc., conceberam sim uma tal ou qual possibilidadade da navegação aérea por meio de machinas, mas não que chegassem jámais a descobrir a maneira de levar a effeito essa sua concepção, e muito menos a pôl-a em practica, como fez o nosso Gusmão, e por aquelles meios, e empregando os mesmos agentes que (talvez á sua imitação) foram empregados muitos annos depois pelos irmãos Montgolfiers, como passamos já a mostrar na seguinte

Reflexão 3.ª

Que a machina aerostatica, inventada pelo P. Gusmão: 1.° foi concebida e construida segundo os principios da boa physica, e não conforme ao desenho que se imprimiu em Lisboa no anno de 1774 (documentos impressos ns. 2.° e 3.°): 2.° que para a sua elevação se empregaram os mesmos agentes de que muitos annos depois fizeram uso em França os Montgolfiers, e não os futeis meios de que tratam os dous citados documentos: verdades são estas que claramente se deduzem do documento manuscripto n.° 4.°, nas palavras da nota marginal: « Fez a experiencia.... com um globo que subiu « suavemente até a altura da sala das embaixadas, e do mesmo

« modo desceu, elevado de certo material que ardia, e a que appli-
« cava o fogo o mesmo inventor. » Outro tanto se conclue das palavras do documento impresso n.º 2.º, onde diz: « Comtudo não é
« a sua elevação por força da virtude attractiva; mas sim pela força
« do gaz que os mesmos globos tem dentro. » (O auctor d'este documento escrevia na hypothese, todavia inadmissivel, de ser a machina de que o P. Gusmão se serviu similhante á que se encontra descripta no documento impresso n.º 3.º).

Nem nos parece longe da verdade o admittir que, por quanto o P. Gusmão fazia um segredo (documento impresso n.º 2.º) dos agentes que empregava para a elevação da sua machina, divulgaria, com o fim de satisfazer á publica curiosidade, que ella era elevada pelas forças magnetica e electrica, isto é, pelas attracções combinadas do iman encerrado dentro do globo ou globos, e das enfiadas de alambres pendentes sobre as tabúas (documento impresso n.º 3.º).

Além de que, pretendendo o mesmo P. Gusmão que el-rei D. João V lhe concedesse o privilegio exclusivo da construcção e uso das machinas, de que era inventor, conforme na sua petição requer (documento impresso n.º 1.º), movido muito provavelmente das vistas de interesse que d'este seu invento esperava tirar, é fóra de duvida que faria todo o possivel para encobrir o segredo de que dependia a elevação das mesmas machinas, e por conseguinte a verificação do esperado lucro, empregando para isto toda a casta de patranhas que no vulgo corressem, as quaes não era difficil de serem acreditadas n'esse tempo em Portugal, que se achava atrazadissimo em conhecimentos physicos, patranhas com que chegou effectivamente envolvido pela via da tradição o fundo da verdade do facto até o anno de 1774, em que appareceu, segundo consta, a primeira noticia impressa d'este sublime invento portuguez, acompanhada porém de um desenho imaginario da machina aerostatica do P. Gusmão.

Reflexão 4.ª

Resta-nos fallar do argumento fundado na tradição tanto d'esta capital, theatro dos primeiros ensaios de ascensões aerostaticas, como do Imperio do Brazil, particularmente na cidade de S. Paulo, e na villa de Santos, patria do illustre inventor, a qual tradição attribue correntemente ao P. Bartholomeu Lourenço de Gusmão a invenção dos aerostatos.

Em primeiro logar, pelo que pertence á tradição derramada por Lisboa, sem sahirmos dos documentos produzidos, vimos que ella se encontra expressamente enunciada nas palavras do documento impresso n.º 2.º, no fim do qual se lê: « que a tal machina foi « experimentada, segundo o testemunho de alguns velhos de pro- « bidade que ainda vivem em a nossa côrte; apezar de haver alguem « que o contradiga, talvez por malicia ou por ignorancia. » E tambem pelo documento impresso n.º 3.º nas palavras seguintes: « Mas « ainda que é voz constante que tal machina chegára a construir-se, « e que até se diz que ella se elevára ou voára do torreão da Casa « da India.... » E proximamente ao fim do mesmo documento: « como por outra parte ha uma constante tradição, apoiada com a « auctoridade de algumas pessôas sensatas e de provecta idade, que « asseveram ter sempre ouvido que a machina, de que fallamos, « chegára a elevar-se e a voar ao menos por um pequeno espaço, « devemos crer.... &c.

Ao argumento da tradição, deduzido dos dous documentos impressos que acabamos de reproduzir, accrescentaremos: Que esta mesma tradição se encontrava ainda ha poucos annos na memoria de algumas pessôas anciãas, de cujas boccas a ouvimos por differentes vezes, sendo uma d'ellas o Sr. Timotheo Lecussan Verdier, nascido em Lisboa, e ha poucos annos fallecido n'esta mesma cidade quasi octogenario, sujeito aliás muito recommendavel por seus grandes talentos e litteratura, e um dos illustres socios d'esta Real Academia, o

qual nos asseverou que muitos annos antes do de 1783, em que se attribue aos irmãos Montgolfiers a invenção dos aerostatos, Bernardo Simões Pessoa, ex-consul Portuguez em Marrocos, homem bem conhecido dos seus contemporaneos n'esta capital, contava ter elle mesmo observado uma ascensão aerostatica em Lisboa, cujo balão se elevára da torre de S. Roque, e fôra cahir junto á costa da Cotovia por detrás de S. Pedro d'Alcantara; noticia esta que o citado Sr. Verdier nos asseverou ter ouvido da propria bocca do Pessoa em tempos muito anteriores ao anno de 1783.

Da tradição da villa de Santos e da cidade de S. Paulo no Imperio do Brazil nos deu informações, entre outros individuos, o Sr. José Bonifacio de Andrada e Silva, natural d'aquella cidade, asseverando-nos que era cousa tão constante o ter o P. Bartholomeu Lourenço de Gusmão inventado uma machina para se elevar e sustentar nos ares, que ainda hoje é lá designado o dito padre pelo epitheto de *Voador* [1].

Reflexão 5.ª

Não deve obstar contra a opinião, que ao P. Bartholomeu Lourenço de Gusmão attribue o invento aerostatico, o silencio do P. Barbosa Machado, o qual, dando noticia na sua *Bibliotheca Lusitana* d'este sabio illustre, nem se quer levemente toca em um assumpto tão glorioso para o Gusmão e para toda a nação portugueza. Não deve obstar igualmente o silencio de outros escriptores contemporaneos

[1] «Folgo muito que V.... trabalhe em revindicar para o P. Bartholomeu Lourenço a invenção dos *Aerostatos;* o que me é muito agradavel, por ter sido este grande homem, assim como seu irmão Alexandre de Gusmão, da minha patria, e meu parente ainda. É verdade que na minha familia e no meu paiz o P. Bartholomeu Lourenço foi sempre conhecido com o titulo de *Voador*, e que toda esta familia foi dotada de tantos talentos, que na minha tenra mocidade ainda me lembro ter conhecido uma sobrinha d'elles, que sabia perfeitamente a lingua latina, e passava por senhora muito instruida e discreta.» (§ da carta citada.)

do P. Gusmão, ou dos que depois d'elle viveram até o anno de 1774, no qual pela primeira vez, segundo entendemos, se fez publica pela imprensa uma noticia d'este famoso invento portuguez (documento impresso n.° 2.°).

Por quanto, além de ser este argumento meramente negativo, e por isso de pouca monta na presença dos positivos, subministrados pelos documentos que deixámos lançados no principio d'esta Memoria, mais particularmente pelo que se deduz dos documentos manuscriptos n.os 3.° e 4.°, e da tradição constante (documentos impressos n.os 2.° e 3.°, e reflexão 4.ª), póde muito bem ser que o mesmo maravilhoso e extraordinario e inaudito de um invento, por ventura reputado diabolico pelos contemporaneos do P. Gusmão, fosse parte para os determinar a deixarem sepultados no silencio assim a noticia do invento, como o nome do seu inventor, na persuasão talvez de que da sua publicidade viria a resultar alguma nodoa ou labéo para a nação que os havia produzido; pois, segundo já ouvimos a pessôa noticiosa de muitas antiguidades, não faltou n'aquelle tempo quem, em razão do invento aerostatico, désse ao P. Gusmão o nome de magico ou feiticeiro, em consequencia do que se viu elle precisado a expatriar-se, para escapar aos castigos de que as opiniões d'aquelle seculo pouco philosophico entre os Portuguezes o julgavam merecedor.

Nem deverá parecer destituida de fundamento esta suspeita, se reflectirmos em que um homem de tão abalisados talentos e grandes estudos, como era o P. Gusmão, segundo o testemunho do proprio Barbosa Machado na *Bibliotheca Lusitana*, ao qual não aponta um unico defeito, entre as muitas e excellentes qualidades que lhe attribue; um homem irmão de Alexandre de Gusmão, d'esse ministro famoso, ao qual se haviam confiado negocios diplomaticos da maior importancia para serem por elle tratados nas côrtes de París e de Roma; sem embargo de tão distinctos merecimentos pessoaes, e de tão boas relações de familia, nem assim póde escapar ao odio dos seus inimigos, o qual o obrigou a sahir d'este reino, e a ir acabar os seus dias na indigencia em territorio estrangeiro, como consta

da noticia que se lê em uma nota do poemêto *O Novo Argonauta* pelas palavras seguintes: « Entre nós esqueceu, assim como esquece, « que o primeiro aeronauta foi Bartholomeu Lourenço de Gusmão, que morreu no hospital de Sevilha. » [1].

E quem sabe se a inveja, a qual trabalha incessantemente por esconder as illustres acções de seus emulos, quando lhe não é possivel o deslustral-as e ennegrecel-as, não seria a que agrilhoou as pennas dos contemporaneos de Gusmão, opprimidos com a gloria immensa que o muito famoso invento dos aerostatos havia de grangear infallivelmente ao seu auctor?

De qualquer maneira pois que se pretenda interpretar o silencio dos nossos escriptores sobre um assumpto, que tão apregoado deveria ser entre Portuguezes e Brazileiros, parece-nos que um tal silencio não poderá de sorte alguma lançar por terra a opinião, aliás sufficientemente estabelecida, que ao illustre Portuguez Brazileiro attribue a invenção e primeira execução das machinas aerostaticas [2].

[1] *O Novo Argonauta*, por José Agostinho de Macedo, pag. 24, not. 1.

[2] Já a presente Memoria estava debaixo do prélo, quando chegou ás nossas mãos um impresso, sahido da typographia do Instituto Historico e Geographico do Brazil no anno de 1841, o qual tem por titulo — *Da vida e feitos de Alexandre de Gusmão e de Bartholomeu Lourenço de Gusmão*—composição do Sr. Visconde de S. Leopoldo, presidente do mesmo Instituto. Na parte d'este escripto pertencente ao segundo dos dous Gusmões, dá o seu muito erudito auctor uma noticia tão circumstanciada, como lhe fôra possivel obter, da invenção dos aerostatos pelo sobredito Bartholomeu Lourenço: e em a nota A do mesmo escripto é corroborada esta mesma noticia com alguns dos documentos de que nos servimos para confirmal-a, documentos subministrados, segundo lealmente declara o muito erudito auctor supracitado, por uma Memoria nossa, que o acaso, diz, lhe fizera deparar. A Memoria, de que alli se trata, é sem duvida a mesma que agora apparece á luz publica, uma copia manuscripta da qual, posto que n'ella o assumpto se acha menos desenvolvido do que aqui, foi por nós communicada no Rio de Janeiro em 1833 ao Sr. conselheiro José Bonifacio d'Andrada e Silva. Em obsequio ao Sr. Visconde, e em retribuição das expressões com que nos honra no seu escripto, inserimos n'este logar, extrahido do mesmo escripto, um testemunho de auctor francez (e por isso

Conclusão.

Por tanto, á vista dos documentos que n'esta Memoria deixamos transcriptos, e das curtas reflexões que sobre elles temos feito, julgamos que não deverá merecer o nome de temerario quem ao P. Bartholomeu Lourenço de Gusmão attribuir, como nós, se quer com grande probabilidade, attribuimos a invenção das machinas aerostaticas: a qual, conforme ao que acima fica declarado, foi pela primeira vez ensaiada em Lisboa no anno de 1709, terceiro do governo d'el-rei D. João V, e setenta e quatro annos antes que em França os irmãos Montgolfiers fizessem as suas tentativas aerostaticas, havidas até hoje por originaes pelos physicos francezes; muito embora o seu primeiro inventor e executor, o mesmo P. Gusmão, não chegasse a dar a este famoso invento aquella extensão de vantajosas applicações, que nos raptos do seu grande engenho e no fervor do seu patriotico zelo tão ousadamente esperava, e com tanta confiança promettia.

sem suspeita), do qual antes não tinhamos conhecimento, que serve para mais corroborar a proposição, que tomámos para assumpto d'esta nossa Memoria. As suas palavras, copiadas da *Biographie Universelle* de Michaud, tom. 19, são como se seguem: « Quoique, bien avant le 17.e siècle, divers » auteurs eussent proposé différents moyens pour s'élever dans les airs, il » paraît cependant certain que l'on doit au P. Gusmão les premières expé- » riences des ballons aérostatiques, renouvelées avec un si grand succès » soixante ans après sa mort. »

NOTICIA

SOBRE A ILHA DE JOANNES:

Pelo tenente-coronel José Simões de Carvalho.

(Manuscripto autographo offerecido ao Instituto pelo 1.º Secretario perpetuo Manoel Ferreira Lagos.)

Ill.mo e Ex.mo Sr. — O tenente-coronel engenheiro José Simões de Carvalho concluiu o mappa da ilha de Joannes a tempo de o remetter a V. Ex.ª por este comboi. Vai no mesmo canudo de folha com os mappas de seu collega José Joaquim Victorio da barra do Amazonas. Esta ilha, que em extensão excede a de todo o reino de Portugal, que produz os gados de que subsiste o Pará, que faz frente para todos os rios que dão navegação para o interior do Brazil, que é por toda a parte accessivel, é a meu vêr um objecto capital para a conservação de todo elle, digno portanto da real consideração de Sua Alteza para se conservar, e se levar aos termos de melhoramento e de defesa que necessita. — Deus guarde a V. Ex.ª Pará 30 de Setembro de 1800. — Ill.mo e Ex.mo Sr. D. Rodrigo de Souza Coutinho. — *D. Francisco de Souza Coutinho.*

Ill.mo e Ex.mo Sr. — Ponho na presença de V. Ex.ª o mappa que por ordem de V. Ex.ª levantei de toda a grande ilha de Joannes.

Esta ilha, que pela parte do norte faz face á foz do sul do rio Amazonas, tem, segundo o resultado das operações que fiz, de extensão de E. a O. 2° e 30' ou 50 leguas, e de N. a S. 1° e 43' ou 34 leguas. É dividida em duas partes diagonalmente debaixo do rumo de 55° N. O. proximamente; ficando pela parte do N. e de E. a que se lhe chama Marajó vulgarmente: esta é toda terra de campo semeada de ilhas de mato, que fazem o refrigerio dos gados nas horas da

calma. Tem a dita ilha redondamente contando mil e setecentas leguas. A dita parte terá a metade d'esta quantidade. A outra parte, que reina pelo sul e oéste da dita ilha, é de mato continuo e alagadiços.

O terreno de toda a ilha é de pouca altura acima do nivel das aguas que o cercam e permeiam: portanto de inverno o campo é tão alagado, que os novilhos que nascem em muitas partes n'este tempo morrem afogados. Estas são as que decorrem desde a ponta de Maguarí, pelas Profundas, Infernos, Mondongos, lago do Alçapão e cabeceiras dos rios Anajás e Cururú; pois são partes por onde faltam os tezos, para sobre elles os novilhos esperarem suas mãis. Pastam os gados por alli e mais partes, de inverno, com as cabeças debaixo d'agua. É arenoso todo o terreno d'esta ilha, caracter commum a todo este Estado do Pará: o que é Marajó ou campo não tem mais terra humosa que a que lhe cedem as hervas por sua aniquilação. Nas partes mais baixas mais alguma tem; mas como estão mais tempo debaixo d'agua, menos lhe resta para prestarem. Muitas d'aquellas ilhas de mato, as que estão mais altas, são capazes de plantação de mandiócas e mais generos, menos da de café e cacáo, porque as raizes d'estas arvores logo encontram argillas, de que não podem tirar substancia para continuar sua vegetação.

A abundancia das aguas de inverno e a grande seccura de verão, fazem com que o gado vadêe a procurar remedio aos incommodos de uma e outra estação: ficando por este motivo os campos de Marajó, communs aos gados dos donos das fazendas.

Ha por muita parte inferioridade em os terrenos da dita ilha pelas irregularidades acima ditas: portanto os pastos não são igualmente bons. As hervas morrem todos os annos segundo sua constituição, e deixam seus sedimentos; mas as aguas do mais alto os arrastam para os logares mais baixos. As cheias fazem o effeito n'esta ilha da baixa-mar da maré de verão, ao ponto da cheia de inverno por aquelles districtos da cabeceira do rio Anajás, e differe de doze palmos, ficando com esta differença de altura os campos debaixo d'agua, e as habitações dos fazendeiros como pontos no meio do mar. Faltam

a esta ilha serras, das quaes, com as chuvas, dimanariam seus despojos para os campos se fecundarem.

Não plantam os fazendeiros fruteiras até das que são mais vulgares: em partes por descuriosidade, em outras porque não ajudam as terras a fecundarem-se.

Além d'estes inconvenientes, é certamente o dito Marajó sujeito ao mais e menos com que a natureza se costuma a comportar, no dar das suas novidades, alternando-se os annos de fertilidade aos das faltas na criação dos gados. Grandes verões, grandes invernos, poucas ou muitas aguas, em extremo, são obstaculos. Assim mesmo com todos estes e outros que ha sempre, é esta Ilha grande de Joannes prodigiosa: pois se não estivesse repartida pelas mãos de tantos donos, si se fizesse certo numero de fazendas indivisiveis pelas heranças, se entreteriam forças necessarias para as suas beneficiações, em proveito do augmento do gado. Isto prova e demonstra bem a parte da ilha que por herança, e por estar em mãos pobres, não tem fazendas. Esta parte da ilha daria a abundancia de que é capaz, da qual depende o mais da capitania do Pará para sustentação de suas lavouras e fabricas, subsistencia do Estado para sustentar com as exportações as importações lucrosas da metropole. Os filhos segundos dos donos das fazendas soffreriam incommodo; mas com os lucros pecuniarios teriam seus pais para dar-lhes competentes dotes e proporcionaes para estabelecimento de familias na classe de lavradores, pelas mais partes do Estado, de que a ilha é uma pequena relativamente.

Como não é de minha obrigação esta materia economica politica, não me devo demorar n'ella. Acabei de andar esta ilha com a despeza de tempo de cinco mezes, e mais dous que por ordem de V. Ex.ª tinha feito. A ruina de umas fazendas e o acabamento de outras me fizeram perceber estes motivos da diminuição da abundancia, e da utilidade na criação dos gados.

A outra parte da mesma ilha, que é de mato continuo, tem os defeitos naturaes de toda a outra parte, pelo que diz respeito á terra em suas qualidades, e abundancia de alagadiços que a occupam.

Capaz de plantações de cana, arrôz e mandiócas nos logares fóra d'agua, que são em retalhos.

Por ora o pouco ou nada de gente que occupa (relativamente) todo este Estado, faz com que pareça áquelles não ser necessario esgotar os meios da arte de cultivar terras estereis, e de as melhorar quando se fizerem; porque é facil irem no dito Estado d'aqui para alli a procurar a beneficencia da natureza. Á simples vista se observa como n'este paiz ella reparte suas producções naturaes, dando de umas exclusivamente, de outras em differentes partes. Notarei um exemplo para me aclarar. Na classe das palmeiras ha rios que tem de um genero, e nada de outros. A que chamamos *Bossú* só se acha nos rios ou canaes que fazem a ilha de Joannes por oéste. Não me consta haver d'esta em outra parte do Estado senão acima das primeiras cachoeiras do rio Aracá, defronte de Barcellos, capital do Rio Negro. Em tanta extensão de terreno, haver por aqui o que por outra parte não ha parece bem proposito da mesma natureza.

Por todos os rios que sahem da mesma ilha se póde entrar até suas origens proximamente em canôas das de maior porte, das do uso d'este Estado. Claro fica de que por muitas partes ha meios de levar soccorros, se fôr necessario, para defender e repellir o inimigo que queira possuir a mesma ilha de Joannes. Os pantanos e alagadiço, que se enfiam desde a ponta de Maguarí, e pelo lago do Alçapão, Mondongos, até ás cabeceiras dos rios Anajás e Cururú, e os que pegam dos Mondongos por perisaes até o lago Arari, farão com que em força ordenada não possam os inimigos caminhar tomando violentemente toda ilha. Os filhos d'este Estado, e os Europeos que se tenham naturalisado no modo de andar n'elle, farão a guerra irregular e de caçadores, do que não virá capaz o inimigo, ou tão habil.

A ilha de Joannes é cercada de aguas do Amazonas pela parte do norte. Pela do sul com as aguas que por Maruarú de outros rios passam, depois continuam com as de Tocantins, até que pela parte de léste, com as do Guamá e Mojú, se precipitam pela Tejóca no mar. A parte do poente é formada por rios ou canaes, que com differentes

nomes vem desde Oajuna até Tejupurú. Á excepção das fazendas de gado do Marajó, esta ilha não tem estabelecimentos notaveis. O districto de Muana tem seus moradores, que já podem formar uma boa villa.

Deus guarde a V. Ex.ª muitos annos. Pará 1.º de Outubro de 1800. — Ill.mo e Ex.mo Sr. D. Francisco de Souza Coutinho. — Subdito de V. Ex.ª *José Simões de Carvalho,*

ETHNOGRAPHIA INDIGENA,

LINGUAS, EMIGRAÇÕES, E ARCHEOLOGIA.

PADRÕES DE MARMORE DOS PRIMEIROS DESCOBRIDORES.

(Carta dirigida ao 1.º Secretario perpetuo do Instituto pelo socio correspondente o Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen.

Madrid 1.º de Abril de 1849. — Ill.mo Sr. — Lendo a *Revista* n.º 8 (nova serie) do nosso Instituto, a qual acabo de receber, encontro na acta da 180.ª sessão uma proposta do nosso consocio o Sr. Dr. Freire Allemão, e approvada pelo Instituto, afim de que se peçam das provincias algumas informações ácêrca dos indigenas.

Interessado como estou na remessa de taes informações, peço a V. S.ª me permitta deixar correr livremente a penna, expondo o que ora de roldão me occorre a esse respeito.

O pouco que possuimos sobre tal assumpto não procede de que os escriptores antigos e modernos se hajam esquecido de occupar-se dos desgraçados indigenas: paginas e paginas lhes dedicam muitas, e sem embargo a sciencia ethnographica, a historia das raças, não adiantou com ellas um passo. Cançam-se uns a escrever os usos, costumes, industria e armas, que são quasi geraes a todas as raças áquem dos Andes e da Patagonia, e passam em claro os caracteres que poderiam concorrer á divisão das mesmas raças. Outros limitam-se a transmittir-nos, ou repetir-nos certos nomes dissonantes, que elles

julgam ser o sufficiente para que todos lhe associem as idéas, os attributos de nacionalidade e de usos que elles tinham na mente. Nem que se tratasse de raças conhecidas por todos, e que fôra pesado descrever; v. gr. os Chins, os judeos, ou ainda os ciganos, etc. Quem nomeasse judeos ou ciganos poderia d'elles contar alguma especialidade mais caracteristica que tivesse no paiz que se descrevesse; mas do mais suppõe-se o leitor bastante instruido para se não necessitar referir historias do Talmud, etc. — Mas quando se tratam especies menos vulgares, requerem-se mais explicações. Essas listas de nomes raros, que com os plagios dos escriptores pigmeos se vão cada dia escrevendo de maneira mais adulterada, e parecendo mais barbaras, sobretudo quando acompanhadas das fabulas que uns inventam e outros absurdamente repetem; essas listas, diziamos, não fazem mais que intimidar-nos, mostrando-nos o caminho com mais asperezas do que talvez elle tenha. Só Hervas, no seu grande trabalho sobre linguas americanas, nos dá os nomes de 51 nações brazilicas, que segundo elle nada tinham de commum com as tribus Tupís e Guaranís; e isso além de mais 70, que deixava em pendencia se eram ou não d'esta ultima familia. Pois tanto d'estas como das primeiras, varias nações temos nós já apurado serem uma só, designadas com nomes ora escriptos com differente orthographia, ora inteiramentes differentes, procedendo do padrinho que os nomeou, isto é do rumo que seguia o descobridor ou viajante, e da boa ou má intelligencia com que elles estavam para com a raça indigena ou colona, sua limitrophe por essa parte. Assim quando eram inimigos, designavam-os com alcunhas ultrajantes, e verdadeiramente essa alcunha não devia sem injustiça ser considerado o nome da nação ou da raça. Assim succedeu com o nome *Tapuia*, sobre que ainda hoje insiste a ignorancia que haja sido o nome de uma grande nação, quando basta abrir qualquer diccionario ou vocabulario guaraní para saber que *Tapuia* significa *barbaro*; por outra os Tupís davam aos seus inimigos o mesmo epitheto que os Romanos antigos, e ainda hoje em dia os Chins. Já o jesuita Simão de Vasconcellos (1633) nos deixon claramente expli-

cado que não havia tal nação *Tapuia;* mas para nós a melhor prova d'esta verdade consiste no facto de chamarem os Tupís tambem de *Tapuias* os Europeos seus contrarios; v. gr. os Francezes, aos quaes alguns denominavam *Tapuias-brancos, oié tapûi-tinga,* como se vê a pag. 42 do Diccion. Brazil. imp. em Lisboa em 1795.

Cada vez me convenço mais de que para o estudo das raças indigenas nada nos póde ser de mais soccorro do que o conhecimento das suas linguas. Por isso mesmo não me poupo a trabalho para juntar tudo impresso ou manuscripto que vou encontrando a tal respeito, e nunca pensei que só ácêrca da America do Sul se tivessem outr'ora publicado tão importantes obras.

E n'este logar tomo a liberdade de chamar a attenção de V. S.ª sobre o que ahi, em sua presença, n'esse Instituto li, ponderei e propuz em sessão do 1.º de Agosto de 1840. Desde então tenho tido occasião de reforçar-me mais nas mesmas opiniões; o que (seja dito de passo) não me succederá muita vez, já pela natureza dos estudos sobre materiaes ineditos que cada dia vou de novo descobrindo, já porque comecei demasiado joven, já finalmente porque dotou-me Deus de bastante docilidade e consciencia para sacrificar á verdade historica ou scientifica todo o sentimento de nescio amor proprio e vaidade. A proposito d'esses trabalhos, que foram impressos no numero 9 da *Revista*, e que hoje pela primeira vez li, depois que ahi os apresentei, rogo a V. S.ª o favor de fazer publicar na mesma *Revista* as erratas contidas no papelinho junto. [1]

Quanto á mencionada proposta do Sr. Dr. Freire Allemão, já que o estudo do assumpto (necessaria base á historia da colonisação e civilisação do Brazil que ora redijo, e para que trabalho, como V. S.ª sabe, vai para 15 annos) me tem d'elle feito conhecer os maiores tro-

[1] Erratas mais importantes a corrigir no tomo 3.º da *Revista* (1.ª serie).

Pag. 55, linha 21, *nações*, leia-se *noções*.
» » » 23, *differentes*, leia-se *difficeis*.
» 56, » 5, *mais*, leia-se *mãis*.
» » » 17, *analogia* leia-se *etymologia*.
» 60, » 31, *deverá* leia-se *devêra*.

peços, procedentes sempre de se desconhecer a que familia pertencia a lingua d'esta ou d'aquella raça, peço a V. S.ª que depois da devida venia ao auctor da proposta, proponha em meu nome ao Instituto que admitta o seguinte additamento a ella:

« Como expressa ou expressava cada uma das tribus indigenas da « provincia as palavras seguintes, a saber: *sol*, *lua*, *fogo*, *agua*, « *terra*, *peixe*, *mel*, *branco*, *preto*, *pé*, *mão*, *rir*, *chorar*, e final- « mente os numeraes até onde saibam ou soubessem contar. »

Reduzi as palavras ao menor numero possivel; mas com ellas se poderá colher mais fructo, não só porque todas são de objectos frisantes, e não podem na mimica dar logar a equivocos, que poderiam prejudicar a analyse fomentando combinações erradas, como porque sendo o trabalho menor haverá quem se promptifique mais a fazel-o. Para evitar equivocos nem se quer comprehendi na lista os adjectivos *grande* e *pequeno*, e as idéas physicas de *trovão*, *chuva*, etc., e as metaphysicas de *diabos*, etc. — Tambem fôra de grande vantagem saber como dizem os indigenas em sua lingua *homem*, *cara*, *habitador*, *possuidor*, *familia*, etc., e igualmente a significação verdadeira dos nomes das nações, v. gr. *Guatós*, *Chavante*, *Jipoçoas*, *Patachós*, etc. Mas não havendo que fiar-se muito dos conhecimentos philologicos dos informantes, quasi proponho que se não addiccionem; e pela mesma razão que nada se pergunte ácêrca do artificio da lingua, se bem seja esta parte tão importante para avaliar o gráo de barbaria dos povos. Em todo caso, de qualquer outro pedido que se faça, convirá redigir a pergunta nos termos bem precisos, que é o meio de sanar a impossibilidade que ha de fazer para as mesmas provincias, com os pedidos, remessa do necessario criterio para que as respostas venham como se desejam. Quanto ás palavras que acima nomeei não necessito dizer que se a relação pertencer á familia tupica, devem as ditas palavras approximar-se muito das seguintes: *coaracy*, *jacy*, *tátá*, *yg*, *yby*, *pyra*, *yra*, *tinga*, *una*, *py*, *pô*, *pucá*, *jacêm*; e os numeros serão: *oyepe*, *mocoy*, *mocapyr*, *etc.* As perguntas ácêrca dos usos dos indigenas podiam v. gr. reduzir-se ás seguintes:

1.ª Se tem ou tinham os beiços, ventas e orelhas furadas? De que fórma e de que substancia era o botoque que n'esses furos usavam?

2.ª Como trazem ou traziam o cabello.

3.ª Se dormem ou dormiam em redes ou no chão, e em que posição, se de lado ou de resupino.

Oxalá venham as respostas, e se publiquem, e já teremos avançado muito.

Durante a minha excursão pelo sertão colligi dous vocabularios; um dos Indios Guayanás de Guaruy proximo á Fachina, e outro de um piá que havia na villa de Curitiba, e que puz em contribuição ajudado pelo Sr. Bandeira e pelo meu amigo o Sr. Carrão, em casa de quem me achava hospedado. Se estão entre os meus papeis n'esta côrte irão com esta carta, se bem que não devem achar-se em harmonia com o plano que acima proponho; serão porém mais abundantes e tão seguros como os pude colligir.

Se não receiasse converter-me á força de pedir em leigo franciscano, e ir prejudicar a urgencia e approvação do additamento de proposta que acima faço, eu accrescentaria aqui o pensamento de escrever o Instituto aos Srs. presidentes das provincias, pedindo-lhes concorram por sua parte para que nos museos provinciaes ou estabelecimentos analogos, como são os jardins botanicos que possuem varias capitaes de provincias, se reunam não só quanto possivel os instrumentos e armas dos indigenas, mas principalmente os monumentos sepulcraes, como são os *camucis*. Nem se perderia nada que se reunissem antes em maior numero, pois a todo o tempo podem servir para enriquecer o estabelecimento por meio de trocas.

Convém que todos estejamos persuadidos que o nosso passado, o actual imperio mesmo, interessará tanto mais ás outras nações civilisadas e instruidas quanto mais longe podermos fazer remontar, não as fontes da nossa historia, mas os mythos de seus tempos heroicos, mas as inspirações de sua poesia.

Lembro-me de haver communicado uma vez ao Instituto que na freguezia do Juiz-de-Fóra em Minas encontrou o Sr. Halfel, na feitura

de uma estrada que dirigia, um cemiterio que os trabalhadores iam a principio destruindo, mas que acudindo elle contava salvar algum *camucú* inteiro com talha (*iguaçaba*) e tudo, e que o remetteria ao Instituto; o que não sei se levaria á execução depois da partida do Sr. Sturz, que era quem n'isso empenhava o seu amigo Halfel.

Na minha excursão para a banda dos campos de Guarapuava tive eu quem me informasse de que outros se encontravam por aquellas partes onde ha pequenos *Itararés* ou ribeiros subterraneos á maneira do rio d'este nome confluente do Paranapanema, e celebre pelo modo como por aquelles *lageados* de itacolumite quartzoso se esconde, depois de ter regalado os olhos do sertanejo com a visão da magnifica curiosidade natural do *funil*. Esses pequenos itararés, como lhes chamo, corroendo a terra descobrem ás vezes algumas *ibicoáras* ou sepulturas; se d'ahi não se puderem alcançar algumas mumias, convém ao menos haver a informação de como estão estas postas com referencia aos pontos cardeaes; pois se todas estivessem ao nascente, como na Bolivia, seria um indicio de adoração do sol. Confesso que quando ahi passei não dava ainda a estas observações a devida importancia.

Outro capitulo que merece exame são as *ita-oca*, ou casas de pedra, como aquelle nome está dizendo. Eu vi só uma á esquerda do caminho indo do bem situado povo da Ponta Grossa á freguezia da Palmeira, e já mui perto d'esta; mas confesso que ao tempo de ver lá ao longe taes pedras com tal ou qual symetria, á maneira dos monumentos druidicos na Europa, e que até me davam ar de ruinas de uma antiga povoação sobre a encosta de uma montanha, tive quasi vergonha de torcer o caminho para me approximar d'ellas, quando vi que o meu guia ou camarada se ria de mim por ser mais um enganado com a *ita-oca*, que segundo elle não eram mais que umas pedras que assim estavam por acaso. Então acreditei-o, tanto mais que ainda n'outros logares a natureza da rocha da montanha se prestava a taes caprichos; póde ser mesmo que o meu camarada tivesse razão; mas confesso que depois que li na preciosa collecção

inglesa de Purchas outra cousa similhante com o nome de *Etaoca* (isto é, com o mesmissimo nome attendendo a que o *e* inglez sôa *i*) ficaram-me apprehensões, que outros mais afortunados poderáõ desvanecer em cartas que a nossa *Revista* publique. Eu desde já peço muito ao meu amigo o Sr. Carrão que seja elle quem faça este serviço.

Não creia V. S.ª de tudo isto que sonho com cidades encantadas, e que sou de opinião que se devem buscar como quem busca ouro. Não senhor: tanto mais que eu sou d'aquelles que crê que o ouro não se deve buscar, mas que deve elle apparecer, e sei que por seguir opinião differente muita gente se tem perdido. Mas não está em mim, que vi com meus olhos (passe o pleonasmo) cobertos de altissimo mato virgem os restos de um colossal *saumaqui* ou ostreira; isto é de um grande monte ou pyramide conica feita de cascas de ostras, que serviam de mausoléo a muitas ossadas humanas, não está em mim, digo, deixar de ter fé e fé viva em que um dia o acaso fará descobrir n'alguns pontos da vasta extensão do Brazil alguns monumentos de outra geração anterior, e mais civilisada que a raça degenerada, pela maior parte botocuda e cannibal, que Deus não permittiu que continuasse por mais tempo a senhorear sem proveito tão abrigados portos, tão ricas minas, terras tão productivas, paiz todo em fim tão importante que viria a estender a esphera dos conhecimentos humanos, e fazer os nossos similhantes cada vez mais dignos de adorar o Creador pelas suas obras. Pois que! É por ventura verosimil que essa raça, que deixou tão acabados monumentos em Carangas, no Canar, no lago de Titicaca e em Tiguanaco, se era acaso só habitadora das montanhas, não seguisse pelas cordilheiras e chapadas que separam as vertentes do Amazonas das do Prata até as serras d'Aguapehy e dos Parecis? E se não eram só habitadores de montanhas, é possivel crer-se que os conquistadores de Cuzco não baixassem alguma vez o Mamoré ou o Pilcomayo?

Repito: não sou visionario; mas toda a razão não é bastante ás vezes para destruir certas convicções intimas, a que cada um poderá

dar o nome que queira, mas que existem. Meu ponto de contacto se nota nas sepulturas ou *camucis* do Brazil com as *chulpas*, *açancos* ou mumias dos Aimarás: é a posição acocorada que n'uns e outros tem os cadaveres.... Os meus estudos até hoje levam-me á conjectura (que talvez ainda modifique com novos dados que encontre) de que a raça tupica, que os descobridores europeos encontraram na costa septentrional e parte da oriental do Brazil, e que como está de todo averiguado era ahi uma raça não autocthona, mas conquistadora; levam-me, dizia, á conjectura de que a mesma raça tupica não invadiu do sul para o norte, e de que não era o Paraguay, como desde Hervas tem pretendido os ethnographos d'esta parte, o primitivo solo d'onde era aborigena essa raça invasora, cuja lingua tão suave nenhuma comparação tinha com todas as outras que nas immediações do Prata se encontravam, sempre asperas e gutturaes como todas as linguas de paizes mais frios. A lingua guaraní, tão parenta da omagua, nasceu com esta nas margens dos grandes rios tropicaes Orenoco e Amazonas com seus possantes braços; circumstancia que fez de seus habitantes um povo navegador. E não o digo pelo facto de terem as differentes familias de Tupís perseguidas pelos novos colonos conquistadores voltado como por instincto a refugiar-se no patrio ninho, onde em grande parte ainda se conservam; mas tão pouco me é permittido reduzir a uma discussão critica esta carta que a V. S.ª escrevo, e que já se vai alongando. Direi só em resumo que *pelo que hoje sei* os Tupís e Guaranís invadiram do norte para o sul, aproveitando-se da grande vantagem de suas canôas ou marinha de guerra; foram os antigos Normandos d'esse territorio, os Jasons e argonautas da sua mythologia. E a invasão não só a fizeram pelo mar seguindo pelo Maranhão; mas pelos rios Madeira, Tapajós, &c., baixando depois de novo pelo Paraguay e Paraná. É pois da raça anterior á esta, ou ainda d'alguma mais antiga, que eu tenho fé de que se encontrarão vestigios.

E quem nos diz que no nosso territorio, onde a vegetação é tão feraz, arvores seculares ornadas de caraguatás e d'orchydeas, espessos matos virgens embaraçados de cipós, brajaúbas e astrocaria,

não cobrem hoje esses monumentos, que na Bolivia estavam patentes, por isso mesmo que ficavam em logares onde quasi não havia arvores? Repito: eu que vi altissimos jequitibás e tão fortes begnonias e melanoxilons, cujas raizes vestiam sem penetrar um monte d'ostras cortado a pique (porque aquellas se estavam tirando para fazer cal), creio tudo possivel. Mas que não se abuse de tal crença; convém estar prevenido para seguir a pista d'algum indicio, mas perder o tempo e o dinheiro a procurar de maneira alguma. As roças e as aberturas de estradas serão n'este sentido os verdadeiros exploradores.

Aos scepticos que não se abalassem com taes considerações ácêrca d'estes monumentos, que chamarei, se quizerem, fabulosos ou mythologicos, pediria eu que ao menos se dedicassem a salvar outros monumentos historicos que temos, se bem que menos poeticos e insignificantes, mais reaes e positivos. Fallo dos padrões de marmore postos ao longo da costa pelos primeiros exploradores, e depois pelos donatarios. Se algum dos primitivos existir deve n'elle ver-se a esphera armillar do feliz D. Manoel. Era uma curiosidade que valia bem a pena salvar, se ainda fôr possivel: — sei que valem pouco; mas quem tem pouco deve guardal-o para a posteridade, se não se quizer que esta fique sem nada.

Tentado pela curiosidade á vista da menção que de um d'estes padrões, situado em um pontal defronte da ilha da Cananéa, faz o Paulista Fr. Gaspar (p. 32), fui em pessôa ao local em Janeiro de 1841, e não encontrei ahi um só, mas tres padrões, apenas com as quinas, e sem esphera, nem castellos, nem a data. Acompanhou-me a examinal-os um pouco ao sul da barra da Cananéa o Sr. major Oliveira, e um de seus filhos que vive ahi perto, e a quem eu fôra recommendado por um dos amigos de meu pai, o Sr. Raphael Tobias de Aguiar.

Os padrões eram signaes; estavam juntos, um ao meio, com seus dous tenentes aos lados; d'estes um tinha cahido e estava lá mui no fundo, onde o levára o rolo do mar que o cobria, tendo já sujo de ostras e sururús. Lá o deixámos em paz. Lembro-me que o meu exame foi tão minucioso que até descobri as pequenas covas

que se tinham brocado, ou antes aberto a picareta no rochedo, afim de poderem n'este segurar sem resvalar os pés da cabrilha que tiveram que armar para içar aquelles. De tudo o que vimos e examinámos se lavrou um auto a meu pedido, declarando que não havia em taes padrões esculpidas nem espheras, nem data, como por sua conta affirmou Cazal (T. 1.° pag. 227 e 228), assignando-lhe a éra de 1503; o que nunca pude acreditar ainda antes de lá ir desenganar-me, como V. S.ª deduzirá da nota que em 1839 escrevi no fim das pags. 90 e 91 do *Diario de Souza*; e aqui sinto ter que recordar como o meu illustre amigo, que traduziu em francez o mesmo *Diario*, se enganou n'este como em alguns outros pontos. A inspecção d'estes padrões fazem desapparecer mais um argumento dos levantados n'este seculo para perseguir a memoria de Americo Vespucci, que tanto tem padecido por uma injustiça para que, como está provado, elle nada concorreu, havendo sido pelo contrario grande amigo de Colombo, segundo este mesmo declara em carta a seu filho.

Esse auto que lavrámos não o tenho aqui: guardo-o em Pariz com os outros documentos que deverão acompanhar a seguinte edição do mencionado *Diario*. E só por isso o não mando, estando persuadido, como estou, que convém cuidar do assumpto. Comtudo facil será a V. S.ª obter da Cananéa outro auto, que daria mais força ao meu: se bem que o melhor seria que um de nossos consocios proponha ao Instituto, e este peça ao Governo, como reliquia historica, os taes padrões, que são de finissimo marmore branco, verdadeiro *calcareo sacharoide*, o que dá a conhecer que foi tirado de pedreiras visinhas a terrenos volcanicos. A taes padrões se poderia ahi, ou no Paço Imperial, dar qualquer destino que não prejudicasse a face lavrada.

Em todo o caso é de importancia consignar-se nos annaes do Instituto o facto de que não ha em taes padrões data alguma, e quanto a mim foram ahi deixados por Martim Affonso, cuja armada se demorou mez e meio n'esse porto.

Perdôe V. S.ª tanta extensão; mas nem eu mesmo esperava, ao

começar a carta, ter chegado até aqui. A proposito de monumentos, considero eu sel-o de outra especie a *Narrativa* da viagem ao Brazil por Fernão Cardim, que publiquei, e da qual o Instituto já terá recebido o exemplar que lhe destinei. Consagrei essa publicação, como declaro na primeira pagina d'ella:

Á memoria do conego Januario da Cunha Barboza pelos seus importantes desvelos para fomentar os trabalhos e publicações litterarias no Brazil.

Foi o primeiro tributo que pude render a um dos fundadores d'esse Instituto, o illustre antecessor de V. S.ª O Conego Januario não escreveu obras, que levem seu nome ás nações estranhas; tão pouco foi ministro que dirigisse os negocios do Estado; mas apezar d'isso fez grandes serviços, que á nossa gratidão pertence reconhecer. O conego Januario foi o Corrêa da Serra do Brazil.

Termino finalmente pedindo a V. S.ª tribute minha submissão a esse Instituto, e acceite as expressões reiteradas da minha estima e consideração.

Ill.mo Sr. Manoel Ferreira Lagos, 1.º Secretario perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. — *Francisco Adolpho de Varnhagen.*

P. S. Sinto ajuntar que não tenho aqui os meus dous glossarios, que devem achar-se com outros livros e papeis, que não trouxe á esta côrte para evitar grande excesso de peso de bagagem; mas será facil pelo Sr. barão de Antonina, ou pelo Sr. Carrão, obter outros mais completos d'aquellas partes.

REFLEXÕES

SOBRE A CAPITANIA DO MATTO GROSSO

Offerecidas ao Illmo e Exmo Sr. João de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, governador e capitão general da mesma capitania, pelos tenentes-coroneis de infantaria com exercicio de engenheiros Joaquim José Ferreira e Ricardo Franco de Almeida Serra.

(Manuscripto autographo existente no archivo do Instituto.)

Illmo e Exmo Sr. — A quem, Illmo e Exmo Sr., devemos nós offerecer estas Reflexões sobre o estado actual da capitania do Matto Grosso, relativas aos estabelecimentos hespanhoes confinantes, senão a um dignissimo general d'ella, dando assim a ler a V. Ex.ª as suas mesmas combinadas idéas, emanadas da illuminada penetração e conhecimentos geographicos, que d'esta vasta porção do novo mundo tem analysado o espirito geometrico de V. Ex.ª

Ellas são como um preliminar para o augmento e felicidade de uma capitania, sobre a qual V. Ex.ª, no tempo do seu feliz governo, derrama com prodiga mão a beneficencia do throno e o amor de uma augusta e virtuosa rainha para com estes seus distantes povos.

Por isso, Exmo Sr., são estas Reflexões dignas da alta attenção de V. Ex.ª, esperando que lhe sejam agradaveis, como producções que naturalmente tendem para o seu centro. Prospere o Céo por muitos annos a respeitavel pessoa de V. Ex.ª

De V. Ex.ª

Subditos e affectuosos veneradores

Joaquim José Ferreira.—Ricardo Franco de Almeida Serra.

Reflexões sobre o estado actual da capitania do Matto Grosso, combinado com os dominios hespanhoes que lhe são confinantes.

A situação geographica da capitania do Matto Grosso a constitue uma das mais importantes de todo o Brazil, tanto pela sua extensão e pelas sabidas, mas ainda intactas, riquezas que guardam os seus vastissimos sertões, como por ser fronteira ao vasto, populoso e rico Perú.

Ella confina a norte com as capitanias do Pará e do Rio Negro; pelo oriente com as duas de Goyaz e S. Paulo; e pelo sul e occidente com tres governos hespanhoes, que são: o generalato da cidade da Assumpção do Paraguay, e os dous governos das provincias de Chiquitos e Moxos: extrema que comprehendendo quinhentas leguas de larga fronteira, toda aberta aos ditos tres governos hespanhoes, faz por este lado ser da maior importancia a capitania do Matto Grosso, que deve ser considerada como uma barreira, que cobre e guarda o interior do vasto Brazil.

A superficie d'esta capitania é com pouca differença de sessenta e cinco mil leguas quadradas: área igual á de toda a Allemanha, e que reduzida a um quadrado lhe dá duzentas e cincoenta e cinco leguas de lado.

Consiste a população de tão vasto paiz apenas em vinte e duas mil almas; quinze mil na villa do Cuyabá e suas dependencias, e sete mil similhantemente na de Villa Bella.

Calculando pois a classe d'estas vinte e duas mil almas, resultam doze mil escravos, que no tempo da guerra são outros tantos inimigos do paiz e de seus senhores, e que só buscam a liberdade acenando-lhe o inimigo com ella. Restam ainda dez mil almas, das quaes metade são mulheres; e das cinco mil que ainda restam, se pódem tirar tres mil para velhos, rapazes e invalidos.

Pelo que apenas ficaráõ dous mil homens que possam pegar em armas no caso de uma guerra; sendo necessario n'esta conjunctura

abandonar os officios mecanicos e outros misteres de que só são capazes pessoas robustas; debilitando-se assim com manifesta ruina a diaria tarefa de extrahir o ouro das minas d'esta capitania, unico e só possivel objecto que póde attrahir homens a estes remotissimos terrenos, nos quaes, de todos os effeitos que póde produzir o fertil Brazil, só tem extracção os que consomem os seus poucos habitantes, cujos effeitos faltaráõ logo que os robustos braços que os fazem cultivar se empregarem em marciaes objectos.

A extrema da capitania do Matto Grosso, com os confinantes dominios hespanhoes, são por quinhentas leguas de extensão os rios Paraguay e Guaporé com parte do Madeira, os quaes devem ser considerados como dous amplos fossos que fecham, guardam e defendem não só a entrada para o interior do Brazil, mas riquissimos sertões que encerram em si famosas minas de ouro e diamantes, e que distam da extrema hespanhola pelas immediações do Jaurú e de Villa Bella apenas de sessenta até cem leguas; thesouros em que os Hespanhoes tem suppostas ainda que infundadas esperanças, blazonando muitos d'elles com as formaes palavras: Que se os Portuguezes não sacam os diamantes del Paraguay, elles irão a sacal-os.

O rio Guaporé por todas as duzentas leguas de sua extensão confina com multiplicados estabelecimentos hespanhoes, principalmente com as missões de Moxos, que ficam a poente, e pouco distantes do forte do Principe da Beira: missões habitadas por vinte e duas mil almas, e situadas umas sobre os rios Baures e Itonamas, rios que desaguam no Guaporé, o primeiro quatro leguas acima do forte, e o segundo pouco mais de uma; e as outras sobre as margens do rio Mamoré, que conflue com o Guaporé vinte e uma leguas abaixo do mencionado forte.

Abrem estes tres rios aos Hespanhoes, desde a cidade de Santa Cruz de la Sierra, não só amplas portas para os dominios portuguezes, mas a facilidade de entrarem pelo Mamoré no Madeira, onde fortificando a cachoeira d'este nome, que existe na juncção de ambos, podem pôr um obstaculo que córte a necessaria communicação entre as duas capitanias do Pará e Matto Grosso,

e isto sem sahirem da extrema do seu dominio. Facilidade que animou talvez os Hespanhoes nas ultimas épocas, em que as duas monarchias portugueza e hespanhola entraram em guerra, a pretenderem expulsar os Portuguezes do Guaporé logo que n'elle se estabeleceram, atacando-os vigorosa mas infructuosamente no forte da Conceição, substituido hoje pelo do Principe.

Comtudo, por algumas razões, que parecem solidas, póde conjecturar-se que elles para o futuro mudaráõ de ataque.

1.° Porque n'aquelle tempo só julgavam a provincia de Moxos a mais propria para o theatro da guerra, e a mais proxima aos estabelecimentos portuguezes.

2.° Porque ainda se não sabia que a provincia de Chiquitos é a mais visinha de Villa Bella, capital do governo de Matto Grosso, de que dista apenas trinta e tantas leguas.

3.° Por ser a provincia de Moxos em extremo doentia, e pela difficuldade que ha para conduzir desde Santa Cruz de la Sierra, tanto por agua como por terra, artilharia grossa e mais petrechos para atacarem o forte do Principe da Beira, que no centro da America e pela sua construcção deve ser considerado como uma praça real.

4.° A necessidade que tem de dividirem as suas forças para guarnecerem as suas missões que ficam expostas, as do rio Mamoré, aos soccorros que manda a capitania do Pará, que entrando no dito Mamoré, podem atacar vantajosamente a todos elles; assim como desde Villa Bella e do mesmo forte do Principe se podem igualmente invadir pelos rios Baures e Itonamas as missões n'elles estabelecidas, as quaes missões atacadas e destruidas acabaráõ por este lado a guerra brevemente, por serem ellas as que fornecem de gados, mantimentos, trabalhadores e remeiros aos Hespanhoes, os quaes da sua cidade de Santa Cruz, com caminho de quasi duzentas leguas, nunca poderáõ supprir quanto as missões fornecem, logo que estas se lhe arruinem.

Além das expendidas razões, reflectindo que as margens do rio Guaporé são na maior parte pantanosas, e por isso doentias e sezonaticas, e que os rios que entram n'elle por toda a margem portu-

gueza desde as visinhanças de Villa Bella até a sua confluencia com o Mamoré são igualmente alagados e de curta extensão, terminando todos nas altas serras dos Parecis de que nascem, serras que correndo parallelas ao Guaporé desde as suas origens com vinte e trinta leguas de intervallo por todo o seu curso, passam ainda além do Madeira para formarem as cachoeiras d'este caudaloso rio; fica manifesto serem estas serras uma muralha quasi inaccessivel pelas grandes difficuldades de atravessar similhantes sertões, impossibilidade de subsistir n'elles, e guerreiras e numerosas nações de Indios que seria necessario primeiro vencer e domesticar.

Pelo que nunca os Hespanhoes poderáõ superar uma tal muralha sem enormes despezas e perda de muitos centos de homens, que lhes faltaráõ para defenderem as suas missões, que deixam expostas aos Portuguezes, que em canôas armadas podem facilmente atacar a todas ellas sem perigo e com certa vantagem. Sendo a utilidade real dos Hespanhoes, e com effeito grandissima, senhoreados do Guaporé, abrirem uma franca porta para o rio Madeira e Estado do Pará, e privar os Portuguezes d'este fosso natural, que fecha e communica ricos sertões por mais de duzentas leguas de circuito, e abre amplas passagens para o interior do vasto e aurifero Brazil, e communicarem emfim não só a provincia de Moxos com a de Chiquitos, mas ambas ellas com o Paraguay.

Confina mais o Guaporé pelas immediações de Villa Bella com a provincia e governo hespanhol de Chiquitos, que lhe fica ao sul. Consta esta provincia de dez missões habitadas por vinte mil almas; é o seu terreno saudavel e cria gado vaccum e cavallar: as mais proximas á Villa Bella são as missões de S. Raphael, S. Miguel, Santa Anna e S. Ignacio, de que distam de trinta e seis para quarenta leguas.

D'estas missões, as duas ultimas são duas portas por onde os Hespanhoes podem entrar facilmente nos campos de Cazal Vasco, e d'elles approximarem-se até as visinhanças de Villa Bella, de que distam dez leguas, e sem obstaculo, por serem estes campos abertos e de grande largura; o que faria uma notavel diversão ás poucas forças da capita-

nia do Matto Grosso, combinada ella com a que ao mesmo tempo pódem fazer pela provincia de Moxos.

Porém ainda que por este lado pareça muito mais possivel qualquer ataque do que pela provincia de Moxos, pois os Hespanhoes em quinze dias podem transportar de Santa Cruz para as ditas missões de Chiquitos todos os petrechos correspondentes, aonde acharáõ mantimentos, trabalhadores e cavalgaduras necessarias; comtudo lhes custará chegar até Villa Bella, visto terem que passar antes o rio Alegre duas vezes, e o Guaporé outra defronte da dita villa: rios que correndo entre mattaria fechada e com alagadas margens, facilitam aos Portuguezes mil vantagens para se defenderem, tanto por agua como por terra; além de que, sempre devem suppôr que a capital de um governo, que existe sobre a fronteira, estará fornecida de armas e tropa, não só para a sua propria defensa, mas para soccorrer os outros expostos estabelecimentos da sua dependencia. E os Hespanhoes conhecem as difficuldades d'estes passos, e sabem não só que estes paizes por doentios lhes são funestos, e que n'elles não podem subsistir, mas que os ditos campos por alagados são intransitaveis grande parte do anno, maiormente a um corpo grande de tropa, que a não ser numeroso nunca poderá assombrar Villa Bella.

Nasce emfim o Guaporé nos campos dos Parecîs, na latitude austral de 14 gráos e meio, e na longitude de 313 gráos e dous terços, vinte leguas a és-nordéste de Villa Bella: nascendo na mesma latitude e oito leguas mais a nascente o rio Jaurú. Estes dous rios, depois de correrem parallelos de norte a sul por vinte leguas de curso, voltam a oppostos rumos; o Guaporé a poente, passando com mais trinta leguas de correnteza por Villa Bella, e o Jaurú com extensão pouco maior a oriente, até confluir no Paraguay na latitude de 16 gráos e 24 minutos.

A distancia pois de Villa Bella até a bocca do rio Jaurú é de cincoenta leguas de terreno coberto na maior parte de vasta mattaria, de campos alagados e altas serras: d'estas umas ficam seis leguas a norte de Villa Bella, e são as em que existem os seus arraiaes, para os quaes ha poucos e difficultosos passos; e as outras serras, que lhe

ficam a suéste, são as de que nascem os dous rios Alegre e Aguapehy, este braço do Jaurú, e aquelle do Guaporé, unicos rios que positivamente existem entre os ditos Jaurú e Guaporé, cuja posição de terreno coberto de espessa mattaria, em parte montuoso, e em parte alagado, faz que este espaço de cincoenta leguas seja quasi impenetravel ao inimigo, e de facil defensa para os seus habitantes.

Pela prévia descripção do Guaporé e dos estabelecimentos hespanhoes que lhe são fronteiros, fica evidente, supposta a pequena população da capitania do Matto Grosso, que as suas forças apenas serão bastantes para obrar defensivamente: porque para a guarnição do forte do Principe da Beira, praça regular de quatro baluartes, para as necessarias guardas e canôas armadas, que vigiem e defendam as boccas dos rios Baures, Itonamas e Mamoré, e outros postos visinhos da provincia de Moxos, dos intentos hostís dos Hespanhoes, assim como igualmente para guardar e defender os logares adjacentes a Villa Bella, á povoação de Cazal Vasco, ás visinhanças do registo do Jaurú (porta franca, supposto de alagados passos, para a missão hespanhola de Chiquitos de S. João, de que dista cincoenta leguas), e mais patrulhas volantes, além das forças que a capital d'este governo deve reservar, tanto para a sua defensa, como para soccorrer os logares mais expostos ou improvisamente atacados; fica evidente, digo, que todos os habitantes capazes de pegar em armas n'esta capital do Matto Grosso e Cuyabá serão todos elles necessarios para a vigorosa defensa do Guaporé, suppondo-o atacado ao mesmo tempo pelas duas distantes de Chiquitos e de Moxos, sem que haja outros vassallos que vão preenchendo as diarias perdas de gente que a guerra consome.

As reflexões sobre o rio Guaporé são de differente natureza das que offerece o rio Paraguay. O Guaporé é defensavel em si mesmo, como fica exposto, e os Hespanhoes sem um grande esforço e maior despeza não poderáõ atacar os Portuguezes ao mesmo tempo pelas duas confinantes provincias, e apenas terão forças para um ataque positivo; o mais serão diversões: tendo os Portuguezes por estarem proximos á fronteira certas vantagens, como são as grandes canôas do Pará, que

podem manobrar no Guaporé sem risco maior, até chegarem a todas as suas missões de Moxos, e mesmo até perto da cidade de Santa Cruz de la Sierra; assim como por terra podem com igual successo penetrar até o interior da provincia de Chiquitos, chamando o inimigo para o lado que lhes fôr mais vantajoso.

Este é o prospecto marcial que figura o Guaporé, olhado em toda a sua extensão; mas por outra face offerece tambem vistas interessantes, realçadas pelo commercio e pela paz; pois os Hespanhoes pelas duas provincias de Chiquitos e Moxos solicitaram sempre comprar aos Portuguezes alguns generos de valor, como ouros lavrados, anneis, laços, e mais pedraria, bretanhas, lenços, louça da India, vidros, facas, ferro, ferramentas, &c., a troco de alguma prata, de bestas, de pannos de algodão e outros effeitos. Este commercio buscavam mais anciosamente no tempo em que as duas corôas de Hespanha e Inglaterra entravam em guerra pela grande falta que se experimenta d'estes e outros generos, não só na cidade de Santa Cruz, mas em Cochabamba, na cidade de la Plata, e mesmo no Potosi e mais logares das suas dependencias. Apezar de ser o valor dos permutados generos excessivo em Matto Grosso, este commercio emfim, que no tempo das ditas guerras podia ser volumoso, no da paz é quasi insignificante.

As vantagens que a natureza deu aos Portuguezes na favoravel posição do Guaporé, lh'as negou no rio Paraguay, dando-as aos Hespanhoes, compensando assim reciprocamente as duas confinantes nações. O que se vai demonstrar nas seguintes reflexões.

Depois que a corôa de Hespanha, pelo tratado de limites de 1777, tomou posse da colonia do Sacramento e do terreno e ilhas adjacentes, ficou fechada aos Portuguezes a navegação do Rio da Prata, abrindo-se aos Hespanhoes no seu privativo dominio amplas portas para facilitarem o seu commercio e estenderem as suas colonias por toda a extensão do Paraguay.

Descripção do rio Paraguay.

Entre os parallelos de 12 e 13 gráos de latitude austral nascem

as origens mais remotas do grande rio Paraguay, divididas em muitos braços, todos riquissimos em minas de ouro e diamantes; os quaes correndo a sul já formados rios, se vão unindo successivamente para formarem o alveo d'este maximo rio, logo caudaloso e navegavel. Setenta leguas abaixo das fontes do Paraguay desagua n'elle pela sua margem occidental o rio Sipotuba, em que ha conhecidas minas de ouro.

Tres leguas mais inferior e pelo mesmo lado entra o rio Cabaçal, igualmente aurifero; pouco abaixo da foz d'este rio está situada na margem oriental do Paraguay Villa-Maria, na latitude de 16 gráos e 3 minutos, fundada em 1778 pelo governador e capitão general o Illmo Sr. Luiz d'Albuquerque; sendo este estabelecimento dos primeiros que os Portuguezes tem n'este rio, e por elle passa a estrada geral do Matto Grosso para o Cuyabá, Goyaz, S. Paulo e Rio de Janeiro.

Sete leguas abaixo de Villa-Maria entra no Paraguay pela margem occidental o rio Jaurú, na latitude de 16 gráos e 24 minutos: d'este logar para sul, rumo geral a que corre o Paraguay desde as suas origens, principiam os extensos pantanaes d'este grande rio.

A sua margem oriental n'este logar é de altas serras, que principiando desde as suas origens, terminam na latitude de 16 gráos e 43 minutos, extremidade a que chamam serra do Escalvado, da qual começam a ser uniformemente alagadas ambas as margens do Paraguay.

Na latitude de 17 gráos e 33 minutos fica na margem occidental do Paraguay a ponta de norte da serra da Insua, que tem ainda a norte d'ella a lagôa Uberava, de tres leguas de diametro. Esta serra se estende a sul outras tres leguas até a bocca da celebre lagôa Gaiba, da qual se torna a levantar continuando a sul para formar o montuoso lado de poente do Paraguay até o fundo do ainda maior lago Mandioré.

Defronte d'este lado montuoso do Paraguay desagua na sua margem de léste o rio Porrudos (chamado hoje de S. Lourenço), na latitude de 17 gráos e 54 minutos; e vinte e seis leguas d'esta sua foz

para cima entra no dito Porrudos o rio Cuyabá, que navegando mais setenta e oito leguas se chega á villa d'este nome, situada na latitude de 15 gráos e 36 min., noventa e seis leguas ao oriente de Villa Bella.

Das já ditas serras continúa o Paraguay a sul até as de Albuquerque, na latitude de 19 gráos, onde está a povoação d'este nome. Estas serras formam um solido quadrado de dez leguas de lado; ao occidente d'ellas existe a missão do Santo Coração, a mais distante e de sul das de Chiquitos; e mais a oéste e norte d'ella estão as duas missões de S. Thiago e S. João, que tambem ficam a poente das serras que formam as lagôas Mandioré, Gaiba e Uberava, ficando estas tres missões situadas de tal fórma, que por ellas se podem os Hespanhoes communicar facilmente com o Paraguay por qualquer das tres indicadas lagôas.

Entra mais n'este grande rio pela sua margem oriental o Taquarí, na latitude de 19 gráos e 15 minutos, rio navegado annualmente pelos Portuguezes, que desde a cidade de S. Paulo conduzem em canôas importantes carregações com grande trabalho e risco até a villa do Cuyabá. Elles descem todo o rio Tieté até a sua barra no Paraná, rio que ainda navegam descendo trinta e quatro leguas até a foz do Rio Pardo, que desagua no Paraná pela sua margem occidental. Sobem o Rio Pardo até a sua origem, aonde por seis mil duzentas e trinta braças de terra conduzem as canôas em carros até a fazenda de Camapuam, que dá nome a este celebre varadouro; a qual fazenda de Camapuam está na latitude de 19 gráos e 35 minutos, e na longitude de 323 gráos e 38 minutos.

De Camapuam descem o rio d'este nome, que entra no Coxiim, que navegado similhantemente entram no Taquarí, e d'este no Paraguay. Sobem então parte d'este grande rio até entrarem no rio Cuyabá, chegando emfim á villa d'este nome com navegação de sete e oito mezes, e andamento de seiscentas leguas, em que passam 113 cachoeiras, muitas d'ellas grandes e perigosas.

Cinco leguas abaixo da bocca do Taquarí desagua na mesma margem oriental do Paraguay o rio Embeteteú, hoje denominado Mondego.

Onze leguas mais a sul do Embeteteú se encontram dous elevados montes, cada um sobre a sua correspondente margem do Paraguay. Na fralda pois do monte de poente, e na sua ponta que olha para sul, está o presidio de Nova Coimbra, na latitude de 19 gráos e 55 minutos, e na longitude de 320 gráos e 2 minutos, fundado em 1775.

E como o Paraguay no tempo da sua maxima sêcca, que é a quarta parte do anno unicamente, corre encanado entre estes dous montes, foi este logar considerado como um fecho ou barreira para a sua navegação, e o que balisou sempre o privativo dominio de ambas as margens do Paraguay portuguez, e a sua navegação.

Comtudo, como ambas as margens do Paraguay muitas leguas acima e abaixo d'estes montes são formadas lateralmente por amplissimas campinas, todas alagadas a maior parte do anno, pelas quaes se navega livremente por detraz d'estes montes, e com grande fundo, sem que em muitas leguas de extensão possa haver embaraço algum para sahir ao alveo do rio no logar que se quizer; não devem estes montes ser considerados propriamente como um fecho inalteravel, e que obste sempre á navegação do Paraguay, mas sim outros montes que ficam a sul d'estes trinta e tantas leguas, na latitude de 21 gráos e um terço com pouca differença, a que tambem chamam Pão de Assucar.

Este logar pela sua configuração é naturalmente fortissimo, pois a margem oriental do Paraguay é formada por aspera e alta serrania, que se estende para o centro do paiz, sendo a opposta margem tambem montuosa, supposto de menos altura e extensão, havendo n'este logar no meio do rio uma estreita ilha formada por um elevado monte, que faz com as montuosas margens do rio dous estreitos canaes a alcance de mosquete.

N'estes verdadeiros fechos, logar importantissimo do Paraguay, terminam emfim as alagadas, amplas e pantanosas margens d'este rio: inundação que principiando do rio Jaurú para sul, tem boas cem leguas de comprimento, e quarenta de largo no tempo da maxima cheia d'este grande rio, que é de Maio até Outubro, formando assim um verdadeiro lago, a que os antigos chamaram de Xarayes; lago

que confunde na superficie das suas aguas com as do Paraguay as dos rios Cuyabá, Porrudos, Taquarí, Mondego e outros, formando emfim esta grande inundação, com as altas terras que abeira e as porções de terras que cerca, outras tantas montuosas e dispersas ilhas, e um labyrintho de multiplicados lagos, bahias e pantanos, de que muitos ficam existindo no tempo da sêcca.

D'este ultimo e positivo fecho dos morros, unico passo que povoado podia vedar para sempre aos Hespanhoes a navegação do Paraguay superior, principiam para sul a serem as margens do Paraguay já de terras firmes, principalmente a oriental ou portugueza: n'ella desagua, além de outro menor, e pela latitude de 22 gráos, o Rio Branco, que se julga ser o mesmo que pareceu Correntes aos commissarios portuguezes e hespanhoes, que no anno de 1753 pretenderam assignalar a linha limitrophe na incompleta diligencia da demarcação de limites de que então se tratou.

Abaixo do Rio Branco e pela mesma margem entra no Paraguay outro rio, a que presentemente chamam da Lapa; e mais inferior a elle desagua pelo mesmo lado de léste e pela latitude de 23 gráos e dous terços o rio Ipanê, que os ditos commissarios demarcaram para raia das duas confinantes nações, por supporem ter estes rios as suas cabeceiras mais proximas ás do rio Igurey ou Igatimy, como ordenam os artigos 6.º do tratado de 1750 e o 9.º do de 1777.

Comtudo os Hespanhoes, com manifesta infracção dos dous citados artigos, tem edificado sobre a margem oriental e portugueza do Paraguay seis leguas ainda acima da bocca do Ipanê, uma villa que denominam Real; infracção inda mais aggravante por serem as cabeceiras mais proximas ás do dito Igurey ou Igatimy origem não do Ipanê, como se suppunha, mas de outro rio, braço do Xeray, que entra no Paraguay inferiormente ao dito Ipanê pela latitude de 24 gráos e 10 minutos, segundo informam os practicos do paiz, ainda Hespanhoes.

Esta é em summa a descripção do Paraguay até onde chega o dominio portuguez, sendo tão rara a sua construcção, que desaguando n'elle pela margem oriental e portugueza todos os referidos rios, os quaes tem as suas fontes muito remotas no interior do Brazil, não entra

similhantemente na margem opposta e occidental d'este grande rio outro algum por quasi duzentas leguas de extensão, contadas desde a foz do Jaurú até defronte e ainda mais abaixo da bocca do Ipanê.

Do Ipanê para baixo corre o Paraguay por mais de duzentas e cincoenta leguas de curso até Buenos Ayres, entre os privativos dominios da corôa de Hespanha, que sobre as suas margens tem grandes e multiplicados estabelecimentos, sendo d'elles o mais proximo á extrema portugueza (além de Villa Real) a cidade da Assumpção, capital do generalato do Paraguay, de cujo governo a população consta de 113 mil almas.

A situação vantajosa dos Hespanhoes, senhores privativos da ampla barra que no oceano faz o Rio da Prata, e de grande extensão de ambas as suas margens, ou do Paraguay, que já tem sufficientemente povoadas; a navegação d'este rio, que não tendo uma cachoeira até perto das suas diamantinas origens, se facilita aos maiores barcos; a dependencia das suas confinantes provincias; os meios de facilitarem o commercio para o Perú propagando com elle novas colonias por toda a sua fronteira, e abrindo com ellas amplas portas, não só para o contrabando e para a fuga da escravatura portugueza, mas para no futuro fazerem por este lado a guerra muito mais vantajosa do que por outro qualquer do dominio portuguez, approximando-se emfim ás terras diamantinas do alto Paraguay, ponto a que tambem se encaminham talvez os seus projectos: são objectos tão interessantes, que a perspicacia hespanhola não deixa de conhecer plenamente que só pelo Paraguay os póde conseguir, e para o que parece vai já dando agigantados passos.

Até o presente havia uma barreira temivel entre Portuguezes e Hespanhoes, que difficultava a estes ultimos a navegação do Paraguay. Esta barreira consistia nas duas nações de Indios Pycurús e Payaguas, além de outras suas alliadas, que foram sempre o terror da provincia de Chiquitos, e mesmo da cidade da Assumpção e suas dependencias; mas hoje os Hespanhoes, sabendo ganhar a sua amizade, aplanaram este obstaculo utilissimo e indispensavel aos seus fins, adquirindo n'estas duas nações, já reduzidas á sua amizade, guias e practicos para os seus meditados projectos.

As fazendas que Hespanha transporta da Europa para o Perú, ou seja pelo golfo do Mexico ou pela via de Buenos Ayres, chegam á esta riquissima e vasta provincia com grande despeza e igual trabalho. De Buenos Ayres são conduzidas em carretas para as cidades de Cordova e Mendonça, d'onde as reconduzem em cavalgaduras até as cidades do Potosi, de la Plata e outras ricas e populosas terras do centro do Perú, com seiscentas leguas de caminho por terra; e atravessando n'elle, em determinada passagem, as sempre nevadas serras dos Andes, continuam pelo cume d'esta cordilheira, com grande risco e trabalho, perdendo ordinariamente muitas fazendas e bestas, que deixam sepultadas no meio das neves.

Este trabalhoso transporte podem fazer os Hespanhoes com metade de tempo e de caminho por terra, sem perigo algum e com menor fadiga, logo que abrirem uma communicação do rio Paraguay com a provincia de Chiquitos; communicação em que de presente se occupam com assidua efficacia, fundando sobre as margens d'este sempre navegavel rio novos estabelecimentos, que além de lhes serem indispensaveis para este desejado fim, serão ricos em si mesmo.

Elles conduzem os seus effeitos de Buenos Ayres em trinta dias de navegação pelo Paraguay acima até a cidade da Assumpção em barcos de seis até dez mil arrobas. D'aqui em mais dez dias chegam á Villa Real, novamente edificada na margem oriental do Paraguay, seis leguas acima da bocca do Ipanê, e no centro do paiz que produz o seu estimadissimo *mate*, que tem tanto consumo em todo o Perú como o chá na China; effeito só por si bastante para fazer a riqueza e a subsistencia d'esta e de outras colonias igualmente situadas.

De Villa Real em outro mez de navegação (a não serem os dous logares portuguezes de Coimbra e Albuquerque) podem os Hespanhoes depositar as suas fazendas nas serras do Paraguay visinhas da lagôa Gaiba, d'onde em tres dias de caminho por terra as podem facilmente conduzir até uma das tres missões de Chiquitos, de Santo Coração, S. Thiago e S. João. Emfim, de qualquer d'ellas em doze dias de marcha por excellentes campos e pelo meio das outras missões costumam os Hespanhoes fazer a sua viagem até a cidade de Santa

Cruz, e d'ella em oito dias a Cochabamba, e em dez á cidade de la Plata ou Chuquisaca, da qual em mais tres dias de caminho chegam á cidade de Potosi, sem que o obstaculo de Nova Coimbra e Albuquerque retarde aos Hespanhoes este projecto mais do que seis até dez dias logo que abrirem este caminho inferiormente ao presidio de Nova Coimbra, a que já tem dado principio, tanto pelas proximas explorações em que se occupam para sul da missão do Santo Coração, até á margem occidental do Paraguay, como pelo novo estabelecimento e estacada que estão fundando muitas leguas acima de Villa Real, em um monte que existe na latitude de 21 gráos, pouco mais de vinte leguas a sul de Coimbra, sobre a dita margem occidental do Paraguay.

Conseguindo emfim na communicação d'este rio com a provincia de Chiquitos não só as ponderadas utilidades de conduzirem até o centro do Perú as suas fazendas da Europa com menor despeza, menos tempo e mais commodamente, mas outras certas vantagens, como são: circumdarem a extrema portugueza com uma serie de estabelecimentos, que reciprocamente darão as mãos para o seu augmento; serem elles outros tantos pontos de contacto para facilitarem a fuga da escravatura do Matto Grosso e Cuyabá; poderem facilmente introduzir n'elles um lucrativo contrabando desde Buenos Ayres, de tal fórma que poderáõ vender aos Portuguezes as suas fazendas (ainda as vindas da Europa) mais baratas vinte e trinta por cento a respeito do preço corrente por que estes compram em Matto Grosso e Cuyabá as que conduzem annualmente desde o Rio de Janeiro, occasionando este clandestino contrabando um certo extravio de ouro d'estas capitanias, com damno manifesto dos quintos de Sua Magestade; finalmente, a facil navegação do Paraguay abre aos Hespanhoes tantas portas para o interior do Brazil, quantos são os rios que desaguam n'este grande rio pelo sua margem oriental.

E como os Hespanhoes em oito dias de caminho podem communicar a provincia de Chiquitos com a de Moxos, tambem por esta ultima podem igualmente introduzir as suas fazendas no Guaporé, cessando

assim as vias de commercio que por este lado e ultimo rio pareceram até agora de algum momento.

Povoada emfim tão vantajosamente a larga fronteira hespanhola sobre o Paraguay, sem que a portugueza correspondente tenha estabelecimento algum por espaço de muitos centos de leguas, que comprehendem para nascente grande parte da capitania de S. Paulo e Matto Grosso, e para sul desde as immediações de Villa Bella e Cuyabá até as visinhanças da cidade hespanhola da Assumpção: fica evidente que todos estes estabelecimentos hespanhoes, augmentados pelo commercio, e gradualmente as provincias de Chiquitos e de Santa Cruz, serão todos elles uns logares importantes para facilitarem á esta nação, no tempo de uma guerra, a possibilidade de atacarem por este lado os Portuguezes com mais certas vantagens do que pela outra larga fronteira do Guaporé, sem que os Portuguezes possam presentemente e ao mesmo tempo oppôr-se a qualquer imprevisto e meditado ataque e projecto dos seus visinhos; pois para isso lhes seriam necessarias forças muito superiores ás que actualmente se podem tirar da diminuta população da capitania de Matto Grosso, porque, como fica demonstrado, apenas bastaráõ as forças d'esta capitania para manobrar defensivamente por toda a extensão do Guaporé.

E como os Hespanhoes desde Buenos Ayres podem subir o Paraguay e navegal-o em grandes barcos armados de artilharia, e no centro dos largos pantanaes que formam na enchente d'este rio a sua maxima inundação de mais de cem leguas de longo e quarenta de largura, podem, digo, pelos rios que entram e formam esta grande superficie de aguas, chamada impropriamente o lago de Xarayes, penetrar por qualquer d'elles para o interior do Brazil, e chegarem sem obstaculo a Camapuam, á villa do Cuyabá, a S. Pedro d'El-Rei, á Villa-Maria, ao registo do Jaurú, e mesmo até ás origens diamantinas do Paraguay, sendo esta inundação indefensavel pela sua grandeza, e que por isso mesmo dá logar aos Hespanhoes para dirigirem indistinctamente qualquer invasão ou contrabando por um d'estes indicados rios e logares, todos muito distantes entre si, estabelecendo-se no que julgarem mais conducente aos seus fins, e adquirirem

n'elle uma posse, que raras vezes abandona a primeira nação que povôa um terreno deserto.

Parece n'esta conjunctura que só fortificando os logares, que na terra firme possam cobrir o interior do paiz, ou em canôas armadas, é que os Portuguezes podem affrontar as forças hespanholas. Porém, ou estas canôas ou aquellas fortificações deveráõ ser tão numerosas e repetidas que a sua execução será de avultadissimo custo em uma capitania, que ainda para a sua despeza ordinaria subsiste pelos auxilios de outras, e aonde só mil soldados fazem tanta despeza a Sua Magestade como dous mil em Portugal, sem que bastem mil homens para a defenderem, nem os possa dar toda a capitania.

Finalmente, a favoravel posição do Paraguay a respeito dos Hespanhoes, que pelas suas margens e fronteira vão espalhando novos estabelecimentos quando a portugueza está quasi deserta, não deixará de convidal-os a pôrem sobre este grande rio todas as suas forças no caso de uma futura guerra; ao mesmo passo que pela fronteira de Villa Bella e porto da extensão do Guaporé podem fazer activas diversões ás pequenas forças do Matto Grosso, de que lhe resultaráõ certas e uteis vantagens, assim como no tempo de paz as podem igualmente conseguir por via do seu inseparavel contrabando, com manifesto damno dos quintos e direitos de Sua Magestade, occasionando assim o extravio do ouro das minas do Matto Grosso e Cuyabá e a fuga da sua escravatura; effeitos que solicitam anciosamente, e que, sendo a substancia de todas as minas, logo que os adquirirem enervaráõ os seus estabelecimentos, á proporção da decadencia de Matto Grosso; golpes tão mortaes que, ainda a um Estado mais robusto, prostraráõ até á sua ruina.

São estes objectos tão interessantes que necessariamente exigem um prompto remedio, sendo talvez o mais efficaz, unico e utilissimo, o augmentar a população da capitania do Matto Grosso, para com ella não só contrapesar os projectos hespanhoes, e ter o Estado em si mesmo forças para a sua defensão sem maior despeza de Sua Magestade, mas ser povoada esta capitania, a garante de todo o Brazil, fa-

zendo assim perder aos Hespanhoes as infundadas esperanças sobre o alto e diamantino Paraguay, e as idéas do seu contrabando.

Augmentar a população da capitania do Matto Grosso para encher os ponderados objectos, parece de alguma difficuldade por ser ella a mais remota de todo o Brazil, e chegarem-lhe por isso mesmo com grande despeza e trabalho os muitos generos que dos portos maritimos se transportam para o seu indispensavel consumo, os quaes são: escravatura e fazendas sêccas por terra, desde a Bahia e Rio de Janeiro, com seiscentas leguas de marcha e seis mezes de andamento; e as fazendas grossas como sal, ferro, aço, cobre, ferramentas, etc., que são muitas e as mais necessarias, desde o Pará e S. Paulo, embarcadas com grandes despezas e riscos, e navegação de oito, dez e doze mezes.

Porém logo que esta capitania tenha em si mesma um attractivo para chamar novos habitantes, que com gradual proporção aos seus descobertos a vão povoando e enriquecendo, ficaráõ logrados os attendiveis objectos de fazer respeitavel e temivel a todo o Perú a larga fronteira portugueza, segurando e garantindo assim os expostos extremos de norte e de sul do vasto Brazil; pois pelo norte se podem os Hespanhoes concentrar pelo Amazonas superior, e ainda mais facilmente pelo Orinoco, até o centro das capitanias do Pará e Rio Negro; assim como pela extrema do sul desde Monte-Vidéo, Buenos-Ayres, Uruguay e cidade da Assumpção, podem penetrar para as capitanias do Rio Grande e de S. Paulo.

Estas marciaes operações dos nossos visinhos só as podem atalhar e suspender os Portuguezes pela capitania do Matto Grosso. Elles em poucos dias, e pelo meio das povoadas provincias de Moxos e Chiquitos, podem chegar á cidade de Santa Cruz de la Sierra, e d'esta cidade em pouco tempo e menos dias assombrarem as desprevenidas cidades de Cochabamba, Chuquisaca, e mesmo Potosi, tres dos ricos e poderosos estabelecimentos do Perú, além de outras muitas terras circumvisinhas, que formam todas o centro d'esta grande, importante e riquissima provincia; ataque que fará uma notavel e não esperada diversão

ás forças hespanholas, que não poderáõ soccorrer estas invadidas provincias sem diminuir consideravelmente as suas tropas e munições de guerra em Buenos-Ayres, Lima, Quito, e outras cidades capitaes, de que resultará a ponderada segurança da distante fronteira de norte e sul do vasto Brazil.

Povoada a capitania do Matto Grosso, ella no maior numero dos seus habitantes terá os seus defensores, sendo certo que no Brazil sempre os corpos auxiliares fizeram grande parte das tropas empregadas. Poupará Sua Magestade não só os quintos com que a capitania de Goyaz soccorre annualmente a de Matto Grosso, mas augmental-os-ha com os que se podem extrahir das minas dos seus ricos sertões, crescendo consequentemente os seus reaes direitos e dizimos, tudo em utilidade do real erario e dos habitantes d'esta capitania.

Tem com effeito a capitania do Matto Grosso riquissimos attractivos para convidar muitos dos habitantes, que pela indigencia das capitanias visinhas viriam espontaneamente estabelecer-se n'ella.

Um sim de Sua Magestade Fidelissima fará a felicidade d'estes povos, engrossará os seus reaes cofres, fará respeitavel a larga fronteira d'esta capitania, exposta por tantos lados ao populoso Perú, constituindo-a emfim a garante das outras capitanias extremas do Brazil.

Um regio consentimento para se abrirem e lavrarem as terras auriferas e diamantinas do alto Paraguay encherá os importantes objectos que ficam expostos. Todas as vertentes d'este grande rio, além dos diamantes que vedados guardam, são abundantes em sabidas e ricas minas de ouro, precioso effeito que igualmente encerram em si copiosamente os rios Arinos, Sumidouro e outros, todos cabeceiras do rio Tapajós, que se enlaçam com as do Paraguay; sendo o terreno que comprehende a todas ellas, igualmente com as do rio Cuyabá, de grande extensão, fertilissimo, saudavel e capaz de uma abundante cultura, e povoado de numerosas nações de Indios, que reduzidos augmentaráõ o necessario numero dos seus habitantes; terreno que uma vez povoado, será um viveiro de homens, que por estarem proximos á fronteira serão sem custo maior os seus defensores, e que propagando-se por todo este aurifero paiz, farão n'elle

novos descobertos, que indemnisarão em poucos annos a Sua Magestade das grandes sommas que tem despendido na capitania do Matto Grosso desde a sua fundação.

Além do utilissimo e tão necessario remedio de augmentar a população d'esta capitania, outro igualmente preciso é o seu commercio de importação, para que chegando a estas remotas minas os muitos generos que necessita com menos despeza de transporte e maior abundancia, se vendam mais baratos, para assim mutuamente se baixarem os proprios do paiz, augmentarem-se as suas minas, e evitar o contrabando que pelo Paraguay nos podem introduzir os Hespanhoes, como fica ponderado; remedio que só pela via do Pará se póde conseguir com utilidade mutua de ambas as capitanias, pois a do Pará, apezar da rara producção, abundancia e extensa amplitude do paiz das Amazonas, se acha precaria; quando por ser uma fronteira a Francezes, Hollandezes e Hespanhoes, e um porto de mar aberto sem a necessaria defensa, necessita de maior força e fundo de commercio para a sua vantajosa situação, subsistencia e augmento, faltando-lhe só para este fim um commercio mais florescente, que chamando áquella cidade o ouro d'estas minas, lhe augmente consequentemente os habitantes e casas de negocio de maior fundo, que possam como na Bahia e Rio de Janeiro importar, além dos generos que lhe são proprios, a escravatura indispensavel para a sua cultura e para as minas d'esta capitania.

A navegação que até agora se tem feito da cidade do Pará para Matto Grosso, além de ser extensa, trabalhosa e com manifesto risco, faz a despeza de vinte e tantos por cento, tendo os commerciantes que d'esta capitania vão áquella cidade o seu dinheiro morto por quasi dous annos. Este lucro cessante, unido áquella despeza, faz dar um exorbitante valor aos necessarios effeitos para estas minas; accrescendo de mais o não poderem achar os soccorros indispensaveis de canôas, mantimentos e remeiros, desde a boeca do Madeira até o forte do Principe, espaço de mais de trezentas leguas totalmente deserto, em que se comprehendem setenta leguas de perigosas cachoeiras.

Esta urgentissima navegação se póde fazer com metade da despeza

e tempo logo que se povôe a cachoeira do Salto, a segunda das do rio Madeira, logar importantissimo d'este grande rio, e que estando na fronteira das duas nações confinantes, é por este lado de alta consideração, pois a posse privativa d'este logar, pela sua estructura e situação, não só é chave d'este rio para o estado e cidade do Pará, e um obstaculo quasi invencivel para a nação que o não possuir, mas o meio de fomentar utilmente outras povoações sobre a larga fronteira portugueza do Guaporé, Mamoré e Madeira; rios que pela sua situação offerecem aos Portuguezes, ou seja no tempo da paz ou no da guerra, sobre os Hespanhoes as mesmas vantagens que esta nação póde adquirir no Paraguay a respeito dos Portuguezes.

A povoação do Salto, circumdada de muitas nações de Indios, alguns d'elles mansos, que voluntariamente se podem aldear, e no centro de um vasto sertão, riquissimo em cacáo, salsa, cravo, gommas, madeiras, e outros muitos do fertil paiz das Amazonas, sendo emfim a escala do commercio que desde Lisboa e Pará se póde conduzir para as minas do Matto Grosso, e ainda do Cuyabá, commercio só capaz de introduzir n'estas minas os preciosissimos e numerosos effeitos para a sua subsistencia e augmento, será em poucos annos uma colonia rica e povoada, que pela sua posição fica a porte de transportar para o Pará os abundantes effeitos dos seus ricos sertões, e de conduzir em retorno para Matto Grosso sal, ferro, aço, ferramentas e mais generos, a que dão um necessario e grande consumo todos os mineiros. Tudo em mutua utilidade de ambas as capitanias; achando emfim os commerciantes que se destinam á esta penosa navegação na cachoeira do Salto prompto remedio de mantimentos, canôas e remeiros, que lhes facilitem por metade do tempo e despeza esta até hoje longa e penosa carreira.

A navegação para a capitania do Matto Grosso e Cuyabá tambem se póde fazer pelo interior do paiz até as visinhanças de Villa Bella, do Cuyabá e alto Paraguay, navegando o rio Tapajós aguas acima até entrar por um dos seus mais distantes e afastados braços, os tres rios Arinos, Sumidouro e Juruena, que tem os seus nascimentos na mesma latitude e com curtissima distancia das origens dos rios Sararé, Gua-

poré, Jaurú, Paraguay e Cuyabá, por cujos tres braços todos auriferos já navegou o celebre e antigo sertanista o sargento-mór João de Souza. Este official pelas cabeceiras do rio Cuyabá varou as canôas por terra para o rio Arinos, que navegou achando n'elle muitas cachoeiras, Indios e minas de ouro.

Similhantemente entrando pelo Sipotuba, braço occidental do Paraguay, que navegou aguas acima, puxou as canôas por terra até cahir nas aguas de outro rio, que chamou Sumidouro pelo que n'elle passou; e navegando-o seguindo a sua correnteza e com as circumstancias do antecedente, entrou no tronco principal, o Tapajós, e d'este rio no Amazonas.

Emfim, o braço mais occidental do Tapajós é o rio Juruena; elle nasce na latitude austral de 14 gráos e 43 minutos, vinte leguas á nordéste de Villa Bella, sendo navegavel até o dito logar, e dizem sem maiores e sempre passaveis cachoeiras.

E ainda que estes braços do Tapajós não tenham talvez um cabedal de aguas sufficiente como o Guaporé para navegarem grandes canôas, comtudo a navegação feita desde o Pará pelo rio Tapajós até ás visinhanças de Villa Bella, Cuyabá e alto Paraguay, tudo communicavel por breves trajectos de terra, será muito mais curta do que a feita pelo rio Madeira; será navegar pelo diametro de um circulo, e não pela sua semicircumferencia; será, finalmente, a mais propria e unica para no caso de uma guerra chegarem desde o Pará a Matto Grosso facilmente os soccorros de gente, armas, artilharia e mais munições correspondentes, que sempre necessita n'esta conjunctura, pois pelo Madeira os podem os Hespanhoes atalhar e ainda sorprehender, resultando d'esta breve e indispensavel navegação, logo que o alto e rico Paraguay se povôe, novos descobertos nos riquissimos, amplos e não tocados sertões em que nascem igualmente as cabeceiras do rio Tapajós, um dos grandes braços do rio das Amazonas; terrenos que além de auriferas minas, são ricos nos muitos effeitos que a natureza prodigamente e com escolha privativa derramou pelo vastissimo emporio das Amazonas.

Deve-se notar, segundo as vagas noticias que ha do rio Tapajós,

que elle não terá talvez, como o Madeira e Guaporé, cabedal de aguas que dêem navegação ás grandes canôas que desde o Pará chegam á Villa Bella pelos dous ultimos rios, os quaes sendo limitrophes com os dominios hespanhoes, só a carreira do Pará facilitada pela util e importante povoação do Salto poderá povoar, fazendo assim a segurança e equilibrio do interior do Brazil e da capitania do Matto Grosso a respeito das vantagens que pelo Paraguay negou a natureza aos Portuguezes, concedendo-as aos Hespanhoes; seguindo-se da urgencia d'estas duas combinadas e diversas navegações do Pará para Matto Grosso pelos dous rios Madeira e Tapajós, que ambas ellas frequentadas serão de grande e indispensavel utilidade para estas minas e para aquella cidade maritima, chave do vasto paiz das Amazonas, tão rico nos effeitos que lhe são privativos, e que tem em cada um dos rios que n'ella entram outras tantas portas que dão livre navegação, uns até o centro do amplo Brazil, e outros até a maior parte das ricas terras comprehendidas no alto e populoso Perú.

BIOGRAPHIA

Dos Brazileiros distinctos por lettras, armas, virtudes, etc.

IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO.

§ 1.º

O general Gomes Freyre de Andrade administrava com titulo de governador e capitão general a capitania do Rio de Janeiro, as capitanias do sul do Brazil, e as duas novas de Goyaz e de Matto Grosso e Cuyabá, que, por provisão de 9 de Maio de 1748, haviam sido creadas, desmembrando-se o seu territorio da capitania de S. Paulo, quando nasceu na cidade do Rio de Janeiro, procedente de uma das melhores familias, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, quasi ao acabar do anno de 1748.

Encetou seus estudos no collegio dos Jesuitas, como quasi que toda a mocidade da época; tomou no Rio de Janeiro o grão de mestre em artes, que elles davam aos seus alumnos examinados e approvados em todos aquelles ramos que constituem actualmente os estudos secundarios, ou preparatorios, da instrucção superior: dirigiu-se depois para Coimbra, e cursou as aulas da faculdade de Canones.

Foi seu amigo e protector um Jesuita celebre, o padre Manoel de Macedo, que, com a desnaturalisação da companhia, se passára para a congregação de S. Felippe Nery, de Lisboa (*); a elle deve

(*) O padre Manoel de Macedo nasceu no Rio Grande do Sul, para as bandas da colonia do Sacramento, em 1726: doutorou-se em canones em Coimbra, ensinou theologia em Lisboa, e foi poeta, litterato e prégador de fama, e varão muito respeitado: publicou poesias, elogios historicos e diversos sermões: falleceu em Lisboa.

Ignacio José de Alvarenga Peixoto lições uteis, coadjuvação leal, e sincera e particular amizade.

Bacharel formado em canones, obteve immediatamente Ignacio José de Alvarenga Peixoto, pelo empenho do seu protector e compatriota, ser despachado juiz de fóra de Cintra, e serviu este logar pelo espaço de tres annos, tempo que cabia aos juizes de fóra de então: desejando regressar á sua patria, aonde deixára familia, parentes e amigos, que tanto presava e estimava, recebeu nomeação de ouvidor para a comarca do Rio das Mortes, na capitania de Minas Geraes.

Foi o anno de 1776 aquelle em que chegou ao Rio de Janeiro Ignacio José de Alvarenga Peixoto; administrava o Brazil o vice-rei marquez do Lavradio, com o qual se travou de amizade, e que tanto venerou que lhe offereceu uma traducção sua da tragedia *Merope*, de Scipião Maffei, que tanta fama gozava em toda a Italia: o vice-rei, que era apaixonado de poesia, folgou de achar tanto engenho em Ignacio José de Alvarenga Peixoto, apreciou sua bella traducção, e animou-o a desenvolver seu talento em composições originaes e novas.

Ignacio José de Alvarenga Peixoto seguiu para sua comarca: foi magistrado integro e illustrado; a justiça não tinha para elle duas faces; a lei não se prestava a diversas interpretações; ao pobre, ao rico, ao poderoso e ao infeliz encarcerado, ouvia, deferia com igual rectidão, e nem para com um mais do que para com outro prescindia do rigor da legislação; nos momentos em que repousava de suas obrigações, entregava-se á poesia, e passava alegremente os dias da existencia: a poesia é um balsamo consolador, que doura a vida, mitiga as dôres, e rodeia o pensamento de um sem numero de illusões, que o arrancam da realidade: de S. João d'El-Rei enviou Ignacio José de Alvarenga Peixoto ao seu amigo, marquez do Lavradio, entre diversas composições poeticas, um drama em verso, original, e muito gabado pelos litteratos da época, com o titulo de *Eneas no Lacio*, o qual desgraçadamente se perdeu.

Minas teve encantos para Ignacio José de Alvarenga Peixoto;

findou seu tempo de ouvidor da comarca, renunciou a carreira da magistratura, e conservou-se em S. João d'El-Rei: casou-se por fim, e se dedicou todo á paz dos prazeres domesticos, retirando-se para uma fazenda e lavras, que lhe couberam em dote, e occupando-se exclusivamente nos trabalhos da mineração.

Foi nomeado pela sua reputação, e pelas suas riquezas, coronel de cavallaria de milicias da campanha do Rio Verde, e como este emprego lhe não roubava o tempo dos seus affazeres particulares, acceitou-o, e dignamente o exerceu.

Mas a tranquillidade e a alegria de sua vida deviam desapparecer: o mundo é theatro de variadas scenas; e o expectador tem de passar infallivelmente pelas suas diversas mutações; quando Joaquim José da Silva Xavier, José Alves Maciel, Claudio Manoel da Costa, Thomaz Antonio Gonzaga, Domingos Vidal Barboza, e o tenente coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, combinaram separar a capitania de Minas do governo portuguez, formar d'ella uma republica independente, e proclamar a liberdade, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, com elles ligado de ha muito tempo em estreita amizade, não duvidou acquiescer a seus intentos: tornou-se logo um dos principaes chefes, e participou de todos os planos para levar a effeito a revolução premeditada.

Preso entretanto com seus amigos, recolhido primeiramente á cadêa de Villa-Rica, e logo depois enviado para o Rio de Janeiro, ninguem mais do que elle devia lamentar seu destino fatal, e as grandes perdas que soffrêra.

Era excellente consorte, pai carinhoso, e abandonava esposa e quatro filhinhos, todos innocentes, de tenra idade; e de seus braços queridos se via arrebatar para respirar o halito empestado dos carceres, para povoar, com os malfeitores e assassinos, o malfadado logar que se reserva aos crimes.

O acordão de 18 de Abril de 1792 da Relação em alçada assim se exprimiu a seu respeito:

« Mostra-se quanto ao réo Ignacio José de Alvarenga Peixoto, coronel do 1.° regimento auxiliar da campanha do Rio Verde, ser um dos

chefes da conjuração, assistente em todos os conventiculos que se fizeram em casa do réo Francisco de Paula, nos quaes insistia que se cortasse a cabeça do governador de Minas, e se encarregou de apromptar para o levante gente da campanha do Rio Verde, como consta da devassa de Minas, e confessa o réo a fl. 10 do appenso n.º 4, que quando em um dos conventiculos se lhe encarregou que apromptasse gente da campanha, elle recommendava aos mais socios fossem bons cavalleiros. Mostra-se mais que tendo o réo conferido com o réo Claudio Manoel da Costa sobre a fórma da bandeira e armas que devia ter a nova republica, expôz seu voto em um conventiculo, dizendo que devia ser — um genio quebrando as cadêas, e a lettra *Libertas quæ sero tamen*—, como consta do appenso n.º 1.º, e o confessa o réo a fl. 11 do appenso n.º 4, dizendo que elle e todos os que se achavam presentes acharam a lettra muito bonita; sendo este réo um dos que mostravam mais empenho e interesse em que tivesse effeito a rebellião, resolvendo as duvidas que se propunham, como fez a José Alves Maciel e ao conego Luiz Vieira, que dizia que havia pouca gente para a defeza da nova republica, e o réo respondeu-lhes que bastava metter-se em Minas polvora, sal e ferro para dous annos, animando assim o réo aos conjurados... E condemnam o réo Ignacio José de Alvarenga Peixoto a que com baraço e pregão seja conduzido pelas ruas publicas ao logar da forca, e n'ella morra morte natural para sempre, e depois de morto lhe seja a sua cabeça pregada em poste alto no logar mais publico da villa de São João d'El-Rei, até que o tempo a consuma; declaram a este réo infame, e infames seus filhos e netos, e os seus bens por confiscados para o fisco e camara real. »

Felizmente que o segundo acordão de 2 de Maio de 1792 demorou-lhe ainda o termo da vida, commutando-lhe a pena de morte pela de degredo perpetuo para o presidio de Ambaca, nos sertões de Angola.

Tinha então Ignacio José de Alvarenga Peixoto quarenta e quatro annos de idade, e era-lhe preciso deixar em miseria sua mulher e seus filhinhos, e curvados sob o peso de infames pelo acordão fatal, que se devia executar! De que lhe servira salvar

a vida, si a vida tanto perderia elle no cadafalso, como nos torridos areaes e nas pestilentas selvas para onde o remettiam, e para onde não podia levar nem mulher, e nem os miseros e innocentes filhos! Melhor fôra mesmo para elle morrer, como morreu Joaquim José da Silva Xavier.

O presidio de Ambaca o recebeu, não o mesmo Ignacio José de Alvarenga Peixoto, na força varonil, de presença alegre, de rosto sereno e bello, de olhos vivos e perspicazes; mas um velho carregado de cãs, curvado de dôres e soffrimentos, e mais proprio do sepulcro, do que da vida; como a Ludovico Sforza de Milão (*), como a Maria Antonietta, rainha de França (**), em uma só noite, n'aquella que se seguiu ao dia da sentença cruel, os cabellos se lhe mudaram de côr, e de castanhos que eram, tornaram-se repentinamente brancos; as grandes dôres metamorphoseam repentinamente tudo, semblante, cabellos, intelligencia (***); e não de susto, que animoso era elle, que tudo declarou perante seus juizes, e jámais declinou a responsabilidade de seus actos: mas de sentimento forte, profundo, interno, que lhe acabrunhou corpo, alma e entendimento!

E não bastava ainda o seu misero estado no presidio; lançado nos sertões incultivados e nos immensuraveis desertos, o governador de Angola temeu ainda d'elle, e as dôres que já soffria, e as perseguições de que foi ainda rodeado, lhe foram desatando os laços da existencia, quebrando-lhe as prisões da terra, e levando-o á mansão celeste dos justos... Poucos mezes supportou de degredo; a morte o terminou quando raiava o anno de 1793!

(*) Ludovico Sforza perdeu seus Estados em 1499, e foi prisioneiro de Luiz XII de França.

(**) Maria Antonietta, mulher de Luiz XVI de França, como elle guilhotinada.

(***) Diz Lord Byron, no bello poema do *Prisioneiro de Chillon:*

My hear is gray, but not with years,
Nor grew it white
In a single night,
As men's have grown from sudden fears.

§ 2.º

Ignacio José de Alvarenga Peixoto escreveu odes, sonetos e poesias; suas odes não são altanadas e atrevidas como o vôo d'aguia, ou grandiloquas e soberbas como as inspirações de Antonio Pereira de Souza Caldas; seus sonetos não tem o delicado pensamento e o matiz primoroso dos sonetos de Claudio Manoel da Costa; suas poesias ligeiras não correm musicalmente, como a harmonia suave e tocante dos versos de Thomaz Antonio Gonzaga: mas nas suas poesias ligeiras, nos seus sonetos e nas suas odes ressumbra o estro dourado de uma ditosa e candida imaginação; revelam-se as qualidades de um vate de vida tranquilla e de inspirações melodiosas; apparece uma rima facil, corrente e sonora: Ignacio José de Alvarenga Peixoto não se assemelha com o saudoso Bernardim Ribeiro, e menos com o doce Diogo Bernardes; mas tem parecenças de irmão com Antonio Ferreira e com Antonio Ribeiro dos Santos.

Entre as suas odes primam a que dirigiu á rainha D. Maria I, á que dedicou ao marquez de Pombal, e a que compôz em honra e gloria da Universidade de Coimbra, aonde bebêra instrucção, e á qual pagava seu tributo de agradecimento: qualquer d'ellas contém linguagem pura, corrente e facil; metrificação feliz e perfeita; pensamentos dignos e elevados; idéas copiosas de verdadeira e poetica inspiração.

Assim se dirige o poeta a D. Maria I.ª:

« Invisiveis vapores
Da baixa terra, contra os Céos erguidos,
Não offuscam do sol os resplendores.
Os padrões erigidos
Á Fé Real nos peitos lusitanos
São do primeiro Affonso conhecidos.
A nós, Americanos,
Toca levar, pela razão mais justa,
Do throno a Fé aos derradeiros annos.
Fidelissima Augusta,
Desentranhe riquissimo thesouro
Do cofre americano a mão robusta;

Si o Tejo ao Minho, e ao Douro,
Lhe aponta um Rei em bronze eternisado,
Mostre-lhe a Filha eternisada em ouro.
Do throno os resplendores
Façam a nossa gloria, e vestiremos
Barbaras pennas de vistosas côres.
Para nós só queremos
Os pobres dons da simples natureza,
E seja vosso tudo quanto temos.
Sirva á Real Grandeza
A prata, o ouro, a fina pedraria,
Que esconde d'estas serras a riqueza.
Ah! chegue o feliz dia
Em que do novo mundo a parte inteira
Acclame o nome augusto de Maria.
Real! Real Primeira!
Só esta voz na America se escute;
Veja-se tremular sua bandeira!
Rompa o instavel sulco
Do pacifico mar na face plana
Os galeões pesados de Acapulco.
Das serras da Araucána
Desçam nações confusas, differentes
. . . . . .
Si o Rio de Janeiro
Só a gloria de ver-vos merecesse,
Já era vosso o mundo novo inteiro!
. . . . . .
Póde a Tartarea Grega
A luz gozar da russiana aurora;
E a nós esta fortuna não nos chega?
Vinde, Real Senhora!
. . . . . .
Vai, ardente desejo,
Entra humilhado na Real Lisboa,
Sem ser sentido do invejoso Tejo;
Aos pés augustos vôa,
Chora, e faze que a mãi compadecida
Dos saudosos filhos se condôa.
. . . . . .
O Principe sagrado

Do pão de pedra, que domina a barra,
Em colossal estatua levantado;
Veja a triforme garra
Quebrar-lhe aos pés Neptuno furioso,
Que o irritado sudoéste esbarra:
E veja glorioso
Vastissima extensão de immensos mares,
Que cerca o seu imperio magestoso;
Honrando nos altares
A mão que o faz ver de tanta altura
Ambos os mundos seus, ambos os mares:
E a fé mais santa e pura
Espalhada nos barbaros desertos,
Conservada por vós firme e segura! »

De certo que grandes bellezas encerra esta ode, bellezas de dicção e bellezas de pensamento, que o bom gosto aprecia e a memoria guarda. Não lhe é inferior a outra ode que Ignacio José de Alvarenga Peixoto dirigiu ao marquez de Pombal: depois de pintar a fama dos guerreiros que avassallam povos, incendiam cidades, acabam com nações poderosas, e por onde passam só deixam estragos, destroços, sangue e cadaveres, o poeta exclama para o marquez de Pombal:

— « Grande Marquez, os Satyros saltando
Por entre as verdes parras,
Defendidas por ti de estranhas garras;
Os trigos ondeando
Nas fecundas seáras;
Os incensos fumando sobre as aras;
A nascente cidade;
Mostram a verdadeira heroicidade.
Os altos cedros, os copados pinhos,
Vão romper pelo mar novos caminhos:
E em vez de sustos, mortes e desmaios,
Damnos da natureza,
Vão produzir e transportar riqueza.
O curvo arado rasga os campos nossos,
Sem turbar o descanço eterno aos ossos:
Fructos do teu suor, do teu trabalho,

São todas as emprezas;
Unicamente á sombra de Carvalho
Descançam hoje as quinas portuguezas.
Que importam os exercitos armados,
Si sendo por mão destra manejada
Vence mais a politica que a espada?
Que importam tribunaes e magistrados,
Asylos da innocencia,
Si podessem temer-se, declarados
Patronos da insolencia?
De que serviram tantas
Tão saudaveis leis, sabias e sanctas,
Si em vez de executadas
Forem por mãos sacrilegas frustradas?
Mas vives tu, que para o bem do mundo
Sobre tudo vigias,
Cansando o teu espirito profundo
As noites e os dias:
Ah! quantas vezes, sem descanço uma hora,
Vês recostar-se o sol, erguer-se a aurora,
Emquanto volves, com cansado estudo,
As leis, e a guerra, e o negocio, e tudo!
Vale mais do que um reino um tal vassallo!
Graças ao grande Rei, que soube achal-o!» —

E quantas poesias eroticas exquisitas, delicadas e primorosas, escreveu Ignacio José de Alvarenga Peixoto! As odes, que analysámos, bastariam para guardar seu nome e firmar sua reputação de poeta; outros generos porém cultivou com o mesmo esmero, cuidado e felicidade; não obteve unicamente saborosos fructos de arvores frondosas; colheu tambem em bellos jardins flôres perfumadas e multicôres. Quanto é lindo o retrato que pintou de Anarda, da sua adorada! — Tem as graças de Marilia de Thomaz Antonio Gonzaga, os olhos de Laura de Francisco Petrarca, os ademans gentis da Angelica de Luiz Ariosto, o porte esbelto e faceiro de Nice do abbade Metastasio — tem o colorido de Raphael d'Urbino, o sentimentalismo de Antonio Corregio, e alguma cousa de candido e puro, como as composições de Bartholomeu Murillo e de Paulo Veronezo, ou de alegre e doce como a Psyché de Antonio Canova.

— « A minha Anarda
Vou retratar,
Si a tanto a arte
Puder chegar.
Trazei-me, Amores,
Quanto vos peço;
Tudo careço,
Para a pintar.

Nos longos fios
Dos seus cabellos
Ternos desvelos
Vão-se enredar.
Trazei-me, Amores,
Das minas d'ouro
Rico thesouro
Para os pintar.

No rosto a idade
Da primavera,
Na sua esphera,
Se vê brilhar.
Trazei-me, Amores,
As mais viçosas
Flôres vistosas
Para o pintar.

Quem ha, que a testa
Não ame, e tema,
De um diadema
Digno logar?
Trazei-me, Amores,
Da selva Idalia
Jasmins d'Italia
Para a pintar.

A frente adornam
Arcos perfeitos,
Que de mil peitos
Soem triumphar.

Trazei-me, Amores,
Justos niveis,
Subtis pinceis
Para a pintar.

A um doce aceno
Settas a molhos
Dos brandos olhos
Se vêem voar.
Trazei-me, Amores,
Do sol os raios
Fieis ensaios,
Para os pintar.

Nas lisas faces
Se vê a aurora,
Quando colora
A terra e o mar.
Trazei-me, Amores,
As mais mimosas
Pudicas rosas
Para as pintar.

Os meigos risos
Com graças novas,
Nas lindas covas,
Vão-se ajuntar.
Trazei-me, Amores,
Os pinceis leves,
As sombras breves,
Para os pintar.

Vagos desejos
Da bocca as brazas
As frageis azas
Deixam queimar.
Trazei-me, Amores,
Coraes subidos,
Rubins polidos
Para a pintar.

Entre alvos dentes
Postos em ala
Suave falla
Perfuma o ar.
Trazei-me, Amores,
Nas conchas claras
Perolas raras
Para os pintar.

O collo, Atlante,
De taes assombros
Airosos hombros
Corre a formar.
Trazei-me, Amores,
Jaspe a mãos cheias,
De finas veias
Para o pintar.

Do peito as ondas
São tempestades,
Onde as vontades
Vão naufragar.
Trazei-me, Amores,
Globos gelados,
Limões nevados,
Para o pintar.

Mãos crystallinas,
Roliços braços,
Que doces laços
Promettem dar!
Trazei-me, Amores,
As açucenas,
Das mais pequenas,
Para as pintar.

A delicada,
Gentil cintura,
Toda se apura
Em se estreitar.

Trazei-me, Amores,
Ancias, que fervem,
Só ellas servem
Para a pintar.

Como esta poesia diversas outras compoz Ignacio José de Alvarenga Peixoto, gentís e enamoradas, bellas e cheias de ternura; seu talento é modesto, delicado, limpido e faceiro; seus versos revelam o fundo de sua alma candida, pura e amorosa; seus sentimentos são do homem de bem, e suas composições do homem de engenho.

J. M. Pereira da Silva.

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO.

Extracto das actas das sessões do 3.º trimestre de 1849.

208.ª SESSÃO EM 15 DE JULHO DE 1849.

PRESIDENCIA DO EX.mo SR. CONSELHEIRO CANDIDO JOSÉ DE ARAUJO VIANNA.

Ás 5 horas e meia da tarde abre-se a sessão, e depois de approvada a acta da antecedente, o Sr. 1.º Secretario communica ao Instituto que o socio Sr. João José de Souza Silva Rio acceitára o logar de thesoureiro, para que fôra nomeado na sessão anterior.

O mesmo Sr. Secretario participa haver recebido um officio do Ex.mo Sr. tenente general Francisco de Paula e Vasconcellos, director da escola militar d'esta côrte, solicitando para a bibliotheca da mesma a collecção de todas as publicações do Instituto, pedido a que logo satisfizera: e que tambem enviára outra collecção completa para a bibliotheca publica do Ouro Preto, em cumprimento da deliberação tomada em sessão de 19 de Abril ultimo.

Igualmente pede auctorisação, a qual lhe é concedida, para dirigir-se em nome do Instituto ao Ex.mo Sr. ministro e secretario d'Estado dos negocios do Imperio, afim de obter copia de uma memoria sobre o rio Paraguay, escripta pelo Sr. capitão de fragata Augusto Leverger, e que lhe constava haver sido enviada áquelle ministerio pelo Ex.mo presidente da provincia de Matto Grosso em Maio de 1844.

Recebe o Instituto com especial agrado: do socio Sr. Antonio Nunes de Aguiar um exemplar do seu *Relatorio* apresentado á assembléa legislativa provincial das Alagôas em 18 de Março de 1849: e do Instituto historico de França varios numeros do seu periodico *L'Investigateur*, ultimamente publicados.

O Instituto ouve com bastante satisfação a leitura de uma extensa

carta escripta de Madrid pelo socio o Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen, versando sobre ethnographia indigena, linguas, emigrações, archeologia, etc., e resolve que seja submettida ao parecer de uma commissão composta dos Srs. Araujo Porto-Alegre e Gonçalves Dias, para emittirem o seu juizo ácêrca do contexto da mesma e de varias propostas n'ella contidas.

Passa-se depois á discussão de varias medidas sobre objectos domesticos e financeiros da Sociedade, e levanta-se a sessão ás 7 horas da noite.

209.ª SESSÃO EM 9 DE AGOSTO DE 1849.

Presidencia do Ill.mo Sr. Manoel de Araujo Porto-Alegre.

Aberta a sessão ás 6 horas da tarde, e approvada a acta da anterior, passa a ser apresentado o seguinte expediente.

« Ill.mo Sr. — Em nome da associação *Bibliotheca Fluminense* cumpre-me agradecer a V. S.ª a offerta que á dita bibliotheca fez o Instituto Historico e Geographico Brazileiro das suas publicações, que acompanharam o officio que V. S.ª me dirigiu em data de 24 de Julho proximo passado.

« Devo certificar a V. S.ª que a Bibliotheca Fluminense reconhece e devidamente aprecia os bons desejos do Instituto, de concorrer por todos os meios para o progresso litterario do nosso paiz; sendo aquella offerta uma nova prova de tão patriotico intuito.

« Deus guarde a V. S.ª Rio de Janeiro, 6 de Agosto de 1849. — Ill.mo Sr. Dr. Manoel Ferreira Lagos, dignissimo Secretario perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. — *Paulino José Soares de Souza.* »

« Pariz, 15 de Maio de 1849. — Ill.mo Sr. — Acabo de ler na *Revista trimensal* do Instituto Historico Brazileiro, tomo 2. n.º 7, 2.ª serie, anno de 1848 p. 436, um *Memorandum* sobre questões

(*) Impressa na pag. 366 e seguintes d'este numero.

de limites do Brazil, assignado pelo Sr. Miguel Maria Lisboa, e remettido de Pariz ao Instituto Historico pelo Sr. Pedro d'Alcantara Lisboa, e em seguimento do mesmo *Memorandum* encontro um parecer sobre o mesmo assignado pelo Sr. Duarte da Ponte Ribeiro.

« No dito *Memorandum* li com sorpreza o seguinte: « É pois o tratado de Badajoz de summa importancia para o Brazil. O Brazileiro porém que procurar apoiar seu direito consultando o *Quadro elementar* do Sr. visconde de Santarém, ver-se-ha na necessidade de aprofundar a materia. No tomo 2.°, pag. 327, que trata da paz de Badajoz, se lê: « As altas partes contractantes se obrigam a renovar os antigos tratados entre ellas subsistentes. » Parece esta phrase comprehender entre outros o tratado de 1777, e dar pelo menos pretexto aos herdeiros da Hespanha para reclamar a collocação das cousas *in statu quo*.

« Mas o art. X do tratado de Badajoz não dá logar a tal interpretação; elle diz: *Les hautes parties contractantes s'obligent à renouveler incessamment l'alliance defensive qui existait jusqu'ici entre elles, etc.* Foi pois um tratado d'alliança o que se renovou, e não os antigos tratados.

« Si considerarmos o *Quadro elementar* (accrescenta o auctor do *Memorandum*) com relação aos interesses de Hespanha ou Portugal, não tem esta discrepancia importancia alguma; nem ha que estranhar que seu auctor, que escreveu para seus compatriotas Portuguezes, tenha extractado o tratado de Badajoz com uma concisão que, si affecta aos interesses do Brazil, é perfeitamente indifferente aos de Portugal. Mas aos Brazileiros, a quem importa que se escreva a historia do seu paiz com exactidão, e que não se citem os documentos que affectam os seus direitos com discrepancias prejudiciaes, incumbe notar faltas como estas.

« O mesmo auctor do *Quadro elementar* não póde ter interesse algum em deixar de corrigir aquella discrepancia, tanto em justiça das razoaveis pretenções do Brazil, como para que nós os Brazileiros nos acostumemos a considerar a sua interessante obra como tambem escripta para nós. »

« Finalmente o auctor do parecer sobre o já mencionado *Memorandum* julga pela sua parte que é provavel que eu fosse induzido a formar o *conceito* que apresento do art. X do tratado de Badajoz, guiado por alguma copia inexacta, e o mesmo auctor do parecer conclue: « É pois tanto mais necessaria a rectificação do Sr. visconde de Santarém, quanto que o referido art. 9 do seu *Quadro elementar* já foi citado pelo governo de Bolivia em uma nota, como prova da intelligencia que o dito governo quer dar ao tratado de 6 de Junho de 1801, isto é, que fez reviver por aquelle art. 10 todos os tratados que existiam entre Portugal e Hespanha. »

« Transcrevi mui de proposito integralmente todo o texto do *Memorandum*, e as phrases do parecer que me dizem respeito, e á minha obra, para melhor demonstrar que não posso, nem devo fazer a rectificação indicada pela mesma natureza elementar da dita minha obra.

« Direi em primeiro logar, que não tratarei aqui de discutir os motivos que poderia ter o Sr. Pedro d'Alcantara Lisboa, achando-se em Pariz, e tendo-lhe eu procurado, *no interesse do Brazil e do Instituto*, as relações de que elle faz menção em sua carta impressa na *Revista* do mesmo Instituto, 2.ª serie, tom. 2.º, n.º 6, pag. 267, para se não lembrar, antes de remetter o *Memorandum* ao mesmo Instituto, e de exigir o seu parecer, de me consultar sobre o que dizia respeito á minha obra no dito *Memorandum*.

« Limitar-me-hei a transcrever litteralmente os §§ da carta do joven correspondente do Instituto para fazer sobresahir a differença que existe entre a benevolencia que lhe mereci em Fevereiro de 1847, e a pouca attenção que teve para comigo em 16 de Fevereiro de 1848.

Eis-aqui os ditos §§:

« Logo que cheguei procurei estreitar as relações que já tinha com o nosso consocio o Sr. visconde de Santarém, e encontrei em S. Ex.ª um acolhimento tão benevolo, que espero facilitará o desempenho de alguns objectos que terei a tratar com tão distincto sabio.

« Apresentado pelo mesmo visconde a outro nosso consocio depu-

tado Ternaux-Compans, tenho recebido d'este Sr., que muito se occupa da historia da America, bons conselhos, que nutro a esperança de seguir para corresponder á honrosa confiança do Instituto.

« Até este momento nutri a esperança de poder mimosear o Instituto, offerecendo-lhe o Atlas do Sr. visconde de Santarém: mas S. Ex.ª acaba de dizer-me que tal prazer lhe compete, e será brevemente realisado. Este atlas, sendo o complemento de uma obra importante, que se occupa longamente de descobertas, póde interessar sobre maneira o Instituto Brazileiro, e eu não duvido que além das questões examinadas pelo distincto sabio portuguez, outras podem ser analogamente discutidas com o soccorro das provas mathematicas e naturaes que offerece o dito atlas. »

« Ora parece-me, á vista d'isto, que segundo estas relações em que estava comigo o Sr. Lisboa, e a convicção que elle tinha de que minha obra sobre as descobertas e o atlas que a acompanha interessavam o Brazil, mas tambem da confissão que faz de me haver eu prestado a facilitar-lhe todos os meios para o desempenho dos objectos de que elle se achava encarregado em serviço do Brazil, á vista d'isto parece-me, torno a dizer, que teria sido congruente, e talvez util, o ter-me communicado as duvidas que se offereciam no *Memorandum*, ás quaes eu teria respondido; podendo elle então juntar as minhas respostas ao dito *Memorandum* afim de o Instituto poder julgar dos motivos que tive para dar no *Quadro elementar* simplesmente uma idéa summaria do tratado de Badajoz, e não os artigos integraes.

« Pondo aqui termo a este incidente, passarei a fazer uma breve analyse das asserções que se encontram no *Memorandum*, e que me dizem respeito.

« Pretende o auctor do dito *Memorandum* que relativamente ao tratado de Badajoz escrevi para os meus compatriotas Portuguezes, e que o fiz com uma concisão que affecta os interesses do Brazil.

« E o *Parecer* diz que o governo de Bolivia citára a minha obra como prova da intelligencia que o dito governo quer dar ao dito tratado de 6 de Junho de 1801.

« Ora se eu escrevi só para os meus compatriotas, como é que a mesma minha obra serve a um governo estrangeiro americano para a citar em uma nota diplomatica? Este simples facto e a contradicção que d'elle resulta bastariam em boa hermeneutica para responder á estranha asserção do auctor do *Memorandum.*

« Diz o sobredito auctor « que o Brazileiro que procurar apoiar o seu direito consultando o *Quadro elementar*, ver-se-ha na necessidade de aprofundar a materia. » Certamente. O auctor não entendeu a natureza da minha obra, a qual sendo essencialmente elementar, e por tal qualificada, é de estranhar quizesse o auctor do *Memorandum* encontrar n'ella as integras dos documentos, que só devem ser publicados no *Corpo diplomatico*, ou na Collecção dos tratados.

« Tal pretenção não teria por certo tido o auctor d'esse papel, se houvera lido a Introducção do tomo I do dito *Quadro elementar* a pag. LXXVIII, onde disse o seguinte: « Finalmente este trabalho *preliminar* do *Quadro elementar* é apenas a base da obra regular e systematica do Corpo diplomatico portuguez, etc., e a terceira obra, que deverá formar o complemento, consiste na historia politica de Portugal, fundada nos tratados e mais documentos publicados no Corpo diplomatico. »

« Não teria tão ao de leve fundado as suas asserções se, além do que levo dito, se tivesse inteirado do plano de publicação que alli expuz, levado já á execução pela apparição do tom. 1.° do Corpo diplomatico, publicado em 1846, quasi dous annos antes do auctor escrever o seu *Memorandum*, volume que encerra já uma boa parte dos tratados celebrados com Hespanha, dados integralmente, volume emfim conhecido de toda a Europa, e de que logo remetti um exemplar para o Instituto Historico do Brazil. Conseguintemente por isso mesmo que o *Quadro* é de sua natureza *elementar*, todos os que tem necessidade de consultar as integras dos documentos n'elle apontados, devem recorrer ás fontes remissivas igualmente apontadas em as notas, em quanto os volumes correspondentes do Corpo diplomatico não vêem a luz publica; cousa que salta aos olhos de todo aquelle que abre a obra de que se trata. Em meu primeiro plano esta

obra tinha de ser ainda muito mais elementar, e era apenas similhante ao *Guide Diplomatique* de Martens. Dei-lhe depois maior extensão impellido de razões, cujo desenvolvimento tornaria mais do devido volumosa esta carta.

« Verificada assim a natureza elementar da obra de que trato, passarei a responder ao § seguinte do *Memorandum*. « No T. 2.°, « pag. 327, que trata da paz de Badajoz, se lê: As altas partes « contractantes se obrigam a renovar os antigos tratados entre ellas « subsistentes. » O auctor do *Memorandum* omittiu o restante do meu summario, que diz « com as modificações porém que exigirem « os vinculos que ligam a Hespanha á Republica Franceza. » Eis tudo quanto diz o summario do meu *Quadro elementar*.

« O citado auctor, que julgou opportuno fazer um commentario interpretativo ao sobredito summario, ajunta: « Parece esta phrase « comprehender entre outros o tratado de 1777, e dar pelo menos « pretexto aos herdeiros d'Hespanha para reclamar as cousas *in statu* « *quo!* »

« Com effeito é mais que remissa a minha sagacidade para me fazer tirar uma inducção tal do summario, de que se trata! Verdade é que a historia das questões de limites está cheia, ha tres seculos á esta parte, de toda a especie de interpretações conformes com as utilidades das partes interessadas. « Porém, continúa o auctor do *Memo-* « *randum*, o art. X do tratado de Badajoz não dá logar a tal « interpretação; elle diz: *Les hautes parties contractantes s'obli-* « *gent à renouveler incessamment l'alliance defensive qui* « *existait jusqu'ici entre elles.* »

« Tanto melhor, se o auctor do *Memorandum* julga ao mesmo tempo que a sua propria interpretação não colhe. O que não obstante, prosegue dizendo: « Mas aos Brasileiros, a quem importa que se « escreva a historia do seu paiz com exactidão, e que não se citem « documentos que affectem os seus direitos com discrepancias preju- « diciaes, incumbe notar as faltas como esta. »

« Onde achou o auctor que eu citasse n'esse summario o tratado de 1777, ou que a elle fizesse allusão? E se o sobredito auctor com-

a sua interpretação e commentario ao summario, que produziu tão grande tempestade contra o pobre do *Quadro elementar*, remedieu as discrepancias do dito infeliz summario, e que portanto se deve considerar desde já *a historia do Brazil escripta com exactidão*, para que é exigir que eu altere o plano de uma obra, que me tem custado 40 annos de improbo estudo e de investigações?

« Conclue o *Memorandum* dizendo que devo corrigir aquella discrepancia, tanto em justiça ás razoaveis pretenções do Brazil, como (accrescenta elle) « para que nós os Brazileiros nos acostumemos a « considerar a sua interessante obra como tambem escripta para « nós. »

« A estas asserções respondem por mim não só os 6 volumes já publicados do *Quadro elementar*, mas tambem as actas do Instituto Historico Brazileiro, e a correspondencia official com que me honraram os seus dous illustres fundadores o Sr. visconde de S. Leopoldo, presidente, e o fallecido secretario perpetuo o Sr. conego Januario.

« Pelo que respeita ao *Quadro*, n'elle se encontram já mais de mil indicações e summarios de documentos que interessam o Brazil; cousa que o auctor do *Memorandum* não encontrará por certo em outra obra até agora publicada, e isto sómente em duas das suas secções. A parte que encerra as relações com a Hollanda, com a Inglaterra, com Roma, e sobretudo na que respeita á America, ainda ineditas, estão cheias de documentos, que dizem respeito ao Brazil e á sua historia, a maior parte dos quaes são ineditos.

« Quanto ao Instituto, as duas citações, que vou transcrever textualmente das *Revistas*, serão por agora bastantes para mostrar que aquella douta assembléa considerava o *Quadro elementar* como tambem escripto para o Brazil.

« Eis-aqui o que se lê no Relatorio do Secretario perpetuo, lido na sessão publica de 27 de Novembro de 1842, fallando das obras recebidas:

« Assim tambem do Sr. visconde de Santarem as suas interessantissimas reflexões sobre Americo Vespucio, e o tomo 1.° do *Quadro elementar* das relações politicas e diplomaticas de Portugal com as

diversas potencias, etc. A profunda e aturada investigação do sabio Visconde tem tirado á luz infinitos memoraveis acontecimentos, que os seculos cobriam de sua pesada escuridade. *Os serviços que assim presta este nosso digno consocio á historia e geographia em geral, redundam em esclarecimento do Brazil, que d'esta sorte vai sahindo do poço de trevas, em que ha tempos dormia.* » Tal foi a linguagem do orgão official do Instituto Brazileiro apenas appareceu o 1.º vol. do *Quadro elementar*.

« Este conceito se foi augmentando com a publicação successiva dos outros volumes da mesma obra. Ainda em Janeiro de 1846 se lê o seguinte na *Revista* (N.º 28, pag. 570), por occasião da remessa que fiz ao Instituto do tomo 5.º da mesma obra, que encerra as relações que tiveram logar entre Portugal e a França durante o reinado de el-rei D. João V. « E entre as quaes (relações) se encontram muitas noticias relativas ao Brazil, e que interessam em maximo gráo á historia do Imperio. »

« Á vista do que deixo ponderado, se o auctor do *Memorandum* se não acostumou ainda a considerar a dita minha obra como tambem escripta para os Brazileiros, o primeiro Corpo scientifico do Imperio pensou constantemente o contrario desde 1842, data da apparição do 1.º volume d'esta obra.

« Se se tratasse de uma simples critica litteraria, não teria escripto a este respeito uma só regra; mas, longe de ser uma critica, encontra-se no *Memorandum*, tanto nas expressões como no espirito d'ellas, uma mais que injusta e a todos os respeitos infundada accusação de parcialidade contraria aos interesses do Brazil: foi por isso que entrei em todos estes promenores, afim de protestar com todas as forças de minha alma contra taes expressões, e contra o espirito d'ellas.

« Á vista do que levo dito rogo a V. S.ª queira ter a bondade de ler a 1.ª via d'esta carta ao Instituto, e de lhe dar, como é de justiça e de practica, a competente publicidade na *Revista*, onde appareceu o *Memorandum* que a motivou.

« Limito-me por agora a dirigir a V. S.ª esta carta, e em breve

tenciono imprimil-a, acompanhada de outras observações e de diversas cartas officiaes dos seus dous illustres fundadores o Sr. visconde de S. Leopoldo, seu antigo presidente, e do seu Secretario perpetuo, afim de a distribuir aos leitores da *Revista*, tanto na Europa, como n'esse Imperio, e para que estes tenham á vista d'ellas as provas de que a dita obra foi sempre considerada como de grande utilidade tambem para os interesses do Brazil, e para a historia do Imperio.

« Aproveito esta occasião para renovar as seguranças de consideração com que tenho a honra de ser — De V. S.ª muito attento e fiel servidor — *Visconde de Santarem.*

Officio do Sr. D. André Lamas, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da Republica Oriental do Uruguay, agradecendo ao Instituto o titulo que lhe foi conferido de socio correspondente, e offertando para a sua bibliotheca as seguintes publicações:

« *Epitome de la cuestion francesa en el Rio de la Plata*, por D. José Rivera Indarte. — Montevidéo, 1840.

« *Documentos oficiales cambiados entre el Gobierno de la Republica oriental del Uruguay y el Sr. vice-almirante baron de Mackau.* — Montevidéo, 1840.

« *Respuesta del Gobierno de Buenos Ayres á la oferta de mediacion anglo-francesa y apuntes sobre esta respuesta.* — Montevidéo, 1842.

« *Circular de D. Manoel Oribe á los consules extranjeros y observaciones sobre ella.* — Montevidéo, 1843.

« *Sucesos del Rio de la Plata, considerados con relacion á los ajentes extranjeros y á la mediacion anglo-francesa.* — Montevidéo, 1843.

« *Apertura de la casa de moneda de Montevidéo.* — 1844.

« *La intervencion en la guerra actual del Rio de la Plata*, por D. José Rivera Indarte. — Rio de Janeiro, 1845.

« *Publication oficial de los documentos referentes á la destitucion y destierro del brigadier general D. Fructuoso Rivera.* — Montevidéo, 1847.

« *Protocolo de la negociacion de paz promovida por los*

ministros plenipotenciarios de los gobiernos interventores, iniciada el 21 de Marzo y terminada el 8 de Junio de 1848.

« *Mision al Plata de los Srs. Gore y Gros.*—Montevidéo, 1848.

« *El general Paz y los hombres que le han calumniado.* — Montevidéo, 1848.

« *El asesinato de Camilla O'Gorman.* — Montevidéo, 1848.

« *Asesinato del Sr. Dr. D. Florencio Varela*, por D. José Marescal. — Montevidéo, 1849.

« *Intervention anglo-française dans le Rio de la Plata.* — *Missions de MM. Deffaudis et Waleski.* — *Documents destinés aux chambres.* — Paris, Fevrier 1848,

« *Au nom de 18,000 français, appel à la France. Situation actuelle de notre politique au Rio de la Plata.*— Paris, 1849.

« *Biografia del general San Martin, acompanada de una noticia de su estado presente y otros documentos importantes.* — Paris, 1844.

« *Apuntes biograficos del Dr. D. Julian Alvarez.* — Montevidéo, 1844.

« *Biografia de D. José Rivera Indarte*, por D. Bartolomé Mitre. — Valparaiso, 1845.

« *Apendice al curso de Derecho civil del Dr. D. Pedro Somellera.*—*De los delitos, de su clasificacion y de los remedios contra el mal de los delitos.* — Montevidéo, 1848.

« *Mayo y la ensenanza popular en el Plata*, por D. Estevan Echeverria. — Montevidéo, 1845.

« *Poesias de D. Adolfo Berro*, publicadas com um prologo por D. André Lamas. — Montevidéo, 1842.

« *Montevidéo. Poema de D. Alejandro Magarinos con muchas noticias historicas.* — Montevidéo, 1846.

« *El Ateneo Americano*, periodico de Lima. — Os quatro primeiros numeros.

« *El Museo de Ambas Americas.*—Valparaiso, 1842, 2 tomos.

« *Plano topografico de la ciudad de Montevidéo publicado por orden de D. Andrés Lamas.* »

O Instituto recebe com todo o agrado esta dadiva, e bem assim um volume do *Boletim* da Sociedade de Geographia de Pariz, recentemente publicado.

É encarregado o Sr. 1.º Secretario de mandar vir de Londres, por intermedio do socio o Sr. José Marques Lisboa, residente n'aquella côrte na qualidade de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do Brazil, dous globos geographicos de grande dimensão, afim de serem collocados na sala das sessões do Instituto, dando todos os poderes ao mesmo Sr. para o bom desempenho d'esta commissão.

Entram em discussão e são approvadas varias propostas do Sr. Thesoureiro, sobre o melhor meio de poder a Sociedade arrecadar a divida atrazada de alguns socios residentes na côrte e fóra d'ella.

Levanta-se a sessão ás 7 horas da noite.

210.ª SESSÃO EM 17 DE SETEMBRO DE 1849.

PRESIDENCIA DO ILL.mo SR. MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

Ás 6 horas da tarde dá-se começo á sessão approvando a acta da anterior.

Expediente. — « Ill.mo Sr. — Tendo recebido o officio em que V. S.ª me communica haver-me o Instituto Historico feito a honra de escolher-me para orador da deputação encarregada de cumprimentar a Sua Magestade o Imperador no dia de hoje, feliz anniversario da Independencia do Brazil, cumpre-me communicar a V. S.ª, para que seja presente ao mesmo Instituto, que satisfiz áquella sua honrosa incumbencia, recitando o pequeno discurso junto por copia, ao qual Sua Magestade o Imperador se dignou responder agradecendo as felicitações do Instituto Historico.

« Resta-me pedir a V. S.ª que por mim agradeça ao Instituto a honra que me fez.

« Deus guarde a V. S.ª Rio, 7 de Setembro de 1849. — Ill.mo Sr. Manoel Ferreira Lagos, 1.º Secretario perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. — *Paulino José Soares de Souza.*

« Copia.—Senhor! As recordações gloriosas que nos traz o anniversario da Independencia, e a dynastia do augusto Pai de Vossa Magestade Imperial, não podem separar-se: hão de viver sempre unidas na memoria dos tempos.

« Não podia o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, que tem por fim colligir os factos importantes á historia do Brazil, esquecer o maior e o mais glorioso, e n'este dia tão nacional deixar de felicitar a V. M. I., a quem reflecte a gloria adquirida nas margens do Ypiranga, e que foi pela Divina Providencia destinado para guiar o Imperio na carreira de progressivo engrandecimento, que lhe abriu a Independencia.

« O Instituto Historico portanto nos dirige em deputação a depôr aos pés do throno de V. M. I. as suas respeitosas felicitações, e os seus votos de amor e fidelidade.—Conforme.—*Paulino José Soares de Souza.* »

« Ill.mo Sr. Manoel Ferreira Lagos. — Agora é que recebo ao mesmo tempo tres estimadissimas cartas de V. S.a, acompanhadas de um diploma de membro correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, e quatro numeros da *Revista trimensal;* e faltam-me expressões para devidamente significar meus agradecimentos por tanto favor e bondade de V. S.a para comigo.

« Penhorado em extremo pela graça que o Instituto acaba de fazer-me por sua generosidade, e não pelo merito do meu opusculo, cumpre-me declarar que de todo o coração acceito tão subida honra, por conhecer que com isso não quiz o Instituto mais do que acoroçoar os meus bons desejos.

« Sou com toda a estima etc. Bahia, 17 de Agosto de 1849. — *Manoel Ladisláo Aranha Dantas.* »

« Traducção. — Rio de Janeiro, 18 de Agosto de 1849. — Ill.mo Sr. 1.º Secretario perpetuo do Instituto.—Meu amigo o Dr. Valentim Alsina, antigo cathedratico de Direito das gentes na Universidade de Buenos Ayres, e hoje redactor principal do *Comercio del Plata* em Montevidéo, encarregou-me de offerecer, em seu nome, para a bibliotheca do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, o exemplar junto

de sua traducção compendiada e annotada do *Tratado* de Chitty relativo ao effeito legal da guerra sobre o commercio dos belligerantes e neutraes,

« O Sr. Dr. Alsina espera que o Instituto dignar-se-ha acceitar esta offerta com sua costumada indulgencia.

« Sirva-se V. S.ª, Sr. Secretario, admittir os protestos de minha distincta consideração. — *André Lamas.* »

O Instituto, recebendo com todo o prazer esta offerta, incumbe ao Sr. 1.º Secretario de agradecel-a; assim como ao Sr. visconde de Santarem o 1.º volume do seu interessante *Ensaio sobre a historia da Cosmographia na idade media.*

O Sr. Secretario perpetuo, depois de fazer sentir ao Instituto a conveniencia de que este possua em sua bibliotheca todas as obras escriptas sobre o Brazil, quer no Imperio, ou em paizes estrangeiros, apresenta uma extensa relação de livros de reconhecido merecimento e propõe que o Instituto os faça vir da Europa por sua conta, ou por junto, se o estado do cofre o permittir, ou em pequenas porções. — O Instituto approva unamimente a idéa, mas depois de longo debate resolve que sua realisação fique reservada para mais tarde, quando possa fazer face a similhante despeza sem prejuizo das mais.

Entram em discussão, e são approvados segundo os tramites prescriptos pelos estatutos, dous pareceres de commissões propondo admissão de socios.

Levanta-se a sessão ás 7 1/2 horas da noite.

211.ª SESSÃO EM 27 DE SETEMBRO DE 1849.

Presidencia do Ex.mo Sr. Conselheiro Candido José de Araujo Vianna.

Ás 6 horas da tarde começou o Instituto os seus trabalhos approvando a acta da sessão anterior.

Expediente. — Ill.mo Sr. — Não permittindo o máo estado de minha saude que eu compareça hoje á sessão do Instituto Historico

e Geographico do Brazil, tenho a honra de passar ás mãos de V. S.ª, afim de ser presente á meza administrativa, o incluso balancete da receita e despeza do cofre a meu cargo durante os dous mezes decorridos de 27 de Julho até a presente data

« Deus guarde a V. S.ª Rio 27 de Setembro de 1849. — Ill.mo Sr. Manoel Ferreira Lagos, 1.º Secretario perpetuo. — O thesoureiro *João José de Souza Silva Rio.* »

Com este officio recebeu o Instituto o balancete indicado, pelo qual se vê importar nos ditos dous mezes a receita em 2:185$000 réis, e a despeza em 2:033$340 réis, existindo no cofre o saldo de 151$660 réis.

« Ill.mo Sr. — Muito me lisongeou o officio em que V. S.ª, por parte do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, me agradece o escripto ultimo (*) que tive a honra de offerecer á essa Associação, e bem assim me faz ver o apreço que recebeu da mesma, votando-se a sua impressão na *Revista trimensal*, da qual recebi dous exemplares.

« Cheio de gratidão por tão immeritos testemunhos de bondade e indulgencia para comigo e meus escriptos imperfeitos, pois conheço minha acanhada capacidade, só me cumpre manifestar ao Instituto, por intermedio de V. S.ª, meus cordiaes agradecimentos, e a segurança de que não pouparei esforços para continuar a enviar-lhe algum trabalho meu, assim como quaesquer objectos que eu alcance n'esta provincia, e que por sua raridade ou perfeição possam interessar ao Instituto.

« Deus guarde a V. S.ª Villa de S. José 20 de Setembro de 1849. — Ill.mo Sr. Manoel Ferreira Lagos, 1.º Secretario perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. — O vigario *Joaquim Gomes d'Oliveira e Paiva.* »

Em carta particular communica o mesmo Sr. ao Sr. 1.º Secretario que se acha em diligencia de obter um pequeno nicho de conchas,

(*) *Memoria historica sobre a colonia allemãa de S. Pedro d'Alcantara, estabelecida na provincia de Santa Catharina:* impressa no n.º 12 d'esta 2.ª serie.

obra primorosa feita pelas mãos do irmão Joaquim (*); e que se o conseguir, remettel-o-ha para o muzeu d'esta Sociedade.

O Sr. 1.° Secretario faz donatario ao Instituto dos dous seguintes manuscriptos originaes, promettendo praticar o mesmo com outros da sua preciosa collecção, logo que estes sejam dados á luz publica: 1.° Roteiro corographico da viagem que Martinho de Sousa e Albuquerque, governador e capitão general do Estado do Brazil, determinou fazer ao rio dos Amazonas, em a parte que fica comprehendida em a capitania do Grão-Pará: tudo em destino de ocularmente observar e soccorrer a praça, fortaleza, e povoações que lhes são confrontantes. 2.° Noticia sobre a ilha de Joannes: pelo tenente coronel José Simões de Carvalho. — Recebidos com especial agrado, e enviados á commissão de redacção.

Entrou em discussão, e foi adiado o parecer do Sr. Antonio Gonçalves Dias ácêrca do *Resumo da historia do Brazil* offerecido ao Instituto pelo Sr. Salvador Henrique de Albuquerque.

Não havendo mais nada a tratar-se, o Ex.mo Sr. Presidente levanta a sessão.

(*) Veja-se no n.° 3 da 2.ª serie a biographia d'este illustre Brazileiro.

REVISTA TRIMENSAL

DE

HISTORIA E GEOGRAPHIA,

OU

JORNAL DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO.

N.° 16. — 4.° TRIMESTRE DE 1849.

MEMORIA

SOBRE

O DESCOBRIMENTO, GOVERNO, POPULAÇÃO, E COUSAS MAIS NOTAVEIS DA CAPITANIA DE GOYAZ.

Pelo padre Luiz Antonio da Silva e Souza,

Natural do Serro do Frio, capitania de Minas Geraes.

Menos o amor da gloria e o desejo de ser util, que o interesse proprio e aquella ambição, que leva muitas vezes os homens por incalculaveis perigos ás mais arduas, mais importantes emprezas, foi o motivo do descobrimento de Goyaz, uma das capitanias do dominio portuguez na extensão do Brazil que menos tem aproveitado a sua situação vantajosa, e que tendo as melhores proporções para se engrandecer e felicitar os seus colonos, correu em menos de um seculo do esplendor do seu principio para a crise da decadencia, seja por se desprezarem os meios mais proprios e mais energicos de promover o seu augmento, seja (o que me parece mais provavel) por se ter enervado nos braços da ociosidade aquelle amor do trabalho e patriotismo, que prefere ao interesse proprio o bem commum; aquella

afouteza dos primeiros descobridores, que sem mais aprestos que um animo superior a todas as fadigas, quasi desprovidos de tudo, expostos á fome, ás féras e ás nações selvagens, entranharam-se por terras incognitas, até nos mostrarem aos olhos de Portugal, da Europa e do Universo, as preciosidades d'esta porção do Mundo Novo, por tantos seculos escondida ao conhecimento dos outros homens, que não fossem os mesmos barbaros nacionaes.

Entre todas as capitanias generaes do Estado do Brazil é uma das mais extensas e das menos povoadas, sendo ao mesmo tempo a mais interior de todas; situada entre seis gráos e vinte e dous minutos de latitude, e trezentos e vinte e seis, e trezentos e trinta e cinco de longitude. Estende-se de norte a sul muito mais de 300 leguas contadas da nova situação que se destina cabeça de comarca, e villa de S. João das duas Barras, na margem do rio Araguaya, até o registo e passagem do Rio Grande na estrada do Cuyabá: abrangendo de léste a oéste longo espaço de terreno inculto, só trilhado de féras e de nações brutaes. Está no centro das capitanias do Grão-Pará, Bahia, Pernambuco, S. Paulo, Geraes e Cuyabá, com as quaes se communica e em differentes pontos confina. O seu clima é saudavel, á excepção de alguns logares paludosos e visinhos de rios, que na sua enchente arrastam os despojos das arvores e muitas impurezas, que arrojadas á margem e corrompidas inficionam o ar: não se sentem n'elle os rigores do inverno, e as maiores calmas são modificadas por brandas virações: o seu terreno, em partes montanhoso, em partes plano, abunda de matas e de campinas: onde se cultiva é sobremaneira fertil; produz com facilidade a vinha, o assucar, café, algodão, trigo e todo o genero de grão que se lhe planta. Tem montes ricos de ouro, ainda intactos, minas preciosas só lavradas na superficie da terra, rios piscosos e que se podem navegar, salmas que mal se aproveitam: é finalmente toda a capitania cortada da mesma cordilheira de serras, que erguendo-se na costa do mar brazilico, depois de atravessar com differentes nomes outras provincias, entra por esta, e dominando sobre todas as terras do contôrno no logar dos Pyreneos, junto ao arraial de Meia-Ponte, desentranha os rios que

vão ao Paraguay, Grão-Pará e sertões do Rio de S. Francisco: corre a Mato-Grosso, entra pela dominios hespanhóes, e se inclina para o mar Pacifico: cordilheira estimavel, aonde se tem descoberto, e nas suas visinhanças, a mais consideravel riqueza de diamantes, ouro, prata e outras preciosidades do Brazil.

Descobrimento.

Assim como mais ou menos abundantes os rebanhos do gado, que deu o nome á primeira moeda, foram a primitiva riqueza do Universo, desde o descobrimento do Brazil a sua riqueza se considerou consistir no maior numero de escravos, pois só com estes é que se fazem ainda hoje todos os serviços uteis da lavoura e mineração. Os habitantes da recente capitania de S. Vicente, hoje incluida na de S. Paulo, sendo este o modo mais facil de locupletar-se (por não ter ainda o commercio d'Africa abastecido ou inficionado de escravos pretos as capitanias do Brazil), abusando dos santos fins da lei, que só permittia o captiveiro dos Indios tomados em justa guerra e em certos casos expressos, a pretexto de rebater a sua natural ferocidade, conter hostilidades, e de os trazer ao gremio da santa igreja, entraram a penetrar os mais desconhecidos sertões, com o particular designio de os captivar. Consta por tradição antiga que Manoel Corrêa foi o primeiro, que ambicioso d'este lucro chegou até o logar dos famigerados Araés d'esta capitania, a que depois o gentio Goyá, habitante no logar da maior riqueza, fez dar o nome, que ainda conserva, de Goyaz: e nem o ouro acaso encontrado e extrahido sem industria, que na villa de Sorocaba offereceu em donativo para a corôa da imagem da Senhora do Pilar, foi o principal motivo das suas fadigas, bem que depois com o seu esplendor captivou os animos dos que em tropel vieram a formar esta nova colonia. Outros se empregaram no mesmo exercicio, tendo em vista menos descobrir o terreno e contemplar as suas maravilhas, que locupletar-se com este trafico odioso, que as circumstancias então toleravam. Traspassavam os justos fins da lei, illudiam ou sorprehendiam os selvagens, e depois de captivos, com manha ou á força, os conduziam, como em triumpho, ás

povoações visinhas do mar, aonde ou os vendiam, ou os empregavam no cultivo das terras e todos os ministerios servis, havendo casa em S. Paulo que chegou a contar 600 e ainda mais d'estes miseraveis escravos.

Entre os aventureiros d'esta especie se distinguiu Bartholomeu Bueno da Silva, natural da villa de Parnahyba, que os seus conterraneos contam entre os seus heróes. Este homem naturalmente alento, astacioso e avezado a trabalhos d'esta natureza, a quem o gentio deu o nome de *Anhanguéra*, que conservam os seus descendentes, que na linguagem do paiz quer dizer *Diabo velho* pelo estratagema de accender aguardente em uma vasilha, com ameaça de abrazar todos os rios e todos os Indios que se lhe não rendessem, seguido de um filho do mesmo nome, de idade de doze annos (que veio a ser o descobridor d'esta capitania), e outros aggregados, chegou pouco mais ou menos em 1682 ao domicilio do pacifico gentio Goyá, que agora habitamos: e demorando-se algum tempo no meio das suas correrias, que comprehenderam grande parte d'estes sertões, a plantar roça que melhorasse a sua sustentação, reconheceu a riqueza do logar vendo folhetas de ouro bruto pendentes ao collo das Indias: e com esta certeza, confirmada de algumas indagações, regressou ao seu paiz natal, seguido da numerosa presa que tinha feito, a utilisar-se do fructo dos seus trabalhos.

Outros da mesma capitania de S. Paulo, pelos mesmos motivos, já se tinham arrojado a uma navegação penosa e desconhecida, de perto de seiscentas leguas, descendo por uns e subindo por outros rios, despenhando-se por cachoeiras, varando algumas vezes por terra, conduzindo á força de braços de uma para outra parte os vasos do seu transporte, que eram canôas, e todo o seu trem, até descobrirem com insano trabalho Cuyabá, Mato-Grosso e as suas preciosas minas. O ouro (descoberto primeiramente em Piauhy, Parnapanema e Joraguá, pertencentes a S. Paulo, depois em Geraes) começou a fazer conhecer a sua importancia: a estimação que tinha a gloria dos que o descobriram, e mais que tudo a recompensa que afiançava o Throno, e já tinha conseguido Manoel da Silva Velho, capitão-mór

de Taboaté e provedor dos quintos d'esta villa, nomeado por Sebastião Paes de Sande, que governava o Rio de Janeiro, em remuneração de ter descoberto algum ouro, ainda que pouco, eis-aqui os estimulos que excitaram a muitos, e que tocaram o animo de Bartholomeu Bueno da Silva, filho do primeiro em que fallámos (quando voltava das Geraes e da diligencia de descobrir a casa da Casca por morte de Antonio Rodrigues Arzão), para manifestar o que tinha presenciado em companhia de seu pai; e com effeito procurou para este fim o Sr. Rodrigo Cezar de Menezes, governador de S. Paulo, que dando conta a S. M. o Senhor D. João V, approvou esta resolução, mandando que se consignassem em seu real nome os premios que receberia o descobridor, no caso de realizar o que promettia: e no anno seguinte, como se infere do regimento dado pelo mesmo governador, registado na secretaria do governo a fol. 4 do liv. 4.°, apromptou-se como pôde, cheio de esperança e animado de louvores, para entrar na empreza que tinha premeditado.

Mas não bastando para tanto as suas possibilidades, que eram poucas, convidou para companheiro dos seus trabalhos e da sua gloria João Leite da Silva Hortiz, seu genro, e associados com uma comitiva de mais de duzentas pessôas, trazendo dous religiosos de S. Bento e S. Francisco, Fr. George e Fr. Cosme, para lhes ministrar os soccorros espirituaes, com alguns artifices com armas de fogo, e quarenta cavallos, entraram pelo sertão em dias depois de Paschoa; e não tendo outra bússola que a sua vista e a eminencia dos montes, estando de alguma sorte apagadas as idéas que tinha adquirido do paiz, vagando por uma e outra parte em dilatado gyro, depois da incommoda marcha de muito tempo chegou e a sua comitiva ao ribeirão que se chama hoje de Meia-Ponte (1), nas visinhanças do arraial do Bomfim: d'aqui procurou a Bocaina velha, da parte de Anicuns, onde seu pai tinha feito roça, e demorando-se algum tempo a plantar,

(1) Os Paulistas chegando a este ribeirão em occasião de cheia, para o passarem fabricaram uma especie de ponte de dous páos, dos quaes um foi levado pela corrente; e por este incidente deram o nome de Meia-Ponte ao ribeirão, e depois ao arraial.

continuou depois a examinar a campanha visinha, que é vasta; mas perdendo o norte, voltejando não muito longe do logar que demandava, foi ter perdido a um rio, que chamou de Pilões, ou por fabricarem aqui os seus companheiros estes instrumentos para facilitarem a sua grosseira sustentação, ou por se acharem ainda hoje no Rio Claro algumas pedras concavas com a mesma configuração.

Reconhecendo o engano em que estava, e descobrindo por algumas provas ouro n'este logar, João Leite da Silva Hortiz intentou formar alguma especie de estabelecimento, porém constante Bueno, longe de annuir á esta pretenção, affirmou não ser aquelle o logar que tinha promettido descobrir; e depois de algumas contestações marcharam para a parte de oéste, onde falsamente julgava Bueno ficar o terreno que procurava. Continuando a marcha de muitos dias (2) encontraram um rio, que das tristes circumstancias em que estavam, chamaram da Perdição. Este entra em outro maior, e seguindo a sua correnteza encontraram um braço similhante ao primeiro, que do seu fundo chamaram das Arêas: adiante mais descobriram terceiro braço com optima formação, e socavando-o descobriram cópia de ouro, que lhe fez dar o nome de Rio Rico, que ainda hoje é famoso nos roteiros antigos, porém incognito, por não chegarem ao fim algumas expedições que para o descobrir se tentaram.

A intriga e desigualdade de sentimentos, que desordenam qu as sempre os mais bem concebidos projectos, começaram a influir nos corações. Queria Bueno, succumbido de tantas fadigas, fazer alto n'aquelle logar; não annuia o capricho de Hortiz, em desforço da sua pretenção frustrada de ficar no Rio de Pilões, e chegaram a tomar armas um contra o outro, sendo necessaria toda a prudencia dos religiosos e das pessôas mais sensatas para conter e pacificar uns homens, de quem a desesperação chegava a furor desatinado. Cedeu emfim Bartholomeu Bueno, e retrocedeu com toda a comitiva a procurar

(2) N'esta viagem tiveram differentes ataques do Cayapó, e em um logar que lhe chamaram Lençóes lhes aprisionaram algumas mulheres, das quaes uma, por nome Thereza, viveu em Cabassaco.

ainda o sitio de Goyaz, que lhe parecia fugir ás suas diligencias; mas atravessando as suas visinhanças, sem as conhecer, procurando os primeiros arranchamentos onde tinha plantado, traspassou todo o cordão de Mato-Grosso (3), e se alongou até o rio Paraná (4), onde de todo se julgou perdido vendo vestigios de gado, que se conheceu depois de ter-se transmalhado das margens do Rio de S. Francisco, já então povoadas de Paulistas que se tinham retirado das Geraes (5), chegou até o logar chamado agora arraial de S. Felix, e aqui prevaleceu a tudo a intriga ou a desesperação. Tumultuaram fazendo partidos os companheiros, e não bastou para os conter a auctoridade de que Bueno estava munido; uns em balsas que fabricaram desceram pelo rio e foram ter ao Grão-Pará, onde se diz que foram presos até se conhecer o motivo da sua viagem; outros se ausentaram fugitivamente, e ficou o descobridor na extremidade de não poder continuar nas suas diligencias. Tinham-se inutilmente consumido tres annos: tinha visto os seus companheiros, parte nas mãos dos barbaros, parte nas garras das féras exhalar a vida: tinha perdido vinte dos seus escravos, cansado de calamidades, desprovido de gente e do necessario, que podia Bueno fazer? Voltou sobre os mesmos passos até o ribeirão do Cabrinha, em distancia de quatro leguas do logar da villa, e sem ter conservado mais que trinta oitavas de ouro, seguiu com os poucos que restavam para S. Paulo, onde envergonhado se escondeu á vista do governador, que, conhecendo o seu espirito e fidelidade, o procurou animando-o a proseguir n'uma empreza que interessava tanto á sua gloria.

(3) Mato-Grosso chama-se a grande mata que atravessa de norte a sul a capitania, em nove leguas de distancia da villa, tendo de léste a oéste nove leguas, e em parte mais: para o norte é extensissima, e para o sul não se lhe conhece fim.

(4) Paraná se chama não só o rio, mas o sertão de oitenta leguas, que existe entre serras, povoado de fazendas de gado, e o mais acommodado para a criação.

(5) Os Paulistas por morte de D. Rodrigo, que se propunha a descobrir as esmeraldas, se retiraram para as margens do Rio de S. Francisco, e se estabeleceram em fazendas de gado.

A lembrança dos trabalhos e das fadigas não diminuiu a constancia de Bartholomeu Bueno: logo que se viu reforçado do que lhe foi possivel, e soccorrido do governador com um sequito não inferior ao da primeira expedição, sem o conter o peso de mais de cincoenta annos, entrou de novo em 1726, trazendo em sua companhia o padre Antonio de Oliveira Gago, o engenheiro Manoel de Barros, Manoel Pinto Guedes, e outros associados da mesma sorte com seu genro Hortiz: e depois de seis mezes de marcha mais bem dirigida, ainda que com muitos rodeios, chegou ás visinhanças do terreno do seu desejo e das suas esperanças. Aqui diversificam os monumentos que pôde conseguir a minha diligencia: uns tem que chegou á planicie do Ouro Fino, e poucos dias depois d'elle Antonio Ferraz de Araujo, que em S. Paulo contrariou esta segunda entrada, e que este foi empregado por Bueno em examinar aquelle contôrno até descobrir o logar de antigas roças, o que conseguiu depois de sete dias de diligencia: outros affirmam ter chegado a uma bocaina, que dista do logar de Villa-Boa duas leguas e meia, aonde o achado de uma caimba de freio já corroida do tempo e alguns vestigios mais o convenceram de estar em logar trilhado por outros que não fossem os nacionaes, e que mandando alguns dos companheiros na diligencia de caça e de mel, que faziam uma grande parte do seu sustento, apprehenderam dous Indios idosos, de nação Goyá, que trazidos e perguntados do modo possivel, mostraram o logar do arraial do Ferreiro, em que se formou o primeiro arranchamento. Como quer que seja, aqui se preencheram os fins do Anhaguéra, chegou á méta dos seus trabalhos, viu e venceu. N'aquelle mesmo logar, em que quarenta annos antes tinha estado em companhia de seu pai, formou uma especie de povoação, e posto que se não achem escriptos authenticos, que abonem este facto, existe a tradição que nos chegou, e é confirmada por pessôas veridicas, que ouviram de viva voz a Urbano do Couto, socio d'esta expedição, fallecido no córrego de Jeraguá em 1772.

Feitas as demonstrações possiveis de alegria, passou Bueno a fazer novo arranchamento sobre os vestigios do antigo de seu pai, junto ao Rio Vermelho, no logar das casas de Manoel Pires Neves, hoje do

padre Lucas (este o principio do arraial de Santa Anna e de Villa-Boa); e entrando em exames, descobriu muito ouro no logar da Ponte do meio, chamada a do Felix, e consta que, entre outras, só em uma bateada de terra extrahiu meia libra, e que ainda encontrou maior grandeza no logar do Batatal, entre Ouro Fino e Ferreiro (hoje lavras do capitão Passos), onde sem custo fazia cada trabalhador o jornal de quatro e cinco oitavas por dia, e que depois d'estas indagações voltou a S. Paulo, a dar conta dos seus trabalhos, levando como é constante para mostrar 8,000 oitavas de ouro, annunciando ao governador mais cinco córregos, em que tinha descoberto abundancia d'este metal, como se vê da conta dada a S. M. no anno de 1726, que está registada no livro d'aquella secretaria.

Voltou Bueno a Goyaz com o titulo de capitão-mór regente, com a promessa do rendimento das passagens dos rios, munido de jurisdicção que lhe conferiu o governador, e muitos privilegios, e entre elles o de conferir sesmarias, que se collige da ordem regia de 14 de Março de 1731, registada no livro 1.° da ouvidoria a fl. 181, em que se manda a todos os que estão empossados de terras, a este titulo, requeiram a sua confirmação no prefixo tempo de dous annos.

Continuou na mesma diligencia, e ao mesmo tempo, para proseguir mais livremente, cuidou em pacificar os gentios Goyaz, que circulavam o logar descoberto; porém estes, temendo os ferros da escravidão que lhes preparavam, quizeram resistir e se fizeram fortes no logar onde o Rio Vermelho se incorpora com o dos Bugres; prevaleceu com tudo o estratagema do capitão-mór regente, que lhes prendeu as mulheres, e prendendo-as triumphou, e os fez mostrar os logares em que tinham achado as folhetas de ouro que serviam de adorno ás suas mulheres.

Adiantou-se na mesma pretenção de descobrir e extrahir ouro até o logar onde formou o arraial da Barra, e erigiu alli a primeira casa de oração, depois de descobrir minas riquissimas. Soou ao longe a noticia d'esta grandeza, e a fama ainda lhe deu os accrescimos que costuma: correram das outras capitanias os homens, e em menos de dous annos era immenso o povo que se tinha ajuntado: reveza-

vam-se as tropas de viveres e de fazendas, e não bastavam. É verdade que podemos chamar a este tempo a idade de ouro de Goyaz; mas desde então começaram a evaporar-se as suas grandezas. O ouro fugiu do seu centro e não tornou: com a mesma facilidade com que se adquiria, se lhe dava consumo, e sem fallar no luxo desregrado, que veio depois a consummar a decadencia em quanto se não povoou o caminho de S. Paulo, o unico que então havia, em quanto a agricultura (imperfeita ainda hoje) não ministrou mantimentos, as cousas mais necessarias para a vida se vendiam a peso de ouro, chegando a custar o alqueire de milho seis e sete oitavas, e de farinha dez; o primeiro porco que appareceu oitenta oitavas; a primeira vacca de leite duas libras de ouro, e tudo o mais á proporção.

Com tudo concorriam cada vez mais os homens: os primeiros que entraram, e os que vieram ao depois, alongaram-se a fazer novas observações, e foram povoando o terreno: a nação Goyá fugiu aos seus perseguidores; morreram uns, alongaram-se outros, extinguiram-se, e já não existem. Os habitantes de Minas Geraes, de Cuyabá, de Pernambuco e Bahia abriram por sertões incultos estradas para a communicação: o ouro animava a emprehender tudo; tinha feito fundar o arraial da Barra, de Santa Cruz e de Meia-Ponte; tinha levado os homens á Caixa, Natividade e Pontal, por meio de incommodos e de nações ferozes; e a quanto não obriga a sêde de ouro? No emtanto Bartholomeu Bueno da Silva, debaixo das ordens do governador de S. Paulo, reconcentrava todas as jurisdicções, e não podendo só conter os homens, em grande parte immoraes e turbulentos (6), fez commandante no arraial de Santa Anna a Antonio

(6) Na alluvião dos homens, que concorreram ao descobrimento de Goyaz, vieram pessôas de toda a qualidade, e até estrangeiros, e entre estes muitos sem costumes, que commetteram crimes horrorosos; *verbi causa:* uma mulher Paulista, que suffocou em uma toalha e sepultou nas suas lavras do Ouro Fino a duas filhas, só por serem vistas e louvada a sua formosura: a mesma, frenetica de zelos, matou o filhinho de uma escrava, julgando ser obra do marido, e lh'o apresentou assado em um espeto a horas da comida. Os assas-

Ferraz de Araujo, em quanto residia nas suas lavras do arraial da Barra; mas tendo este novo commandante um genio inflammado, motivou no povo algumas perturbações, que exigiram a presença do descobridor, que veio fixar a sua residencia no logar onde agora está fundada a capella de Nossa Senhora da Boa Morte. João Leite da Silva Hortiz, já condecorado com o titulo de guarda-mór geral

sinios eram frequentes, e por qualquer motivo. O capitão de uma companhia, que veio de Minas Geraes, por bem pouco foi morto de um tiro no sitio do Catalão, á vista dos seus soldados, pelo descobridor de Crixà. O descobridor de Pilar, em uma procissão publica do arraial de Santa Luzia, disputando com o juiz ordinario a precedencia, lhe tirou a cabelleira e com ella lhe deu na cara, e se concluiu o acto religioso com muitas cutiladas, que deram os partidistas de uma e outra parte: o descobridor de S. Felix morreu fazendo resistencias á justiça. Os juizes ordinarios a cada passo torciam a vara da justiça e abusavam da jurisdicção, O Sr. D. Luiz de Mascarenhas se viu obrigado a cohibir excessos de um em Arrayaes, e não havendo ainda cadêa, o fez prender a uma arvore, e assim mesmo preso, enthusiasmado da sua jurisdicção, queria fazer audiencia, chamando as partes ao som de um tambor, na fórma do seu costume. Os primeiros habitantes de Santa Cruz, fazendo um tumulto suscitado por José Teixeira de Andrade, que alli servia de provedor, fizeram retirar o primeiro vigario que lhes foi enviado, o padre Diogo Barboza Rebello, logo que chegou, apezar de estar enfermo; e o mais galante é que, tomando-se conhecimento d'este facto, ficou o vigario criminoso. Os do Pontal fizeram o mesmo ao primeiro vigario geral do norte, obrigando-o a mudar-se para a Natividade. Os do Desemboque em seu principio não ouviam missa sem estarem armados de pistolas e facas. E que direi dos sacerdotes e frades? Pouco se differençavam dos seculares. O padre José Caetano Lobo Pereira, estabelecido junto a Meia-Ponte, fazia despejar da sua visinhança, com uma carta, os que lhe parecia, ameaçando-os de morte; e recebeu um juiz ordinario, que ia ao Rio do Peixe a algumas averiguações, com oitenta armas de fogo, que começou a mandar descarregar sobre os officiaes, o que motivou o conhecimento que se tomou por provisão de 6 de Julho de 1748. Ao padre Antonio de Oliveira Gago e João Gago imputam-se-lhes mortes, açoutes e muitos excessos, de que se tomou conhecimento por provisão de 17 de Novembro de 1734. O padre Posso de Pilar passeava á vista do corregedor a cavallo com pagens armados de bacamartes. Em summa, só de uma vez foram exterminados sete, por ordem do bispo do Rio do Janeiro. Taes eram os tempos e os costumes.

das minas de Goyaz, voltou a S. Paulo a requerer a remuneração dos seus serviços e de seu sogro Bueno, a realidade das promessas que lhe tinham sido afiançadas com o augusto nome de S. Magestade; mas nada pôde conseguir, tendo já succedido no governo o Sr. Antonio da Silva Caldeira Pimentel. Com este desengano voltou a Goyaz, e se apromptou para levar pessoalmente os seus requerimentos aos pés do throno; e a este fim se entranhou pelos sertões, acompanhado de Francisco Bueno da Silva, seu cunhado, e desceu pelas margens do Rio de S. Francisco, passando da Bahia a Pernambuco, aonde intentava embarcar, dizendo em toda a parte na sua viagem (como lhe ouviu o capitão Francisco Pereira Pinto, que a este tempo vinha para Goyaz) que se destinava a manifestar novos e mais preciosos descobrimentos de ouro que tinha encontrado; mas tudo se frustrou, adoecendo talvez de tantas fadigas; e é de notar que levando, como é constante, duas arrobas de ouro, extrahidas do nosso Rio Vermelho, por seu fallecimento nada se lhe achou: seu companheiro e cunhado, ainda que chegou a Lisboa, falleceu sem conseguir a sua pretenção; e assim se perdeu a noticia dos descobridores e a certeza do logar das Correntes (7), que affirmavam ser preciosissimo.

Continuava o capitão-mór a exercitar a sua jurisdicção com toda a plenitude de poderes, até que paulatinamente se lhe foi coarctando, primeiramente com a chegada do ouvidor de S. Paulo, Gregorio Dias da Silva, que veio com o titulo de superintendente, e arrogou mais jurisdicção do que lhe competia; depois com a vinda do Sr. conde de Sarzedas, que nomeou um commandante, que foi o capitão de dragões José de Moraes Cabral: com tudo conservou o nome de capitão-mór regente, guarda-mór geral, e foi sempre respeitado, mantendo uma correspondencia effectiva e honrosa com os governadores do seu tempo; e nem mesmo quando por demasiadas profusões se

(7) Os descobridores deram o nome das Correntes a certo logar em que descobriram ouro, e que marcaram com uma corrente de ferro pendurada em uma arvore, que jámais poderam encontrar, ou por não chegarem ao mesmo logar, ou porque a tiraram os selvagens.

diminuiram as suas possibilidades afrouxou o seu espirito, e debaixo das suas ordens e direcção fez sahir o seu genro Domingos Rodrigues do Prado a fazer explorações no terreno de Crixá, mandando depois uma escolta insinuada por elle a descobrir o Rio de Pilões, em que tinha estado perdido. Porém este, correndo pela parte do norte a grande serra que Bueno tinha costeado de léste a oéste, da parte do sul, em distancia de vinte leguas, encontrou o rio que chamaram Pilões, ainda que por averiguações muito posteriores se conheceu ser outro rio chamado Fartura, e então se assentou ser o Rio Claro o verdadeiro Rio de Pilões noticiado pelo descobridor; porém isto é uma conjectura. N'este logar se descobriu ouro, e em pouco tempo se erigiu um opulento arraial com o nome de Bomfim, que se despovoou logo pelas invasões do Cayapó, e pela prohibição dos diamantes que se descobriram, chegando a patrulhar n'aquelle continente, para atalhar os extravios, a companhia de dragões, de capitão, tenente e alferes, e juntamente toda a companhia de pedestres.

Mas ainda restava para vencer um obstaculo, que se oppunha ao augmento da população, que era a furia dos Cayapós da parte do sul; e do norte os Chavantes, Acroás e Carcabas, que a cada passo faziam roubos, incendios e mortes, ou por sua congenita ferocidade, ou em vingança dos primeiros sertanistas, que entraram nas suas aldêas, cobriram os campos de cadaveres, conduzindo, como em triumpho, empacotadas as orelhas do grande numero que tinham morto, que mostravam com prazer e com vangloria. S. M. tinha providenciado a este respeito, mandando empregar os meios da brandura, determinando se assistisse pelo rendimento dos dizimos aos missionarios da Companhia que promovessem a sua civilisação: tinha mandado que se introduzissem entre elles missionarios, sem attenção a alguma despeza, como se vê das ordens registadas n'esta provedoria: tinha feito devassar e proceder contra João Leine e outros, pelas barbaridades praticadas com elles, mas nada bastou, e foi preciso declarar-lhes guerra, que se pôz em praça por ordem de 23 de Maio de 1744, mandando depois, por provisão de 8 de Maio de 1746, que se ajustasse a guerra contra o Cayapó e Acroá, que se fazia inevitavel, com

Antonio Pires Camargo ou outro capaz de a fazer, com promessa de habito de Christo com 60$000 rs. de tença, e a propriedade vitalicia de escrivão da ouvidoria, em que se encartou um descendente do capitão-mór João de Godoy, Manoel Affonso; mas não se aproveitou, por morrer cego pouco depois de tomar posse por seu procurador Luiz Henriques da Silva.

Cheio de dias o capitão-mór regente Bartholomeu Bueno da Silva pagou á natureza o tributo que lhe devia, e chegou ao fim da sua carreira a 19 de Setembro de 1740; e posto que ao principio em companhia de seu pai entrou por estes sertões e gyrou como um aventureiro, tornou-se um cidadão util, fez assignalados serviços ao Estado: a elle, ás suas fadigas, e sobretudo á sua constancia, é que se deve o vantajoso descobrimento de Goyaz: e é de admirar que o descobridor de tanta riqueza, que possuiu as melhores lavras, que extrahiu grossas sommas na primitiva abundancia, cahisse por demasiada fraqueza em decadencia tal, que para sua subsistencia conseguiu do Sr. D. Luiz Mascarenhas, a titulo de remuneração, uma arroba de ouro da real fazenda; e não sendo aproveitada esta despeza, para a restituir, depois de a ter despendido, foi preciso despojar-se das joias de sua mulher, casas e escravos, que foram arrematados, ficando ainda mais pobre que antes de receber aquelle subsidio. Comtudo obteve a graça das passagens, de que já se não utilisou, renunciando por sua morte, em verba de testamento, esta mercê em seu filho o coronel Bartholomeu Bueno da Silva, que, não podendo obter o seu encarte do Sr. D. Marcos de Noronha, se dirigiu á côrte e mereceu a piedade da Senhora rainha D. Marianna d'Austria, que lhe mandou dar vinte mil cruzados de ajuda de custo, e conseguiu por tres vidas o rendimento das passagens do Rio Grande das Velhas, Corumbá, Jaguarimerim e Atibaya, de que se empossou em virtude da carta regia de 18 de Maio de 1746, reservando-se as outras passagens para os descendentes de Hortiz, e d'estes só existia Estevão Raposo Bocarro, que falleceu sem successão.

Mas sem se acautelar este primeiro donatario com os exemplos domesticos, fez no seu regresso largas despezas, conduzindo comsigo

consideravel comitiva, trazendo oito peças de artilharia para horrorizar o Cayapó (de que duas ainda servem n'esta villa), differentes officiaes para fabricarem quarteis e barcas, sessenta escravos, que vestidos e armados importaram n'aquelle tempo em S. Paulo sessenta mil cruzados, que ficou devendo e não pôde pagar. Por seu fallecimento foram os rendimentos para a Corôa, até que seu filho Bartholomeu Bueno de Campos Leme e Gusmão conseguiu o seu encarte por carta regia de 27 de Julho de 1784, e por sua morte, depois de estarem em arrendamento por conta da real fazenda: seu filho, bisneto do descobridor, que se assigna Bartholomeu Bueno da Camara Leme e Gusmão, se acha na côrte do Rio de Janeiro a requerimentos para confirmação d'esta graça, sendo o ultimo a quem foi concedida.

Governo.

Ainda que com pouca reflexão algumas pessôas chamam a Bueno o primeiro governador de Goyaz, comtudo este terreno desde o principio se considerou como uma provincia do governo de S. Paulo, commandada por elle, debaixo das ordens d'aquelle governador, ainda que em attenção aos seus serviços, e em razão da distancia auctorisada para providenciar nos casos occorrentes; nem obsta o titulo de capitão-mór regente, que tambem tiveram no arraial de Meia-Ponte Agostinho de Azevedo e Albuquerque e Clemente Simões da Cunha, como se vê no registo das suas patentes no livro 3.° da camara, a fl. 171, porque o tempo assim o permittia, e em quasi todos os arraiaes descobertos eram nomeados: e sem duvida da capitania de S. Paulo dimanaram as primeiras ordens, foi enviado o primeiro ministro, a primeira guarnição militar, e os primeiros governadores vieram exercitar aqui a sua jurisdicção, até o tempo em que foi desmembrada esta capitania por alvará de 8 de Novembro de 1744, estabelecendo-se as dimensões feitas pelo Sr. Gomes Freire, sendo o primeiro governador privativo de Goyaz o Sr. D. Marcos de Noronha, ex-governador de Pernambuco, continuando com independencia do governo de S. Paulo aos seus successores, como vou a mostrar com a possivel ordem.

Governadores de Goyaz.

1.° O Sr. Rodrigo Cezar de Menezes foi o primeiro governador de S. Paulo que governou a Goyaz desde o seu descobrimento até anno de 1728.

2.° O Sr. Antonio da Silva Caldeira Pimentel tomou posse do governo de S. Paulo em Abril de 1729, e governou a Goyaz até 19 de Agosto de 1732. No seu tempo, que foi o da infancia de Goyaz, nada encontro memoravel. O seu governo, pouco mais ou menos, foi de tres annos e cinco mezes.

3.° O Sr. conde de Sarzedas, D. Antonio Luiz de Tavora, tomou posse do governo de S. Paulo em 19 de Agosto de 1732. Fez destacar da villa de Santos para Goyaz uma companhia de infantaria, de que o capitão na sua retirada foi morto de um tiro no sitio do Catalão: á sua instancia veio succeder á esta uma companhia de dragões de Minas Geraes, commandada pelo capitão José de Moraes Cabral, que esteve a soldo da provedoria de Santos, em quanto não foi estabelecida a de Goyaz.

Tendo ordem regia para crear uma villa, dirigiu-se a Goyaz, chegou ao arraial de Meia-Ponte, trazendo em sua companhia o tenente general Luiz Antonio de Sá Queiroga, o ajudante tenente Antonio da Silva e Motta, e o secretario Antonio da Silva e Almeida.

Em 4 de Fevereiro de 1737 fez n'este arraial uma junta, em que deliberou sobre a regularidade dos pagamentos da capitação e censo, por que se pagou annualmente de cada escravo quatro oitavas e tres quartos; de cada loja, botica e córte grande 60; de cada uma das medianas 30, das pequenas 15; de cada venda 20; cada mestre de officio 8, cada official 5: determinando S. M., por carta de 22 de Março de 1734, que aos governadores, ministros seculares e ecclesiasticos, e officiaes de guerra, se lhes entregasse annualmente a importancia da matricula dos escravos que lhes fossem necessarios para o seu uso domestico, para ninguem ficar isento da capitação, e não sentirem o peso do imposto as pessôas referidas; o que tudo foi

ao depois regulado pelo systema de Minas Geraes, por ordem de 21 de Julho de 1734. Tratou ao mesmo tempo da situação da villa, que alguns quizeram fosse no arraial de Meia-Ponte, e determinou, á instancia do superintendente Agostinho Telles Pacheco, que se nomeassem em cada um dos arraiaes dous juizes ordinarios annuaes e tabellião, alcaide e porteiro, o que foi confirmado por ordem de 31 de Outubro de 1739. Dirigiu-se d'aqui ás novas povoações do norte a pacificar algumas perturbações, que se tinham suscitado no descobrimento de Carlos Marinho (S. Felix), de que o governador do Maranhão disputava a posse, tirando-se devassas e criminando-se de desobediencia por uma e outra parte, até o ponto de haverem mortes, em quanto por ordem de 31 de Maio de 1736 se não declarou pertencer a Goyaz este descobrimento, restituindo a liberdade ao criminosos de uma e outra jurisdicção.

N'esta viagem adoeceu gravemente e falleceu.

S. M., em attenção á despeza que fez, lhe concedeu a ajuda de custo de 12,000 cruzados, que receberam n'esta provedoria os procuradores de sua Exm. consorte.

O seu tenente-general teve a ajuda de custo de 800$000 rs.; o ajudante, tenente e secretario 600$000 rs. cada um, que foram pagos. Não me consta de certo o dia do seu fallecimento: foi sepultado na igreja do arraial de Trahiras, e os seus ossos foram depois trasladados por um religioso trino de Lisboa ao jazigo de seus maiores.

4.° O Sr. D. Luiz de Mascarenhas succedeu no governo de S. Paulo, e não me consta o dia da sua posse; porém encaminhou-se a Goyaz com grande comitiva de officiaes militares em 25 de Julho de 1739; demarcou o logar da villa que veio crear, a que chamou Villa-Boa de Goyaz, em attenção a Bueno seu descobridor e ao gentio Goyá; fez erigir o pellourinho; designou o logar da praça, da matriz, da camara, da cadêa e dos edificios principaes, e não se dedignou de pegar na ponta da corda e servir de pião para se marcarem os logradouros publicos; estabeleceu o senado, e escreveu ao superintendente Agostinho Pacheco Telles para eleger dous vereadores e procurador do conselho, os quaes foram eleitos e tomaram

juramento, fazendo a sua primeira vereança no 1.º de Agosto de 1739. O que tudo se fez em conformidade da ordem regia, expedida ao Sr. conde de Sarzedas, de 11 de Fevereiro de 1736, que, posto que tinha desapparecido o livro do seu registo da camara, teve a felicidade de encontrar uma certidão authentica, extrahida do mesmo, que declara todo o referido. Teve o seu quartel general nas casas, hoje residencia do major Seixo.

Promoveu os descobrimentos, e por sua ordem se fizeram explorações na Serra Dourada, em distancia de quatro leguas da villa, aonde se descobriu muito ouro e teve a sua residencia por alguns mezes.

Fez uma expedição a descobrir o Rio Rico e os Araés, de que já fallámos, commandada por João da Veiga Bueno e Amaro Leite, que por informações dadas pelo descobridor da capitania marcharam ao sudoéste até o rio Cayapó, em que descobriram ouro, e aqui, não sei porque motivo, se desouveram os commandantes. João da Veiga se metteu ao sertão, e Amaro Leite desceu em canôas, que fez, pelo Rio Grande, guiado por dous Indios Araés até á barra do rio, a que as muitas enfermidades, que soffreram os de outra expedição, fez dar o nome de Rio das Mortes, e já destroçado, subindo pela sua correnteza, descobriu ouro em pedreiras e se demorou, ainda que os guias lhe affirmavam serem os Araés muito mais abaixo.

D'aqui pediu soccorro a Goyaz, e não teve resposta.

Recorreu a Cuyabá e pouco recebeu, e comtudo a este titulo lhe ficou pertencendo este descobrimento, feito por esta capitania, ainda que o vigario da Anta se empossou primeiro, e em quanto houve ouro continuou a fazer as desobrigações quaresmaes. Amaro Leite, deixando o seu nome a este logar, morreu pobre em 1768, morreram os guias, e ficou incompleta esta expedição (8).

(8) N'este logar se formou o arraial de Amaro Leite dos Araés, que foi rico, ainda que o seu ouro foi de muito baixo toque. O capitão Thomaz de Souza o examinou muito depois, e ainda viu onze pedreiras que tinham dado muito ouro, e um veeiro de crystal, em que se fizeram jornaes de seis oitavas

Gyrou toda a capitania, e assistiu pessoalmente aos descobrimentos de Arrayaes, Conceição, Cavalcante, que deram immenso ouro.

Occorreram as desordens dos descobrimentos da Natividade, em que se innovaram as pretenções do governador do Maranhão, que chegou a nomear intendente, guarda-mór e officiaes para estas minas, até que S. M. declarou serem da competencia de Goyaz, e lhe ficarem pertencendo os descobrimentos que se seguissem, por provisão de 24 de Maio de 1740, registada no liv. 1.° da ouvidoria a fl. 273.

Creou duas companhias de pedestres, com o titulo de aventureiros, que depois se reduziram a uma, que S. M. approvou e mandou conservar, em quanto fosse precisa, por ordem de 26 de Março de 1743.

Depois de tres annos se recolheu a S. Paulo, deixando instrucções ao ouvidor Manoel Antunes da Fonseca, que estão registadas a fl. 67 do liv. 4.° da secretaria.

No seu tempo, á rogo da camara, veio de Cuyabá, acompanhado de quinhentos Barorós, o coronel Antonio Pires de Campos, a desinfestar do Cayapó este terreno, pelo ajuste de uma arroba de ouro, que foi tirada do povo a meia pataca por cabeça de cada escravo, e rendeu a primeira e segunda matricula d'esta contribuição voluntaria, como consta do liv. 1.° do registo da camara a fl. 74, 4,357 oitavas e 54 grãos de ouro, de que as sobras se applicaram para a obra da matriz. Consta que fez barbaridades espantosas e grande mortandade, chegando até á aldêa grande do Cayapó, que dizem fica na visinhança de Camapoan, em que não se animou a entrar por serem innumeraveis os seus habitantes; mas alliviou de alguma sorte o povo, e tornou mais praticavel o caminho de S. Paulo, fundando as aldêas de Santa Anna, Rio das Pedras e Lanhoso, que foram ao principio povoadas de Barorós, e recebeu por este serviço, além do preço estipulado, a titulo de emprestimo da provedoria 800 oitavas, cuja despeza S. M. approvou por ordem de 9 de Dezembro de 1750.

O capitão-mór João de Godois Pinto da Silveira succedeu na mes-

por dia, affirmando-lhe alli o alferes José Pereira da Silva ter encontrado no papo de algumas perdizes granetes de ouro de peso de uma oitava e menos, pelo que suppunha haver algum campo rico, que ainda se não examinou.

ma diligencia com as mesmas promessas; porém não resultou das suas entradas mais utilidade que a presa de cem Tapirapez, que todos morreram, talvez á mingua, n'esta villa.

Escreveu instrucções para o regulamento das novas aldêas, que foram enviadas de S. Paulo ao mesmo coronel Antonio Pires, e estão registadas nos livros da secretaria.

Recebeu a ajuda de custo de 12,000 cruzados pela viagem de Goyaz, que lhe foram pagos por ordem de 7 de Maio de 1753.

Governou pouco mais ou menos oito annos, e teve licença para se retirar por carta do secretario de Estado Marcos Antonio de Azevedo Coitinho, de 17 de Maio de 1748, em que lhe communicou ao mesmo tempo a creação das capitanias de Goyaz e Cuyabá, que está registada no liv. 1.º da ouvidoria a fl. 375.

5.º O Sr. Gomes Freire de Andrade, que governava n'este tempo o Rio de Janeiro e Minas Geraes, teve ordem para estender o seu governo á capitania de S. Paulo e minas da sua repartição; e assim abrangeu todas as capitanias do sul.

Tomou posse em S. Paulo, em 1748, e no anno seguinte veio a Goyaz estabelecer o contracto dos diamantes no Rio Claro e no de Pilões, juntamente com o intendente do Serro do Frio, Belchior Izidoro Barreto do Rego; e com effeito deu posse aos contractadores Joaquim Caldeira Brant e Felisberto Caldeira Brant, que tinham arrematado este contracto, com a condição de estabelecerem aqui um serviço de duzentos escravos, o que se realisou; mas não correspondendo os diamantes á sua esperança, ainda que acharam o jornal de duas oitavas por dia, pouco depois se retiraram, demorando-se algum tempo a minerar na Serra Dourada, aonde encontraram muito bons jornaes, antes de se recolherem para Minas Geraes.

Governou pouco mais ou menos um anno.

6.º O Sr. D. Marcos de Noronha, o primeiro governador privativo d'esta capitania, veio de Pernambuco em companhia do primeiro governador de Mato-Grosso; desembarcou no Rio de Janeiro, e seguiu a Minas Geraes, recebendo na passagem do Rio de S. Francisco, do Sr. Gomes Freire, a quem encontrou na sua retirada de Goyaz, as

instrucções necessarias para o novo governo, conforme as ordens que trazia, e depois de se demorar dous dias proseguiu a sua marcha, e tomou posse n'esta villa a 8 de Novembro de 1749.

Fixou os limites da capitania pelas dimensões feitas por seu antecessor, separando-a de Minas Geraes pelo ribeirão de Arrependidos, de S. Paulo pelo Rio Grande, e de Cuyabá pelo Rio das Mortes, como consta da informação dada a S. M., e registada na secretaria do governo a fl. 32 do livro 1.° (9).

Aboliu por ordem regia a capitação e censo, que durou pouco mais ou menos quatorze annos, que rendeu immenso cabedal, e consta haver anno de quarenta arrobas e mais; e fazendo um calculo do rendimento do anno de 1747, que unicamente pude encontrar, e que foi dos menos importantes, chega a muito mais de duzentas arrobas de ouro.

Estabeleceu duas casas de fundição em Villa-Boa e no arraial de S. Felix, e deu o methodo de se governarem, correndo de então o ouro a 1$200 rs. cada oitava, que até esse tempo teve o valor de 1$500 rs.

Viajou toda a capitania, e duas vezes foi ao Duro e S. Felix, deixando na commandancia da villa o tenente-general João de Abreu e o ajudante de tenente-general Antonio Francisco Barriz.

No seu tempo pretendeu Francisco Tosse Columbina e companhia abrir uma estrada de carros e carretas de S. Paulo a Goyaz, e d'aqui a Cuyabá, querendo o privilegio do rendimento dos carretos por dez annos, e uma sesmaria de tres em tres leguas na estrada, o que lhe foi concedido por provisão de 6 de Dezembro de 1750; porém esta pretenção não passou de enthusiasmo, e ficou na ordem d'aquelles projectos que só se emprehendem, e nunca se executam.

(9) Os limites da capitania tiveram depois alteração, e ao presente são ao oéste da parte do Cuyabá; o Rio Grande ao norte de S. João das duas Barras; ao sul o Rio Grande da estrada de S. Paulo; pela parte do Desemboque a Palestina, Serra do Castanho e da Parida; pelo léste Arrependidos, não tendo limites demarcados da parte do Rio das Mortes, em que medeia um vasto sertão até o Rio Negro, nem da parte do les-suéste, que tem da mesma sorte um grande terreno despovoado.

Metteram-se de paz em 1751 as nações Acroá e Chacriabá, e para ellas fez formar as aldêas do Duro e Formiga, em que se despenderam enormes sommas, que S. M. approvou, ficando regendo as mesmas aldêas o coronel Wenceslão Gomes da Silva, que foi empregado n'esta conquista juntamente com Gabriel Alvares e Manoel Alvares. Cinco annos depois, fazendo grande mortandade na aldêa, os mesmos Indios se rebellaram e metteram ao sertão, atacando os viajantes, e principalmente os do sertão da Bahia, com as mesmas armas de fogo de que os nossos lhes tinham ensinado o uso. Imputam esta rebellião aos Jesuitas missionarios, que até então governavam a seu gosto as aldêas, e sendo-lhe introduzida a guarnição militar, descontentaram os Indios, dizendo-lhes que até alli eram governados por ministros da igreja, e que passavam a ser governados por dragões.

No seu tempo se descobriu o Cocal, que em menos espaço que um oitavo de legua deu cento e cincoenta arrobas de ouro, rendendo as suas datas de preferencia cinco mil oitavas.

Teve, além do soldo de oito mil cruzados desde o seu embarque, quatro mil cruzados annuaes de ajuda de custo em todo o tempo do seu governo.

N'esta capitania teve o titulo de conde dos Arcos, na acclamação do Senhor D. José, em 7 de Setembro de 1750.

Governou cinco annos oito mezes e vinte e dous dias, e passou a vice-rei da Bahia (10).

7.° O Sr. conde de S. Miguel, Alvaro Xavier Botelho, tomou posse a 30 de Agosto de 1755, e foi o primeiro que trouxe ajudantes de ordens da praça do Rio de Janeiro, em conformidade do decreto de 2 de Agosto de 1748, que foram o capitão João Pinto e o tenente Antonio Gomes Barboza.

(10) O Sr. D. Marcos teve o ordenado de oito mil cruzados, e mais de quatro de ajuda de custo annual, por duas provisões, de 15 de Setembro de 1748 e de 11 de Março de 1751, além de quatro mil cruzados de ajuda de custo da viagem de Pernambuco.

E o mesmo ordenado e ajuda de custo tiveram seus successores, até o Sr. José de Almeida.

Cuidou em congraçar e attrahir os Acroás e Chacriabás rebellados, empregando n'esta diligencia o mesmo coronel Wenceslão Gomes da Silva, e tornaram ás Moias alguns casaes e familias, que se conservaram. Este regente ficou alcançado em noventa mil cruzados na conta da despeza das aldêas, foi remettido preso para a côrte, e na viagem falleceu.

No seu tempo foi o descobrimento das Tesouras, que foi vantajoso.

Livrou a capitania do subsidio voluntario que se erigiu por occasião do terremoto, representando a S. M. a situação d'este paiz, que já afrouxava, e perguntando em que devia ser posto este tributo, sobre o que não teve resposta.

Governou tres annos onze mezes e nove dias, e demorou-se mais quarenta dias depois da posse do seu successor.

8.° O Sr. João Manoel de Mello tomou posse a 7 de Julho de 1759, trazendo em sua companhia o ajudante de ordens Thomaz de Souza, no logar de João Pinto, que passou a sargento-mór de infantaria da cidade da Bahia, e o ouvidor Francisco de Atouguia Bitancourt, que logo por ordem regia publicou um edital para devassar.

Visitou toda a capitania, e chegou até S. Felix; recolheu-se, e tendo considerado as desordens que haviam, as representou a S. M., e em consequencia da sua representação teve ordem para fazer levantar a forca, crear a junta da justiça, em que os criminosos se sentenciassem, sem appellação nem aggravo; o que tudo se executou, refreando-se assim os insultos e fazendo-se respeitar a justiça, enforcando-se quasi de dous em dous mezes a mais assassinos do que ladrões.

Formou a junta da real fazenda por ordem de 23 de Outubro de 1761, de que foi presidente, composta do ouvidor da camara, provedor da fazenda, e dous vereadores mais antigos da camara, servindo de escrivão o secretario do governo, sem receberem por este exercicio algum particular emolumento. Estabeleceu com tres chaves o cofre, na bocca do qual se recebia e pagava; estando até este tempo todo o ouro da real fazenda em poder de um thesoureiro.

Creou em 1763 o regimento de cavallaria auxiliar com dez companhias, sendo que o sargento-mór Antonio Thomaz da Costa e o ajudante José Rodrigues Freire foram da nomeação do Sr. conde de Bobadella.

Promoveu por ordem regia, e pelas rendas do conselho, a obra da cadêa d'esta villa, em que se despenderam mais de trinta mil cruzados.

Soccorreu em 1764 a capitania de Mato-Grosso com duzentos homens, e enviou outros tantos em 1766, commandados pelo ajudante de ordens Thomaz de Souza.

Expediu uma bandeira commandada pelo padre Pôsso do arraial do Pilar, que estando estabelecido com grande fabrica, vendeu tudo para se empregar n'este exercicio. Procurou este com grande comitiva a riqueza dos Araés e a ilha do Bananal; guerreou algumas vezes com o Chavante, e adoecendo nas visinhanças do Pontal veio a fallecer, retrocedendo os seus companheiros sem algum fructo.

Fez outra expedição á custa do povo d'esta villa, que concorreu com vinte mil cruzados, contra o Cayapó, commandada pelo pedestre Victo Antonio, que mostrou n'esta occasião ser tão valente como barbaro; atacou duas grandes aldêas, em que fez a maior carnagem, sem perdoar aos mesmos que se rendiam e lhe pediam a vida, sem resultar d'esta empreza outro fructo mais que alguns prisioneiros, que se venderam em proveito dos mesmos empregados na expedição.

Fez prender dous Jesuitas, o padre Pedro e o padre Manoel da Silva, que vindo do Pará se suppunha quererem fugir para terras de Castella.

No seu tempo, e á sua instancia, chegou em Julho de 1762 do Rio de Janeiro o syndicante desembargador Manoel da Fonseca Brandão, que tres dias depois prendeu o ouvidor Francisco de Atouguia, e embargou na cadêa o contractador das entradas João Alves Vieira, até repôr nos cofres noventa e seis mil cruzados. Em consequencia d'esta devassa foram presos e remettidos ao Limoeiro de Lisboa o secretario do governo Thomé Ignacio, todos os thesoureiros que tinham servido na fazenda real e outras pessôas mais, fazendo-se

toda a despeza da alçada pelos bens sequestrados dos mesmos presos, com o que se arruinaram muitas casas d'esta villa. Fez apear do logar de provedor Antonio Mendes de Almeida, por ter casado occultamente e sem licença de S. M.

Governou dez annos nove mezes e seis dias. Falleceu a 13 de Abril de 1770 de um violento ataque apopletico. Jaz na capella-mór da matriz de Villa-Boa.

9.° Os Senhores do governo foram nomeados por sua morte, e do modo seguinte: convocou-se a camara e os homens bons do povo; propozeram-se exemplos similhantes do Rio de Janeiro e Bahia, e se creou o triumvirato, composto do ouvidor da camara Antonio José Cabral de Almeida, sargento-mór da cavallaria auxiliar Antonio Thomaz da Costa, capitão de dragões Damião José de Sá Pereira, que tomaram logo posse e governaram até 4 de Julho, em que os reprehendeu por carta o Sr. vice-rei do Estado, de crearem um governo sem ordem regia, mandando de sua nomeação um novo governador.

10.° O Sr. Antonio Carlos Furtado de Mendonça, coronel e brigadeiro do regimento de Moura, por nomeação do Sr. vice-rei do Estado, que apresentou á camara, tomou posse a 17 de Agosto de 1770. Sahiu no 1.° de Setembro do mesmo anno para o arraial de S. Felix, deixando na commandancia da villa o sargento-mór de auxiliares, e se recolheu em Outubro do mesmo anno. Logo fez prender o capitão de dragões Damião José de Sá Pereira, por queixas que teve a seu respeito, o qual tres dias depois da sua chegada fugiu da prisão, de que resultou ser preso o ajudante da cavallaria auxiliar, o alferes de dragões, um cabo e a sentinella, aos quaes, depois de uma devassa que mandou tirar, deu baixa por serem comprehendidos na fuga. Fez seguir e prender o mesmo Damião José, que se conservou encarcerado até o anno de 1773.

Promoveu os descobrimentos do ouro, persuadindo a sahir de Jeraguá uma grande bandeira, formada á custa do capitão Francisco Soares de Bulhões, commandada pelo mesmo e dirigida pelo ilhéo Urbano do Couto, socio das expedições do descobridor

d'esta capitania, o qual adoecendo logo e não podendo seguir, deu a Bulhões um distincto roteiro por que se governou, sem discrepar, em sessenta e sete dias de marcha. Dirigiram-se a um logar chamado o Fundão. Depois de atravessarem serradas matas e extensas campinas, entre as quaes se distinguia uma de bellissima extensão, tendo no meio um monte de pedras que parecem arrojadas por arte, a que os primeiros deram o nome de Torre de Babel, chegaram a um rio em que desaguam muitos ribeirões, aonde Urbano do Couto annunciava riqueza, e fazendo algumas provas se encontrou bastante ouro, e ao mesmo tempo conferenciando com os seus companheiros, assentou estar aquelle logar nas vertentes do Rio Claro, comprehendido nas terras diamantinas; e por isto, como fiel vassallo, suspendeu as socavações que principiavam, e voltou chegando no governo seguinte á sua casa, tendo perdido a grande despeza que tinha feito, com muitos homens e um capellão que o acompanharam.

Governou um anno onze mezes e nove dias, e S. M. lhe mandou dar o mesmo ordenado dos seus antecessores (11).

11.ª O Sr. José de Almeida de Vasconcellos de Sobral e Carvalho chegou á esta villa em companhia do governador de Mato-Grosso Luiz de Albuquerque Mello e Caceres, e tomou posse a 25 de Julho de 1772.

Fez examinar se com effeito o logar do Fundão estava nas terras vedadas diamantinas, o que se comprovou pelas diligencias que mandou fazer pelo mesmo capitão Francisco Soares de Bulhões e o ajudante de ordens Thomaz de Souza.

Providenciou a esterilidade do primeiro anno do seu governo, obrigando, até com pena de prisão, os monopolistas e roceiros ambiciosos a não alterarem o preço dos mantimentos.

Promoveu as juntas da justiça, em que se alliviarem todos os cri-

(11) Recebeu quatro mil cruzados de ajuda de custo pela viagem ao Rio de Janeiro, e o soldo á razão de doze mil cruzados, sem as duas provisões, que eram precisas n'este tempo. A junta fez um assento, para que désse fiança ao excesso de oito mil cruzados, até a determinação de S. M. Porém nem prestou a fiança, nem deu conta a este respeito.

minosos do tempo do seu antecessor, á excepção do capitão Damião José, que teve degredo para Santa Catharina, ainda que o não soffreu por se estabelecer nas visinhanças do arraial de S. Romão.

Reformou a junta da fazenda por ordem de 20 de Agosto de 1771, na fórma que hoje existe, com pouca alteração, á excepção de alguns escripturarios que exigiu depois o expediente, e que se augmentaram ou diminuiram segundo a necessidade.

Fez uma expedição a descobrir a um tempo o Rio Rico e procurar a sociedade dos gentios por meio de brandura, que foi commandada pelo mesmo capitão Bulhões, e prompta á sua custa. Este seguiu com grande comitiva, e entrou pelas terras domiciliarias do Cayapó, chegando a encontrar arranchamentos de quatrocentas camas e mais; do mesmo alongou-se quanto lhe foi possivel, consumiu os seus provimentos e possibilidades, e porque não fazia estas diligencias como os primeiros sertanistas, a pé descalço e sustentadas á bocca da arma, não pôde chegar a seu fim, e depois de mais de seis mezes voltou. Em attenção a estes serviços, seu filho o capitão Ignacio Soares de Bulhões obteve a propriedade do officio de escrivão da intendencia e conferencia, de que se empossou em virtude da ordem regia de 2 de Outubro de 1791.

Quiz auxiliar a mineração do morro do Clemente no districto de Santa Cruz, que é riquissimo, ainda que falto d'agua. Mandou o seu ajudante de ordens Thomaz de Souza a ver o modo de a introduzir, o qual nivelando, achou que podia ser conduzida ao meio do morro, ainda que com o serviço de um açude e rêgo de nove leguas, que se avaliava na despeza de 5,000 oitavas de ouro. Animou a entrar n'este trabalho o alferes Pedro Rodrigues de Moraes, que administrava trezentos pretos; mas logo ao principio adoeceu este de uma maligna, e com a sua morte ninguem se animou a continuar.

Visitou no primeiro verão a capitania e os seus julgados, deu providencias tendentes ao socego publico e a cohibir as violencias dos dizimeiros, que em grande parte procuravam a ruina de Goyaz.

Chegando ao Pontal fez pelo rio Tocantins a primeira expedição para se examinar a navegação para o Grão-Pará, e se effeituou a

7 de Setembro de 1773, commandada por Antonio Luiz Tavares Lisboa, que chegou com trabalho e risco de vida ao logar do seu destino; porém foi prohibido de regressar sem ordem regia pelo governador, sendo-lhe preciso passar á cidade de S. Luiz do Maranhão para voltar á esta capitania. Esta navegação se continuou ao depois, e ainda hoje é frequentada (12).

Formou pelos arraiaes da capitania differentes companhias de ordenanças de homens brancos e pardos, e accrescentou em 1773 duas companhias de cavallaria auxiliar, que só tinha dez desde o seu principio.

Depois de cinco mezes se recolheu á capital, e continuou a animar os descobrimentos do ouro e a reducção dos gentios, assistindo-se unicamente com polvora e bala á custa da real fazenda, e a este fim fez sahir as expedições seguintes.

A do districto d'esta villa commandada pelo padre José Simões da Mata, com grande despeza de Francisco Soares de Bulhões, que já não pôde seguir, a qual se dirigia a descobrir o Rio Rico. E este padre, promettendo ao povo grandes vantagens, voltou sem nada conseguir, e só elle se utilisou de algum ouro, que dizem tirou, e das recompensas que conseguiu de S. M.

A do arraial de Pilar á custa do povo, commandada pelo valeroso capitão Maximiano, que para este fim foi convidado do interior do sertão, dirigiu-se ás partes do Pontal. Os differentes ataques que teve do Chavante o não deixaram fazer explorações mineraes; e quando se tinha arranchado para passar a força do inverno e depois continuar, em occasião que tinha espalhados os companheiros a differentes fins, estando só e um companheiro, foi atacado pelos Chavantes, atraiçoado por um Indio domestico da mesma nação que tinha criado, e depois de lhe resistir todo o dia, fazendo-lhe fogo, foi morto de um tiro que lhe fez o mesmo Indio que tinha criado:

(12) N'este tempo foi tentada a navegação do Tocantins por parte do Grão-Pará, que por vezes se tinha feito, subindo algumas missões de Jesuitas duzentas e cincoenta e trezentas leguas, e fazendo descer muitos mil Indios Tupinambás, Calingás, como se vê das cartas do padre Antonio Vieira.

com a sua morte todos os companheiros fugiram e se recolheram.

A do arraial de Trahiras, formada á custa do povo, foi commandada pelo capitão José Machado, e se dirigiu ás margens do Araguaya, e depois de alguns mezes voltou sem outra vantagem que a de ter afagado alguns Indios que lhe prometteram amizade. Em consequencia d'esta no anno seguinte fez nova expedição, commandada pelo alferes de dragões José Pinto da Fonseca (*), a quem deu instrucções particulares; e seguindo o mesmo norte se communicou com as nações Javaés e Carajás, de que trouxe alguns, que sendo afagados vieram depois a residir na aldêa de Santa Anna.

No anno seguinte mandou á Nova Beira (este o nome que se deu ao logar dos Javaés e Carajás na grande ilha do Bananal) o ouvidor da comarca Antonio José Cabral de Almeida e o mesmo alferes José Pinto a descobrir os Araés, e o logar chamado dos Martyrios (13)

(13) Sobre Araés e Martyrios vi ha poucos dias um roteiro, que póde ser que algum dia sirva, e por isso o transcrevo, feito em Cuyabá pelo capitão-mór Antonio Pires de Campos ao capitão-mór Antonio Rodrigues Villares, o qual é o seguinte.

« Depois de seguir o morro de S. Jeronymo, seguiráõ ao nascente até o Rio da Casca, e d'ahi seguiráõ ao norte, e o maior rio que acharem desceráõ em canôas, por ser a marcha mais breve, e qualquer rio que encaminhe a sua corrente para o nascente dá no Araguaya, que é grande: desçam por elle, que n'elle se mettem muitos rios e riachos bem figurados para terem ouro, e vertem de serras muito grandes. O rio Araguaya faz barra no Paracupebá, que corre de sul quasi ao norte, e pouco abaixo d'esta barra tem grandes pedrarias, que passam o rio de uma á outra parte, e visto de longe parece que se subverte; porém tem bons canaes, por onde passam as canôas. Seguiráõ pelo mesmo abaixo até onde se acha um morrinho de Taguá para a parte esquerda, ao pé do rio todo escalvado; com trabalho subiráõ por elle; olhando entre poente e norte se avistaráõ uns morros azues, que distam d'aqui sete ou oito dias de sertão, e n'estes acharáõ a tapéra dos Araés, onde chegámos com meu pai, que Deus haja, e achámos varias Cunhans com folhetas pelo pescoço e braços, e d'estas folhetas mandou meu pai fazer um resplandor para uma imagem de vulto de Nossa Senhora do Rosario, que na nossa casa

(*) No 1.° tomo d'esta serie da *Revista*, pag. 376 e seguintes, publicámos a carta que o alferes José Pinto da Fonseca escreveu ao governador de Goyaz, dando-lhe conta da sua expedição. (*Nota do Redactor.*)

(outra encantada grandeza de Goyaz que ainda se não póde descobrir), os quaes entraram e se communicaram com algumas nações, indo ás suas aldêas fizeram uma especie de presidio, para que foram enviadas mulheres ociosas e algumas pessôas inuteis. O ouvidor voltou desgostoso da morte de um primo n'este logar; voltou o alferes antes do tempo preciso, e alguns annos depois se desamparou o presidio e povoação, que hoje podia ser vantajosa para a navegação do Araguaya.

Fez erigir com grande despeza a aldêa de S. José, além da Serra Dourada, para onde foram transportados os Indios Acroás, que vieram da aldêa e sertão do Duro, que se aquietaram depois de um levante, de que os barbaros cabeças soffreram a pena ultima por sentença.

Fez mudarem-se para a aldêa de Santa Anna do Rio das Velhas os Chariabás.

tinhamos, e tambem uma corôa do mesmo ouro, que pesava quarenta e tantas oitavas, para a Senhora do Carmo do hospicio de Itú. E perguntando aos ditos Indios onde tinham achado aquellas folhetas, respondeu o cacique que n'aquelles morros depois de chover. É isto o que eu ouvi.

« Na volta que fizemos encontrámos o pai do capitão-mór Bartholomeu Bueno, e ouvindo a meu pai todo o referido, foi nas mesmas visinhanças, aonde tinhamos deixado uma aldêa de gentios da mesma nação Araés, por não podermos conduzir duas aldêas, por serem numerosas; e o dito Bartholomeu Bueno aleivosamente os conduziu, e por isso não se logrou d'elles, que lhes deu a peste, e quasi acabaram todos, e o dito entrou por Goyaz, e nós para Cuyabá, e na volta que fizemos para Cuyabá subimos todos pelo rio para vermos os Martyrios.

« E por cima da barra do Araguaya achámos muita gentilidade, e o rio com má navegação, por ter muitas cachoeiras; e aonde estão os Martyrios fica, subindo o rio acima, da parte esquerda, com apparencia de gallo, cruz, cravos, lança, e mais cousas; é difficultosa esta navegação até sahir a ponta da ilha dos Carajás, e na ponta de cima fica um rio á mão direita, que é o Rio das Mortes, pelo qual subimos até ás cabeceiras, e depois sahimos por terra, e gastámos vinte e tantos dias á villa de Cuyabá. E tudo isto que digo affirmo com a verdade que costumo, e jurarei aos Santos Evangelhos, se necessario fôr. »

São formaes palavras da copia que vi assignada.

No seu tempo se descobriu o Bomfim, em cujas lavras se estabeleceu uma sociedade, que extrahiu não pouco ouro. Aperfeiçoou a villa com calçadas e pontes, e promoveu a obra do chafariz do largo da Cadêa, de que tanto se necessitava em utilidade publica.

Teve licença para se recolher, e deu posse ao governo de successão, na fórma do alvará de 12 de Setembro de 1770

Governou cinco annos nove mezes e vinte e um dias.

12.° Os Senhores do governo, o ouvidor Antonio José Cabral de Almeida, o tenente coronel da cavallaria auxiliar João Pinto Barboza Pimentel, e o vereador mais antigo, alferes de ordenanças, Pedro da Costa, tomaram posse a 7 de Maio de 1778.

Gorvernaram sem fazer cousa notavel cinco mezes e dous dias.

13.° O Sr. Luiz da Cunha Menezes chegou inesperadamente depois da meia noite do dia 16 de Outubro de 1778, e no dia seguinte tomou posse. Promoveu a mineração, que lhe pareceu capaz de felicitar mais que tudo a capitania; e tendo noticia da riqueza do rio Maranhão (que em 1732 attrahiu 12,000 pessôas, que voltaram ao rio, e fizeram avultados jornaes nas poucas horas que pôde subsistir o cêrco, ainda que com o desconto de uma epidemia occasionada pela putrefacção do fundo do rio, em que houve dia de cincoenta mortos) mandou em 1779 o major de auxiliares Thomaz de Souza a persuadir aos mineiros d'aquelle districto para este trabalho, segurando-lhes a sua protecção; porém nada se concluiu pela debilidade em que já estava a capitania, incapaz de novos esforços e de novas tentativas.

Emprehendeu no anno seguinte com melhor successo a conquista do Cayapó, indomavel desde as primeiras entradas dos Paulistas. O pedestre José Luiz, que tinha por vezes guerreado com esta nação, e que era intrepido, foi eleito para commandar esta expedição, e tendo recebido instrucções para seu governo, partiu da aldêa de S. José com cincoenta companheiros, um Indio que tinha criado, de nação Cayapó, Feliciano José Luiz, e dous casaes de Indios, que estavam na mesma aldêa em 15 de Fevereiro de 1780. Chegaram ao Rio Claro, e se entranharam tres mezes de marcha pelo sertão,

sustentados de mel e de caça como os primeiros aventureiros, e encontrando alguns Indios, por meio de lingua os afagou e lhes deu os presentes que levava, persuadindo-os a virem ver o capitão grande que os enviava. E de facto vieram um Indio idoso, seis homens de guerra com suas mulheres e filhos, que chegaram por todos ao numero de trinta e seis, e entraram na villa a 21 de Setembro de 1780.

A magnificencia com que foram recebidos, o arranjo das tropas que salvavam á acção de graças que se fez no templo, e o agasalho que tiveram lhes fez perder o horror que nos tinham. E depois de verem as aldêas e o trato de seus similhantes, que se conservavam em paz, tiveram licença para se recolher.

O velho não quiz passar do Rio Claro, demorando-se com as mulheres e crianças; mandou os mais convocar os da sua aldêa, ordenando-lhes que voltassem dentro em oito luas (oito mezes), ao que não faltaram. A 29 de Maio de 1781 chegaram n'esta villa duzentos e trinta e sete Cayapós, commandados de dous caciques, que foram da mesma sorte tratados e recebidos.

A 12 de Julho se baptizaram cento e treze meninos com assistencia de todas as pessôas de consideração, e se concluiu esta ceremonia com a acção de graças. É de notar que uma India assaz idosa no meio d'isto começou a exclamar pela sua lingua que queria ser baptizada, e fazendo-se saber que era preciso o conhecimento dos rudimentos da nossa fé, chorou, impacientou-se, e não descançou sem ser baptizada com o nome que se lhe deu de Maria. Esta foi a expedição de menos apparato e mais proveitosa.

Formou para seu alojamento a Aldêa Maria, junto ao rio Fartura, onze leguas ao sudoéste da villa, cuja obra foi feita por um risco da sua mão.

Em consequencia d'esta primeira expedição vieram depois oitenta e oito Cayapós, e depois conduzidos pelos pedestres João Ribeiro e Antonio Lopes duzentos, que vieram á esta villa e se baptizaram, sendo S. Ex.ª padrinho de todos os filhos dos caciques, e convidando para os outros as pessôas mais qualificadas. Recolheram-se todos á sua aldêa, e chegaram ao numero de seiscentos.

Fez aviso ás capitanias confinantes da amizade do Cayapó, para o não tratarem como inimigo.

Fez conduzir da Nova Beira setecentos Javaés e Carajás para a aldêa de S. José de Mossamedes, de que alguns aprenderam officios e se mostraram habeis, principalmente as mulheres para cozer e fiar.

Animou o trabalho das salinas, que será mais util quando fôr mais vigoroso, querendo antes os habitantes da capitania ir comprar em maior distancia o sal da terra em Campo-Largo e em S. Romão, que trabalhar nas salinas que temos no paiz.

Cuidou em alinhar as ruas e aperfeiçoar os edificios, escrevendo ao corregedor a este respeito, e deixou em capitulo de correição que se observasse á risca a regularidade do prospecto que se tinha estabelecido.

Creou a companhia dos pardos, que unida á outra que já existia formou o regimento de infantaria, nomeando-lhe sargento-mór e ajudante, pagos na fórma do regulamento de 1763.

Creou a companhia de Henriques d'esta villa com exercicio na artilharia, e a este exemplo a de Crixá, Pilar e Trahiras.

Annexou a doze companhias, que tinha o regimento de cavallaria, mais quatro, com que formou dous regimentos. Foi coronel do 1.°, e fez um mestre de campo commandante; e nomeou coronel do 2.° o capitão mais antigo. Regulou as ordenanças e os uniformes.

Augmentou o patrimonio da camara, mandando fazer a casa do açougue para seu rendimento.

Estabeleceu para este fim uma loteria, que rendeu 1,000 oitavas. Principiou-se a obra por um risco da sua mão, e alterou-se muito na execução.

Fez prender e castigar a alguns que illudiam a ignorancia, principalmente das mulheres, inculcando-se feiticeiros e dando fortuna. Desabusou o povo a este respeito.

Nomeou em Janeiro de 1783 os juizes e vereadores da camara, por ter o antecedente, em ausencia do corregedor e na falta de pellouros, nomeado os mesmos que existiam.

Fez reedificar promptamente as tres pontes da villa, arruinadas pela grande cheia de Janeiro de 1782.

Formou uma alameda é passeio publico no largo do Chafariz, e para isto se plantaram por ordem as arvores, que depois foram cortadas, por se dizer que as suas raizes damnavam as aguas.

Governou quatro annos oito mezes e onze dias, e passou a governar a capitania de Minas Geraes (14).

14.° O Sr. Tristão da Cunha e Menezes, irmão do antecedente, tomou posse a 27 de Junho de 1783.

Emprehendeu a conquista do Chavante, a cujo fim fez uma expedição de cincoenta pessôas, commandada por Miguel de Arruda e Sá, que seguiu com grande comitiva até onde pôde, e depois se metteu ao sertão a pé e os seus companheiros, levando ás costas algum mantimento; e depois de alguns mezes conduziu á esta villa dezesete, que afagados voltaram a conduzir os mais, que chegaram ao numero de tres mil e quinhentos.

Fez erigir para seu domicilio a aldêa de Pedro 3.° de Carretão, em que se empregaram na cultura das terras e viveram na abundancia, debaixo da direcção do ajudante Fernando José Leal.

Promoveu a navegação do rio Araguaya para o Grão-Pará, que depois se conheceu ser de 732 leguas, descoberta por ordem do ministerio, á custa do coronel Ambrosio Henriques e outros negociantes d'aquella praça.

Começou em 1791, sendo empregado n'ella o capitão Thomaz de Souza Villa-Real, que embarcou no Rio do Peixe no arraial da Santa Rita, e voltou depois de tres annos.

Continuou-se esta navegação, ainda que com pouca frequencia, por se encontrarem no seu principio muitos obstaculos, que só o tempo póde aplanar, fazendo-se o embarque já no mesmo Rio do Peixe, já no Rio Vermelho, que vão dar no mesmo Araguaya.

Tendo ordem para soccorrer ao Grão-Pará com oitocentos homens,

(14) Foi o primeiro de quem a patente taxou o ordenado de doze mil cruzados, e assim dos seus successores.

quiz aproveitar esta occasião para descobrir uma nova navegação, que lhe pareceu mais util por ser pelo interior da capitania e pela visinhança dos arraiaes; e a este fim se expediram a 20 de Março de 1789 no porto de Santa Anna no Capim-pubá pelo rio Uruhú dous botes grandes, tres ubás e nove igarités que se fabricaram, sendo piloto o mesmo capitão Thomaz de Souza Villa-Real, e commandando a guarnição de dezeseis pedestres o sargento José Luiz, o mesmo empregado na conquista do Cayapó. Continuaram, ainda que encontraram grande difficuldade na alcantilada cachoeira do Facão na visinhança de Agua-Quente, aonde foi preciso conduzir por terra em carros todas as embarcações, recebendo pelos arraiaes as recrutas até o Pontal, aonde, segundo as ordens, devia José Luiz com a mesma gente atacar o gentio Canoeiro, que tinha feito despovoar grande parte das fazendas da visinhança do rio Maranhão; e com effeito entrou pelo rio Paranan e Tocantins em seu seguimento; e em alguns encontros que teve, ainda que sahiu ferido, fez grande mortandade, resistindo-lhe denodadamente esta nação, investindo as mesmas mulheres, e um grande sequito de cães bravos que traziam. Continuou Miguel de Arruda a commandar a expedição para o Pará, chegando só oitenta invalidos, por terem desertado todos os mais.

Esta navegação, ainda que se avaliou mais breve, nunca mais se continuou.

Fez prender o intendente do ouro José Ignacio Alvares de Castro Silva da Ribeira a 13 de Setembro de 1794, em consequencia da prisão que tinha feito a Antonio Pereira da Costa, official da fundição: esteve preso n'esta villa nove annos, e depois se recolheu á côrte debaixo de fieis carcereiros. Nomeou em seu logar para procurador da fazenda o bacharel Francisco Xavier Lima, a 4 de Outubro do mesmo anno.

No seu tempo se descobriu por alguns faiscadores a riqueza de Arrayaes em terras pertencentes a D. José Mathias, a que chamou o Descobrimento do Ouro Pobre em razão de ser de má côr e denegrido. Suscitaram-se algumas desordens, a que occorreu o corregedor Antonio de Liz, não querendo os trabalhadores suspender batêas por

ordem do guarda-mór do districto; procedeu-se á devassa, e foram presos e remettidos á esta villa quatorze, que foram depois livres em junta da justiça. Este descobrimento foi riquissimo: estava toda a sua grandeza em uma segunda formação em terras já lavradas, em veeiros de crystal de bastante profundidade. Houveram bateadas de terra que deram 60 oitavas, e calcula-se que em uma noite tiraram os mesmos trabalhadores levantados tres arrobas de ouro.

Em Março de 1796 fez mudar para o arraial de Cavalcante a casa de fundição, que desde o principio foi estabelecida no arraial de S. Felix, empregando n'esta diligencia o sargento-mór Alvaro José Xavier.

Suscitaram-se no seu tempo algumas perturbações sobre limites da capitania com Minas Geraes pela parte do Desemboque; estando da parte da outra capitania o coronel Ignacio Corrêa Pamplona, e d'esta o sargento-mór Alvaro José Xavier, que com sua prudencia evitou que houvesse maiores desordens. E dando-se a este respeito contas, não sei que houvesse decisão.

Com o supposto descobrimento de ouro no Ribeirão das Eguas quasi se suscitaram as mesmas desordens do descobrimento da Natividade; o ouvidor da Jacobina disputava a posse, e o major Alvaro José Xavier foi enviado por parte d'esta capitania, munido de jurisdicção para sustentar os seus direitos e providenciar; porém como o ribeirão era pobre tudo se socegou.

Economisou a real fazenda, não promovendo os postos que vagavam por algum tempo; e conservou por morte do capitão Manoel José de Almeida um só ajudante de ordens no expediente da sala.

No seu tempo se estabeleceu o correio em 1799, que actualmente rende pouco mais ou menos 100$000 rs.

Fez dar balanço a todos os cofres da capitania postos nas contagens e registos, em cuja diligencia empregou o sargento-mór Alvaro José Xavier.

Fez fundar os registos das Salinas, do Ribeirão das Eguas e do Ouro Pobre.

Governou dezeseis annos nove mezes e vinte e sete dias, e se demorou n'esta villa todo o tempo do governo seguinte.

15.° O Sr. D. João Manoel de Menezes, vindo embarcado do Grão-Pará pelo Araguaya até o arraial de Santa Rita, tomou posse a 25 de Fevereiro de 1800, trazendo em sua companhia o ajudante de ordens Marcellino José Manso e o capitão de pedestres José Luiz da Costa, que depois foi promovido em sargento-mór de cavallaria.

Principiou o seu governo pacificamente, estabeleceu sociedades que frequentou, e se mostrou benefico aos seus subditos; porém pessôas mal intencionadas e caprichos particulares, fazendo-lhe ver suppostos crimes e infelicidades que não existiam, perturbaram a boa ordem de todas as cousas.

Ferveu a dissensão entre os grandes e gemeu o resto do povo. Em consequencia d'esta enviou com queixas o seu ajudante de ordens á côrte. Fez devassar, pelo ouvidor de Mato-Grosso, do ouvidor Antonio de Liz e outros, e obrigou a algumas reposições o mesmo Liz o padre Domingos da Motta Teixeira, que tinha servido de secretario do governo, de professor de philosophia e vigario da igreja: fez prender o thesoureiro e escrivão da junta da real fazenda, o thesoureiro da fundição e outros. Exterminou a uns para fóra da capitania, a outros para differentes logares, e fez prender ao intendente do ouro Manoel Pinto Coelho.

Em consequencia d'esta prisão, não podendo a camara com rogos obter a sua soltura, emprehendeu o maior absurdo, que nem deve ser lembrado; e na mesma noite foi cercada a casa do senado de tropa militar, prendendo-se dous, e fugindo os mais ao merecido castigo, de que os livrou a piedade d'El-Rei N. S., que julgando proceder este erro de um mal entendido zelo da justiça, lhes concedeu o perdão, annunciado pelo Sr. vice-rei do Estado em carta de 28 de Março de 1804, estranhando no real nome o desaccordo de não conhecerem que todas as camaras do Brazil são subordinadas aos governadores, a quem S. M. manda todos os officiaes da fazenda, da justiça e de guerra obedecer, sendo só responsaveis das suas acções ao soberano, a quem juram homenagem, tendo os mais vassallos o recurso de se queixarem quando se julguem opprimidos.

No meio d'estas perturbações promoveu as milicias, creou muitos officiaes, e fez exercitar a infantaria e cavallaria.

Accrescentou o numero dos soldados dragões, que chegaram a oitenta, por aviso conseguido á sua instancia da secretaria dos negocios ultramarinos de 25 de Abril de 1801.

Fez erigir um registo ou presidio na carreira do Araguaya, entre a barra do Itacahuna e Tocantins, e fez uma expedição a este fim, em que foi empregado Braz Martinho de Almeida e uma guarnição militar. Esta povoação, que se principiou alguns annos depois, foi desamparada.

No seu tempo, por ordem do real erario de 10 de Setembro de 1801, depois de um assento da junta e os exames necessarios, se franquearam as terras de Pilões e Rio Claro, com a condição de se recolherem os diamantes que se encontrassem em um cofre, que se estabeleceu com tres chaves. Este terreno em quanto vedado foi o objecto dos desejos, das esperanças, e o motivo de muitas representações que se fizeram ao throno, avaliando-se como unica ressurça da capitania no estado da sua languidez; porém não succedeu assim. As suas mais preciosas minas estavam sangradas, ou pelos Caldeiras, contractadores dos diamantes, ou pelos extraviadores que d'esta e outras capitanias tinham entrado occultamente pelos sertões. Conserva-se uma pequena guarda militar e um pequeno numero de faiscadores, que chegaráõ a cincoenta; e ainda que tem muitas terras em ser, e talvez riquissimas, a pobreza dos habitantes e a falta de braços não animava a fazer especulações, que muitas vezes se perdem, e serviços que são dispendiosos.

Fez preparar o caminho que segue para Santa Barbara do modo que se conserva, mandando que se alinhassem as arvores que se plantaram, e já não existem.

Concertaram-se por sua ordem as calçadas da Carioca na entrada da villa, que então estiveram no melhor estado possivel.

Soccorreu a capitania de Mato-Grosso com alguns homens de infantaria, commandados pelo tenente Antonio José Dantas Barboza.

Governou quatro annos completos.

16.° O Sr. D. Francisco de Assis Mascarenhas tomou posse a 26 de Fevereiro de 1804, trazendo comsigo uma alçada que tinha exigido as perturbações da capitania, sendo juiz da mesma o desem-

bargador aggravista Antonio Luiz de Souza Leal, e escrivão Francisco José de Freitas.

Teve a destreza de restituir a tranquillidade publica; e ainda quando o seu governo não fosse por outros motivos louvavel, isto bastava para fazer o seu elogio.

Calculou o estado da capitania, viu o *deficit* em que estavam as finanças, e fez o plano economico para se coarctarem as despezas; extinguindo-se a casa de fundição de Cavalcante, diminuindo-se o ordenado dos empregados na casa da fundição d'esta villa, abolindo algumas cadeiras de instrucção publica, diminuindo o ordenado dos professores, e resumindo o numero dos soldados.

Em virtude d'este mesmo plano, por alvará de 18 de Março de 1809 se exinguiu o logar de intendente da fundição d'esta villa, como desnecessario nas actuaes circumstancias, substituindo-lhe os fiscaes que se nomeassem no mesmo exercicio.

Creou-se um juiz de fóra do civel, crime e orphãos, vencendo o ordenado, propina e emolumentos do de Cuyabá: competindo-lhe servir de procurador da fazenda com o ordenado estabelecido, tirar a devassa do extravio, e exercer a mais jurisdicção, fóra da casa da fundição, que competia aos intendentes, sem perceber ordenado por este respeito.

Fez crear a nova comarca de S. João das duas Barras na repartição do norte, que comprehende os julgados de Porto-Real, Natividade, Conceição, Arrayaes, S. Felix, Cavalcante, Flôres e Trahiras, com a mesma jurisdicção de ouvidor da comarca do sul de Goyaz, a quem ficaram pertencendo os julgados de Villa-Boa, Crixá, Pilar, Meia-Ponte, Santa Luzia, Santa Cruz, Araxás e Desemboque.

Determinou-se ao mesmo tempo que o ouvidor da comarca de S. João residisse interinamente em Natividade, ou aonde mais conviesse ao real serviço, em quanto não se estabelecesse a sua residencia na cabeça da sua comarca; ficando pertencendo a nova povoação de S. João a Goyaz, não obstante ter guarnição militar da capitania do Pará; competindo a este mesmo ouvidor tirar as devas-

sas da provedoria commissaria de Cavalcante: tudo por alvará da mesma data de 18 de Março de 1809.

Fez agitar as cobranças da contribuição voluntaria, que exigiram as circunstancias do Estado, por ordem regia, e rendeu 20:123$326. rs.

Promoveu a navegação do Araguaya, fazendo duas expedições, persuadindo a fazerem carregação os negociantes, assistindo pessoalmente ao embarque, e então esteve em perigo a sua vida e a de todos os que tiveram a honra de o acompanhar, voltando-se um barco em que descia pelo Rio do Peixe, em logar em que se não podia tomar pé.

Soccorreu a capitania de Mato Grosso no anno de 1808 com alguns homens commandados pelo ajudante Manoel Seixo de Brito, os quaes de caminho tiveram ordem para retroceder.

Fez abrir a estrada por esta capitania para transitarem os correios e paradas do Rio de Janeiro para o Grão-Pará.

Em seu tempo se descobriram as minas de Anicuns, que tinham sido conhecidas pelos descobridores da capitania, e que por vezes tinham sido procuradas (15); foram repartidas pelo superintendente Joaquim Theotonio Segurado: o acaso depois fez descobrir ao pardo Luciano uma pedreira muito rica, que corria de norte a sul pelo interior da terra.

Estabeleceu uma sociedade, e fez o plano da sua organisação.

Fez por ordem regia o arrolamento dos habitantes da capitania, e organisou as tabellas estatisticas.

Procurou abrir a nova navegação de Anicuns para S. Paulo, e a este fim fez uma expedição á sua custa, que sahiu do Ribeirão dos Bois, commandada por Estanisláo da Silveira Guterres, com o designio de descer pelo Rio Pardo até o Rio Grande, e entrar por alguns dos rios d'aquella capitania. Os companheiros d'esta expedição alguns voltaram logo da campanha do Neiva, e Estanisláo

(15) Estas minas são ricas, ainda que o seu ouro é de baixo toque: a falta de conhecimentos, e muitas desordens, as tem feito menos vantajosas do que podiam ser.

seguiu só com seis em uma canôa e não voltou, nem consta que chegasse ao seu fim. Dizem passageiros de S. Paulo que deu em uma catadupa, em que se perdeu a canôa e se salvaram as vidas; que continuaram em uma jangada que fizeram, e que dando em outra só se salvaram Estanisláo e dous companheiros, e que entranhados por uma mata, sustentados de raizes, desfaleceu Estanisláo, e já moribundo ficou junto a uma arvore, tendo os companheiros a deshumanidade de o deixarem n'este estado, e depois de tempo sahiram para os sertões da Coritiba. Porém isto ainda precisa de confirmação.

Visitou as aldêas de S. José de Mossamedes e Maria. Conseguiu de S. M. o subsidio de tres arrobas de ouro do real quinto para as despezas da capitania.

Governou cinco annos oito mezes e vinte e nove dias, e passou ao governo de Minas Geraes.

17.° O Sr. Fernando Delgado Freire de Castilho, que actualmente governa, tomou posse a 26 de Novembro de 1809.

Desde o principio do seu governo, tendo prazer de adoptar os planos do seu antecessor, mantém a tranquillidade publica, procura a felicidade dos seus subditos, administrando-lhes com imparcialidade e inteireza a justiça.

Encontrando arruinado do tempo, e sem a decencia conveniente á auctoridade e representação do seu emprego o quartel general, o reduziu á melhor fórma, fazendo apromptar as commodidades precisas, não só para as funcções publicas, mas para decente acolhimento dos seus successores. Mudou e fez ordenar a casa da secretaria do governo, que desde o seu principio se conservava em logar escuro e improprio; e igualmente fez levantar o edificio do corpo da guarda, em que estão os soldados abrigados da inclemencia das estações. Despendendo á sua custa em todas estas obras dezeseis mil e tantos cruzados.

Regulou as companhias de dragões e pedestres, abolindo o posto de capitão d'estes, e ficando ambas sujeitas a um commandante; economisando-se assim á real fazenda 2:444$000 rs., e evitando-se

ao mesmo tempo as etiquetas que se podiam seguir de residirem duas companhias em um quartel com differentes chefes. O que tudo foi confirmado por ordem regia de 27 de Agosto de 1811.

Dirigiu, na parte que toca á esta capitania, a marcha dos correios e paradas da côrte para o Grão-Pará, dando providencias para seguirem promptamente de Arrependidos a Cavalcante, e d'aqui a Porto Real.

Em utilidade da capitania tem animado a navegação do Araguaya e Tocantins: e em consequencia das suas representações concedeu El-Rei Nosso Senhor a todos os que de novo se estabelecerem nas margens d'estes rios a isenção de dizimos por dez annos, moratoria de seis annos aos mesmos que deverem á real fazenda, além do direito das entradas livres nas carregações que se fizerem, tambem por dez annos; e pelo mesmo tempo a sujeição dos Indios que se tomarem em justa guerra e fazendo resistencia.

Abriu o novo porto do Rio Grande em distancia de vinte e cinco leguas de Santa Rita, aonde em todo o tempo podem subir as canôas, sem os embaraços que na sêcca encontravam no Rio do Peixe e Vermelho, podendo chegar até á passagem do mesmo rio na estrada do Cuyabá.

Tem dado as necessarias providencias para a fundação do novo presidio na foz do rio Manoel Alvares, fazendo commandante o alferes Antonio José Gomes de Oliveira Tição de uma guarnição de praças fixas do pé de castello, que desinfeste de Indios a navegação, e providencie as necessidades dos navegantes.

Para facilitar a mesma navegação, e ministrar-lhe os soccorros necessarios, fez uma expedição de oitenta homens e alguns casaes para a fundação do novo presidio de Santa Maria no meio do grande deserto despovoado, que existia entre o porto da Piedade e S. João das duas Barras, nomeando commandante da mesma o tenente Francisco Xavier de Barros, capellão Luiz da Gama, e cirurgião Manoel Alvares.

Estabeleceu dous inspectores dos novos presidios do Araguaya e Tocantins para providenciarem, quando fosse preciso, em beneficio

dos mesmos e da navegação: residindo um no porto da Piedade em Salinas, e outro no Porto-Real.

Ameaçando a capitania o contagio das bexigas, que já lavravam em Meia-Ponte, acautelou que o mal não passasse além do logar affectado, fazendo pôr guardas no Rio das Almas, Ouro-Fino e Mato-Grosso, para evitar a communicação; e em consequencia das suas ordens se salvou a capitania do mal que não conhecia havia quarenta annos, e que trazia a morte de um grande numero de habitantes.

Procurou estabelecer uma sociedade ou companhia mercantil entre esta capitania e a do Grão-Pará, com um fundo de cem mil cruzados por tempo de quinze annos, tendo conseguido d'El-Rei Nosso Senhor o privilegio de se cobrarem as dividas d'esta sociedade com o mesmo executivo da real fazenda, e confirmando-se um posto de accesso até coronel e capitão-mór inclusivè a todos os que entrassem com uma acção de um conto de réis.

No seu tempo vieram de paz alguns Indios Cherentes do sertão do Duro, que foram afagados, e voltaram para suas terras.

Igualmente vinham de paz os Indios da nação Carajahí, residentes nas margens do Araguaya, e que já tinham deixado algumas mulheres em Salinas; porém a imprudencia de um pedestre desordenou esta empreza, e os fez retroceder para suas terras, com perda de alguns pedestres da nossa parte, que foram assassinados. O resultado de tão felizes principios e a continuação do seu feliz governo não é da minha provincia; deve ficar para a posteridade.

Governo ecclesiastico.

Esta capitania em seu principio pertenceu ao bispado do Rio de Janeiro pelo direito da primeira posse, e por se não terem ainda creado os bispados de S. Paulo e Marianna, e as prelazias isentas de Goyaz e Cuyabá; o que se fez por bulla do papa Benedicto XIV, que começa — *Candor lucis eternæ*, — no anno de 1746.

E ainda que em virtude d'esta foi nomeado o Sr. D. José Nicoláo de Azevedo Coutinho, gentil prelado de Goyaz e bispo de Zoára,

por parte d'este nunca se tomou posse até passar a deão de Villa Viçosa, ficando a prelazia encorporada no bispado do Rio de Janeiro, que comprehendia um immenso terreno, e por esta parte foram feitos os primeiros provimentos ecclesiasticos, nomeando-se visitadores não só os vigarios da villa, como o de Tocantins, que tinha então o titulo pomposo de vigario pleno, e os de outros logares. E n'este estado se conservou até 20 de Março de 1805, em que se tomou posse por parte do prelado o Sr. bispo de Titopoli, mandando S. M. que se conservasse vaga a igreja de Villa-Boa para fazer parte da sua congrua; que se annexasse á esta prelazia toda a porção dos habitantes da comarca do norte, pertencente até então ao bispado do Grão-Pará, por onde eram providas as igrejas, e apresentado um vigario geral d'aquella repartição: prefazendo o prelado de Goyaz, além das chancellarias e emolumentos da sua camara, de congrua, casas de residencia para provisor, vigario geral e escolas, 1:000$000 rs.

Bispos que governaram no espiritual a capitania.

1.° O Sr. D. Fr. Antonio de Guadalupe, em cujo tempo foi descoberta a capitania.

2.° O Sr. D. Fr. João da Cruz.

3.° O Sr. D. Fr. Antonio do Desterro. Não me consta o principio e o fim do seu governo espiritual, nem dos seus antecessores.

No seu tempo foi a celebre prisão do vigario Perestrillo pelo ouvidor Manoel Antunes da Fonseca. Desconfianças particulares deram motivo; cresceu a intriga com a denegação da licença para a exposição do Santissimo no lado da imagem do Senhor dos Passos, sendo o ouvidor provedor da irmandade; convocou-se a camara, escreveu e teve resposta do vigario, e encadeando-se umas em outras desordens, foi o vigario preso em uma corrente dentro da matriz, e enviado para o Rio como louco, no meio de officiaes de justiça, de que o livraram os Bunfantes, moradores em Mato-Grosso, que investindo mascarados á quadrilha, o libertaram e o foram levar até Paracatú por caminhos occultos. Tomou-se conhecimento d'este facto no desembargo do paço

da Relação ecclesiastica da Bahia; veio um syndicante ecclesiastico a conhecer d'isto mesmo, prendeu ao ouvidor depois de acabar o seu logar, mas escapou da cadêa; criminou a muitos, que foram compellidos a livrar-se e absolver-se das censuras no Rio de Janeiro, no que gastaram o que possuiam e arruinaram as suas casas.

4.° O Sr. D. José Joaquim Justiniano de Mascarenhas Castello-Branco, eleito bispo coadjutor do Rio de Janeiro, entrou no porto á tempo que se faziam as exequias ao seu antecessor, tomou posse do bispado, e governou a Goyaz até 20 de Março de 1805.

5.° O Sr. D. Vicente Alexandre de Tovar, bispo de Titopoli e prelado de Goyaz, tomou posse por seu procurador, o Sr. Vicente Ferreira Brandão, a 20 de Março de 1805, e governou até Outubro de 1808, em que falleceu em Paracutú, antes de chegar á esta capitania, sem nomear vigario capitular.

6.° O Sr. Vicente Ferreira Brandão ficou servindo de vigario capitular em *sede vacante*, por provisão do bispo mais visinho, que é o Sr. D. Luiz Pereira de Castro, bispo de Ptolomaida, prelado de Cuyabá, em conformidade do Concilio Tridentino.

7.° O Sr. D. Antonio Ferreira de Aguiar, bispo eleito *in partibus infidelium*, prelado de Goyaz, tomou posse por seu procurador o Sr. Vicente Ferreira Brandão a 13 de Janeiro de 1811, e fallecendo este a 10 de Maio de 1812, em virtude das ordens do prelado, de que se achava munido, nomeou antes da sua morte, por uma portaria, ao Sr. José Vicente de Azevedo Noronha e Camara, actual governador da prelazia.

Ouvidores de toda a capitania.

	Annos da sua posse.
1.° Gregorio Dias da Silva, ouvidor da comarca de S. Paulo	1735
2.° Agostinho Pacheco Telles, ouvidor de Goyaz.	1737
3.° Manoel Antunes da Fonseca.	1741
4.° Agostinho Luiz Ribeiro Vieira.	1749
5.° Sebastião José da Cunha Soares.	1752

		Annos da sua posse.
6.°	Antonio da Cunha Souto-Maior.	1756
7.°	Francisco de Atouguia Bitancourt e Lira. .	1759
8.°	O desembargador Antonio José de Araujo e Souza.	1762
9.°	Antonio José Cabral de Almeida.	1769
10.°	Joaquim Manoel de Campos.	1779
11.°	Diogo Miguel Freire da Silva	1783
12.°	Salvador Pereira da Cesta, fallecido no logar.	1789
13.°	Antonio de Liz.	1793
14.°	Manoel Joaquim de Aguiar Mourão. . . .	1799
15.°	Joaquim Theotonio Segurado.	1805
16.°	Joaquim Ignacio da Silveira da Motta. . .	1808

Depois de creada a nova comarca de S. João das duas Barras, na repartição do norte, por alvará de 18 *de Março de* 1809.

1.°	Ouvidor do norte, Joaquim Theotonio Segurado	1809

Intendentes e provedores da real fazenda.

1.°	Sebastião Mendes de Carvalho	1736
2.°	Manoel Caetano Homem de Macedo. . . .	1744
3.°	Luiz de Moura Coutinho, morto no logar. .	1749
4.°	Anastasio de Nobrega.	1751
5.°	Luiz Antonio Rozado da Cunha.	1757
6.°	Antonio Mendes de Almeida.	1761
7.°	Joaquim Freire de Andrade.	1770
8.°	Bernardo Miguel de Souza Magalhães. . .	1777
9.°	José Carlos Pereira	1785
10.°	José Ignacio Silva da Ribeira	1791
11.°	Manoel Pinto Coelho.	1799
12.°	Florencio José de Moraes Cid.	1803

Annos da sua posse.

Abolido o logar de intendente, se estabeleceu o logar de juiz de fóra, e ficou a fundição debaixo da inspecção dos fiscaes.

1.°	Juiz de fóra do districto da villa, Manoel Ignacio de Mello e Souza	1809
2.°	Lucio Soares de Gouvêa foi nomeado em . .	1811
1.°	Fiscal vitalicio, Manoel de Santa Barbara Garcia	1811

Vigarios da igreja de Villa-Boa.

1.°	O Dr. Pedro Ferreira Brandão.	1729
2.°	Alexandre Marques do Valle.	1735
3.°	Matheus Machado Homem	1737
4.°	O Dr. Gonçalo José da Silva (16)	1741
5.°	O Dr. Miguel da Costa Ribeiro	1741
6.°	O Dr. Gonçalo da Silva Guedes.	1742
7.°	O Dr. João Perestrillo de Vasconcellos. . .	1748
8.°	O Dr. João Pereira de Araujo	1749
9.°	O Dr. Felippe da Silveira e Souza	1753
10.°	João Lopes França.	1757
11.°	O Dr. Manoel de Andrade Varnek, chantre da sé do Rio de Janeiro.	1762
12.°	Domingos Rodrigues de Carvalho	1767
13.°	João Antunes de Noronha, collado em . . .	1772
14.°	José Manoel Coelho	1791
15.°	O Dr. Domingos da Motta Teixeira. . . .	1795
16.°	João Pereira Pinto Brabo, collado em . . .	1798
17.°	Felippe Nery da Silva.	1802
18.°	José Gomes da Silva	1804

Em 1805 se tomou posse da igreja por parte do prelado, e co-

(16) Consta, de uma conta registada no livro da camara, que o 2.° vigario em tres annos levou d'aqui cem mil cruzados, e o 4.° oitenta em cinco annos.

meçou a ser administrada por seus procuradores, por meio de coadjutores.

População.

Villa-Boa de Goyaz é a capital de toda a capitania, assim chamada do nome de Bueno, seu descobridor, e da nação Goyá; está situada na latitude meridional de 16 e 20, e na longitude de 320 e 40, tendo o meridiano na ilha do Ferro, segundo as observações do padre Diogo Soares: fundada em uma baixa, cercada de oiteiros, sendo que a intenção do fundador era que se estabelecesse além do terreno da cadêa, na planicie do Rio da Prata: é cortada pelo Rio Vermelho, que tem tres pontes para a communicação.

É a residencia do governador-general, e do prelado que se espera; cabeça da comarca do Sul depois da divisão feita em 1809. Tem o tribunal da junta da real fazenda, e da justiça; a intendencia do ouro, casa do senado, cadêa publica, e quartel das companhias de dragões e pedestres.

A sua matriz foi erecta em 1743 á custa do povo, desfazendo-se a capella de Santa Anna, que era no mesmo logar, exigindo para isto um donativo o ouvidor, o que S. M. estranhou ao mesmo, declarando que tinha excedido a sua jurisdicção exigindo contribuições; mandando comtudo que este rendimento se guardasse em um cofre de tres chaves, e se fizesse a despeza d'esta obra por ordem da camara e com approvação do ouvidor, enviando a planta para o edificio, por ser muito imperfeita a que tinha vindo da cidade de S. Paulo, por ordem de 26 de Abril de 1745. S. M. concorreu para esta obra com cinco mil cruzados pelo rendimento dos dizimos, por ordem de 4 de Outubro de 1758. A camara concorreu com oitocentas oitavas, como consta do seu liv. 3.º de registos, com a condição de serem restituidas se S. M. não approvasse esta despeza: tambem se lhe applicou o accrescimo do donativo livre que deu o povo de um arroba de ouro ao coronel Antonio Pires, para desinfestar a capitania do Cayapó. Cahiu o seu tecto todo no anno de 1759, ser-

vindo então de matriz o Rosario: depois de estar muito tempo deixada, a ponto de crescer mato no seu interior, foi concertada pelos devotos.

Capellas filiaes.

Senhora do Rosario dos pretos, erecta por Antonio Pereira Bahia em 1734, por provisão do Sr. D. Fr. Antonio de Guadalupe.

Boa-Morte, confraria dos homens pardos, erecta em 1779 na capella militar de Santo Antonio, que se principiou, e não foi da approvação de S. M.; e foi dada á esta confraria, que teve a sua capella até este tempo no largo do Chafariz.

Nossa Senhora da Lapa, erecta em Outubro de 1749 por Vicente Vaz Roxo.

Nossa Senhora do Carmo, principiada pelo secretario do governo Diogo Luiz Peleja; e por não ter patrimonio, nem rendimentos, concedida á confraria de S. Benedicto dos crioulos, que a occupam desde o anno de 1786.

S. Francisco de Paula, erecta por Antonio Thomaz da Costa e outros em 1761.

Santa Barbara, fundada por Christovão José Ferreira no anno de 1780.

Senhora da Abbadia, fundada com esmolas do povo pelo Rev. Dr. Salvador dos Santos Baptista em 1790.

Senhora das Barracas, capella publica do cirurgião-mór Antonio da Nieva, erecta no anno de 1793.

Intendencia e real casa da fundição.

Foi estabelecida em 1752; na sua construcção, casas e officiaes, por conta da real fazenda se despenderam nove mil e vinte seis oitavas e seis grãos de ouro. O real quinto rendeu em o anno mais pingue, que foi em 1753, dezeseis mil novecentas e oitenta oitavas: em 1807 só rendeu onze mil oitocentas e noventa e nove e meia oitavas: e actualmente está reduzido a muito pouco. Foi regida esta casa por um intendente e quatro fiscaes por anno, que serviam aos trimestres, com

o vencimento cada um de 100$000 rs., até que foi abolido em 1809 o logar de intendente, ficando em seu logar um fiscal vitalicio, com o ordenado de 500$000 rs.

Do rendimento do real quinto foram applicados trezentos marcos de ouro para as despezas de Mato-Grosso, e presentemente só está applicado o accrescimo das tres arrobas, que S. M. destinou para o subsidio d'esta capitania.

Tem esta casa actualmente empregados no seu expediente um thesoureiro e fundidor, com 400$000 rs.; escrivão da receita com o ordenado de 400$000 rs.; um ensaiador com o ordenado de 400$000 rs.; escrivão da intendencia e conferencia com o vencimento de 500$000 rs.; um ajudante de ensaiador e fundidor 300$000 rs.; um porteiro com o ordenado de 200$000 rs.

A intendencia e fundição do norte foi creada em 1754 no arraial de S. Felix, teve o maior rendimento o real quinto em 1755, que chegou a cincoenta e nove mil quinhentas e sessenta e nove oitavas e meia.

Teve a maior diminuição em 1805, que rendeu tres mil trezentas e oito oitavas e tres quartas.

Foi o intendente d'esta repartição auctorisado para approvar os fiscaes, e lhes dar juramento não estando o ouvidor em sete leguas de distancia, por provisão de 6 de Abril de 1761. Foi transferida para o arraial de Cavalcante em 1796, foi supprimida em 1807.

Junta da real fazenda.

Foi estabelecida por ordem de 23 de Outubro de 1761, presidindo desde a sua instituição o Sr. governador da capitania, assistindo o ouvidor e provedor da fazenda, dous vereadores da camara, os mais antigos, e servindo de escrivão o secretario do governo; estabelecendo-se então um cofre de tres chaves, das quaes tinha uma o ouvidor, outra o provedor da fazenda, e outra o vereador mais antigo. Foi depois reformada por ordem de 20 de Agosto de 1771, com a mesma presidencia, assistindo como ministro o provedor da fazenda, e procurador da mesma, thesoureiro geral e escrivão deputado. Foram de-

pois nomeados, por ordem de 24 de Novembro de 1773, um thesoureiro e escrivão das despezas miudas, com o vencimento de 400$000 rs. cada um Foi igualmente nomeado um escripturario contador com o ordenado de 600$000 rs., por ordem de 10 de Outubro de 1777. Continuo, porteiro, por ordem de 16 de Maio do mesmo anno. Segundo escripturario com o ordenado de 300$000 rs., por ordem de 19 de Agosto de 1788 (17). Foram compradas as casas do capitão-mór Francisco Xavier Leite de Velasco para a contadoria, por seis mil cruzados, por ordem de 23 de Dezembro de 1773.

RENDIMENTOS DA REAL FAZENDA.

Entradas.

Em principio da capitania andaram por arrematação, que se fazia na côrte, assim como a de todos os officios; e na côrte é que prestavam contas os thesoureiros da real fazenda. Eu acho o triennio de 1738 arrematado por oito arrobas de ouro por Manoel Pires Neves, cuja arrematação se annullou por ordem de 8 de Outubro de 1738. No triennio de 1762 chegou a 40:400$000 rs., no sexennio de 1776 a 25:977$876 rs., no de 1782 26:529$533 rs., no de 1788 22:624$000 rs. Por administração renderam do anno de 1765 até 1774 96:760$762 rs., e diminuindo progressivamente tem chegado a 14:000$000 rs.

Dizimos.

Foram arrematados no conselho ultramarino por tres annos, que começaram em 1738, por 50,000 cruzados e 150$000 rs. O triennio de 1766 chegou a 19:195$050 rs.; o de 1771 chegou a 24:913$333 rs.; o de 1789 foi de 17:843$367 rs. Por administração rendeu o triennio de 1765 21:816$000 rs.; e no anno de 1795 diminuiu até o ponto de render sómente 14:000$000 rs.

(17) Além das pessôas empregadas na contadoria, de que já fiz menção, o escrivão deputado da junta da real fazenda tem de ordenado 1:000$000 rs., o thesoureiro geral 800$000 rs., e quatro escripturarios extranumerarios 250$000 rs. cada um.

Passagens.

Arrematadas em 1771 renderam 363$600 rs.; administradas no triennio de 1762 2:434$100 rs, tendo a maior diminuição depois do anno de 1797, que chegaram a 240$000 rs.

Officios.

Renderam no anno de 1764 21:201$614 rs. Depois do anno de 1783 chegou a sua diminuição no triennio a 3:600$000 rs.

Carnes verdes.

Rendem pouco mais ou menos 1:800$000 rs., que estão por ordem regia applicados para os presidios do norte.

Decimas, sellos e sisas.

A decima rende pouco mais ou menos 2:000$000 rs.

As sisas 500$000 rs.; os sellos 1:000$000 rs. Sendo applicado o rendimento d'estes tres ultimos impostos para as despezas da capitania de Mato-Grosso.

Sendo a despeza total da real fazenda n'esta capitania de 40:000$000 rs., e a receita de 32:000$000 rs., que, com o subsidio de tres arrobas que S. M. concedeu do real quinto para as despezas da capitania, equilibrava a receita com a despeza; mas depois do plano da reforma accresceram novas despezas, que se não podem equiparar com a receita.

Senado da camara.

Foi estabelecido com presidencia de um juiz ordinario no mesmo tempo da creação da villa, nomeando o ouvidor Agostinho Pacheco Telles, por ordem do governo, dous vereadores, que tomaram posse e deram juramento a 25 de Julho de 1739, e fizeram a primeira vereança no 1.º de Agosto do mesmo anno. Foi depois accrescentado um vereador por provisão de 4 de Fevereiro de 1741. O seu cofre foi estabelecido por ordem regia, dirigida ao desembargador syndicante

Brandão, de 27 de Outubro de 1761. Foi depois presidido pelo juiz de fóra d'esta villa, abolindo-se aqui o logar dos juizes ordinarios no anno de 1809. As suas rendas consistem em fóros de duas leguas e meia de terras de sesmaria, que tem em tôrno dos logradouros da villa, afilações, cabeças, talhos, açougue, curral, coimas, que tudo montará a mil oitavas. As casas da camara e cadêa foram feitas pelo rendimento da camara, e importaram em mais de trinta mil cruzados, por ordem de 25 de Outubro de 1761.

Quarteis.

Foram compradas as casas para sua construcção por ordem de 9 de Janeiro de 1751, estando até este tempo aquartelados os soldados em casas de aluguel.

Teve principio a companhia de dragões no governo do Sr. conde de Sarzedas, que a pediu ao governo de Minas Geraes, e foi para aqui destacada no anno de 1736, commandada pelo capitão José de Moraes Cabral: esteve em principio a soldo da providencia da villa de Santos, e depois d'esta providencia, por ordem do conselho ultramarino de 27 de Agosto de 1738, ficando sujeitos ao governo de Goyaz por ordem de 2 de Agosto de 1748. O seu numero ordinario foi de sessenta praças de soldo de 300 rs., vencendo o dobro quando sahiam em diligencia: elevou-se a oitenta por aviso de 25 de Abril de 1801; foram diminuidos pelo plano de 1809, e o seu estado actual é de setenta praças de soldo de seis vintens de ouro.

A companhia de pedestres foi creada no governo do Sr. D. Luiz de Mascarenhas: em seu principio foram duas companhias com o titulo de aventureiros, que se reduziram a uma, e foi approvada por S. M., em quanto fosse conveniente: o seu estado actualmente é de oitenta praças, de soldo de tres vintens de ouro.

Tem Villa-Boa seiscentos e noventa e nove fogos, quatro companhias de cavallaria, quatro ditas de infantaria, duas de ordenanças, e uma de Henriques com exercicio de artilharia.

Tem o seu julgado, pelo calculo feito em 1804, homens brancos

casados 109, solteiros 504; presos casados 25, solteiros 388; pardos casados 118, solteiros 1,090.

Mulheres brancas casadas 84, solteiras 525; pretas casadas 28, solteiras 571; pardas casadas 137, solteiras 1,466. Escravos 2,637, escravas 1,795.

Povoações d'esta capitania da correição de Villa-Boa.

Barra. Arraial da... pequeno, cinco leguas a oéste da villa, descoberto por Bartholomeu Bueno logo depois do descobrimento de Goyaz; tem capella de Nossa Senhora do Rosario, filial de Villa-Boa, uma companhia de ordenanças. As suas lavras são ricas, porém faltas de agua, que não póde ser introduzida sem muita despeza.

Anta. Arraial da... pequeno, assim chamado por corrupção do vocabulo Dantas, sobrenome de um dos primeiros moradores, em cujas terras foi fundada a igreja, em seu principio filial de Villa-Boa, depois erecta em freguezia em 1753, com o titulo do Senhor Bom Jesus; tem capella do Rosario dos pretos, e uma ermida de Nossa Senhora da Boa Hora, suas filiaes.

São ricas as suas lavras e as do Morro de S. José, cujo ouro apparece em folhetas de excellente toque, e a decantada pedreira chamada do Taveira, de difficil extracção, por ser profunda e fazer muita agua. Tem uma companhia de cavallaria, uma de infantaria e uma de ordenanças. Foi descoberto nos primeiros annos da capitania, está doze leguas em distancia da villa, situada a 16 e 14 de longitude.

Santa Rita. Arraial de... pequeno, em tres leguas de distancia d'Anta, pouco povoado, com capella filial da mesma freguezia, com denominação d'esta Santa, em que se venera a perfeita imagem da Senhora das Dôres; foi descoberto algum tempo antes do arraial d'Anta. Tem uma companhia de infantaria.

Tesouras. Arraial de... pequeno, assim chamado da abundancia dos passaros d'este nome que alli se encontraram; descoberto no governo do Sr. conde de S. Miguel, de quem tomou o nome a freguezia, que foi erecta em 1757, sendo o seu primeiro vigario o Dr. Simão

Pinto Guedes: as suas lavras falharam, e está quasi deserta, tornando a freguezia a ser capella filial d'Anta. Está dez leguas ao norte do arraial de Santa Rita em 15 e 16 de longitude.

Ferreiro. Arraial do... quasi despovoado, assim chamado de um ferreiro que alli viveu no principio; a primeira povoação da capitania, a uma legua de distancia ao lés-nordéste da villa, de quem é filial a sua capella de S. João, erecta por diligencia do tenente José Gomes, em 1761.

Ouro Fino. Arraial do... pequeno, assim chamado pela qualidade do seu ouro, tres leguas em distancia da villa, de quem é filial a sua capella de Nossa Senhora do Pilar: descoberto no principio da capitania pelos primeiros povoadores: as suas lavras ainda são ricas em parte, aonde não estão trabalhadas por falta de agua, que não póde chegar ao morro, que se diz ter cabedal. Tem uma companhia de ordenanças.

Curralinho. Pequeno arraial do... sete leguas ao léste da villa; não me consta o seu estabelecimento, que foi feito por alguns roceiros que povoaram aquelle logar. Tem capella de Nossa Senhora da Abbadia, filial de Villa-Boa.

Pilões. Arraial de... muito pequeno e pouco povoado, ao oéste de Villa-Boa, na estrada de Cuyabá, em distancia de dezoito leguas; conserva uma guarnição militar; tem capella do Senhor Bom Jesus, filial de Villa-Boa; está situado a 16 gráos de longitude.

Anicuns. Arraial de... ou Descobrimento de S. Francisco d'Assís, em distancia de doze leguas ao lés-sudoéste da villa, muito povoado em razão das suas minas que são ricas, em que se tem estabelecido uma sociedade mineral, que em tres annos tem extrahido mais de oito arrobas de ouro; foram descobertas as suas minas por Salvador Marianno, e a sua rica pedreira por Luciano, no anno de 1809 (18).

(18) A sociedade mineral de Anicuns, é constante de seus livros que extrahiu no anno de 1809 20:946$735 rs. Em 1810 80:058$187 rs. Em 1811 7:843$500 rs. Em 1812 3:615$000 rs. até o mez de Setembro; e calcúlo que desde o seu principio se terá extraviado outro tanto, e que tenham dado estas minas duzentos mil cruzados.

Julgado de Meia-Ponte, da mesma correição, tem de habitantes brancos casados 124, solteiros 462; pretos casados 57, solteiros 248; pardos casados 184, solteiros 734; brancas casadas 120, solteiras 562; pretas casadas 40, solteiras 364; pardas casadas 200, solteiras 796. Escravos 1,356, escravas 926.

Meia-Ponte. Arraial de... grande e povoado, em distancia de vinte e seis leguas da villa, junto ao Rio das Almas, assim chamado de um ribeirão d'este nome, descoberto em 1731 por Manoel Rodrigues Thomaz; freguezia de Nossa Senhora do Rosario, com as capellas filiaes do Senhor do Bom Fim, da Senhora do Rosario, do Carmo e da Lapa, no seu recinto, e capella de Santo Antonio em tres leguas de distancia do Rio do Peixe. Tem tres companhias de cavallaria, duas de infantaria, duas de ordenanças, uma de Henriques. Está situada a 15 e 50.

Córrego do Jaraguá. Arraial do . . . pequeno e muito povoado, descoberto por pretos faiscadores em 1737, tem as capellas de Nossa Senhora da Penha e do Rosario filial de Meia-Ponte. Tem uma companhia de cavallaria, duas de infantaria, e uma de ordenanças. Está situada a 15 e 38.

Corumbá. Arraial do . . . pequeno, e muito povoadas as suas visinhanças de lavradores, que abastecem a capitania de toucinhos, fumos e panos de algodão, ao sul de Meia-Ponte, em distancia de tres leguas; tem a capella de nossa Senhora da Penha, filial de Meia-Ponte.

Julgado de Santa Luzia, da mesma correição, tem de habitantes brancos casados 40, solteiros 214; pretos casados 18, solteiros 174; pardos casados 110, solteiros 493; brancas casadas 40, solteiras 236; pretas casadas 19, solteiras 282; pardas casadas 200, solteiras 796. Escravos 768, escravas 496.

Santa Luzia. Arraial de . . . bem situado, freguezia collada da Santa que deu o nome ao arraial, descoberto em 1746 por Antonio Bueno de Azevedo, com uma capella de Nossa Senhora do Rosario

dos pretos. Tem duas companhias de cavallaria do 2.º regimento, duas de infantaria, duas de ordenanças, e uma de Henriques. Está situada em 18 gráos.

Montes Claros. Arraial de . . . pequeno e despovoado, em um vistoso outeiro, com capella de Santo Antonio, filial de Santa Luzia, descoberto em 1757. Consta que lavando-se as fezes do ventre de qualquer animal n'este terreno se encontram particulas de ouro, o que faz suppôr riqueza na visinhança.

Couros. Arraial de . . . pequeno e quasi despovoado, vinte e quatro leguas ao nordéste de Santa Luzia, foi em outro tempo cabeça do julgado; tem uma capella, que por direito de posse é filial de Paracatú. Tem uma companhia de ordenanças.

Julgado de Santa Cruz, da mesma correição, tem de habitantes brancos casados 122, solteiros 344; pretos casados 17, solteiros 71; pardos casados 79, solteiros 324; brancas casadas 113, solteiras 339; pretas casadas 21, solteiras 110; pardas casadas 85, solteiras 322. Escravos 324, escravas 380.

Santa Cruz. Arraial de. . . pequeno e despovoado, descoberto no principio da capitania por Manoel Dias da Silva, que passou a Cuyabá, e nas demarcações entrou por terras de Castella, e levantou uma cruz com esta inscripção—*Viva ElRei de Portugal*—, e teve por este serviço a mercê de habito de Christo, com tença de 800$ rs. Freguezia collada de Nossa Senhora da Conceição. Tem uma companhia de cavallaria, uma de infantaria, e uma de ordenanças. Fica ao sul de Meia-Ponte trinta e tres leguas. Está situada a 17 e 54.

Bom-Fim. Pequeno arraial de . . . descoberto pouco mais ou menos no anno de 1774, tem a capella do Senhor do Bom-Fim, filial de Santa Cruz. Tem uma companhia de cavallaria, uma de infantaria, e uma de ordenanças.

Julgado do Desemboque, em quanto comprehendia o Aráxá, tinha de habitantes brancos casados 200, solteiros 410; pretos casados 2, solteiros 30; pardos casados 85, solteiros 161; brancas casadas 209, solteiras 384; pretas casadas 2, solteiras 28; pardas casadas 84, solteiras 118. Escravos 413, escravas 247.

Desemboque. Arraial do . . . pequeno, e muito povoadas as suas visinhanças de lavradores e criadores; descoberto e povoado por alguns Geralistas, augmentando-se depois pela concorrencia dos mesmos, attrahidos pelo coronel José Manoel da Silva e Oliveira, que decididamente os protegia. Freguezia de Nossa Senhora do Desterro. Tem uma companhia de cavallaria, e uma de ordenanças.

Araxá. Arraial do . . . povoado ha poucos annos por Geralistas, que se alongaram de Minas Geraes, e aqui se estabeleceram em roças, e criações. Freguezia com o orago de S. Domingos, com as filiaes de Nossa Senhora do Patrocinio no Salitre e S. Pedro de Alcantara; julgado novamente criado. Tem uma companhia de ordenanças (19).

Julgado do Pilar, da mesma correição, tem de habitantes brancos casados 33, solteiros 173; pretos casados 32, solteiros 290; pardos casados 48, solteiros 365; brancas casadas 33, solteiras 126; pretas casadas 40, solteiras 470; pardas casadas 49, solteiras 395. Escravos 1,307, escravas 538.

Pilar. Arraial de . . . grande e povoado, em seu principio chamado da Papuan pela abundancia d'este capim, descoberto em 1741 por João de Godois Pinto da Silveira, freguezia de Nossa Senhora do Pilar, com as capellas filiaes do Rosario, de S. Gonçalo e da Senhora das Mercês. Tem duas companhias de cavallaria do 2.° regimento, duas de infantaria, duas de ordenanças, uma de Henriques.

As suas lavras foram ricas, e é riquissimo o seu morro, ainda que sem agua: o desembargador Segurado animou os habitantes para este

(19) Tem o districto do Araxá tres mananciaes de agua salitrada, que os moradores chamam bebedouros, aos quaes concorrem os gados e todos os animaes, sendo-lhes muito vantajosos para a nutrição.

serviço, que é vantajoso, porém prevaleceu a intriga, e depois de principiados os bicames para a conducção d'agua, foram queimados, ou por acaso, ou por malicia. Está situado a 14 e 15 (20).

Lavrinhas. Pequeno arraial das... sete leguas distante de Pilar, e quasi despovoado; tem capella de S. Sebastião, filial de Pilar.

Goarinos. Pequeno arraial de... e com capella filial de Pilar, quasi despovoado.

Julgado de Crixá, da mesma correição, tem de habitantes brancos casados 8, solteiros 40; pretos casados 15, solteiros 153; pardos casados 25, solteiros 174; brancas casadas 8, solteiras 23; pretas casadas 19, solteiras 256; pardas casadas 26, solteiras 222. Escravos 422, escravas 212.

Crixá. Arraial de... assim chamado do gentio d'este nome que aqui residiu, em distancia de dez leguas ao norte de Tesouras, freguezia collada de Nossa Senhora da Conceição, com duas capellas filiaes do Rosario e da Abbadia, descoberto em 1734 por Domingos Rodrigues do Prado; as suas lavras são ricas e de bom ouro, porém faltam trabalhadores. Tem uma companhia de cavallaria, uma de infantaria, uma de ordenanças, e uma de Henriques. Está situada a 14 e 42.

Contém esta repartição do Sul 9,350 fogos; habitantes de todas as classes 36,399. Em estado de pegar em armas 1,334.

Julgado de Trahiras, da correição do Norte, tem de habitantes brancos casados 49, solteiros 149; pretos casados 114, solteiros 428; pardos casados 268, solteiros 787; brancas casadas 14, solteiras 160; pretas casadas 108, solteiras 650; pardas casadas 250, solteiras 802. Escravos 1:624, escravas 1:118.

Trahiras. Arraial de... grande, povoado, em boa situação. Foi descoberto por Antonio de Souza Bastos e Manoel Rodrigues Thomaz

(20) Calcula-se ter dado o morro de Pilar mais de cem arrobas de ouro, e daria muito mais se lhe introduzissem agua. Junto ao arraial d'este nome,

em 1735, e se-lhe-deu este nome da abundancia d'este pescado que tem o seu ribeirão. Freguezia de Nossa Senhora da Conceição, para a qual concorreu S. M. em seu principio com cinco mil cruzados, tem dentro em si duas capellas do Senhor Bom Jesus e Nossa Senhora do Rosario. Tem uma companhia de cavallaria do 2.° regimento, uma de infantaria, uma de ordenanças, e uma de Henriques. Está situado em 14 e 15.

Agua-Quente. Arraial de... assim chamado de um lago d'este nome, descoberto em 1732 por Manoel Rodrigues Thomaz, e povoado pelos que fugiram da epidemia do Maranhão. Tem duas capellas, de Nossa Senhora das Mercês e de S. Sebastião, filiaes de Trahiras. Tem uma companhia de cavallaria e uma de infantaria. N'este logar é que se achou a folheta de quarenta e tres libras de ouro, que motivou o grande pleito entre o dono do terreno e aquelle que a encontrou, cuja folheta foi remettida ao erario de Lisboa. Está situado na margem oriental do Maranhão a 14 e 25.

Cocal. Arraial do... assim chamado da abundancia de cocos do logar, quatro leguas em distancia de Agua-Quente, descoberto em 1749 por Diogo de Gouvêa Osorio e pelo coronel Felix Caetano; foi riquissimo no seu descobrimento, e está quasi despovoado pela falta das suas lavras. Tem capella de S. Joaquim, filial de Trahiras.

Maranhão. Arraial do... despovoado por uma epidemia; em outro tempo riquissimo pelo ouro que se extrahia no rio d'este nome; foi descoberto no anno de 1730. Tem havido lembrança de se renovar este serviço vantajoso, para o que é preciso voltar do seu leito o rio, mas não se tem effeituado: trabalha-se com tudo nas suas etaipabas, e no meio do rio em canôas, com certo instrumento de ferro e um grande sacco de couro, com que extrahem alguma terra em que encontram ouro e algumas folhetas de peso importante.

S. José de Tocantins. Pequeno arraial de... em legua e meia

perto da estrada, se encontraram abertas em pedra algumas figuras imperfeitas de face humana; que uns querem seja obra da natureza, e outros divisa de terras do gentio.

de distancia de Trahiras; freguezia collada d'este Santo, cuja matriz é das melhores da capitania, ainda que lhe falta a altura proporcionada; tem a irmandade do Senhor dos Passos, privilegiada pelo papa Clemente XIII, e as capellas filiaes do Rosario, Boa Morte e Santa Efigenia. Foi descoberto em 1735 por Antonio de Souza Bastos e Manoel Rodrigues Thomaz. Tem duas companhias de infantaria e uma de Henriques.

Cachoeira. Pequeno arraial da... distante de S. José quatro leguas e meia, descoberto em 1736 por Antonio da Silva Cordovil. Está despovoado.

Santa Rita. Pequeno arraial de... com capella d'esta Santa, filial de S. José, de quem dista seis leguas, descoberto no mesmo anno pelo mesmo.

Moquem. Pequeno arraial do... distante de Santa Rita nove leguas, com capella filial de S. José, do orago da Senhora da Abbadia, que se festeja a 15 de Agosto com grande solemnidade e concurso de romeiros d'esta e de outras capitanias.

Piedade. Arraial da... com capella filial de S. José.

Amaro Leite ou *Lavrinhas.* Pequeno arraial de... dezeseis leguas ao oéste de Trahiras. Não me consta o anno do seu descobrimento por outro Amaro Leite, que não é o mesmo em quem tenho fallado no descobrimento dos Araés. Tem capella de Santo Antonio, filial de S. José. Conserva uma companhia de infantaria, e duas de ordenanças.

Julgado de Cavalcante, da mesma correição, tem de habitantes brancos casados 66, solteiros 128; pretos casados 68, solteiros 183; pardos casados 155, solteiros 418; brancas casadas 58, solteiras 86; pretas casadas 67, solteiras 198; pardas casadas 178, solteiras 383. Escravos 753, escravas 456.

Cavalcante. Arraial de... assim chamado de Juliano Cavalcante, que alli residiu, descoberto em 1740 por Domingos Pires, dezenove leguas em distancia do morro do Chapéo. Tem uma pedreira riquissima, porém muito rija e profunda, que os mesmos moradores

entulharam. Tem a freguezia da Senhora Santa Anna, com as capellas filiaes doRosario e Boa Morte. Conserva uma companhia de cavallaria, uma de infantaria, duas de ordenanças e uma de Henriques. Está situado a 13 e 30.

Flôres. Pequeno arraial das . . . na ribeira do Paraná: não me consta a sua fundação: freguezia de Nossa Senhora do Rosario, e capella da mesma Senhora da confraria dos pretos; foi cabeça de julgado, que se transferiu para Cavalcante, e agora tornou a ser novamente julgado. Esta ribeira toda offerece os melhores pastos para a criação do gado, que faz um commercio consideravel com a capital e os portos de mar.

Santa Rosa. Pequeno arraial de . . . na mesma ribeira, com capella d'esta mesma Santa, filial das Flôres.

Mato-Grosso. Arraial de . . . da mesma ribeira, com capella de Nossa Senhora da Piedade, filial das Flôres.

Julgado de S. Felix, da mesma repartição do norte, tem de habitantes brancos casados 10, solteiros 29; pretos casados 25, solteiros 142; pardos casados 60, solteiros 243; brancas casadas 10, solteiras 29; pretas casadas 26, solteiras 196; pardas casadas 60, solteiras 310. Escravos 331, escravas 310.

S. Felix, em seu principio *Carlos Marinho.* Arraial de . . . em distancia do arraial de Santa Rita do norte vinte e cinco leguas, descoberto por Carlos Marinho em 1736. Freguezia de S. Felix, com as capellas filiaes de Santa Anna e do Rosario. Foi assento da casa da fundição, até ser transferida para Cavalcante. Tem uma companhia de cavallaria, uma de infantaria, uma de ordenanças e uma de Henriques. Está situado a 13 e 30.

Carmo. Arraial do . . . pequeno e despovoado.

Chapada de S. Felix. Arraial pequeno, com capella filial do mesmo S. Felix; não me consta o seu principio.

Julgado de Arrayas, da mesma correição, tem de habitantes brancos casados 42, solteiros 32; pretos casados 32, solteiros 92; pardos casados 154, solteiros 184; brancas casadas 42, solteiras 23; pretas casadas 42, solteiras 172; pardas casadas 154, solteiras 213. Escravos 232, escravas 187.

Arrayas. Arraial pequeno de... rico em seu principio e no descobrimento do ouro pobre; foi assim chamado da abundancia d'este pescado que tem o seu ribeirão, que entra na Palma; foi descoberto em 1740; o Sr. D. Luiz de Mascarenhas assistiu á sua repartição, e alinhou as suas ruas. Tem a freguezia de Nossa Senhora dos Remedios. Conserva uma companhia de cavallaria, duas de infantaria e uma de ordenanças. Está situada a 12 e 42.

Morro do Chapéo. Pequeno arraial do... em sete leguas de distancia de Arrayas, assim chamado do morro em que se descobriu ouro, que tem a semelhança de um chapéo desabado; tem capella filial de S. Domingos; foi descoberto em 1769.

S. Domingos. Arraial de... pequeno e despovoado; dezesseis leguas ao léste do morro do Chapéo, freguezia do mesmo Santo; não me consta o seu descobrimento.

Julgado da Barra da Palma, que outros denominam da Conceição, e é da mesma repartição: tem de habitantes brancos casados 46, solteiros 51; pretos casados 44, solteiros 235; pardos casados 94, solteiros 274; brancas casadas 46, solteiras 56; pretas casadas 43, solteiras 245; pardas casadas 95, solteiras 181. Escravos 304, escravas 380.

Barra da Palma. Arraial da... que floreceu nos principios da capitania, e n'elle tiveram algumas propriedades os padres da Companhia; foi despovoado pelas invasões dos gentios. Estava situado na barra do rio, que deu nome a este logar, a 12 e 26.

Conceição. Pequeno arraial da... descoberto em 1741, em distancia da Natividade quinze leguas, freguezia de Nossa Senhora da Conceição. Tem uma companhia de cavallaria, uma de infantaria, uma de ordenanças e uma de Henriques.

Principe. Pequeno arraial do . . . com capella filial da Conceição.

Julgado da Natividade, da mesma correição, tem de habitantes brancos casados 37, solteiros 74; pretos casados 72, solteiros 38; pardos casados 88, solteiros 421; brancas casadas 13, solteiras 72; pretas casadas 91, solteiras 433; pardas casadas 94, solteiras 410. Escravos 925, escravas 604.

Natividade. Arraial da . . . em seu principio chamado de S. Luiz em obsequio ao Sr. D. Luiz de Mascarenhas, vinte e quatro leguas em distancia do Carmo, freguezia de Nossa Senhora da Natividade, com a capella da Chapada da Natividade e do Bom Fim, suas filiaes; residencia antes de um vigario geral apresentado pelo bispo do Grão-Pará, e agora do vigario geral da repartição d'esta prelazia; serve actualmente de interina residencia do corregedor do norte. Foi descoberto em 1734 por Manoel Ferraz de Araujo. Tem duas companhias de cavallaria, uma de infantaria, uma de ordenanças e uma de Henriques. Está a 11 e 22.

Chapada da Natividade. Arraial da . . . pequeno e povoado.

Duro. Arraial do . . . pequeno e pouco povoado.

Jnlgado do Porto-Real tem de habitantes brancos casados 18, solteiros 32; pretos casados 25, solteiros 170; pardos casados 50, solteiros 182; brancas casadas 19, solteiras 12; pretas casadas 30, solteiras 204; pardas casadas 26, solteiras 225; Escravos 625, escravas 219.

Porto-Real. Arraial do . . . na margem do Tocantins, com capella; residencia de um official militar commandante, encarregado da inspecção dos presidios e do expediente dos correios, e com communicação com o Grão-Pará.

S. João das duas Barras. Villa de . . . Novo estabelecimento na união de Tocantins e Araguaya, destinado cabeça da comarca do norte, ainda que o corregedor tem escolhido para este fim o logar de

Itacahiuna, e sobre a fundação da cabeça da comarca pendem requerimentos feitos pelos povos a S. A., de que se espera a decisão.

Carmo. Arraial do . . . pequeno, e povoado em razão da utilidade das suas minas. Descoberto por Manoel de Souza Ferreira em 1746, freguezia de Nossa Senhora do Carmo, que em seu principio foi filial da Natividade. Conserva uma companhia de infantaria, uma de cavallaria, e uma de Henriques. Está situado a 10 e 56.

Pontal. Arraial do . . . assim chamado de uma ponta do rio Tocantins, de que dista quatro leguas. Freguezia de Santa Anna; descoberto em 1738 por Antonio Sanches, Tem uma companhia de infantaria e uma de ordenanças. Está situado a 11 e 30 (21).

Tem a repartição do Norte de habitantes, pessôas livres 8:590, escravos 5:376, homens capazes de tomar armas 735, fogos 12:520.

Sendo o total dos habitantes de toda a capitania 50:365.

Aldêas.

Rio das Pedras. Fundada em 1741 pelo coronel Antonio Pires de Campos, e povoada em seu principio por Indios Bararós vindos do Cuyabá para desinfestar a estrada de S. Paulo dos Cayapós, trinta e cinco leguas ao sul de Santa Cruz.

Pissarrão. Pequena aldêa, para onde se passaram alguns casaes, que se mudaram do Rio das Pedras, de que dista seis leguas

Rio das Velhas. Fundada em 1750 pelo mesmo coronel Antonio Pires, habitada por Bararós até o anno de 1775, em que se mudaram para o Lanhoso, estabelecendo-se aqui os Chacriabús. Freguezia de Santa Anna.

Lanhoso. Assim chamada do nome do primeiro habitante d'aquelle logar, em distancia doze leguas do Rio das Velhas.

Todas estas aldêas supra mencionadas foram regidas em seu principio por Jesuitas, até que por ordem regia se mandaram recolher. Fizeram de despeza á real fazenda até o anno de 1810 19:534$224 rs.

(21) Em quatro leguas de distancia do Pontal estão as ricas lavras chamadas da Matança, que quatro vezes se quizeram aproveitar, e quatro vezes foram amassados os trabalhadores pelos gentios.

Duro e Formiga. Em distancia do arraial das Almas doze leguas, fundadas no anno de 1751, e regidas no seu principio por Jesuitas, habitadas por Acroás e Chacribás; fizeram de despeza até o mesmo anno de 1810 84:490$249. rs.

S. José de Mossamedes. Formada em 1755, e freguezia erecta em 1780, habitada por Acroás, Javaés e Carajás vindos do Duro, que já se extinguíram; e depois por Cayapós, que ainda existem. Fez de despeza á real fazenda até o mesmo anno 67:346$066 rs.

Nova-Beira. Fundada em 1778 na grande ilha do Bananal, e deixada depois de se ter feito a despeza de 4:582$196 rs.

Aldêa Maria. Fundada em 1780 junto ao rio Fartura, doze leguas distante da villa, habitada por Cayapós; importando a sua despeza até o mesmo anno em 13:684$021 rs.

Carretão de Pedro Terceiro. Fundada em 1784, em distancia da villa vinte e duas leguas, habitada de Chavantes, importando a despeza feita até o mesmo anno 24:652$131 rs.

Nações selvagens habitantes na capitania de Goyaz.

Cayapós. Nação bravissima e muito numerosa, que com os seus ataques obstou em principio ao augmento da capitania, e hoje residentes nas aldêas Maria e S. José, ainda que existem muitos ao sul de Villa-Boa tendo differentes aldêas, sendo a maior a que está nas visinhanças de Camapuan: alongam-se nas suas caçadas e correrias até os sertões de Curitiba, em distancia de trezentas leguas: são valentes e guerreiros: usam, além do arco e frecha, em que são destrissimos, de certos páos cortados e rijos, com que pelejam de perto: tem alguns ritos judaicos: admittem a polygamia e o divorcio: contam os mezes por luas: fazem festas e ajuntamentos nocturnos, em que em confuso procuram a propagação: fazem as exequias dos seus mortos com danças, e se tingem de negro em as occasiões do seu sentimento; nas visinhanças da Paschoa pintam em si com tinta de jenipapo botinas, peitos de armas, e fazem então com grande vozeria as suas festas e jogos, sendo o mais celebre o que chamam de touro, em que disputam uns

com os outros as forças na carreira, tomando uns do hombro de outros um grande tronco que empregam n'este ministerio.

Chavante. Nação feroz e numerosa, residente na aldêa do Carretão, ainda que em grande numero andam dispersos pelos bosques entre o rio Araguaya e Tocantins: usam de arco e frecha: são crueis e roubadores.

Goyaz. Nação mais branca que o ordinario dos Indios d'esta capitania, e domiciliaria no logar da villa e pelas visinhanças da Serra Dourada; pacifica, e já extincta.

Crixás. Nação feroz, que habitava no logar aonde se fundou o arraial d'este nome; extinguiram-se ou alongaram-se de sorte que não ha noticia d'elles.

Araés. Nação que habitava debaixo do Rio das Mortes, em cujas terras entraram os primeiros sertanistas, que affirmam ser abundantissimas de ouro, e terem algumas particularidades, como veados brancos; porém depois d'elles não se tem chegado a este logar, nem ha noticia d'esta nação.

Canoeiros. Nação cruelissima, bellicosa, e que não sabe fugir, resistindo nos seus combates até morrer, investindo furiosamente as mesmas mulheres e cães bravos que trazem comsigo: gyram em canôas, que fazem, pelos rios Tocantins, Paraná, Manoel Alves, Barra da Palma, aonde tem feito muitos estragos; ainda que se diz terem a sua principal aldêa entre as serras que ficam ao lado do Duro, aonde tem estabelecimento, em que da nossa parte se não tem chegado. Usam, além de arco e frecha, de lanças de mais de vinte palmos, dentadas nas extremidades; e são amicissimos de carne cavallar, que é o seu mais saboroso alimento.

Apinagés. Situados em cinco aldêas junto á cachoeira de Santo Antonio no Araguaya; de um talhe grande e cabello comprido; gyram por terra, e navegam em ubás que elles mesmos fabricam. Esta nação estava de paz, porém encontrando algumas pessôas da guarnição do presidio do Pará, que destruiam as suas roças, as mataram: e em consequencia d'isto foram cercadas as aldêas de guarnição militar, que até conduziu para este fim artilharia, e foram assolados.

Capepuxís. Nação indolente e preguiçosa, que não planta, e só vive de roubos que faz a seus visinhos: tem duas aldêas junto ao Araguaya, no logar que chamam Estreito: são pouco ferozes.

Coroá e *Coroá-Merim.* Nação visinha dos mencionados acima, que vive de caça, pesca e roubos: gyram em terra, e atravessam os rios em balsas: são pouco ferozes.

Temimbós. Nação que existe defronte de um morro agudo junto ao logar de Pastos-Bons: tem cinco aldêas, e são pacificos.

Cherentes, e *Cherentes de Quá.* Nação que existe acima da cachoeira do Legado no Tocantins, e se estende até os sertões do Duro, entre o Rio Preto e Maranhão, aonde tem sete aldêas: são valentes e trabalhadores.

Tapirapés. Nação situada junto ao Rio Grande, antes de ter o nome de Araguaya; são pacificos; plantam, fiam e tecem. Consta que vieram para este logar dos sertões do Rio de Janeiro. No governo do Sr. Tristão da Cunha vieram alguns d'esta nação de paz; affirmam serem suas terras abundantes de ouro; prometteram voltar trazendo tacoáras cheias do mesmo, mas não voltaram.

Carajás e *Carajaís.* Nações que existem no mesmo rio e nas visinhanças, aonde dizem tem sete aldêas.

Gradaús, *Tessemedús*, *Amadús*, e *Guayá-Gussú.* São nações que existem nas visinhanças do Araguaya, perto da ilha do Bananal, e alguns Bararós dispersos de Cuyabá.

Registos da capitania.

Da parte do sul.	Da parte do norte.
Salinas.	S. Domingos.
Desemboque.	Taguatinga.
Rio das Velhas.	Duro.
S. Marcos.	Boa-Vista.
Arrependidos.	S. João das duas Barras.
Lagôa Feia.	
Santa Maria.	
Rio das Eguas.	

Contagens da capitania.

Sul.	Norte.
S. João das tres Barras.	S. Felix.
S. Bartholomeu.	Chapada de S. Felix.
Extrema.	Cavalcante.
Moquem.	Arráyas.
Tocantins.	Descoberto do Ouro podre.
Amaro Leite.	Conceição.
Descoberto de Amaro Leite.	Itaóca.
	Almas.
	Principe.
	Natividade.
	Chapada da Natividade.
	Carmo.
	Pontal.

Rios consideraveis que vão ao norte.

A nota (*n*) diz navegavel.

Sua origem.	Sua barra.
Araguaya, serra do Cayapó (*n*)	Tocantins.
Rio das Mortes, Tombador (*n*)	Araguaya.
» Grande na estrada do Cuyabá. . . .	Dito.
» Claro, serra do Cayapó.	Dito.
» de Pilões, Serra Dourada.	Rio Claro.
» Vermelho, morros do Ouro Fino (*n*) .	Araguaya.
» Terreiro, Cabassaco.	Dito.
» do Peixe, dito (*n*)	Tesouras.
» de Tesouras, no logar d'este nome (*n*).	Araguaya.
» Bugres, Bom Bocado	Rio Vermelho.
» Uruhú, Sobradinho do Neiva (*n*). . .	Maranhão.
» Crixá, morro do Carretão (*n*)	Araguaya.
» Soberbo, dito	Dito.
» Branco, Morro agudo de Pilar . . .	Rio das Almas.

Rio Tacoarossú, Lavrinhas.	Maranhão.
» Verde, Pyrenéos (*n*)	Dito.
» das Almas, Lagôa do Pai José (*n*(. . .	Dito.
» Maranhão, Lagôa do Felix da Costa (*n*).	Amazonas.
» Crystallino, sertões do Cuyabá (*n*) . .	Araguaya.
» Bacalháo, ao norte de Trahiras . . .	Maranhão.
» Bagagem, chapada dos Veadeiros. . .	Dito.
» Tocantins é o mesmo Maranhão, que toma este nome abaixo do Pontal . .	
» Gamelleira Grande, chapada dos Veadeiros.	Tocantins.
» Preto, dito	Dito.
» das Caldas, lagôa d'este nome. . . .	Dito.
» Paraná, Couros (*n*).	Dito.
» Pardo, serra das Canastras.	Maranhão.
» do Peixe, Pyrenéos.	Dito.
» Paranatinga, Lagôa dos Golphos. . .	Tocantins.
» da Palma, serra da Taguatinga (*n*) . .	Paraná.
» Escuro, ao sul da Palma	Dito.
» Manoel Alves, serra do Duro (*n*). . .	Tocantins.
» Salobro, ao léste de Manoel Alves . .	Dito.
» Taguatinga (22).	Dito.
» S. Domingos (23)	Paraná.
» das Almas, chapada dos Veadeiros . .	Dito.

Rios que correm ao sul.

Sua origem.	Sua barra.
Rio Corumbá, cocal dos Pyrenéos (*n*) . .	Parnahiba.
» Capivarí, vertentes do Corumbá . . .	Corumbá.
» Piracanjuba, corta a estrada de S. Paulo.	Dito.

(22) Fórma uma catadupa admiravel, precipitando-se com estrondo junto ao registo d'este nome.

(23) Corre subterraneo por uma legua junto ao registo d'este nome.

Rio Braço do Verissimo, dito.	Virissimo.
» Verissimo, dito	Parnahiba.
» Parnahiba, Minas Geraes	Rio das Velhas.
» Furnas, corta a estrada de S. Paulo (24).	Dito.
» das Velhas, serra das Canastras (*n*) . .	Parnahiba.
» Uberaba verdadeira, Farinha Podre . .	Rio das Velhas.
» Uberaba falsa, dito.	Rio Grande.
» Grande, S. João d'El-Rei (25) (*n*) . .	Paraguay.
» Anicuns pequeno, ao sul do Descoberto.	Rio Grande.
» Anicuns grande, dito	Dito.
» Turvo, dito (*n*).	Dito.
» Ponte Alta, chapada de S. João . . .	Corumbá.
» Montes Claros, Vendinha.	Dito.
» S. Bartholomeu, no Mestre de Armas (*n*)	Rio Grande.
» Preto, na Lagôa Feia	Rio de S. Francisco.
» S. Marcos, chapada do Embirussú . .	Parnahiba.

Caldas.

A um lado do arraial de S. Felix, em distancia de tres leguas da estrada, estão cinco vertentes d'estas aguas calibaes, que são muito proveitosas na medicina, e muito uteis em muitas enfermidades: um manancial é summamente quente, e os mais são tepidos á proporção. Chamam-lhe Caldas de Fr. Reinaldo.

A um lado do arraial de Santa Cruz estão as caldas d'este nome, que dizem ser sulphureas; tem differentes origens na mesma visinhança, e differentes gráos de calor; tem sido uteis a muitos, prin-

(24) É admiravel o seu salto junto á passagem: falta-lhe a terra, e se despenha da altura de vinte braças, borrifando na sua queda o contorno, e formando abaixo do salto uma caverna, aonde se ajuntam e se aninham muitos passaros.

(25) Consta que muito ao sul da passagem tem um longo desfiladeiro, em que de nenhum modo se póde vencer a correnteza, e que depois se estagna junto a uns morros, e fórma um longo alagadiço que se póde vadear, que desapparece por algumas leguas por baixo da terra, e que surge depois com toda a abundancia das suas aguas, e corre a formar o Rio da Prata.

cipalmente em molestias cutaneas; formam um ribeirão d'este nome, que a pouca distancia perde o calor.

No districto de Pilões, na margem oriental do Rio Grande, nasce na abertura de uma pedra um ribeirão, que tem em circumferencia da sua origem differentes mananciaes de caldas, que dizem são muito uteis, e se incorporam com o mesmo ribeirão; mas ainda não foram examinadas, e nem se sabe o seu principio e a sua virtude.

Seis ou sete leguas ao nascente das terras novas do Descoberto de Nossa Senhora da Piedade existem caldas junto a um lago do mesmo nome, d'onde sahe o ribeirão, que se diz tambem das Caldas, e estas se chamam do Moquem.

Lagos mais consideraveis.

Hortigas ou Alagôa do padre Aranda, na margem do Rio Grande, junto á estrada do Cuyabá; entra pela abertura dos dous morros, e se estendem pelo interior da terra, e não se sabe até onde, porque se não tem examinado. N'ella residem muitos monstros aquaticos, como sucuriz, jacarés e minhocões prodigiosos, de extraordinaria grandeza, que tragam um cavallo ou um boi: estes se communicam ao Rio Grande, e se conservam n'elle em poções; e ainda ha pouco tempo devoraram duas bestas e um passageiro.

Lagôa Feia, digna d'este nome pela sua situação medonha, com mais de uma legua de extensão, e de uma profundidade que se não tem podido sondar; as suas aguas em razão do fundo parecem pretas, e em parte são cobertas de certo musgo; povoada de jacarés enormes e outros monstros, e tambem de excellente pescado, principalmente trahiras. É origem do Rio Preto.

Lago d'Agua-Quente, em uma legua e quarto de distancia do arraial d'este nome; em logar superior ao arraial, e em situação que horroriza, e não deixa examinar as suas cavernas. O seu fundo conhece-se que é irregular, e que tem baixos e profundidades: as suas aguas, que nunca tem diminuição, são quentes, salobras, e de um cheiro quasi sulphureo, e formam um grande ribeirão.

Lagôa dos Golfos, meia legua antes da Paranatinga, nas vasantes do Maranhão habitação de muitos monstros.

Lago do Poção Grande, na ribeira do Paraná, junto á fazenda do Boqueirão, além da dos Macacos, é profundissimo e abundante de peixe.

Entre a fazenda da Caissara e Jaburú, na mesma ribeira se encontra um grande lago, a que os habitantes chamam Ipoeira, muito profundo e abundante de peixe.

Na ilha do Bananal, que está no Araguaya, e que se calcula de mais de cem leguas de comprimento e trinta de largo, ha um famoso lago em que se entra por um pequeno sangrador, pelo qual se communica com o rio, e navegando-se por elle dentro parece um mar, porque se perde de vista toda a terra, e com o vento se levantam tempestades.

Grutas mais notaveis.

A de Trahiras, em uma legua de distancia do arraial d'este nome, tem capacidade grande, e profundidade a que se não tem chegado: de sua cupula distilla certo humor, que se petrifica e fórma columnas, pias floreadas, e outras muitas differentes fórmas; e estas pedras, que se formam, feridas tem o som de metal.

A do Morro dos Macacos na estrada de Anta, ao sul do caminho, nos mezes de Agosto e Setembro distilla certa materia acre e bituminosa, que por averiguações feitas por um cirurgião de Macapá se assentou ser enxofre; porém verdadeiramente não se conhece o que seja.

A do Ouro Fino, em uma legua de distancia do arraial; em a cavidade do morro se gela certa materia branca e friavel, que se suppõe salitre, ainda que por averiguações feitas na casa da fundição se assentou ser o alumen.

A de S. Felix começa na ponta de uma serra, que tem a fórma de uma trompa negra, fica duas leguas antes do arraial e junto da estrada; fórma uma concavidade, de que se não conhece o fundo, e que o pavor não deixa, nem tem deixado examinar.

A do Duro, a uma legua de distancia d'este registo, é da mesma sorte na ponta de uma serra, e se faz notavel pelos diversos repartimentos que tem no seu interior, á maneira de cubiculos.

A do Paraná, junto a Santa Rosa, perto da fazenda de Santa Rita, dizem que é vasta, e n'ella se formam as mesmas petrificações, como na de Trahiras.

Serra mais consideraveis.

A Serra do Estrondo, na estrada de Amaro Leite para o Bananal, corre de nascente ao poente além do arraial; e os sertanistas que tem gyrado este logar affirmam ter ouvido n'ella por vezes grande estampido, o que lhe fez dar o nome que conserva.

A Dourada entra pelos sertões do Rio das Velhas, corta toda a capitania, e vai a Mato-Grosso.

Pyrenéos é a mesma Serra Dourada em distancia de quatro leguas de Meia-Ponte, aonde se julga o logar mais alto da capitania, e d'onde nascem para todos os lados rios caudalosos, que correm a differentes rumos.

A das Caldas é admiravel, porque se levanta da terra em tres leguas de distancia do rio Corumbá, e fórma como um edificio de quatro faces para os quatro rumos cardeaes, tendo cada face a distancia de quatro leguas, cercada por todos os lados de pastagens excellentes e de ribeiros que d'ella nascem, e todos tem ouro. Na sua summidade, que é plana, se acham lagos e se criam muitos cervos e outras caças.

A dos Crystaes, em quinze leguas ao léste de Santa Luzia, entre S. Marcos e S. Bartholomeu, assim chamada dos crystaes de differentes côres que n'ella se encontram.

Serra do José Machado, aonde estão as fazendas d'este, estende-se dos sertões de Amaro Leite até este logar, e é altissima.

A do Fanha está entre Crixá e Amaro Leite, e tambem é summamente alta.

A de Miguel Ignacio fica junto ao Rio Verde, entre Meia-Ponte e Pilar, e tambem é alta e extensa. Corre de léste a oéste.

A do Duro, Taguatinga, e S. Domingos é a mesma cordilheira, cerca as terras do norte da capitania, e é muito alta, tendo só algumas bocainas por onde se póde passar, e aonde se estabeleceram os registos.

A estas se devem ajuntar alguns grandes montes de uma eminencia pasmosa, que tem servido de baliza aos primeiros sertanistas, a saber: o dos Tres Picos junto ás fazendas de Antonio Luiz Tavares, que acaba em tres pontas muito elevadas, e que se vêem de muita distancia; o Morro do Pico no districto da Barra da Palma, aonde foram as fazendas de S. Felix de Cantalicio e de João de Godois de Mello; o Morro do Moleque na estrada de S. Domingos junto á cordilheira no districto de Arrayas; o Morro do Chapéo no mesmo districto, e outro que ainda não tem nome, muito ao sul da Campanha do Neiva, que é altissimo, e aquelles que o tem subido, antes de chegarem ao cume, affirmam que todas as montanhas da circumferencia parecem que se abatem e se aplanam.

Producções naturaes.

Ouro encontra-se em quasi todas as terras da capitania, com mais ou menos abundancia, e ainda existem lavras riquissimas, que se tem deixado por alguma difficuldade do seu serviço, e por falta de escravos que se occupem n'este exercicio; e nem é crivel que toda a riqueza d'este paiz, tão vasto e tão incognito, estivesse só nos logares que estão lavrados dos primeiros, e que os montes, que se devem considerar como matrizes do ouro que se acha nos ribeiros, que estão quasi todos intactos, não sejam o deposito de muitas preciosidades.

Prata se diz que foi encontrada n'este terreno logo depois do seu descobrimento, e Marcos de Azevedo, que morreu em uma prisão na cidade da Bahia sem revelar o logar em que a tinha encontrado, assim o affiançava.

Ferro se encontra em abundancia quasi em todos os logares da capitania, principalmente na repartição do norte, e já por vezes José da Maia o tem extrahido em pequenas fundições, e juntamente aço.

Estanho se diz que foi encontrado nas visinhanças do Corumbá, de que um caldeireiro fizera alguns pratos, e não é de presumir que o houvesse só n'aquelle logar.

Chumbo ouvi dizer ao fallecido coronel José Manoel da Silva e Oliveira que havia em abundancia n'esta capitania; mas não revelou o logar das suas minas.

Diamantes se encontraram limpissimos no Rio Claro, em lavras da Barra, e em outros logares.

Rubins, appareceu um em Portugal, que se dizia extrahido ou encontrado entre Santa Cruz e Corumbá, e sendo procurados por ordem regia de 15 de Dezembro de 1781 se não encontraram.

Amethystas se tem encontrado a um lado da estrada de S. Paulo, no logar das Furnas, e eu vi um grupo d'ellas lindissimas, formadas no interior de uma pedra, na apparencia bruta, que o acaso fez quebrar, ficando como em uma concha, em cujo interior estavam como apinhadas e faceadas por natureza.

Crystaes brancos, amarellos mais ou menos escuros, e alguns verdes, se encontraram no morro dos Crystaes, nas Furnas, e em logares da Serra Dourada.

Agathas se acham em uma ilha que está no Rio Grande, junto á Passagem de S. Paulo, de que já no Rio de Janeiro se tem feito caixas de tabaco, e é provavel que tambem se achem no mesmo rio.

Amianto, ou pedra incombustivel, se encontrou d'antes nas lavras da Barra do capitão José Ribeiro da Fonseca.

Pedra do Narigão: dou este nome a certas pedras que se encontram no logar d'este nome, na estrada velha de Meia-Ponte, que tem no interior certos veios grossos e negros, que se separam, tão rijos que cortam o vidro como o diamante.

Granadas, ainda que pequenas, se tem encontrado em lavras de Santa Cruz e nos sertões de S. Domingos.

Iman ha em abundancia no districto de Pilões, junto ao morro do Tubá.

Pedras elasticas, ou melhor flexiveis, se encontram junto a Meia-Ponte, que por vezes foram pedidas de Portugal, as quaes se curvam até ficarem em semi-circulo, e depois se tornam rectas. Os moradores se servem d'ellas para fornos de fazer farinha.

Pedras de afiar se acham na Barra da Palma, Arrayas, Trahiras, e em varias partes, tão finas como as do norte.

Pederneiras de espingarda se acham em abundancia nos ditos arraiaes, e tambem junto á contagem da Extrema, na serra de Miguel Ignacio, e de boa qualidade.

Pedras de toque em quasi todas as lavras, e muitas em Rio Claro.

Alumen se presume haver na gruta do Ouro Fino.

Salitre se extrahe em muitos logares da capitania.

Salgema em abundancia nas Salinas.

Itans, certas conchas que se criam nas alagôas do Paraná, e as maiores são as da Barra da Palma, que tem um palmo de diametro, com a mesma côr e lustro de madreperola, de que se tem feito excellentes marchetados, e tambem colheres.

Malacachetas, mais limpas e maiores que as de Veneza e de Allemanha, que já foram pedidas para lanternas das náos, e que supprem a falta do vidro para as janellas, as ha em o districto de Trahiras: e já vi sobre ellas applicado o aço e formado um espelho, que tinha a vantagem de se não quebrar.

Arvore de papel, de que os Asiaticos o formam, a que lhe dão o nome de Moreira, ha na Serra Dourada.

Pedras metallicas, pyrites, tanto agirites, que tem a côr de prata, como chrisitis, que tem a côr de ouro, em todas as lavras, principalmente do Maranhão.

Poaya em todas as campinas, e ainda nas d'esta villa.

Quina branca em todos os campos; de que se servem nas suas enfermidades os camponezes, e lhe acham as mesmas virtudes da casca peruviana.

Herva do Paraguay, que faz um commercio lucroso entre os Ame-

ricanos Hespanhóes, nas visinhanças da roça do Neiva, na Barra e no Desemboque.

Rhaa, de que se extrahe o sangue de drago, em muitos logares.

Pyrethro é muito vulgar.

Rhuibarbo da terra, assim chamam a certa raiz, de que ha abundancia, e que tem a mesma virtude do rhuibarbo da India.

Cupaiba, oleo que é de muita virtude na medicina, em todas as matas se encontram arvores que o produzem.

Manná se tem encontrado em certa planta silvestre, com a mesma virtude purgativa.

Balsamo, encontram-se as suas arvores principalmente no districto de Santa Luzia.

Sene em todos os campos.

Baunilha nas vargens, e em abundancia no sertão de Amaro Leite, que só é aproveitada pelos passaros e macacos.

Salsaparrilha em todos os campos. Indigena, nasce espontaneamente, e de differentes qualidades.

Incenso, foi encontrada a sua arvore no morro do Feixo d'Anta.

Resinas e gommas differentes, e de boa qualidade, que se podem empregar em vernizes e outros usos.

Campeche, no districto de Pilões, e outros muitos páos de que se podem extrahir tintas, de que se não sabem os fixantes.

Nos campos do arraial de Santa Rita, d'Anta, e nos sertões do norte, se encontra certa aranha, que fabríca uma têa mais forte que a ordinaria, de côr gemmada, e que tem o mesmo lustro da seda.

Estrada do nascente, e leguas de povoação a povoação.

	Leguas.
Da villa ao Ferreiro	1
Ao Ouro Fino	2
Ao córrego de Jaraguá.	15
A Meia-Ponte	8
A Santo Antonio de Montes Claros	13 1/2

	Leguas.
A Santa Luzia	9
A S. Bartholomeu, contagem	5
A Arrependidos, registos	9
São	62 1/2

Estrada do sul.

Da villa a Meia-Ponte	26
A Bom Fim	18
A Santa Cruz	15
Ao Rio das Pedras, aldêa	35
Ao Pissarrão, aldêa	4
A Santa Anna, aldêa	6
Ao Rio das Velhas, registo	1
Ao Lanhoso, aldêa	12
Ao Rio Grande	10
São	127

Estrada do norte.

Da villa á Barra	5
A Anta	8
A Santa Rita	13
A Tesouras	10
A Crixá	10
A Guarinos	6
A Pilar	3
A Lavrinhas	7
A Alagôa Quente	9
A Cocal	4
A Trahiras	4
A S. José	1 1/2

	Leguas.
Á Cachoeira	3
A Santa Rita	1 1/2
A Cavalcante	22
A Arrayas	20
Á Conceição	17
Ao Principe	10
Á Natividade	5
Á Chapada	2
Ao Carmo	22
A Porto-Real	6
Ao Pontal	3
A S. João das duas Barras	100
São	282

Estrada da Bahia.

A Meia-Ponte	26
Ao Rasgão	3
Á Severina	4
A Guarirobas	4
A S. João das tres Barras	6 1/2
Ao Mestre de Armas	2 1/2
Ao Sitio Novo	3 1/2
Á Lagôa Feia	5
Ao Bezerra	4
A S. Domingos	7 1/2
Á Cruz	2 1/2
Ao Silva	8
São	76 1/2

Estrada do correio do Rio para o Grão-Pará.

Do Rio de Janeiro a Arrependidos	201
A Cavalcante.	40
A Porto-Real	78
São.	319

Estrada do poente.

Da villa a Pilões	18
Ao Rio Grande.	20
São.	38

Eis-aqui tudo o que a respeito de Goyaz pude descobrir no curto espaço de pouco mais de dous mezes, no meio da confusão em que estavam estas noticias; e nem devo duvidar que, apezar da minha diligencia, em alguns pontos me falte a exacção. Mas quem reflectir que não sahi da capital, que não entrei na secretaria e nos archivos que desejava, e que apenas mendiguei noticias dos que viajavam com os olhos menos fechados, de livros em alguns cartorios, e papeis que sem critica existiam em differentes mãos particulares, conhecerá o trabalho que tive, que fiz quanto me foi possivel, e que assim mesmo talvez sirva ao publico, estimulando a outros mais habeis a escreverem a este respeito.

Mas isto mesmo que encontrei é quanto basta para fazer conhecer a vantajosa situação de Goyaz, que, ainda mesmo na maior decadencia em que se considera, e a que differentes motivos deram principio, tem proporções para se levantar, para se resurgir, logo que se possam applicar a seu beneficio os paternaes cuidados d'El-Rei Nosso Senhor.

E que quadro tão brilhante se apresenta agora á minha imagi-

nação! Eu vejo reduzidos á sociedade civil tantos milhões de habitantes selvagens, que nos rodeiam, tornados em cidadãos uteis e laboriosos: vejo povoadas as margens de tantos rios navegaveis, gyrando por todas as partes as embarcações com as producções do paiz, e ao mesmo tempo empregadas as aguas em mover pesadas machinas, que poupam o trabalho dos homens: vejo adiantadas as artes e as sciencias, promovida a industria animando o commercio, penetrados os sertões e descobertas as suas preciosidades: vejo marchar de um passo igual a agricultura e a mineração; cobertas de rebanhos as campinas; coroados de vinhas os outeiros; crescerem as povoações, e fundarem-se cidades. É verdade que para tudo isto é preciso tempo, são precisos despendiosos sacrificios; mas nada é impossivel. Os grandes reinos tiveram o seu principio em pequenas sociedades: em dous homens principiou a população do Universo.

Nós temos a vantagem de vermos fundada no nosso continente a côrte do mais piedoso, do mais justo rei do Universo: temos quem promova os nossos interesses, e represente as nossas necessidades: logo que das espadas se possam forjar arados, e que se restabeleça a paz; logo que as sabias providencias d'El-Rei N. S. de mais perto attendam ás nossas necessidades, Goyaz florescerá, augmentará o esplendor do throno, e se tornará a mais brilhante porção dos dominios portuguezes.

Villa-Boa, 30 de Setembro de 1812.

OFFICIO

Que Francisco Manoel da Cunha dirigiu ao Conde de Linhares sobre a capitania, hoje provincia, do Espirito Santo.

(MS. offerecido ao Instituto pelo socio correspondente o Sr. coronel Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva.)

Ill.mo e Ex.mo Sr. — Como V. Ex. se desvela pelo augmento do Estado e da nação; como V. Ex. com ardente desejo quer promover a prosperidade da capitania do Espirito Santo e a navegação do Rio Doce, como um mais seguro garante das capitanias centraes; debaixo d'estas vistas permitta-me V. Ex. apresente as seguintes reflexões: e é tão satisfeito e cheio de mim, que sem atropellar os deveres da minha vassallagem, eu me deixo unicamente conduzir pela alegria que tenho de fallar submissamente a V. Ex. por meio d'esta memoria.

A capitania do Espirito Santo, antigamente tão florescente pelo commercio directo com a Europa e Africa, perdeu o seu brilhantismo. A agricultura está alli como paralysada, que consiste em algodão, milho, arroz, feijão, assucar, café, aguardente, e tudo em pequena quantidade e de pouca consideração. Algumas vezes as embarcações d'aquella capitania vão a Pernambuco e Rio Grande do Sul, mas a sua navegação ordinaria é sempre ao longo das costas limitrophes do Rio de Janeiro e Bahia: um só negociante capaz de animar os diversos generos do commercio, ou sejam em artigos europeos, asiaticos ou africanos, não apparece na villa da Victoria; d'aqui nasce a desgraça e commiseração d'aquelle paiz, de tal sorte que arruinando-se qualquer predio, jámais o reedificam. Um dos ramos principaes da negociação d'aquelles povos era o córte, venda e exportação das madeiras, que tanto animava aquella provincia: este córte foi prohibido pelo actual governador, sendo sómente permittido a aquèlles que ou cortavam madeiras para o mesmo governador, ou impetravam

d'elle esta especial graça: tal é o estado presente da capitania do Espirito Santo.

Seja-me licito agora lançar um golpe de vista sobre o Rio Doce. Na verdade este rio promette as maiores vantagens; mas infelizmente já não existe um Antonio Pires da Silva Pontes. O Rio Doce, Ex.mo Sr., necessitava de um Mecenas; V. Ex. lá mesmo da Europa lançou as suas vistas favoraveis sobre elle; e em quanto os rios Amazonas, S. Francisco, Parahiba do Norte e outros já viam rolar sobre as suas aguas as ricas producções brazilienses, o Rio Doce ainda vivia como esquecido e sepultado no meio de tribus Botocuda e Manaxó; e ambicioso de equilibrar-se entre esses canaes que abrilhantam a celebridade dos Estados, elle clamava por um Ptolomeo, um Pedro Grande, um Luiz XIV. Estes homens, gozando o fructo da sua reputação e das suas victorias, dormem hoje em glorioso ocio; mas Portugal, que ainda conservava os seus Sullys, Colberts e Richelieus, ouviu attentamente os seus clamores. Foi então que V. Ex., dominado pelo amor da nação, enviou o capitão de fragata Antonio Pires da Silva Pontes para o governo da capitania do Espirito Santo, em cujo districto o Rio Doce fórma o seu leito, encarregado de indagar todos os segredos, que sempre fertil natureza tem alli encoberto.

Com effeito este rio, nascendo em Minas Geraes, e communicando com o Serro, Espirito Santo e Bahia, vem a formar no meio d'estas provincias uma cidade continuada, cuja rua principal é o seu magestoso curso. Se o Amazonas e o Rio de S. Francisco viram apparecer sobre as suas margens villas e povoações; se a agricultura ahi foi conhecida pelos indigenas; se o commercio mesmo descobriu novos objectos da sua curiosidade, a marinha immensas matas de construcção; e o avido mineiro, passando através de todos os obstaculos, vem ainda hoje depositar suas mercadorias nas praias do Oceano, é porque os genios tutelares d'esses canaes, eu me explico, os governadores velavam dia e noite na fortuna d'aquelles logares e povos, já humanisando o selvagem, instruindo o ignorante, já semeando a concordia, animando o trabalho, e adiantando os direitos reaes: conducta esta, que tem immortalizado o Ex.mo conde da Palma (general que

foi de Goyaz, e hoje de Minas Geraes) nas celebres expedições de Tocantins, Santa Rita e Santa Luzia.

Se o Rio Doce, Ex.mo Sr., não teve a gloria de observar em si os augmentos já reproduzidos nos outros, com tudo elle foi testemunha do incansavel zelo do primeiro governador enviado para escrutinar e promover as suas vantagens. Os quarteis e destacamentos foram estabelecidos, a navegação foi animada; e os indigenas de Minas Geraes communicaram-se pela primeira vez com os Capitanienses por meio das correntes d'aquelle rio. Infelizmente o Rio Doce perdeu na sua infancia, assim posso explicar-me, este zeloso aio, succedendo-lhe o actual governador Manoel Vieira d'Albuquerque e Tovar, que devendo em tudo seguir os passos do seu antecessor, não só o vituperou, como tambem nada mais fez lá nas bellas planicies d'aquelle terreno; porque os quarteis da Regencia Augusta, de Contins (hoje Linhares) e do porto de Souza, fundados pelo immortal governador Pontes, são os mesmos que existem hoje: e se exceptuarmos a João Felippe de Almeida Calmão, afazendado antes na villa de Benavente, onde ainda conserva o seu estabelecimento, e hoje transplantado em Linhares com alguns escravos desde Novembro de 1809, não se vê alli outro lavrador capaz de adiantar a agricultura, succedendo o mesmo no destacamento da Regencia Augusta; onde se acha Joaquim de Queiroz ha tres mezes que ahi se foi estabelecer, deixando o seu antigo domicilio no termo da villa da Victoria.

Muitos desertores, que viviam espalhados pela capitania do Espirito Santo, sendo chamados pelo governador actual para que se recolhessem ás suas respectivas praças, ou fossem residir no Rio Doce, acceitaram este ultimo partido; mas de nada podem servir estes homens, quasi vagabundos, sem os precisos e competentes meios para laborarem a terra; e a maior parte d'elles, bem como muitos pedestres, desampararam aquelle logar delicioso, não pelo temor das molestias epidemicas, como diz o actual governador, mas sim pelo seu desmarcado terrorismo; que ahi desenvolve elles desertaram novamente, levando cada um a sua arma das que d'esta côrte foram para se fazer a guerra ao gentio.

Esta guerra não teve o exito que se esperava; algumas divisões destinadas a penetrarem o interior do paiz para atacarem a nação Botocuda, sem mais combinarem as suas operações, apenas faziam algumas marchas, e retrogradavam logo em dous ou tres dias. O gentio assoberbado, e de alguma sorte victorioso, inutilisou sempre o nenhum esforço d'essas divisões, e audazmente continuou a atacar os logares mais visinhos da villa da Victoria, como agora fez por duas vezes na maior parte da freguezia da Serra, chegando a ultima até mesmo Carapina, distante duas leguas da villa capital, onde se acham refugiados os habitantes d'aquelles sitios.

O Rio de Santa Maria e as fazendas situadas pelas suas margens igualmente foram objectos da vingança d'aquelles barbaros, sendo victimas algumas pessôas, entre as quaes uma mulher foi atassalhada ainda mesmo viva, e depois devorada pela ferocidade d'aquelles anthropophagos. É de admirar, Exmo Sr., que só houvessem pequenas providencias na occasião em que o inimigo atacou as circumvisinhanças da villa capital, retirando-se logo depois a gente que marchou contra elle: providencias estas que se não deram na primeira catastrophe da Serra.

De que servem as estradas novamente abertas com detrimento dos povos em alguns logares do sertão, chamadas pelo governador intermedias, e com despezas da real fazenda? Foi o meio mais prompto e efficaz para que o gentio facilmente fizesse as suas incursões, mostrando-se-lhe como com o dedo o trilho que deviam seguir. Esta verdade prova-se pelo que succedeu no Piraquê Merim, onde foram devorados alguns Indios, que por alli residiam e laboravam a terra, logo que n'esse logar se abriu ha mais de dous annos uma das ditas estradas: prova-se ainda mais pela conducta de um chefe das divisões chamado Miguel da Silva, Indio de nação, que marchando pelo interior do sertão, e devendo sahir defronte de Linhares, ao sul do Rio Doce, tendo ao mesmo tempo ordem de abrir uma das sobreditas estradas pelas cabeceiras da Lagôa do Campo, foi atacado na sua retaguarda, vendo-se na necessidade de fazer fogo avulso toda a noite, o que d'antes não acontecia.

Reflectindo agora, Ex.mo Sr., sobre o augmento da navegação d'aquelle rio, nada se observa. As embarcações que para alli navegam são aquellas unicamente que vão por ordem do governador conduzir as munições de bocca ministradas pela real fazenda para os pedestres e novos habitantes de um e outro sexo, distribuidos nos tres quarteis estabelecidos no mesmo rio, por ser tanta a desgraça e inercia, que nem a farinha de mandióca alli ha para sua sustentacão. Proximamente a sumaca *Conceição*, do capitão-mór José Ribeiro Pinto, apenada para conduzir quinhentos alqueires de farinha, trezentas e quarenta e duas e meia arrobas de carne sêcca do Rio Grande, um barril de polvora e o chumbo correspondente, destinado para o Rio Doce, ahi mesmo naufragou, perecendo igualmente cinco pessôas.

A barca que serve no Rio Doce, e que foi feita na Aldêa Velha por Francisco Gonçalves, pela baixa de um seu filho, tem servido, com marinheiros pedestres, para conduzir certos generos de negociações particulares. As canôas que alli se esperavam de Minas dentro de oito dias, promettidas pelo governador no officio que dirigiu a V. Ex., logo que á esta côrte chegou depois da sua viagem, dizendo que vinham carregadas de generos permutaveis, ainda não appareceram, e os commodos preços dos artigos sal e ferro, apontados no mesmo officio, não foi cousa nova. Eis-aqui o estado actual da navegação do Rio Doce, navegação certamente digna dos Augustos, dos Lizardes e dos Creuilles, se não tivessemos a fortuna de possuir a V. Ex. nos nossos dias.

Esta mesma navegação podia estar augmentada se o fertil terreno d'aquelle rio tivesse a sua precisa cultivação; porque, exportando-se as producções, não deixaria de haver quem alli fosse, por meio de balizas semeadas na barra, procurar os generos d'esse Nilo braziliense, como se pratica em outros muitos logares. Além d'isto, quando os ventos não fossem favoraveis ou propicios, podia bem estabelecer-se na Aldêa Velha um certo deposito dos generos para serem conduzidos por terra ao Rio Doce, que dista duas jornadas; e os que d'alli viessem serem exportados pela barra da mesma aldêa, attendendo-se á estação. Se o governo actual augmentasse de distancia em distancia pequenas

po voações, certamente a horda botocuda estaria mais alongada, e a do mesticação das tribus Pataxó e Manaxó seria de grande vantagem para attrahil-os, bem como fez Champlain, remontando o Rio de S. Lourenço no Canadá com as nações Algonquine, Hurone e Iroquesa, e em 1627 Mr. d'Enambuc na Ilha de S. Christovão e outras nas Antilhas.

Se a communicação premeditada pelo Rio de Santa Maria com Minas Geraes fosse realisada, seria assás vantajosa, porque este rio vem desembocar no braço de mar que fórma o ancoradouro da villa da Victoria, por cujo meio seriam exportados mais promptamente os effeitos que alli chegassem. Aqui recordo-me, Ex.mo Sr., que fallando logo no principio d'esta memoria sobre a villa da Victoria, esquéceu-me dizer que a galera *Promptidão*, vinda de Lisboa para aquella capitania, sendo remettida a Antonio Joaquim Franco, criado que era do actual governador, e que nada possuia, descarregou na dita villa; e exceptuando o bergantim *Lobos Unidos*, que, despachando-se em Lisboa para o Rio Grande, foi descarregar no porto já mencionado no tempo do governador Pontes, nenhuma embarcação mais da Europa dirigiu para alli o seu destino.

Agora, Ex.mo Sr., não posso dispensar-me de referir a V. Ex. o total desgosto dos povos da capitania do Espirito Santo, pois quando pensavam que com a visinhança do nosso augusto Soberano e pai da patria affrouxassem os immensuraveis despotismos que soffreu do governador actual, parece que ainda foi peior. Dous negociantes, Manoel Fernandes Guimarães e Pedro José Carreira Viseu, o primeiro foi acorrentado publicamente, ficando perdido de todo; e o segundo, que se acha louco, transitou amarrado pelas ruas, e ambos conduzidos a prisões de segredo, sem nenhuma causa efficiente ou sufficiente. O padre Manoel de Jesus Pereira, natural e morador da villa da Victoria, que servia de coadjutor do vigario d'aquella villa, e pago por S. A. R., foi mandado para o dito Rio Doce, unicamente por haver faltado a uma missa no Collegio, em logar do capellão da tropa. O capitão José Ribeiro de Attayde, porque na sua casa algumas noites concorriam outras pessôas d'aquella villa a conversarem, foi

por isso arrancado do centro da sua familia e desterrado para o sobredito rio, d'onde voltou em breves dias quasi expirando, e logo depois morreu; sendo ao mesmo tempo todos os outros mandados para diversos logares, até que foram retirados depois.

Ainda não é tudo: a justiça tem igualmente soffrido seus obstaculos. O desembargador ouvidor da comarca Alberto Antonio Pereira foi injusta e despoticamente preso, e a casa d'este magistrado viu-se cercada pelos soldados pedestres: os escrivães do publico e notas foram attenuados e confundidos com os ameaços de desterro para o Rio Doce, e carregados de ferros. Manoel da Silva Trancoso Leitão, procurador do auditorio, somente porque defendia uma causa cuja parte contraria o governador protegia, foi por isso preso, assentando-se-lhe praça de soldado na companhia de linha, tendo-a já de miliciano; e sem jurar bandeiras passou immediatamente pelo castigo de pranchadas, foi conduzido preso para a fortaleza da Barra, e conservado ahi mesmo tres mezes.

Nem uma só pessôa d'aquella terra tem sido isenta dos ultrajes e ameaços injuriosos do governador, nem ainda os deputados da junta da real fazenda, nem tão pouco as camaras d'aquella capitania. Eu attestaria factos que o pejo e a modestia pedem um morno silencio, se estas reflexões não fossem dirigidas a V. Ex.: factos que os povos d'aquelle paiz provariam se vissem retirado o actual governador: factos que estão gravados no fundo dos seus corações pelo temor e ao mesmo tempo respeito, que professam aos representantes do poder supremo.

Queira V. Ex. acceitar esta pequena memoria fundada toda na pureza da verdade, memoria que tenho a honra de apresentar a V. Ex. como um dos sustentaculos da nação, e herdeiro do sangue d'aquelles que cimentaram sobre seus ossos, lá no campo de Ourique, os degráos do throne portuguez, o primeiro throno do Universo. Esta certeza me anima de tal sorte que, descobrindo em V. Ex. um d'esses genios tutelares que velam em torno das monarchias e para felicidade dos Estados, fez com que eu não hesitasse um só momento procurando ter a honra de fallar tão francamente a V. Ex., a quem

protesto ser sempre com o maior respeito—de V. Ex. reverente subdito e menor servo—*Francisco Manoel da Cunha.*—Ill.mo e Ex.mo Sr. conde de Linhares.

Rio de Janeiro, em 26 de Fevereiro de 1811.

NOTICIAS E REFLEXÕES

SOBRE AS MINAS DE CANTAGALLO

(CUJO EXTENSO DISTRICTO COMEÇA A POUCAS LEGUAS DO RIO DE JANEIRO)

Escriptas no fim do anno de 1805 por ***

Havendo fallecido em 2 de Novembro do corrente anno o guarda-mór das novas minas de Cantagallo, João Pinto da Cunha e Souza, o qual por carta de 27 de Fevereiro de 1804 se achava nomeado superintendente d'ellas, a junta da real fazenda do Rio de Janeiro, em utilidade da mesma real fazenda, não proveu o dito logar sem primeiramente representar a S. M. que as despezas feitas com as ditas minas, desde o anno de 1786 até o fim de 1803, de que ha conta, comprehendidos os mantimentos gastos com os seus primeiros exploradores e destacamentos n'ellas empregados, é de 79:419$797 rs. (1).

(1) Extracto da despeza feita com as minas de Cantagallo, desde o principio do seu aproveitamento no anno de 1786 até o anno de 1803, de que ha conta.

Pela thesouraria geral.

De 1786 a 1797 até fl. 201. . . . . 18:409$797

Pela thesouraria dos miudos.

Em ordenados dos propostos por calculo redondo, segundo as addições da competente folha, e supprimento nos ditos annos. . . . . 61:010$000

79:419$797

Que o producto assim do quinto real do ouro extrahido das referidas minas, ensaios, mineraes, datas de preferencias, até o dito anno de 1803, foi de 174 marcos, 6 oitavas, 8 grãos e 1/5, os quaes, pelo preço do ouro da lei ou de vinte e dous quilates, fazem a quantia de 16:713$175 rs. (2). Que feito o calculo do rendimento pelos ultimos dez annos de 1794 a 1803 (em attenção ás despezas de explorações, guardas, e lavras de preferencia, etc.) se conhece que renderam de quinto as ditas minas n'aquelle periodo 69 marcos, 6 oitavas, 48 grãos e 4/5 de ouro, o qual pelo valor da lei por calculo redondo de 21:000$000 rs., em que se notam de maior sahida ou despeza nos referidos dez annos 14:365$984 rs. (3). Que feito o calculo pelo rendimento e despeza depois do anno de 1800 em diante,

(2) Extracto do rendimento do quinto real deduzido do ouro extrahido das minas de Cantagallo, datas de preferencia, ensaios, mineraes, etc., desde o anno de 1788, em que se principiou a cobrar regularmente, até o anno de 1803, de que ha conta.

	Ms.	Onç.	Oit.	Gr.	Quilé
Quinto de 1788 a 1803.	134	2	0	7	1/5
Datas de preferencias, serviços mineraes dos escravos da real fazenda, ensaios, etc. . .	39	6	6	8	1/5
	174	0	6	8	1/5
Que pelo toque a preço da lei fazem					16:713$175

(3) Demonstração da receita e despeza das novas minas de Cantagallo no periodo de dez annos, contados de 1794 até o de 1803, ultimo de que ha conta, sem attenção ás despezas de exploração, destacamentos, escravos, etc.

Rendimento.

Quinto de 1794 a 1803.	69	0	6	48	4/5
Em réis segundo o toque da lei					6:634$610

Despeza.

Por um calculo redondo, segundo as variações da folha dos ordenados, pelas ordens do vice-reinado do Ex.mo conde de Rezende, foi a despeza com as ditas minas nos referidos dez annos acima de.	21:000$000
Maioria da despeza sobre a receita	14:365$984

[illegible] da vacatura de alguns propostos [illegible] diminuiu os ordenados, se vê que o rendi- [illegible] das minas, no triennio de 1801 a 1803, foi [illegible] 42 grãos e 4/5 de ouro, os quaes montam [illegible] 876 rs.; e que a despeza feita unicamente [illegible] dos actuaes propostos d'esta arrecadação, [illegible] o do superintendente, que não houve, foi de [illegible] rs., em que se nota de excesso na despeza a quantia de [illegible] rs., e por consequencia um *deficit* annual de 663$708 [illegible] da real fazenda (4). Que os dizimos das plantações e [illegible] das sesmarias das ditas minas, estando contractados separa- [illegible] pelos tres annos de 1804 a 1806, á razão de 366$666 rs. [illegible] livres para a real fazenda, e d'este preço annual deduzidos [illegible]000 rs. das congruas do vigario e coadjutor da freguezia de Cantagallo, ficam 141$666 rs., que reduzem o *deficit* acima de

(4) Calculo do rendimento e despeza do quinto do ouro das minas de Cantagallo nos tres annos de 1801 a 1803, em que se não fez pela junta supprimento algum para o seu aproveitamento.

Rendimento.

	Ms.	Onç.	Oit.	Gr.	Quil.	
Quinto de 1801 a 1803	29 ,,	2 ,,	0 ,,	42 ,,	4/5	
Pelo toque e preço da lei.						2:308$876

Despeza.

Pela folha dos ordenados, a saber:		
Ao guarda-mór, annualmente	500$000	
Ao escrivão	500$000	
Ao thesoureiro	300$000	
Ao meirinho	300$000	
Por anno	1:600$000	
Nos tres annos de 1801 a 1803		4.800$000
Excesso da despeza no dito triennio.		1:991$124
Deficit annual.	663$708	

663$708 rs. á quantia de 522$042 rs.; e que finalmente o computo do ouro extrahido das ditas minas nos referidos tres annos de 1801 a 1803, segundo o calculo do quinto recebido, sendo de 146 marcos, 2 onças, 27 grãos e 1/5, os quaes, reduzidos á moeda de 6$400 rs. ou de meia onça na casa da moeda d'esta cidade, por calculo redondo deixaram de senhoriagem e baraceagem a quantia de 702$240 rs., de que provém a cada anno 234$080 rs., que deduzidos dos 522$042 rs. d'aquelle *deficit*, se reconhece por final resulta poder-se computar o *deficit* annual das ditas minas em 287$962 rs.

Do que fica exposto se vê que as referidas minas não podem pagar o ordenado da sua superintendencia, o qual por provisão do real erario de 2 de Julho do corrente anno se mandou satisfazer pelo rendimento d'ellas, e que é preciso occorrer a este estabelecimento com uma providencia tal que, tirando-se d'elle por parte da real fazenda a utilidade de que é susceptivel como terreno mineralisante, se augmente tambem a sua população e cresça a respectiva lavoura, sempre mais pingues do que as especulações mineraes, *maximè* em uma capitania maritima como esta, e em um terreno virgem, como se reputa o d'aquellas minas.

Portanto são desnecessarios nas sobreditas minas um superintendente e um guarda-mór pagos pela real fazenda, e que para se evitar o extravio d'ellas se póde reduzir a despeza a 1:000$000 rs., na fórma dos seguintes dados.

1.° Que o ouvidor da comarca tenha a jurisdicção contenciosa nas materias de medição ou contestação de limites das referidas minas, segundo a practica e legislação das Geraes, havendo sempre devassa aberta para os casos de extravio.

2.° Que se deixe minerar ou faiscar a toda e qualquer pessôa nos terrenos devolutos, dentro dos limites d'aquellas referidas minas.

3.° Que haja alli a mesma casa de registo, que agora ha, mas que seja unicamente composta de um thesoureiro com vezes de guarda-mór, vencendo de ordenado 400$000 rs. por anno e os emolumentos do regimento dos guardas-móres; de um escrivão da receita e

despeza, e registo, com vezes de fiscal, com outros 400$000 rs. de ordenado annual e os referidos emolumentos; e de um meirinho com o ordenado de 200$000 rs. e os emolumentos que lhe são contados.

4.° Que todo o ouro extrahido por lavras ou faiscação, depois de quintado na casa do registo, se pague ás partes em moeda provincial de prata e cobre, para o que será soccorrido o referido thesoureiro com a somma de dous ou tres contos de réis por quartel, assás bastante para a dita permuta, visto poder-se computar de oitenta a cem marcos o *maximum* de todo o ouro annualmente extrahido das mesmas minas, fazendo-se este pagamento ou permutação segundo o toque geral ou medio do ouro d'ellas extrahido, bem limpo e sem particulas heterogeneas.

5.° Que para se occorrer ao extravio, e obviar a fraude quanto é possivel, haverá n'aquelle registo um livro de inventario de todas as lavras ou faisquecias do terreno mineral, onde pela ordem alphabetica esteja lançada a lavra ou faisquecia, o seu districto ou situação, a pessôa que tem ou trabalha, e o numero de escravos que emprega n'este serviço, para que, á vista dos productos recebidos de cada especulador, se possa reconhecer (segundo a qualidade do terreno e serviços n'elle empregados) se houve ou não extravio, averbando-se annualmente o dito livro com a producção aurifera manifestada de cada lavra, e com a quantia permutada pelo seu producto, depois de deduzido o quinto real.

6.° Que todos os quarteis remetta o thesoureiro d'aquella casa de registo á thesouraria geral da junta, assim o computo do ouro em pó do quinto real, como o do ouro permutado, que se abonará pela importancia da reducção a especies cunhadas de 6$400 rs. na casa da moeda d'esta cidade, em credito da conta dos supprimentos feitos ao dito thesoureiro pela junta, vendo-se assim annualmente no saldo da mesma conta a utilidade que percebe a real fazenda n'esta fórma de arrecadação.

7.° Que a permuta que fica referida, feita em proporção do toque geral ou medio das ditas minas, se regule pelo valor de 1$500 rs. a oitava de ouro de vinte e dous quilates ou da lei, isto é, depois de

quintado, ficando assim em perfeita equação a real fazenda com a fortuna do mineiro ou faisqueiro.

8.° Que se prohiba correr como moeda o ouro em pó n'aquellas minas, para se evitar todo o pretexto de extravio, a que dão logar as transacções dos mineiros com os mercados ou regatões.

9.° E finalmente que os mineiros ou faisqueiros d'aquelle districto sejam obrigados, sem remissão, a cultivar as sesmarias das suas datas, procurando-se assim, quando menos, um grande excedente do trabalho d'aquella povoação, que augmentará o mercado d'esta praça e a exportação para a metropole de mais generos privilegiados.

Sendo pois aquellas minas na maior parte compostas de terrenos lavadeiros, para onde as aguas carrearam o ouro das montanhas no tempo das enchentes ou alluviões, não é de admirar que, sem se explorarem as montanhas, onde existe, segundo a melhor theoria da natureza, aquelle metal em betas, folhetas ou veios, nas fendas verticaes das rochas, ou ainda em algumas horisontaes, pelas alterações que tem soffrido o nosso planeta, tenham tido tão diminuto rendimento as lavras de Cantagallo; e que portanto seja sufficiente, para o seu aproveitamento e augmento, este plano, ao qual praticamente se não póde oppôr duvida ou embaraço algum, não se tratando comtudo de investigação ou exploração das serras d'onde tem emanado para aquellas minas o dito metal precioso, porque pelos mais certos principios de economia as despezas de explorações absorveriam grande parte de productos de novas minas trapicheiras, ainda quando fossem ferteis; e no mesmo caso de serem abundantissimas seriam sempre mais uteis a S. M. e ao publico as lavouras de café, assucar, e a criação de gados nas sesmarias dos sertões de Macacú, ainda pela maior parte incultos, do que as grandes lavras de Cantagallo e de outros sitios do districto do mesmo sertão.

BREVE NOTICIA

SOBRE AS MINAS HA POUCO DESCOBERTAS NO ASSURUÁ,

NA PROVINCIA DA BAHIA.

Ha cousa de sete annos que as minas do Assuruá, tão falladas n'esta cidade e provincia desde a sua casual descoberta, e tão avultadas em riqueza, que segundo multiplicadas informações, bem se podem chamar gigantes entre as minas do Universo, tem sido e são a céva da cobiça de quem quer, sem proveito algum da nação, que não só se não manda lavrar por sua conta, como a meu vêr convinha, mas nem ao menos, como me consta, se lhe paga o quinto ou os cinco por cento da lei, tendo-se extrahido uma enorme quantidade de ouro e diamantes, cuja extracção continúa cada vez mais vigorosa.

Desejoso de ter sobre estas minas informações mais fundas e veridicas, procurei o Sr. Dr. Manoel Pereira da Silva Lobo, existente actualmente n'esta cidade, e que é d'esses sitios, e até foi o dono da fazenda onde se descobriram depois que a vendeu a um ecclesiastico, que hoje a possue; e me communicou por escripto a seguinte relação.

« Distante seis leguas em linha recta, pouco mais ou menos, da villa « do Chiquechique, que se acha situada na margem do Rio de S. « Francisco, existe a fazenda de criar gados denominada Curral das « Eguas, onde se encontram os diversos logares dos quaes presente- « mente se extrahem os diamantes na serra do Assuruá, que passando « por esta fazenda vai correndo na mesma direcção do Rio de S. « Francisco; não sei o logar onde começa tal serra, ou onde finda; « julgo ser conhecida debaixo de diversos nomes segundo os logares « por onde vai atravessando, por quanto me consta chamar-se alli do « Assuruá do brejo assim chamado, que é uma extensão de dezeseis

« leguas de terreno, pouco mais ou menos, habitada por muitos
« lavradores e poucos fazendeiros, por onde atravessa esta serra.

« Esta fazenda acima dita foi antigamente povoada por Indios, e
« ainda hoje existem em não pequeno numero os seus descendentes,
« os quaes contam toda a historia de Moribec ou Moribeca, os
« acontecimentos que tiveram logar, sua riqueza, asseverando ser
« elle o chefe dos Indios, e que ahi tambem morava fazendo explo-
« rar aquelles logares da serra que lhe parecia, dos quaes tirou
« grande porção de ouro e diamantes; o que bem se prova com os
« grandes serviços feitos por elle para esse fim, e que ainda hoje se
« encontram no cimo da dita serra no logar chamado Coelho, e em
« outro logar chamado Sussuapára, e na dita serra no logar da Man-
« gabeira (onde hoje se tiram os diamantes), encontrando-se n'este
« ultimo logar, e em outros, cadinhos, bigornas e differentes vasos
« de barro, dos quaes alguns estão estampados com cunho de moeda,
« e outras cousas já em parte deterioradas pelo tempo, como estacas,
« mourões, que serviram de esteios para casa; tem-se tambem en-
« contrado algumas pedras com inscripções em caractéres que nos
« são desconhecidos, parecendo ellas pregadas ou embutidas de pro-
« posito para fazer alguma tapagem ou occultar alguma cousa; porque,
« segundo me consta, ainda não se conseguiu arrancar nenhuma,
« apezar dos meios empregados e esforços que se tem feito; emfim
« os moradores antigos d'esta fazenda contam minuciosamente factos
« particulares que sabem (creio que por tradição) da vida de tal
« Moribeca, como seja a proposta que elle fez ao rei de Portugal
« ácêrca de taes riquezas, a pretenção d'elle, a maneira pela qual en-
« venenou os Indios que o acompanharam para a Bahia no logar
« chamado Rancho da Fome, a fim de não descobrirem estas minas,
« a morte d'elle, e algumas lettras ou signaes symbolicos que foram
« encontrados já em outro tempo em cima da serra, como mostrando o
« logar ondo se achavam depositados e occultos os seus cabedaes; o
« que deu logar a fazer-se varias indagações e a explorar-se desde
« algum tempo aquelles logares, não com a devida constancia ou

« attenção que merece, mas tão sómente ao acaso abrindo-se diversos
« buracos ou pequenas escavações aqui e alli; por cujo motivo se
« descobriram ultimamente os differentes logares dos quaes estão ex-
« trahindo os diamantes, a saber o Tamanduá, Pintor, Mangabeira,
« Gamelleira, Cotovello e outros: pois na redondeza de quatorze leguas,
« em qualquer parte que se explore encontram-se diamantes em
« maior ou menor quantidade. A mina de ouro existe seis leguas
« distante d'esta, advertindo que na mesma serra se descobre ouro em
« quasi todo o cordão que dista de uma á outra mina. É para ad-
« mirar, e não para se descrever, a riqueza de tal logar!! Bahia 23
« de Setembro de 1841. »

Além d'estas informações por escripto, me disse o Sr. Dr. Lobo que o ouro d'esta mina era já derretido, e que assim lh'o asseguraram ourives a quem apresentou amostras d'elle; e o certo é que grão de ouro da grandeza do que alli se tem descoberto não apparece em mina nenhuma do mundo: lembro-me de ouvir dizer, logo que se divulgou a descoberta d'esta mina, que se tiravam pedaços de sessenta e mais oitavas; e accrescenta o Sr. Lobo que não se encontra em veios, mas em montões destacados.

Do que fica dito concluo que com effeito estas são as minas celebres do infeliz e opinioso Moribeca, e esta conclusão se reforça com a tradição, que voga entre os mesmos Indios, de que Moribeca estando no Rio de Contas, d'onde se avista este lanço de serra, dissera: d'aqui estou vendo todas as minhas riquezas.

Entretanto não me persuado que todos aquelles utensilios, que alli se tem encontrado, fossem de Moribeca, e nem que o ouro fosse por elle derretido, e por qualquer accidente alli ficasse, ou elle mesmo o sepultasse para occultal-o; porque as inscripções não são d'elle, ao que me parece, mas sim de povos mui anteriores, embora elle conhecesse e fosse o descobridor d'aquelles thesouros. Como pedi ao Sr. Dr. Lobo que me copiasse as inscripções, e elle está a partir para o Assuruá, á vista d'ellas melhor e com mais segurança poderemos discorrer e verificar a minha conjectura de que aquella enorme quanti-

dade de ouro, se com effeito é já derretido, como me affirmam, foi lavra dos auctores das inscripções, ainda que descoberta e talvez augmentada por Moribeca, isto é, continuada por elle.

Tendo a lavra das minas e sua administração merecido sempre o maior cuidado dos soberanos ou dos governos em todos os paizes cultos da Europa, admira-se o desprezo com que este fontanal da riqueza nacional é actualmente olhado no Brazil! O Brazil sem estradas, sem portos, sem canaes, sem marinha, sem machinas de industria e agricultura, sem povoação no seu vasto interior, não lança mão do unico e superabundante recurso que lhe offerece seu riquissimo solo para povoar seus desertos espaçosos, plantar e promover seu commercio interno, abrir communicações faceis em todas as direcções, pagar suas dividas, e fomentar a industria de seus filhos! Se estas minas do Assuruá fossem lavradas por conta da nação, persuado-me que sobejariam, sendo bem administradas, para acabar com a moeda papel e pagar a divida publica. Concluo esta pequena memoria com o que a respeito da mineração em Portugal dizia um mui distincto Brazileiro, o Sr. desembargador José Bonifacio d'Andrada em uma sua memoria, que tenho presente. « A mineração nutre e « sustenta numerosas familias, que por falta de trabalhos uteis em « terrenos pela maior parte estereis e desertos, se entregariam á inercia, « e aos vicios seus filhos. Ella povôa montanhas escalvadas e char- « necas inuteis, e as apinha com o andar do tempo do aldêas, villas « e cidades. Ella enriquece immediata ou mediatamente o erario « publico com os lucros provenientes das minas da corôa e dos di- « reitos metallicos: ella augmenta e segura os impostos sobre a « entrada e consumo dos viveres, fazendas e materiaes necessarios « aos mineiros; consumo que cresce progressivamente com a povoa- « ção e com a industria. A mineração augmenta o cabedal metallico « da nação, que póde, sem diminuir o preciso para a agricultura e « fabricas já estabelecidas, ser empregado em novas e uteis emprezas, « como estradas, canaes, portos, pescarias, plantios de bosques, e « outros objectos importantes, de que tanto precisamos. Ella fomenta « mui particularmente o commercio e industria nacionaes, dimi-

« nuindo a importação de mineraes estrangeiros, subministrando
« materias primeiras ás fabricas, augmentando a exportação de ge-
« neros novos, dando consumo e actividade aos trabalhos da agricul-
« tura, estabelecendo ou sustentando manufacturas para uso das
« minas, como as de cordas, couros, polvora, agua-forte, e ou-
« tras....

« O commercio e as manufacturas só trazem riqueza certa e de
« monta ás nações, que principalmente as cultivam quando os es-
« tranhos e visinhos são ignorantes e preguiçosos. Mas isto muda
« todos os dias, como nos ensina a historia do commercio europeo nos
« dous ultimos seculos. Os mineraes uteis porém, que a natureza
« repartiu com mão escassa por poucas terras privilegiadas, são sem-
« pre necessarios aos outros povos que os não tem de proprio cabe-
« dal... Se a Russia, a Prussia e a França se enriqueceram de novo
« tanto com a lavra de suas minas, quem prohibe a Portugal enri-
« quecer-se do mesmo modo? Pão, polvora e metaes são quem
« sustenta e defende as nações: e sem elles de proprio fundo é pre-
« caria a existencia e liberdade de qualquer Estado.

« As minas pois fomentadas e administradas sabiamente põem
« em circulação riquezas immensas debaixo de fórmas diversissimas:
« abrem novas fontes sempre perennes de nutrição e soccorro á
« lavoura, ao commercio e ás artes: criam e sustentam um grande
« numero de braços: e diminuindo a vadiação e mendicidade
« das comarcas, firmam o soeego e a segurança publica; espalham
« luzes e conhecimentos uteis por uma grande parte da nação;
« augmentam emfim a dignidade do homem social pelas victorias que
« obtem diariamente contra a natureza, muitas vezes madrasta,
« executando machinas e trabalhos portentosos. Isto, que nos prova
« a historia moderna, se confirma pela antiga; pois que os povos mais
« famosos da antiguidade, os Egypcios, os Phenicios, Gregos,
« Carthaginezes e Romanos, da lavra das suas minas tiraram muito
« principalmente a sua riqueza; e o que mais é, a sua civilisação. »

Quando este insigne Brazileiro assim escrevia, estava Portugal em muito melhor estado commercial, industrial e agricola, do que está

actualmente o Brazil. Perdoem-se-me estas reflexões, que transcendem um pouco o fim principal d'esta memoria e o alvo dos trabalhos do nosso Instituto; ellas são filhas do desejo que tenho da prosperidade do Brazil; e me penalisa ver tão pobre uma nação senhora do mais rico paiz em todo o genero de mineração, e o mais grandioso em sua vegetação.

Bahia, 3 de Outubro de 1841.

O conego magistral *Benigno José de Carvalho e Cunha*.

BIOGRAPHIA

Dos Brazileiros distinctos por lettras, armas, virtudes, etc.

CLAUDIO MANOEL DA COSTA.

§ 1.º

Á margem direita do ribeirão do Carmo, na provincia de Minas Geraes, e em um terreno declivioso, está situada a cidade de Marianna; nasceu pequeno arraial do Carmo; em 1711 subiu á dignidade de villa, por foral d'el-rei D. João V; em 1745 mereceu as honras de cidade episcopal, que lhe deu o mesmo monarcha, appellidando-a Mariannopolis, por ser esse o nome da rainha reinante (*).

Corria o anno de 1729 quando ahi, aos seis dias do mez de Junho, nasceu Claudio Manoel da Costa, oriundo de honrada familia de Paulistas, que haviam deixado os amenos campos de Piratininga, atravessado desertos immensuraveis, e descoberto as riquissimas

(*) Estas particularidades acham-se descriptas na *Corographia Brazilica* de Manoel Ayres de Cazal, e nos *Annaes* do monsenhor José de Souza de Azevedo Pizarro.

minas de ouro e pedras preciosas dos reconditos sertões, e distantes terras que se consideraram até 1720 como porções interiores da capitania de S. Paulo, formando d'esta épocha em diante territorio e jurisdicção d'uma nova capitania, com o nome de Minas Geraes: como todos os de mais Paulistas ou Piratininganos, que eram assim conhecidos, os ascendentes de Claudio Manoel da Costa, depois das luctas e contendas tormentosas que entretiveram com os industriosos Taubatenos, que como elles internavam-se no novo territorio das Minas, rasgavam florestas, dobravam rios caudalosos, cavavam serras altanadas, e fendiam profundas terras em procura de riquezas, que as entranhas do solo escondiam a seus avidos olhos,—estabeleceram-se nas visinhanças do ribeirão, que desce mansa e pacificamente suas aguas por espaço de cinco leguas até o arraial do Forquim, precipitando-as então em uma extraordinaria escada de viva rocha até cahir no rio Gualaxo, e seguir com elle — juntos em um só leito — recebendo pelo seu caminho outros ribeiros, a encontrar-se com o rio Piranga, que confunde suas aguas com as do famoso Rio Doce, que o Oceano abraça, absorve e devora.

Em tenra idade veio Claudio Manoel da Costa para a cidade do Rio de Janeiro receber litteraria educação. As melhoras escolas eram as dos Jesuitas; os mais afamados mestres pertenciam á Companhia: Claudio Manoel da Costa cursou por tanto as aulas dos Jesuitas; aprendeu latim, grego, rhetorica, philosophia, rudimentos de mathematica, prolegomenos de theologia, e todos os de mais preparatorios que ensinavam os padres, e cujo complemento trazia para o estudante o titulo e diploma de mestre em artes, que a Companhia outorgava; logo que chegou aos dezesete annos de idade, partiu Claudio Manoel da Costa para Portugal, afim de formar-se na universidade de Coimbra e tomar grão academico, manifestando-se desde logo sua vocação para o estudo das leis e da litteratura.

Seus estudos em Coimbra foram de proveito para seu desenvolvimento scientifico, e para seu nome de reputação e de gloria: estudante, dava-se, nas horas de descanso, á inspiração poetica, e escrevia versos, que em manuscriptos passavam das mãos dos companheiros

ás mãos dos lentes, e geralmente grangeavam louvores e admiração: apenas terminou seus estudos e obteve diploma de bacharel formado em leis, publicou no anno de 1751, em Coimbra, uma collecção das suas poesias, da primeira quadra da sua vida; a mais bella épocha da idade humana, em que tudo são amores, prazeres, alegrias e feitiços; em que se affigura a razão sonhando; e só alvoroça e folgueia divertido o coração, que chama delicias, e abraça o espaço que lhe parece de flôres cheirosas e de aprimoradas galas. Épocha feliz, que uma vez passada, não volta; e que, na avançada idade, bate ao ouvido quebrado como hospede maligno, que só vem avivar saudades! Épocha feliz, que a memoria não póde esquecer, por mais tratos que se lhe dê para fazel-a desapparecer e sumir-se! Epocha unica da verdadeira liberdade, da alegria vivaz, dos sinceros prazeres, e dos folguedos divertidos!

Claudio Manoel da Costa não se demorou muito tempo em Portugal; em 1765 regressou para o Brazil; estabeleceu sua residencia em Villa-Rica, capital da capitania de Minas, e na distancia de duas leguas da villa em que nascêra, e já então galardoada com o titulo de cidade: não desejou seguir a magistratura, que era carreira custosa e demorada, vegetando-se longos annos em cargos de juiz de fóra ou de ouvidor, e mudando-se de tempos a tempos de termos e comarcas, como soldado de guarnição; abraçou de preferencia a profissão de advogado.

A capitania de Minas, com quanto em 1720 segregada da de S. Paulo, continuou a fazer parte da jurisdicção do governo do Rio de Janeiro, recebendo no entretanto uma administração especial; foi seu primeiro governador D. Lourenço de Almeida, substituindo ao capitão-general de S. Paulo conde de Assumar, sob cuja administração tantas desordens e descontentamentos se levantaram em Minas, que tornou-se necessaria providencia constituir este territorio capitania independente d'aquella. Á D. Lourenço de Almeida succedêra em 1732 o conde das Galveas, que foi substituido por Gomes Freire de Andrade em 1735.

Foi este governador, que abolindo as casas de fundição e de moeda,

mudou a natureza do imposto do quinto do ouro, admittindo o systema da capitação, que se começou a arrecadar no 1º de Julho de 1735. Regressando de Minas a tomar conta do governo do Rio de Janeiro, interinamente governaram algumas juntas de pessôas gradas, até que Luiz Diogo Lobo da Silva em 1763 entrou para o cargo de governador e capitão general de Minas, havendo já sido elevados os governadores do Rio de Janeiro ao posto de vice-reis do Brazil, e ficando d'est'arte contralisada a administração de todo o Estado.

Durante este tempo Claudio Manoel da Costa conseguia immensa clientela, honrosa reputação e influencia decidida, exercendo o seu officio de advogado: foi o primeiro que na lingua portugueza escreveu sobre as doutrinas de Adão Smith ácêrca da nova sciencia de economia politica, que este celebre Escossez acabava de apresentar á Europa: Claudio Manoel da Costa commentou o *Tratado da origem das riquezas das nações*, publicado em Edimburgo, e remetteu seu manuscripto para Lisboa, aonde foram sua erudição e engenho apreciados e admirados pelos mais illustrados espiritos da épocha: escreveu tambem diversas obras de litteratura antiga e moderna, que mereceram grandes elogios dos contemporaneos, e que provavam sua instrucção variada em tantas e tão complicadas materias. Si bem que estas obras se não publicaram, já porque as despezas da impressão subiam então muito alto e não tinham a necessaria extracção, já porque mesmo tendo ellas antes de serem dadas ao prélo de sujeitarem-se á analyse o exame da commissão do Santo Officio, que tinha de incumbencia a censura litteraria, doutrinas novas não seriam facilmente acceitas, releva no em tanto assegurar que os manuscriptos corriam de um para outro leitor; muitas copias d'elles se extrahiram, que gyravam por toda a parte, e assim se conseguia uma especie de publicação, que não era a da imprensa, mas que ao mundo illustrado não dava menos a conhecer o seu auctor, que por este modo adquiria fama e consideração.

E não se occupava menos Claudio Manoel de Costa com as sciencias, do que com a poesia; seu engenho, que já a tantas bellas producções dera origem na mocidade, — na vida folgazona de estudante de

Coimbra, inspirando-se com as melancolicas reminiscencias que pairam sobre esta cidade celebrisada, e que a historia não poderá jámais olvidar, — desdobrou vôos mais altivos e mais sonoros no descanso e paz do advogado, na idade da razão, na terra da adorada patria; mais felizes e poeticas lhe não pareceram as margens decantadas do Mondego, ainda que mais antigas e mais saudadas por todos os poetas, do que as ribas frondosas do Carmo, que banha os pés de Marianna, e cujas limpidas aguas tanto enthusiasmavam o espirito de Claudio Manoel da Costa.

E quem foi pela Providencia dotado d'esse celeste espirito, que anima e engrandece a existencia, que doura os sonhos da vida, e habita continuamente em um mundo de phantasia, póde suster-lhe os vôos, agrilhoar-lhe as azas, e gritar-lhe — pára?

A imaginação humana é a imagem mais perfeita do Creador: felizes aquelles que a recebem com profusão! A poucos toca em herança tão bella partilha; o escolhido porém não é dono da força que recebeu; ardente chamma, irresistivel poder o devora e o arrasta, que em si lhe não é permittido guardar os sentimentos e imagens que lhe borbulham na mente. Ha quem diga que não ha no mundo talento superior sem um grão de loucura; tal loucura sem duvida, como a da cruz, é a parte divina da razão.

Além de muitas obras poeticas que compoz Claudio Manoel da Costa, escreveu um poema historico intitulado — *Villa-Rica* —, e outro sob o especioso nome de allegoria, dedicado ao ribeirão do Carmo, os quaes ambos grangearam immensa popularidade para seu auctor.

O conde de Valladares, que em 1768 succedêra no governo da capitania a Luiz Diogo Lobo da Silva, foi substituido em 1775 por D. Antonio de Noronha: a reputação e credito de Claudio Manoel da Costa estavam tão solidamente firmados, que era pelos governadores procurado e consultado nas mais espinhosas providencias da administração; e entrando para o governo em 1780 D. Rodrigo José de Menezes, o chamou para o logar de segundo secretario d'Estado, afim de se coadjuvar com as suas luzes e com a sua influencia.

Durante a administração d'este capitão general é que a diminuição da extracção do ouro começou a tornar-se sensivel, e a arrecadação do imposto da capitação difficultosa para o governo e pesada ao povo: as terras já estavam lavradas ha muitos annos, e não podiam produzir a mesma quantidade de ouro; os novos descobrimentos que então se fizeram de algumas faisqueiras para as margens do rio do Peixe, e dos ribeirões dos Arripiados, de Santa Anna, de S. Lourenço, de Santo Antonio, e Alvarenga com quanto promettessem colheita abundante no futuro, não podiam de prompto satisfazer a importancia do imposto annuo, e menos liquidar os computos atrazados, e que se iam accumulando.

Este estado de cousas, que produzia mais ou menos irritação nos animos e causava temores no futuro, continuou e cresceu durante a administração de Luiz da Cunha Menezes, que em 1783 succedeu a D. Rodrigo José de Menezes. Claudio Manoel da Costa, conhecendo perfeitamente pela sua posição a natureza das ordens que do governo portuguez vinham para o capitão general de Minas ácerca d'este imposto, com que tanto se affligiam os povos mineiros e se abasteciam os cofres da metropole, abandonou o seu logar de segundo secretario d'Estado logo que Luiz da Cunha Menezes entregou em 1788 a administração da capitania ao seu substituto visconde de Barbacena, e retirou-se á vida pacifica de advogado.

No em tanto foi-se formando a tentativa de revolução, á testa da qual se collocára o alferes Joaquim José da Silva Xavier, e com que sympathisaram os espiritos mais elevados da capitania de Minas. Nada menos se pretendia do que a declaração de independencia da capitania e o estabelecimento de uma republica. Thomaz Antonio Gonzaga, Claudio Manoel da Costa e Ignacio José de Alvarenga Peixoto, todos tres poetas distinctos, todos tres superiores intelligencias, amigos intimos todos tres, entraram no plano dos revolucionarios, uniram seus desejos e esforços aos desejos e esforços d'aquelles que anhelavam sacudir o pesado jugo, que tanto os mortificava.

Na vida de Thomaz Antonio Gonzaga descrevemos minuciosamente a historia d'esses graves acontecimentos. Para ella enviamos o

leitor que ambicione conhecel-os mais de perto. O plano foi descoberto, e presos todos os seus auctores e participantes.

A idade de Claudio Manoel da Costa tocava a sessenta annos; não era mais seu corpo capaz de resistir ao peso dos ferros, á humidade da prisão, á ausencia de ar, e a todos os incommodos que acompanham o desgraçado réo de crime d'estado; não era sua alma resignada, seu espirito paciente; as impressões que o assaltaram logo que foi preso e lançado na immunda masmorra, de mistura com assassinos e salteadores, de renegados de Deus e da sociedade, foram tão graves e tão profundas, que seu animo se acobardou inteiramente, e perdeu toda a esperança de salvação.

Homens ha, que nas criticas circumstancias da vida chamam em seu soccorro todas as suas forças, e se tornam tão poderosos, que é a sua épocha de coragem e de grandeza: sua alma se engrandece, eleva-se seu espirito, alarga-se seu coração; são seu mesmo e mais nutriente alimento as gloriosas reminiscencias que lhes apparecem a todo o dia, a toda a noite, a toda a hora, a todo o instante; nos sonhos, vagueando-lhes na phantasia como douradas esperanças; nos dias, sussurrando-lhes ao ouvido como anjos companheiros: a imaginação tange as cordas da harpa suave, que reveste de mil côres melancolicas todas as scenas que vão os olhos presenciando: o vento que murmura pelos tectos da triste prisão; o gemido do mocho agoureiro que esvoaça em torno; os quebrados raios do sol que rompem as frestas das ennegrecidas paredes, como amigos que vem saudar o amigo; os mesmos insectos, que praticando suas industrias, alli acoitam seus ninhos, desenrolam seus delicados fios, e ignaros da vida, passam-na tranquillamente na carregada e sombria atmosphera que os rodeia; todos estes objectos, ao passo que entretem a vista e a imaginação, os olhos do presente, do passado e do futuro, consolam os desgraçados, e amparam-nos contra a desesperação.

Claudio Manoel da Costa não pertencia porém á classe d'estes homens robustos e corajosos de espirito: conhecedor da legislação do seu paiz, não achou remedio a seus males: como Chatterton, preferiu por si mesmo deixar o mundo, a n'elle soffrer dores e martyrios; suici-

dou-se na sua prisão, poucos dias depois de haver para ella entrado, cerrando o pescoço com uma liga, e comprimindo a communicação de ar para os pulmões.

Começava o anno de 1789.

Se vigorassem então os principios de legislação criminal, que actualmente são acceitos por todos os jurisconsultos e codigos das modernas nações, para Claudio Manoel da Costa estaria findo o processo: a legislação portugueza não abraçava porém essas idéas, e no acordão de 18 de Abril de 1792 assim se exprimiram os desembargadores a respeito de Claudio Manoel da Costa.

— « Mostra-se quanto ao réo Claudio Manoel da Costa, que supposto não assistisse nem figurasse nos conventiculos que se fizeram em casa do réo Francisco de Paula, e em casa do réo Domingos de Abreu, com tudo soube e teve individual noticia e certeza, de que estava ajustado entre os chefes da conjuração fazer-se um motim e levante, e estabelecer-se uma republica independente n'aquella capitania de Minas; proferindo o seu voto n'esta materia nas torpes e execrandas conferencias que teve com o réo Alvarenga e o padre Carlos Corrêa de Toledo, tanto na sua propria casa, como na do réo Thomaz Antonio Gonzaga; consta do appenso n.° 5 a fl. 7 da devassa d'esta cidade, e o confessou o réo no appenso n.° 4 da devassa de Minas; em cujas conferencias se tratava do modo de executar a sedição e levante, e dos meios do estabelecimento da republica, chegando ao ponto do réo votar sobre a bandeira e armas de que se devia usar, como consta do appenso n.° 4 a fl. 11, e do appenso n.° 5 a fl. 7; constituindo-se pelas ditas infames conferencias tambem chefe da conjuração, para quem os mais chefes destinavam a factura das leis para a nova republica, o que consta a fl. 2 do appenso n.° 23, e testemunhas de fl. 98 da devassa de Minas; e tanto se reconheceu este réo criminoso de lesa-magestade da primeira cabeça, que horrorisado com o temor do castigo, que merecia pela qualidade do delicto, que logo

depois das primeiras perguntas, que lhe foram feitas, foi achado morto afogado no carcere com uma liga ; consta do appenso n.° 4. »

« Ao réo Claudio Manoel da Costa pois, que se matou no carcere, declaram infame a sua memoria, e infames seus filhos e netos, tendo-os, e seus bens por confiscados para o fisco e camara real. »

§ 2.°

Claudio Manoel da Costa em grande parte das suas composições, parece mais poeta da escola italiana, do que vate Brazileiro ou Portuguez: nos seus sonetos admiraveis de dicção primorosa, de bellissima rima e de pensamentos poeticos, ha inspirações intimas e rasgos altivos de Francisco Petrarca: nas suas cançonetas voluptuosas, nos seus delicados idyllios, como que se espraia o estro aperfeiçoado de João Baptista Guarini, ou a doçura phantastica do abbade Pedro Metastasio: nas suas lyras de amor, e nas suas eglogas pastoris, dir-se-ia o vôo harmonioso de Luiz Ariosto, e a elegancia sonora de João Boccacio.

Verdade é que o proprio Claudio Manoel da Costa folgava de manifestar o enthusiasmo que sentia pela litteratura italiana, cujos escriptores tanto estudava, apreciava e citava, que compoz muitos sonetos, idyllios e cantatas, na lingua italiana, ousando escrever em idioma afóra o paterno; verdade é tambem que a litteratura italiana de quando em quando faz erupção nas lettras portuguezas, e mais ou menos tem gozado dos fóros de influir sobre ellas, e de influir poderosamente. Quasi que não ha poeta bucolico da lingua portugueza, a quem não tenham sido muito familiares os escriptos dos auctores italianos.

Em sonetos, n'estas rapidas e curtas composições de quatorze versos heroicos, que todo o mundo compõe e escreve na nossa lingua, mas que muito poucos tem a fortuna de obter por elles immortalidade;

em sonetos, que por sua mesma facilidade de construcção tornam-se difficultosos para conseguirem ser perfeitos e verdadeiramente bellos; em sonetos nenhum poeta excedeu a Claudio Manoel da Costa. Manoel Maria Barbosa de Bocage, Francisco Petrarca, Bosean e Garcilasso de la Vega, não se arreceariam de que os sonetos de Claudio Manoel da Costa lhes fossem attribuidos. Não é só o pensamento verdadeiramente poetico; não são sómente as imagens pittorescas e apropriadas; não são sómente as phrases cadentes, sonoras, ligadas e encadeadas com toda a perfeição; não é unicamente a rima harmoniosa, pura, limpida e completa, com que acaba cada um verso, e com que todos se assemelham, formando como que uma musica suave e sentimental, cuja toada deixa commovido o espirito, arrebatado o coração, e a alma curvada sob a impressão doce e duradoura de suas melodias.

As linguas portugueza, castelhana e italiana, são as unicas, que descendendo directamente da lingua latina, conhecem o rhythmo musical do verso, e as palavras sonoras e caprichosas, como os sons melodiosos da orchestra: a lingua franceza aprimora pela clareza e limpidez da expressão, pela simplicidade da palavra; o metro e a rima são forçados, não tem cadencia, não tem harmonia; o verso como que é prosa seguida, terminando apenas por uma palavra consoante, mas consoante sem brilho, sem fulgor, sem melodia: a lingua franceza é exclusivamente prosaica, embora a nação franceza tenha produzido poetas da primeira ordem e os mais subidos engenhos: por esta razão os Francezes não podem conhecer a belleza de um soneto, ou de qualquer d'essas composições em que a rima, a consonancia e a musica se dão braços para aperfeiçoal-as: alguns poetas francezes antigos e modernos tentaram acclimatar em França a poesia dos sonetos; a lingua porém, pelo avesso da musica e da harmonia, lhes faltou á inspiração e bons desejos, e caducou por tanto a tentativa: nas linguas allemães, e ainda menos na ingleza, não tem sido tambem possivel admittir-se este genero; n'aquella porque as palavras tornam-se longas pela sua composição e organisação, e a collocação dos termos destróe a consonancia e o desenvolvimento da poesia do

soneto; n'esta porque, e si bem que a habilidade de Lord Byron e o engenho de Thomaz Moore apuraram sua melodia, e lhe deram visos de poetica, em o Corsario, em Giaour, em Childe Harold, em Parisina, no Prisioneiro de Chillon, e em Lala Rook, com tudo a especialidade do soneto não é compativel com a existencia de notas barbarisadas, que difficultam a pronunciação e enfeiam a linguagem.

A poesia do soneto não póde ser sublime; mas póde ser deliciosa e melancolica como o ruido da cascata, — doce, branda e agradavel como a aura da madrugada, — triste e sombria como o aspecto do cypreste: para se conseguir porém esse resultado releva que a lingua se apropria ao genero, a musica das palavras o acompanhe, a consonancia do verso o ampare, e a rima da ultima syllaba o aperfeiçoe: é de facil composição, e por essa mesma razão de perfeição difficultosa.

Claudio Manoel da Costa conseguiu aperfeiçoar o soneto portuguez, de modo a se não exceder, ao menos rivalisar com os de Francisco Petrarca: Manoel Maria Barboza de Bocage é talvez mais harmonioso na phrase, menos porém completo na poesia e no sentimento.

Leiam-se os sonetos de Claudio Manoel da Costa, e julgue-se seu merecimento com justiça e imparcialidade.

« Nize, Nize, aonde estás! — Aonde espera
Achar-te uma alma, que por ti suspira,
Si quanto a vista se dilata e gyra,
Tanto mais de encontrar-te desespera!

Ah! Si ao menos teu nome ouvir podéra
Entre esta aura suave, que respira!
Nize, cuido que diz... — mas é mentira!
Nize, cuidei que ouvia... — e tal não era?

Grutas, troncos, penhascos da espessura,
Si o meu bem, si a minha alma em vós se esconde,
Mostrai, mostrai-me a sua formosura!

Nem ao menos o echo me responde!
Ah! Como é certo a minha desventura!
Nize, Nize, onde estás! — Aonde, aonde? »

« Onde estou? — Este sitio desconheço:
Quem fez tão differente aquelle prado?
Tudo outra natureza tem tomado;
E em contemplal-o timido esmoreço.

Uma fonte aqui houve aqui não me esqueço
De estar a ella um dia reclinado:
Alli em valle o monte está mudado:
Quanto póde dos annos o progresso!

Arvores aqui vi tão florescentes,
Que faziam perpetua a primavera:
Nem troncos vejo agora decadentes!

Eu me engano: a região esta não era:
Mas que venho a estranhar, se estão presentes
Meus males, com que tudo degenera! »

« Apressa-se a tocar o caminhante
O pouso que lhe marca a luz do dia;
E da sua esperança se confia
Que chegue a entrar no porto o navegante.

Nem aquelle sem termo passa avante
Na longa, duvidosa e incerta via;
Nem este atravessando a região fria,
Vai levando sem rumo o curso errante.

Depois que um breve tempo houver passado,
Um se verá sobre a segura areia,
Chegará o outro ao sitio desejado.

Eu só, tendo de penas a alma cheia,
Não tenho que esperar; que o meu cuidado
Faz que gyre sem norte a minha ideia. »

« Este é o rio, a montanha é esta,
Estes os troncos, estes os rochedos;
São estes inda os mesmos arvoredos;
Esta é a mesma rustica floresta.

Tudo cheio de horror se manifesta,
Rio, montanha, troncos e penedos;
Que de amor nos suavissimos enredos
Foi scena alegre, e urna é já funesta.

Oh! quão lembrado estou de haver subido
Aquelle monte, e as vezes que baixando
Deixei do pranto o valle humedecido!

Tudo me está a memoria retratando;
Que da mesma saudade o infame ruido
Vem as mortas especies despertando. »

« Aquelle, que enfermou de desgraçado,
Não espere encontrar ventura alguma:
Que o Céo ninguem consente que presuma,
Que possa dominar seu duro fado.

Por mais que gyre o espirito cansado
Atraz de algum prazer, por mais em summa
Que porfie, trabalhe, e se consuma,
Mudança não verá do triste estado.

Não basta algum valor, arte ou engenho,
A suspender o ardor, com que se move
A infausta roda do fatal despenho.

E bem que o peito humano as forças prove,
Que ha de fazer o temerario empenho,
Onde o raio é do Céo, a mão de Jove? »

« Breves horas, Amor, ha que eu gozava
A gloria, que minha alma appetecia;
E sem desconfiar da aleivosia,
Teu ligeiro obsequio acreditava.

Eu só á minha dita me igualava;
Pois assim avultava, assim crescia,
Que nas scenas, que então me offerecia,
O maior gosto, e o maior bem gozava.

Fugiu, faltou-me o bem; já descomposta
Da vaidade a brilhante architectura,
Vê-se a ruina ao desengano exposta:

Que ligeira acabou! Que mal segura!
Mas que venho a estranhar, si estava posta
Minha esperança em mãos da formosura! »

Nas canções ou cantatas, que escreveu Claudio Manoel da Costa, mais agrada ainda e mais electrisa o leitor; ha d'essas cantatas algumas, que rivalisam com as mais melodiosas de Pedro Metastasio: Nize é sempre a sombra, que fagueira e bella o inspira e enthusiasma; Nize é a divindade que creou sua poetica phantasia, para dedicar-lhe seus sonhos d'ouro e seus suspiros de amor; Nize é sua nympha, que de noite, á sua cabeceira, lhe exalta a imaginação; que de dia, como anjo puro que o ampara e sustenta na vida, o chama ao trabalho, o arrasta á poesia: convém dizer que muitas d'estas cantatas são exageradas na expressão, excessivas no desenvolvimento e assucaradas na linguagem; outras porém são tudo o que em similhante genero tem produzido a imaginação humana de mais perfeito e animado.

« Não vejas, Nize amada,
A tua gentileza
No crystal d'essa fonte. Ella te engana;
Pois retrata o suave,
E encobre o rigoroso: os olhos bellos
Volta, volta a meu peito:
Verás, tyranna, em mil pedaços feito,
Gemer um coração: verás uma alma
Anciosa suspirar: verás um rosto
Cheio de pena, cheio de desgosto.

Observa bem, contempla
Toda a misera estampa: retratada
Em uma copia viva
Verás distincta e pura,
Nize cruel, a tua formosura.

Não te engane, ó bella Nize,
O crystal da fonte amena;
Que essa fonte é mui serena,
É mui brando esse crystal.
Si assim como vês teu rosto,
Viras, Nize, os seus effeitos,
Póde ser que em nossos peitos
O tormento fosse igual! »

O que contém as composições de Guarini, as cançonetas de Metastasio, as poesias de Sannazaro, de Boscan e de Garcilasso, de mais bello e de mais original? — N'esta linda canção todos os generos se confundem e brilham; os vôos lyricos de Petrarca ou Gonzaga, a simplicidade bucolica de Reis Quita, Diogo Bernardes ou Rodrigues Lobo, a harmonia do Pastor Fido, os melancolicos suspiros da Aminta, e a delicadeza elegante e phantastica do Ariosto: se em uma ou em outra das suas canções a escola de Luiz Gongora exagerou a expressão dos sentimentos e a verdade da natureza, n'essa que acabamos de citar, e algumas outras, póde-se dizer affoitamente que tudo é bello, bem apropriado e artisticamente acabado.

Nas eglogas propriamente ditas não foi tão feliz Claudio Manoel da Costa; não que lhe faltassem engenho ou aprimoradas descripções, mas porque suas eglogas são puras imitações das eglogas de Virgilio, sem que á copia assista o merito do poeta de Mantua: desgraça é que em Portugal se tenha tanto usado d'este genero de poesia, que não passa de publica fórma da poesia latina; poucas, muito poucas eglogas modernas encerram bellezas, que lhes dêem vida e immortalidade: exceptuem-se algumas eglogas de Bernardim Ribeiro, de Luiz de Camões e de Diogo Bernardes, e nas linguas estrangeiras de Gessner, de Sannazaro e de Garcilasso, e conhecer-se-ha o acerto de nossas opiniões: é um verdadeiro genero bastardo, em que a imaginação se

desespera, e a poesia perde o seu halito perfumado e o seu roseo colorido: pastores e pastoras, que em continuado dialogo recitam versos, ora galantes e enamorados, e ora cheios de pensamentos avessos a seus costumes, superiores á sua condição, fóra da verdade, fóra da natureza: tudo, desde as personagens que nas eglogas figuram, até os sentimentos e idéas que n'ellas se encerram, tudo é ficticio e anomalo.

Felizmente que para se desforrar Claudio Manoel da Costa nos apresenta uma collecção de cantatas lyricas, em as quaes se eleva e se purifica seu talento, e brilha de novo fulgor o poetico e primoroso engenho, com que o premiára a natureza.

Em uma cantata o poeta exprime admiravelmente seu desesperar pela lyra, que fôra seus amores de outra idade; a lyra tinha-lhe sido ingrata, elle a abandona e quebra; o cantico perdeu para elle toda a sua harmonia; como que um adeus lhe escapa dos labios para o objecto de seu desprezo: em seguimento á esta cantata o poeta escreveu outra, acabando os versos pelas mesmas palavras, mas em sentido inteiramente opposto, porque pinta o arrependimento do seu acto, implora seu perdão á lyra, e exclama:

« Vem, adorada lyra,
Inspira-me o teu canto,
Só tu, a impulso tanto,
Todo o prazer me dás.
Já a alma não suspira;
Pois chega a escutar-te:
De todo, ou já em parte,
Vai-se ausentando o mal.

Não cuides que te nego
Tributos de outra idade:
A tua suavidade
Eu sei inda adorar;
D'esse perdido emprego
Eu busco o encanto amado;
Amando o meu cuidado,
Jámais te hei de deixar.

Vê de meu fogo ardente
Qual é o activo imperio;
Que em todo este hemispherio
Se attende respirar.
O coração, que sente
Aquelle incendio antigo,
No mesmo mal, que sigo,
Todo o favor me dá.

Si tanto bem confesso,
Ou seja noite ou dia,
Jámais tua harmonia
Espero abandonar.
Não ha de a tanto excesso,
Não ha de, não, minha alma,
D'esta amorosa calma
Meus olhos serenar.

Ah! quantas ancias, quantas
Agora despertando,
A teu impulso brando,
Eu venho a temperar!
No gosto que me encantas;
Suavissimo instrumento,
Em ti só busco alento,
Que eterno me serás.

Comtigo partir quero
As magoas de meu peito,
Quanto diverso effeito
Do que provaste já!
Não me cuides tu ingrato,
Porque já eu quiz quebrar-te;
No meu delirio em parte
Desculpa tem meu mal.

Si tu só de minha alma
O caro amor sabias,
Comtigo só meus dias
Eterno hei de alentar.

Bem que ameace a calma
Fatal tormenta escura,
Na minha desventura
Jámais naufragarás.

Clamar, a cada instante,
O nome que me ouvia,
Ou seja noite ou dia,
O bosque me ouvirá.
Bem que a meu culto amante
Resista o desengano,
O voto soberano
Te espero tributar.

Não temas que deixada
Te occupe este arvoredo,
Onde o meu triste enredo
O fado tecerá;
Conhece, ó lyra amada,
O affecto que me inspiras;
Na mesma paz, que tiras,
Me dás a melhor paz. »

Na cantata dos adeoses o poeta sustenta a sua força e a sua pureza; ha em quasi todas as composições de Claudio Manoel da Costa um colorido melancolico e saudoso, que agrada e encanta: seus adeoses desenham-se langorosamente, e a consonancia do metro imprime dentro n'alma doce e profunda emoção.

« Adeus, idolo amado,
Adeus; que o meu destino
Me leva peregrino
A não te ver jámais.
Sei que é tormento ingrato
Deixar teu fino trato;
Mas quando é que tu viste
Um triste
Respirar?

Tu ficas; eu me ausento;
E n'esta despedida
Si não se acaba a vida,
É só por mais penar.
De tanto mal e tanto
Allivio é só o pranto:
Mas quando é que tu viste
Um triste
Respirar?

Quantas memorias, quantas,
Agora despertando,
Me vem acompanhando
Por mais me atormentar!
Faria o esquecimento
Menor o meu tormento:
Mas quando é que tu viste
Um triste
Respirar?

Gyrando esta montanha,
Os sitios estou vendo,
Aonde amor tecendo
Seu doce enredo está.
Aqui me occorre a fonte,
Alli me lembra o monte:
Mas quando é que tu viste
Um triste
Respirar?

O poema de Villa-Rica é digno de leitura, já pelas admiraveis descripções que apresenta, figurando como que uma historia da capitania de Minas, já pelas bellezas da versificação e o sentimentalismo que o inspira; mas não merece as honras de poema-romance, e principalmente na lingua portugueza, em que brilham o *Cerco de Diu*, o *Caramurú*, o *Naufragio de Sepulveda*, *Malaca conquistada*, o *Uruguay*, *Affonso Africano*, a *Elegiada*, *Ulysséa* e *Dona Branca*.

Mas linda e perfeita é então a sua allegoria do Ribeirão do Carmo, toda cheia de imagens delicadas, faceira e formosa como uma Brazi-

leira; é o genio brazileiro, que obrigou o poeta a abandonar suas inspirações da litteratura italiana, e a applicar seus pinceis e suas douradas tintas aos riquissimos paineis que offerece por toda a parte a magestade do Brazil; Claudio Manoel da Costa rivalisa n'esta allegoria com Antonio Diniz da Cruz e Silva, que tendo vindo ao Brazil para ser juiz, tendo sido um dos desembargadores que condemnaram sua memoria, e conservando-se no Rio de Janeiro chanceller da Relação, inspirou-se tambem das tantas, tão bellas, tão variadas scenas de natureza tão esplendida, e escreveu diversas fabulas, com o titulo de *Metamorphoses Brazileiras*, que, com o seu poema do *Hyssope*, constituem os mais bellos florões de sua poetica corôa.

Descreve o poeta o nascimento do Ribeirão, sua alegre infancia, seus risos juvenís; passa depois á historia de seus desgraçados amores pela ingrata Eulina, que lhe roubára Apollo; pinta a desesperação, que o arrasta a amaldiçoar o Deus, que em vingança insinúa os homens a romperem-lhe as entranhas, e a procurarem dentro no seu seio o ouro delicado e as preciosas pedras que tanto ambicionam; as dores que soffre o rio, que mistura de sangue suas aguas, despeja-as pelas verdes planicies das proximidades da cidade de Marianna, e por fim, enlouquecido, despenha-se de altura immensuravel, e morre precipitado nos rochedos: embora uma ou outra veste ou imagem da mythologia grega substitua a expressão candida, singela e pura da linguagem portugueza, esta allegoria é um verdadeiro titulo de poesia para o seu engenhoso auctor.

Claudio Manoel da Costa escreveu tantas composições poeticas, que a analyse de cada uma tornar-se-ia fastidiosa e sem interesse; pelas que acabamos de examinar podemos firmar opinião dos meritos do poeta, admirar sua brilhante imaginação e sua dourada phantasia; é sem duvida um dos primeiros poetas da litteratura portugueza aquelle, que á sua lyra suave e sonora dedicou estes admiraveis e ultimos versos.

« Aqui d'este salgueiro
Pendente ficarás, ó lyra minha!
Tu, que foste primeiro,
Em quanto amor convinha,
Allivio de meus males,
Ferindo os montes, abalando os valles.

De todo já deixada,
Nem si quer nas imagens da memoria
Vivirás retratada;
De tanta antiga gloria
Si consultada fores,
As delicias aponta nos horrores.

Será lingua eloquente
A mesma face macilenta: o rosto
Do meu mal inclemente,
Pela voz do desgosto,
Com a muda harmonia
Poderá declarar minha agonia.

De Arachne o enredo escuro,
Em ti as debeis linhas estendendo,
Cubra teu centro impuro,
Que accorde respondendo
Do verso as consonancias,
Tantas vezes ouviu as minhas ancias.

Genio funesto inspire
Sempre em teu damno, por maior tristeza;
De ti não se retire
A funebre aspereza
D'aquelle horror malino,
Que os passos acompanha a meu destino. »

J. M. P. da Silva.

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO.

212.ª SESSÃO EM 15 DE DEZEMBRO DE 1849.

Honrada com a Augusta Presença de S. M. O Imperador.

PRESIDENCIA DO EX.mo SR. CONSELHEIRO CANDIDO JOSÉ DE ARAUJO VIANNA.

Ás 5 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. membros da Mesa administrativa conselheiro Candido José de Araujo Vianna, presidente, Manoel de Araujo Porto-Alegre, vice-presidente e orador, Manoel Ferreira Lagos, 1.º secretario, Dr. Francisco de Paula Menezes, 2.º secretario, Drs. Joaquim Manoel de Macedo e Ludgero da Rocha Ferreira Lapa, secretarios supplentes, João José de Souza Silva Rio, thesoureiro; e os Srs. socios visconde de Monte-Alegre, conselheiro Euzebio de Queiroz Coutinho Mattoso Camara, conselheiro Jacintho Roque de Senna Pereira, conselheiro Duarte da Ponte Ribeiro, Dr. Joaquim Caetano da Silva, Dr. Guilherme Schuch de Capanema, Antonio Gonçalves Dias, Joaquim Norberto de Souza Silva, Dr. José de Assis Alves Branco, Dr. José Maria da Silva Paranhos, e Miguel Maria Lisboa; abre-se uma das portas que dá ingresso para o interior do paço imperial, e immediatamente apparece Sua Magestade o Imperador, que sendo recebido com todo respeito que lhe é devido, toma a cadeira da presidencia, e ordena que se dê começo á sessão.

O Ex.mo Sr. Presidente, dirigindo-se a Sua Magestade, pronuncia o seguinte discurso:

SENHOR. — O Instituto Histórico e Geographico Brazileiro em acto solemne, e no dia o mais fausto aos Brazileiros, deu já, pelo orgão do seu orador vice-presidente, publico testemunho de profundo

reconhecimento pela mercê, que só a impulsos da imperial munificencia e do amor das lettras aprouve a V. M. I. fazer-lhe, designando no paço imperial, e mandando entregar-lhe prompta e convenientemente alfaiada esta sala para as suas sessões ordinarias, e para a bibliotheca e archivo. Agora, Senhor, o Instituto honrado com a presença augusta de V. M. I., que para cumulo de favores se digna de assistir a esta primeira sessão aqui celebrada, rende por tão ponderoso motivo novas graças a V. M. I.

« Muitos são os beneficios que da liberal mão de V. M. I. tem recebido o Instituto; e todos de subido quilate: mas o que V. M. I. acaba de outorgar é, no meu conceito, de um alcance extensissimo a prol dos estudos historicos e geographicos, e a prol talvez dos de toda a litteratura brazileira, que o Instituto poderá abranger um dia, alargando no futuro o circulo de suas investigações.

« Em verdade, Senhor, esta como filiação, que V. M. I. faz do Instituto em sua imperial casa, a honra, cuja repetição elle respeitosamente supplica, de ver testemunhado em sessão ordinaria e de perto apreciado por V. M. I. o procedimento dos associados no desempenho dos deveres a que se ligaram, não podem ser alavanca poderosa, que dê movimento extraordinario á patriotica empreza a que nos compromettemos?

« Eu assim o espero: os membros do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, continuando os arduos trabalhos, hão de requintar em zelo, para de algum modo corresponderem ás paternaes intenções de V. M. I., e á solicitude com que V. M. I. incessantemente promove tudo quanto concorre para a prosperidade e esplendor da nação. »

Sua Magestade se dignou de responder da maneira seguinte:

« Senhores.—Penhorado sobremaneira dos sentimentos de dedicação e respeitoso reconhecimento, que me manifestaes, por intermédio do vosso presidente, ainda em signal de minha gratidão, e como primeiro socio, e primeiro interessado no progresso do Instituto, não posso deixar de fallar-vos um pouco d'este estabelecimento, ou antes de sua Revista, indeclinavel testemunho do que houverdes feito a bem da historia e geographia do Brazil.

« Sem duvida, Srs., que a vossa publicação trimensal tem prestado valiosos serviços, mostrando ao velho mundo o apreço, que tambem no novo merecem as applicações da intelligencia; mas para que esse alvo se attinja perfeitamente, é de mister que não só reunaes os trabalhos das gerações passadas, ao que vos tendes dedicado quasi que unicamente, como tambem, pelos vossos proprios, torneis aquella a que pertença digna realmente dos elogios da posteridade: não dividi pois as vossas forças, o amor da sciencia é exclusivo, e, concorrendo todos unidos para tão nobre, util, e já difficil empreza, erijamos assim um padrão de gloria á civilisação da nossa patria.

« Congratulando-me desde já comvosco pelas felizes consequencias do empenho, que contrahis, reunindo-vos em meu palacio, recommendo ao vosso presidente que me informe sempre da marcha das commissões, assim como me apresente, quando lhe ordenar, uma lista, que espero será a geral, dos socios que bem cumprem com os seus deveres; comprazendo-me aliás em verificar por mim proprio os vossos esforços todas as vezes que tiver a satisfação de tomar parte em vossas lucubrações.

« Ardua é a tarefa que emprehendestes, Srs., mas, por meio de vossa constancia, alcançareis a palma da victoria, e as recompensas devidas aos amigos das lettras, coroando tantas fadigas, despertarão ainda mais os vossos brios. »

Depois de tão animadoras e honrosas expressões, o Sr. 1.º Secretario perpetuo apresenta esta proposta, que é unanimemente approvada:

« Devendo o Instituto Historico e Geographico Brazileiro apreciar devidamente a subida honra que Sua Magestade o Imperador do Brazil acaba de lhe conferir presidindo em pessôa á esta sessão: propomos que o mesmo Instituto lavre em memoria uma acta solemne, assignada por todos os socios presentes, a qual será collocada na sala das sessões.

« Propomos mais, para complemento d'este facto notavel na historia das lettras brazileiras, que se mande gravar uma medalha para memorar este dia e perpetual-o de uma maneira digna.

« Sala das sessões no paço imperial, 15 de Dezembro de 1849.— *Manoel de Araujo Porto-Alegre, Manoel Ferreira Lagos.* »

Passa em seguida o Sr. 1.° Secretario a ler o expediente.—Carta do socio effectivo Sr. barão de Cayrú acompanhando um resumido parecer ácêrca da *Viagem ao Brazil* ultimamente publicada por S. A. o Principe Adalberto da Prussia. — Officio do socio correspondente Sr. Luiz Aleixo Boulanger offertando ao Instituto um exemplar do retrato de S. M. o Imperador, que ha pouco desenhou e fez lithographar n'esta côrte; e outra lithographia representando o desenho, feito por S. A. o Senhor Principe de Joinville, do incendio do *Ocean Monarch*, soccorrido pelo vapor de guerra brazileiro *Affonso;* ambas as estampas em molduras, afim de serem dependuradas na sala das sessões do Instituto. — Officio do Sr. 1.° Secretario do Gymnasio Brazileiro communicando ter aquella sociedade resolvido enviar ao Instituto um exemplar de todas as suas publicações. — Dito do Sr. Domingos Soares Ferreira Penna, official-maior da secretaria da assembléa provincial de Minas Geraes, remettendo diversos numeros do periodico *Ituano*, em que se acham publicados os trabalhos da mesma assembléa; os *relatorios* a ella apresentados pelos respectivos presidentes em 1847, 1848 e 1849; o *relatorio* sobre a instrucção publica pelo vice-director geral; dito sobre as estradas municipaes; e collecção das leis mineiras de 1847 e 1848.

O Instituto vota agradecimentos pelas offertas mencionadas, assim como pelas seguintes: do socio Sr. Guilherme Kopke o seu Mappa (original) do Rio das Velhas, levantado em 1835, desde Jaguará até o arraial da Barra na sua confluencia no Rio de S. Francisco: e do socio Sr. Manoel de Araujo Porto-Alegre o original do poema *Villa Rica*, de Claudio Manoel da Costa.

Finda a leitura do expediente, o mesmo Sr. Secretario expende os motivos por que não se acha concluida a impressão da *Chronica* do padre Jaboatão e outras publicações determinadas pelo Instituto, sendo o principal d'elles a falta de recursos pecuniarios: então Sua Magestade indaga do estado financeiro da Sociedade, e o Sr. socio thesoureiro satisfaz dando conta minuciosa da divida activa e pas-

siva, e explicando as causas do atrazo do cofre, devido á falta dos pagamentos regulares das prestações mensaes.

S. M. o Imperador ordena a leitura dos programmas já approvados para assumptos de dissertações, e distribue os quatro abaixo transcriptos:

Ao Sr. Antonio Gonçalves Dias:

« Comparar o estado physico, intellectual e moral dos indigenas da quinta parte do mundo com o estado physico, intellectual e moral dos indigenas do Brazil, considerados uns e outros na épocha da respectiva descoberta, e deduzindo d'esta comparação quaes offereciam n'essas mesmas épochas melhores probabilidades á empreza da civilisação. »

Ao Sr. conselheiro Duarte da Ponte Ribeiro:

« Que usos, costumes, palavras e phrases dos incolas do Brazil andam hoje no trato commum da sociedade polida dos Brazileiros. »

Ao Sr. Dr. Francisco de Paula Menezes:

« O estudo e imitação dos poetas romanticos promove ou impede o desenvolvimento da poesia nacional? »

Ao Sr. Joaquim Norberto de Souza Silva:

« O descobrimento do Brazil por Pedro Alvares Cabral foi devido a um mero acaso, ou teve elle alguns indicios para isso? »

O Sr. Joaquim Norberto de Souza Silva participa ter prompta uma memoria sobre as aldêas de Indios da provincia do Rio de Janeiro, e pede permissão, que lhe é concedida, para apresental-a na proxima reunião.

Achando-se a hora adiantada, S. M. Imperial retira-se acompanhado até á sahida do paço por todos os socios, aos quaes o Ex.mo Sr. Presidente convoca depois a tomarem assento outra vez, e propõe que se nomeie uma deputação para agradecer a S. M. a subida honra que acabava de conferir ao Instituto; o que sendo unanimemente approvado, o mesmo Sr. incumbe á Mesa administrativa d'esta obrigação, convidando tambem para o mesmo fim a todos os Srs. socios presentes que quizerem fazer parte da referida deputação.

Propõe tambem o Sr. Porto Alegre que o Instituto mande lithographar o autographo da allocução de seu Augusto Protector para se ajuntar ao numero da *Revista* em que fôr impressa a acta d'esta reunião — Unanimemente approvado.

Levanta-se a sessão ás 9 1/2 horas da noite.

Um dos mais illustrados e prestantes membros d'este Instituto, o Sr. Manoel de Araujo Porto Alegre, dando conta no *Guanabára* (*) da sessão acima extractada, com a sua habitual eloquencia assim termina o artigo que escreveu a tal respeito.

« Abriu-se a pagina d'ouro da épocha actual; o primeiro e o mais vivificante raio da luz creadora derramou o seu benigno insuflo; a existencia das lettras prosegue d'ora avante com uma nova vida, superior á comprehensão do passado, e acima de todos os factos d'este genero nos dous mundos, que fallam a lingua do Camões.

« O anno de 1849 foi sellado com este grande e notavel acontecimento, que na vida do Senhor D. Pedro II será sempre olhado com admiração pela posteridade: a emancipação do litterato está consumada, as suas lucubrações recompensadas, e a sua jerarchia collocada no devido gráo que as sociedades civilisadas custumam marcar-lhe.

« Ao litterato já não pertence essa existencia secundaria na ordem social, essa vida de um crepusculo que só depois da morte se devia engrandecer: os serviços intellectuaes do ministerio das idéas foram nivelados com os outros elementos civilisadores, e a sua gloria igualada á do general, do magistrado e do estadista; os elos da cadêa civilisadora se acham entrelaçados fraternalmente, e caminhando para a mesma direcção. Este triumpho tão solemne, e que tanta luz vai derramar sobre a historia da America, é equivalente áquella lei providencial, áquella revindicação que pelos actos da posteridade o tempo concede ao genio

(*) Revista mensal artistica, scientifica e litteraria, redigida e publicada n'esta côrte por uma associação de litteratos, e dirigida pelos Srs. Manoel de Araujo Porto Alegre, Antonio Gonçalves Dias e Joaquim Manoel de Macedo. — N.º 2.

« O seculo que é testemunha de similhantes actos é muito mais nobre do que aquelle que ergue estatuas e mausoléos á memoria dos benemeritos, que houveram em premio de seus trabalhos se não a perseguição, ao menos a indifferença contemporanea: os cenotaphios erigidos após a sepultura, e quando já não resta do homem vestigio algum de sua mortalidade, são como uma expiação da humanidade, são como uma vingança postera dos soffrimentos e das injustiças que colhêra no meio dos seus.

« O egoismo e todas as suas filiações pertencem ao presente de todas as gerações; a posteridade é de uma imparcialidade constante para com o passado: é o tribunal da civilisação, e a depositaria que enthesoura todas as riquezas que lhe foram legadas por seus antepassados: a severidade contemporanea é adoçada pela indulgencia dos vindouros: o trabalho do homem de genio é como um monumento visto ao longe: admira-se a sua massa imponente, a harmonia de suas linhas geraes, os contornos de suas partes, sem se descer á analyse microscopica de seus mais pequeninos detalhes. A posteridade acceita a obra como uma herança pingue; estima-a e a considera como producto de uma mão desconhecida que a mimoseára: não ha mais o individuo, não ha mais o terrivel eu, que é o germen de todos os senões das obras humanas.

« As nações que conquistam uma parte do que pertence ao futuro, e que d'est'arte encurtam os tempos e apressam as recompensas, são verdadeiramente civilisadas: o homem ou o povo que procrastina a justiça, e que deixa ao futuro o remate de uma boa obra, que estava em seu poder acabar, engana-se a si mesmo, e nunca attinge aquelle gráo de perfectibilidade que lhe é dado, e para o qual deve marchar sem parar.

« A pagina d'ouro do livro da gloria, da legitima e modesta gloria, está aberta.

« E quem é esse Messias de nova especie, que no meio do positivismo do seculo marcha triumphante e escoltado de tantos idealistas; quem é esse homem notavel, essa especie de semideus, que se eleva tão alto, e despede da sua fronte olympica a luz da civilisação,

e illumina o escuro canto do sabio com o clarão de sua magestade, e o mostra aos outros homens nos bancos da gloria; quem é este Americano, que desce do solio augusto, e depõe todos os attributos da magestade para sentar-se no recinto da intelligencia, irmanar todas as categorias civís, collocar-se no coração do philosopho, nos labios do poeta heroico, e nas paginas do historiador, escurecendo a gloria de muitos de seus antepassados, e conquistando uma nova, tão grande como o novo mundo em que nascêra?

« Quem é este novo filho do céo, que começa a colher todos os epithetos consagrados aos homens que fizeram as delicias da humanidade?!

O Imperador.

« Amanhãa, quando a nova Fama das cem boccas, a imprensa, tiver espalhado do Prata ao Amazonas as vozes do Soberano do Brazil, o litterato, té agora collocado na esteira secundaria da ordem social, se erguerá da mesa, tendo na mão as suas obras, olhará em torno de si, e dirá como Corregio á vista de um quadro de Raphael: — *Anch'io sono pittore*: tambem eu sou homem; tambem eu me posso sentar diante do Soberano! — As minhas obras são os meus titulos de nobreza.

« Certamente, que poucas emoções havemos experimentado em uma vida errante, de extasis e de contemplação, como a do dia 15 de Dezembro de 1849!

« Um novo ser se despertou em nossa alma; sentimos um justo orgulho de pertencer a uma nação que é dirigida por um Principe, que tão nobre e expontaneamente se desenvolve; e que planta com a sua propria mão as balisas d'esse futuro que haviamos entrevisto nos nossos sonhos dourados, e nos anhelos mais puros e mais cordiaes do nosso patriotismo.

« Ah! não; não foi tempo perdido para o Brazil e para a gloria aquellas horas empregadas tão dignamente, e que tanto hão de fructificar: o Sr. D. Pedro II conquistou em tres horas tres seculos de immortalidade. »

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NO 5.° VOLUME DA 2.ª SERIE.

NUMERO 13.

Paginas.

NOTICIA historica da expulsão dos Jesuitas do collegio de S. Paulo : composta pelo sargento-mór Pedro Taques de Almeida Paes Leme 5

DESCRIPÇÃO do territorio de Pastos Bons, nos sertões do Maranhão; propriedades dos seus terrenos, suas producções, caracter dos seus habitantes colonos, e estado actual dos seus estabelecimentos : pelo major Francisco de Paula Ribeiro . . 41

VIAGEM á Gruta das Onças, pelo Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira 87

DIARIO roteiro do arraial do Pesqueiro d'Araguarí até ao rio Ouyapoko, pelo capitão Manoel Joaquim de Abreu. 96

Senhores
respeito recon
Presidente, á
aprovei-me até
falla-vos em
indelevavel te
e Geographia
Sem
prestado ao
que tambem
pensque esse
diremaes os
dedicado gra
pios, tomen
Deputados

mentas da dedicação e
intermedio do vosso
e como primeiros dacio
não posso deixar de
entes de sua Revista,
á bem da Historia
ublicação tão merecedora
o mundo o apreço,
e intelligencia; mas
e de mi, porque não
ao que vos tendes
m, pelos vossos pro
ce e lamente dos elogios
ras, o amor da scien

Paginas.

MEMORIA a respeito dos rios Baures, Branco, da Conceição, de S. Joaquim, Itonamas e Maxupo; e das tres missões da Magdalena, da Conceição e de S. Joaquim: pelo Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida 106

BIOGRAPHIA dos Brazileiros distinctos por lettras, armas, virtudes, etc. — Thomaz Antonio Gonzaga. 120

NUMERO 14.

BREVE noticia sobre a colonia de Suissos fundada em Nova Friburgo: por Thomé Maria da Fonseca e Silva. 137

DISSERTAÇÃO historica, ethnographica e politica sobre as tribus aborigenes que habitavam a provincia da Bahia ao tempo em que o Brazil foi conquistado; sobre as suas matas, madeiras e animaes que a povoavam, etc.: pelo coronel Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva 143

BIOGRAPHIA dos Brazileiros distinctos por lettras, armas, virtudes, etc. — Sebastião da Rocha Pitta 258

EXTRACTO das actas das sessões do 2.° trimestre de 1849. . . 277

NUMERO 15.

ROTEIRO corographico da viagem que Martinho de Souza e Albuquerque, governador e capitão general do Estado do Brazil, determinou fazer ao Rio das Amazonas, em a parte que fica comprehendida na capitania do Grão-Pará: tudo em destino de ocularmente observar e soccorrer a praça, fortalezas e povoações que lhes são confrontantes. 289

MEMORIA que tem por objecto revindicar para a Nação Brazileira a gloria da invenção das machinas aerostaticas: pelo conego Francisco Freire de Carvalho. 336

NOTICIA sobre a Ilha de Joannes: pelo tenente coronel José Simões de Carvalho 362

CARTA escripta pelo socio Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen,

UNIVERSITY OF MICHIGAN
3 9015 06377 3553